











**MEMORIAS**  
**PARA**  
**A HISTORIA**  
**DEL REY**  
**D. SEBASTIAÕ.**

AT

MEMORIAS  
PARA A HISTORIA  
**DE PORTUGAL,**  
QUE COMPREHENDEM O GOVERNO  
DE LREY  
**D. SEBASTIAÕ,**  
UNICO EM O NOME, E DECIMO SEXTO  
*entre os Monarcas Portuguezes:*

*Do anno de 1568 até o anno de 1574.*

DEDICADAS A ELREY  
**D. JOAÕ V.**  
NOSSO SENHOR:  
APPROVADAS PELA ACADEMIA REAL  
da Historia Portugueza:  
E S C R I T A S  
P O R

**DIOGO BARBOSA MACHADO,**

*Ulyssipponense, Abbade Reservatorio da Igreja de Santo Adriaõ de Sever  
do Bispado do Porto, e Academico do numero.*

**T O M O III.**



**LISBOA,**  
Na Regia Officina SYLVIANNA, e da Academia Real.

**M. DCC. XLVII.**

*Com todas as licenças necessarias.*

24334. d. 4.



# INDEX

## DOS

# CAPITULOS,

Que contém este terceiro Tomo.

*O numero denota a pagina.*

## LIVRO I.

**C**AP. I. *Relata-se a practica que D. Aleixo de Menezes fez a ElRey D. Sebastião no dia antecedente à sua coroação; e de como o insigne Mathematico Pedro Nunes prognosticou ser infausto o dia que estava destinado para tão solemne acto, 1.*

**C**AP. II. *Toma posse do governo ElRey D. Sebastião, e das pessoas mais illustres, que assistirão à solemnidade da sua coroação, 12.*

**C**AP. III. *He informado individualmente ElRey D. Sebastião pelo Cardeal D. Henrique das acções, que no tempo da sua regencia obrara em beneficio do Reyno. Participa aquelle Principe à Santidade de Pio V. a sua exaltação ao Throno, e como por esta noticia o congratulou este Pontifice, e ao Cardeal D. Henrique, o qual em final de benevolencia manda o estoque, e chapéo ao nosso Principe, e das ceremonias com que recebeu estas militares insignias, 18.*

**C**AP. IV. *Nomea ElRey D. Sebastião Vice-Rey da India a D. Luiz de Ataide, a quem entrega huma instrução,*  
Tom. III. \* ii

trução, pela qual deve regular o seu governo. Morre o Principe de Castella D. Carlos, e das Exequias que celebrou aquelle Monarca à sua memoria. O mesmo obsequio practica com a Rainha de Castella D. Isabel de Valois, 35.

CAP. V. Promulga ElRey D. Sebastião hum a Ley, pela qual reduzio a moeda de cobre ao preço, que tinha antes de lavrada. Repugna o povo a sua observancia, até que conheceo a convenientia que lhe resultava. Relatão-se algumas acções, que este Principe executou no principio do seu reynado, e outras cousas memoraveis, 49.

CAP. VI. Conquista gloriosamente D. Antão de Noronha a Cidade de Mangalor, onde edifica hum a Fortaleza, 56.

CAP. VII. Acomete ElRey do Achem com hum a numerosa, e formidavel Armada, a Fortaleza de Malacca, e depois de varios assaltos se retira totalmente derrotado pelo valor de D. Leoniz Pereira, 62.

CAP. VIII. Parte D. Luiz de Ataíde para a India; he recebido em Goa com grande applauso, e das primeiras acçoens do seu governo, 73.

CAP. IX. Parte Gonçalo Pereira Marramaque à conquista da Ilha de Zebû, e o não consegue. Chega a Maluco onde ElRey Aeyro lhe protesta vassalagem à nossa Coroa. Entra em Amboino, e alcança dos Jaôs hum a gloriosa victoria, 78.

CAP. X. Convertemse varios Principes Orientaes à Fè Catholica, sendo o mayor defensor dos seus dogmas o Principe de Gotô contra a obstinada opposição dos Bonzos, 84.

CAP. XI. Morre D. Aleixo de Menezes, de cujas acções, como de outras pessoas distinctas, se faz particular memoria, 89.

CAP. XII. Empenhase Filippe Prudente casar a seu sobrinho ElRey D. Sebastião com a Infanta de França, Margarida de Valois. Repugna a conclusão destes desposorios a Rainha D. Catharina, e se relata o que se obrou nesta negociação, que não teve effeito, 94.

CAP.



**CAP. XIII.** *Pede ElRey D. Sebastião aos seus Vassallos, que supplicuem a Deos para que prudentemente os governe. Parte aceleradamente de Almeirim; chega a Lisboa, e dos discursos que fizeram acerca desta jornada. Retira-se a Rainha do despacho aggravada de algumas desattenções de seu neto, 122.*

**CAP. XIV.** *Parte por Embaixador a Roma D. João Tello de Menezes, e da instrução, que levou; e como foy recebido do Pontifice, o qual respondeo com summa benevolencia ao nosso Monarca, 130.*

**CAP. XV.** *He assolada a Cidade de Lisboa com o formidavel flagello da peste, cujos horrorosos estragos se relatao, como tambem as devotas Prociçoes com que se implorou a suspensão de tao fatal epidemia, 140.*

**CAP. XVI.** *Discorre ElRey D. Sebastião por diversas partes do Reyno, em quanto dura o contagio. Escreve ao Senado da Camara de Lisboa, que se edefique hum Templo a S. Sebastião por ter suspendido o flagello da peste. Entra na Cidade de Evora, e da pompa com que foy recebido, 148.*

**CAP. XVII.** *Aceita novamente ElRey D. Sebastião os decretos do Concilio Tridentino, de cuja catholica resolução he congratulado com affectuosas expressoes por S. Pio V. Participalhe Carlos IX. de França a victoria, que alcançara dos Hereges, e do jubilo com que recebeo tao fausta noticia, 159.*

**CAP. XVIII.** *Parte da India o Vice-Rey D. Antão de Noronha para Portugal; morre na viagem, e se faz das suas heroicas acções abbreviada memoria, 169.*

**CAP. XIX.** *Operações do Capitão mór D. Diogo de Menezes na Costa do Malavar. Triumfa Mem Lopes Carrasco em huma nao da formidavel armada do Achem. Conquista Nuno Velho Pereira a fortaleza de Parnel, e he soccorrida a de Affari com grande destroço de seus defensores, 173.*

**CAP. XX.** *Conquista gloriosamente D. Luiz de Ataide as fortalezas de Onor, e Bracellor, em cujos rendimentos se admiraão a prudencia, e valor deste heroe, 180.*

**CAP.**

- CAP. XXI. *Parte Francisco Barreto com o titulo de Governador das Minas de Sofala, e Conquistador do Imperio de Monomotapa; e dos infortunios que padecio antes de chegar ao termo da sua jornada, 187.*
- CAP. XXII. *Parte Gonçalo Pereira de Ternate para Amboino, onde precedendo gloriosas victorias funda huma Fortaleza. Persegue cruelmente ElRey de Aeyro a Christandade de Moro, e da constancia com que os novos convertidos tolerarão a perseguição, 191.*
- CAP. XXIII. *Relatão-se os progressos da Fé Catholica nas rigioens Orientaes, de que era incansavel promotor o zelo delRey D. Sebastião, 196.*
- CAP. XXIV. *Insta Filippe Prudente na conclusão do casamento delRey D. Sebastião, para cujo effeito mandou por Embaixador a D. João de Borja. Parte para Castella com o mesmo caracter D. Alvaro de Castro. Escreve o Bispo D. Jeronymo Osorio a ElRey sobre a mesma materia, 200.*
- CAP. XXV. *Gratifica a Deos a Cidade de Lisboa com sollemnes applausos o beneficio da extinção da peste, cuja gratificação se executa por ordem delRey, 218.*
- CAP. XXVI. *Supplica ElRey ao Pontifice a erecção da Cathedral de Elvas, e de quem foy o seu primeiro Bispo. Visita o Real Convento da Batalha, e se relata a pompa com que foy recebido pela Academia Conimbricense, 223.*
- CAP. XXVII. *Parte para o Brasil o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove companheiros Jesuitas, e do glorioso martyrio, que na viagem alcançaraõ em obsequio da Religião Catholica, 239.*
- CAP. XXVIII. *Morre o insigne Historiador João de Barros, a cuja memoria se dedica hum breve Elogio, 248.*
- CAP. XXIX. *Relatão-se varios successos militares em Amboino, e Ternate, onde triumphão felizmente as nossas armas governadas por Gonçalo Pereira Marramaque, cuja morte he geralmente lamentada, 251.*
- CAP. XXX. *He cercada a Cidade de Goa pelo Hidalcaõ, e a de Chaul pelo Nizamaluco, com exercitos for-*

formidaveis ; e do heroico valor com que rebateo o Vice-Rey D. Luis de Attaide tão poderosos inimigos ;  
255.

## LIVRO II.

**C**AP. I. Determina a Rainha D. Catharina retirar-se para Castella constrangida das desattenções de seu Neto, cuja resolução não se executa por ser muito prejudicial ao Reyno, 262.

**C**AP. II. Escreve S. Pio V. à Rainha D. Catharina dissuadindo-a da partida para Castella, a cuja determinação adverte ao nosso Principe, se opponha como prejudicial à sua Coroa; e se relataõ outras noticias concernentes a este negocio, 295.

**C**AP. III. Informa occultamente a Rainha D. Catharina a Philippe Prudente do miseravel estado a que estava reduzido o Reyno pela cavilosa politica de alguns Ministros, donde se originava a aversão, que lhe mostrava seu Neto, e declara os remedios por onde se deve atalhar tão prejudicial damno, 305.

**C**AP. IV. Inflammase o catholico zelo delRey contra os Infeis, intentando passar para a India, cuja resolução muda para Africa. Edifica hum sumptuoso Templo a S. Sebastião. Congratula ao Pontifice S. Pio pela celebre victoria do Lepanto, 318.

**C**AP. V. Parte para França com o caracter de Embaixador Joaõ Gomes da Sylva, e da instrucção que levou da Rainha D. Catharina. Morre alentadamente em o mar D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, Governador do Brasil, acomettido por cinco náos de Piratas, onde são victimas da sua impiedade o Padre Pedro Dias com 17 Companheiros Jesuitas. Representa D. Sebastião pelo Embaixador a ElRey de França os insultos comettidos por seus vassallos contra esta Coroa, dos quaes manda tomar o merecido castigo por D. Joaõ de Mendoça, 331.

**C**AP. VI. Chega o Cardeal Alexandrino a este Reyno,  
\*\*  
e da

e da pompa com que nelle foy recebido. Propoem a D. Sebastião a causa da sua vinda, e da resposta que mandou ao Pontifice S. Pio V. 340.

CAP. VII. Continúa o Hidalcão o sitio de Goa, donde depois de varios successos o levanta com igual perda de gente, que abatimento da sua soberba, 366.

CAP. VIII. Chega o Nizamaluco a avistar Chaul acompanhado de formidavel exercito, e das primeiras operações do sitio, que poz a esta Cidade, 376.

CAP. IX. Continúa Nizamaluco o cerco de Chaul, o qual depois de varios assaltos se retira totalmente derrotado. Pede Pazes ao Estado, que lhas concede, como ao Hidalcão. D. Antonio de Noronha chegando a Goa nomeado Vice-Rey, 386.

CAP. X. Acomete o Samorim a Fortaleza de Chale com exercito numeroso, e depois de huma heroica defensa se rende àquelle barbaro, 393.

CAP. XI. Instrue D. Sebastião ao seu Embaixador em França João Gomes da Sylva das negociações, que lhe propoz o Cardeal Alexandrino, das quaes faz participantes a sua prima a Senhora Princeza de Parma, e ao Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal, 400.

CAP. XII. Manda a Republica de Veneza a ElRey D. Sebastião hum Embaixador, para que entre na liga contra o Turco, e da resposta que lhe mandou, 410.

CAP. XIII. Manda preparar ElRey huma formidavel Armada, sobre cuja expedição se formão diversos discursos, a qual lastimosamente se derrota em o Rio de Lisboa, 415.

CAP. XIV. Morre S. Pio V. Escreve ElRey ao Conclave sobre a elição do successor. He assumpto ao Pontificado Gregorio XIII. a quem congratula o nosso Principe, que he exhortado pelo novo Pontifice a continuar a liga contra o Turco, 421.

CAP. XV. Chega a Lisboa D. Luiz de Ataide, e da pompa com que foy recebido este Heroe, do qual se faz hum breve elogio, 442.

CAP. XVI. Funda a Rainha D. Catharina em Lisboa o Collegio de N. Senhora da Esclada, cujo governo

- comete aos Religiosos da Ordem dos Prégadores, 447.
- CAP. XVII. Trasladaõ-se por ordem da Rainha D. Catharina os corpos de seu augusto consorte D. João o III. e seus Serenissimos genros os Monarcas D. Manoel, e D. Maria em o Real Convento de Belem, e da magnifica pompa com que se fez esta funebre função. Morre D. Fr. João Soares, Bispo de Coimbra, de quem se faz hum breve elogio, 459.
- CAP. XVIII. Parte por Embaixador a França o Comendador mór, e da Instrucção que lhe deu ElRey D. Sebastião, 466.
- CAP. XIX. Intenta o Mogor a conquista de Damão, e não a podendo conseguir, celebra pazes com o Estado. He livre do cerco Bracelor com grande estrago dos seus expugnadores, 479.
- CAP. XX. Discorre D. Sebastião por diversos lugares do Alentejo, onde recebe a infausta noticia da morte de sua Mãe a Serenissima Princeza D. Joanna de Austria, de cujas virtuosas acções se faz hum breve elogio, 482.
- CAP. XXI. Promulga ElRey D. Sebastião novos Estatutos sobre a distribuição das Commendas das Ordens Militares. Celebra Capitulo da Ordem Militar de Christo; e recebe de Gregorio XIII. huma feta com que foy martyrizado S. Sebastião, 492.
- CAP. XXII. Ordena ElRey por diversas Cartas ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, como deve governar o Estado. Morrem Lourenço Pires de Tavora, e André de Rezende, de cujas pessoas se faz merecida memoria, 522.
- CAP. XXIII. Prosegue Francisco Barreto a empresa de Monomotapa, onde morre com saudade devida aos seus merecimentos, 540.
- CAP. XXIV. Acomete o Achem a Fortaleza de Malaca com hum formidavel Armada, que he destruida pelo insigne Capitão Tristão Vaz da Veiga, 547.
- CAP. XXV. Morre alentadamente em Tangere Ruy de Sousa de Carvalho, Governador desta Praça de cuja pessoa se faz hum breve elogio, 551.

CAP.

**CAP. XXVI.** *Determina D. Sebastião passar a Africa, para cuja expedição nomeou por Governador de Tangere ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, e da Instrucção que lhe deu. Assiste à benção do Estandarte, e da Oração que neste acto recitou D. Antonio Pinheiro, 558.*

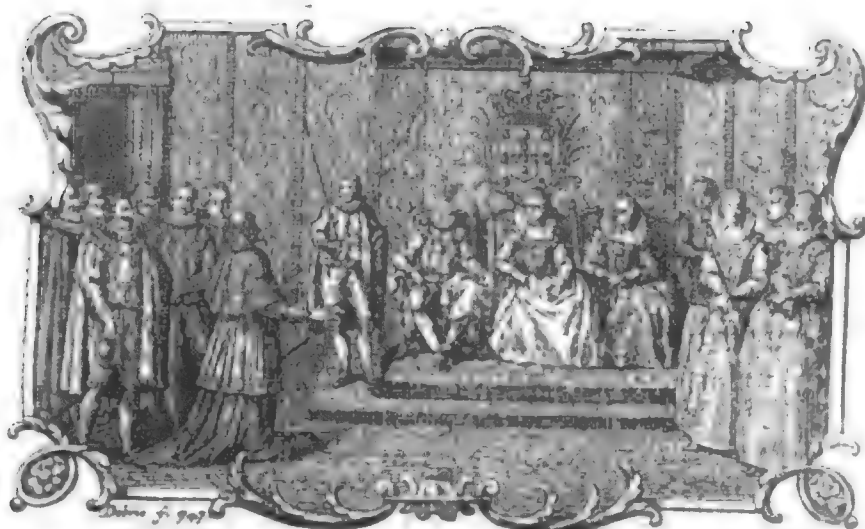
**CAP. XXVII.** *Parte ElRey D. Sebastião para Africa, em cuja auzencia governa o Cardeal D. Henrique. Chega a Ceuta, e como foy recebido nesta Praça, 593.*

**CAP. XXVIII.** *Chega ElRey a Tangere onde persuadido de efficazes razões resolve voltar para o Reyno, 605.*

**CAP. XXIX.** *Volta ElRey D. Sebastião de Africa para Portugal, e da grande tempestade que padeceo até entrar em Lisboa, 621.*

**CAP. XXX.** *Manda ElRey dar os pezaumes da morte de Carlos IX. Rey de França, a seu irmão Henrique III; e se faz memoria de dous Varões insignes, que morrerão com saúdade deste Reyno, 624.*

LIVRO



# LIVRO I.

## CAPITULO I.

*Relata-se a practica, que D. Aleixo de Menezes fez a ElRey D. Sebastião no dia antecedente à sua Coroação; e de como o insigne Mathematico Pedro Nunes prognosticou ser infausto o dia, que estava destinado para tão solemne acto.*



**I** UMA das principaes clausulas do Testamento del-Rey D. Joaõ o III foy, determinar com politica providencia, que a Rainha D. Catharina, sua esposa, governasse o Reyno até o tempo, em que seu neto D. Sebastião cumprisse vinte annos; e obedecendo esta Matrona à

Tom.III.

A deter-

1568



## 2 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Determina-se a Coroação del-Rey.

determinação daquelle Principe, mostrou depois a experiencia, que não estava obrigada ao rigor da sua obediencia; e assim resolveo, que ainda que ElRey contava quatorze annos, como a madureza do juizo excedia a verdura da idade, se destinasse o dia para cingir a Coroa, e empunhar o Sceptro. D. Aleixo de Menezes, que tinha sido Ayo de D. Sebastião, antevendo como politico as mudanças, e alterações, que haviaõ de succeder em o novo governo, e receando prudentemente, que podesse entre ellas perigar a authoridade da sua pessoa, a qual sempre conservara não sómente respeitada dos seus emulos, mas venerada de todos os Principes, determinou retirar-se do Paço, e antes que executasse tão heroica resolução, esperou a ElRey no dia antecedente à sua Coroação, ao qual, sahindo de ouvir Missa, lhe pedio D. Aleixo com grande submissão faculdade para lhe fallar, cuja supplica causou não pequeno espanto aos Fidalgos, que estavaõ presentes. Parou ElRey para ouvir a D. Aleixo com aquella attenção, com que sempre o respeitara, e animado da fidelidade, que em todo o tempo professara, lhe fez esta elegante practica, na qual lhe deu a mais solida instrucção para prudentemente governar a Monarchia, que a Divina Providencia commettera à sua vigilancia.

Practica de D. Aleixo de Menezes a ElRey antes de ser coroado.

„ Dez annos ha, Senhor, que por falecimento delRey D. João, meu Senhor, que Deos  
„ tem



„ tem em Gloria , e por voto , e nomeação sua  
„ me foy entregue a guarda da criação , e pessoa  
„ de V. A. em idade de quatro annos , e com ella  
„ os animos , e as esperanças de todo este Rey-  
„ no , que como a unico successor dos Reys , que  
„ tantos annos o governarão , e o alcançarão por  
„ meyo de orações , e lagrymas , vos ama , e ve-  
„ nera com mayor affecto , que todos os mais.  
„ A vigilancia , e cuidado , com que assisti a este  
„ cargo , e procurey responder ao pezo delle , não  
„ encareço ; porque por grande , que fosse , nunca  
„ podia igualar a grandeza do deposito , e da con-  
„ fiança , que de mim se fez ; e pareceria arguir  
„ a V. A. de pouco lembrado , referindo-lhe servi-  
„ ços , de que V. A. he a mayor , e mais intima  
„ testemunha , dos quaes , e do animo com que  
„ os fiz , me mostrou Deos o fruto , e satisfação ,  
„ que desejava , vendo antes de minha morte a  
„ V. A. em idade de tomar o governo dos seus  
„ Reynos , e ornado de entendimento , partes ,  
„ e inclinações dignas , não só deste Imperio , mas  
„ de outros muito mayores , a que Deos , e a  
„ grandeza de seu animo , e as occasiões do tem-  
„ po abrião cedo caminho ; e porque os muitos  
„ annos que tenho , e a nova fórma do governo  
„ não darão ao diante lugar a tão continuas , e  
„ particulares advertencias , como thegora sohia  
„ fazer a V. A. me pareceo , que devia ao con-  
„ tentamento deste dia , e ao amor , e lealdade ,

#### 4 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ com que criei, e servi a V. A. fazerlhe algu-  
„ mas lembranças, que por serem feitas em tal  
„ tempo, e com tal animo, e em tal idade me-  
„ recem ser bem ouvidas, e estimadas em lugar  
„ do ultimo, e mayor serviço, que em minha vi-  
„ da fiz a V. A.

„ Entrais, Senhor, neste incomparavel tra-  
„ balho de governar vosso Reyno, em idade, que  
„ com nome de liberdade, e supremo senhorio te-  
„ mo que vos persuadaõ, que até não fugirdes  
„ da companhia, e conselho da Rainha vossa avò,  
„ e do Cardeal vosso tio, não sois verdadeiro  
„ Rey, que he a traça, por onde os que se que-  
„ rem apoderar de vossa liberdade, fiação de abrir  
„ caminho à sua privança. E como estes atten-  
„ dem á sua grandeza, e proveito particular, pro-  
„ curaõ approvando por justo qualquer desejo dos  
„ Principes, e não lhe contradizendo cousa lici-  
„ ta, ou illicita, que intentem mostrarlhes, que  
„ o tempo que viviaõ fogeitos aos bons conselhos  
„ de quem com elles procuravaõ sua estimação,  
„ e accrescentamento, foy huma fogueição, e ca-  
„ tiveiro indigno de sua dignidade, donde se fe-  
„ guiria, que apartados de vós aquelles, que com  
„ verdadeiro amor vos podem defenganar das fal-  
„ tas, que ha no governo, e cercado de quem  
„ por se sustentar na privança approva por justos  
„ os erros de vosso gosto, padeça o Reyno gran-  
„ des trabalhos, e o animo de vossos vassallos não  
„ seja

„ seja para V. A. o que sohia ser para com os  
„ Reys vossos antepassados: e como Deos dotou  
„ a V. A. de hum animo generoso, inclinado a  
„ emprender cousas grandes, temo, que usando  
„ deste bom fundamento, vos inclinem a empre-  
„ zas (se bem menores, que vosso animo, e co-  
„ ração) mayores do que permittem as forças de  
„ vossos Reynos; e como os que seguem este ca-  
„ minho, medem as cousas, não pelo que são,  
„ senão pelo que querem que ellas pareçam aos  
„ Reys, encobrindovos a industria, trabalho, e  
„ miudeza, com que vossos antecessores susten-  
„ tavaõ com limitada fazenda a reputação de seu  
„ estado, vos engrandecerão as riquezas, e for-  
„ ças de vosso Reyno, donde se seguirá mete-  
„ remvos em empresas, donde, ou sahireis com  
„ pouca honra, ou aventurareis vossos estados,  
„ e vida, sem conhecerdes o engano, senão quan-  
„ do lhe faltar o remedio; e porque nem a pie-  
„ dade, e animo religioso dos Reys está seguro  
„ de inconvenientes, lembro a V. A. como quem  
„ desde tão pouca idade conhece sua inclinação  
„ santa, e zelo da exaltação da Fé Catholica, que  
„ nunca tem faltas na pessoa de V. A. por costu-  
„ mes, e obras viciosas, senão por algum excess-  
„ so, ou demasia, que passe os limites da virtu-  
„ de; porque muitas cousas ha com que huma  
„ pessoa particular póde ganhar gloria, que sir-  
„ vaõ de condemnação a hum Principe; tanto  
„ ,vay

## 6 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„vay na differença dos estados, e porque em ma-  
„terias semelhantes se não podem dizer mayores  
„particularidades, torno a lembrar a V. A. que  
„no que se lhe persuadir com pretexto de reli-  
„gião, e consciencia, tenha singular attenção;  
„porque se ( o que Deos não permitta ) houver  
„alguns trabalhos, e alterações em sua pessoa, e  
„Reynos, por este caminho haõ de ter entrada.  
„No tratamento de vossa Real Pessoa vos lem-  
„bro, que não percais hum ponto da Magesta-  
„de com os que mais intimamente vos servirem,  
„e seja sempre o favor, e a privança dentro da  
„veneração devida à vossa grandeza; porque os  
„Reys vossos antepassados extenderaõ o seu Im-  
„perio pelas mais remotas partes do Oriente sen-  
„do Pays ao povo, e aos nobres Principes cle-  
„mentes; porque como dos Grandes a El Rey ha  
„menor differença, que do Rey ao povo, con-  
„vém dar-se-lhe o favor acompanhado da Magestade  
„necessaria para os manter em respeito, o  
„que não milita na gente popular, onde o ex-  
„cesso da affabilidade não aventura a authoridade  
„do Principe, antes cativa os animos daquelles,  
„que o consideraõ taõ clemente; e evita com  
„isto hum erro, com que cahiraõ muitos Reys,  
„que entregando suas pessoas, e authoridade nas  
„mãos de seus validos, e guardando o faulto,  
„grandeza, e trato activo para seu povo, vieraõ  
„a ser aborrecidos de huns, e destemidos de ou-  
„tros:

„tros: que nestes extremos vem a dar os Princi-  
„pes, que defacertaõ os meynos da conservaçaõ,  
„e authoridade.

„Naõ vos direy eu, Senhor, que nesta  
„idade, em que estais, deixeis a companhia, e  
„communicaçaõ dos Fidalgos de vossa criaçaõ,  
„e de ter com elles os honestos passatempos,  
„que requerem os vossos poucos annos, que isto  
„fora violentar as condiçõs da natureza; só vos  
„lembro, que estes sirvaõ para as honras da con-  
„versaçaõ, jogos, caça, e passatempos; porém  
„que nas materias de estado, fazenda, e gover-  
„no deis em tudo a maõ aos Fidalgos antigos,  
„criados nas escolas dos Reys D. Manoel, e D.  
„João da gloriosa memoria, vossos avõs, com  
„cuja experiencia, e conselho-sustentareis vossos  
„Reynos na paz, e propriedade em que elles vo-  
„los deixaraõ; porque assim como será impro-  
„prio entremeterem-se estes nos exercicios, e  
„mocidades, que hoje vê o Mundo, assim seria  
„preverter a ordem d'elle, e expor vosso estado  
„a huma ruina manifesta, metendo cousas de tan-  
„ta consideraçaõ em mãos de pessoas faltas de  
„annos, e experiencia.

„E porque com a nova intrancia no Rey-  
„no pretenderáõ alguns de V. A. merces exorbi-  
„tantes, medidas mais pela grandeza de seu ani-  
„mo, e condiçaõ, que pelo que pede o estylo,  
„e possibilidade deste Reyno, e porventura o me-  
„recimento

## 8 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„recimento dos pertensores , remediará V. A.  
„os inconvenientes de taes pertensões, remetendo  
„do tudo a seu Conselho, e não despachando  
„petições por via extraordinaria; porque a liberalidade excessiva feita em principio de governo, como se não póde estender a todos, contenta aos menos, e aggrava aos mais, a que não chega, e serve isto de hum continuo arrependimento aos Reys, depois que com o discurso do tempo cahem no erro que fizeraõ.

„Nas cousas em que V. A. se poder servir  
„de Ministros seculares, não dê a mão a Ecclesiasticos, tirando-os de seu proprio instituto, com o supposto de que servem mais, e se lhe paga com menos; porque demais de não se darem nunca bem cousas profanas tratadas por mãos sagradas, com qualquer das cousas, que o Ecclesiastico pertende para sua Religião, e com cada huma das merces, que V. A. lhe faz para ella, se poderáõ pagar os serviços de muitos Ministros seculares; porque he muito differente a pertençaõ de huma Communidade, em cujo respeito o muito parece pouco, do particular de huma pessoa, onde o pouco a satisfaz, e paga grandes serviços.

„Se porventura aconselharem a V. A. que convém reformar em seu Reyno trajés, e costumes, pezos, e medidas, ou qualquer outra cousa usada, e introduzida de tempo immemorial,

„riavel, ainda que o conselho seja justo, e a re-  
„formação necessaria, vos peço, e aconselho,  
„que o não façais nos primeiros annos de vosso  
„governo; porque tem tal aceitação no povo os  
„seus costumes antigos, que até para melhora  
„sua sentem qualquer alteração, que se faça, e  
„mais em conjunção de novo governo, a cuja  
„pouca experiencia attribuem antes a novidade,  
„que a virtude, que só a esse fim a ordenão;  
„donde se segue suspirarem pelo tempo, e me-  
„moria dos Reys passados, e começarem a des-  
„amar, e ter o presente, e a tello por estranho.

„Muito me alongo, e muito detenho a  
„V. A. mas como este he o testamento de mi-  
„nha lealdade, e por ventura o ultimo attrevi-  
„mento de meu amor, conceda V. A. perdão à  
„liberdade, e extensão de meus conselhos, pois  
„o merecem estas lagrymas de contentamento, e  
„o zelo das cãas, que nasceraõ em serviço de vos-  
„sos avòs, e vaõ do vosso à sepultura, deixando-  
„vos em meu lugar tres filhos, herdeiros de mi-  
„nha lealdade, em que ficará o meu sangue con-  
„tinuando a servidaõ, que já não póde a pessoa:  
„e nelles podereis mostrar ao Mundo a opiniaõ,  
„em que tivestes os serviços de quem os gerou.

2 Ouvia ElRey com summa attenção estas  
políticas advertencias, propostas pela fidelidade  
de D. Aleixo, para que exercitasse com pruden-  
cia, e rectidaõ a difficil arte de reynar; e conhe-

Tom.III.

B

cendo,

## 10 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Agradece El Rey com particular expressões a fidelidade de D. Aleixo.

cendo , que procediaõ do zelo de hum varaõ , que sempre antepozera os interesses politicos aos proprios , se enternecio de tal sorte , que cedendo a soberania da magestade à vehemencia do affecto , testemunhou com lagrymas , quanto se deixara penetrar das vozes de D. Aleixo , a quem não consentio , que se pozesse de joelhos para lhe beijar a mão , antes levantando-o nos braços , lhe disse : Que não podia sufficientemente explicar a estimação , que fazia dos conselhos , que lhe dera , e muito mais da sinceridade com que lhos insinuara , affirmando-lhe , que huma das causas principaes porque estimava o ter já cingido a Coroa , era para o remunerar com real magnificencia , não sómente na sua pessoa , mas nas de seus filhos , dos quaes o mayor merecimento consistia em serem gerados por tal pay ; e que se por attenção às suas molestias , mais perigosas em idade tão provecta , consistia , que se retirasse da assistentia continua do Paço , o não escusava de que sempre o instruisse com aquellas maximas dictadas pelo amor com que o educara. No fim destas palavras se recolheu El Rey , levando em sua companhia a D. Aleixo de Menezes , deixando assombrados a todos os Fidalgos , que estavam presentes , da affabilidade , e ternura , com que o tratara , por ser muito alhea do seu ge nio , e condição.

3 Não deu menores demonstrações do seu zelo



zelo para com ElRey D. Sebastião, neste dia, o insigne Cosmografo mór Pedro Nunes, que fora Mestre deste Principe nas disciplinas Mathematicas, das quaes era por universal acclamação venerado como Oraculo. Buscou este sabio Varão a Rainha D. Catharina, e lhe disse, que supposto, que huma das Sciencias, que se comprehendiaõ na Mathematica, era a Astrologia, não applicara a ella a mayor parte dos seus estudos, por serem falliveis, e incertos os successos, que indicava; mas que obrigado da fidelidade, que professava ao seu Principe, a quem como a discipulo amava mais ternamente, levantara figura sobre o dia, e hora da sua Coroação, e alcançara, conforme a configuração dos Astros, ser preciso avisar a S. Alteza, que sem revelar a causa, se empenhasse por dilatar ao menos tres dias aquella politica cerimonia, affirmando-lhe, que se ElRey tomasse a regencia da Monarchia no dia, que estava destinado, seria o seu Reynado infeliz, e pouco duravel, e posto que os prognosticos não fossem infalliveis, e a vida dos Soberanos como a estabilidade dos Imperios estivessem collocados nas mãos de Deos, com tudo se deviaõ respeitar as causas segundas, como mudos interpretes da sua Divina vontade. Agradeceo a Rainha o zelo, com que Pedro Nunes lhe fizera aviso tão importante, mas escusou-se de executar o conselho, por estar tudo prevenido para o dia,

Vaticinio de Pedro Nunes,  
acerca do dia da Coroação  
delRey.

Tom.III.

B ii

que

## 12 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

que no seu juizo astrologico era infauslo, accrescentando, que interposta aquella dilacão, entraria ElRey, e o Cardeal em suspeitas, e confusões, as quaes não podia dissipar pelo segredo, que lhe pedia observasse nesta materia; e assim julgou por prudente resolução encommendar este negocio a Deos, de cuja providencia estavaõ pendentes os successos, e que nunca revelasse o que lhe tinha communicado. A estas palavras da Rainha respondeo Pedro Nunes, que certamente previa serem inevitaveis as infelicidades do Reyno, das quaes seria testemunha Sua Alteza, posto que não seria da ultima, em que havia consistir a mayor, e mais deploravel desgraça.

---

## C A P I T U L O II.

*Toma posse do governo ElRey D. Sebastião, e das pessoas mais illustres, que assistirão a solemnidade da sua Coroação.*

1568

4 **A** Manheceo o dia 20 de Janeiro consagrado à triumphal memoria do invicto Martyr S. Sebastião, que neste anno de 1568 se celebrou à terça feira, e como nelle cumpria quatorze annos o Principe, que em obsequio do mesmo Santo lhe foy imposto o seu nome, se determinou, que para feliz auspicio do seu Reynado

do recebesse em dia tão celebre a posse da Coroa. Para este fim se levantou junto do Palacio dos Estaos, situado no Rocio de Lisboa, hum grande sala, que se dilatava até o Convento de São Domingos, a qual se armou de preciosas tapeçarias; e para que o povo satisfizesse os seus desejos, vendo aquelle pomposo acto, era descuberta como varanda da parte do Rocio. A horas competentes sahio ElRey do Paço, e entrando na sala, que estava sumptuosamente ornada para função tão solenne, se sentou em hum preciosa cadeira, coroada de hum magestoso docel. Junto delRey estava a Rainha D. Catharina, sua avò, e seus tios o Cardeal D. Henrique, e os Infantes D. Duarte, Duque de Guimarães, que fazia o officio de Condestavel do Reyno, e D. Maria. Da outra parte, que era a esquerda, estava o Duque de Bragança D. João, o Marquez de Torres-Novas, os Condes de Vimioso, Odemira, Portalegre, e Vidigueira, e mais distantes os Vereadores da Cidade de Lisboa, e outros muitos Fidalgos, e pessoas principaes do Reyno, que com a variedade das galas fazião mais plausivel a celebridade deste acto. Antes de se proceder a alguma acção sahio do lugar, onde estava, o Cardeal D. Henrique, e fazendo hum profunda veneração a ElRey, lhe fallou nesta substancia.

Coroa-se ElRey, e das pessoas, que assistirão a este plausivel acto.

„Muito alto, e muito poderoso Rey, nos  
„(o

Practica do Cardeal D. Henrique.

#### 14 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„fo Senhor. Posto que este dia seja o de mim  
„mais desejado, e de mayor gloria, que póde  
„ser, em que vejo a V. A. em idade de quator-  
„ze annos, assentado em sua cadeira Real, com  
„muita prudencia, virtude, e zelo do serviço  
„de Nosso Senhor, e lhe entrego o governo des-  
„tes seus Reynos, quietos, e pacíficos, no esta-  
„do em que estão; toda via conheço as faltas,  
„e negligencias, que nelle por mim passaraõ, me  
„torno muito a encolher antes de ter havido per-  
„daõ della de V. A. que tenho por certo não ne-  
„gará a quem com conhecimento, confiança, e  
„humildade lho pede, e tambem porque tudo o  
„que fiz, ou deixey de fazer, foy sempre por me  
„parecer, que era o que mais cumpria ao serviço  
„de V. A. e bem de seus vassallos, sujeitos, e  
„naturaes, sem outro particular respeito; e se  
„ainda assim contra minha tenção tenho aggra-  
„vado, ou damnificado alguns, estou prestes pa-  
„ra quanto em mim for o satisfazer, e assim com  
„esta justificação de minha parte, e perdaõ de  
„V. A. tornarse-me-ha a dobrar alegria, e com  
„novo espirito darey graças a Nosso Senhor por  
„estas merces, que fez a V. A. e a estes seus  
„Reynos, neste tempo de tanta necessidade, e  
„trabalho, sem lho poder impedir hum tão fraco  
„instrumento como eu, por quem elle as quiz  
„obrar; e pois de Nosso Senhor vem todos estes  
„bens, não se devem encobrir, para se lhe dar o  
„louvor

„ louvor devido , e eu de minha parte , se nelles  
„ me cabe algum , os devo offerecer a V. A. em  
„ satisfação de minhas faltas , pelo que mandey  
„ pôr em hum papel , o que se fez neste tempo,  
„ para V. A. o saber mais particularmente , e lhe  
„ dar razão de mim ; far-me-ha merce , depois que  
„ daqui for , querello mandar ler perante si.

5 Acabada esta breve practica , na qual quiz  
o Cardeal manifestar a ElRey o cuidado , com que  
na sua menoridade administrara o Reyno , lhe en-  
tregou Martim Affonso de Miranda , seu Cama-  
reiro mór , o Sello grande das Armas Reaes , o  
qual o mesmo Cardeal prostrado de joelhos entre-  
gou a ElRey , e com elle o regimento , que lhe  
fora entregue nas Cortes , celebradas em 1562 ,  
por onde tinha governado até aquelle tempo a  
Monarchia ; e tanto que ElRey recebeu o Sello  
das mãos do Cardeal , o deu a D. Aleixo de Mē-  
nezes , por não estar presente o Secretario de Es-  
tado Pedro de Alcaçova Carneiro , dizendo ao  
Cardeal estas palavras , cuja gravidade era claro  
argumento da madureza do seu juizo. „ Tenho-  
„ vos em merce o trabalho , que levastes em go-  
„ verner estes Reynos , e o cuidado , que disso  
„ tivestes , de que sempre terey a lembrança , que  
„ he razão. Eu recebo o governo , e espero em  
„ Nosso Senhor , que com a merce , que me a  
„ Rainha minha Senhora , e Avò quer fazer  
„ de me ajudar , e com a que me vós dareis , go-  
„ verne

Resposta delRey ao Cardeal  
D. Henrique.

## 16 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ verne estes Reynos como convém a bem delles,  
„ e à minha obrigação.

6 Ouvida esta reposta del Rey pelo Cardeal, lhe beijou a mão pelo singular affecto, com que na presença de tão illustre concurso lhe louvava o desvêlo, exercitado em beneficio do Reyno, não querendo outro premio mais que a Real approvação. Seguiraõ-se logo os circunstantes a beijar a mão a El Rey, executando em primeiro lugar esta cerimonia a Rainha D. Catharina, a Senhora Infante D. Maria, o Cardeal D. Henrique, o Infante D. Duarte, o Duque de Bragança, e todos os Titulos, Cavalheros, e Vereadores da Cidade. Para fazer este obsequio, chegou em ultimo lugar o Duque de Aveiro, que tinha assistido no fim da sala apartado de todo o concurso, em quanto durou aquelle acto, por querer preferir no assento, e antiguidade ao Duque de Bragança, fundando o direito desta pertençaõ em ser mais antigo o titulo da sua Casa, que a de Bragança; pois sendo esta extincta por morte do Duque D. Fernando, e confiscados seus bens por El Rey D. João o II. neste tempo fora creado D. Jorge, Duque de Coimbra, tronco da Casa de Aveiro, e que como El Rey D. Manoel restaurara a Casa de Bragança pela nova merce, que fez della a D. Jayme, não podia prejudicar à de Aveiro, que já estava instituida, e assim devia preceder à de Bragança, como mais antiga.

Aca-

Intenta preceder nesta funcão  
o Duque de Aveiro ao de Bragança.

7 Acabadas as politicas ceremonias deste acto, se levantou ElRey, e acompanhado de todos os assistentes, foy ao Convento de S. Domingos, onde rendeo as graças ao supremo Arbitro dos Imperios, por lhe ter concedido o favor de chegar a idade competente para governar o Reyno, que lhe dera, pedindo-lhe com humildes, e fervorosas instancias a sua Divina assistencia para a execução de taõ alta, e difficullosa empreza. Ao sahir da Igreja começou o povo com alegres clamores a congratular ao seu Principe elevado à sublimidade do 'Throno, sendo taõ excessivo o jubilo dos corações Portuguezes, que certamente excedeo as lagrymas, que no mesmo Templo, e dia havia quatorze annos tinhaõ copiosamente derramado, convertendo para mayor applauso de solemnidade presente as memorias da afflicção em festivos argumentos da felicidade.

No fim deste acto rende El-Rey as graças a Deos no Convento de S. Domingos.

## CAPITULO III.

*He informado individualmente El Rey D. Sebastião pelo Cardeal D. Henrique das acções, que no tempo da sua regencia obrara em beneficio do Reyno. Participa aquelle Principe à Santidade de Pio V. a sua exaltação ao Throno, e como por esta noticia o congratulou este Pontifice, e ao Cardeal D. Henrique, o qual em final de benevolencia manda o estoque, e chapeo ao nosso Principe, e das ceremonias com que recebeo estas militares insignias.*

1568

8 **N**Aõ satisfeito o animo do Cardeal D. Henrique com a approvação, que El Rey lhe dera pela providencia, com que na sua menoridade zelara os augmentos, e conveniencias da Monarchia, se resolveo a informallo com toda a individualidade de todas as acções obradas no tempo, que administrara o Reyno, assim no que respeitava às materias Ecclesiasticas, como Politicas, e Militares, as quaes para que se imprimissem mais facilmente na memoria del Rey, as compendiou neste breve Mappa.

Informação de tudo quanto tinha obrado o Cardeal D. Henrique quando governou pela menoridade de seu sobrinho.

„ Senhor. Posto que os annos, e as enfermidades me despenfavaõ de fugeitar os hom-  
„ bros ao insupportavel pezo de huma Monarchia  
„ taõ



„ taõ dilatada ; com tudo , attendendo mais à  
„ conveniencia publica , que ao proprio descan-  
„ ço , me sacrificuey à sua administração ; e para  
„ que fosse feliz o principio das minhas acções ,  
„ foy o primeiro cuidado attender pelo que ref-  
„ peita a Deos , e à observancia dos seus precei-  
„ tos , provendo as Dioceses de Evora , Mi-  
„ randa , Algarve , e Priorado de Aviz , de Pre-  
„ lados benemeritos de taõ altas dignidades , pa-  
„ ra que com o seu exemplo reformassem os abu-  
„ sos escandalosamente introduzidos , e com a sua  
„ doutrina conduzissem as almas para o caminho  
„ da eternidade. Com a mais profunda venera-  
„ ção se receberam os Decretos do Concilio Tri-  
„ dentino , e exactamente se praticaram nos Sy-  
„ nodos Provinciaes celebrados em Braga , e Lis-  
„ boa. Augmentou-se com copiosas rendas a Uni-  
„ versidade de Coimbra , por ser a Palestra uni-  
„ versal , em que a sciencia triunfa da ignorancia ;  
„ e da mesma liberalidade se usou com os quatro  
„ Collegios da Companhia , fundados em Coim-  
„ bra , Braga , Evora , e Lisboa , para a instruc-  
„ ção dos engenhos , e cultura das virtudes. Em  
„ muitas Religioens , em que estava prevertida a  
„ disciplina regular , se emendaram escandalos , e  
„ reformaram costumes. Dilatou-se o Tribunal da  
„ Inquisição de Coimbra com varios edificios , e  
„ para os ordenados de seus Ministros se consigna-  
„ ram tres contos de renda , assentados no Arce-  
Tom.III. C ii „ bispado

## 20 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ bispado de Evora , e Bispado de Coimbra. Pa-  
„ ra melhor expedição dos negocios pertencentes  
„ ao Tribunal da Mesa da Consciencia se lhe deu  
„ novo Regimento; e para que os enfermos fos-  
„ sem tratados com mayor caridade , e assistidos  
„ com mayor vigilancia , se entregou às Casas da  
„ Misericordia a administração dos Hospitaes de  
„ Lisboa , Evora , Santarem , e Monte mór. Ce-  
„ lebrou-se Capitulo da Ordem Militar de Santia-  
„ go , onde para o seu augmento , e conservação  
„ se estabelecerão novas Leys. Alcançaraõ-se de  
„ Roma as meyas Annatas das Commendas ; e  
„ como se devem prover as novas , se tem deter-  
„ minado por resolução de graves Letrados , co-  
„ mo tambem o provimento dos Bispados , e Be-  
„ neficios das Ilhas , e os ordenados , que se lhe  
„ devem consignar , conforme a Bulla , que para  
„ este fim foy expedida. Nas materias pertencen-  
„ tes à conservação da Monarchia , me mostrey  
„ naõ menos cuidadoso ; e como a Justiça he a  
„ virtude , que conserva os Imperios , appliquey  
„ todo o desvélo em a nomeação de Ministros ,  
„ que fossem severos executores das Leys do Rey-  
„ no. Premiaraõ-se os benemeritos , e castigaraõ-  
„ se os delinquentes , usando-se com hunos , e ou-  
„ tros de summa equidade , pois nos primeiros  
„ foraõ os merecimentos largamente remunera-  
„ dos , e nos segundos os crimes severamente pu-  
„ nidos. Para augmento da Fazenda Real se en-  
„ cabeçaraõ

„ cabeçaraõ as fizas, sem violencia dos póvos;  
„ accrescentaraõ-se cada anno na quantia de mais  
„ de sessenta contos as do Reyno de S. Thome,  
„ e Cabo Verde. Ordenou-se o modo como de-  
„ viaõ seguramente arrecadar-se as rendas do Rey-  
„ no, e de que sorte se despendiaõ; foraõ muitos  
„ Officiaes privados dos ordenados, que inutil-  
„ mente cobravaõ; arrendou-se a Alfandega des-  
„ ta Cidade. Ajustou-se a conta, que era muito  
„ importante, com os moradores de Cabo Ver-  
„ de àcerca dos escravos. Pagaraõ-se as dividas  
„ de grandes cambios, e as de que eraõ acredo-  
„ res os Contratadores se passaraõ a juro, em que  
„ lucrou muito a Coroa, ficando senhora das es-  
„ peciarias, que ha tantos annos, com grande  
„ perda do Reyno, e excessiva conveniencia dos  
„ Contratadores possuiaõ. Proveo-se a Casa da  
„ India não só de Feitor, mas de muitos aprestos  
„ necessarios para o aparelho das náos daquella  
„ navegaçaõ, e se fabricaraõ novos galeões, ga-  
„ lés, e caravelas, para levar, e trazer os gene-  
„ ros de que abunda, e necessita aquelle Impe-  
„ rio. Pagaraõ-se os soldos dos presidios de Afri-  
„ ca. Continuou-se com largo dispendio na fa-  
„ brica da Capella do Convento de Belem, e em  
„ diversas officinas do mesmo Mosteiro. Dispen-  
„ deo-se grande copia de dinheiro na reedificaçaõ,  
„ e ornato de muitas Igrejas seculares, e Religio-  
„ sas, como tambem no Palacio Real, não fa-  
„ hindo

## 22 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„hiado taõ copioso gasto da fazenda de V. A.  
„Na parte, que pertence à gente Militar, como  
„seja o mayor antemural da Monarchia, sempre  
„foy premiada com generosa remuneração. Pro-  
„veraõ-se as Fortalezas de Capitães experimen-  
„tados, principalmente para a cabeça do Impe-  
„rio Asiatico sempre se nomeou hum Heróe, que  
„dignamente representasse a Pessoa do seu So-  
„berano. Partio para Tangere hum Armada  
„capitaneada por Lourenço Pires de Tavora,  
„onde se edificou hum grande Fortaleza. Con-  
„tra a expectação de todos se expediraõ duas Ar-  
„madadas soberbas, guarnecidas de valerosos Sol-  
„dados, sendo a primeira governada por Fran-  
„cisco Barreto, para conquistar a importante  
„Praça do Pinhaõ; e a segunda navegou para a  
„Ilha da Madeira, a castigar o insulto com que  
„os Francezes tinhaõ saqueado a sua Capital.  
„Fortificou-se a Cidade de Ceuta para reprimir  
„as invasões dos Mouros, e se levantaraõ os  
„Fortes de S. Giaõ, Cascaes, Setuval, Artou-  
„guia, e outros lugares do Algarve, para de-  
„fensa da Barra de Lisboa, e todas as Costas do  
„Reyno. A mesma providencia se executou em  
„todas as Ilhas, mandando fundar Fortalezas,  
„para segurança dos seus moradores, para cujos  
„presidios se remetteraõ munições, armas, e ar-  
„telharia. Fez-se hum Regimento para o go-  
„verno espirital, e temporal de toda a Costa de  
„Guiné.

„ Guiné. Para se eternizarem as heroicas acções  
„ delRey D. Manoel , bisavo de V. A. se en-  
„ commendaraõ a hum grave Escriitor, cuja Obra  
„ já está acabada, e servirá a V. A. de exemplar  
„ perfeito, para que imite hum taõ grande Mo-  
„ narca. Celebraraõ-se os casamentos de duas  
„ Serenissimas tias de V. A. cujas allianças dilata-  
„ raõ excessivamente as glorias desta Monarchia.  
„ Na Cabeça do Mundo foraõ interpretes da obe-  
„ diencia de V. A. Varões insignes, dos quaes  
„ eternamente durará a sua memoria nos fastos  
„ do Vaticano. Estas, e outras, que agora naõ  
„ repito, por naõ molestar a V. A. foraõ as acções,  
„ que obrey em todo o tempo, que administrey  
„ esta Monarchia, devendo o bom acerto dellas  
„ a Deos como primeira causa de tudo quanto  
„ obraõ-os homens, e depois à fidelidade, e ze-  
„ lo dos vassallos de V. A. seguindo sempre os  
„ vestigios daquella rara prudencia, com que a  
„ Rainha, minha Senhora, e Avó de V. A. ti-  
„ nha exercitado na regencia desta Monarchia,  
„ esperando da alta comprehençãõ, e maduro  
„ juizo de V. A. que emendará os meus erros, e  
„ intentará empresas taõ heroicas, como nos  
„ prognostica o seu milagroso nascimento, cuja  
„ vida conserve, e prospere o Author de todas  
„ as felicidades, como lhe pedimos, para servi-  
„ ço seu, e de todos seus Reynos, e Senho-  
„ rios.

De-

## 24 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

9 Depois que El Rey ouviu attentamente reduzidas a tão succintas clausulas as acções, que o Cardeal seu tio obrara em beneficio do Reyno, lhe causou grande admiração, que no espaço de seis annos as podesse ter executado, quando parece era ainda necessario mais largo tempo para meditallas, e louvando com affectuosas expressões o cuidado, e desvêlo, com que desempenhara sua grande capacidade no exercicio de tão diversas dependencias, lhe affirmou, que serviriaõ as suas maximas politicas de modello por onde com decoro da magestade regulasse os preceitos da difficil arte de reynar, sendo no mesmo tempo amado dos vassallos, e temido dos inimigos.

Participa El Rey a S. Pio V.  
a sua exaltação ao Throno.

10 Exaltado ao Throno Portuguez o nobre Monarca lhe pareceo, que para complemento das felicidades auguradas ao seu Reynado, era necessario participar a sua exaltação à Santidade de Pio V. que neste tempo occupava com tanta gloria da Religião Catholica, como confusão dos seus Antegonistas, o Solio do Vaticano, a quem depois de protestar a profunda obediencia à Sé Apostolica, herdada de seus augustos Progenitores, lhe pedio quizesse alcançar com fervorosas supplicas da Magestade Suprema, da qual era substituto na terra, que o seu peito se ornasse com as virtudes dignas de hum Principe Catholico, principalmente da Justiça, baze fundamental das Monarchias, para que com summa equidade distribuisse

tribuisse os premios , e os castigos conforme o merecimento dos benemeritos , e dos culpados. A esta supplica se seguia a recommendação de alguns negocios, em que era interessada a Monarchia , de que recebera a regencia , para que Sua Santidade os despachasse com a inteireza de que era summamente dotado. Foy mandado por interprete desta Embaixada D. Alvaro de Castro, que havia quatro annos voltara da Curia onde fora Embaixador , com tanta gloria da Coroa Portugueza , para que no mesmo theatro representasse o obsequio do seu Soberano , que lhe ordenou se restituisse brevemente ao Reyno, por necessitar muito do seu grande talento, determinando mandar logo por substituto do seu ministerio a D. Joaõ Tello de Menezes. As clausulas de que conflava a Carta eraõ as seguintes.

„ Santissimo em Christo , Padre , e muito  
„ Bemaventurado Senhor. Eu D. Sebastiaõ, &c.  
„ Dia do Bemaventurado Martyr S. Sebastiaõ, des-  
„ te presente anno , que he decimo quarto do meu  
„ nascimento, me entregou o Cardeal Infante ,  
„ meu muito amado, e prezado tio, a quem até  
„ que eu chegasse a esta idade, em Cortes, que  
„ mandey fazer, fora encommendada a governan-  
„ ça destes meus Reynos, e Senhorios, em mui-  
„ ta paz, e quietação, na qual elle o tempo que  
„ a teve, servio a Nosso Senhor, e a mim, con-  
„ forme ao que de sua muita prudencia, e raras



## 26 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„virtudes podia, e devia esperar, e eu aceitey  
„confiando mais que nas forças, e idade, que  
„assistindo-me o Senhor Deos com sua santa gra-  
„ça, e favor, e à Rainha, minha Senhora, e  
„dito Cardeal Infante, com ajuda, e conselho,  
„pode, se não em tudo, em parte, cumprir com  
„a obrigação, que pela Divina Providencia, e or-  
„denança me ha commettido, do que me pare-  
„ceo devido avisar a V. Santidade, para lhe pe-  
„dir por merce, como affectuosamente faço, que  
„em seus santissimos sacrificios peça, e rogue ao  
„Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores Deos  
„Omnipotente, para que aderece minhas ten-  
„ções, e acções, conforme aos meus desejos,  
„pelo caminho da justiça, e para lhe significar,  
„que essa Santa Sé applica a V. Santidade, par-  
„ticularmente a quem por suas singulares virtu-  
„des, e merecimentos eu especialmente muito  
„amo, e obsevo, teraõ sempre em mim hum  
„obedientissimo, e devotissimo filho, como o  
„foraõ todos os meus antepassados Reys, de glo-  
„riosa memoria, e que estimarey muito todas as  
„ocasiões, que se offerecerem para a servir,  
„defender, e exaltar.

„Vi o que V. Santidade, e D. Alvaro de  
„Castro, do meu Conselho, e meu Embaixador,  
„me escreveraõ sobre os negocios a que lho en-  
„viey, e as causas, e razões, que moveraõ a  
„V. Santidade a me não satisfazer na materia dos  
„Pa-



„ Padroados dos Mosteiros destes Reynos , que  
„ Pio IV. de boa memoria , seu Predecessor , me  
„ concedeo , e V. Santidade geralmente revogou;  
„ e posto que eu tinha muito , que replicar a  
„ ellas para com razão poder , e dever esperar o  
„ que lhe pedia , quiz antes conformarme com a  
„ vontade , e satisfação de V. Santidade , nesta  
„ parte , como em todo o mais farey , sempre  
„ que tratar do meu particular interesse , e devi-  
„ do respeito , e não importunar mais nisto , con-  
„ siderando tambem , que com a graça , que V.  
„ Santidade me fez de haver por bem , que os  
„ Mosteiros se reformassem , e fossem daqui em  
„ diante regidos por Abbades triennaes , e os que  
„ para isso não forem convenientes se annexem a  
„ outras Religioens reformadas , que com seus  
„ Religiosos ajudem à conversão dos Gentios da  
„ India , Brasil , e outros lugares de meus Senho-  
„ rios , se alcançará o effeito para que eu princi-  
„ palmente pertendia estes Padroados , que era  
„ remediar os abusos , que na provisão dos Mos-  
„ teiros , e vidas , e costumes dos Religiosos del-  
„ les , o inimigo havia introduzido ; e assim por  
„ esta merce beijo os santos pés a V. Santidade,  
„ e tambem pela que me fez de me enviar o es-  
„ toque , e barrete , que D. Diogo de Mene-  
„ zes , da sua parte me presentou , e eu recebi  
„ com aquella reverencia , e devoção , que se  
„ devia , e merecia o santo dom , o qual eu pro-  
Tom.III. D ii „ curarey

28 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„curarey operar conforme as fantas, e piedosas  
 „admoestações de V. Santidade. E quanto ao  
 „negocio do Convento de Thomas, póde V.  
 „Santidade ter por muy certo, que me não mō-  
 „ve ao que desejo outro respeito, que o servi-  
 „ço de Deos, e zelo da propagação da Santa,  
 „e Catholica Religiaõ, e Igreja, e proveito es-  
 „piritual das almas de meus subditos, as quaes  
 „causas deveriaõ parecer muy justas aos Religio-  
 „sos daquelle Convento, se não tratassem mais de  
 „viver opulentamente, que do que são obriga-  
 „dos conforme a sua profissaõ: e por tanto peço  
 „affectuosamente a V. Santidade por merce os  
 „não queira ouvir em sua contradicção, antes os  
 „mande reprehender pelas informações, que lhe  
 „tem presentadas contrarias à verdade, e ao que  
 „digo; e pelo pouco respeito, que me tem usa-  
 „do, que pelo de V. Santidade eu não quiz man-  
 „dar castigar com a devida severidade, como  
 „mais particularmente lhe dirá o dito D. Alva-  
 „ro de Castro, e me queira a mim satisfazer no  
 „que para taõ justos, e santos effeitos pertendo.

„Eu enviey a V. Santidade o dito D. Al-  
 „varo de Castro sōmente para tratar as cousas,  
 „que delle tem entendido, e lhe dey licença,  
 „que isso feito, se podesse embora tornar; porém  
 „recebi eu muito contentamento não haver elle  
 „usado della, e que servisse V. Santidade com  
 „titulo de meu Embaixador todo este tempo en-  
 „tendo

„ tendo receberá V. Santidade a satisfação de sua  
„ Pessoa ; e porque eu tenho necessidade delle  
„ para me servir neste principio de meus trabalhos,  
„ lhe escrevo se venha embora , e tenho nomea-  
„ do por meu Embaixador, para em seu lugar ir  
„ servir V. Santidade D. João Tello de Menezes,  
„ Fidalgo da minha Casa , e do meu Conselho ,  
„ pessoa de muita qualidade, doutrina , e virtu-  
„ de , do qual eu espero reste V. Santidade satis-  
„ feito , e se fica fazendo prestes a partida com  
„ a brevidade , que lhe for possível.

„ Peço muito por merce a V. Santidade  
„ haja por bem a vinda de D. Alvaro , e lhe dé  
„ para isso licença , e credito em alguns negocios,  
„ que antes da sua partida de minha parte lhe re-  
„ presentará , que em singular merce o receberey  
„ de V. Santidade.

II Foy tão excessivo o jubilo , com que o Pontifice recebeo esta Carta, que não permittindo a menor demora o significou com festivos parabens ao nosso Principe novamente sublimado ao Throno , usando de semelhante demonstração com o Cardeal D. Henrique , por ter instruido com tão religiosas maximas a seu sobrinho , as quaes se verião agora felizmente praticadas com admiração de toda a Monarchia. Tudo constava das Cartas seguintes.

„ Lætum admodum nuncium attulerunt no-  
„ bis litteræ tuæ die tertio Martii datæ , ex quibus  
„ cogno-

Carta do Pontifice para El-Rey.



„no plurimùm laudantes, expectare Te ipsum  
„quoque à Nobis, & ab ipsa Sancta Sede volu-  
„mus eximiam quandam charitatem, & quan-  
„tum ipsius Sanctæ Sedis dignitas patietur in tuis  
„exaudiendis precibus benignitatem. In commu-  
„ni illa revocatione Jurispatronatum à fel. rec.  
„Pio Papa Quarto Prædecessore nostro concef-  
„sorium non sine gravibus, & justis causis à no-  
„bis facta, quod te æquo animo tulisse scribis,  
„gratiam quoque ab eo tibi factam comprehen-  
„sam fuisse, ipsius devotionis erga Sedem Aposto-  
„olicam tuæ magnum signum das; cum ejus ju-  
„dicio sicut pio filio, ac moderato Rege dig-  
„num est humiliter acquiescis. De Monasteriis  
„autem Regni tui, quorum regimen rectioris  
„administrationis causa reductis gratum Nos fe-  
„cisse Maieitati tuæ gaudemus. Datum Romæ  
„die XXVI. Maii 1568.

„Dilecto nostro in Christo Filio Henrico  
„Cardinali Portugalliæ, Pius Papa Quintus. Cha-  
„rissimum in Christo filium nostrum Sebastianum  
„Regem ad eam ætatem pervenisse, ut jam Reg-  
„ni, quod summa fide, cura, & diligentia tua  
„ad hoc tempus administratum fuit abs te admi-  
„nistrationem acceperit libenter admodum cogno-  
„vimus, & Deo gratias agimus; quod is spem  
„afferat cum reliquis virtutibus tum pietate er-  
„ga Deum, & observantia erga hanc Sanctam  
„Sedem, similem se foret maiorum suorum incly-  
„tæ

Carta do Pontifice ao Cardeal  
D. Henrique.

### 32 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„tæ memoriæ Regum. Quod eo magis de illo  
 „sperare possumus, quia non solum quo genere  
 „ortus fuerit, sed etiam quali cura, & diligen-  
 „tia educatus, & institutus sit, novimus. In  
 „his autem Regni sui initiis, quod ei unâ cum  
 „charissima in Christo filia nostra Regina Avia  
 „sua tu adfuturus sis, id magnopere laudamus,  
 „& expedire putamus. Quibus enim meliori-  
 „bus consiliis tenera adhuc ejus ætas nisi potest,  
 „quàm vestris, quorum utrique genere quidem  
 „nepos est, charitate autem filius? Ille verò plu-  
 „rimùm Deo debet, quod vos ambo ea qua de-  
 „cet concordia inter vos, communique consilio  
 „actus ejus sitis, donec ætas ejus ita postulave-  
 „rit, directuri. Quod actiones quasdam nostras  
 „laudibus effers; eas quidem tibi probatas esse  
 „gaudemus: sed siquidem agimus quod laudan-  
 „dum sit, totam Deo laudem tribui cupimus,  
 „à quo bona cuncta procedunt. Cujus auxilium  
 „infirmittatis nostræ Nobis conscii, & tuis, &  
 „aliorum piis orationibus Nobis implorari vehe-  
 „menter cupimus, ut tantum onus, quod vires  
 „nostras longè superat, sustinere possimus. Da-  
 „tum Romæ XXVI. Maii M.D.LXVIII.

Manda a ElRey o Pontífice o  
 eltoque, e chapeo, e quem  
 foy conductor destas milita-  
 res insignias.

12 Não sómente manifestou a Santidade de  
 Pio V. com palavras o terníssimo affecto com  
 que amava ao nosso Monarca, mas deu mayo-  
 res indícios da sua paternal benevolencia, man-  
 dando-lhe como a Principe guerreiro, cujo co-  
 ração

ração se animava com espiritos marciaes, o estoque, e chapeo, que no solemne dia de Natal costumão benzer os Pontifices Romanos. Foy conductor destas militares insignias D. Diogo de Menezes, filho de D. Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide mór de Castellobranco, que neste tempo exercitava na Curia o lugar de Embaixador desta Coroa, em cuja pessoa dispendeo prodigamente os seus dotes a natureza; pois ornando-o de huma gentil presença, que conciliava geralmente os affectos, lhe deu huma viveza de engenho, que excedia a idade, pois quando contava doze annos, recitou huma Oração na lingua Latina, que mereceo as attentões, e applausos de todo o Collegio Apostolico.

13 Logo que entrou em Lisboa D. Diogo de Menezes, dispoz o aparato, com que havia entregar ao nosso Principe as dadivas Pontificias. Para este fim sahio montado em hum soberbo cavallo pombo, preciosamente ajaezado, levando na mão levantado o estoque, e da sua ponta pendia o chapeo. Hia vestido de huma opa arteficiosamente bordada, cuja cauda sustentava de huma parte D. Affonso de Lencastre, e da outra o Conde de Portalegre, e acompanhado do Marquez de Torres-Novas, seu irmão D. Pedro Diniz de Lencastre, e grande numero de Fidalgos, e Cavalheiros, huns parentes, e outros

Pompa com que entrou em Lisboa D. Diogo de Menezes.

Tom. III.

E

ami.

### 34 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

amigos de D. Diogo de Menezes , entrou no Paço , onde entregou o estoque , e chapeo , e assistido do mesmo acompanhamento se restituio a sua Casa.

14 Chegou o dia , em que ElRey havia de receber aquellas militares insignias , que o Pontifice lhe mandara , e para este effeito sahio do Paço acompanhado de toda a Corte , à qual precedia D. Diogo de Menezes levando levantado o estoque , e delle pendente o chapeo. Junto à pessoa delRey marchavaõ os Infantes D. Henrique ; e D. Duarte , e logo proximos a estes a Rainha D. Catharina , a Infante D. Maria , a quem acompanhava o Senhor D. Antonio , e chegando toda esta lustrosa comitiva ao Convento de S. Domingos de Lisboa , se collocou sobre o Altar da parte da Epistola o estoque , e chapeo. Celebrou Missa de Pontifical o Capellaõ mór D. Juliaõ de Alva , e no fim della se poz junto do Altar hum cadeira de borcado , em que se assentou o Celebrante , e no ultimo degráo foy posta pelo Reposteiro mór Bernardim de Tavora hum almofada em que ElRey ajoelhou , e hum dos Assistentes do Bispo tirando do Altar o estoque , e chapeo o entregou ao Diacono , do qual o recebeu o Thesoureiro mór da Capella Real , e este o deu a D. Diogo de Menezes , de cuja mão o tomou o Capellaõ mór , e depois de observar todas as ceremonias , que ordena em semelhantes fun-

Ceremonias com que ElRey recebeu as insignias mandadas pelo Pontifice.



funções o Ceremonial Romano, poz o chapeo na cabeça delRey, o qual era de veludo roxo, tinha a copa alta, e as abas estavaõ forradas de arminhos, nos quaes se divisava dibuxada em varias partes a figura do Espirito Santo, e todo era guarnecido de fitas de ouro, de que pendiaõ algumas pontas. Depois lhe cingio o estoque, que ElRey teve em quanto o Bispo cantou huma Oração diversa da que disse quando lhe cobrio a cabeça com o chapeo, e entregou huma, e outra insignia a D. Diogo de Menezes, que as conduzio ao Paço na fórma, que delle as trouxera.

---

## CAPITULO IV.

*Nomea ElRey D. Sebastião Vice-Rey da India a D. Luiz de Ataide, a quem entrega huma instrucção, pela qual deve regular o seu governo. Morre o Principe de Castella D. Carlos, e das suas Exequias, que celebrou aquelle Monarca à sua memoria. O mesmo obsequio practica com a Rainha de Castella D. Isabel de Valois.*

15 **N**Ão eraõ completos tres mezes, que ElRey D. Sebastião tinha cingido a Coroa, quando evidentemente mostrou, que se a naõ herdara pelo nascimento, a merecia pelas acções, que obrou no principio do seu Reyna-  
Tom.III. E ii do

1568

### 36 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

He eleito Vice-Rey da India  
D. Luiz de Ataide.

do , sendo a principal o Heroe , que escolheo para dignamente representar a sua soberana Pessoa na Cabeça do Imperio Oriental , e governar com rectidão , e prudencia , tão vasto , como soberbo Estado. Para este fim considerando com madureza mayor , que a idade , o abatimento a que estava na India reduzido o valor militar dos Portuguezes , e querendo resuscitar as illustres façanhas , com que tinhaõ avassallado à sua Coroa os mayores Potentados da Asia , nomeou por Vice-Rey a D. Luiz de Ataide , filho de Affonso de Ataide , e D. Maria de Magalhães , Senhores da Casa de Atouguia , Varaõ tão insigne , que lhe sobejava o esplendor do nascimento para occupar lugar tão supremo ; pois além do elevado juizo de que era dotado , lhe tinha servido de escola militar todo o Oriente , onde no governo de tres Vice-Reys deu claros argumentos de valeroso Soldado , e prudente Capitaõ , servindo-lhe de prologo a estas acções heroicas as que com semelhante ardor obrara nas campanhas de Africa , e Alemanha.

16 Não satisfeito o animo daquelle Principe com a acertada eleição de tão famoso Heroe para o glorioso fim , que intentava , se resolveo , posto que confiava tudo da sua prudente capacidade , darlhe humas instrucções , pelas quaes dirigisse o seu governo ; e para que em materia tão alta , em que igualmente se interessava o zelo

lo da Religião, e o augmento da Monarchia, não errasse, se recolheu ao Gabinete em huma sexta feira de Quaresma, que se contavaõ doze de Março, e posto de joelhos com os olhos no Ceo, e o coração em Deos, lhe supplicou humildemente fosse servido inspirarlhe os documentos, com os quaes se podesse reger, e conservar taõ vasto Imperio; e pegando da penna, escreveu os seguintes, que pela sua judiciosa madureza parece que foraõ superiormente dictados, e os entregou ao tempo da partida a D. Luiz de Ataide. Consta-vaõ destas formaes palavras. *Fazey muita christandade. Fazey justiça. Conquistay tudo quanto poderdes. Tiray a cobiça dos homens. Favorecey aos que peleiarem. Tende cuidado da minha fazenda. Para tudo isto vos dou o meu poder. Se o fizerdes assim muito bem, farvoshey merce. Se o fizerdes mal, mandarvoshey castigar. Se alguns regimentos forem em contrario destas cousas, supponde, que me enganaraõ, e por isso não haja que vos estorve isto.*

Instrucção, que ElRey deu ao novo Vice-Rey para dirigir o seu governo.

17 Esta providencia, que D. Sebastião practi- cou com as materias, que respeitavaõ à conser- vação da India, a exercitou com mayor activida- de nas que pertenciaõ ao augmento da Religião. Tinha a Magestade de D. Joaõ o III. expedi- do huma Provisão, pela qual mandava, que os Christãos novos, que fossem convencidos de he- resia, se lhe não confiscassem os bens por tempo de dez annos, mas que fossem herdeiros delles os paren-

### 38 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Supplicação os Christãos novos  
humã graça, que ElRey lhes  
conceder.

Não quer ElRey prorogar a  
graça, que tinha concedido.

parentes dos condemnados, não tendo sido comprehendidos no mesmo crime; sendo o intento daquelle piedoso Principe, que não receando os culpados perder as suas fazendas, mais facilmente confessariaõ os seus delictos, e se uniriaõ à Igreja, de cujo gremio sacrilegamente se tinhaõ apartado. Passados dez annos desta graça, supplicaraõ os Christãos novos a ElRey D. Sebastião, que lha prorogasse por semelhante espaço de tempo, cuja petição foy benevolamente despachada; e querendo elles alcançar do mesmo Principe segunda prorogação, lhes não foy concedida, por se conhecer quanto infructuosa tinha sido aquella graça; pois os Christãos novos seguros de que conservavaõ as suas fazendas, usavaõ mais soltamente dos seus abominaveis ritos, e ceremonias, de que eraõ manifestas provas os innumeraveis, que se prendiaõ por complices das mesmas culpas; e para que de algum modo se impedisse o abominavel progresso de taõ enormes delictos, resolveo D. Sebastião, vendo como os Christãos novos tinhaõ abusado da clemencia Real, negar o que lhe pediaõ, e ordenar, que nelles severamente se executasse o castigo, que o Direito Canonico, e Civil decretavaõ; e antevendo com prudente consideração, que defenganados de alcançar, o que pertendiaõ, recorressem a Roma, escreveo o mesmo Principe ao Doutor Antonio Pinto, assistente na Curia, para

para onde se restituira da larga jornada, que fizera ao Emperador da Ethiopia, como se fez menção no Tom. 1. liv. 2. cap. 11. destas Memorias, a quem recommendou, que logo representasse ao Pontifice as causas, que o moverão para negar a supplica, que lhe fizeraõ os Christãos novos, sendo a principal extirpar dos seus Reynos as herefias, e conservar o Tribunal da Inquisição, como antemural da Fé, para reduzir a obstinada contumacia dos sequazes da synagoga; encommendando-lhe, que o avisasse individualmente de tudo quanto o Pontifice respondesse nesta materia, applicando todo o cuidado em inquirir se por parte dos Christãos novos se interpunha algum recurso na sua pertençaõ, para que com o mesmo desvélo o impedisse, valendo-se para este effeito da protecção de alguns Cardeaes, aos quaes da sua parte podia fallar, para que fossem zelosos defensores de hum negocio, que era em obsequio da Religiaõ.

18 Notavel foy a differença de successos, que no principio deste anno se viraõ em Portugal, e Hespanha, pois no breve intervallo de dous dias, que precederaõ à exaltação ao Throno delRey D. Sebastiaõ, se lamentou despojado delle o Principe D. Carlos, filho primogenito de Philippe Prudente. Tinha este Principe machinado humas idéas injuriosas à sua soberania, pertendendo cingir a Coroa, e empunhar o Sceptro na vida de seu

Prizaõ do Principe D. Carlos  
ordenada por seu pay Philippe  
Prudente.

## 40 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

*Ferreras Histor. de Hespan.*  
*Tom. 14. ann. 1568. n. 2.*

seu pay ; e considerando este com aquella prudencia , de que era summamente ornado , os inconvenientes , que se podiaõ seguir de taõ ambicioso , e perfido intento , acudio promptamente a evitar taõ fatal calamidade , que igualmente arruinava a sua Real Pessoa , como a toda a Monarchia ; e no dia dezoito de Janeiro , acompanhado do Duque de Faria , Ruy Gonçaves da Sylva , D. Joaõ Manrique de Lara , D. Antonio de Toledo , Prior de S. Joaõ , e Luiz Quixada , Senhor de Villa-Garcia , entrou no Gabinete do Principe : e receando este , que o pay esquecido de que o gerara , e sómente lembrado do insulto contra elle machinado , quizesse severamente punillo , começou a clamar , que se Sua Magestade o queria matar , elle não estava louco , mas desesperado do excessõ , que com a sua pessoa se usava ; mas Filippe nunca mais prudente , que nesta occasiã , ordenou , que o Principe ficasse prezo naquella casa , e recommendou a guarda do seu corpo a D. Francisco Gomes do Sandoval , Conde de Lerma , D. Rodrigo de Mendoça , irmão do Duque do Infantado , D. Rodrigo de Benavides , irmão do Conde de Santistevan , D. Gonçalo Chacon , irmão do Condê da Puebla de Montalvan , D. Francisco Manrique , irmão do Conde de Paredes , e D. Joaõ de Borja , irmão do Duque de Gandia , ordenando-lhes , que sómente fallassem com o Principe , confian-  
do

do da sua fidelidade a prompta execucao do que lhes mandava, e sobre tudo não permittissem, que outra qualquer pessoa entrasse no Gabinete do Principe.

19 Executada por este modo a reclusão do Principe D. Carlos, determinou Filippe manifestar as causas, que o moverão, para que depolla a ternura de pay, exercitasse a severidade de Rey contra hum filho, que pelas suas obras o não parecia; e assim escreveo ao Papa, e a todos os Principes da Europa, informando-os do motivo, que o obrigara a executar huma acção tão estranha, e satisfazer a opiniao errada de muitos, que o julgavao por tyranno. Esta noticia participou com especialidade a sua irmã a Rainha D. Catharina, para que no seu conceito ficasse justificada a resolução, com que prendera a seu sobrinho, sendo a Carta, que para este fim lhe escreveo, a seguinte.

Informa Filippe a todos os Principes da acção, que obra-  
ra.

„ Señora. Aun que muchos dias antes del  
„ discurso, vida, e modo de proceder del Prin-  
„ cipe mi hijo, y de muchos, y grandes argu-  
„ mentos, que para esso concurren, que ha dias,  
„ que respondi a lo que V. A. me escrevio, que  
„ tera visto, y entendido la necesidad, que avia  
„ de poner en su persona remedio, y el amor de  
„ padre, y consideracion, y justificacion, que  
„ para venir a semejante termino de en esto pro-  
„ ceder, me tiene detenido, buscando, y usan-  
Tom.III. F „ do

Carta de Filippe Prudente à Rainha D. Catharina.



## 42 *Memorias del Rey D. Sebastián,*

„do de todos los medios, y remedios, y cami-  
„nos, que para nò llegar a este punto me pare-  
„cieron necessarios. Las cosas del Principe tienen  
„passado tanto adelante, y venido a tal estado,  
„que para cumplir con la obligacion, que tengo  
„a Dios, como Principe, y Christiano, y a los  
„Reynos, y Estados, que hà sido servido dar-  
„me a mi cargo, nò pude escuzarme de hazer  
„mudança en su persona, recogerle, y encarce-  
„ralle. Lo sentimiento, y dolor, con que esto  
„tengo hecho, V. A. lo podrà juzgar por sí,  
„que tendrà de tal caso como madre, y Señora  
„de todos. Finalmente mi voluntad en esta par-  
„te es hazer sacrificio a Dios de mi propria car-  
„ne, y sangre, y preferir su servicio, y el be-  
„neficio publico a las otras consideraciones hu-  
„manas. Las cosas así antiguas, como las que  
„de nuevo sobrevinieron, que soy constrangido  
„a tomar esta resolucion, son tales, y de tal ca-  
„lidad, que ni yo las pudiera referir, ni V. A.  
„ver, sin le ser renovada dolor, y lastima. Lo  
„demàs a su tiempo lo entenderà V. A. solo me  
„parece aora advirtir, que el fundamento desta  
„mi determinacion nò depende de la culpa, ni  
„inobediencia, ni defacierto, ni enderezada a  
„castigo, que aun que era esto suficiente mate-  
„ria, pudiera tener su tiempo, y termino; ni tan  
„poco tengo tomado por medio, teniendo expe-  
„riencia, que por este camino se reformarán sus  
„ex-



„ excessos, y desordenes. Tiene este negocio otro  
„ principio, y raiz, cuyo remedio nõ consiste  
„ en tiempo, ni en medios, que es de mayor im-  
„ portancia, y consideracion para satisfazer esta  
„ obligacion sobredicha, que tengo a Dios, y  
„ a mis Reynos; e porque del processo, que es-  
„ te negocio tuviere, y de lo que adelante su-  
„ cedere se certificarà V. A. parte, y razon le se-  
„ rà dada continuamente, nesta nõ tengo màs que  
„ dizir, que rogar a V. A. como madre, y Se-  
„ ñora de todos, a quien tanta parte cabe de to-  
„ do, nos encomiende a Dios, el qual guarde a  
„ V. A. como yo dezeo. De Madrid a 2 de He-  
„brero de 1568 años.

R E Y.

20 Tinha informado D. Francisco Pereira, Embaixador em Castella, ao nosso Principe deste successo, que pelas suas circunstancias causou em toda a Europa não pequena consternação, e expedio logo a Francisco de Sá, do seu Conselho, para que representasse a Filippe Prudente o alto sentimento, que recebera com a infausa noticia da prizaõ de seu primo o Principe D. Carlos, fazendo-se com a demonstração de castigo tão severo publico a todo o Mundo a gravidade do delicto, com que manchara a soberania do seu nascimento, negando contra os dictames da natureza, e politica, a obediencia, que como fi-

Manda D. Sebastião a Francisco de Sá, para que represente a Filippe o sentimento, que recebeu com a noticia da prizaõ do Principe D. Carlos,

Tom.III.

F ii

lho

#### 44 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

lho, e vassallo, devia render a S. A. mas que esperava seria brevemente restituído à sua liberdade, por conhecer, que no coração de S. A. havia prevalecer a clemencia ao rigor. Não recebeu menor sentimento a Rainha D. Catharina com esta noticia, participada pela Carta, que lhe remettera seu irmão, a quem mandou explicar por Francisco de Sá, quanto ficara altamente sentida com o excesso, em que rompera a sua prudencia, provocada pelo injusto animo do Principe D. Carlos; mas como ternissimamente o amava, lhe pedia, moderasse o castigo contra este Principe, lembrando-se, que o gerara, e seria mais glorioso o seu nome, se permittisse, que ao amor cedesse a magestade.

O mesmo executa a Rainha D. Catharina.

21 Como o animo do Principe D. Carlos era excessivamente altivo, não podia tolerar, que nascendo para Rey, estivesse prezo como reo; e desanimado de alcançar liberdade, cahio em huma tão profunda melancolia, que degenerando em furor, passou tres dias sem comer, até que cedendo a natureza à violencia de huma enfermidade causada pela debilidade do estomago, acabou a vida em 24 de Julho, quando contava vinte e tres annos e dezaseis dias de idade. Foy levado a enterrar com a pompa digna da sua pessoa, e depositado no Real Mosteiro de Religiosas de S. Domingos, entre os dous Infantes filhos dos Reys D. Pedro, e D. Henrique, até ser conduzido

Morre o Principe D. Carlos.

*Cabrera Hist. de Filip. II.*  
liv. 8. cap. 5.

zido ao Convento de S. Francisco de Toledo, como no seu Testamento tinha religiosamente ordenado.

22 Chegou a funesta noticia da morte deste Príncipe em trinta de Julho a ElRey D. Sebastião, e para explicar o alto sentimento, que concebera o seu coração, mandou a Castella por Embaixador Extraordinario ao Commendador mór D. Luiz de Lencaestre, para que efficazmente representasse aos Reys Catholicos, e à Princeza D. Joanna de Austria o pezar, que experimentara com a intempestiva morte de seu primo, de que eraõ manifestas provas as Cartas seguintes.

Manda D. Sebastião dar os pezames da morte do Príncipe D. Carlos aos Reys Catholicos.

„ Senhor. Muitas razoes tenho para sen-  
„ tir muito o falecimento do Senhor Principe,  
„ seu filho, que santa gloria haja; mas muitas  
„ mais tenho para me doer muito o sentimento,  
„ que sey, que V. A. com ella ha de ter; mas  
„ em tamanha dor, e em tamanha perda só Deos  
„ póde consolar: elle console V. A. e com ra-  
„ zão devemos todos ser consolados, sendo a sua  
„ morte taõ catholica, e taõ christãa; e com  
„ tanto conhecimento de Nosso Senhor. Farme-  
„ ha V. A. muy grande merce mandarme por D.  
„ Luiz de Lencaestre, meu muito amado sobri-  
„ nho, que envio, para da minha parte visitar  
„ V. A. dizer como está: e se ha em meus Rey-  
„ nos, em que eu possa servir V. A. que em ta-  
„ manho nõso isto só me poderá dar contenta-  
„ mento.

Carta delRey D. Sebastião para ElRey de Castella.

## 46 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„mento. Em tudo o mais me remeto a D. Luiz,  
„ao qual peço a V. A. queira dar no que àcer-  
„ca disto lhe differ, inteiro credito. Nosso Se-  
„nhor guarde a muy Real Pessoa de V. A. como  
„eu desejo. De Cintra, a 10 de Agosto de 1568.

R E Y.

Carta para a Rainha de Cas-  
tella,

„Senhora. Mando D. Luiz de Lencastre,  
„meu muito amado sobrinho, para da minha  
„parte visitar o Senhor Rey, meu tio, e a V. A.  
„pelo falecimento do Senhor Principe, seu filho,  
„que santa gloria haja; e porque o caso he a to-  
„dos de muy grande dor, e sentimento, beija-  
„rey as mãos a V. A. por nelle se querer haver  
„conforme a quem V. A. he, consolando ao Se-  
„nhor Rey, e assim como he razão, que o fa-  
„ção Reys tão Catholicos, e Christãos; e rece-  
„berey muy grande merce de V. A. mandarme  
„por D. Luiz muitas novas da sua disposição,  
„que prazera a Nosso Senhor, que seraõ as que  
„eu desejo. Nosso Senhor guarde a muy Real  
„Pessoa de V. A. como deseja. De Cintra, a  
„10 de Agosto de 1568.

R E Y.

Carta para a Princeza D. Joan-  
ra de Austria.

„Senhora. Neste grande sentimento, que  
„sey que V. A. ha de ter com o falecimento do  
„Senhor Principe de Castella, seu sobrinho, que  
„santa gloria haja, e para que ha tantas razoes  
„para

„ para assim dever de ser, com nenhuma cousa  
„ me podera eu mais satisfazer, que ir em pes-  
„ soa beijar as mãos a V. A. e pedir-lhe com aquel-  
„ le grande amor, que lhe tenho, quizesse de ta-  
„ manha dor não tomar mais parte, que aquel-  
„ la, que à sua vida, e à sua saúde não podesse  
„ trazer algum damno; mas já que por mim não  
„ posso fazer isto, sendo a cousa, que mais de-  
„ sejo, mando D. Luiz de Lencaestre, meu mui-  
„ to amado sobrinho, para em meu nome o fa-  
„ zer. Beijarey as mãos a V. A. por lhe querer  
„ dar, no que àcerca disto de minha parte lhe  
„ disser, inteiro credito; e sendo servida dar-lhe  
„ da sua disposição as muito boas novas, que eu  
„ queria; porque quando assim forem, nenhuns  
„ trabalhos por grandes, que sejam, poderão suc-  
„ ceder, com que eu não possa; as de mim lhe  
„ dará D. Luiz, de quem V. A. as poderá saber.  
„ Nosso Senhor guarde a muy Real Pessoa de  
„ V. A. como eu desejo. De Cintra, 10 de  
„ Agosto de 1568.

REY.

23 Expedido o Embaixador para Castella em  
o primeiro de Setembro, passou ElRey D. Se-  
bastião de Cintra a Lisboa; e para dar mayor ar-  
gumento da dor, que o penetrara pela morte do  
Principe D. Carlos, mandou dedicar à sua me-  
moria, em vinte e cinco do dito mez, sumptuo-

fas

Celebrao-se Exequias ao Prin-  
cipe D. Carlos.

## 48 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

fas Exequias, no Convento de Nossa Senhora da Graça, cabeça da Provincia dos Eremitas de Santo Agostinho; e para que fossem mais honorificas, assistio pessoalmente o mesmo Monarca a toda aquella religiosa função, na qual orou elegantemente o insigne Varão Diogo de Paiva de Andrade, elegendo para thema aquellas palavras de S. João no cap. 5. *Venit hora, & nunc est, quando mortui audient vocem Filii Dei.*

Semelhante obsequio se praticava com a Rainha de Castella.

24 A este funebre obsequio se seguiu outro igual em vinte e cinco de Outubro, no mesmo Templo, onde a piedade del Rey D. Sebastião mandou levantar hum soberbo Mausoléo à lembrança sempre saudosa da Serenissima Rainha de Castella D. Isabel de Valois, terceira mulher de Philippe Prudente, que fora tyrannamente despojada da vida pela cegueira da morte, em tres de Outubro, na florente idade de vinte e dous annos, cinco mezes, e dous dias. Foy o Panegyrista das suas raras virtudes Fr. Thomas de Sousa, da Ordem dos Prégadores, a cuja pompa funeral assistio o nosso Principe, que mandou persuadir a Philippe com ternissimas expresseões a conformidade, e resignação, com que devia tolerar a falta de huma-tão soberana consorte, cujos dotes excedendo o numero dos annos, sómente podiaõ ser coroados na eternidade.

CAPÍ-

## CAPITULO V.

*Promulga ElRey D. Sebastião huma Ley , pela qual reduzio a moeda de cobre ao preço , que tinha antes de lavrada. Repugna o povo a sua observancia , até que conheceo a conveniencia , que lhe resultava. Relatão-se algumas acções, que este Principe executou no principio do seu Reynado , e outras cousas memoraveis.*

25 **O** Paternal cuidado , com que logo no principio do seu governo attendia El-Rey D. Sebastião pela conservação de seus vassallos , foy claro vaticinio da vigilante providencia, com que havia sempre zelar as suas conveniencias , sendo a prova mais evidente desta vigilancia as acções , que neste anno executou. Sabendo os Inglezes , sempre ambiciosos de augmentar os seus lucros , que em Portugal valiaõ as moedas de cobre mais de metade do seu valor intrinseco , introduziraõ , com offensa da fé publica, em os nossos pórtos grande copia dellas falsificadas , e as trocavaõ por outras de ouro , e prata , com tanto damno deste Reyno , que havendo larga quantidade destas do valor de mil reis , e quinhentos reis , de tal sorte as extrahiraõ , que raramente apparecia huma. Havia quatro annos,

1568

Introduzem em Portugal os Inglezes moedas falsas de cobre.

Tom.III.

G

que

50 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

que o Cardeal D. Henrique, como Regente do Reyno, tinha impedido semelhante introducção destas moedas, que vinhaõ de Flandes cunhadas com as Armas Portuguezas, como mais largamente escrevemos no Tomo 2. liv. 2. cap. 6. destas Memorias; mas naõ foy bastante a cautela, que naquelle tempo se praticou, para que os Inglezes deixassem de introduzir dolosamente entre outros generos a falsidade das moedas, de que recebiaõ naõ pequeno lucro, e o nosso Reyno gravissimo damno.

Promulga ElRey huma Ley, em que reduz a moeda de cobre ao preço antes de lavrada.

26 Para evitar as perniciosas consequencias desta introducção promulgou o nosso Principe huma Ley, pela qual reduzio a moeda de cobre ao preço, que tinha antes de lavrada, declarando, que a de dez reis, valeria tres; a de cinco, real e meyo; e a de tres, hum real. Foy esta Ley promulgada por todo o Reyno, em quarta feira da Semana Santa, que se contavaõ quatorze de Abril, deste anno de 1568, e he inexplicavel de relatar a consternação, que produzio em todo o povo; pois como havia grande falta de prata, e naõ corria outra moeda mais, que a de cobre, lhes parecia impossivel a sua observancia, e passando a mayor desesperação, fecharaõ todas as logeas, para naõ vender ainda o que era preciso para o sustento da vida. De tal sorte se foy augmentando este tumulto, que temendo-se, que delle se originaassem mayores excessos,

recor-



recorreo o Senado de Lisboa, e a Mesa da Misericordia a ElRey, que assistia em Almeirim, para que attendendo ao cego furor do povo mandasse revogar a Ley promulgada; porém não se deferio a esta supplica, antes ao Sabbado Santo chegou ordem expressa para exactamente se observar.

27 Com esta noticia se exasperou mais furiosamente o povo, considerando a grave perda, que recebia com a diminuição da moeda, e chegaram algumas pessoas a penetrarse tanto deste infortunio, que com as proprias mãos se despojavão da vida; outras pasmadas, e atonitas discorrião pela Cidade, como se estivessem privadas do juizo. Não faltaraõ Ministros, que sabendo antecipadamente da Ley, esquecidos da rectidão, que deviaõ observar, mandaraõ chamar a muitos officiaes seus acredores, e lhe pagaraõ com a moeda, que corria; e imaginando os que recebiaõ o dinheiro, que tinha o mesmo valor, que até aquelle tempo conservava, se achavaõ notavelmente defraudados, de tal sorte, que quem cuidava receber dez tostões, levava sómente tres; mas a Justiça Divina punio severamente os authores destas iniquidades, acabando muitos delles infelizmente as vidas. Passado algum tempo, em que o povo se deixou persuadir da utilidade da Ley promulgada, a receberaõ com grande satisfação, vendo, que com ella se fechava a en-

*Consternação do povo com a promulgação da Ley.*

## 52 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

trada à moeda falsa, pois reduzida ao seu valor intrínseco, não era conveniente aos Inglezes a sua introdução.

Institue El Rey na Universidade de Coimbra trinta partidos para Medicos,

28 Outro argumento deu El Rey neste anno do zelo, com que attendia pelas conveniencias de seus vassallos, e sendo o principal a conservação das suas vidas, todo o seu cuidado applicou, para que houvesse grande numero de Medicos, que com o exercicio da sua Arte as prolongassem. Para este fim ordenou, que na Universidade de Coimbra se instituíssem trinta partidos para Estudantes pobres, que fossem de geração limpa, e aprendessem a faculdade da Medicina, para os quaes fez hum Regimento em vinte de Setembro deste anno de 1568, por onde se regulasse a distribuição dos partidos. Era neste tempo Reytor da Universidade Ayres da Sylva, que depois corrou os seus merecimentos com a Mitra do Porto, e ultimamente acabou a vida na infeliz batalha de Alcacer, o qual convocando o Claustro pleno em vinte e nove de Novembro do mesmo anno, foy lido, e approvado o Regimento com todas as clausulas, de que constava, e até o tempo presente pontualmente se observa.

Morte de D. Garcia de Castro, e seu Elogio.

29 Igualmente zelava o nosso Monarca a conservação da vida dos seus vassallos, como extremamente sentia a morte daquelles, que eram dignos de mayor duração, como claramente o mostrou pela morte de D. Garcia de Castro, succedida

cedida em Almeirim a dezoito de Março deste anno de 1568. Foy este Cavalhero filho de D. Francisco de Castro, Capitão do Cabo de Guè, e de D. Isabel de Menezes. O heroico valor, que mostrou nas Campanhas de Africa, quando governou como Capitão General a Praça de Mazagaão, e foy soccorrer por ordem delRey D. João o III. ao celebre Capitão Luiz de Loureiro, como tambem as proezas, que obrou na India o fizeraõ digno de que ElRey D. Sebastiaõ o fizesse Conselheiro de Estado, e do seu despacho. Está sepultado na Capella mayor do Convento de Santa Clara de Evora, que sua mãy dotou para jazigo de seus descendentes, onde o epitafio, que o cobre, he a mais sincera, e honorifica historia da sua vida. A outro semelhante Varaõ, assim no esplendor do nascimento, como na valentia do animo, despojou a morte em quatorze de Março deste anno, o qual foy D. Manoel de Lima, filho de Diogo Lopes de Lima, do Conselho dos Reys D. Manoel, e D. João o III. Senhor de Castro Dairo, e Alcaide mór de Guimãraes, e de sua mulher D. Isabel de Castro Pereira. Pelo largo espaço de vinte e cinco annos foy a India o theatro das suas heroicas façanhas, das quaes seraõ eternas testemunhas os Reynos de Calicut, e Cambaya, e a Cidade de Dio, onde em assedios, e batalhas mostrou a prudencia de Capitão, e o valor de Soldado.

Morte de D. Manoel de Lima;  
e seu elogio.

*Esperança Hist. Scraf. Part.*  
1, liv. 2. cap. 22.

## 54 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

dado. Jaz em tumulo levantado ao lado direito da Capella mór do Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa.

Nomea ElRey diversos Prelados para as Diocesis Ultramarinas.

30 Não era menos activa a vigilancia, que ElRey applicava, para que se conservassem os seus vassallos observantes dos preceitos Divinos, nomeando para tão sagrado fim Prelados, que com a doutrina, e exemplo os guiassem pelo caminho da vida eterna. Neste anno elegeo para Bispo da Ilha da Madeira a D. Fr. Fernando de Tavora, da Ordem dos Prégadores, filho de Fernão Cardoso, e Filippa de Brito, ambos da primeira nobreza da Villa de Santarem; e para Cochim a seu irmão, pelo vinculo da natureza, e profissão do Instituto D. Fr. Henrique de Tavora, que partio com o Vice-Rey D. Luiz de Ataíde. A D. Nuno Alvares Pereira, que occupava a Cadeira de Angra, Capital da Ilha Terceira, accrescentou a renda por Carta feita em Cintra a vinte e nove de Julho, deste anno de 1568, consignando-lhe cento e vinte mil reis, que venderia elle, e seus successores, residindo, e mais sessenta, se pessoalmente visitassem as Igrejas da sua Diocesi: e faltando a estas condições, não cobrariaõ a dita quantia, a qual seria applicada para o Seminario, onde se educavaõ as pessoas, que se deviaõ dedicar ao ministerio de Altar. Não sómente accrescentou ElRey a renda do Bispo de Angra, mas com magnifica piedade man-

mandou levantar a sua Cathedral, para cuja fabrica se applicavaõ tres mil cruzados cada anno do rendimento da Ilha de S. Miguel, até que a obra se concluísse.

31 Neste anno teve feliz principio a reforma da Provincia de Religiosos Capuchos, debaixo da invocação de Santo Antonio, por hum Breve de S. Pio V. impetrado pelo Cardeal D. Henrique, de cuja penitente familia foy seu primeiro Provincial Fr. Antonio de S. Vicente, mais versado na sciencia dos Santos, que na das Escolas, o qual prudentemente a governou por espaço de sete annos. A` instancia do mesmo Cardeal alcançou da Santidade de Pio V. outro Breve para reformar as Religiosas do Convento de Santa Clara do Porto, e sendo commettida a reformação ao Cardeal, elle a subdelegou em Duarte da Cunha, Deaõ da Cathedral daquella Cidade, o qual, ainda que houve repugnancia da parte das Religiosas para aceitar a reformação, a executou com tal suavidade, e prudencia, que brevemente se restituio aquella Communidade à regular observancia, que em grande parte estava remetida do seu primitivo rigor.

Principia a Provincia de Santo Antonio dos Capuchos.

Gonzaga de Origin. Seraph. Religionis Part. 3. pag. 1154.

CAPL-

## CAPITULO VI.

*Conquista gloriosamente D. Antão de Noronha a  
Cidade de Mangalor, onde edifica huma  
Fortaleza.*

1568

32 **C**Elebre foy o triunfo, com que D. Antão de Noronha felizmente começou neste anno as suas heroicas acções. Para castigar a soberba da Rainha de Olala, e render a Cidade de Mangalor, sahio com huma poderosa Armada, de que se fez distincta memoria no Tomo 2. liv. 2. cap. 33. destas Memorias: e tanto que a avistou, se resolveo a que fosse logo acommettida. Na entrada desta Cidade faz a terra huma lingua, quasi toda de areia lavada do mar, e do rio por tres partes: e na face, que olha para a barra, estava levantado hum muro de doze palmos de grossura, que se estendia do rio até o mar, fortificado de alguns cubellos com bastante artelharía, e guarnecido de quinhentos Malvares, igualmente valerosos, que disciplinados. Defendiaõ, e seguravaõ a Cidade doze mil Soldados armados de diversos instrumentos, e artificios de fogo.

Como estava fortificada a Cidade de Mangalor.

33 Mandou o Vice-Rey desembarcar tres mil homens, divididos em seis esquadroens, de  
que

que erão Capitães D. Francisco Mascarenhas, Capitão de Malaca, D. João Pereira, seu cunhado, D. Antonio Pereira, seu irmão, D. Fernando de Monroy, D. Pedro de Castro, e D. Jorge Baroche. Na parte por onde determinava o Vice-Rey acometter a Cidade, se aquartelou D. Francisco Mascarenhas: e para que passasse alegremente a noite, se accenderão velas, a cujas luzes se poz a jogar, com tanta segurança como se estivera nos palmares de Goa. Observarão os inimigos a pouca cautela, com que estava prevenidos os Portuguezes, e julgando, que as luzes os haviaõ de ter cegos, por ser a noite muito tenebrosa, se determinarão fahir quinhentos às dez horas pela banda da praya, resolutos a executar huma acção tão gloriosa para elles, como injuriosa para nós. Com incrível presteza fizeram a cincoenta Portuguezes victimas da sua espada: e passando a mayor excessõ o seu atrevimento, acometterão a tenda de D. Francisco Mascarenhas, que estava acompanhado de D. Miguel de Castro, João Dornellas de Gusmão, e Gomes Eannes de Freitas.

34 Em tão improvizo assalto se armaraõ tumultuariamente os nossos Soldados de espadas, e rodellas, e se começou a travar huma horrorosa pendencia, com tanta confusão, e desordem, que as sombras da noite não permittiaõ distinguir amigos de inimigos. Concorria mais para

Tom.III.

H

nossõ

Recebem os nossos algum damno dos inimigos por estarmos menos acautelados.



## 58 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Impede o Vice-Rey a derrota, que padecia a nossa gente.

nosso estrago a pouca disciplina dos Soldados, que hiaõ desembarcando, pois com tiros vagos matavaõ a muitos dos que estavaõ alojados pelas estancias. Acodio velozmente o Vice-Rey a impedir a derrota, que padecia a nossa gente, e encontrou a D. Francisco Mascarenhas rebatendo com taõ heroico valor a furia dos Mouros, que naõ era poderosa a grande copia de sangue, que corria de cinco feridas, para lhe diminuir o militar ardor do seu alentado coração. Neste conflicto eternizou a sua memoria D. Luiz de Almeida, pois sendo desamparado pela gente, que capitaneava, e sómente assistido de Matthias de Albuquerque, Ignacio de Lima, D. Lourenço de Almeida, Antaõ de Faria, Pedro Machado, Luiz Dias Collaço, e Francisco Piquel, fez de alguma sorte retroceder a furia dos barbaros, que à maneira de inundação tudo hiaõ devastando. Retiraraõ-se os Mouros gloriosos desta empreza; e o Vice-Rey para evitar segunda invasão, mandou abrir huma profunda cava defronte das tranqueiras inimigas, e acabada esta obra, se recolheu com alguma tristeza ao quartel.

Determina o Vice-Rey acometter a Cidade,

35 Este tragico successo, que podia ser infausito vaticinio da conquista, que intentava D. Antaõ de Noronha, lhe naõ abateo os espiritos, para que na manhã seguinte cinco de Janeiro deixasse de ordenar, que fosse acomettida a Cidade. Para fim taõ glorioso marchou na frente dos



dos Soldados D. João Pereira, D. Pedro de Castro, D. Fernando de Monroy, e D. Jorge Barroche, a tempo que todas as fustas, e galés estavam dispostas para baterem a Cidade por todas as partes, principalmente quando os nossos Soldados quizessem assaltar os muros. Acompanhavaõ ao Vice-Rey Alvaro Paes de Sotomayor, Heitor de Mello, Jorge da Sylva Pereira, e outros Fidalgos authorisados. Os outros Capitães estavaõ repartidos pelos esquadroens; e na Armada assistiaõ D. Antonio Pereira, com seu sobrinho Nuno Alvares Pereira, observando os movimentos, que se faziaõ em terra.

36 Ao tempo que todos esperavaõ o signal de acometter, resolveo o Vice-Rey, que para ser mais memoravel nos triunfaes Fastos do Oriente a conquista de Mangalor, se dilataste para o dia seguinte, em que se solemnisava a Epifania, em que foy adorado pelos Principes Orientaes o Redemptor do Mundo: e assim o mandou significar a D. João Pereira, que marchava na vanguarda. Os Soldados anciosos de vingar a afronta recebida em a noite passada, obedecendo mais aos impulsos do seu brio, que às ordens do seu General, acometteraõ com furiosa impaciencia as tranqueiras, e soccorridos huns dos outros, se senhorearaõ dellas com morte, e estrago de innumeraveis inimigos, que confusos, e atropellados se refugiaraõ à Cidade.

He invadida Mangalor pela gente Portugueza.

## 60 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Rende gloriosamente o Vice-Rey a Cidade de Mangalor.

37 Chegou à noticia do Vice-Rey o estrago, que padeceraõ os Mouros, e marchou pela banda da praya com a bandeira de Christo arvo-rada, e pela do mar D. Antonio Pereira, acompa-nhado de quinhentos homens; e unidos obri-garaõ aos Mouros, que retrocedessem até hum largo terreiro da Cidade onde estavaõ seis mil, que sendo animosamente acomettidos, naõ po-dendo sustentar por muito tempo o furor das nos-sas armas, se retiraraõ com precepitada fugida até o Palacio da Rainha, que foy entregue com outros edificios à voracidade do fogo. Neste dia morreraõ dos nossos quarenta, merecendo entre elles distincta memoria pelo valor, e nascimento D. Diogo Lobo; e dos inimigos passaraõ de tre-zentos, excepto o numero dos feridos, que foy excessivo. Abrazada a Cidade, e cortados os palmares, que a cercavaõ, se recolheo o Vice-Rey à Armada, para que descansassem os Sol-dados do conflicto passado; e considerando, que a lingua da terra por ser falta de agua doce, e exposta a ser comida do mar, naõ era capaz pa- ra se fundar a Fortaleza, que intentava; deter-minou de a edificar sobre huma chapa de ter-ra alta, da banda do Norte, fronteira à Cida-de de Olala, naõ sómente por ficar mais domi-nante ao rio, e barra, mas por ser mais proxi-ma a ElRey de Bangel, grande amigo do Esta-do.

De-

38 Determinado o sitio para a nova fundação da Fortaleza, se começaram a abrir os alieffes, sendo o Vice-Rey o primeiro, que deu exemplo aos outros Fidalgos, e Capirães, para extrahir a terra, onde se havia levantar a Fortaleza, precedendo a esta operação muitas salvas de artilharia, e outros instrumentos bellicos, que applaudiaõ com festivo estrondo a erecção da nova fabrica. No dia consagrado a S. Sebastião lhe lançou o Vice-Rey a primeira pedra, que com grande apparato a levou sobre seus hombros, ajudado de outros Fidalgos, e lhe poz o nome daquelle invicto Martyr, não sómente em veneração do dia, mas em obsequio do Principe, que governava a Monarchia Portugueza. Acabada a Fortaleza, nomeou o Vice-Rey por Capitaõ della a seu cunhado D. Antonio Pereira com trezentos homens de presidio: e providos os armazens de mantimentos para seis mezes, e deixados dez navios para defenfa daquelle costa, se recolheo a vinte de Março para Goa.

Funda-se huma nova Fortaleza em Mangalor.

CAPITULO

## CAPITULO VII.

*Acomette ElRey do Achem com hum numero-  
sa, e formidavel Armada a Fortaleza de Ma-  
laca, e depois de varios assaltos se reti-  
ra totalmente derrotado pelo valor de  
D. Leoniz Pereira.*

1568

39 **T**Inhaõ corrido cincoenta e sete an-  
nos, que o grande Affonso de Al-  
buquerque conquistara, com immortal gloria do  
seu nome, a Fortaleza de Malaca, e em taõ di-  
latado espaço de tempo não podiaõ dissimular  
os Reys do Achem, que os Portuguezes domi-  
nassem hum Praça, que era intoleravel freyo a  
todos aquelles póvos circumvisinhos. Igualmen-  
te do Sceptro, que do odio ao nosso Estado, soy  
herdeiro Soldaõ Alaharadi, o qual vendo, que  
para se coroar Emperador de todo o Malayo, lhe  
faltava a Cidade de Malaca, determinou rendel-  
la, ainda que na conquista perigasse a sua autho-  
ridade. Para este effeito mandou Embaixadores  
com preciosos donativos ao Graõ Turco, offe-  
recendo-lhe o comercio das especiarias de Ma-  
luco, e Bondajoa, e das mais partes do Archipe-  
lago, donde colheria innumeraveis riquezas; e em  
recompensa destas dadivas, e offertas, lhe man-  
dou

Inventa o Achem a conquista  
de Malaca.

dou o Turco quinhentos Soldados, muitos engenheiros, e grande copia de munições, e instrumentos militares. Com semelhantes obsequios mandou significar o Achem ao Chingoschan, Senhor de Baroche, que concorresse para a conquista de Malaca, pois com ella se conservariaõ senhores de todo o Oriente, dentro, e fóra do Ganges; e para a mesma facção convidou ao Camorim, e aos Regulos da Costa de Masulapataõ, os quaes todos concorreraõ com igual numero de Soldados, que de munições.

40 Dous annos se consumiraõ na preparação da Armada, com que o Achem se resolveo a esta conquista, sendo a mais formidavel, que cruzou os mares da India, assim em o numero de vasos, que chegavaõ entre grandes, e pequenos a trezentos e cincoenta, como dos combatentes, que passavaõ de quinze mil, e mais de duzentas peças de artilharia de bronze. Tanto que esteve prompto este apparato naval, se embarcou o Achem com toda a sua numerosa familia, a quem servia de magnifico ornato a gente militar da sua guarda, e dando às velas chegou ao porto de Malaca em vinte de Janeiro deste anno de 1568.

41 Governava esta Fortaleza D. Leoniz Pereira, hum dos mais valerosos, e prudentes Capitães, que tinha todo o Oriente, e ao tempo que appareceo a formidavel Armada, que cobria  
os

## 64 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Apparato naval do Achem, com que appareceo diante de Malaca.

Couto *Decada VIII, da Índia* cap. 22.

Serenidade de animo, com que D. Leoniz Pereira recebe a Armada inimiga.

os mares, andava jogando canas com outros Cavalheiros, preciosamente vestidos, cujo festivo applauso se dedicava aos annos del Rey D. Sebastião, que naquelle dia cumpria o numero de quatorze. Assistia a este alegre espectáculo todo o povo com aquelle jubilo, que he natural à fidelidade Portugueza; mas tanto que descobriraõ o poder maritimo, com que eraõ invadidos, se mudou repentinamente a alegria em temôr, e fusto com a consideraçã funesta, de que seriaõ fatal despojo de inimigo taõ formidavel. Acudio promptamente D. Leoniz com animo superior a todo o receyo, mandando a huns, que proseguissem o applauso, e a outros, que se não perturbassem, pois o Achem preparara todo aquelle apparato naval para fazer mais celebre aquelle dia em obsequio do nosso Principe, servindo-lhe de feliz vaticinio da victoria, que havia alcançar daquelle barbaro, o ter chegado em occasiã de tanto alvoroço. Para manifesto argumento da serenidade de animo, com que D. Leoniz recebeo aos inimigos, partio com os mais Cavalheiros ao campo de Ilher, defronte do qual tinha surgido a Armada, e nelle se fizeraõ ayrofas escaramuças, entre as quaes se distinguia D. Leoniz, por ser muito destro Cava leiro. Acabado este festivo applauso, começou a preparar-se para a invasiã, que esperava; e chegando-se a Armada a terra, salvou a Cidade com huma estrondosa

trondosa descarga de artilharia , a cujo militar obsequio correspondeo igualmente a Fortaleza.

42 Tanto que anoiteceo , mandou o Achem seus Embaixadores , aos quaes admittio D. Leoniz fóra da Fortaleza , estando a cavallo , e acompanhado de mil e quinhentos homens. Ao dia seguinte lhes fallou , sentado em huma cadeira de veludo , assistido , para mayor authoridade da sua pessoa , de D. Belchior Carneiro , Bispo de Nicea , e de D. Fr. Jorge de Santa Luzia , Bispo de Malaca. Ao tempo que os Embaixadores entregaraõ a D. Leoniz a Carta do seu Principe , escrita em lingua Arabiga , com hum sello de ouro pendente , se levantou , e a recebeo com benigno aspecto , e depois de lida , lhe offereceraõ humma cabaya de brocado , e hum precioso criz da parte do seu Soberano. Dissimulou o nosso Capitão a cavillosa astucia , de que vinha revestida esta Embaixada , e sómente perguntou pela saude delRey , e seus filhos : e ao outro dia , chamados os Embaixadores , lhes entregou a resposta para o seu Principe , acompanhada de outro presente , que em numero , e qualidade , excedia ao que tinha recebido. Logo que o Achem leu a Carta de D. Leoniz , entendeo , que não era homem , que podia ser facilmente enganado , e sentio excessivamente , que fossem penetrados , e quasi descubertos os seus astutos designios.

Embaixada do Achem ao nosso Capitão.

## 66 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Manda Dom Leoniz Pereira  
queimar a povoação de Ilher.

Vigilancia do nosso Capitaõ  
contra os designios do Achem.

43 D. Leoniz, prevendo o intento do inimigo, se preparou para a resistencia; e sendo meya noite mandou entregar ao fogo a povoação de Ilher, cujas lavaredas claramente mostraraõ ao Achem, que eraõ inuteis os arteficios, que usava; e resolutos com este defengano, lançou gente em terra com bastante artelharia, plantada alguma della em huma estancia, que levantou distante setecentos passos do muro da Fortaleza, e outro entre a povoação de Ilher, e a Cidade, ao redor das quaes se abria huma larga cava semeada de estrepes. Tinha a Fortaleza mil braças de circuito, e era guarnecida de tres baluartes, e hum cubello, que estavaõ presididos por Balthazar de Barros, Diogo Pires de Araujo, Ruy Carvalho, Nuno Leite, e Antonio Duraõ. Guardava a estancia da porta Gaspar de Sousa. O inimigo, confiando mais a conquista da Fortaleza na astucia, que no poder, naõ descansava em armar estratagemas, para ver se podia conseguir o seu intento: mas a vigilancia de D. Leoniz triunfava de todas estas maquinas; e para que em nenhum instante o achasse menos acautelado, corria todas as noites as estancias, dormindo em huma cadeira, assistido de D. Manoel Pereira, seu sobrinho, D. Fernando de Menezes, Estevaõ Leite Pereira, Joaõ Vieira, Pedro de Gouvea, Manoel de Moura, Francisco de Abreu, Simaõ Ferreira, e Diogo Mendes. Naõ se isentavaõ



tavaõ de taõ vigilante cautela os Bispos de Nicea, e Malaca com os Ecclesiasticos, orando huns no Templo pelo feliz successo das nossas armas, e discorrendo outros pelas estancias, ainda naquellas horas, em que mais suavemente domina o somno, para exhortar os Soldados, a que esperassem sem receyo o inimigo.

44 Crescia com grande velocidade a bataria, que levantavaõ os barbaros, e de tal sorte se aproximou ao baluarte de Fernão Peres de Andrade, que não mediava entre elle mais que humas casas derrubadas. Considerou o Capitaõ, que aquella trincheira era muito nociva à conservação da Fortaleza, e para que fosse derrubada, mandou a D. Francisco de Menezes com quarenta Portuguezes, e cem homens naturaes da terra. Sahiram no quarto da alva, e com igual felicidade, que impulso, entraram nas trincheiras, onde travando com os Mouros hum furiosa contenda, em que cada partido queria alcançar a gloria do triumpho, foram mortos mais de cem inimigos, entre os quaes acabou a vida o filho mais velho do Achem, que se intitulava Rey de Arû. Demolido a trincheira até os alicesses, nos recolhemos carregados de troféos, que publicavam o estrago dos inimigos, e a gloria das nossas armas. Diferente foy o successo, que teve Francisco de Moura, o qual marchando com quarenta Portuguezes, e alguns escravos buscar aos inimigos

Morre o filho do Achem em hum combate.

## 68 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

em hum lugar donde costumavaõ vir de noite, certos de naõ serem acomettidos, adiantando-se mais do que era necessario, carregaraõ improvisamente sobre elle, sendo logo desbaratado com a infeliz morte de Ruy Leitaõ de Brito, Joaõ Nunes do Rego, Gaspar de Sá, e Joaõ Ferreira.

45 Varios eraõ os arteficios, com que o Achem se empenhava para conseguir a empreza, que intentara: mas vendo que todos eraõ rebatidos pela incansavel cautela do nosso Capitaõ, assentou, que fosse acomettida a Fortaleza com todo o poder, para cujo effeito foraõ postas escadas pelo seu circuito, com intento de que sendo assaltada por todas as partes, e naõ podendo ser defendidas pela pouca gente, que a presidia-va, por alguma seria entrada, donde naõ houvesse resistencia. Aos quatorze de Fevereiro mandou o Achem passar da parte de Ilher para a de Malaca grande numero de embarcações carregadas de Soldados, para nos persuadir, que por aquelle lado queria dar o assalto; porém D. Leoniz entendendo o designio do inimigo, se fortificou da parte, que elle fingia desamparar. Ao dia seguinte foy batida a Fortaleza com incessantes tiros, assim de noite; como de dia, cujo estrondo fazia mayor impressaõ nos ouvidos, que nos corações dos sitiados. Ao romper da alva se levantou repentinamente hum nevoa taõ densa, que impedia a vista da Cidade. Muitos imagi-  
navaõ

Arteficio do Achem, que lhe  
sahio inutil

navaõ ser fumo procedido de algum grande fogo, que se accendera no outeiro da Bocachina; outros discursaraõ serem vapores espessos exhalados da terra; mas como cercavaõ sómente os muros, e a tiro de espingarda naõ existiaõ, presumiraõ, que aquella nevoa se estendera por arte magica, a qual dilatando-se pouco a pouco, servio de embaraço para que os nossos naõ vissem arrumar os inimigos as escadas à Fortaleza. Correrãõ estes com grande vozaria, e muitos instrumentos desafinados, fingindo querer dar assalto pela parte de Malaca, para que ficasse desamparada a do Ilher; porém foy inutil este ardil, por ter ordenado D. Leoniz, que nenhum Soldado sem sua ordem sahisse do lugar onde estava alojado.

46 Confiados os barbaros no engano, que nos armaraõ, acometterãõ pela banda de Ilher, donde tinha determinado o assalto, e subindo pelas escadas com furiosa resoluçaõ, foy o primeiro emprego da sua furia o baluarte Santiago. Neste lugar experimentaraõ o mayor estrago, sendo recebidos com hum diluvio de panellas de polvora, e outros instrumentos de fogo, de que procedeo chegar à noticia de D. Leoniz, que o baluarte se abrazava, cujo aviso naõ inquietou o seu animo: antes mandou a D. Fernando de Menezes, D. Manoel Pereira, Estevaõ Leite, e Joaõ Vieira, que fossem promptamente soccor-

*Investem os inimigos o Baluarte de Santiago, onde são derrotados.*

rer

## 70 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

rer aos nossos Soldados. Executaraõ com promptidaõ a ordem de D. Leoniz, e investindo pela retaguarda a mil Mouros, que estavaõ sobidos nas escadas, os precipitaraõ dellas com animosa resoluçaõ, ainda que receberaõ graves feridas. Naõ, experimentaraõ menor destroço os barbaros no baluarte de S. Domingos, sendo velozmente soccorridos os seus defensores pelo valor de Francisco Paes, e Francisco de Moura.

Assalto geral, que deraõ à Fortaleza os inimigos, onde foraõ totalmente destroçados.

47 Sobre o monte da Bocachina estava o Achem, montado em hum soberbo cavallo, vendo aquelle horroroso espectaculo, onde poucos Portuguezes resistiaõ à violenta impressaõ de dez mil barbaros, e ao estrondoso horror de duzentas peßas de artilharia, que incessantemente disparavaõ balas de extraordinaria grandeza. Os clamores de huns se confundiaõ com os gemidos de outros, querendo cada parte coroar-se com os louros da victoria. Invocavaõ os Portuguezes, como seu Tutelar nos conflictos, ao Apostolo Santiago, para que como filho do trovaõ fulminasse aquelles sequazes das sombras, ao tempo, que estes cegamente supersticiosos invocavaõ o abominavel nome de Mafoma, até que prevalecendo o nosso valor sempre invencivel, e agora mais que humano, contra taõ immensa multidaõ de barbaros, foraõ precipitados confusamente, assim dos muros, como das escadas, cujos cadaveres cobriraõ a larga circumferencia da Fortaleza.

A

A vista deste funesto espectáculo desmayou o animo do Achem, conhecendo, que totalmente se tinhaõ arruinado as esperanças da conquista de Malaca; e não podendo dissimular a fatalidade de tão grande perda, começou a blasfemar do seu Profeta, e lançando por terra a touca, que lhe cobria a cabeça, se retirou entre confusões, e tristezas em vinte e cinco de Fevereiro para a Armada, tão cortado de medo, que receando, que a sua artelharia fosse despojo do nosso triumpho, a mandou occultamente embarcar. Neste celebre sitio, onde tanto se acreditou o valor Portuguez, foraõ mortos mais de tres mil barbaros, e tantos os feridos, que no espaço de cinco dias se lançaõ quinhentos ao mar, e muitas embarcações por falta de gente foraõ entregues ao fogo. Dos nossos sómente morrerã no assalto Simaõ de Sampayo, Belchior de Carvalhaes, e Francisco Dias.

*Retira-se o Achem confuso, e desesperado.*

48 Embarcado com grande silencio o Achem, correu a noticia de que se tinha feito à vèla, e começou a respirar o Capitaõ D. Leoniz Pereira da espantosa oppressão a que tinha reduzido aquelle barbaro a Fortaleza de Malaca. O Bispo com todo o Clero, e povo fizeraõ huma devota procissão, na qual com sagrados canticos agradeçiaõ a Deos o feliz successo, que a sua piedade concedera às nossas armas contra huma tão innumeravel multidão de barbaros. Depois de  
rendidas

## 72 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Acção de graças por tão feliz  
succello.

rendidas as graças ao Author das Victórias, foy D. Leoniz com o Bispo discorrendo pelos muros, e baluartes, onde abraçavaõ os Capitães, e Soldados, que tinhaõ sustentado com tanto valor a violencia dos assaltos, louvando-lhe o esforço, com que aniquilaraõ a potencia do mais obstinado inimigo do Estado, por cujas façanhas seriaõ eternamente famosos os seus nomes nos fastos do Oriente. A muitos escravos, que neste sitio se distinguiraõ em acções valerosas, deu liberdade D. Leoniz, e a de outros resgatou com o seu dinheiro. Repartio com generosa profusão varias cadeyas, e medalhas de ouro a muitos Soldados, que preferindo a honra à propria vida, se offereceraõ como victimas em obsequio do seu Principe.

ElRey de Viantana applaude  
com a sua Armada a victoria  
alcançada do Achem.

49 Este grande triumpho foy applaudido pela Armada de João da Sylva Pereira, que expedira o Vice-Rey para soccorro de Malaca, pois chegando a tempo, que já se tinha retirado o inimigo, converteo em applauso dos vencedores o furor, que haviaõ experimentar os vencidos. Mayores obsequios militares recebeo D. Leoniz Pereira delRey de Viantana, que navegando com sessenta navios contra o Achem, seu antigo emulo; e sabendo que fora destroçado, mandou salvar a Fortaleza com huma estrondosa descarga de artilharia, que se fazia menos horrivel pela consonancia de varios instrumentos, que applaudiaõ

plaudiaõ o valor sempre invencivel dos Portuguezes. O nosso Capitaõ recebeo a este Principe com magnifica pompa na Fortaleza, o qual depois de hum largá practica foy examinando com os olhos as ruinas, que ainda estavaõ abertas nas muralhas, e o quartel onde se alojaraõ os inimigos, e admirado do esforço, com que os Portuguezes tinhaõ destruido poder taõ formidavel, lhes envejou a gloria de não ter sido seu companheiro em facção taõ heroica.

---

## CAPITULO VIII.

*Parte D. Luiz de Ataide para a India; he recebido em Goa com grande applauso, e das primeiras acções do seu governo.*

50 **R**Ecebidas por D. Luiz de Ataide as instrucções necessarias para a direcção do seu governo, partio de Lisboa em seis de Abril, embarcando em a celebre não Chagas, que fora fabricada à custa da fazenda do grande D. Constantino de Bragança, e nella se restituirá felizmente a este Reyno. Levava mil homens de guarnição, em os quaes era igual a valentia dos peitos à nobreza das origens, acompanhado de quatro navios, de que eraõ Capitães Pedro Cezar, Antonio Sanches de Gamboa, Damiaõ

1568

*Parte D. Luiz de Ataide para a India.*

Tom.III.

K

de



## 74 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

de Sousa Falcão, e Manoel Jaques. No Cabo da Boa Esperança padeceo esta Armada huma furiosa tormenta, cuja violencia rompendo as vé-las, e quebrando os mastos da não Nossa Senhora dos Remedios, chegou a arrancar o leme, e despedaçar as vergas, e mastaréos da Capitanea, até que serenada a furia da tempestade aportou prosperamente a Goa em dez de Setembro.

Chega o Vice-Rey a Goa,  
e como foy recebido.

51 Tanto que se espalhou a noticia de que tinha surgido neste porto o novo Vice-Rey, concorreo tumultuariamente à praya todo o povo para o receber com sincéras, e festivas demonstrações; mas elle agradecendo o excesso do alvoroço, com que era applaudida a sua chegada, ordenou, que sómente fosse recebido pela gente militar. Para este effeito se demorou dous dias embarcado, e no terceiro sahio a terra entre duas fileiras, que formava a milicia do Estado, onde o recebeo entre os braços D. Antão de Noronha, augurando-lhe, que aquelle Imperio, quasi agonizante, renasceria a impulsos do seu heroico espirito, elevando-se a gloria tão immortal, que fizesse esquecer a celebre memoria dos Gamas, Cunhas, e Albuquerque, seus famosos Fundadores, pois lhe parecia, que a fortuna estipendiaria das suas bandeiras, lhe concederia tantas victorias, que excedessem os dias do seu governo. A estes prosperos vaticinios, com que D. Antão de Noronha applaudia o futuro Vice-reynado,



reynado , correspondeo D. Luiz de Ataide com expressoens agradecidas ; e levado debaixo do pallio à Cathedral , depois de render as graças a Deos , por ter vencido os perigos de tão larga jornada , lhe supplicou humildemente protegesse as armas daquelle Imperio , aniquilando as maquinas , que contra a sua estabilidade armava a poderosa astucia dos Principes do Oriente.

52 He costume entre os Mouros observar com supersticiosa investigação as primeiras acções, que obraõ os Vice-Reys , para dellas conjecturarem as maximas do seu governo ; e a primeira, que practicou D. Luiz de Ataide para que fizesse respeitado o seu nome entre aquelles barbaros , foy divulgar , que a Armada , que o conduzia , vinha carregada de instrumentos militares , e dinheiro , por serem as bazes , em que se havia sustentar a guerra contra os inimigos do Estado ; e conhecendo , como prudente Capitão , que este se não podia conservar sem forças maritimas , de cuja falta procedia o abatimento a que estavaõ reduzidas as nossas armas ; para restaurar o credito dellas , se applicou com grande desvélo a examinar o numero , e qualidade dos navios , e achando os Armazens exhaustos de munições , e mantimentos , como o erario de dinheiro , pediu algum prestado sobre sua palavra , e em breves dias , com geral acclamação , fez navegar pa-

Primeiras operações do governo do Vice-Rey.

## 76 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

ra diversas partes muitas esquadras , igualmente fortes , que luzidas.

53 A primeira expedida para o Norte constava de huma galé , e seis navios , da qual era Capitão mór Affonso Pereira de Lacerda , a quem ordenou fosse a Batacala humilhar o orgulho de huns rebeldes , bastando sómente a sua presença , para que logo se rendessem. Para guardar a costa do Malavar mandou a Martim Affonso de Miranda , acompanhado de vinte navios , cujos Capitães eraõ Matthias de Albuquerque , D. Duarte de Lima , João de Mendoça , D. Luiz de Castellobranco , Fernão Telles , Ruy Fernandes Cabral , D. Lourenço de Almeida , e Francisco de Sousa de Tavora. Para Banda , distante seis legoas de Goa , partio Ayres Telles de Menezes , com alguns navios , com que obrigou ao Tamadar , que ratificasse as pazes , que com o Estado tinha celebrado.

Triunfa do Pirata Canatale ,  
D. Jorge Menezes.

54 Para reprimir a insolencia do Pirata Canatale , que vagava entre a costa de Goa até Chaul , navegou D. Jorge de Menezes , o *Baroche* , com duas galés , e hum catôr ; e chegando à boca do rio Carapataõ , distante de Goa vinte e quatro legoas , avistou huma galeota de Mouros , a quem foy dando caça até a alcançar com a sua galé , que era muito veleira. Resolveo-se D. Jorge de Menezes abalroala ; mas os inimigos , que excediaõ o numero de cento e oitenta,

oitenta, se defenderaõ taõ valerosamente, que por largo espaço rebateraõ o nõsso impeto , até que Manoel Pereira de Lacerda , acompanhado de Sebastiaõ de Rezende, Antonio da Sylva, e outros Soldados de valor conhecido , fazendo ponte do esporaõ da galé inimiga, a entraraõ , despojando das vidas a todos os Mouros. Vendo o Capitaõ o fatal estrago, que experimentava a sua gente, antepondo com barbara eleiçaõ a morte ao cativeiro, degolou a seu filho, e dando em o proprio peito tres feridas penetrantes, se lançou ao mar. Ao recolherse D. Jorge levando atoadada a galeota à popa da sua galé , encontrou doze navios , que hiaõ occupar a boca do rio Carapataõ. Naõ duvidou D. Jorge oppor-se ao intento dos Mouros, posto que eraõ superiores em o numero ; mas estando a tiro de falcaõ, pararaõ, como receosos do perigo da batalha, do qual evadiraõ sahindo para fóra do rio com tanta velocidade , que sendo seguidos por espaço de duas legoas , naõ poderaõ ser alcançados, pelo militar ardor de D. Jorge de Menezes.

*Pereira Vida de D. Luiz de Ataide liv. 1. cap. 2.*

CAPÍ-

## CAPITULO IX.

*Parte Gonçalo Pereira Marramaque à conquista da Ilha de Zebû, e o não consegue. Chega a Maluco onde El Rey Aeyro lhe protesta vassallagem à nossa Coroa. Entra em Amboyno, e alcança dos Jaos huma gloriosa victoria.*

1568

55 **P**Ara proteger, e conservar a Christandade de Amboyno, e destruir totalmente as maquinas sempre aleivosas del Rey Aeyro, partio de Malaca para Maluco Gonçalo Pereira Marramaque, com huma armada de quatro galeoens, e oito galeotas, guarnecidas de mil Portuguezes, de que eraõ Capitães D. Duarte de Menezes e Vasconcellos, Lourenço Furtado, Manoel de Brito, e Antonio Lopes de Siqueira, Mem Dornellas de Vasconcellos, Sebastião Machado, Francisco de Mello, e seu irmão Simão de Mello. Chegando à barra de Borneo teve noticia, que em Zebû, huma das Ilhas Philippinas estava Miguel Lopes de Lagos, de nação Biscainho, com huma Armada da nova Hespanha, e parecendo-lhe, que esta Ilha se incluía na demarcação de Portugal, se resolveo intentar huma empreza mais gloriosa à fama do seu nome, do que à extenfaõ da Fé, buscando aos  
Caste-

Intenta Gonçalo Pereira a conquista da Ilha de Zebû, e o não consegue.

Castelhanos, que passavaõ de oitocentos, para os lançar fóra do lugar, em que estavaõ alojados. Quatro mezes consumio inutilmente neste intento, pois ainda que levou Pilotos para a direcção da jornada, como eraõ pouco experimentados naquella navegação, e já tivesse passado o tempo, em que se cursaõ aquelles mares, voltou para Maluco bastantemente pezaroso, naõ só de naõ ter prosseguido o principal fim da sua viagem, que era Amboyno, mas de que a mayor parte da sua gente miseravelmente acabasse à violencia da fome, e da sede.

56 Logo que Gonçalo Pereira surgio no porto de Talangame, o veyo buscar a bordo El Rey Aeyro, com sua mulher, e filhos; e como este fementido barbaro sabia, que o nosso Capitaõ tinha vindo para o mandar prezo a Goa, por aviso, que occultamente recebera de Henrique de Lima, affectando huma obsequiosa submissão, se offereceo para receber o castigo, de que naõ era digna a sua innocencia, falsamente accusada no Tribunal do Vice-Rey, o qual sendo rectamente informado, converteria em brandura o rigor, que contra elle fulminara; que naõ era necessario usar com elle de alguma demonstração violenta para reconhecer por seu Soberano a El Rey de Portugal, quando espontaneamente viera com toda a sua familia protestar a vassallagem a taõ grande Monarca. Estas affectadas expressões,

naci-

Maliciosos artificios del Rey  
Aeyro.

## 80 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

nascidas de hum coração animado sempre da infidelidade, se prevenio taõ efficaçmente Gonçalo Pereira, que recebendo nos braços a ElRey Aeyro, lhe seguroou com discreta sinceridade, que a sua chegada àquelle porto fora para se dedicar ao seu obsequio, e naõ para o remetter prezo a Goa.

Segunda vez se intenta a conquista do Zebû, e se naõ consegue.

57 Naõ foy bastante a infelicidade, que experimentou Gonçalo Pereira na jornada de Zebû, para que com cega pertinacia se resolvesse a intentalla segunda vez, expedindo Antonio Rombo para investigar se o poder, que tinhaõ os Castelhanos estava augmentado com soccorros novos, com os quaes se fizesse mais difficultosa, e quasi impossivel a conquista, que meditava. Naõ correspondeo o successo ao desejo de Gonçalo Pereira, por causa da incapacidade de Antonio Rombo, pois naõ sómente investigou com dissimulação o que se lhe encommendara, mas revelou aos Pilotos Castelhanos o caminho mais facil para a navegação da China, Japão, e de todo aquelle Archipelago.

58 Tinha Gonçalo Pereira Marramaque escrito a D. Leoniz Pereira, como era conveniente ao serviço delRey, intentar segunda vez a jornada a Zebû, para cuja expedição lhe pedia o soccorresse com alguns navios. Promptamente defirio a esta supplica D. Leoniz, por estar logrando os applausos da celebre victoria alcançada

da contra o Achem, mandando a Simão de Mendoça por Capitão de hum'não, guarnecida de duzentos e cincoenta Soldados, a quem acompanhavaõ outras, governadas por Gonçalo de Sousa. Chegaraõ a Ternate, e sabendo, que Gonçalo Pereira estava em Bachaõ, se juntaraõ neste porto, onde foraõ recebidos com grande alvoroço.

59 Tanto que foy tempo opportuno deraõ às vélas para Amboyne, em cujas prayas estavaõ fortificados seiscentos Jaos, e mais de dous mil Mouros da terra, divididos em tres emboscadas, e resolutos a disputar a desembarcação à nossa gente. Não intimidou a Gonçalo Pereira a determinação dos inimigos, antes com animo superior ao poder, que trazia, repartio os Soldados em tres esquadroens, levando a vanguarda Manoel de Brito, e a retaguarda D. Duarte de Menezes, e entre estes dous corpos marchava elle com Simão de Mendoça, que levava o Estandarte Real. Com incrível valor arremetteo Manoel de Brito as tranqueiras, que estavaõ presidiadas dos Jaos; mas estes, resolutos a perder as vidas, peleijavaõ taõ desesperadamente, que na primeira investida nos mataraõ sete homens, e a outros feriraõ. Manoel de Brito, vendo o furor, com que os barbaros se defendiaõ, os acometteo com tal impeto, e violencia, que chegou a cavalgar as tranqueiras; porém foy taõ fortemente

*Victoria alcançada em Amboyne dos Jaos.*

Tom.III.

L

rebatido,

## 82 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

rebatido , que quasi esteve reduzido a ser fatal despojo dos inimigos. A este tempo rebentaraõ os que estavaõ occultos nas emboscadas contra Gonçalo Pereira , e Simaõ de Mendoça , e os investiraõ com tanta furia , que para rebater invasaõ taõ violenta lhes foy precisa toda a valentia de seus braços , até que rotos pelas nossas espadas , deixaõ para testemunhas da victoria oitenta mortos , e mais de cem feridos. Acudio Simaõ de Mendoça , já victorioso , a soccorrer Manoel de Brito , que estava opprimido de huma barbara multidaõ , e juntos ambos a fizeram de tal sorte retroceder , que buscando por asylos os matos , entre a sua espessura padeceraõ a ultima ruina.

6o Desemparada a povoação pelos Jaos , entrou por ella Gonçalo Pereira , e vendo a nossa gente cegamente occupada no sacco das fazendas , de que estava muito abundante , lhes mandou pôr o fogo , que abrazou a muitos Soldados , em cujos peitos era mais activo o ardor da cubiça , que vehemente a actividade das chamas , com as quaes foraõ reduzidos a cinzas os Juncos dos Jaos , que estavaõ varados na praya , cujo funesto espectáculo causou a todos naõ pequeno horror. Recolhido à Armada Gonçalo Pereira , onde por quatro dias se estavaõ curando os Soldados das feridas , que receberaõ no conflicto , teve aviso de que os Jaos se tinhaõ refugiado



giado a huma serra , e querendo totalmente derrotar as reliquias do exercito já destrocado , desembarcou com toda a gente , ordenando a D. Duarte de Menezes , que buscasse aos inimigos por hum lado , ao tempo que pelo outro os acomettesse. Logo que os Jaos descobriirão aos Portuguezes , começaram com vozes desentoadas a pedir pazes , de que era final sincéro huma bandeira branca , que tremolavaõ. D. Duarte de Menezes os conduzio a Gonçalo Pereira , que rendidos à vontade do vencedor , entregaraõ as armas , e embarcados em huma Champa-na , se fizeraõ na volta de Java. Tinha Gonçalo Pereira ordem expressa para edificar huma Fortaleza em Oto , mas como todo o seu cuidado era na empreza de Zebû , e se não podia demorar por mais tempo naquelle porto , satisfeito com a promessa de Genulio , Capitaõ dos Otoanos , de lhe não impedir aquella fabrica , partio para Ternate a conduzir mayor poder para proseguir a expedição das Filippinas , tantas vezes intentada , e nunca conseguida.

*Pedem pazes os Jaos.*

## CAPITULO X.

*Convertem-se varios Principes Orientaes à Fé Catholica, sendo o mayor defensor dos seus dogmas o Principe de Gotô contra a obstinada opposição dos Bonzos.*

1568

61 **G**Loriosos foraõ os triunfos, que neste anno de 1568 alcançou a Fé Catholica da cegueira do Paganismo, nas vastissimas regioens do Oriente, concorrendo a soberania de muitos Principes a fazer com as suas Coroas mais magestoso o Throno do Divino Cordeiro. O primeiro, que abjurou os delirios do Alcoraõ, foy o pay del Rey de Siau, que já em idade decrepita se regenerou a nova vida com as sagradas correntes do Baptismo. Seguio o seu exemplo El Rey de Sanguin, com a Rainha sua mulher, recebendo em Calangà, Capital do Reyno, a graça bautifinal, de que foraõ participantes toda a nobreza, e plebe, repartida por bairros, e familias. Renovaraõ-se os matrimonios conforme o uso da Igreja Romana, e escolheraõ todos as mesmas esposas, que antes tinhaõ. Coroou taõ plausivel solemnidade o pio affecto, com que se arvorou o final da nossa Redempçaõ, para cujo effeito foraõ escolhidas as pessoas mais distinctas

Converte-se El Rey de Siau,  
e El Rey de Sanguin.

tinctas em a nobreza do nascimento , para buscarem pelos matos huma arvore , que fosse igualmente preciosa , e direita. Tanto que foy descoberta , a lavraraõ com tal perfeiçaõ , que nunca se vio naquellas regioens outra mais primorosa-mente fabricada. Dous Reys dos Celebes a levarã sobre seus hombros , e fixando-a na terra, postos de joelhos , com toda a gente illustre , que se tinha por bemaventurada sómente com a tocar , lhe renderã devotas , e profundas adorações. Em applauso do sagrado Tronco soavaõ por toda a Cidade instrumentos musicos , acompanhados de harmonicas vozes , que explicavaõ o jubilo , e alvoroço de estarem amparados com a sombra da Arvore da vida.

62 Ainda a sua fé deu mayores demonstraçoens de como estava fortemente radicada em seus peitos. Em huma planicie cuberta de hum denso arvoredos , que igualmente distava da Cidade , que do porto , para que fosse frequentada dos Cidadãos , e navegantes , fundaraõ huma Igreja , para cujo effeito sahiraõ as pessoas mais nobres , armadas de fouces , e machados , para romper , e cortar aquelle verde labyrintho. O Rey como era muito decrepito , e naõ tinha forças para aquelle exercicio , presidia , e animava a todos com a sua presença , e até a Rainha , querendo ser participante de taõ pia , e devota obra , sahio acompanhada de muitas donzellas illustres a  
arrancar

## 86 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

arrancar as ervas, e espinhos, para que o campo ficasse limpo para o edificio, que nelle se havia de erigir.

Conversaõ do Principe de Gotô.

Sousa *Oriente Conq.* Tom. 2.  
Conq. 4. Div. 1. §. 36.

Gusman. *Hist. de las Mission.*  
*de la Comp.* Part. 2. cap. 18.

63 Com outra Coroa se exaltou triunfante a Fé da idolatria, convertendo ao Principe successor do Reyno de Gotô de gentio em Apostolo. Com o nome de Luiz, que lhe foy imposto no bautismo, recebeo tanta luz superior, que com ella illustrou as trevas, em que estava sepultada a Princeza sua esposa, e a muitos Fidalgos, e plebe da sua Corte. Não satisfeito o seu catholico animo com estas conversoens, exhortou aos Regedores das mais Cidades do Reyno, para abraçarem os mysterios da nova Ley, que professava. Armou-se o demónio, pela boca dos Bonzos, contra o ardor, com que o Principe intentava lucrar todo o Reyno para Christo; e querendo perverter o povo, trataraõ, de que primeiramente o Principe seguisse as suas partes, e para este fim mandaraõ a D. Luiz por interprete das suas maquinas a hum irmão delRey, fundando na authoridade da pessoa o bom successo desta Embaixada, na qual lhe representavaõ ser grande escandalo de todos os vassallos daquella Coroa, que seguindo seu pay huma ley, professasse elle outra, totalmente diversa, e afrontosa às Divindades Japonezas, às quaes devia a soberania do Sceptro, e a magestade do Throno; com que sacrilega resolução se atrevia a negar a authori-

authoridade às escrituras authenticas , em que estavam escritos os milagres de Amida , e Xacá , quando com tanta firmeza confessava huma só natureza em tres Pelloas distinctas , conservar-se huma Virgem depois do parto ; serem as almas pasto do fogo eterno , e outros artigos impossiveis ao entendimento de os perceber , e à vontade de os abraçar ; que se lastimasse da sua alma , e do amor , e lealdade de seus vassallos , não se deixando enganar por huns ignorantes , arrojados pelo mar às prayas daquellas Ilhas , para perturbadores da tranquillidade publica , sendo dignos de que com o seu sangue se extinguisse o fatal incendio , que tinhaõ introduzido naquellas regioens ; que pelo credito do seu nome , pelo amor de seu pay , e pela segurança da sua Coroa , quizesse abraçar a ley , em que fora educado , porque sómente com ella poderia viver pacificamente feliz.

Artificios dos Bonzos contra ElRey de Goto , para que abjure a Fé Catholica.

64 A estas palavras proferidas pela blasfema boca do Embaixador respondeo o Catholico Principe , que mais facilmente seriaõ Christãos todos os Bonzos , do que seguir outra vez os delirios da idolatria. Admirados os Bonzos da inalteravel constancia com que o Principe permanecia firme na Fé , que novamente abraçara , persuadirão a ElRey seu pay , que o reduzisse ; e posto que elle entendesse ser unicamente verdadeira a Ley de Christo , cedendo ao tempo , aceitou a com-

## 88' *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Perfiste na Fé o Principe contra as persuasões de seu pay.

commissão, e valendo-se da ternura de pay, e da authoridade de Principe o exhortou por repetidas vezes, já com rogos, já com ameaças a que retrocedesse da Fé, que observava, ou ao menos se fingisse exteriormente gentio. O Principe nunca mais digno da Coroa, do que nesta occasião, lhe respondeo animosamente, antes perderia o Reyno do que renunciar a Christo, pois estava mais prompto para sacrificar a vida em seu obsequio, do que os Bonzos empenhados em o privar della pela idolatria. Desenganados estes infernaes ministros, de que as suas maquinas se não logravaõ, e que tão continuadas batarias não faziaõ a mais leve impressão no animo do Principe, resolveraõ, com diabolico artificio, obrigar a que todos os Christãos abjurassem a Ley do Crucificado, para que o Principe se declarasse sequaz deste geral exemplo.

65 Não lhes sahio o projecto como cegamente imaginaraõ, pois os vassallos amavaõ tão extremosamente ao seu Principe pela suave condição, e gentil presença, de que era ornado, que nenhum delles retrocedeo da fé promettida no Bautismo, antes como se foraõ plantas robustas do Jardim da Igreja se preparavaõ para o martyrio, como premio, e não sacrificio. Admirava-se esta valentia ainda em os meninos, em cujos tenros corações estava tão adulta a Fé, que se convidayaõ mutuamente para a morte. As  
mãys

mãys esquecidas dos affectos da natureza, e sómente lembradas da gloria da eternidade, vestiaõ os filhos, e filhas das galas mais preciosas, para serem victimas do furor da gentildade; e ultimamente todos de qualquer sexo, ou idade, se animavaõ pelas Praças, e ruas, para com o proprio sangue confirmar as verdades do Evangelho.

---

## CAPITULO XI.

*Morre D. Aleixo de Menezes, de cujas acções, como de outras pessoas distinctas se faz particular memoria.*

66 **H**Uma das mayores calamidades, que experimentou Portugal neste anno de 1569, foy o ter despojado de hum Varaõ taõ grande como D. Aleixo de Menezes, exemplar perfeito de maximas catholicas, e politicas. Para eterno brazaõ da dilatada arvore dos Menezes bastava este fruto, que lhe servio de gloriosa coroa, empenhando-se na sua formaçaõ a graça, e a natureza, ornando-o de entendimento profundo, e espirito heroico. Na Adolescencia ostentou varonil animo em a Praça de Azamor, onde foy emulo das valerosas proezas de seu insigne tio D. Joaõ de Menezes. Sendo pequeno

1569

Elogio de D. Aleixo de Menezes.

Tom. III,

M

theatro

theatro a região de Africa para a grandeza do seu espirito, buscou ao Oriente, onde como Soldado, e como Capitão, conquistou o Forte de Muar, soccorreu Coulaõ, obrigou a El Rey de Bintaõ a levantar o cerco de Malaca, e buscar ao Soldão de Babilonia, que discorria soberbo pelo mar roxo com hum poderosa Armada. Estas façanhas obradas na Asia, forão os memoriaes, que apresentou a El Rey D. João o III. para ser eleito Governador do Estado, cujo authorizado lugar não administrou por resolver aquelle Monarca, que representasse a sua augusta Pessoa com o caracter de Embaixador à Magestade Cesarea de Carlos V., e na conclusão dos desposorios de sua filha a Infante D. Maria, com o Principe de Castella D. Philippe. Exercitou os lugares de Mordomo mór da Rainha D. Catharina, e de ayo de seu neto D. Sebastião, em cuja incumbencia, usando de igual fidelidade, que madureza, não pode moderar os violentos impulsos daquelle Principe, destinado por alta Providencia a sepultar a gloria deste Reyno nas infelices areas de Africa. Para mostrar, que sempre attendera à conservação da Monarchia, e não ao augmento da propria pessoa, nunca aceitou merce alguma da liberalidade real, de que será indelevel monumento a modestia, com que recusou o Conado de Villa de Rey, dizendo, que era pobre para titulo tão authorizado, possuindo unicamente



te a Alcaidaria mór de Arronches, dada em satisfação de huma Commenda, que se tirara a seu filho. Entre o tumulto da campanha, e a politica do Gabinete preferio a honra ao interesse, e a verdade à lisonja. Mais cheyo de merecimentos, que de annos, deixou a vida caduca pela eterna a sete de Fevereiro de 1569. Foy casado duas vezes, a primeira com D. Joanna de Menezes, sua sobrinha, filha de D. Henrique de Noronha, de quem teve a D. Luiza de Menezes, casada com D. Pedro de Menezes, oitavo Senhor de Cantanhede, o qual morreo sem successão. Por ordem delRey D. João o III. passou a segundas vodas, quando contava a provecta idade de setenta e cinco annos, desposando-se com D. Luiza de Noronha, filha de D. Alvaro de Noronha, de quem teve a D. Luiz de Menezes, que infelizmente morreo na batalha de Alcacer em a idade florente de vinte e tres annos: D. Alvaro de Menezes, Pagem da Campainha delRey D. Sebastião, que casou com D. Violante de Tavora, e acompanhando este Principe na jornada de Africa, perdeu a liberdade, e sendo a ella restituído lhe deu o Cardeal D. Henrique, em premio dos seus serviços, os bens da Coroa, que foraõ de seu irmão; casou com D. Violante de Tavora, filha de D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira: D. Pedro de Menezes, que desprezando as esperanças, com que o lisonjeava o Mun-

## 92 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

do, se recolheu em idade de quinze annos à Religião dos Eremitas de Santo Agostinho, onde mudando o nome de Pedro em Aleixo, servio de exemplar aos mais Religiosos, cultores do seu Estatuto. Elevado à Mitra Primacial de Goa, reformou os abusos, que inficionavaõ as suas ovelhas, e reduzio ao gremio da Igreja Romana os antigos Christãos de S. Thome, que vagavaõ cegos com o scisma dos erros de Alexandria. Da Mitra de Goa passou à de Braga, illustrando com as luzes das suas exemplares acções o Oriente, e Occidente. Além destes tres filhos, teve D. Aleixo de Menezes duas filhas, D. Beatriz, que morreo na infancia, e D. Mecia, que casou com D. Luiz Coutinho, quarto Conde de Redondo, sendo taõ illustre descendencia a immortal coroa de taõ insigne Heroe.

Elogio de D. João Pereira,

67 Neste anno pagou o inevitavel tributo de mortal, merecendo mayor duraçaõ, D. João Pereira, filho de D. Francisco Pereira, Comendador do Pinheiro de Azere, Védor do Infante D. Luiz, e Embaixador em França, e Castella; e de sua segunda mulher D. Francisca da Guerra, filha de Alvaro de Carvalho. Foy ornado de todas as partes dignas do seu nascimento, principalmente na Arte da Cavallaria, em que era igualmente destro, e ayroso, como mostrou sendo hum dos Guias das Cavalladas, que em Lisboa no anno de 1565 se fizeraõ, em applau-

applauso dos Desposorios da Serenissima Senhora D. Maria , com o Duque de Parma Alexandre Farnesi. Casou com D. Guiomar de Castro , filha de D. Pedro de Noronha , Senhor de Villa-Verde , de quem teve descendencia.

68 Tambem foy despojo da parca em Lisboa , onde tivera o berço , o insigne Doutor Antonio Ferreira , Fidalgo da Casa Real , Desembargador da Casa da Supplicação. Foy filho de Martim Ferreira , Cavalleiro da Ordem de Santiago , Escrivão da Fazenda do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, e de Mecia Froes Varella. Desde a primeira idade cultivou a Poesia , sendo hum dos mais canoros Cisnes do Parnasso Portuguez , em cuja metrificacão se admiraraõ unidas a profundidade dos conceitos com a affluencia das vozes. A laboriosa applicação de Ministro lhe não embaraçou o commercio com as Musas , reformando muitas Obras produzidas no verdor dos annos , para instrucção da vida moral, e politica. Jaz sepultado no Cruzeiro do Convento do Carmo de Lisboa , e sobre a sua sepultura estaõ gravados hum Epitafio Portuguez , e hum Epigramma Latino , que declaraõ o caracter da sua pessoa. Por diligencia de seu filho Miguel Leyte Ferreira , se fizeraõ publicos os seus Poemas.

Elogio do Doutor Antonio Ferreira.

CAPÍ-

## C A P I T U L O XII.

*Empenha-se Philippe Prudente casar a seu sobrinho El Rey D. Sebastião com a Infanta de França Margarida de Valois. Repugna à conclusão destes desposorios a Rainha D. Catharina, e se relata o que se obrou nesta negociação, que não teve effeito.*

1569

69 **S**Endo inexcrutaveis à comprehensão humana as disposições da Divina Providencia, nunca se fizeram tão patentes aos nossos olhos, do que quando para total ruina desta Monarchia, permittio, que se não effeituasse o casamento del Rey D. Sebastião, por tantas vezes intentado, e nunca concluido. Frustradas as diligencias, que se applicaraõ para esta negociação em os annos de 1562, e 1566, das quaes fizemos particular memoria, se empenhou Philippe Prudente, a cujo cuidado estava comettida a conclusão deste negocio, que se desposasse o nosso Principe com sua prima a Archiduqueza D. Isabel, filha segunda do Emperador, e não com Madama Margarida de Valois; e como este era o desejo da Princeza D. Joanna de Austria, e da Rainha D. Catharina, mãy huma, e outra avò del Rey D. Sebastião, como tambem da Archi-

Determina-se, que case El Rey D. Sebastião com a Archiduqueza de Austria.

Archidukeza, querendo preferir o thalamo de Portugal ao de França, se determinou com geral alegria de todos, que com esta Princeza se celebrasse tão soberano conforcio. Alterou toda esta determinação a intempestiva morte da Rainha de Castella D. Isabel de Valois; porque chegando a Pariz esta infauſta noticia, logo mandou seu irmão Carlos IX. a Castella ao Cardeal de Guisa, para dar os pezames a seu cunhado Filippe Prudente; e como este Principe estava igualmente despojado da esposa, e de successor para a Coroa, por lhos ter roubado a morte em o mesmo anno; propoz para nova consorte a sua irmãa Margarida de Valois, confiando desta alliança, que sempre teria por auxiliares as Armas de Helpanha contra os Hugunotes, que naquelle tempo fortemente vexavaõ a Monarchia Franceza.

*Cabrera Hist. de Filip. II. liv. 8. cap. 11.*

*Propoem Carlos IX. de França para esposa de Filippe Prudente a sua irmãa Margarida de Valois.*

70 Proposto por Carlos IX. o casamento de sua irmãa com ElRey de Castella, se deliberou a promover o da sua pessoa com a Archidukeza de Austria D. Anna, filha mais velha do Emperador, mandando-lhe significar pelo seu Embaixador, o Conde de Fiesco, assistente na Corte Imperial, ficando reservada para esposa do nosso Principe a Archidukeza D. Isabel. Não agradou ao Emperador a proposta delRey de França, pois queria, que sua filha D. Anna casasse com ElRey de Castella; e para que se effectuasse,

*Intenta Carlos IX. casar com a filha mais velha do Emperador.*

*Prefere o Emperador o casamento de Castella ao de França.*

## 96 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

tuasse, escreveu a Ruy Gomes da Sylva, e ao Cardeal Espinosa; e a Emperatriz a Luiz Venegas de Figueiroa, para que Filippe preferisse o casamento de Alemanha ao de França, por lhe ser mais conveniente ter por alliados os Alemães, que os Francezes, para os interesses de Flandes, e Italia.

Casa El Rey de Castilla com a filha primeira do Emperador, e com a segunda El Rey de França.

Determina-se, que case o nosso Principe com a Infante de França.

71 Aceitou Filippe a proposta do Emperador, como tão util às conveniencias da sua Monarchia, casando com sua sobrinha a Archiduezza D. Anna; e para satisfazer o Emperador à supplica de Carlos IX. lhe deu por consorte a sua filha segunda D. Isabel: e como esta se tinha destinado para esposa do nosso Principe, se resolveo, que em seu lugar casasse com El Rey D. Sebastião a Infanta de França Margarida de Valois. Não causou pequena consternação em a nossa Corte a mudança, que se fizera em o casamento del Rey D. Sebastião; porque ainda que a Infanta Margarida foy a primeira, que os nossos Ministros elegerao para esposa do nosso Principe, e fosse no esplendor do nascimento igual à Archiduezza de Austria D. Isabel, com tudo como esta Princeza, e não aquella fora ultimamente eleita para consorte do nosso Monarca, devia Filippe Prudente, antes de se executar esta mudança, saber do nosso Principe, se era do seu agrado receberse com a Infante de França. A Rainha D. Catharina, que estava summamente empe-

empenhada em que seu neto se alliasse com a Casa de Austria, estranhou com grande excessão o modo, que nesta negociação praticara seu irmão, o qual para se justificar em materia de tantas consequencias escreveu a El Rey, e à Rainha as Cartas seguintes.

„ Señor. A la Reina mi Señora escrivo  
„ muy larga, y particularmente, lo que se ofre-  
„ ce sobre el casamiento de V. A. que por ser  
„ materia desta calidad me ha parecido mas con-  
„ veniente tratarla con Su Alteza, y por su me-  
„ dio, como madre, y Señora de todos; y pues  
„ ella lo ha de comunicar a V. A. nõ sera menes-  
„ ter, que yo lo repita, sinò remetirme a aquel-  
„ lo, y dizir solamente, que pues V. A. sabe lo  
„ mucho, que le amo, y estimo, puede, y de-  
„ ve tener por muy cierto, que en lo que hasta  
„ agora se ha tratado, y en lo que de nuevo se  
„ propone, mi principal fin, y cuidado ha sido,  
„ y es procurar, y endereçar el beneficio de V. A.  
„ y su descanso, y contentamiento, teniendo  
„ particular cuenta con su autoridad, y reputa-  
„ cion, y que deseo mucho, que assi como mi  
„ instruccion, y voluntad neste negocio es muy  
„ buena, y muy endereçada al servicio de Nues-  
„ tro Señor, y al bien de V. A. assi se acierte en  
„ los medios para lo guiar, y traer al efecto, que  
„ conviene, que es lo que todos le deseamos, y  
„ procuramos, y nello harè yo hasta dexarlo al  
Tom.III. N „ cabo,

Carta del Rey de Castilla para  
o nosso Principe, copiada do  
Original.

## 98 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„cabo , quanto em mi fuere con amor , y cui-  
 „dado de muy verdadero padre , y espero en  
 „Dios , de cuya mano ha de proceder todo , que  
 „lo ha de encaminar de manera , que el quede  
 „muy servido , y V. A. y todos muy contentos.  
 „El lo aya , y guarde la muy Real Persona de  
 „V. A. como deseo. De Madrid postrero de  
 „Hebrero de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta del Rey de Castilla para  
 a Rainha D. Catharina , co-  
 piada do Original.

„Señora. No he escrito a V. A. ni respon-  
 „dido a su Carta de tres de Mayo en lo del ca-  
 „samiento del Señor Rey mi sobrino , porque  
 „cierto me ha tenido este negocio en mucho cui-  
 „dado , y nõ con poca perplexidad deseando tan-  
 „to por una parte el efecto de lo que estava tra-  
 „tado , y haviendo ocurrido por otra tales nove-  
 „dades , que lo impiden , que ha sido menester  
 „tiempo para mirar bien lo que conbiene , y po-  
 „der advertir a V. A. y al Señor Rey mi sobri-  
 „no de todo lo que en este caso ay que confide-  
 „rar , para que V. A. como madre , y Señora de  
 „todos guie , y encamine con su mucha pruden-  
 „cia , y cristiandad aquello que mas convenga al  
 „servicio de Dios , y beneficio publico , y al  
 „contentamiento , descanso , y autoridad del Rey  
 „mi sobrino , que yo tanto deseo ya que tengo  
 „muy principal fin , y nõ me ha parecido repe-  
 „tir



„tir aqui a V. A. lo que neste negocio desde su  
„principio ha passado, ni los fines, y conside-  
„raciones, y particularmente a mi sustancia se  
„tuvieron, para que se dexasse la platica de Fran-  
„cia, y se trattasse lo de la Princeza Isabel mi  
„sobrina, ni lo de mas, que en el processo desto  
„ha havido hasta la partida del Archiduque de  
„Alemania, pues de todo tiene V. A. tan parti-  
„cular noticia, y tan fresca memoria, y assi tra-  
„tarè solamente de lo que despues ha passado,  
„y se ofrece. Al tiempo que partiò de allà, le  
„diò el Emperador entre otras cosas las instruc-  
„ciones, comissionses, y memoriales, que en lo  
„de los casamientos dela Princeza Anna con El-  
„Rey de Francia, y de la Princeza Isabel con  
„El Rey mi sobrino me embiava con orden,  
„que me las diese, y me hablasse de su parte pa-  
„ra que se pudiesse proseguir, y llebar adelante  
„lo tratado. Llegado aqui el Archiduque de-  
„pues de haverme hablado en otros negocios, me  
„dixo, que trahia orden de hablarme en esto,  
„era antes que el Emperador supiesse la mudan-  
„ça, que a cà avrà auido, pero que con ella nõ  
„me quiera hablar en este particular de los casa-  
„mientos hasta tener nueva orden suya; y des-  
„pues de algunos dias me diò las dichas sus co-  
„misiones, y instrucciones en que espresamente  
„le ordena el Emperador, que no se passasse ade-  
„lante en el casamiento de la Princeza Isabel con

„ El Rey mi sobrino , sin que primero estubiesse  
„ con olvido de la Princeza Anna con El Rey de  
„ Francia , y como està yà dicho , al tiempo de  
„ su partida de Alemania , el Emperador nõ ru-  
„ viesse entendido el nuevo suceso del falleci-  
„ miento de la Reina , que està en gloria , resul-  
„ tando desto tal novedad , que avrà puesto las  
„ cosas en tan diferentes terminos , que podian  
„ causar mudança en la voluntad , y determina-  
„ cion del Emperador cerca de la disposicion de  
„ sus hijas , nõ me pareció , que yo podia justa-  
„ mente usar de ninguna de las dichas comissio-  
„ nes , ni pasar adelante en el negocio , sin tornar-  
„ selo a comunicar , o tener otro aviso de su vo-  
„ luntad despues deste suceso ; tanto mas avien-  
„ do el Emperador antes , y agora ultimamente  
„ declarado , y dado orden expressa de que en to-  
„ do caso se avrà de efectuar lo de la hija mayor ,  
„ antes que se procediesse a lo de la segunda co-  
„ mo he yà dicho , que lo avrà entendido del Ar-  
„ chiduque ; y sobre este fundamento , de que  
„ era necessario comunicarselo primero , y tener  
„ su aviso , se respondió al Archiduque , y en  
„ la misma conformidad al Cardenal de Guisa ,  
„ que ha venido aqui por El Rey de Francia , y  
„ hazia instancia sobre su casamiento con la Prin-  
„ ceza Anna , y por lo que despues desto , y de  
„ aver entendido el Emperador , y Emperatriz  
„ mis hermanos la novedad , y suceso se ha ef-  
„ crito

„ crito a la Princeza mi hermana , y a mi , y al  
„ Archiduque , ha resultado moverse la platica,  
„ y trato en lo del casamiento de la Princeza An-  
„ na , como de mas de lo que de allà se ha escri-  
„ to , se me ha por el Archiduque propuesto , y  
„ con esto juntamente se le embiò orden , que  
„ suspiendesse el passar adelante en lo de la Prin-  
„ ceza Isabel: aviendose pues venido a este termi-  
„ no , y intervenido la novedad , que en el ay ,  
„ quisiera yo mucho se pudiera escusar el tratar-  
„ se de mi casamiento ; porque de mas que con  
„ esto cessarà el impedimento , que resulta el efe-  
„ cto de lo que estava tratado , fuera muy con-  
„ forme a mi voluntad , y a mi particular con-  
„ tentamiento ; mas en esta parte V. A. poderà  
„ considerar , hallandome yo con tan poca suce-  
„ sion , y ninguna de varòn , la obligacion , que  
„ tengo a mis Reynos , y Estados , y como po-  
„ dera satisfacer a la instancia , que yà se me ha  
„ comenzado a hazer , y harà sobre esto , ni apar-  
„ tarme por mi contentamiento proprio destas  
„ obligaciones , y del comun parecer , y consen-  
„ timiento de todos , y nò se pudiendo escusar  
„ esto lo de la Princeza Anna , que se me ha  
„ propuesto , allende de ser tan conbeniente en  
„ todas consideraciones , y de tanta satisfacion ,  
„ y contentamiento a sus padres , y a que yo con  
„ tanta razon devo mas inclinar , viene a ser ne-  
„ cessario , porque en lo de Madama Margarita  
„ her-

„hermana del Rey de Francia , quando de Su  
 „Santidad se pudiera obtener dispensacion , que  
 „entiendo nõ la daria , tengo yo por tan escru-  
 „pulofo el casar con dos hermanas , que en nin-  
 „guna manera pudiera assegurar , ni aquietar mi  
 „conciencia , ni concurrir en tal cosa ; desta mu-  
 „dança en lo de la Princeza Anna viene el ne-  
 „gocio a reduzirse a terminos , que o ha de que-  
 „dar de todo escluso El Rey de Francia destos  
 „matrimonios , o se ha de hazer tambien mudan-  
 „ça en lo tratado de la Princeza Isabel para le  
 „poder satisfazer ; y aun que en otro tiempo , y  
 „estado de cosas el quedar El Rey de Francia es-  
 „cluido , y ofendido nõ fuera de tanta considera-  
 „cion , en el que al presente se hallan las de aquel  
 „Reyno , y Rey , lo es tan grande , que nos  
 „obliga a todos los Príncipes , que somos Chris-  
 „tianos , y Catholicos a mirar mucho en ello ,  
 „y a prevenir , y escusar los inconvenientes , que  
 „de aqui pueden nacer ; siendo assi como està en-  
 „tendido , que escluido el dicho Rey de Francia  
 „de casar con alguna de las dos hijas del Empe-  
 „rador , y nõ aviendo por el presente , segun  
 „los fines , y designios , que tienen , otra cosa a  
 „su proposito ni a que indinarian , con razon se  
 „teme seria persuadido , y atraydo en esta oca-  
 „sion por los malos , que con mucha sollicitud lo  
 „procuran en su Reyno a que casasse em Alema-  
 „nia como se ha antes de agora tratado , y movi-  
 „do,

„do, de que assi mismo resultaria el concertarse  
„con los hereges de su Reyno, lo qual seguien-  
„dose, se acabaria de perder la religion con tan-  
„ta ruina, y daño de la Cristiandad dentro, y  
„fuera del, como se vè, y ninguna escusa pode-  
„riamos tener acerca de Dios, y del Mundo los  
„que huviésemos sido desto causa, o pudiendo-  
„lo remediar nõ lo huviesemos hecho; y como  
„con esto juntamente yo aya considerado, que  
„la platica del casamiento del Señor Rey mi so-  
„brino en Francia nõ se avrà dexado, porque  
„a que nõ fuesse en edad, calidad, autoridad,  
„y otras consideraciones conveniente, sinò por  
„otros fines concernientes al beneficio de todos,  
„por entonces se tuvieron, los quales han cessa-  
„do, y mudados la novedad, y el suceſso, y  
„estado de las cosas, y que tornandose agora a  
„encaminar, y concluyendose juntamente lo de  
„los matrimonios de las dos hijas del Emperador,  
„como està apuntado, vendria de aqui a resultar  
„una union, hermandad, amistad, y conformidad  
„entre todos nos otros, que assi para lo de la reli-  
„gion, autoridad, y obediencia de la Iglesia Ca-  
„tholica, y beneficio publico de la Cristiandad,  
„como al particular de nuestros Estados, tanto  
„importaria, y tambien estaria, y estoy tan sa-  
„tisfecho, y persuadido, que esto es lo que ver-  
„daderamente nos conviene, y lo que somos to-  
„dos obligados a encaminar, que nõ dudo, que  
„V.

„ V. A. y el Señor Rey mi sobrino con el zelo,  
„ que tiene al servicio de Dios , y beneficio pu-  
„ blico ; y entendiendo con su prudencia lo que  
„ esto importa , y conviene , concurrirán en lo  
„ mismo. De mas de lo qual me ha parecido ad-  
„ vertir a V. A. que del Emperador com mucho  
„ fundamento , y por diversas vias se entiende , y  
„ a lo que va endereçada la prevencion , que ha  
„ hecho el Archiduque para que suspenda la pla-  
„ tica de lo que toca a la Princeza Isabel , se tie-  
„ ne por cierto , que efectuandose lo que de nue-  
„ vo ha movido en lo de mi casamiento , hará  
„ mudança en el de la Princeza Isabel , y con-  
„ currirá en lo de Francia ; y que esto es de ma-  
„ nera , que de las diligencias , que se hiziesen  
„ insistiéndolo en el efecto de lo tratado nó resul-  
„ taria otro fruto sinò aver metido mas prendas ,  
„ y mas autoridad , y nó salir con ello , la qual  
„ autoridad , y beneficio del Rey mi sobrino yo  
„ procuro por todas vias reservar , y salvar ; y  
„ así el mudar de consejo , de más de la conve-  
„ niencia , viene a ser necesario , y sobre el di-  
„ cho presupuesto , y entendiendo , que esto en to-  
„ do caso conviene así , y pareciendome ser neces-  
„ sario hilo desde luego disponiendo , y prendan-  
„ do en la repuesta , que ultimamente se ha dado  
„ al Archiduque se le ha así declarado , y en la  
„ misma conformidad al Cardenal de Guisa , y  
„ con ella mismo escrivo al Emperador , y Em-  
„ peratriz

„peratriz mis hermanos para que todos entien-  
„dan , que estos casamientos dependen los unos  
„de los otros, y que nõ se pueden efectuar, ni  
„proceder en ellos apartandolos, y haziendo con-  
„dicion de los demàs, el del Señor Rey mi so-  
„brino; y nesta declaracion assi anticipada se ha  
„tenido fin a que Francezes dexandoles su negocio  
„con generalidad, y suspension nõ se precipitassen  
„como se podria temer de su condicion, y del  
„caso, y de la solitud, y diligencia con que  
„allà se procede, y para que assi mismo el Em-  
„perador nõ se fuesse prendando con ellos sin  
„nuestro consentimiento, y intervencion; y por-  
„que me ha parecido, que a la autoridad del-  
„Rey mi sobrino, con que yo tengo tanta cuen-  
„ta, y traça salia a cà de nos otros ambos, y  
„que nõ procedia dellos, y que nace de nuestra  
„voluntad, y que nõ se contraviene a lo tratado  
„sin ella, la qual prevencion se ha a cà juzgado  
„por muy combeniente, y por tal espero que la  
„juzgarà V. A. y el Rey mi sobrino; y porque  
„pudiera ser impedimiento para esto del casamien-  
„to de Madama Margarita con el Señor Rey lo  
„que por algunos nõ se ha dexado de apuntar,  
„y mover, el tratarse el del Principe Rodolpho  
„mi sobrino con ella; para que en esto nõ aya  
„estorvo, escrivo de nuevo a sus padres, passan-  
„do muy adelante en el casamiento, que yà ave-  
„mos comenzado a tratar de la Infante D. Isabel

Tom.III.

O

„ mi

„mi hija con el dicho Principe, el qual sin duda  
„ellos antepondrán a todos los de mas, y con  
„esto, y con lo que se ha declarado a todas las  
„partes, para que entiendan, que nõ se puede  
„venir a efecto de ninguno de los otros matrimo-  
„nios, sin que se concluya el del Rey mi sobri-  
„no, quedará todo allanado, y en la disposi-  
„cion, que conviene para procederse a la con-  
„clusión de lo que le toca, de lo qual todo he  
„querido dar tan particular cuenta a V. A. co-  
„mo a madre, y Señora de todos, para que  
„sepa el progreso, que esto negocio ha tenido  
„hasta agora, y el estado en que queda, y lo  
„pueda declarar, y comunicar El Rey mi sobri-  
„no, y el Señor Cardenal mi tio; porque a Sus  
„AA. escrivo breve, remitiendome a esta, pues  
„es todo una cosa, y todos vamos a un fin, que  
„es procurar lo que cùmples al Rey mi sobrino,  
„cuya autoridad, y reputacion tengo yo por tan  
„propia, que con razon puede estar assegurada  
„V. A. que he mirado por lo que le toca con  
„tanta atencion, y cuidado, como si fuera mi  
„hijo, y que assi se deven de persuadir Vuestras  
„AA. que el camino, que se ha tomado, es el  
„que nos conviene a todos, y como tal le con-  
„tinuarè, y procurarè de traer a efecto, avida  
„su voluntad, y repuesta, que la esperarè con  
„deseo, y será para mi de grandissima satisfacion,  
„y contentamiento entender, que desto le tienen  
Vuef.



„Vuestras AA. como espero , que le teràn , fa-  
„biendo el animo , amor , y respecto con que  
„yo procedo en sus cosas , que las guie , y en-  
„derece Nuestro Señor , y guarde la muy Real  
„Persona de V. A. como deseo. De Madrid pos-  
„trero de Hebrero 1569.

Hijo , y Servidor de V. A.

YO ELREY.

72 Não foraõ bastantes estas razões politicas, que Filippe Prudente allegou na sua Carta , para serenar o animo da Rainha D. Catharina , sempre inclinado ao casamento de seu neto com a Archiduqueza de Austria; antes lhe respondeo arguindo-o de que fosse medianeiro de hum casamento , que sempre impedira , principalmente sem primeiro participar ao nosso Principe , se era conforme ao seu gosto , por ser preciso saber com anticipação a vontade de quem o contrahia : e o que era mais , com huma Coroa , de que esta Monarchia tinha recebido alguns aggravos , dos quaes nunca dera a devida satisfação. Tudo se expressava na Carta seguinte.

Naõ satisfaz à Rainha D. Catharina esta resposta delRey de Castella.

„Senhor. Por D. Fernando Carrilho rece-  
„bi a Carta de V. A. do derradeiro do mez pas-  
„sado , e com ella a que vinha para o Senhor  
„Rey meu neto , que logo dey a S. A. e lhe re-  
„feri , e communiquey tudo o que V. A. por  
Tom.III. O ii „esta

Carta da Rainha D. Catharina para ElRey de Castella.

„ esta sua Carta me offerencia àcerca destes casa-  
 „ mentos , nos quaes pelo que toca à Christan-  
 „ dade , e ao serviço della , não ha que dizer ,  
 „ senão , que Deos que assim o ordenou , e para  
 „ virem a estes termos , quiz , que procedessem  
 „ tantas cousas , como temos visto , quererá , e  
 „ será servido serem para bem da mesma Christan-  
 „ dade , e para outros grandes seus serviços : que  
 „ em tal estado está ella , por nossos peccados ,  
 „ que muito convém , não sómente obedecer , e  
 „ confirmar no succedimento das cousas com sua  
 „ vontade ; mas ordenar as obras proprias , para  
 „ com ellas lhe merecer , o que só della se pó-  
 „ de esperar em remedio , e beneficio da mesma  
 „ Christandade. E ainda que no do Senhor Rey  
 „ meu neto , V. A. se movesse pelas causas que  
 „ aponta , toda via , como quem com tanta ra-  
 „ zão tem o nome , que V. A. lhe poem , não  
 „ poderey deixar de lhe dizer , que fora cousa  
 „ muy acertada proceder V. A. neste seu casa-  
 „ mento com outro modo devido a todos , e ne-  
 „ cessario ao que V. A. pertendia ; porque ainda  
 „ que os fundamentos de V. A. fossem os que  
 „ diz , e o que de V. A. e de seu amor só deve  
 „ querer , e esperar , para com o Senhor Rey meu  
 „ neto , toda via , muitas vezes acontece o mo-  
 „ do das cousas damnificar a substancia dellas ,  
 „ mórmente neste casamento , que ainda que V. A.  
 „ me diga , que se aquelle mesmo , que S. A. e  
 „ seu

„ seu Conselho approva por devido , e necessario  
„ ao bem , e socego dos seus Reynos , toda via,  
„ da parte de V. A. he aquelle , que V. A. rep-  
„ provou , e em que tantas razoens me deu , e  
„ escreveo , e tantas mandou apontar a S. A. por  
„ D. Francisco Pereira , para o naõ dever aceitar,  
„ e S. A. podendo dar muitas em contrario , af-  
„ sim se persuadio , do que lhe V. A. nisso man-  
„ dou pedir , e do que a Senhora Princeza sua  
„ mãy lhe mandou dizer , que quiz antes confor-  
„ mar a sua vontade com a de Vossas AA. que  
„ passar mais adiante naquella materia , parecen-  
„ do-lhe , que devia mais ao respeito , que V. A.  
„ e a sua mãy era razaõ , que tivesse com suas  
„ cousas , que ao bem que se entendia poder pro-  
„ ceder deste casamento a ellas , vendo tambem,  
„ que se perdia mulher , cobrava por mulher , a  
„ que lhe V. A. dava com aquelle nome de filha  
„ sua , que foy o dote principal ; e porque se per-  
„ suadio a ter disso o contentamento , que era  
„ razaõ , pois ser filha do Senhor Emperador naõ  
„ bastava para os fins , que os Reis tem em seus  
„ casamentos , e que S. A. a tinha neste seu ,  
„ posto que ser sua filha era parte muito grande,  
„ e para muito se satisfazer , e claro está , que es-  
„ te modo de proceder com V. A. pedia outro  
„ semelhante na substancia , e no mesmo modo ;  
„ porque , Senhor , como V. A. sabe , he tania-  
„ nha cousa casar , principalmente nos Reis , que  
„ se

110 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ se não póde esta materia guiar , senão com a  
 „ vontade primeiro sabida : e tanto he isto , que  
 „ ainda o pay com o proprio filho , a que tão  
 „ devida he a obediencia nas cousas , só no casa-  
 „ mento pertende primeiro , que tudo saber sua  
 „ vontade , e assim o quer Deos nas semelhantes  
 „ cousas ; e posso affirmar a V. A. que me deu  
 „ tanto cuidado , e trabalho esta sua Carta , que  
 „ o poderia mal acabar de dizer a V. A. porque  
 „ sentia poderse com razão dizer , que devera  
 „ V. A. ter nesta materia , e no proceder della  
 „ outro modo com o Senhor Rey meu neto , e  
 „ sentia o que depois de lhe fallar , e dar conta  
 „ do negocio mais claramente vi , que he resen-  
 „ tirse d'elle muito : mas como a materia he de  
 „ Deos , e em tanto beneficio universal da Chris-  
 „ tandade , considerando o perigoso estado della ,  
 „ e os intentos de V. A. quiz S. A. persuadir-  
 „ se das razoes , que V. A. lhe manda dar , e  
 „ confiar , que no que toca a elle V. A. não dei-  
 „ xaria de ter as considerações , que convém ao  
 „ bem de seus Reynos , pelo qual sómente casava  
 „ em França , casava em Alemanha , e agora quer  
 „ tornar a casar na mesma França , e pelo que  
 „ se lhe devem tamanhos louvores , como V. A.  
 „ póde julgar , da qual cousa he de esperar de  
 „ Nosso Senhor , que pois S. A. assim se dispoem ,  
 „ e se entrega à sua vontade nisto , lhe dará em  
 „ todas as cousas tantos , e tão bons successos , e  
 „ com

*Parte III. Livro I. Cap. XII.*    **III**

„com tanta felicidade, e prosperidade, que com  
„razaõ possa S. A. e todos seus vassallos ter o  
„contentamento, que se deve esperar; e por-  
„que este he o seu intento, e a sua confiança,  
„para com V. A. está muy certa, e segura, naõ  
„lhe parece dever nesta materia dizer mais, que  
„esperar, e ter por muy certo tudo o que V. A.  
„nesta minha Carta se offerece fazer; mas eu pe-  
„la obrigaçaõ, que tenho a ambos, pois ambos  
„saõ filhos, direy a V. A. o que nesta materia  
„se me offerece. Diz-me V. A. que procedeo  
„nesto negocio da maneira, que o fez; porque  
„queria que este casamento do Senhor Rey meu  
„neto sahisse juntamente com o de V. A. e com  
„o del Rey de França, por lhe parecer assim mais  
„authoridade do Senhor meu neto; isto muy  
„bem me parece, e assim era razaõ que o V. A.  
„considerasse: mas desejo saber, se se lembrou  
„V. A. quando disto tratou, do que convém,  
„que o Senhor Rey meu neto queria, que se  
„lhe faça de França, quando nella houvesse de  
„casar, assim em dote, como em condições,  
„do que convém à perpetuaçaõ, e conservaçaõ  
„de suas demarcações, commercios, e conquif-  
„tas, sobre que tantas cousas saõ passadas, e que  
„tanto tem custado à Coroa destes Reynos, o  
„que foy, e será sempre, em quanto se naõ to-  
„mar nisto assento, e resoluçaõ, materia princi-  
„pal de discordia entre estes Reynos, e os de  
„Fran-

## 112 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ França, e em que o assento dellas bom, ou  
 „ máo, parece que importa a V. A. pelo que  
 „ toca às suas, como à S. A. sendo esta materia  
 „ tão huma com a outra, e requerendo-se por  
 „ parte dos Francezes tanta consideração, e in-  
 „ dustria para se com elles negociar, e tantos pe-  
 „ nhores, e obrigações para se delles confiar, e  
 „ por muy certo tenho, que não poderia cousa  
 „ de tamanha importancia esquecer a V. A. nem  
 „ deixaria passar occasião propria de se melhor  
 „ poder mover, e tentar; e tambem confio, que  
 „ lhe não esqueceria o caso da Ilha da Madeira,  
 „ no qual até hoje tão pouca satisfação El Rey de  
 „ França tem dado a S. A. que he ponto com  
 „ tudo o mais, que neste casamento de França  
 „ he passado, do que particularmente se deu con-  
 „ ta a V. A. como era razão, para se dever pon-  
 „ derar na honra de S. A. poderse entender, e  
 „ ver, que estando as cousas nestes termos, e sen-  
 „ do elle o que espera dellas a satisfação, se trata  
 „ deste seu casamento, como se elle o pedisse,  
 „ ou desejasse, que he tambem outro ponto mui-  
 „ to substancial para V. A. muito considerar, e  
 „ advertir, endereçando o negocio por tal ma-  
 „ neira, pois de outra não poderia bem ser, que  
 „ se commetta ao Senhor Rey meu neto este ca-  
 „ samento por parte de França, e assim endere-  
 „ çar V. A. o proceder nisto, que a honra, e au-  
 „ thoridade de S. A. da qual V. A. mostra ter tan-  
 „ ta

„ta lembrança, não corra algum perigo. Far-me-  
„ha V. A. muy grande merce considerar bem es-  
„tas cousas; porque pois por seu respeito se mo-  
„vem, se aceitaõ, e recebem; de tamanha obri-  
„gaçaõ he a V. A. o modo de as tratar, practi-  
„car, e ordenar, lembrando-se tanto, como he  
„razão, em quanto V. A. está ao Senhor Rey  
„meu neto neste negocio, e quaõ justo he, que  
„pois se desfez o casamento daquella Princeza,  
„que V. A. tantas razoens apresentou como fi-  
„lha propria, que lhe lembre, que he razão,  
„que trate destoutro, como de casamento de fi-  
„lho proprio, ajuntando a isso a honra, que a  
„V. A. se segue, e à obrigaçaõ della, que o  
„obriga procurar V. A. de ser ainda melhor, se  
„melhor pôde ser; e não sómente entendo, que  
„a tem V. A. para o fazer da maneira, que di-  
„go nas cousas de França, mas ainda nas que  
„for necessario, que de V. A. se queiraõ; e fal-  
„lo taõ claro nesta materia a V. A. porque he  
„ella tal, que erraria muito a mim, e ao que  
„devo a V. A. e ao Senhor Rey meu neto, se  
„com esta clareza a não tratasse, e se nella não  
„lembrasse a V. A. que este he só o descanso, e  
„a consolaçaõ, que nesta vida posso ter. Espero  
„em Nosso Senhor poder ser isto assim; e tam-  
„bem espero em V. A. que o que destas cousas  
„posso de V. A. prometter a mim mesma, e pro-  
„metter a todos, V. A. nos satisfaça taõ inteira-

## 114 *Memorias del Rey D. Sebastião*

„mente como o deve a si, e aos termos, em que  
„as cousas estão, e o eu mereço a V. A. pois  
„foy servido ser eu o meyo, por onde ellas cor-  
„ressen. Nosso Senhor guarde a muy Real Pes-  
„soa de V. A. como eu desejo. Dalmeirim a  
„XIII. de Março de 1569.

### RAINHA.

Pede ElRey de Castella ao  
nosso Principe mande poder  
para se affinar o contrato ma-  
trimonial.

73 Como Philippe Prudente se constituiu ar-  
bitro absoluto do casamento de seu sobrinho D.  
Sebastião, ainda que reconhecia serem justifica-  
das as razoes, que nesta Carta lhe representou  
sua irmã D. Catharina, tendo mandado pedir  
a Carlos IX. poder para que o seu Embaixador  
assistente em Madrid affinasse o contrato matrimo-  
nial de Madama Margarida com o nosso Princi-  
pe, lhe escreveo, para que tambem mandasse  
ordem a D. Francisco Pereira, Embaixador da  
Coroa Portugueza em Castella, para affinar em  
seu nome as escrituras dos desposorios com a In-  
fanta de França, da qual lhe pedia fizesse Mor-  
domo mór a D. Francisco Pereira, por ser dig-  
no de lugar tão honorifico. Tambem se empe-  
nhou a Princeza D. Joanna pedindo a ElRey  
D. Sebastião, com ternura de mãy, que não  
dilataste a conclusão do seu casamento, em que  
estava interessada a authoridade de seu irmão; o  
que tudo se comprehendia nas Cartas seguin-  
tes.

„Se-



*Parte III. Livro I. Cap. XII. 115*

„ Señor. He recebido la Carta de V. A. Carta del Rey de Castilla para o nosso Principe, copiada do Original.  
„ de 17 del passado, y con mucha razon fia de  
„ mi V. A. lo que toca a su casamiento, pues  
„ yo procuro de mirarlo, y endereçarlo con el  
„ mismo amor, y cuidado, que si V. A. fuera  
„ mi hijo, pues le tengo por tal; yo tuve del  
„ Emperador la repuesta, que V. A. entenderà  
„ de la Reina mi Señora, y de D. Hernando  
„ Carrillo, y lo que en conformidad della he es-  
„ crito a Francia; quiziera agora, que V. A.  
„ embie su poder para que venido el de Francia  
„ se acabe de tratar este negocio como conviene,  
„ y yo lo deseo, que desta manera serà a mucha  
„ satisfacion de V. A. la qual le dè siempre Nues-  
„ tro Señor, y guarde la muy Real Persona de  
„ V. A. como deseo. De Madrid a 18 de Julio  
„ de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

„ Señor. De mas de lo que escribo a V. A. Outra Carta del Rey de Castella para D. Sebastião, copiada do Original.  
„ sobre el negocio de su casamiento, he queri-  
„ do advertir a V. A. por lo que le quiero, y  
„ deseo su contentamiento, que segun lo que ten-  
„ go conocido de D. Francisco Pereira, y del  
„ amor, cuidado, y diligencia, con que le he vi-  
„ to servir a V. A. todo el tiempo, que aqui ha  
„ residido, me parece, que seria muy proprio pa-  
„ ra Mayordomo mayor de Madama Margarita,  
Tom.III. P ii „ y a

## 116 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ y a todo el Mundo pareceria muy bien , que  
 „ V. A. le honrasse , y acrescentasse en esta oca-  
 „ sion por remate de sus trabajos , y servicios , y  
 „ le tengo tan buena voluntad , que nõ solamen-  
 „ te lo advierto , sinò que lo pido , y suplico  
 „ muy de veras a V. A. y que teniendolo por bien,  
 „ como lo espero , le nombre V. A. desde luego  
 „ en este oficio , con orden , que a su tiempo ha-  
 „ ya a venir sirviendo a S. A. en este oficio de to-  
 „ da la parte , y onde se huviere de recibir , que  
 „ por lo que deseo , que esto aya efecto , escribo  
 „ a la Reina mi Señora , y al Señor Cardenal mi  
 „ tio , pidiendoles , que lo acuerden a V. A.  
 „ aun que tengo por cierto , que concurriendo  
 „ tan justos respetos , y interueniendo yo en esto,  
 „ sin mucha dificultad le ha de hazer esta mer-  
 „ ced , V. A. cuya muy Real Persona guarde  
 „ Nuestro Señor como deseo. De Madrid a 19  
 „ de Julio de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta da Princeza D. Joanna  
 de Austria para seu filho El-  
 Rey D. Sebastião, copiada do  
 Original.

„ Señor. Pelo que mi hermano , y D. Fran-  
 „ cisco Pereira me han dicho , he entendido lo  
 „ que V. A. respondió a Su Magestad , a lo que  
 „ le avia escrito sobre los poderes , que avia de  
 „ embiar para se acabar de tratar , y concluir su  
 „ casamiento , y nõ puedo dexar de espantarme  
 „ mucho de la dilacion , que V. A. ha querido  
 „ poner

„ poner en este negocio , estando tan adelante ,  
„ y aviendo passado en el todo lo que V. A. tie-  
„ ne entendido , en que podria aver muchos in-  
„ convenientes , si V. A. nõ remedia luego con  
„ hazer lo que mi hermano escribe a V. A. y D.  
„ Hernando Carrillo le pedirà de su parte , pues  
„ aquello es lo que mas conviene , y Su Magest-  
„ tad mira esto con tanto amor , que seguramen-  
„ te puede fiar V. A. del que tendrà mas cuenta  
„ con mirar por su authoridad , y reputacion , que  
„ con otra ninguna cosa ; y porque yo entiendo  
„ que V. A. erraria mucho , si fuesse por otro ca-  
„ mino , pido mucho a V. A. que nõ consienta ,  
„ que aya mas dilacion , sinò que luego embie  
„ el poder a D. Francisco Pereira , como yò es-  
„ pero que V. A. lo harà , visto las razones , que  
„ ay para nõ dilatarlo ; mas yò me vine aqui al  
„ Pardo adonde me he hallado mucho mejor yà ,  
„ bendito sea Dios , libre de calentura , como D.  
„ Francisco escribirà a V. A. a quien guarde Dios  
„ como yo deseo. Del Pardo a VII. de Agosto.

Buena Madre de V. A.

### LA PRINCEZA.

74 Recebidas estas Cartas por El Rey D. Se-  
bastião , posto que os nossos Ministros tivessem  
uniformemente votado , que como na Europa naõ  
havia outra Princeza , casasse elle com a de Fran-  
ça,

## 118 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Resolve-se ElRey D. Sebastião a não mandar procuração para se effectuar o seu casamento.

ça, e prudentemente se dissimulasse a queixa, ainda que justa, na mudança que se fez, da que havia ser consorte do nosso Principe: como elle fosse de animo altivo, e julgasse por offensa a acção, que fizera seu tio, além de que o seu génio era totalmente opposto à conclusão do seu casamento, se resolveo a não mandar procuração, de cujo pernicioso arbitrio foraõ culpados Martim Gonçalves da Camera, e seu irmão o Padre Luiz Gonçalves da Camera, de tal sorte, que ElRey de Castella declarou a seu sobrinho, que havia a ambos por suspeitos em os negocios pertencentes à sua Coroa. Porém esta averção, que ElRey mostrava para se não effectuar o seu casamento, não era regulada pelas maximas da politica, mas por disposição de superior impulso sempre impene-travel ao nosso conhecimento. Esperavaõ os Ministros de Estado, que ElRey cedesse de resolução, que emprendera conformando-se com os votos dos seus Ministros, quando mandou ao Conselho de Estado por Martim Gonçalves da Camera, Escrivão da Puridade, hum papel escrito, e firmado pela sua mão, o qual continha estas palavras.

„ Pelo Reyno porey a vida muitas vezes; e pela  
 „ honra, e pela Fé, porey honra, e vida, e tu-  
 „ do; pelo proveito do Reyno, e meu, não po-  
 „ rey a honra do Reyno, e a minha, pois este  
 „ foy o caminho dos Reys, que a ganharaõ. Hoje  
 „ Domingo, 18 de Setembro de 1569. REY.  
 Des-

Manda ElRey hum papel ao Conselho de Estado, e de que constava.

Destas breves clausulas conheceraõ os Conselheiros, como o animo del Rey estava totalmente alheyo de consentir na conclusaõ do seu casamento, nem mandar procuraçaõ para o seu effeito, como o declarou a El Rey de Castella na Carta seguinte.

„ Senhor. Vi a Carta de V. A. de 19 de „ Julho, e o que de sua parte me disse D. Fer- „ nando Carrilho, beijo as mãos de V. A. pelo „ amor, e cuidado, com que trata minhas cou- „ sas, e desejo que mostra de se effectuarem bem, „ o que eslimo em muito; mas porque não tenho „ visto atégora, o que por parte de França se ha „ de fazer (conforme ao que a Rainha minha Se- „ nhora, e avó em tudo apontou na Carta, que „ sobre esta materia escreveo a V. A. em 13 de „ Março) me parece não haver necessidade por „ agora de mandar meus poderes, como se pe- „ dem, e tenho por certo parecerá o mesmo a „ V. A. pelas muitas razoes, que para isso ha, „ confiando no muito amor, que V. A. me tem, „ e lhe eu mereço, que não se esquecerá em cou- „ sa alguma da obrigaçaõ em que está para fazer „ tudo, o que cumpre a minha authoridade, hon- „ ra, e bem de meus Reynos, como disse a D. „ Fernando Carrilho, e dirá a V. A. D. Francisco „ Pereira, a quem escrevo. Nosso Senhor guar- „ de a muy Real Pessoa de V. A. como desejo. „ Dalcobaça a XIX. de Agosto de 1569.

Carta del Rey D. Sebastião pa-  
ra El Rey de Castella.

REY.

Naõ

## 120 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

75 Não era menos empenhado , que estes Principes sobre a conclusão do casamento do nosso Monarca com a Infanta de França o paternal affecto de S. Pio V. explicado nas elegantes clausulas do seguinte Breve.

*Apost. Epist. Pii V. lib. 3.  
Epist. 51.*

„ Charissime in Christo Fili Noster, salu-  
 „ tem, & Apostolicam benedictionem. Quo in  
 „ statu sit matrimonii tui cum Charissimi Nobis  
 „ in Christo Filii Francorum Regis Christianissi-  
 „ mi Sorore negotium, non solum intelleximus  
 „ ex litteris tuis XXIV. Octobris die ad Nos da-  
 „ tis, sed etiam ex dilecti Filii Oratoris apud Nos  
 „ tui, Maiestatis Tuæ nomine, super eâdem re no-  
 „ biscum habito sermone cognovimus: quia verò  
 „ quemadmodum, & eidem Oratori tuo diximus,  
 „ & aliàs Maiestati Tuæ scripsisse meminimus ex  
 „ tali inter te, & Christianissimum Regem affi-  
 „ nitatis conjunctione magnam ad Rempublicam  
 „ Christianam utilitatem perventuram esse spera-  
 „ mus, id circo totum hoc negotium quam pri-  
 „ mum ex sententiâ confici vehementer in Do-  
 „ mino desideramus. Quamobcausam ad id,  
 „ & antea Maiestatem Tuam semper hortati su-  
 „ mus, & nunc quoque magnopere hortamur.  
 „ Certè quod magni Reges in primis spectare so-  
 „ lent, neque clariori genere ortam uxorem du-  
 „ cere posse vidêris, neque probitate, morum  
 „ sanctitate, pietatisque studio præstantiorem;  
 „ præsertim Charissimo Nobis in Christo Filio Re-  
 „ ge

*Parte III. Livro I. Cap. XII. 121*

„ge Catholico hanc ipsam affinitatis conjunctio-  
„nem conciliante ; quo neque aptiorem ullum  
„conciliatorem , neque potentio-rem , neque ti-  
„bi ipsi conjunctiorem habere potes ; quem qui-  
„dem speramus in tractando hoc negotio , tuo-  
„rum quoque commodorum , rerumque istius  
„Regni eam , quàm par est , rationem esse ha-  
„biturum. Quæ cum ita sint , cumque in tali  
„matrimonio , ea , quæ potissimum spectantur ,  
„omnia insint ; decet te , Charissime in Christo  
„Fili , etiamsi nonnihil aliarum , non ita magni  
„momenti rerum in conditione tibi proposita de-  
„esset , id nequaquam tanti æstimare , ut prop-  
„terea , aut à tali contrahendo matrimonio ab-  
„sistas , aut totam hujus ipsius negotii conclu-  
„sionem minus urgeas ; sed potiùs communis  
„Reipublicæ Christianæ utilitatis causa aliquid  
„de jure , desiderioque tuo in rebus non magni  
„ponderis remittas : quod te pro tua singulari  
„in Deum Omnipotentem pietate facturum esse  
„non dubitamus , &c. Datum Romæ apud S.  
„Petrum die XXVIII. Decembris M.D.LXIX.

## CAPITULO XIII.

*Pede El Rey D. Sebastião aos seus vassallos , que supplicuem a Deos para que prudentemente os governe. Parte aceleradamente de Almeirim ; chega a Lisboa , e dos discursos , que se fzerão àcerca desta jornada. Retira-se a Rainha do despacho aggravada de algumas desattenções de seu neto.*

1569

76

**A** Experiencia, prudentissima directo-  
ra das acções humanas, tinha ensi-  
nado no breve espaço de hum anno a El Rey  
D. Sebastião , quanto era difficil a arte de rey-  
nar ; e como conhecesse , que sem continua assis-  
tencia da protecção Divina eraõ pouco robustos  
os seus hombros para sustentar a pezada maquina  
de huma Monarquia taõ dilatada em Dominios,  
e Conquistas , se resolveo significar a todos os  
seus vassallos , que com repetidas , e fervorosas  
oraçoens supplicassem do supremo Arbitro dos  
Imperios lhe illustrasse o entendimento , para ad-  
ministrar justiça com summa equidade , principal-  
mente ao povo , do qual como mais miseravel  
determinava ter particular cuidado , desejando re-  
formar os costumes licenciosos , e restituir a sin-  
ceridade dos antigos , a que era naturalmente affe-  
cto.

*Supplica El Rey ao povo , que ore a Deos pelo acerto das suas acções.*



*Parte III. Livro I. Cap. XIII. 123*

to. Para conseguir este catholico intento escreveo às Cidades, e Villas do Reyno esta Carta circular.

„Juiz, Vereadores, e Procurador, &c.  
„Eu ElRey vos envio muito saudar. Quanto  
„mais conhecimento vou tendo das cousas do  
„governo de meus Reynos, tanto me parece  
„mais necessario para elles (além da ajuda, e fa-  
„vor, que para isso devo pedir a Nosso Senhor)  
„fazer muita conta das lembranças, e avizos de  
„meus póvos, e vassallos; pelo que vos enco-  
„mendo muito me avizeis particularmente de tu-  
„do o que vos parecer necessario para bem des-  
„tes meus Reynos, assim para conservação, e  
„augmento do Culto Divino, que he a primei-  
„ra, e principal obrigação dos Reys Catholicos,  
„e de que os Reys passados meus avós tiveraõ  
„tanto cuidado, os quaes eu muito desejo imi-  
„tar, e seguir: como tambem para que seja guar-  
„dada inteiramente a justiça às partes, e se lhe  
„naõ faça por meus Officiaes, nem por outra  
„pessoa de qualquer qualidade, que seja aggra-  
„vo, nem vexação alguma, principalmente ao  
„povo miudo, e gente pobre, de que eu deter-  
„mino ter especial cuidado; e porque além da  
„obrigação, que tenho de prover nas cousas da  
„Religião Christãa, e de justiça, desejo tam-  
„bem pôr em ordem a reformação dos costumes,  
„e de restituir os antigos, a que sou muito affei-

Carta delRey para todo o Reyno.

Tom.III.

Q ii

çoado;

## 124 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„çoado, vos encomendo muito me escrevais os  
„meyos, que vos parecerem necessarios para in-  
„to haver effeito, ainda que em alguma manei-  
„ra pareçaõ contrarios ao tratamento costumado  
„de minha Pessoa, e Casa, e a meu particular  
„gosto, porque o mór que eu tenho, he pro-  
„ver nas necessidades de meu Reyno, e vassal-  
„los, e de os ter taes, quaes são, e foraõ sem-  
„pre os Portuguezes. Antonio Carvalho a fez  
„em Almeirim a 13 de Fevereiro de 1569.

### REY.

Impetra ElRey hum Jubileo  
plenario para os seus vassallos.

77 Para que estas orações, que ElRey com tanto fervor pedia, fossem benevolamente recebidas no Tribunal da piedade divina, impetrou da Santidade de Pio V. hum Jubileo para aquelles que as fizessem, o qual foy concedido com sagrada profusão, pois além da Indulgencia plenaria, concedeo o Pontifice aos Confessores licença para absolverem de todas as censuras sem limitação alguma. Foy expedida esta graça em vinte de Agosto deste anno de 1569, e publicada em todo o Reyno com geral consolação dos povos, que offereciaõ fervorosamente a Deos o valor das suas obras meritorias pela vida, e recta administração do seu Principe, a quem desejavaõ as mayores felicidades.

78 Assistia ElRey em Almeirim desde vinte e quatro de Novembro do anno passado, applicado

cado ao exercicio da caça , de que he abundante aquella Villa , quando no principio de Fevereiro recebeo a noticia de hum horrendo caso , que converteo em profundo pezar todo o passatempo , que até então tinha gozado. Succedeo na Villa de S. João da Pesqueira , que celebrando-se na Parochia de S. Sebastião em o seu proprio dia festa a este insigne Martyr , ao levantar o Cura Gastaõ Rebelio a Hostia na Missa solemne , hum Judeo chamado Affonso Mendes Carapito , se arrojou com sacrilego atrevimento a lha tirar das mãos , e satisfazer na sagrada Forma o intrahavel odio , com que os sequazes da Synagoga aborrecem a Christo Nosso Salvador. Sentio com excessõ proprio da Christandade Portugueza o nosso Principe este sacrilegio , e mandou , que fosse queimado vivo o seu perfido author , o que se executou promptamente em Lisboa , com grande applauso , e satisfação de todo o povo.

Horrendo caso succedido na Villa de S. João da Pesqueira.

79 Tinha determinado ElRey assistir largo tempo em Almeirim , por cuja causa se tinhaõ transferido para esta Villa a Corte , e todos os Tribunaes , quando em quarta feira de Trevas , que se contavaõ seis de Abril deste anno de 1569 , se resolveo repentinamente passar a Lisboa , sem declarar o motivo , que o movia a esta jornada , para a qual ordenou a alguns dos seus criados , que à huma hora depois do meyo dia estivessem promptos. Correrão logo todos os Cavalheiros

Parte ElRey com grande accleração de Almeirim.

ao

## 126 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

ao Paço admirados de novidade tão pouco esperada, e não descobrião a menor alteração no semblante del Rey, antes com demonstrações de alegria se despedio da Rainha D. Catharina, a quem deixou acompanhada da Infanta D. Maria, e de outras pessoas para o seu serviço. Sahio de Almeirim às quatro horas da tarde, e dormio em Salvaterra, donde mandou chamar ao Cardeal D. Henrique, que com sua faculdade estava no Mosteiro de Alcobaça assistindo aos Officios da Semana Santa. Ao dia seguinte ouviu El Rey Missa no Convento dos Religiosos Arrabidos, e acompanhado do seu Confessor, e alguns Officiaes da sua Casa, chegou de tarde ao Convento de Xabregas, a tempo que estava huma grande multidão de povo, para ver, e adorar o Santo Sudario, que no Religioso Mosteiro da Madre de Deos naquella dia se costuma mostrar.

Chega El Rey a Lisboa; e o  
que determinou.

8o Esta improvisa chegada del Rey assombrou excessivamente ao povo, discorrendo ser grave a causa, que o movera a que não assistisse com a piedade, de que era ornado, à dolorosa representação dos profundos Mysterios daquella Semana, e que executasse com tanta aceleração huma jornada, que a todos parecia intempestiva. Hospedou-se El Rey no Paço de Xabregas por espaço de dezasete dias, em quanto se reedificou o do Castello, que estava muito damnificado, para cujo reparo trabalharaõ quatrocentos officiaes,  
e se

e se dispenderaõ vinte mil cruzados. Quinze dias continuos houve Conselho de Estado, ao qual sempre presidia ElRey, de que se seguiu mandar aprestar huma Armada de vinte vélas, e que destas seis navegassem para a Ilha dos Açores, para comboyarem as náos da India, fazendo Capitão mór desta Armada a Jorge de Lima, igualmente valeroso, e experimentado. A causa da expedição desta Armada foy representar-se ao nosso Principe, que como os Hugonotes estavaõ triumphantes em França, e tinhaõ muitos navios, podiaõ commetter outro insulto semelhante ao da Ilha da Madeira, e infestar alguns dos nossos pórtos, como tambem o podiaõ executar os Inglezes, estimulados do sequestro, que se lhes fizera neste Reyno. Porém este motivo, que ElRey propoz para o apresto da Armada, foy affectado; porque os Hugonotes não tinhaõ sahido de França, e ainda que esta resolução se dilatas-se até depois de Paschoa, nada se arriscava na sua demora, como evidentemente se experimentou.

81 A verdadeira causa, que obrigou a ElRey, a que com tanta aceleração se ausentasse de Almeirim, esteve occulta à penetração dos politicos, até que o tempo revelou qual fosse a sua origem. Depois que ElRey cingio a Coroa, tendo o empenho, e desvélo do Cardeal, foy apartar a seu sobrinho da companhia da Rainha D. Catharina,

Motivo porque ElRey partio de Almeirim com tanta aceleração.

tharina , pertendendo ambiciosamente , que a vontade daquelle Principe estivesse sujeita à sua disposição. Para estabelecer esta maquina , tinha introduzido para Mestre a Luiz Gonçalves da Camera , esperando , que lembrado de elle ter sido a causa , de que exercitasse ministerio tão honorifico , e ainda dos grandes beneficios , que tinha feito à Companhia , de quem era filho , inclinasse o animo del Rey para a sua pessoa , e o apartasse de estar obediente a sua avò , pois desta forte governaria dispoticamente o Reyno , a que aspirava a sua dissimulada ambição. Para se conseguir este intento , todo o cuidado se applicava em levar El Rey a lugares , onde raramente podesse ver a Rainha , sendo hum destes Almeirim , onde El Rey attrahido do exercicio da caça passava muitas vezes esquecido de sua avò , e sómente entregue nos appetites , que lhe fomentava a lisonja.

82 Sentia a Rainha com excessão ver a seu neto , que com tanto amor , e delvélo criara , retirado da sua companhia , a quem desejava fazer a verdura dos annos com a madureza dos seus conselhos ; mas como era necessaria sujeição no Principe para venerar a Rainha , e elle estivesse persuadido por lisongeiras suggestões , que quem nascera para mandar , não devia obedecer , se retirava da sua presença , não observando as advertencias , nem ouvindo os dictames proferidos pela

la sua larga experiencia ; sendo a ultima prova desta averção , e desobediencia , que propondo-lhe em Almeirim a Rainha para Ministros do seu despacho a Pedro de Alcaçova Carneiro , Thomé de Sousa , e a D. Juliaõ de Alva , hum Védor , e outro Capellaõ mór da mesma Rainha , nomeou ElRey a D. Joaõ de Castro , e D. Martinho Pereira , que eraõ parciaes do Cardeal D. Henrique. Augmentou-se mais esta desattenção delRey para com a Rainha , elegendo por Escrivaõ da Puridade a Martim Gonçalves da Camera , cuja eleição desgostou de sorte aquella Princeza , que naõ assistio mais ao despacho ordinario. Estimulado ElRey deste retiro , partio aceleradamente para Lisboa , parecendo-lhe , que separando-se de sua avó , se moderariaõ de algum modo as discordias , que haviaõ entre ambos.

*Retira-se a Rainha de assistir ao despacho.*

*Histor. de Var. do appellid. de Tavor. pag. 271.*

83 A Rainha como era muito prudente , receando , que fosse mal interpretada a resolução , que executara de se retirar do despacho , a participou com Cartas circulares , naõ sómente aos Tribunaes , e Titulares do Reyno , mas a seu sobrinho Filippe Prudente , e à Princeza D. Joanna , os quaes escreveraõ a ElRey D. Sebastiaõ , estranhando-lhe o pouco respeito , com que venerava a huma Matrona , que devia ser a unica directora das suas acções , preferindo à madureza dos seus conselhos as perniciosas maximas de alguns politicos , que mais zelavaõ a propria con-

*Participa a Rainha esta sua resolução ao Reyno , e a Filippe Prudente.*

Tom.III.

R

veniencia,



veniencia, que o credito do seu Soberano. Não foraõ poderosas estas advertencias para que El-Rey se conformasse com os dictames de sua avó, antes repugnando obedecerlhe, usava da liberdade, que lhe persuadia a ambição de Martim Gonçalves da Camera, o qual se senhoreou com tal excesso da vontade del Rey, que foy instrumento de que o Cardeal D. Henrique, a quem devia a sua exaltação, cahisse da graça de seu sobrinho, experimentando em si proprio o desgosto, que padeceo a Rainha, do qual fora elle o principal author.

---

## C A P I T U L O   X I V .

*Parte por Embaixador a Roma D. João Tello de Menezes, e da instrucção, que levou; e como foy recebido do Pontifice, o qual respondeo com summa benevolencia ao nosso Monarca.*

1569

84 **A** O tempo, que com universal jubilo da Christandade f y sublimado ao Throno do Vaticano S. Pio V. assistia na Curia por Embaixador da nossa Coroa D. Fernando de Menezes, o qual ainda que com profundo respeito congratulou em nome do seu Soberano ao novo Pontifice, como este Principe era o mais obse-



obsequioso para com os Vigarios de Christo , parecendo-lhe , que não era bastante aquella demonstração da sua obediencia , a quiz segunda vez protestar pela pessoa de D. João Tello de Menezes , a quem nomeou seu Embaixador para esta função. Era este Fidalgo Senhor de Aveiras , filho de D. Henrique de Menezes , Comendador da Azinhaga , e de Idanha Velha , Governador , que fora de Tangere , e Embaixador a Paulo III. e de sua mulher Brites de Vilhena , filha de Ruy Barreto , Alcaide mór de Faro , e Védor da Fazenda do Algarve. A grande capacidade , de que era ornado , o fez não sómente digno de exercitar o ministerio de Embaixador na Cabeça do Mundo , mas ao depois ser Presidente do Desembargo do Paço , e hum dos cinco Governadores deste Reyno , por morte do Cardeal D. Henrique.

*Parte D. João Tello de Menezes por Embaixador a Roma, e quem era este Fidalgo.*

*Salaz. Hist. da Casa de Silva, liv. 8, cap. 10.*

85 Larga foy a instrucção , que ElRey entregou ao novo Embaixador , confiando do seu grande talento desempenharia com igual fidelidade , e prudencia , as materias de que constava , pois todas resultavaõ em decóro deste Reyno. Primeiramente lhe mandava significasse a Sua Santidade o ardente affecto , com que desejava a duração da sua vida , pois com ella se animava o corpo mystico da Igreja , e lhe offerencia com filial reverencia não sómente a sua Pessoa , mas a toda a Monarchia Portugueza , sempre reveren-

*Instrucção , que levou o Embaixador.*

### 132 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

te à Sé Apostolica. Em segundo lugar representasse a Sua Santidade, que no Pontificado de Pio IV. seu antecessor, pedira o Colleitor com muita instancia por virtude de hum Breve, que apresentou, lhe pagassem os Quindenios das Igrejas unidas *in perpetuum* aos Mosteiros destes Reynos, desde o tempo da sua uniaõ, o que se não executou por se allegar ao Pontifice, que as ditas Igrejas unidas foraõ do Padroado Real, as quaes de sua natureza não devem meyas Annatas, nem pagar Quindenios, por quanto em todos os mezes se provém pelos Ordinarios, com apresentação delRey, sem nunca se proverem em Roma. De mais, que estes Mosteiros estavaõ em posse de não pagar estes Quindenios desde sua fundação, e do tempo das unioens, assim das Igrejas do Padroado, como das que o não são, e nunca a Sé Apostolica os pedio, nem recebeo, parecendo esta tolerancia ser muito justa, por attender à pobreza dos Mosteiros, dos quaes muitos não tem rendas, e por esta causa impossibilitados para os pagar; e sendo estas razoes allegadas a Pio IV. as julgou tão justificadas, que desde o seu tempo até o presente se não fallou mais nesta pertençaõ, instando agora novamente por ella o Colleitor, e requerendo ao Cardeal D. Henrique, como Legado Apostolico, mande pagar os Quindenios, cujo procedimento devia Sua Santidade estranhar ao Colleitor, pois delle resultava  
grave

grave prejuizo aos Mosteiros deste Reyno , obrigando a que paguem o que por nenhum principio devem fazer.

86 Que pela commissão , que tinha o Cardeal D. Henrique para a reformação dos Conventos de S. Bento , S. Bernardo , e Santo Agostinho , pedisse a Sua Santidade quizesse conceder faculdade para o Cardeal aceitar as renunciadas dos Commendatarios, D. Priores, e Abbades dos ditos Mosteiros , e affinarlhes pensoens commodas para sua sustentação , como tambem poder applicar as rendas da Mesa Abbacial do Convento de Alcobaça para o lugar de Inquisidor Geral. Que no tempo que residira em Roma por seu Embaixador D. Fernando de Menezes , viera àquella Corte hum Embaixador del Rey de Polonia , que intentou preceder a D. Fernando , o qual representando a Sua Santidade a justiça , que tinha para não ser precedido pelo Ministro daquella Coroa , supposto que o Pontifice reconhecesse a razão , que assistia ao nosso Embaixador para não escandalizar a hum Principe , cujos vassallos erão pouco firmes na Fé , tomou por expediente não assistir na Capella em aquelles dias , em que costumão ter lugar nella os Embaixadores , e que sendo possivel , que outra vez succedesse excitar-se esta controversia , lhe ordenava , que nunca cedesse no lugar ao Embaixador de Polonia , por ser gravemente injuriosa esta precedencia a huma Co-

### 134 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Coroa tão obediente aos Successores de S. Pedro. Que agradeceffe a Sua Santidade a graça expressada em hum Breve, pela qual permittira, que se continuasse o contrato dos cavallos na India com os infieis, sem ser comprehendido nas penas da Bulla da Cea, pois cessando este commercio, se não sustentaria a guerra contra os barbaros, de que se tinhaõ seguido tantos triunfos à Religião Catholica.

87 Estas eraõ as principaes materias de que conflava a instrucção desta Embaixada, as quaes para serem benevolamente attendidas, e promptamente despachadas pelo Pontifice, escreveo El-Rey aos Cardeaes Francisco Alciato, que por ausencia do Cardeal Borromeo, era protector de Portugal, a Fr. Miguel Bonello Cardeal Alexandrino, sobrinho do Pontifice, a Alexandre Farnesio, Cardeal Tusculano, e Vice-Cancellario da Igreja, a Joaõ Antonio Capisuco, Cardeal do Titulo de S. Clemente, e a Joaõ Moron, Cardeal Portuense, esperando, que interposta a authoridade destes Principes do sagrado Collegio, alcançaria o nosso Monarca o despacho das suas supplicas. Para facilitar a concessão destes negocios, em que tanto se interessava este Reyno, escreveo a Rainha D. Catharina ao Pontifice explicando-lhe com o mais profundo rendimento a sua obediencia, e pedindo-lhe com fervorosas instancias quizesse benevolamente ouvir ao Embaixador,

*Parte III. Livro I. Cap. XIV. 135*

xador , que seu neto lhe mandava , sendo a Carta a seguinte.

„ Muito Santo em Christo Padre , e muito  
„ Bemaventurado Senhor. O desejo grande , que  
„ tenho de servir Vossa Santidade , e mostrarlhe  
„ em todas as cousas , quaõ obediente filha em  
„ mim tem , me obriga offerecer a Vossa Santida-  
„ de , para lhe pedir queira crer isto de mim , e que  
„ nenhuma cousa me poderá nunca ser de mayor  
„ consolaçaõ , que mandarme Vossa Santidade al-  
„ guma de seu serviço. Humildemente peço a  
„ Vossa Santidade seja servido terme nesta con-  
„ ta ; porque estimando eu tanto sua Pessoa , e  
„ as muy grandes qualidades della , e suas santas  
„ obras , tanto em serviço de Nosso Senhor , e  
„ bem da Christandade , entaõ crerey , que pos-  
„ so confiar de mim quando Vossa Santidade me  
„ tiver nella. Se ao presente ha cousa em que eu  
„ possa mostrar em seu serviço esta minha vontade ,  
„ e estes meus desejos , beijarey os pés a Vossa  
„ Santidade mandarmo; e porque por D. Joaõ  
„ Tello de Menezes , que o Senhor Rey meu neto  
„ envia a Vossa Santidade , para em sua Corte  
„ residir por seu Embaixador , falley nisto mais  
„ largo , a elle me remetto ; e peço a Vossa San-  
„ tidade , que por me fazer merce lhe queira àcer-  
„ ca disso dar inteiro credito , e taõ boas novas  
„ de sua disposiçaõ , para mas escrever. Espero  
„ em Nosso Senhor , que sempre sejaõ. Lembro  
„ a Vossa

Carta da Rainha D. Catharina  
para o Pontifice.

## 136 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„a Vossa Santidade pela grande obrigação, que  
 „tenho a Deos, e a estes Reynos todas as cou-  
 „fas delles, e assim o estado em que ao presen-  
 „te estão, do que Vossa Santidade deve ter mui-  
 „ta informação, para que não sómente no que a  
 „Vossa Santidade tocar, mostre o grande respei-  
 „to, que lhe tem, considerando os grandes me-  
 „recimentos, e serviços dos Reys passados, e  
 „presentes, mas ainda no que vir, que lhes con-  
 „vém crer, endereçar, e guiar tudo como Pay,  
 „e Senhor de todos, e como quem tanta obri-  
 „gação tem à conservação, allocego, e aug-  
 „mentação dos Reynos, dos quaes a Santa Sé  
 „Apostolica, e os Summos Pontifices della tan-  
 „tos serviços tem recebidos. Nosso Senhor por  
 „muy largos annos conserve a Vossa Santidade  
 „a seu santo serviço. Dalmeirim, a 23 de Mar-  
 „ço de 1569.

Muito obediente Filha de Vossa Santidade

RAINHA.

Chega o Embaixador a Ro-  
 ma, e he recebido benevola-  
 mente pelo Pontifice.

88 Recebida a instrucção por D. João Tel-  
 lo de Menezes, partio de Almeirim em vinte e  
 sete de Março deste anno de 1569, e chegando  
 brevemente a Roma, communicou os negocios,  
 que levava recomendados ao Doutor Antonio  
 Pinto, que era na Curia Agente desta Coroa,  
 cuja sciencia politica aprendida em tão grande es-  
 cola,

cola, havia ser a directora das acções do novo Embaixador. Foy recebido pelo Pontifice com paternal affecto, o qual explicou com mayor excessso, quando recebeo a Carta do nosso Principe, que se comprehendia nestas breves palavras.

„ Muito Santo em Christo Padre, e mui-  
„ to Bemaventurado Senhor. O vosso devoto, Carta delRey para o Pontifi-  
„ cc.  
„ e obediente filho D. Sebastião, com toda a hu-  
„ mildade, envia beijar seus santos pés. Muito  
„ Santo em Christo Padre, e muito Bemaventu-  
„ rado Senhor. Pelo amor, e grande afeição,  
„ que tenho a Vossa Santidade, e desejo de muy  
„ amiude ter novas de sua disposição, mando a  
„ D. João Tello de Menezes, pessoa de quem  
„ muito confio, por sua prudencia, e qualidades,  
„ para residir por meu Embaixador, e servir a  
„ Vossa Santidade, e me avisar sempre da sua sau-  
„ de, e boa disposição, que eu sempre queria ou-  
„ vir, e que praze a Nosso Senhor lhe dará. Pe-  
„ ço muito por merce a Vossa Santidade, que em  
„ tudo o que lhe o dito D. João da minha parte  
„ differ, lhe queira dar inteira fé, e crença: e em  
„ muy singular merce o receberey de Vossa San-  
„ tidade. Muito Santo em Christo Padre, e mui-  
„ to Bemaventurado Senhor. Nosso Senhor pa-  
„ ra muitos tempos conserve Vossa Santidade em  
„ seu santo serviço, &c.

89 Amava ternissimamente o Pontifice ao nos-  
so Monarca pelas continuas informações, que ti-

Tom.III.

S

nha



### 138 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

nha da generosa indole, e summa piedade de que era ornado, e para demonstração deste affecto, que se augmentou mais com a lição da Carta deste Principe, remettida pelo Embaixador, lhe respondeo nesta fórma.

Resposta do Pontife a ElRey.

„ Charissime in Christo Fili Noster, salu-  
 „ tem, & Apostolicam benedictionem. Officium,  
 „ quo Maestas Tua per litteras suas XX. die No-  
 „ vembris datas, & per dilectum Filium Joannem  
 „ Tello de Menezes functa est, quem Oratorem  
 „ suum apud Nos mansurum huc misit, ut par  
 „ est, multis de causis acceptissimum, & gravissi-  
 „ mum fuit. Mittentis personam si spectemus,  
 „ nemo est omnium Christianorum, Catholico-  
 „ rumque Principum, quem Nos plusquam Ma-  
 „ iestatem Tuam ex animo diligamus: quod Nos  
 „ quidem, non solum tuæ, maiorumque tuorum  
 „ clarissimorum Regum, & de Republica Chris-  
 „ tiana optimè meritorum virtuti, rebusque ad-  
 „ versus infideles præclarissimè gestis tribuimus;  
 „ verum etiam singulari tuæ in Deum Omnipoten-  
 „ tem pietati, & erga hanc Sanctam Sedem Aposto-  
 „ lolicam devotioni damus, & animo præstantis-  
 „ simis illis viris maioribus tuis dignissimo. Ejus  
 „ verò nomine, qui missus est, quem Nos certè  
 „ virum non minùs nobilitate illustrem, pruden-  
 „ tem, & gravem cognovimus, intelleximus Nos  
 „ hanc Sanctam Sedem, neque honorificentius,  
 „ neque amantiùs à te tractari potuisse. Qua verò  
 „ de



*Parte III. Livro I. Cap. XIV. 139*

„ de causa missus est , ut scilicet obsequium tuum  
„ erga Nos , Romanamque Ecclesiam præsens  
„ præsentibus declararet , teque de Nostro statu,  
„ Nostraque salute certiores sæpe redderet , ea  
„ ejusmodi est , ut quod officium Nobis , & mit-  
„ tentis dignitas , & missi persona satis commen-  
„ dabant , id adjecta hac causa multò etiam com-  
„ mendatiùs , gratiùsque efficerit. Pro eo , &  
„ pro isto voluntatis , pietatisque in Nos tuæ tam  
„ insigni , tamque egregio testimonio eas tibi gra-  
„ tias agimus , quas debemus ; Maiestatemque  
„ Tuam pro comperto habere volumus , Nos si-  
„ cut in te verè , atque ex animo amando , no-  
„ mine quantumvis tecum necessitudinis , propin-  
„ quitatisque vinculis conjuncto concedimus ; sic  
„ etiam Nostræ tibi paternæ benevolentiae decla-  
„ randæ idonea Nobis occasione oblata nullum  
„ unquam esse locum prætermisso ; qua de re  
„ copiosius cum eodem Oratore tuo locuti sumus ;  
„ cujus litteris Nos referimus. Omnipotens Deus  
„ Te Charissime in Christo Fili semper custodiat,  
„ suamque tibi gratiam magis , magisque in dies  
„ singulos augere dignetur. Datum Romæ apud  
„ Sanctum Petrum , sub Annulo Piscatoris die  
„ XXVII. Junii M.D.LXIX. Pontificatus Nos-  
„ tri anno quarto.

T. ALDOBRANDINUS.

CAPITULO XV.

*He assolada a Cidade de Lisboa com o formidavel  
flagello da peste , cujos horrerosos estragos se  
relataõ , como as devotas Procissoens ,  
com que se implorou a suspensão  
de taõ fatal epidemia.*

1569

90 **P**ROVOCADA a Divina Justiça com os  
criminosos excessos da malicia huma-  
na , se resolveo a disparar do arco da sua indigna-  
ção aquella venenosa setta , que no breve espaço  
de tres mezes reduzio a cinzas a mayor parte dos  
moradores de Lisboa , cujo fatal castigo foy o  
horroroso epitafio da enormidade das suas culpas.  
A insolencia dos Grandes , o luxo dos Ecclesiás-  
ticos , a injustiça dos Ministros , a oppressão dos  
pobres , e a incontinenencia escandalosa , que do-  
minava em todo o genero de pessoas , armaraõ as  
mãos do Omnipotente para fulminar aos autho-  
res de taõ execrandos delictos. Passava de qua-  
renta annos , que a Metropole deste Reyno go-  
zava de huma continuada corrente de tempos be-  
nignos , e salutiferos , quando no principio deste  
anno de 1569 , precedendo huma excessiva inun-  
dação de agua , que se fez mais nociva com ne-  
voas copiosas , e espessas , se começaraõ a desco-  
brir

Como principiou o contagio.

brir erysipelas, e carbunculos de tão maligna qualidade, que instantaneamente communicados de hums corpos a outros, e augmentados em tumores com pintas, privavaõ com tanta acceleraçã da vida, que logo se inferia ser o achaque epidemico. Muitos confiados na benignidade do clima se não persuadiaõ ser o mal contagioso: porém outros instruidos pela experiencia como testemunhas da ultima peste, que infestara ao Reyno, affirmavaõ, que era epidemia causada pela grande humidade do Inverno, que gerara nos corpos aquelles apostemas de tão perniciosas qualidades.

91 Já era tão geral o contagio, que morriaõ cada dia cincoenta, e sessenta pessoas, mas para não ficar a Cidade deserta se occultavaõ com summa cautela os seus formidaveis effeitos. Chegou o mez de Julho, e como a estaçã era mais ardente, se começou a dilatar com tanta furia este fogo devorador, que em cada dia eraõ pasto da sua voracidade quinhentas pessoas. Por não haver lugar nos Templos para as sepulturas, se fagrarã olivacs, e prayas, e se abrio em covas todo o campo de Santa Barbara; e ainda que foy commutado o degredo dos condemnados às galés para conductores dos defuntos, era tanto o numero delles, que por estarem amortalhados pelo espaço de tres dias se sepultavaõ no lugar em que jaziaõ, para se não augmentar a corrupçã. A Cidade

*Estrago, que fez o contagio na Cidade de Lisboa.*

## 142 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

dade reduzida a deserto, estava coberta de ervas, e se em toda ella se encontravaõ duas, ou tres pessoas, pareciaõ pelos semblantes pallidos, mortas, e não vivas. Para evadir desta fatal calamidade fugia a mayor parte da gente aos arrebaldes da Cidade, servindo-lhe de cama a terra, e os troncos de cabeceira. As mulheres fugitivas dos maridos, e os filhos dos pays, vagavaõ sem achar refugio ao seu perigo, causando mayor lastima a innocencia dos meninos, que por falta de vozes explicavaõ com suspiros o seu desamparo. Nesta formidavel tormenta igualmente naufragava a robustez dos mancebos, como a delicadeza das donzellas, sendo ambos os sexos, e todas as idades violentamente consumidas pelo contagio. Com o intento de que se não propagasse mais extensamente, se edificou pela praya do Tejo hum Hospital de madeira com cento e tres officinas, e em cada huma se puzeraõ cinco, e seis feridos. Pela parte exterior deste edificio se estenderaõ largas vélas, para que os enfermos amparados da sombra recebessem algum alivio, porém foy infructuoso este trabalho. Com caritativa competencia, e zelosa emulação concorreraõ as Familias Religiosas, e muitos Ecclesiasticos seculares, para enfermeiros dos feridos do contagio, os quaes desprezando heroicamente a morte, se sacrificavaõ victimas da caridade em obsequio da saude espirital de seus proximos, agonizando neste

*Parte III. Livro I. Cap. XV. 143*

te voluntario sacrificio nove Religiosos Dominicos, vinte e sete Franciscanos da Provincia de Portugal, vinte e seis da Provincia dos Algarves, dezoito Eremitas Augustinianos, dezoito Carmelitas, dezanove Jesuitas, quatro Capuchos, tres Trinitarios, quatro Conegos Regrantes, e cento e noventa Clerigos.

92 Para evitar os perniciosos effeitos do contagio, passou de Lisboa para Cintra, por conselho dos Medicos, ElRey D. Sebastião, e para a Villá de Alenquer a Rainha D. Catharina com a Infanta D. Maria, por ser lugar muito saudavel, onde habitava junto do Convento dos Religiosos Franciscanos, de cuja conversação gostava muito o seu espirito, dando-lhes para final de seu piedoso animo humia Cruz de prata, guarnecida de rubins, em que estava hum pedaço do Santo Lenho, e hum fio do Cordão de S. Francisco, clausulado em hum columnna de crystal. Determinou ElRey, que residissem em Lisboa D. Martinho Pereira, Védor da sua Fazenda, para que della dispendesse com a pobreza; D. João Mascarenhas, Capitaõ mór da gente Militar, para defenfa da Cidade; e Diogo Lopes de Sousa, Governador da Casa do Civel, para a administração da Justiça, cujo poder lhe deu nesta Provisão.

Retiráo-se de Lisboa por conselho dos Medicos as Pessoas Reaes.

„ D. Sebastião pela graça de Deos Rey de  
„ Portugal, &c. Faço saber aos que esta Carta  
„ virem,

Provisão delRey D. Sebastião, em que nomea Governadores de Lisboa.

144 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„virem, que considerando eu o estado em que  
 „está a Cidade de Lisboa, por causa da doença,  
 „que nella ha, e das desordens, que disso pro-  
 „cedem, e damnos, que ao diante se podem se-  
 „guir, e de quaõ grande importancia he dar a  
 „tal ordem nas cousas da Justiça desta Cidade,  
 „que se faça inteiramente comprimento della; e  
 „vendo quanta obrigação tenho de pelos ditos  
 „respeitos mandar prover no que dito he, com  
 „toda a brevidade, mandey ora a Diogo Lopes  
 „de Sousa, do meu Conselho, e Governador  
 „da Casa do Civel, que reside na dita Cidade,  
 „a proveſse nas cousas da Justiça della, como  
 „por seu officio he obrigado fazer; e para que  
 „melhor o possa fazer aos que cometterem cul-  
 „pas sejaõ castigados: Hey por bem de por es-  
 „ta Carta lhe dar, como de feito dou, e con-  
 „cedo todo o meu poder, e jurisdicção civil,  
 „e crime, mero, e mixto imperio, sem cousa  
 „alguma lhe limitar, para que nos casos, que  
 „por elle forem determinados sobre as ditas cou-  
 „sas, e castigo, que por elle merecerem quaeſ-  
 „quer pessoas, em quanto elle pelo meu manda-  
 „do estiver, e residir na dita Cidade, durando  
 „as ditas doenças, por esta vez sómente se faça  
 „execução nas ditas pessoas de qualquer qualida-  
 „de, que sejaõ até morte natural inclusivel, por  
 „quanto pelos ditos respeitos, e pela grande con-  
 „fiança, que tenho no dito Governador, o assim  
 „hey

„ hey por bem , e mando a todos os Corree-  
„ dores , Desembargadores , Juizes , e Justiças ,  
„ Officiaes , e pessoas , a que o conhecimento des-  
„ ta pertencer , e a todos em geral , e a cada hum  
„ em particular , que o cumprão , e fação inteiri-  
„ ramente guardar , como se nelle contém ; e pa-  
„ ra firmeza de tudo o que dito he , lhe mandey  
„ passar esta Carta assinada por mim , e sellada  
„ com o Sello das minhas Armas. Lopo Soares  
„ a fez em Cintra a 12 de Julho do anno do Nas-  
„ cimento de Nosso Senhor JESU Christo de 1569  
„ annos.

REY.

Eu Miguel de Moura a fiz escrever.

93 Para applicar a Divina indignação, que  
com tão horroroso flagello tinha reduzido a cada-  
veres mais de cincoenta mil moradores de Lisboa,  
inventou a piedade, unida com a penitencia, va-  
rias Procissões, que discorrendo por toda a Ci-  
dade, imploravaõ com vozes enternecidas a Di-  
vina Misericordia. A primeira de todas se fez a  
quatorze de Agosto pelos Religiosos Francisca-  
nos da Provincia dos Algarves, a qual foy ao  
Convento de S. Vicente de fóra, sendo acompa-  
nhada pelos Conegos Regrantes desta sumptuo-  
sa Casa, dos quaes seis mais authorisados leva-  
vaõ aos hombros a Imagem de S. Sebastião, col-  
locada em hum andor debaixo do pallio, e se

Procissões, com que a Cida-  
de pretende applicar a Divina  
Justiça.

Tom.III.

T

reco-

## 146 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

recolheo ao Convento de Xabregas, donde sahira. Ao dia seguinte levou a Communidade de S. Domingos a Imagem de Christo crucificado, em cujo lado estava exposto o Divinissimo Sacramento, debaixo de hum precioso pallio, e chegando à Cathedral, collocaraõ a sagrada Imagem no Altar mór, onde prostrado todo o povo por terra, pedia contrito o perdaõ das suas culpas, sendo tal a comoçaõ, que faziaõ aquelles eccos dolorosos, que naõ havia coraçãõ, que naõ se sentisse penetrado, derramando huns copiosas lagrymas, e confessando outros publicamente os seus peccados. Ao recolher da Procissãõ ao Convento de S. Domingos, se prégarãõ tres Sermões; hum no alpendre da Igreja, outro dentro della, e o terceiro no Claustro, havendo tantos gemidos no auditorio, que naõ deixavaõ perceber as vozes dos Prégadores. No dia seguinte sahio outra Procissãõ do Convento de S. Francisco da Cidade, em que foy levada a Imagem da Madre de Deos, que se venera em huma magnifica Capella daquelle Convento, e vindo à Casa da Misericordia, prégo Fr. Balthazar das Areas, com grande fructo dos ouvintes. A esta mesma Casa no dia seguinte veyo a Communidade dos Carmelitas Calçados com a Imagem da Senhora do Carmo. A dezoito de Setembro sahio da Cathedral ao Convento de S. Domingos outra Procissãõ, ordenada pela Cidade, composta de todas as Ordens Reli-



Religiosas , Freguesias , e Irmandades , com muitos andores primorosamente ornados , em que se viaõ os Santos Advogados da peste ; no fim hiaõ o Santo Lenho , e o braço de S. Sebastião de baixo do pallio. Repetio a Cidade os seus votos em segunda Procissão a oito de Novembro , que sahindo da Casa de Santo Antonio , foy ao Convento de S. Francisco , e nella foy levada a Imagem do Santo , com parte do seu casco , de baixo de hum precioso pallio , acompanhado de todos os Cidadãos. Outra igualmente devota , assistida de varios penitentes , foy à Casa da Santa Misericordia , em que se levou o braço de Santa Anna , que nella com summa veneração se conserva , acompanhada dos Irmãos daquella illustrissima Irmandade , com tochas accezas , e depois de entrar no Convento de S. Domingos , se recolheo à mesma Casa donde sahira , em que prégoou com grande espirito o Doutor Francisco Monção , Conego da Sé de Lisboa.

## CAPITULO XVI.

*Discorre El Rey D. Sebastião por diversas partes do Reyno, em quanto dura o contagio. Escreve ao Senado da Camera de Lisboa, que se edifique hum Templo a S. Sebastião por ter suspenso o flagello da peste. Entra na Cidade de Evora, e da pompa com que foy recebido.*

1569

Visita El Rey o Convento de Alcobaça, e o que nelle obrou.

94 **C**onvidado da amenidade do sitio, e pureza do clima, assistia El Rey na Villa de Cintra, a tempo que Lisboa padecia os fataes effeitos da epidemia, quando deixando tão amena habitação, passou à Villa de Obidos, e visitou o Real Convento de Alcobaça, onde suavemente attrahido da perfeição, com que se celebravaõ os Officios Divinos, e da monastica observancia de seus moradores, se deteve o espaço de hum mez, concedendo-lhe alguns privilegios, em que deixou igualmente eternizada a sua piedade, e grandeza. Querendo testemunhar com os olhos os cadaveres de alguns Principes seus antecessores, que naquella sumptuoso Templo esporaõ a universal resurreição, mandou abrir as sepulturas de Affonso II. e Affonso III. e de suas consortes as Rainhas D. Urraca, e D. Brites, e admirando como a morte respeitara a fermosura destas

destas duas Princezas sem a menor diminuição nos semblantes, e venerando no agigantado corpo de Affonso III. ter sido capaz deposito daquelle espirito, que com a derrota dos Mouros augmentou o Reyno do Algarve à Coroa Portugueza. Estava presente nesta occasião Fr. Francisco Machado, Doutor pela Universidade de Pariz, e hum dos mais authorizados Monges daquelle Real Convento, o qual estranhando o exame, que D. Sebastião fazia nas sepulturas dos seus coroados Predecessores, animado de Apostolica liberdade, como antevendo o tragico successo de Africa, rompeo nestas palavras. „ Senhor: se estes Reys, e vós „ fos antecessores vos não deixaraõ exemplo de „ conquistar os Reynos alheios, ensinaraõ-vos „ como havieis de conservar o proprio; e se vós „ tomasseis a doutrina do seu governo, não an- „ dara o Reyno taõ alterado; nem vós os viereis „ inquietar, e afrontar à sepultura, onde repou- „ zaõ ha tantos annos; Deos vos dé muitos de „ vida, e vos conceda nome, e sepultura taõ „ honrada como qualquer destas, que não libra- „ reis mal. Recebeo ElRey com aspecto melan- colico esta advertencia, com que era increpada a sua indiscreta curiosidade, e para lhe serenar o animo, reprehendeo o Cardeal D. Henrique, como Abbade, que era do Convento de Alcobaça, a Fr. Francisco Machado, a quem depois o mesmo Cardeal particularmente lhe louvou o seu zelo.

Advertencia, com que hum Monge de Alcobaça increpa a ElRey.

De

## 150 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Discorre El Rey pelo Reyno.

95 - De Alcobaça partio El Rey para Leiria, onde sendo instado pelos seus vassallos com a supplica, que já tinhaõ feito a seu augusto Avó nas Cortes celebradas em Evora no anno de 1535, de erigir huma Relação em algumas das tres Provincias, para mayor conveniencia das suas causas, por ser muito distante a Cidade de Lisboa, se resolveo levantar duas Alçadas, huma para a Beira, outra para o Alentejo, fazendo Presidente da primeira a D. Pedro da Cunha, Capitão mór de Lisboa, e Governador das Galés, pay do insigne Prelado, e erudito Escriitor D. Rodrigo da Cunha; e da segunda a Fernão da Sylveira, Claveiro da Ordem de Christo. Cada Alçada, que era como hum Tribunal deambulatorio, constava de Presidente, dous Desembargadores, Escrivão, e Meirinho, com jurisdicção de entrar nas Cidades, e Villas mayores, Cabeças de Comarcas, e avocar a si as causas civeis, e criminaes, julgando a final humas, e outras, sem appellação, e nas criminaes castigavaõ, excepto em pena capital. Deixada a Cidade de Leiria a vinte e dous de Setembro, passou à Villa de Thomar; e a seis de Outubro, estando em Monte mór o Novo, ordenou, que se dividisse Lisboa em bairros, com Ministros de Justiça separados, para freyo dos criminosos, e refugio dos innocentes; e que as mulheres prostituidas vivessem fóra dos muros da Cidade, para que com o seu escandalo

*Parte III. Livro I. Cap. XVI. 151*

dalo não inficionassem as honestas. Na mesma Villa de Monte mór recebeo a plausivel noticia de estar extinta a peste, assim em Lisboa, como em outros lugares do Reyno; e conhecendo que este grande beneficio era dispensado pelo invicto Martyr S. Sebastião, Tutelar contra tão horrendo flagello, escreveu ao Senado de Lisboa, para que promptamente se edificasse hum sumptuoso Templo àquelle heroico Athleta, em cujos marmores eternamente se gravasse a sua gratificação. Constavão as agradecidas expressoens deste Principe nas Cartas seguintes.

„ Vereadores, e Procuradores da Cidade  
„ de Lisboa, e Procuradores dos Misteres della.  
„ Eu ElRey vos envio muito saudar. Porque ha  
„ tantos annos, que Nosso Senhor fez tamanhas  
„ merces a essa Cidade, e estes Reynos, por in-  
„ tercessão do Bemaventurado S. Sebastião, cuja  
„ reliquia ordenou, que viesse a ella, e que se não  
„ tem feito ainda aquella veneração, que a tal  
„ Santo, e por taes beneficios se requeria; ago-  
„ ra que parece que por nossos peccados, e pela  
„ ventura por este pouco conhecimento, e agra-  
„ decimento Nosso Senhor permite, que tenha-  
„ mos tanta necessidade de nos soccorrer a elle,  
„ procurando por todas as vias para applacar sua  
„ ira, e atalhar, e remediar os peccados, e tam-  
„ bem com a intercessão deste Santo, em cujo  
„ louvor se devia fazer hum tal Templo, em que  
„ esti-

Cartas escritas ao Senado de Lisboa, para que se edifique Templo a S. Sebastião.

152 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ estivesse sua reliquia , e Nosso Senhor fosse mais  
„ servido , e louvado , e para mayor gloria deste  
„ Santo , e para o obrigarmos a interceder mais  
„ por nós , e por a particular devoção , que lhe  
„ tenho , e me parecer , que lhe devia offerecer  
„ esta determinação , e voto de lhe mandar fazer  
„ esta Igreja à custa da minha fazenda , e da Ci-  
„ dade , como eu ordenar : pelo que vos enco-  
„ mendo , que em nome della façais o mesmo vo-  
„ to ; e como o tempo der lugar , se porá em or-  
„ dem , como se faça ; e espero em Nosso Se-  
„ nhor , que com isto , e com o mais , que de-  
„ termino fazer para seu serviço , e remedio de  
„ peccados , que elle o dé a este mal , e ordene  
„ tudo para mais serviço , que he o que eu sobre  
„ tudo pretendo , e me escrevey logo o que nisso  
„ fizerdes , e o mais que vos parecer , que cum-  
„ pre para se melhor , e mais cedo effectuar esta  
„ minha determinação. Escrita em Sintra a sete  
„ de Julho de 1569.

REY.

„ Vereadores , e Procuradores da Cidade,  
„ &c. Eu ElRey vos envio muito saudar. Eu  
„ escrevi os dias passados de Sintra , quando se  
„ começaraõ a declarar as doenças dessa Cidade ,  
„ que pelos respeitos que verieis naquella Carta ,  
„ me pareceo dever de fazer voto sobre a edifi-  
„ cação do Templo , que nessa Cidade se devia  
„ fazer

*Parte III. Livro I. Cap. XVI. 153*

„ fazer da invocação do Bemaventurado S. Sebaſ-  
„ tiaõ , pelas muitas , e grandes obrigações , que  
„ eu , e meus Reynos temos , e eſpecialmente eſ-  
„ ta Cidade , para hum tal Santo dever ſer vene-  
„ rado nelles differentemente do que até agora  
„ foy , pelo qual deſcuido , e por outros pec-  
„ cados parece que Noſſo Senhor permittio as  
„ doenças della Cidade ; e aſſim vos eſcrevi en-  
„ taõ , que em nome della fizeffeis outro tal voto ,  
„ para ſe o dito Templo haver de fazer à cuſta  
„ da minha fazenda , e da Cidade ; e porque nas  
„ doenças della ha tanta melhoria , como , lou-  
„ vores a Deos , ſe tem viſto , me pareceo ago-  
„ ra tempo conveniente para ſe tratar do eſfeito  
„ deſta obra : e que poſto que a gente eſteja em  
„ neceſſidade , monta tanto eſtar edificada , do  
„ que de todos ſe agora deve eſperar que faraõ ,  
„ que deveis ordenar ſe comece a edificar eſte  
„ Templo , e peſſoas , que tenhaõ cuidado de  
„ conforme ao lançamento que fizer , deſpedirem  
„ a cada hum o com que houver de contribuir  
„ para eſta obra , e de procurardes de pera ajuda  
„ della arrecadardes dos Officiaes , que ſaõ infor-  
„ mados , que devem dinheiro à Cidade , e que  
„ ſaõ obrigados de lhe pagar , e como ſe iſto ſe  
„ fizer , da voſſa parte mandareis , que da minha  
„ fazenda ſe faça tambem o que he razaõ , pelo  
„ que vos encomendo muito , que vos ajunteis  
„ todos , e practiqueis ſobre iſto , e o trateis com

Tom.III.

U

„ o Go-

154 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„o Governador, a quem tambem escrevo, pa-  
 „ra que o communique comvosco, e vos diga  
 „seu parecer, do que deveis fazer muito funda-  
 „mento por quem elle he, e pelo cargo que  
 „tem; e porque eu lhe escrevo, que se ajunte  
 „comvosco, e vos dé conta de outras cousas,  
 „para todos consultardes o modo, que nellas se  
 „deve ter, e como se deve fazer, por serem de  
 „tanta importancia, como pela qualidade das  
 „mesmas cousas, e do effeito, que se dellas per-  
 „tende, vereis, vos encomendo muito que da  
 „vossa parte façais nisto tudo o que de vós con-  
 „fio, e sois obrigados pelos cargos, que tendes;  
 „porque não será razão, que sendo vós taes pes-  
 „soas, e essa Cidade tal, e tão grande em tu-  
 „do, que nenhuma outra do Mundo lhe deve  
 „fazer ventagem, se diga que he peyor governa-  
 „da, e regida, que todas, cousa tão para se sen-  
 „tir pela honra destes Reynos, de que essa Ci-  
 „dade he Cabeça, como pelos damnos, e per-  
 „da della, cujo remedio principalmente consis-  
 „te, que vós como pessoas a que isto tanto to-  
 „ca lhe podeis dar, se vos dispuzerdes a isso com  
 „aquelle zelo, e determinação, que se de vós  
 „espera; e escrevermeheis vosso parecer sobre ca-  
 „da hum das ditas cousas. Escrita em Monte  
 „mór o Novo a dezaseis de Outubro de 1569.

REY.

„Ve.



*Parte III. Livro I. Cap. XVI. 155*

„ Vereadores , e Procuradores da Cidade  
„ de Lisboa , &c. Eu ElRey vos envio muito  
„ saudar. Eu tenho mandado a Affonso Alvares,  
„ Mestre das Fortificações , que vá a essa Cida-  
„ de para com elle verdes a traça , e modello , que  
„ por meu mandado se fez para o Templo do  
„ Bemaventurado S. Sebastião , e ordenardes , que  
„ logo se comece a edificar , como por algumas  
„ vezes vos escrevi ; pelo que vos encomendo ,  
„ que logo entendais nisto com aquelle zelo , e  
„ cuidado , que por vossas Cartas vejo , que dis-  
„ so tendes ; e ordeneis aos Officiaes , que forem  
„ necessarios para terem cargo da dita obra , e  
„ da arrecadação do dinheiro , que se nella ha de  
„ dispende , o qual Templo se ha de fazer no si-  
„ tio em que está a Igreja de S. Sebastião da  
„ Mouraria , na parte que vos dirá o dito Affon-  
„ so Alvares , e para isso comprareis os chãos ,  
„ que forem necessarios ; e para se a dita obra po-  
„ der fazer com mais brevidade , e menos des-  
„ peza , se dará de empreitada a parte della que  
„ bem parecer , o que praticareis com o dito  
„ Affonso Alvares , o qual hey por bem que seja  
„ Mestre da dita obra , e no modo de se trata-  
„ rem com elle estas cousas se terá o resguardo  
„ necessario , pelo que toca à saude , por quan-  
„ to se ha de tornar a mim para me dar razão  
„ do que se assentar , e da ordem em que fica  
„ posto este negocio , que creyo será tal como de

Tom. III.

U ii

„ vós



ma Cidade, e Pay da eloquencia Latina, explicando os votos daquelle concurso com as seguintes clausulas.

„ Muito alto, e muito poderoso Rey nos-  
„ so Senhor. Mas que digo eu? Parece incon-  
„ gruidade, ou menos decóro, pouco guardado,  
„ fallar a V. Alteza por palavras costumadas a  
„ se dizerem a outros Reys, pois ha hi outras  
„ proprias, e particulares para com V. Alteza.  
„ Emendo-me pois, e digo. Miraculoso Rey  
„ nosso Senhor, Rey filho das lagrymas de to-  
„ do vosso povo, com não menos gemidos pedi-  
„ do a Deos, que com alegria grandissima delle  
„ impetrado. Certa maneira de afronta recebe  
„ esta vossa sempre leal Cidade de Evora, segun-  
„ da de vossos Reynos, por lhe não conceder a  
„ natureza este dom em tempo que poderaõ seus  
„ Cidadãos mostrar a V. Alteza os corações aber-  
„ tos, ou V. Alteza notar, e conhecer em to-  
„ tos a suprema alegria, que com vossa desejada  
„ vista lá de dentro das entranhas lhes rebenta pe-  
„ los olhos, para mostra da qual, boa parte po-  
„ deráõ fer os grandes sinaes, e festas exteriores,  
„ que nos abrevidade do tempo por V. Alteza, li-  
„ mitado, e taxado, e o receyo da confusão dos  
„ ares também tolheo. Pois palavras para o ex-  
„ plicar equivalentes, onde as acharey eu? Ma-  
„ yormente, que não sofre nossa lealdade tanta  
„ demora, que possa esperar longo rasoamento.

*Recita huma Oração em seu  
applauso o grande André de  
Rezende.*

„ Já

## 158 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„Já não podem estar calados os que me ouvem;  
 „já contra costume me taxaõ de prolixo, e ca-  
 „da hum deseja de me tomar a mão, e por des-  
 „usadas palavras se atravessar a dizer. Venhais  
 „em felicissima hora nosso Rey, nosso espelho,  
 „em que nos revemos; nossa preciosa joya, de  
 „que nos muito gloriamos; esperança do Rey-  
 „no, em que para vos servir nascemos; dado à  
 „nós por Deos, pedido a Deos por nós. Com  
 „vosco entre a faude, entre a prosperidade, e  
 „tudo o que se póde chamar bem, com vosco  
 „venha o precioso Martyr vosso Protector, cujo  
 „nome entre os Reys Christãos vós primeiro to-  
 „maistes; elle guarde seu deposito, que sois vós,  
 „e por vossa causa para vos servirmos, tambem a  
 „nós; aos gloriosos Santos Mancio, Vincen-  
 „cio, Sabina, e Christeta, nossos Padroeiros,  
 „com o maravilhoso Blasio, nosso Advogado,  
 „vos tomem pela mão, e digaõ. Esta prosa, e  
 „empreza nossa he. E vós Cidadãos, que me já  
 „quasi forçosamente ouvis, pois vos não podeis  
 „mais sofrer, comigo a grandes vozes todos dizey.  
 „Viva ElRey nosso Senhor, viva, viva ElRey.

97 A's elegantes vozes do Orador corres-  
 ponderaõ festivas acclamações do numerozo con-  
 curso, augurando felicidades eternas ao seu So-  
 berano, que foy conduzido à Cathedral debai-  
 xo do pallio, montado em hum soberbo cavallo.  
 Da parte direita o acompanhava a pé o Capitão  
 mór

Pompa; com que ElRey foy  
 levado a Cathedral

mór da Cidade D. Diogo de Castro, substituindo o lugar de Alferes-mór; e da parte esquerda D. Francisco de Portugal, seu Estribeiro-mór. Na porta da Cathedral o estava esperando o Arcebispo D. João de Mello, vestido de Pontifical, com o seu Cabido, e Clero: e depois que ElRey beijou com summa devoção o Santo Lenho, foy até à Capella-mór, onde se cantou o *Te Deum laudamus* com vozes acordes, e diversos instrumentos musicos. Recolhido ElRey ao Palacio de D. Diogo de Castro, por não estar capaz o Real, assistio nesta Cidade até o anno seguinte, onde divertia o tempo vendo a destreza de alguns Cavalleiros no jogo das Canas, e Cavalhadas, e ouvindo na Universidade explicar as sciencias divinas, e humanas.

---

## CAPITULO XVII.

*Aceita novamente ElRey D. Sebastião os Decretos do Concilio Tridentino, de cuja Catholica resolução he congratulado com affectuosas expressoens por S. Pio V. Participa-lhe Carlos IX. de França a victoria, que alcançara dos Hereges, e do jubilo com que recebeo tão fausta noticia.*

98. **Q**Uatro annos antes, que ElRey D. Sebastião cingisse a Coroa desta Monarchia, ordenou o Cardeal Henrique, que pela

## 160 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Aceita os Decretos do Concilio Tridentino ElRey, ordenando se practiquem em todo o Reyno, e Conquistas.

la menoridade daquelle Principe a governava, fossem aceitos assim no Reyno, como nas Conquistas os Decretos do Concilio Tridentino, de cuja conclusão se tinha publicado a Bulla na Cathedral de Lisboa a sete de Setembro de 1564, e considerando com madura reflexão o nosso Principe, que nas Selloens pertencentes à reformação dos costumes, extinção de abusos, e revogação de privilegios se incluiaõ materias gravissimas, para que evidentemente constasse a ratificação do seu beneplacito, já quando moderava as redeas da Monarchia ao que tinha obrado o Cardeal D. Henrique na sua menoridade, publicou hum Decreto em Lisboa a oito de Abril deste anno de 1569, em que novamente aceitava o Concilio, ordenando, que no Reyno, e Conquistas se practicassem exactamente os Decretos da Reformação. Mais attento à jurisdicção Ecclesiastica, que à Real, escreveo aos Bispos, que usassem livremente da authoridade, que novamente lhe concedera o Concilio, ainda que fosse com prejuizo da jurisdicção Real, consistindo todo o desvêlo deste Catholico Principe na emenda, e remedio espirital dos seus vassallos.

Publica ElRey varios Decretos em beneficio de seus vassallos.

99 Neste anno de 1569, publicou outros Decretos contra os escandalosos abusos do comer, e vestir, reduzindo à parcimonia dos primeiros seculos desta Monarchia os costumes adulterados pela communicacão das nações, que frequentavaõ

*Parte III. Livro I. Cap. XVII. 161*

vaõ a Capital do Reyno. Para exacta observancia destas Leys foy elle o primeiro exemplar, e espelho, a que se deviaõ compor os seus vassallos, vestindo com summa moderaçaõ, e usando na mesa de manjares mais para sustento da vida, que lisonja do palato. De todas estas catholicas, e politicas acções fez participante a S. Pio V. por huma Carta escrita em Monte mór o Novo a vinte e quatro de Outubro de 1569, cheya de sincéras expresseões, em que testemunhava a obsequiosa obediencia à Sé Apostolica, como o excessivo jubilo, em que abundava o seu coração, pelo grande beneficio, que Deos misericordioso dispendera, suspendendo o horrivel flagello da peste, que devastara fatalmente a Corte de Lisboa. O Summo Pastor lhe respondeo com as seguintes clausulas, testemunhas irrefragaveis do paternal affecto, com que amava ao nosso Principe.

Participa ElRey ao Papa do que tinha obrado,

„Charissimo in Christo Filio Sebastiano, &c.  
„Pius Papa V. Charissime in Christo Fili noster,  
„salutem, & Apostolicam benedictionem. Ex-  
„plicare verbis, charissime in Christo Fili, non  
„possumus quantopere litteris tuis xxiv. Octo-  
„bris die datis, in Domino delectati simus, qui-  
„bus de commendata à Majestate Tua venerabi-  
„libus fratribus nostris istius Regni Episcopis mo-  
„rum correctione; de edictis pro libertate Eccle-  
„siastica non impedienda propositis; de tuo in  
Tom.III. X „justitia,

*Epistol. Apostolic. S. Pii V. lib. 3. Epistol. 53.*

162 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„justitia, etiam erga infimos, tenuioresque ho-  
„mines servanda, studio, ac diligentia, deque  
„aliis rebus tuis, non minus amanter, quàm co-  
„piose ad nos scripsisti: in quo non solum re-  
„rum ipsarum, de quibus nos fecisti certiores,  
„commemoratio magnam nobis, ut par fuit,  
„lætitiâ attulit, sed etiam tuæ erga nos, san-  
„ctamque hanc Sedem Apostolicam observantiæ  
„significatio gratissima fuit; harum rerum nomi-  
„ne singularem tuam in Deum Omnipotentem  
„pietatem debitis in Domino laudibus commen-  
„dantes, Redemptori nostro gratias agere non  
„desistimus, qui in tot Reipublicæ Christianæ  
„procellis tantum in tua virtute, ardentissimo-  
„que honoris Divini zelo præsidium, solatium-  
„que nobis reservavit; quod enim, ut scribis,  
„primus inter tot Christianos, Catholicosque Re-  
„ges esse voluisti, qui Episcopis, cæterisque Ec-  
„clesiasticis Ministris jurisdictionis sibi à sacro Tri-  
„dentino Concilio concessæ, liberè exercendæ  
„facultatem in Regno tuo permitteres; eaque  
„ipsa reliquis Christianis Principibus ostenderes  
„quantam adversus Ecclesiastica decreta, man-  
„dataque Apostolica reverentiam adhibere de-  
„beant; in eo quæ sint optimi, atque ex Deo  
„regnantis Regis partes præclarè videris intelli-  
„gere: cujus maximè proprium esse debet redde-  
„re, quæ Dei sunt Deo, quæ autem Cæsaris,  
„hoc est, temporalis potestatis sunt, ea sibi tan-  
„tummodo



„ tummodo retinere ; qui enim inter Deum , at-  
„ que homines medius à Patre constitutus est  
„ Christus , Christus Dominus nostris utriusque  
„ potestatis officia propriis cujusque muneribus ,  
„ & dignitatibus , ita distinxit , ut , & Christia-  
„ ni Principes ad æternam vitam consequendam  
„ Sacerdotibus indigerent , & Sacerdotes ad ea ,  
„ quæ sui juris sunt exequenda , Principum mi-  
„ nisteriorum uterentur : felices proculdubio tam Sa-  
„ cerdotes , quàm Principes futuri , si utrique in  
„ officio sibi commisso Omnipotenti Deo cons-  
„ tanter inservierint. Quod quoniam Divinæ præ-  
„ ceptum constitutionis Majestas Tua tam fideli-  
„ ter custodit , non est , quòd propterea ullam ,  
„ aut jurisdictionis imminutionem , aut Regiæ  
„ suæ Majestatis detrimentum pertimescat ; quin  
„ potius sperare debet Omnipotentem Deum in  
„ Sacerdotibus à Majestate Tua se , ut æquum  
„ est coli , honorarique cernentem Regni tui fi-  
„ nes magis , magisque in dies propagaturum , no-  
„ vasque nationes imperio tuo adjecturum. Hoc  
„ magnus ille Imperator Constantinus , quem Ma-  
„ jestas Tua egregiè imitatur , intellexit ; qui cum  
„ ad firmanda Imperia , & Regna , nihil tam va-  
„ lere , quàm verum illius cultum , per quem Re-  
„ ges regnant , magna semper erga Dei Sacerdo-  
„ tes , quæ Majestati Tuæ bene cognita esse pu-  
„ tamus , singularis cujusdam observantiæ , reve-  
„ rentiæque signa ostendit ; docente enim Domi-

## 164 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„no didicerat : Qui Sacerdotes audirent , eos  
 „Deum audire ; qui eos spernerent , Deum ip-  
 „sum spernere ; & Apostolum etiam cum Do-  
 „mino ipso consentientem , & dicentem audi-  
 „erat , quapropter qui hæc spernit , non homi-  
 „nem spernit , sed Deum , qui dedit Spiritum  
 „Sanctum in nobis : eadem pietatis virtus in  
 „Theodosio Imperatore fuit , qui tantum Beato  
 „Ambrosio Mediolanensi Episcopo tribuit , ut  
 „cujusdam à se admissi facinoris gratiâ , cùm Ec-  
 „clesiam ingredi prohiberetur , non solum hoc  
 „ipsum patienter , atque humiliter pertulerit ,  
 „sed indictum sibi ab eodem Episcopo pœniten-  
 „tiæ modum devotus exceperit. Quæ quidem  
 „nos exempla non idcirco collegimus , ut ad eo-  
 „rundem rectè factorum imitationem Majesta-  
 „tem Tuam hortaremur , quam omnium Chris-  
 „tianarum virtutum studio , sponte sua satis in-  
 „censam hortationibus nostris non indigere com-  
 „pertum habemus ; sed , ut ea , quæ Christianæ  
 „pietatis studio in Dei Sacerdotes benignè fecit ,  
 „& , ut speramus , adjuvante Domino , factura  
 „est , hæc ipsa auctoribus etiam magnis , piisque  
 „Principibus se fecisse in Domino gaudere. Re-  
 „liqua , quæ justitiæ æqualiter omnibus Ditioni  
 „tuæ subjectis populis conservandæ causâ à te  
 „partim instituta , partim perfecta , per facienda  
 „scribis , magna illa quidem sunt , & perinde no-  
 „bis , ac debent grata , eorumque nomine tibi ,  
 „quam

„ quam postulas , benedictionem nostram imper-  
„ timur : sed maiora tamen æternæ beatitudinis  
„ præmia sibi à Redemptore nostro proposita ha-  
„ bent : quæ enim Deus justitiæ cultoribus in  
„ Cœlo præparavit , hæc neque oculus terrenus  
„ vidit , neque auris humana audivit , neque in  
„ cor hominis ascenderunt ; quæ quidem Majes-  
„ tatem Tuam oculis Fidei intuentem in confer-  
„ vanda justitia , prohibendis , vindicandisque ma-  
„ leficiis , bonis , sanctisque viris beneficio com-  
„ plectendis defatigari non oportet. Pestilentiam  
„ verò è Civitate Ulisbonensi ferè jam abiisse ,  
„ & quandiu fuit Majestatem Tuam ; non eis , aut  
„ quos mori contigerit , nihil ad animarum salu-  
„ tem defuisse : in eaque re singularem quandam  
„ Dei servorum , quos nominas , charitatem exti-  
„ tisse , magnopere in Domino gavisi sumus ; ejus-  
„ que rei causâ Omnipotenti Deo gratias , quas  
„ debemus , egimus , atque agimus ; qui quo-  
„ niam , quos diligit , corripit , agenda illi sunt  
„ gratiæ , quia quos castigare peccantes , ut scri-  
„ bis , tot , tantorumque morborum peste voluit ,  
„ hoc proculdubio tanquam bonus pastor tacen-  
„ do occidere voluit. De rebus autem suis Indi-  
„ cis , quod nos Majestas Tua certiores fecit , in  
„ ea re pristinam suam erga nos , sanctamque  
„ hanc Sedem Apostolicam observantiam , devo-  
„ tionemque recognovimus ; speramusque Deum  
„ Omnipotentem pro sua misericordia , eximia-  
„ „ que

## 166 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ que Majestatis Tuæ in se pietate feliciores quo-  
 „ tidie rerum in eis Regionibus successis illis datu-  
 „ rum; quod nos assiduis precibus ab eo precari non  
 „ desistemus. Omnipotens Deus te, charissime in  
 „ Christo Fili, incolumem in hac vita diu custo-  
 „ diat, & in altera ad æternæ beatitudinis præ-  
 „ mium pervenire concedat. Datum Romæ apud  
 „ Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris die 5  
 „ Januarii 1570. Pontificatus nostri anno quarto.

T. ALDOBRADINUS.

Informa Carlos IX. a ElRey  
 da victoria, que alcançara dos  
 Hugonotes.

100 Ainda ElRey D. Sebastião assistia em  
 Evora, quando Carlos IX. Rey de França o fez  
 por hum Carta participante da celebre victoria  
 alcançada por seu irmão Henrique, Duque de  
 Anjou, em Jarnac a 13 de Março desse anno de  
 1569, contra o Principe de Condè Luiz de Bor-  
 bon, principal fautor dos hereges Hugonotes.  
 No tempo que grande parte das nações Boreaes  
 estavaõ inficionadas com o pestifero veneno dos  
 erros de Calvino, e Luthero, se conservava o  
 Reyno de França puro, e livre da zizania, que  
 o inimigo commum tinha semeado em varias ter-  
 ras, devendo-se esta felicidade ao vigilante zelo  
 de seus Monarcas Francisco I. e Henrique II.  
 acerrimos defensores da Igreja Romana. Pela  
 morte de Henrique II. succedida no anno de 1559,  
 e de seu filho Francisco II. no anno seguinte,  
 cingio a Coroa seu irmão Carlos IX. em idade de  
 onze

onze annos ; e posto que pela sua menoridade pertencia a regencia da Monarchia ao Principe de Bearne , Chefe da Casa de Borbon , na falta da linha de Valois reynante , entrou a administrala a Rainha Catharina de Medicis , mãy de Carlos IX. que valendo-se de summa sagacidade para conservar o Reyno pacifico , dividio os officios principaes da Coroa entre os Principes de Borbon , fautores do Calvinismo , e os Principes de Guisa , sequazes dos dogmas Catholicos. Naõ correspondeo o effeito a taõ maduro desig-  
nio ; porque como o Principe de Condè era naturalmente feroz , e inquieto , naõ satisfeito com a parte do governo comettido a seu irmão o Principe de Bearne , nem com a permissaõ da liberdade da consciencia , chegou ao escandaloso excessõ de desembainhar a espada contra o seu Soverano , de que forão lastimosas , e fataes consequencias as guerras civis , onde perecerã innumeraveis pessoas , até que nomeado o Duque de Anjou , irmão de Carlos IX. General do exercito Catholico , triumphou na batalha de Jarnac do Principe de Condè , começando com a sua morte a respirar a Monarchia Franceza da oppressã , a que estava reduzida. Desta gloriosa victoria sendo avisado ElRey D. Sebastião por Carlos IX. a celebrou com festivas demonstrações , considerando , que cortada a principal cabeça da Hydra da heresia na pessoa do Principe de Condè , se restitu-

Congratula o nosso Principe a ElRey de França pela victoria , para o que mandou por seu Embaixador a D. João Mascarenhas.

## 168 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

restituiria aquella dilatada Monarchia à pureza da Religião, pela qual alcançaraõ os seus Soberanos a religiosa antonomasia de *Christianissimos*. Para dar o nosso Principe mayor argumento do jubilo, que recebera com taõ plausivel noticia, nomeou por Embaixador a França a D. João Mascarenhas, que deixara escrito o seu nome com letras de diamantes nos Annaes da posteridade, pela memoravel defensa de Dio, contra a armada potencia del Rey de Cambaya, a quem encommendou, que depois de visitar em Madrid a El Rey seu tio, e a sua mãy a Princeza D. Joanna de Austria, entrasse com grande pompa na Corte de Pariz, onde congratulasse a El Rey Christianissimo pela insigne victoria, que o Ceo benignamente lhe concedera contra os sequazes da heresia, com os quaes nunca celebrasse pazes, por ser conveniente à conservação da Christandade, offerecerlhe por auxiliares as suas Armas, para totalmente extinguir as raizes de taõ perniciosas plantas, sempre secundas de abominaveis frutos.

CAPL.

C A P I T U L O XVIII.

*Parte da India o Vice-Rey D. Antão de Noronha para Portugal; morre na viagem, e se faz das suas heroicas acções abbreviada memoria.*

101 **H**Avendo D. Antão de Noronha governado o Imperio Oriental Portuguez com maximas igualmente catholicas, que politicas, capazes de as imitar seu grande successor D. Luiz de Ataide, partio da Cidade de Cochim para Lisboa a dous de Fevereiro de 1569, em cuja jornada, antes de passar o Cabo da Boa Esperança, foy obrigado pelo impulso dos ventos, e furia dos mares a arribar, sendo este fatal successo causa de acabar a vida, certamente merecedora de mais larga duração, por faltar na sua heroica pessoa hum dos celebres Varoens, que produzio Portugal. Ordenou no seu Testamento, que cortado o braço direito pelo cotovelo fosse sepultado em Ceuta, no mesmo jazigo, em que descansavaõ as cinzas de seu tio D. Nuno Alvares, e que seu corpo se lançasse ao mar; sendo a vastidão de dous elementos pequeno Mausoléo para tão insigne heroe.

102 Foy filho natural de D. João de Noronha, e neto de D. Francisco de Menezes, segundo Tom.III. Y do

1569

Elogio de D. Antão de Noronha.

## 170 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

do Marquez de Villa-Real , de cujo nobilissimo tronco foy generoso fruto para augmento de seus antigos braçoens. A India foy o oriente da sua gloria , para onde partio no anno de 1550, com seu tio o Vice-Rey D. Affonso de Noronha. Como General de huma Frota de sete galeoens, e doze navios de remo , sahio de Goa para o Estreito de Ormuz à restauração de Catifá , occupada pelos Turcos , que não podendo resistir à violencia do nosso fogo , a desampararaõ cobar-des , dominando-a soberbos. Victorioso diserio as vélas para o rio Eufrates , em soccorro del Rey de Baçora , contra os Turcos , que timidos com a victoria precedente largaraõ a Ilha de Mouzi-que , que se fazia inconquistavel com hum Forte situado na sua Foz.

103 Restituido a Goa , partio com hum Armada para o Malavar , onde devastou toda a Costa maritima do Camorim , e abrazou como rayo quantas povoações eraõ obedientes ao seu Principe. Na batalha de Chambe , em que acompanhou ao Vice-Rey , se distinguio de todos os Fidalgos nas proezas concebidas em seu animo , e executadas por seu braço. Provido no anno de 1553 , na Capitanía da Fortaleza de Ormuz , mais atento à honra , que à conveniencia , desprezou o precioso donativo , offerecido por El-Rey de Ormuz. Contra hum diluvio de balas , e hum vesuvio de bombas , atravessou o rio Carlim,



*Parte III. Livro I. Cap. XVIII. 171*

lim , que defendia Nacoli , Capitão do Idalxá , com sete mil Soldados , obrigando com morte de quinhentos , não sómente a largarem o campo , mas sendo seguidos pelo espaço de duas legoas , fazer a seiscentos victimas da sua fulminante espada. No anno de 1558 , segunda vez governou a Fortaleza de Ormuz , onde foy recebido com os applausos , que mereciaõ a sua prudencia , affabilidade , e desinteresse. Com huma poderosa Armada navegou no anno de 1559 , a livrar do cerco a Ilha de Baharem , reduzida à ultima calamidade pelos Turcos , aos quaes , concedendo-lhe compassivo as vidas , os constrangeo a desamparar o lugar , que injustamente occupavaõ.

104 Coroado de tantas victorias , obradas em culto de Deos , e obsequio do seu Principe , voltou para Portugal no anno de 1561 , em companhia do magnanimo heroe D. Constantino de Bragança ; e como no largo espaço de dez annos , que assistira na India , tivesse dado taõ claros argumentos de prudencia , valor , e christandade , foy nomeado por ElRey D. Sebastiaõ Vice-Rey do Estado , para onde partio no anno de 1564. As principaes façanhas , que obrou no fausto tempo do seu governo , foraõ a victoria naval do Cossario Marimusa ; a fatal derrota de cem mil Mouros no cerco de Cananor , sendo mais fatal a que padeceo o Raju em Cota , deixando no

## 172 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

campo mais de dous mil barbaros mortos , com mayor numero de feridos. Triunfou em Malaca do formidavel poder do Achem ; em Damaõ de tres mil Mogores ; e em Batecala do famoso Cofario Canetale. Reformou os Regimentos da Fazenda , e cingio de muros a Cidade de Goa , que foraõ , como logo veremos , o mais forte obstaculo contra a espantosa invasão do Idalxá. De quantos Idolos de pedra , e metal , que mandou o seu catholico zelo desfazer , e abraçar em Salsete , se lhe devem formar Estatuas , em cujas bazes estejaõ gravadas as gloriosas denominações de Propagador da Christandade , e Antagonista da Idolatria. Foy casado com D. Ignez de Castro , filha de D. Manoel Pereira , segundo Conde da Feira , de quem naõ tendo filhos , deixou as suas heroicas obras como mais illustres produções , em que acreditou na posteridade a sua nobilissima ascendencia.

CAPL-

## CAPITULO XIX.

*Operações do Capitão mór D. Diogo de Menezes na Costa do Malavar. Triunfa Mem Lopes Carraço em huma não da formidavel Armada do Achem. Conquista Nuno Velho Pereira a Fortaleza de Parnel, e he soccorrida a de Af-sari com grande destroço de seus defensores.*

105 **A** Vigilante providencia do Vice-Rey D. Luiz de Ataíde não permittia, que os inimigos do Estado prevalecessem em parte alguma contra as nossas armas. Para este fim tendo expedido a quinze de Janeiro deste anno de 1569, para a Costa do Norte huma Armada, de que era Capitão mór D. Jorge de Menezes, mandou outra capitaneada por Ayres Telles, composta de seis navios. Para a Costa do Malavar, nomeou por Capitão mór da Armada a D. Diogo de Menezes, guarnecida dos mais illustres Fidalgos, que militavaõ na India, ambiciosos de serem companheiros nos triunfos, que lhes segurava o heroico valor de taõ insigne Capitão, o qual não houve genero algum de hostilidade, que não executasse contra o Camorim, obstinado inimigo do Estado, sendo a principal impedir-lhe os mantimentos, que vinhaõ do Canará,

1569

Destroe D. Diogo de Menezes a Costa do Malavar,

Couto Decad. VIII, cap. 29

## 174 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

nará, por ser o Malavar terra muito infructuosa; e observando, que no porto de Millacharaõ estavaõ ancorados huns Paròs de Cossarios, mandou D. Diogo de Menezes dizer ao Governador da Cidade, que lhos entregasse, a cuja proposta não obedecendo o barbaro, resolveo o nosso Capitão, que fosse acomettida, e entrada a Cidade por duzentos Soldados: e posto que acharaõ grande resistencia, foraõ todos os seus moradores mortos, e a povoação entregue ao fogo, que teve abundante pasto nos muitos palmares, que a cercavaõ, cujo estrago durou pelo espaço de cinco dias, servindo de horroroso documento aos inimigos do Estado.

106 Entre as façanhas heroicas escritas nos Annaes do Oriente merece os mayores elogios a que obrou Mem Lopes Carrasco. Navegava para a Ilha de Sunda embarcado em hum navio guarnecido de quarenta homens, quando encontrou huma formidavel Armada do Achem, composta de vinte galés, vinte juncos, e cento e sessenta embarcaçoens comuas, com intento de vingar a afronta, e ruina, que o anno passado padecera na expugnação de Malaca. Não pode Mem Lopes evitar o perigo; e sendo impossivel a defensa, se preparou mais temerario, que valeroso, a sacrificar a vida em taõ desigual conflicto. Dispoz que na proa assistisse seu filho Martin Lopes, e na popa Francisco da Costa, e que gover-

Triunfa Mem Lopes Carrasco com huma não da formidavel Armada do Achem.

governasse a artilharia seu primo Martim Daça, reservando para si a promptidão de acodir àquellas partes, que necessitassem de mayor soccorro. Rodeada a náó por toda a Armada inimiga, começou de tão fatal circulo a disparar balas, que brevemente a reduzirão ao ultimo estrago, levando pelos ares velas, e mastros; porém não recebiaõ menor damno os inimigos, pois como era muito o numero, não havia tiro, que fosse inutil. Suspendeo a noite o conflito, em cujo intervallo, reparadas pelos Portuguezes as aberturas das balas, e curados os feridos, surgirão os barbaros em lugar distante, lançando ao mar os mortos para não inficionar os vivos. Tanto que amanheceo, voltou a Armada a cercar a náó, que era afrontoso escandalo de poder tão desigual, e com furia nova a batiaõ por toda a parte, resistindo os nossos com tanta valentia, como se animassem em cada corpo duplicados espiritos; até que sendo abordados por tres galés bem artilhadas, se acendeo hum tão sanguinolento combate, que prevalecendo o valor ao numero, foraõ obrigados os inimigos, para salvar as vidas, lançar-se ao mar. Mem Lopes desfigurado com o sangue, e a polvora, que lhe manchava o rosto, sómente era conhecido pela voz, com que animava aos seus companheiros, não perdoando a instante em que se não achasse prompto no mayor perigo. Ferido gravemente, se julgou, que  
estava

## 176 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

estava morto, cuja noticia recebendo seu filho Martim Lopes, respondeo, que se assim era, faltava hum homem, antepondo com animo heroico os impulsos do valor aos affectos da natureza. Pelo espaço de tres dias durou o conflicto, que se não fora disputado pelo esforço dos Portuguezes, certamente pareceria fabuloso. Retirou-se o Achem confuso, e desesperado, de que humana não triumphasse do poder naval, que preparara para total ruina dos Portuguezes, deixando para testemunha da nossa victoria, e da sua afronta quarenta navios submergidos, e tanto numero de mortos, que faltou a arithmetica para sua computação. A não triunfante, que sómente conservava o casco, foy levada a Malaca, onde recebeu Mem Lopes Carrasco os parabens, de que era credor o seu heroico espirito.

107 A Fortaleza de Parnel situada em hum monte alto, e fragoso, distante tres legoas de Damaõ, era asylo dos Mogores, donde sahiaõ infestar os moradores, que dispersos habitavaõ pela falda do monte; e receando Alvaro Pires de Tavora, Capitão de Damaõ, que se augmentasse o dominio destes barbatos, significou a Nuno Velho Pereira, Capitão da Armada, que discorria por aquelles mares, quizesse acometter Parnel, para com a sua conquista se extinguir a violenta oppressão dos Mogores em todas as Aldeas circumvisinhas a Damaõ. Resoluto a esta empreza

*Parte III. Livro I. Cap. XIX. 177*

preza Nuno Velho Pereira, desembarcou com quatrocentos Soldados no rio Umbolsarim, distante huma legoa de Parnel, onde ao romper da Alva chegou, e comettendo a subida, lha impediraõ os inimigos com galgas de pedra, bombas, e frechadas, de cuja resistencia entendeo, que era mayor o numero dos defensores, do que elle imaginava. Ao tempo que pela frente era taõ fortemente rebatido, lhe sahiraõ pela retaguarda cem homens de cavallo, que com horrendos alaridos intentavaõ prizionar ao nosso Capitaõ. Para evitar este perigo, ordenou a Jeronymo Curvo de Sequeira impedisse em hum cabeça com quarenta Soldados a passagem ao inimigo, em quanto elle assaltava huma tranqueira de que desalojou com summa brevidade aos seus defensores, que precipitadamente se refugiaraõ à Fortaleza, deixando-lhe por despojos cincoenta cavallos, muitos bois, e camellos, e alguns mantimentos. Com este fausto principio se animou acometter a Fortaleza, ordenando a João Gomes de Abreu, e Antonio Mexia, que a investissem por ambas as entradas: e para que os Soldados desprezassem o perigo, marchou na sua vanguarda, sendo duas vezes derrubado pela violencia das pedras arrojadas pelos inimigos, e recebendo os nossos muitas feridas das armas de arremesso, que incessantemente se despediaõ da Fortaleza, que defendida de dous baluartes levantados nas pon-

Acomette Nuno Velho a Fortaleza de Parnel, e não se rende.

Pereir. *Vida de D. Luiz de Ataid*, liv. 1. cap. 7, e 8.

Tom.III.

Z

tas

## 178 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

tas da rocha difficultavaõ a sua conquista. Vendo Nuno Velho, que era por esta parte impenetravel, a quiz render pelas partes onde achou taõ forte resistencia, que depois de serem sete Soldados mortos, e cincoenta feridos, se retirou a Damaõ, esperando mais opportuna occasiaõ para conquistar Parnel.

He segunda vez assaltada, e se conquista.

108 Segunda vez sahio Nuno Velho à conquista desta Fortaleza acompanhado de oitocentos homens, dos quaes huma parte eraõ Portuguezes, e outra vassallos del Rey de Sarcetas, e tanto que chegou ao monte fronteiro de Parnel, mandou plantar tres peças de artilharia, para cujo effeito se gastaraõ dous dias em abrir o caminho ao picaõ; e para que se naõ concluisse a obra, disparavaõ os inimigos continuamente sete peças. Começou a bataria contra a Fortaleza na distancia de cento e cincoenta passos por ordem de Nuno Velho, a tempo que a cercou com toda a gente, que conduzia. Considerando os defensores, que naõ podiaõ resistir à violencia da artilharia, e muito menos ao valor dos Portuguezes, sem dilaçaõ, por ser fatal às suas vidas, desampararaõ a Fortaleza no silencio da noite, deixando as armas, e mantimentos, com outros despojos, de que se aproveitou a cubiça dos Soldados. Expedio logo Nuno Velho esta fausta noticia a Alvaro Pires de Tavora, que congratulando-o da prudente direcçaõ, e animo deste-



*Parte III. Livro I. Cap. XIX. 179*

destemido, com que concluire a conquista de Parnel, lhe ordenou a demolisse; para que em nenhum tempo fosse asylo dos inimigos do Estado.

109 Governava o Forte de Affari André de Villalobos, hum dos famosos Soldados, que respeitou o Oriente. Estava plantado em hum pico de rocha viva nas terras de Baçaim; e posto que a natureza o fizera impenetravel, não podia admittir na sua circumferencia numerosa guarnição. Como dominava varias Aldeas, e povoações dispersas pela sua visinhança, se resolverão a conquistalla os Reys de Coles, e Sarcetas, para cujo fim conduzindo copioso numero de Soldados, com que devastaraõ muitas terras de Baçaim, lhe puzeraõ cerco muito apertado. Desta violenta invasão avisou promptamente André de Villalobos ao Vice-Rey, em quanto fazia as obrigações do seu officio na defenſa da Fortaleza, até que soccorrido por Jorge de Moura, e Paulo de Lima, juntos com Martim Affonso de Mello, Capitaõ de Baçaim, não sómente desalojaraõ aos inimigos, mas seguindo-lhe o alcance doze legoas pela terra dentro, foraõ mortos, e cativos innumeraveis, e entregues varias povoações à voracidade do fogo, de cujos horrorosos estragos experimentaraõ os Reys de Coles, e Sarcetas a fatal metamorphose de Conquistadores em conquistados.

O Forte de Affari sendo invadido triunfa dos seus Conquistadores.

## CAPITULO XX.

*Conquista gloriofamente D. Luiz de Ataide as Fortalezas de Onor, e Bracellor, em cujos rendimentos se admiraõ a prudencia, e valor deste heroe.*

1569

110 **N**O tempo que governava o Estado Oriental D. Antaõ de Noronha,

edificaraõ os naturaes do Canará entre o Malavar, e a Ilha de Goa, nas bocas de dous rios, chamados Onor, e Bracellor, duas Cidades, que intitularaõ com estes nomes; cujas ribeiras, por serem muito abundantes de pimenta, gengivre, ferro, salitre, e madeira, erã povoadas de copioso numero de gente, attrahida do lucro, que percebiaõ com o commercio dos generos, de que era fertil aquelle terreno. Para cobrar o tributo, que havia cinco annos naõ pagavaõ ao Estado, voltando D. Antaõ de Noronha da conquista de Mangalor aportou naquella costa, e mandando-lhe que satisfizessem o tributo, lhe responderaõ com tanta soberba, e arrogancia, que naõ podendo castigar, como merecia este insulto, recomendou a D. Luiz de Ataide, seu successor no vicereynado, que conquistasse Onor, para com a sua ruina desaggravar aquella injuria comettida contra o respeito do Estado.

Situaçaõ de Onor, e Bracellor.

Faria *Asia Portug.* Tom. 2.  
Part. 3. cap. 6.

Dif-

*Parte III. Livro I. Cap. XX. 181*

III Distava Onor de Goa dezoito legoas para o Sul, cuja Fortaleza por arte, e natureza se fazia difficil à expugnação, principalmente estando guarnecida de Canarás, que entre as nações Orientaes, se distinguiaõ na destreza das armas. Sem demora sahio de Goa D. Luiz de Ataide a doze de Novembro deste anno de 1569, com hum Armada composta de cento e trinta navios, dos quaes armou tres galeoens, de que eraõ Capitães Francisco Barradas, Antonio Peixoto, e Vicente Dias de Villalobos, que conduziaõ os instrumentos para a expugnação. Occupou a boca do rio de Onor D. Francisco Mascarenhas, sendo o primeiro, que sahio à praya inimiga, de cuja gloria foraõ companheiros Alexandre de Sousa, e Jorge Toscano de Lacerda. Não querendo os sitiados entregar a Fortaleza, que soberbos defendiaõ, desembarcou o Vice-Rey defronte dos seus muros pela parte do Sul com mil e quatrocentos Soldados, aos quaes precedia com animo certo da victoria, quando pela parte do Norte marchou D. Francisco Mascarenhas com oitocentos Soldados. Sahiraõ os inimigos, que guarneciaõ a Fortaleza a esperar a invasão fóra dos muros, confiados no sitio, que por ser cheyo de passos estreitos, e vallados cubertos de penetrantes espinhos, difficultavaõ a entrada; porém vencidos estes obstaculos, se plantou a artilharia em lugar, que offendia gravemente a Fortaleza. Para

Sahiu D. Luiz de Ataide à conquista de Onor.

## 182 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

ra terror dos sitiados ordenou o Vice-Rey, que fosse abrazada a Cidade antes de rendida a Fortaleza, cujos edificios habitados por pessoas nobres, e ricas, se reduzirão brevemente a cinzas. Para impedir todo o genero de soccorro aos inimigos se formaraõ duas estancias fortificadas com vallos, e trincheiras, sendo Capitaõ de huma D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, a qual estava guarnecida de falcoens, pedreiros, e berços, ao longo do rio, e da outra D. Manoel Rolim, e D. Pedro de Castro; e na parte, que coroava o monte, Ruy Gonçaves da Camera. Elegeo o Vice-Rey para seu alojamento a porta da Fortaleza da banda do Leste, por ser lugar donde podia ser vigorosamente batida pela artilharia, e contra hum Revelim, que cubria a porta, mandou assestar hum leaõ, e huma meya esfêra, de cujas balas varejados os inimigos se retiraraõ, onde com incessantes tiros faziaõ grande damno à nossa gente.

112 Arrazados os muros da Fortaleza com a violencia das batarias, chegou a vinte e quatro de Novembro, em que mandou preparar o Vice-Rey escadas para no dia seguinte se dar assalto, as quaes de noite furtaraõ os Soldados, receando que naõ fossem todos participantes do perigo, em que competiaõ animosos. Desengannados os barbaros de resistir por mais tempo ao valor dos expugnadores, mandaraõ a Canto Panayque, seu Capitaõ, tratar a entrega da Fortaleza

*Parte III. Livro I. Cap. XX. 183*

leza com o Vice-Rey , o qual lhe concedeo as vidas deixando as armas , artilharia , e bandeiras; e posto que os sitiados repugnasssem a estas condições , como injuriosas ao seu valor , obedecendo à desgraca contra os impulsos do animo , sahiraõ com suas mulheres , e filhos amparados por D. Francisco Mascarenhas , para não experimentarem o menor damno do nosso arrayal. . Evacuada a Fortaleza às dez horas do dia , se acharaõ tres peßas de artilharia , e ao dia seguinte consagrado às triunfaes memorias da inclyta Martyr Santa Catharina , se cantou Missa em acção de graças de taõ celebre conquista , em que se perderaõ trinta Soldados. O Vice-Rey nomeou por Capitaõ da Fortaleza a Jorge de Moura , com a guarnição de duzentos Portuguezes , e duas companhias de Christãos da terra , para cuja habitação mandou levantar casas , e hospital , e tudo quanto era necessario para sua conservação. A Fortaleza foy cercada de muros de pedra , e de hum Baluarte , com cava sobre a Cidade de Onor , que a fez impenetravel à mais violenta invasaõ.

Rende-se a Fortaleza de Onor.

113 Igual na gloria , e mayor na expugnação foy a conquista da Cidade , e Fortaleza de Bracellor. Estava situada na costa do Canará , e sendo tributaria dos Reys de Narsinga se governava como Republica livre , a cujo porto , de que sahiraõ muitas náos carregadas de pimenta , arroz , assucar , ferro , e gengivre , se refugiaraõ os Pi-

He invadido Bracellor pelo Vice-Rey D. Luiz de Ataide.

ratas

ratas do Malavar, obtinados inimigos do Estado. Determinada a sua conquista, mandou o Vice-Rey explorar por D. Francisco Mascarenhas, com a mayor parte da Armada o animo dos moradores de Bracellor, em quanto estava tratando pazes com os Embaixadores da Rainha de Garcopa, que faltando à conclusão dos tratados, experimentou o castigo merecido de suas falsas promessas. Tanto que o Vice-Rey chegou ao porto de Bracellor, como fosse certificado, que os seus moradores querião impedir o desembarque, vencidos os seus cavilosos artificios, de que era parcial a Rainha de Garcopa, ordenou a D. Francisco Mascarenhas, que saltasse em terra com a sua gente, quando elle por outra parte buscava intrepido aos inimigos, esperando que estando divididos, seriaõ com mayor brevidade desbaratados. Na eminencia de hum outeiro estava fabricado hum Forte taõ proximo ao rio, como superior a todas as embarcações, donde não havia tiro, que não fizesse grande estrago, e servia de padraõ ao lugar do desembarque, que estava presidado por doze mil barbaros, disparando incessantemente hum diluvio de flechas, e balas. Contra este formidavel corpo se oppoz com taõ heroico ardor o Vice-Rey, que o obrigou a que cedendo do lugar, se recolhesse tumultuariamente ao Forte; e posto que a subida era fragosa, e estreita, onde não podiaõ os nossos esgrimir as armas, tal era

*Parte III. Livro I. Cap. XX. 185*

era o furor, com que seguiaõ os inimigos, que trepando com pés, e mãos, os alcançavaõ para serem despojos das suas espadas.

114 Resoluto o Vice-Rey em ganhar o Forte, que lhe difficultava a conquista de Bracellor, o acometteo juntamente com D. Francisco Mascarenhas, e depois de hum deputado combate, em que sendo muitos dos nossos Soldados rebatidos com os botes das lanças, animados com espiritos novos, saltaraõ a tranqueira, que foy a porta, pela qual se entrou no Forte, donde confusos os inimigos, perdendo primeiramente as esperanças do soccorro, e logo os impulsos da resistencia, se retiraraõ com perda de duzentos mortos, e mayor numero de feridos. Dos nossos faltaraõ nove, entre os quaes se distinguio pela pessoa, e valor Henrique de Bentacur. Mereceo fama naõ vulgar neste conflicto D. Luiz de Castellobranco, obrando acções dignas do seu nascimento. Ganhado o Forte, nomeou o Vice-Rey por seu Capitaõ a Antonio Botelho, em premio de ser o primeiro, que com o proprio sangue finalou o caminho do seu rendimento.

115 Querendo certificar-se o Vice-Rey se os inimigos atemorizados com o estrago padecido no Forte teriaõ desamparado a Fortaleza, mandou a D. Francisco Mascarenhas por mar, ao mesmo tempo, que elle marchava por terra, com intento de a cercar; porém como a achasse desampa-

He ganhado o Fortê pelos  
nossos,

Tom. III.

Aa

rada,

186 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Vice-Rey nova For-

rada, mandou para ella o seu alojamento; e posto que era fabricada de pedra, e cal, e murada com baluartes, e cava, a fortificou com mais fortes reparos; porém como estivesse situada muito distante da barra, a edificou no lugar do Forte conquistado, donde senhoriava o porto, e mais promptamente se rebatião os insultos dos inimigos. Não podiaõ estes tolerar o edificio da nova Fortaleza, que era fatal freyo das suas liberdades, e para impedir o progresso da obra, expediraõ no silencio da noite os Reys de Tollor, e Cambolim seis mil homens, que intrepidamente assaltaraõ o Forte, que guarnecia Pedro Lopes Rebello com duzentos Soldados, os quaes fulminando com varios artificios de fogo aos inimigos, reduziraõ a cinzas trezentos, juntamente com o seu General, excedendo o numero dos feridos aos mortos, e com taõ feliz successo coroou D. Luiz de Ataide a conquista de Onor, e Bracellor.

São derrotados os inimigos, que se oppuzeraõ à fabrica da nova Fortaleza.

CAPÍ.



## CAPITULO XXI.

*Parte Francisco Barreto com o titulo de Governador das Minas de Sofala, e conquistador do Imperio de Monomotapa; e dos infortunios, que padeceo antes de chegar ao termo da sua jornada.*

116 **D**Urava impressa no catholico animo delRey D. Sebastião a perfida apostasia do Emperador de Monomotapa, com que mandou privar da vida ao Veneravel Padre Gonçalo da Sylveira, em remuneração de o ter aggregado ao rebanho de Christo com toda a Familia Real, de cuja conversão se escreveo largamente na Parte I. liv. 2. cap. 15. destas Memorias; e querendo o nosso Principe castigar huma offensa, em que era interessada a Religião, como tambem a liberdade de seus vassallos, tyrannizados por aquelle barbaro, consultou ao Tribunal da Mesa da Consciencia, sobre o que devia obrar contra hum desertor da Fé Catholica, e violador do direito das gentes, religiosamente observado entre todas as Nações. Examinada esta proposta com maduro exame, responderão os Ministros por Consulta escrita em Almeirim a 23 de Janeiro de 1569.

Tom. III.

Aa ii

,, Sen.

1569

Consulta ElRey ao Tribunal da Mesa da Consciencia acerca do procedimento do Emperador do Monomotapa,

## 188 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Resposta do Tribunal a El-Rey.

„ Sendo o principal intento de S. A. nestas  
 „ suas Conquistas a promulgação do Evangelho,  
 „ e conversão da gentilidade (condições com que  
 „ lhas concederaõ por diversas Bullas os Summos  
 „ Pontifices) para cuja sagrada empreza mandava  
 „ Ministros Apostolicos, podia licitamente expe-  
 „ dir gente armada, e fundar Fortaleza, não só-  
 „ mente em Monomotapa, mas em outra qual-  
 „ quer terra de infieis, para segurança do comer-  
 „ cio, e dos promulgadores do Evangelho, e  
 „ com mayor fundamento em Monomotapa, on-  
 „ de prudentemente se receava, que não fossem  
 „ admittidos, devendo declarar formidavel guer-  
 „ ra a todo o Principe, que se lhe oppuzesse,  
 „ ou quebrantasse o direito das gentes; que para  
 „ evitar nas suas Conquistas ritos abominaveis, e  
 „ execuções tyrannas contra os innocentes, appli-  
 „ casse primeiramente meyo suaves: e que não  
 „ aproveitando estes, declarasse violenta guerra  
 „ contra os authores de taõ execrandos delictos,  
 „ dos quaes era o mais culpado o Principe de Mo-  
 „ nomotapa, por ter violado a immuniidade dos  
 „ seus Embaixadores, condemnando sacrilega-  
 „ mente à morte ao Veneravel Padre Gonçalo  
 „ da Sylveira, que o restituira à vida da graça;  
 „ recolhido nos seus pórtos aos inimigos do nos-  
 „ so Estado, e apostatado da fé promettida em  
 „ o baptismo. Mas se este Principe arrependido  
 „ de tantos crimes comettidos huns contra o cul-  
 „ to

„to de Deos, e outros contra o decóro de S. A.  
„promettesse expulsar fóra dos seus dominios a  
„todos os inimigos do nome Christão, e entre-  
„gar os culpados, que foraõ causa da sua apos-  
„tasia, deixando patente a entrada aos Ministros  
„Apostolicos, para se augmentar, e estabelecer  
„a conversão da gentildade, devia S. A. suspen-  
„der a guerra, e celebrar com aquelle Principe  
„amigavel correspondencia; mas se como perfi-  
„do, e ingrato naõ observasse estas condições,  
„lhe declarasse logo sanguinolenta guerra, até  
„que severamente castigado se emendasse dos seus  
„criminosos excessos, e satisfizesse, como devia,  
„às justificadas queixas de S. A.

117 Condescendeo ElRey com este voto igualmente estabelecido em maximas catholicas, como politicas, e nomeou para Monomotapa com 'o titulo de Conquistador das suas Minas a Francisco Barreto, que de seu valor, e integridade tinha dado claros argumentos, assim quando moderou as redeas do Estado da India, como na famosa expedição da conquista do Penhaõ de los Veles; e posto que este lugar, em que agora era nomeado, fosse muito inferior ao que tinha exercitado, mais attento ao serviço do seu Principe, que ao decóro da sua pessoa, partio de Lisboa a dezaseis de Abril deste anno de 1569, com tres náos, sendo Capitão da segunda Lourenço de Carvalho, e da terceira Vasco Fernandes

*Parte Francisco Barreto por Governador das Minas do Monomotapa.*

*Faria Asia Portug. Tom. 2. part. 3. cap. 13. §. 3.*

## 190 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

des Homem ; levavaõ de guarnição mil homens, entre os quaes se distinguiraõ Antonio Mendes de Vasconcellos, Ruy Nunes Barreto, Francisco de Miranda, filho de Fernando de Miranda, Antonio Gonçalves de Magalhães, filho de Sebastião da Costa de Magalhães, Antonio Pereira Brandaõ, Antonio Mascarenhas, filho de Vasco Fernandes Homem, Antonio de Mello, filho de Gaspar de Mello, Pedro de Sousa Camello, filho de Henrique Camello Pereira, Leonel de Lima Pereira, João Gomes da Sylva, filho de Sebastião de Anaya, João Moniz de Figueiredo, e Domingos Pestana de Brito.

Infortunios, que padece na  
jornada Francisco Barreto.

118 Ao disferir das vélas logo experimentaraõ funestos presagios desta empreza, pois descendo as náos pelo Tejo, ao salvar a Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, rebentou huma peça, offendendo hum pedaço ao chapeo de Francisco Barreto, e maltratando outro a verga do masto grande. Desembocada a barra se voltou o vento por proa ; e porque a marè vazava, foy preciso lançar ancoras, até que subisse. Obrigadas as náos pelo impulso do vento, vieraõ buscar o surgidouro de Belem, onde estiveraõ ancoradas dezoito dias, e sahindo segunda vez da barra, sobreveyo taõ furiosa tormenta, que fez arribar a Lisboa a náó de Lourenço de Carvalho, com hum dos mastos rendidos. Prosiguiraõ as duas a jornada, e havendo tolerado na linha pelo espaço de setenta

*Parte III. Livro I. Cap. XXII. 191*

ta e sete dias continuas calmarias, foraõ conſtrangidas a buscar o Brazil, e entrando a quatro de Agoſto na Bahia de todos os Santos, ſe prove-raõ do que ſe neceſſitava para proſeguir a viagem. Já quando chegavaõ ao Parcel do Cabo das Agulhas deſandaraõ com outra tormenta duzentas legoas, e pairando trinta e ſeis dias, no fim delles chegaraõ a Moçambique em dezaſeis de Mayo de 1570, havendo paſſado mais de hum anno, que tinhaõ ſurgido de Lisboa.

---

C A P I T U L O   X X I I .

*Parte Gonçalo Pereira de Ternate para Amboino, onde precedendo glorioſas victorias funda huma Fortaleza. Perſegue cruelmente ElRey de Aeyro a Chriſtandade de Moro, e da conſtancia, com que os novos convertidos toleraraõ a perſe-guição.*

119   **P**Ara fundar huma Fortaleza no porto de Ito ſahio de Ternate Gonçalo Pereira Marramaque, e querendo antes da partida prender ao fementido Rey Aeyro, com todos os ſeus filhos, lhe naõ correfpondeo o ſucceſſo ao intento, que podera ter executado hum anno antes, quando o barbaro ſe offereceo à pri-zaõ, confiado na ſua aſtucia, e em a noſſa ſinceridade.

1569

Souza *Oriente Conquist.* Part.  
2. Conq. 3. Div. 1. §. 24.

He destrógada a Armada dos  
Jaos por Mem de Vasconcel-  
los.

ceridade. Vencidas oitenta legoas, que correm de Ternate a Amboino, surgiu a Armada Portuguesa em Cova, celebre enseada, pois dentro nella se encoflavaõ os galeoens tanto à terra, que com pranchas estavaõ taõ seguros como em hum casa. Mandou Gonçalo Pereira lembrar pelo Capitão Lopo de Noronha a Genulio, Governador dos Itoanos a promessa, que lhe dera, de permittir se levantasse hum Fortaleza na foz do seu rio. Como Genulio esperava por hum Armada de Jaos, expedida em seu soccorro pela Rainha do Japara, não attendeo à proposta do nosso Capitão, e resolute a castigar a insolencia deste barbaro, ordenou, que sahisse Mem de Ornellas por Cabo dos galeoens a encontrar-se com os Jaos, que já navegavaõ demandando a Ilha. Com o animo os esperou, e com promptidão os destruiu, queimando-lhe humas embarcações, e obrigando a outras a serem pelas prayas despedaçadas.

120 Alcançada esta victoria como feliz preludio de outras mais gloriosas, amanheceo Gonçalo Pereira em o lugar de Ito, onde determinava fundar a Fortaleza. Desconfiados os inimigos de lhe resistir em campo aberto, se refugia- raõ quatrocentos a hum serra altissima, providos de tudo quanto lhe era necessario para o sustento, e defenfa. Vencida primeiramente hum tranqueira, que difficultava o caminho, subiraõ

os

*Parte III. Livro I. Cap. XXII. 193*

os nossos Soldados por fragas , e despenhadeiros pelo espaço de tres dias , donde constangidos da falta da agua , e do excessão do frio , voltaraõ ao plaino. Restaurados de forças intentaraõ por outro caminho combater aos barbaros , e divididos em duas partes , que governavaõ Simaõ de Mendoça , e Gonçalo Pereira , investiraõ aos Itoanos , e derrubado o recinto de pedras , que lhe servia de parapeito , se travou o conflicto a corpo descoberto , onde foraõ mortos trezentos inimigos , com a fortuna de que nenhum dos nossos perdesse a vida. Aquelles que escaparaõ do nosso ferro , se despenharaõ da serra com acelerada confusão. A gente principal se recolheu a hum Mesquita , onde cercada se entregou à piedade do vencedor.

*Segunda victoria de Gonçalo Pereira contra os Jaos.*

121 Com esta heroica acção se habilitou Gonçalo Pereira para outra semelhante , atacando Atutili , povoação grande , situada ao pé da serra , para a parte do mar. Marchava elle na retaguarda levando a vanguarda D. Duarte de Menezes. Sahiraõ resolutos ao campo os inimigos ; porém sacudidos das nossas balas , se recolheraõ precipitadamente aos muros. Converteraõ os Portuguezes o furor contra os Palmares , que ornavaõ a campanha , de cujo estrago penetrados os barbaros , sahiraõ taõ orgulhosos , que dando a primeira descarga , nos investiraõ com a espada. Foraõ heroicamente rebatidos , deixando para tes-

*Terceira victoria contra os mesmos inimigos.*

Tom.III.

Bb

temunhas

## 194 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

temunhas do nosso triunfo innumeraveis mortos, entre os quaes se distinguirão o Cacic mór, e o Capitão Genulio. O Lugar com huma sumptuosa Mesquita foraõ entregues ao fogo, seguindo-se destas gloriosas acções o socego da Ilha de Amboino, e a fundação da Fortaleza com tanta brevidade, que principiando em Mayo, se acabou em Julho deste anno de 1569, concorrendo espontaneamente para a sua fabrica não sómente os Christãos, mas ainda os Gentios, pela conveniencia da paz, segurada com o dominio Portuguez.

Perseguição em Moro contra os Christãos.

122 Ao tempo que em Amboino triunfava a Religião Christãa, era horriavelmente perseguida na Provincia de Moro, que constava de muitas Ilhas, florecendo em tres dellas a Ley Evangelica, com innumeraveis sequazes dos seus sagrados dogmas. Contra tão numerosa Christandade se armou o odio del Rey Aeyro, igualmente inimigo da Fé de Christo, que da nação Portugueza. Para totalmente extinguir a semente do Evangelho, que naquelle terreno tão abundantemente fecundara, como tivesse partido a nossa Armada para Amboino se aproveitou de occasião tão opportuna, mandando levantar gente em Mocanora, e Sabubo, Lugares de Morotia, e Ilha Doy, e com elle guarneceo trinta embarcações. O Lugar de Pune foy o primeiro, que experimentou a violencia deste rayo, sendo mortos trezen.



trezentos Christãos, e cativos outros. Causavaõ horror as barbaras tyrannias, que executavaõ os Mouros, extrahindo violentamente dos ventres maternos os fetos, e degolando por recreação os que sahiraõ animados. Opprimidos os Christãos com tão horrorosa fatalidade, se renderaõ aos Mouros, largando exteriormente a Fé, e occultando as Cruzes, e Imagens, para não serem ultrajadas; e aquelles que constantes perseveravaõ na Religião Christãa, eraõ victimas do ferro, e do fogo.

123 Retumbavaõ em Ternate os lastimosos eccos de tão execrandas violencias; e para não ser accusado por author dellas ElRey Aeyro, se fingia na presença dos Portuguezes triste no semblante, e lastimado no coração, jurando, que estava innocente naquelles excessos, pois os Cabos da Armada, instrumentos de tantas tyrannias, eraõ rebeldes à sua Coroa, e como inimigos da sua felicidade o queriaõ fazer suspeito à nação Portugueza. Para dissimulação da sua falsidade, mandava este barbaro humas embarcações, para derrotar as primeiras, as quaes por ordem secreta se uniaõ, ou voltavaõ, com a desculpa de não se terem encontrado com os rebeldes. Toleravaõ os Portuguezes estes malevolos fingimentos, por estarem em Moloco faltos de forças, para vingar as injurias, que recebiaõ de tão fementido Principe, o qual logo que recebeo

Artificios, com que ElRey Aeyro desculpa a sua falsidade.

## 196 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

a noticia de que Gonçalo Pereira fundada a Fortaleza em Amboino, se aprestava com a Armada para a India, tirou a mascara, dizendo abertamente aos Portuguezes, que era professor da Ley de Maſoma, e inimigo acerrimo da Cruz de Christo, e que delle não esperassem senão guerra. Das ameaças passou a execuções, matando a muitos Portuguezes, que vagavaõ dispersos pela Ilha; e roubando todas as embarcações, que sahiaõ do Morro carregadas de mantimentos para provimento da Fortaleza de Ternate.

---

## CAPITULO XXIII.

*Relatãõ-se os progressos da Fé Catholica nas regiões Orientaes, de que era incançavel promotor o zelo del Rey D. Sebastião.*

1569

124

**N**Aõ satisfeito o ardente zelo del Rey D. Sebastião de recomendar na instrucção, que deu para o governo da India a D. Luiz de Ataide, o promover a Christandade em taõ vastissimas regiões, lhe escreveu em treze de Março, deste anno de 1569, huma Carta, cujas clausulas animadas do catholico ardor, que alimentava no peito, eraõ as seguintes.

Carta del Rey D. Sebastião para o Vice-Rey D. Luiz de Ataide.

„ Visorey amigo. Eu El Rey vos envio  
„ muito saudar. Huma das principaes cousas que  
„ de-

*Parte III. Livro I. Cap. XXIII. 197*

„desejo , que nas partes da India haja conforme  
„à obrigação , que a isso tenho , e ao serviço de  
„Deos , que disso se segue , he a obra da con-  
„versaõ , como de palavra vos disse , quando de  
„mim vos despedistes : sobre o qual negocio vos  
„mandey dar aqui huns apontamentos das cousas,  
„que na Mesa do despacho da Consciencia se af-  
„sentaraõ para o bem , e particular desta obra :  
„os quaes , e todas as provisoens , que sobre isso  
„saõ passadas , vos encomendo muito fazeis in-  
„teiramente cumprir , e guardar ; e conforme aos  
„apontamentos ; trabalheis quanto vos for pos-  
„sivel , para que esta obra da conversaõ vá em  
„grande augmento , ajudando , honrando , e fa-  
„vorecendo os novamente convertidos , de ma-  
„neira , que o exemplo do muito , que lhes fi-  
„zerdes , mova aos Gentios , e infieis a se conver-  
„terem à nossa santa Fé , e vejaõ claramente não  
„sómente elles , mas todos os Christãos , quan-  
„to mais estimais esta obra , que todas as ou-  
„tras. Para o qual ajudará muito não consentir-  
„des , que os novamente convertidos sejaõ oppri-  
„midos , nem se lhes faça aggravo algum , an-  
„tes os liberteis , e honreis , como está ordena-  
„do: e quando alguém os aggravar , mandeis cas-  
„tigar os que nisso forem culpados , e assim to-  
„dos os que de alguma maneira impedirem , e  
„contradifferem esta tão santa obra da conversaõ,  
„os quaes se devem haver por suspeitos na Fé ;  
„e para

„e para que eu saiba o que acerca disto se faz,  
 „vos encomendo muito, que cada anno parti-  
 „cularmente me escrevais quantos baptismos so-  
 „lemnes se fizeraõ : nos quaes vós com toda a  
 „a Nobreza vos deveis sempre, quanto for possi-  
 „vel, achar presente; e juntamente me escreve-  
 „reis do numero dos Christãos, e qualidade das  
 „pessoas, que em cada hum houve, e vo lo agra-  
 „decerey muito, &c.

Baptismos de diversos Gen-  
 tios na Ilha de Salcete.

125 Não era necessario taõ forte estímulo pa-  
 ra despertar o cuidado do Vice-Rey em materias  
 pertencentes à dilatação do Evangelho, por ser  
 ornado de coração pio, e zeloso. Em todas as  
 partes começou a frutificar a semente Evangeli-  
 ca, ainda que se empenhavaõ a sufocalla os se-  
 quazes da idolatria. Em Verná se baptizaraõ  
 cento e trinta e sete pessoas; em Rachol cento  
 e quarenta; em Morgaõ duzentos e trinta e qua-  
 tro; e cento e sete em Orlim. Tres Gentios de  
 idade provecta, como cervos feridos da divina  
 graça vieraõ buscar as aguas do Baptismo em  
 Salcete. Ao numero de oitocentos e cincoen-  
 ta Christãos em Curtalim se aggregaraõ cento  
 e cinquenta ovelhas para o rebanho do Divino  
 Pastor.

Triunfa a Fé em Cochim.

126 Com iguaes triunfos se coroou a Fé em  
 Cochim, pois vindo visitar ao seu Rey, que es-  
 tava enfermo, o Regulo de Porcá, alcançou  
 delle, que concedesse aos Christãos, seus vassal-  
 los,

*Parte III. Livro I. Cap. XXIII. 199*

los, os mesmos privilegios, que Sua Magestade tinha concedido aos seus subditos, e que as Igrejas fundadas pelos Missionarios fossem asylo de Christãos, e Gentios. Dous Regulos, para alcançar a benevolencia dos Portuguezes, pediraõ Prégadores Evangelhos para os seus Estados. Excederaõ o numero de setecentos os que foraõ regenerados com a graça bautismal, abjurando a cegueira do Paganismo.

127 No Principado de Amacura, situado na parte mais Occidental de Ximo, dominava hum Regulo rico, e poderoso, o qual mandando pedir ao Padre Cosme de Torres, Jesuita, hum Prégador, que o instruisse na Fé de Christo, foy eleito para esta empreza o Irmaõ Luiz de Almeida, o qual explicando os Mysterios da nossa Religiaõ na presença da nobreza, e plebe, se colheraõ em o festivo dia da Resurreiçaõ do Redemptor do Mundo as primicias deste Evangelico fruto, em que recebeo o Bautismo o Governador da Cidade, chamando-se D. Leaõ, com cincoenta pessoas da sua familia, cujo exemplo seguiu seu sogro com mais cento e cincoenta pessoas familiares da casa do Regulo. Penetrados os Bonzos de que todos abraçavaõ a Ley Evangelica, e naõ restava quem os alimentasse com esmolas, se conspiraõ contra D. Leaõ, em cujos hombros se sustentava segura a Fé, persuadindo a seus dous irmãos, General das Armas hum, e outro Rege-

Converte-se em Ximo hum Regulo com a sua familia.

dor

## 200 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

dor do Cível, para que declarassem guerra a D. Leão, pois com o affectado pretexto de melhorar de Ley, se tinha constituido cabeça da innumeravel multidaõ dos convertidos, donde se seguiria ser absoluto arbitro daquelle Principado. Pareceo aos irmãos do Regulo justificada a proposta dos Bonzõs, e se prepararaõ com setecentos homens armados, para de madrugada ser viltima do seu furor a innocencia de D. Leão, e sendo este avisado de taõ malevolo intento, cingio o seu Palacio com forte estacada aberta em seteiras, que presidiavaõ seiscentos Christãos, cujo apparatus defarmou as maquinas, que levantara a malicia dos Bonzos, e a potencia dos dous irmãos de D. Leão.

---

## CAPITULO XXIV.

*Insta Filippe Prudente na conclusaõ do casamento del Rey D. Sebastião, para cujo effeito manda por Embaixador a D. João de Borja. Parte para Castella com o mesmo caracter D. Alvaro de Castro. Escreve o Bispo D. Jeronymo Osorio a El Rey sobre a mesma materia.*

1570

128 **T**Inha Filippe Prudente tratado com summo desvêlo, e naõ menor madureza concluido o casamento del Rey D. Sebastião

*Parte III. Livro I. Cap. XXIV. 201*

tiaõ com a Infanta de França D. Margarida de Valois, e por mais instancias, que lhe fez aquelle Monarca, para que mandasse procuração ao Embaixador desta Coroa D. Francisco Pereira, para affinar o contrato matrimonial, nunca pode conseguir o que tantas vezes lhe supplicou; e vendo que neste negocio estava empenhada a sua Real authoridade para abrandar o animo inflexivel de seu sobrinho, obstinadamente irresoluto em huma materia, de que resultava a conservação da sua Monarchia, mandou por Embaixador a D. Joaõ de Borja, filho daquelle Heroe, que sendo grande no seculo, foy mayor quando se alistou na Companhia de Jesus, o insigne S. Francisco de Borja, confiando da eloquencia deste Cavalhero, persuadisle a ElRey D. Sebastiaõ, que deposta a repugnancia, que affectava, se determinasse a concluir os desposorios com a Infanta Margarida de Valois, de cujo conforcio haviaõ resultar grandes conveniencias ao Reyno de Portugal. Chegou o Embaixador à presença do nosso Principe, e em breves palavras lhe significou o empenho do seu Soberano, que todo redundava em gloria de D. Sebastiaõ, a quem escreveu sua mãy D. Joanna de Austria sobre a mesma materia, persuadindo-o efficaçmente a ceder da irresolução, em que estava, como injuriosa à sua Real Pessoa. As Cartas de Philippe Prudente, e da Princeza D. Joanna, escritas para este

Manda Philippe Prudente por seu Embaixador a D. Joaõ de Borja, para concluir o casamento delRey D. Sebastiaõ.

Tom.III.

Cc

nego-

202 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

negociação, que trasladamos das originaes, são as seguintes.

Carta de Philippe Prudente para El Rey D. Sebastião.

„ Señor. Se ubiera de escribir a V. A. todo lo que se ofrece en respuesta de su ultima Carta, y resolucion en lo tocante a su matrimonio, ubiera esta de ser muy larga, pero de D. Juan de Borja entenderà V. A. tan particularmente todo lo que yo le pudiera dizir, que me podre muy bien escusar en esta parte, porque lo lleba muy bien entendido, y por esperar a que fuesse con esta comission, y por otras consideraciones concernientes al proprio negocio nõ he respondido antes. A V. A. pido muy encarecidamente le crea como a mi mismo lo que le dixere de mi parte, que todo ello procede de un amor tan verdadero, y tan endereçado pura, y sencillamente al beneficio de V. A. y de sus Reynos, que correspondiendome con el que en esta parte deve, y yo confio de V. A. tiene obligacion a tomar mi parecer, y consejo pues es el que pudiera dar a mi proprio hijo, entendiendo ser esto lo que le cumple en todas razones, y consideraciones; y assi espero que sin embargo de las dificultades, que se le abian representado, vendrà V. A. en lo platicado como en cosa, que tanto le importa, que por sèlo esto serà para mi del contentamiento, que D. Juan dirà a V. A. cuya muy Real Persona guarde Nuestro „ Se-



*Parte III. Livro I. Cap. XXIV. 203*

„ Señor como deseo. De Madrid a 9 de Deziem-  
„ bre de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

„ Señor. He dexado de responder a la Car-  
„ ta de V. A. de xxvii. de Setiembre, en que me  
„ escrebia la resolucion, que se avia tomado en  
„ lo de su casamiento, esperando la partida de  
„ D. Juan de Borja, a quien mi hermano embia  
„ a V. A. por su Embaxador Ordinario, y lleva  
„ particular comission de tratar deste negocio por  
„ advertir a V. A. con mas fundamento de lo que  
„ a mi me parece, aviendo entendido primero  
„ que mi hermano visto la respuesta, que se le em-  
„ biò determinava, y su determinacion ha sido tal,  
„ que con razon devemos agradecer, y estimar  
„ en mucho el amor, y cuidado con que trata  
„ nuestras cosas, y con el que procede en esta que  
„ tanto nos và teniendo solo fin el beneficio, y  
„ autoridad de V. A. y haziendo oficio de verda-  
„ dero padre pospuesto todo lo de mas, y nò em-  
„ bargarse la ocasion, que nò se puede negar  
„ aversele dado con esta ultima respuesta a rese-  
„ mirse, y alçar la mano del negocio, ha queri-  
„ do tornar a insistir, y tratar del, y a consolar-  
„ nos, y advertirnos, de cuyo consejo, y pare-  
„ cer yo nò puedo dexar de hazer mas caso, que  
„ de lo que V. A. me escribe; porque entiendo,

Carta da Princeza D. Joannã  
de Austria para seu filho El-  
Rey D. Sebastião.

Tom.III.

Cc ii

que

„ que es lo que mas le conviene, y que procede  
 „ de tan buena voluntad, y es de tanta autori-  
 „ dad, que devemos hazer mucho caso del, y  
 „ darle mucho credito para le seguir, y nõ apar-  
 „ tarnos del. Nõ se deve V. A. maravillar, que  
 „ yo aya mudado de parecer en esta materia, y  
 „ de que nõ aviendo aprovado al principio el ca-  
 „ samiento en Francia, antes puesto inconvenien-  
 „ tes en el, aora venga en que se haga, y tenga  
 „ escrito, y escriba de nuevo a V. A. que se de-  
 „ ve proceder a la conclusion, y embiar los po-  
 „ deres haviendo avido para esta mudança tantas  
 „ causas por los suceßos que sobrevinieron, de  
 „ que resultò impedirse el matrimonio, que esta-  
 „ va tratado de mi sobrina, el qual yo avia an-  
 „ tepuesto, y tenido por mejor, y en respecto  
 „ del nõ me parecia bien el de Francia, mas avien-  
 „ do cessado aquel, sin se poder escusar, y confide-  
 „ rando juntamente, que lo de Francia en la au-  
 „ toridad, y en la conveniencia de la edad, y en  
 „ la persona, y calidades della es conveniente, ni  
 „ he podido, ni puedo dexar de incurrir en ello,  
 „ y parecerme muy bien, y a consejarlo, y los  
 „ que en esse Reyno al principio subieron esto  
 „ de Francia por tan conveniente, que aun le pre-  
 „ ferian a lo de mi sobrina, quando avia tambien  
 „ en que escoger, nõ se como lo podrán agora  
 „ juzgar por nõ tal, quando somos venidos en ter-  
 „ mino, que nõ solo es bueno, pero necessario.  
 „ El

El estado de las cosas de Francia nunca fue tal,  
que causase imposibilidad, ni impedimento a  
la promesa, y cumplimiento dello; que para el  
efecto desse matrimonio era necesario, y ne-  
cesario, como lo será para para con los buenos su-  
cesos, que Dico ha sido servido de darlos, está  
en un diferente termino; y si esta dificultad  
fue parte para la resolución que se tomó, calen-  
do aquella, se puede muy bien mudar de pa-  
cer, que lo del casamiento de V. A. se ofrece  
con reputacion, y autoridad foyra, y beneficio  
de sus Reynos, es muy justo, y esto es lo que  
todos pretendemos, y muy principalmente mi  
hermano; mas deve mirar, que a esta autori-  
dad, y reputacion enteramente se satisfice con  
casamiento tan calificado, y al beneficio, y sa-  
tisfacion de sus Reynos con casar V. A. y  
algunos su sucesores, que es lo que ríen, y re-  
den los que nos vi tanto en esto, devemos pro-  
curar; y en lo de las pertenencias de la lla de  
la Madera, y demarcacion, sería muy bien que  
Franceses diesen satisfacion, mas ellos no son  
puntos de calidad, que por ellos se oya de dexar  
de disponer el matrimonio en que tanto vi. Bien  
veo que la edad de V. A. parece que da lugar  
a esperar, y que no dexemos de representarle  
algunas ocasiones, que con el tiempo alcancen  
afluyan bien, mas deve V. A. considerar, que  
estas ocasiones son muy inciertas, y dadas,

Y así

206 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ y en que nõ se puede hazer fundamento , y el  
„ tiempo desbarantandose lo de Francia ha de ser  
„ muy largo para que se pueda ofrecer casamien-  
„ to con efecto , que estè bien a V. A. en el qual  
„ tiempo pueden venir , y ofrecerse muchos ca-  
„ sos a que todos estamos sujetos , y la obliga-  
„ cion , que V. A. tiene a dexar suceßion en es-  
„ sos Reynos , que es tan forçoso en conciencia,  
„ y en estado , nõ se satisfaze con diferirla con  
„ esperanças tan dudosas , y nõ puedo dexar de  
„ poner delante a V. A. el estado en que rota es-  
„ ta platica quedan sus cosas , quedando impos-  
„ sibilitado a casarse en muchos annos dexarà  
„ ofendido al Rey de Francia , que con tanta ra-  
„ zon lo estará ; agraviarà mucho a mi hermano  
„ a quien tanto se deve , y a la Reyna mi Seño-  
„ ra , y a mi dà tanta causa de dolor , y senti-  
„ miento , y todo lo que se pretende queda con  
„ peyor termino , y assi nõ se quien puede dar con-  
„ sejo a V. A. de que resultan tantos inconvenien-  
„ tes ; tieneme esto cierto en gran cuidado , y se-  
„ ria muy mayor si nõ confiasse en Dios que ha de  
„ alumbrar , y guiar a V. A. y en la razon que  
„ tiene tanta fuerça , y es tan grande , y clara en  
„ esto , que mi hermano aconseja a V. A. y en la  
„ que ay para que siga su parecer , y assi reme-  
„ tiendome a lo que mas larga , y particularmen-  
„ te dirà a V. A. de su parte D. Juan , nõ dirè mas  
„ de pedir mucho a V. A. quiera embiar los po-  
„ deres

*Parte III. Livro I. Cap. XXIV. 207*

„deres a D. Francisco Pereira, de quien puede  
„V. A. tener toda satisfacion, que le ha servido  
„en esto, como lo ha hecho siempre, dandole  
„orden para que se proceda en este negocio a la  
„conclusion, y efecto, que espero en Dios será  
„para mucho servicio suyo, y contentamiento de  
„todos; el guarde a V. A. como yo deseo. De  
„Madrid a XIII. de Deziembre.

Buena Madre de V. A.

LA PRINCEZA.

129 Não poderaõ estas persuasões, que se  
faziaõ mais efficazes pela authoridade de Filippe,  
e ternura da Princeza D. Joanna mover o infle-  
xivel animo delRey, para que desistisse da reso-  
lução, em que persistia de não casar, antes para sa-  
tisfazer a estas exhortações, que lhe eraõ summa-  
mente odiosas, e molestas, despedio ao Embai-  
xador de Castella, dizendo-lhe, que brevemente  
mandaria a seu tio, e a sua mãy a ultima resolu-  
ção do negocio, que lhe viera praticar. Para  
satisfação desta promessa mandou neste anno de  
1570, por seu Embaixador a D. Alvaro de Cas-  
tro, que com grande credito do seu talento ti-  
nha diversas vezes exercitado este ministerio, pe-  
lo qual representou a Filippe Prudente a grande  
obrigação em que estava a S. A. por ter tratado  
com tanto amor, e desvélo o seu casamento, em  
que

Parte D. Alvaro de Castro por  
Embaixador a Castella.

## 208 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

que se fundava a felicidade da sua Monarchia , de cuja negociação fora eloquente interprete D. João de Borja , mas que esperava tempo mais opportuno para a conclusão deste negocio. Esta resolução mandou declarar a sua mãy , da qual tão altamente foy penetrado o seu coração , que logo no aspecto se lhe descobriraõ os effeitos do sentimento.

130 Esta contumacia , em que permanecia obstinado ElRey D. Sebastião , intentou abrandar a suprema authoridade de S. Pio V. e posto que haviaõ cinco annos persuadira a este Principe antepor o casamento de Alemanha ao de França , considerando agora com paternal providencia ser conveniente casar D. Sebastião para estabilidade da Coroa Portugueza , e não haver outra Princeza para sua consorte , que a Infanta de França, por estarem destinadas para esposas de Philippe Prudente , e Carlos IX. as duas Archiduquezas de Austria , mandou ao Doutor Luiz de Torres, seu Camereiro , a exhortallo segunda vez da sua parte a concluir os seus desposorios com Margarida de Valois, irmãa delRey Christianissimo , sobre cuja materia tinha o anno passado escrito a D. Sebastião , pois da sua demora se seguiaõ graves damnos a este Reyno. As palavras do Breve expedido em 6 de Agosto deste anno de 1570, com que instantemente exhortava o Summo Pastor a ElRey D. Sebastião , eraõ as seguintes.

„ Quæ

Escreve S. Pio V. a ElRey , para que case com a Infanta de França.

*Parte III. Livro I. Cap. XXIV. 209*

„ Quæ verò idem Ludovicus de matrimonio inter *Apost. Epist. Pii V. lib. 4. Epist.*  
„ Majestatem Tuam, & Charissimi in Christo fi- *18.*  
„ lii Regis Christianissimi sororem contrahendo  
„ cum eadem Majestate Tua locutus est, & egit  
„ nostro nomine, ac pro certo habere debes illum  
„ jussu, mandatoque nostro omnia egisse; quam-  
„ vis enim in ipsis litteris ad te nostris xiv. die  
„ Martii datis nihil tale adscriptum esse, id ob  
„ eas causas factum est, quæ sibi à prædicto Lu-  
„ dovico expositæ fuerunt: nostra verò voluntas  
„ eadem nunc, & quo semper fuit ab ex tempo-  
„ re quoad hujusmodi matrimonium Majestatem  
„ Tuam hortari cœpimus, ut scilicet quamprimùm  
„ fieri potest, ad effectum adducatur; videmus  
„ enim tali matrimonio non solùm provideri peri-  
„ culis quæ isti, quâ Majestas Tua est, ætati im-  
„ mineri solent, à variis voluptatum illecebris,  
„ sed etiam istius regni prosperitati consuli; &  
„ quod maxime existimamus Reipublicæ Chris-  
„ tianæ tranquillitatem summopere adjuvari. Ni-  
„ hil enim ad Christianorum Principum concor-  
„ diam statuendam, hac eorum inter se affini-  
„ tatum conjunctione firmiùs esse existimamus.  
„ Pertinere hoc etiam ad dignitatem nostram, &  
„ hujus Sanctæ Sedis Apostolicæ majestatem pu-  
„ tamus, ut de quo matrimonio nobis authori-  
„ bus, neque invitâ Majestate Tua semel agi cœ-  
„ ptum est, id potissimum perficiatur. Denique  
„ quia nostræ erga Majestatem Tuam paternæ be-  
Tom. III. Dd „ nevo.

## 210 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ nevolentiae nobis ipsis conscii sumus, illud quo-  
 „ que scimus nos nullas ob privatas, vel nostras,  
 „ vel cujuscumque alterius rationes tale matrimo-  
 „ nium Majestati Tuæ suadere, sed ob eam tan-  
 „ tummodò causam quia illud, & privatim sibi,  
 „ regnisque suis utile, & communi Reipublicæ  
 „ Christianæ tranquillitati conducibile fore non  
 „ dubitamus. Quæ quidem, vel sola causa vide-  
 „ tur Majestatem Tuam ad obsequendum nostræ  
 „ voluntati impellere debere, cum nihil ei explo-  
 „ ratius esse debeat, quàm nos id cupere quod in  
 „ rem Majestatis Tuæ sit. Quæ cum ita sint, Ma-  
 „ jestatem Tuam hortamur, ut ad tale matrimo-  
 „ nium quàmprimùm contrahendum animum ad-  
 „ jiciat. Qua de re copiosius locuti sumus cum  
 „ dilecto Filio Majestatis Tuæ apud nos Orato-  
 „ re; & ut illam ad eundem rem nostro nomine  
 „ ipse quoque hortaretur, postulavimus: quæque  
 „ ad te scribimus omnia cum ipso communicavi-  
 „ mus; ut suspicari non debeat Majestas Tua nos  
 „ aliquid earum rerum ignorare, quas nobis per  
 „ eum notas esse voluerit. Quod si aliquæ fortè  
 „ difficultates sunt, quæ impedian, quominus  
 „ tale matrimonium concludatur, de his Majestas  
 „ Tua si nos certiores fieri curaverit, eas omnes  
 „ auctoritate nostra interposita tollere conabimur.  
 „ Quod idem pro parte sua Majestas quoque Tua  
 „ facere debebit, ut scilicet in accipiendis hujus-  
 „ modi matrimonii conditionibus æquam se, ac  
 „ faci-



*Parte III. Livro I. Cap. XXIV. 211*

„ faciem præbeat, neque omnia summo jure pro-  
„ sequatur, sed communis utilitatis causâ de his  
„ quæ sibi iusta esse videantur, nonnihil remittat,  
„ quemadmodum ex prædicto Ludovico de Tor-  
„ res subtilius, & copiosius cognoscet, cui, &  
„ hæc ipsa, quæ scripsimus, & alia etiam Majes-  
„ tati Tuæ nostro nomine in eandem sententiam  
„ exponenda mandavimus.

131 A estas repetidas exhortações com que o Summo Pastor anciosamente procurava a conclusão do casamento do nosso Príncipe com a Infanta de França, respondeo com a seguinte Carta, em que claramente mostrava a indecisão do seu animo, para effectuar estes desposorios, da qual sómente se transcreve o que pertence a esta materia.

*Resposta del Rey ao Pontífice.*

„ Porro autem, quod ad me scribit Sanctitas Tua  
„ de nuptiis in Gallia celebrandis super eo Beati-  
„ tudinis Tuæ nomine mecum verba fecit Ludo-  
„ vicus de Torres rationibus etiam adhibitis, qui-  
„ bus ego adductus, id ad meam ipsius Regno-  
„ rumque meorum, Christianæque Reipublicæ  
„ utilitatem facere deberem. Equidem omnibus  
„ in rebus Beatitudinis Tuæ in me benevolentiam  
„ agnosco, atque res meæ, quantæ curæ ei sint,  
„ planè perspicio. Quibus ego maximis, ac plu-  
„ rimis ei adjunctis officiis sacratos pedes tuos  
„ venerabundus osculor, Tuæque Beatitudini in  
„ mentem revoco id, quod antea ad eam scripsi,  
„ ac per Joannem Tellum meum Consiliarium,

*Apost. Epist. Pii V. lib. 4. Epist. 19.*

Tom. III.

Dd ii

„ &

## 212 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ & apud Sedem istam Oratorem, ac proinde per  
 „ Ludovicum de Torres mandavi referendum San-  
 „ ctitati Tuæ me nimirum ab ejusmodi consilio  
 „ longè adhuc animo abfuisse. Quod si cogita-  
 „ tionibus meis sic anteverterit Deus, ut id ali-  
 „ quando faciendum esse constituam; nihil tamen  
 „ absque Beatitudinis Tuæ consilio, judicioque  
 „ discernendum putabo. At verò quoniam res jam  
 „ eo loco sunt, ut quidquam aliud de illis consti-  
 „ tuere mihi non sit integrum, uti Beatitudini  
 „ Tuæ exploratum est; ab ea supplex peto, atque  
 „ oro, ut quemadmodum eam facturam esse con-  
 „ fido, consiliorum meorum rationes omnes æqui,  
 „ bonique consulat. Cætera porro, quæ ad hæc  
 „ attinent, Sanctitas Tua facilè intelliget, tum  
 „ ex ipso Ludovico, tum etiam ex meo istic Le-  
 „ gato: quorum ego sententiæ planè subscribam.  
 „ Sanctissime in Christo Pater, ac Beatissime Do-  
 „ mine, Sanctitatem Tuam in multos annos ad  
 „ Ecclesiæ suæ sanctæ utilitatem Deus incolumem  
 „ servet. Sintæ XVIII. Kal. Octob. M.D.LXX.

132 Ponderando o prudente juizo do insigne  
 D. Jeronymo Osorio, que neste tempo governa-  
 va a Mitra do Algarve, as conveniencias, que  
 resultavaõ a ElRey D. Sebastião de celebrar o  
 seu casamento com a Infanta de França, lhe es-  
 creveo a seguinte Carta, onde cada clausula he  
 hum manifesto argumento da fidelidade do seu  
 animo, e madureza do seu talento.

Se-

„Senhor. Corre fama por esta terra, que  
 „V. A. he casado em França, se assim he, será  
 „para gloria do Nosso Senhor, e prosperidade  
 „destes Reynos, e grande nome de V. A. o qual  
 „já neste negocio não pôde ser pouco; porque  
 „dizem, que não cula V. A. por sua vontade,  
 „mas pelo que convém à paz, e proveito dos  
 „seus Reynos, e Subditos; no que se vê a gran-  
 „de merez, que nos faz o Nosso Senhor Deus,  
 „pois nos deu Rey, que era tal pouca idade se  
 „não governa por apertos, senão por juizo de  
 „prudencia singular. Muitas differenças usou  
 „Filosofia entre tyrannos, e Reys, mas eu ou-  
 „do que huma só basta, que he a vontade, e  
 „razão; a vontade por si sem obediencia do  
 „entendimento he desordenado, e tyrannico, e  
 „mas esta estrada do inferno, que se chama, e a  
 „boa razão he luz natural, e divina; pelo que  
 „com muitos fundamentos se vintem hum homem  
 „fazer muitas milagres, e juntamente suber-  
 „tano, que he voluntario, poderoso destruir,  
 „que nem ha julgo, nem vitraulo, e que as mi-  
 „lagres são falsas, como os do Amichesta. Pe-  
 „lo contrario, quando pozermos os olhos em ho-  
 „mens desaliçado em seu proprio parecer, e  
 „que facilmente segue a razão das coisas quan-  
 „do he melhor, que a sua, poderoso preser-  
 „var esse tal não tirando governar bem a si,  
 „mas a Imperios muito grandes. Não ha quem

Carta do Sr. D. João de Castro  
 para D. João de S. João.

„[20]

## 214 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ per si alcance tudo o que lhe convém , por isso  
 „ quiz Deos para supplemento desta falta dar a  
 „ Reys tamanhos estados , para que de infinito  
 „ numero de homens pudessem escolher alguns  
 „ singulares para seu conselho , os quaes lhe não  
 „ trataßem fallar à vontade por seus respeitos par-  
 „ ticulares , mas tratar em verdade pura a fim do  
 „ bem commum , pelo qual não são obrigados só-  
 „ mente os Principes a enfrear suas afeições , mas  
 „ tambem a pôr a vida pela dos seus.

„ Tudo o que digo he para ver mais clara-  
 „ mente quam digno de louvor foy o feito que  
 „ V. A. fez ; porque quanto mais fóra estava de  
 „ se casar , tanto mais Real animo mostrou em  
 „ resistir à sua propria vontade , e obedecer à ra-  
 „ zão , ou para melhor dizer à Ley de Deos , em  
 „ se negar a si mesmo por acudir à necessidade dos  
 „ seus ; e para que veja quanto contentamento  
 „ deve ter desta victoria , ainda que pareça pou-  
 „ co necessario , direy em summa alguma parte  
 „ os frutos , que deste casamento podem resultar.

„ França tem forças , sitio , e disposição  
 „ para muito mal , e para muito bem ; o mal sen-  
 „ timos affaz nos grandes roubos , e damnos , que  
 „ a este Reyno tem feito , e isto não havendo  
 „ guerra apregoada , pois que fora se a houvera !  
 „ Ao grande Emperador Carlos V. atava os pés ,  
 „ e as mãos , de tal maneira , que se não sabia  
 „ dar a conselho , nem podia levar avante suas  
 „ em-

*Parte III. Livro I. Cap. XXIV. 215*

„empresas, como desejava. O bem parece que  
„tem Deos posto nas mãos de V. A. sendo isto  
„assim, que mór gloria póde ser de V. A. que  
„mudar com este seu casamento o estado das cou-  
„sas de tal sorte, que a fonte de tantos males se  
„remedee, e converta em fonte de muitos, e  
„grandes bens. O que Portugal tem, não está  
„no cofre, tudo anda fóra. O commercio de Flan-  
„des, de Alemanha, de Italia não teremos, se os  
„Francezes não quizerem; o senhorio das Ilhas  
„de Guiné, e da India custará em se defender  
„trabalho, perigo, e despeza intoleravel.

„Nas cousas de Religião, em que tanto  
„vay, não poderemos consultar a Sede Apostoli-  
„ca sem grande risco, se França nos cerrar os  
„pórtos. O trigo nos póde muitas vezes faltar em  
„nossas necessidades; todos estes males se evita-  
„rão por meyo deste casamento, com a confor-  
„midade dos Principes Catholicos, que com el-  
„le se segura, póde haver effeito. Não sem cau-  
„sa he desejado tantos annos hà este matrimonio,  
„nem sem mysterio o procura ElRey de Castel-  
„la vosso tio, não sem conselho de Deos insta  
„tanto nelle o Padre Santo. Huma das mais ale-  
„gres merces, que Portugal recebe da mão de  
„Nosso Senhor foy o nascimento de V. A. não  
„será menos alegre a merce deste casamento; por-  
„que não sómente dos homens, mas dos mon-  
„tes, e dos valles será festejado. Além de tudo  
„isto

## 216 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ isto cumprirá V. A. com o que deve a seus vassallos ; porque lhe deve Principes , que se pareceraõ com os Reys de gloriosa memoria , seus avós. He esta obrigação tamanha , que obrigou a alguns Principes sahir de seu Mosteiro , por não haver outros mais chegados à Coroa , até não sómente reynarem , e terem filhos ; porque de outra maneira correriaõ os Reynos risco de se perderem com discordias , ou pelo menos perderem a liberdade. E pois V. A. não he frade , em casar não ha que ter escrupulo , deve-o ter muy grande na dilação , porque tarda em officio de justiça , que he pagar o que deve aos seus. Lembro tambem a V. A. que quando nos dizem , que mata muitos porcos , ou veados , esmorecemos com medo de alguma quédia perigosa : pois como tomaremos passsar V. A. em Africa sem deixar primeiro filhos em Portugal ; pelo que se V. A. deseja de pôr em effeito seus altos pensamentos , e destruir por sua parte , quanto nelle for , a infernal Seyta de Mafamede , e ter para grandes prazeres inteira liberdade , convém muito , que não ponha seu casamento em dilação , para que se não dilate sua gloria. Muitas outras razões tenho , de que não trato , por não enfadar mais a V. A. não faltará por ventura quem diga , que são razões humanas , e que muitas vezes succede a quem as segue , o contrario do que imagina , he

*Parte III. Livro I. Cap. XXIV. 217*

„ he muy grande verdade , mas que fazemos ,  
„ porque em quanto não temos revelação divina  
„ do contrario obrigados somos a seguir a razão.  
„ Quem tiver espirito de profecia , faya ao cam-  
„ po , e dé sinaes , que nos mostre ser elle pro-  
„ feta verdadeiro , e diga a grandes vozes *Hæc*  
„ *dicit Dominus Deus* ; quem isto não fizer , e  
„ sem revelação insistir em contrariar tão eviden-  
„ tes razões , denos licença que o tenhamos por  
„ protervo , e voluntario , e não espiritual , ou  
„ prudente ; mas bem cuido , que ninguem será  
„ de contrario parecer , do que tenho dito. Não  
„ he conselho , porque não sou tão atrevido , que  
„ o dé sem ser chamado , mas he festejar a victo-  
„ ria , que V. A. de si mesmo alcançou , e mos-  
„ trarlhe as razões , que tem para ter ; do que  
„ segundo se affirma fez , muy grande contenta-  
„ mento. Do que me fica por fazer , terey eu muy  
„ grande cuidado , que he pedir a Nosso Senhor  
„ em minhas orações , e sacrificios , que o Real  
„ Estado de V. A. prospere , e augmente com  
„ geração gloriosa , e bemaventurada.

## CAPITULO XXV.

*Gratifica a Deos a Cidade de Lisboa com solemnes applausos o beneficio da extinção da peste, cuja gratificação se executa por ordem del Rey.*

1570

133 **E**Xtinctos os rayos, com que a Divina Justiça tinha severamente fulminado o povo de Lisboa, começou pela declinação do contagio a respirar de tão fatal calamidade, e já quando chegou o Natal, estava a Cidade restituida à sua antiga saude. Os pobres opprimidos com a fome, sem temor ao perigo, concorrião para a Corte; porém os poderosos, e ricos consternados com o receyo de que na Primavera se renovasse o contagio, como tinhaõ prognosticado os Medicos, se não resolvião a deixar os lugares, que buscaraõ para asylo, e conservação das suas vidas. Assistia neste tempo El Rey D. Sebastião em Salvaterra, a quem expoz por hum Carta o Senado de Lisboa, como Deos lembrado da sua piedade, e esquecido dos peccados, com que fora provocada a sua Justiça, suspendera o formidavel flagello da peste, que devorara grande parte dos moradores de Lisboa. Conhecendo El Rey, que tão grande beneficio devia



devia ser publicamente gratificado, escreveo a seguinte Carta.

„ Vereadores , e Provedores dos Misteres  
„ da Cidade de Lisboa. Eu ElRey vos envio  
„ muito saudar. Vi vossa Carta de 10 deste mez,  
„ e os testemunhos dos Fisicos , que com ella  
„ me enviastes sobre a saude desta Cidade , pelos  
„ quaes parece , que louvado Nosso Senhor , es-  
„ tá agora sãa ; e porque he já tempo de se fazer  
„ a Procissão solemne , que me escrevestes , que  
„ tinheis assentado , que se fizesse , para se darem  
„ graças a Deos por tão grande merce , como es-  
„ ta he , vos encomendo , que ordeneis como lo-  
„ go se faça a dita Procissão com toda a solem-  
„ nidade , devoção , e demonstraçoens de reco-  
„ nhecimento , que se deve a Nosso Senhor por  
„ esta merce sua tão mal merecida dos homens ,  
„ e tão propria da sua Misericordia ; e deveis tam-  
„ bem ter muy particular cuidado de fazer prose-  
„ guir com toda a diligencia a obra do Templo  
„ do Bemaventurado S. Sebastião , conforme ao  
„ que vos tenho escrito , e ao voto , que eu fiz ,  
„ e assim ao que vós tendes feito em nome da Ci-  
„ dade , eu o hey. Escrita em Salvaterra a treze  
„ de Abril de mil quinhentos e setenta.

Ordena ElRey ao Senado de Lisboa te rendaõ graças a Deos por ter suspendido a peste.

REY,

134 Em observancia desta Real ordem mandou o Senado de Lisboa, que a vinte de Abril

Tom.III.

Ee ii

fe

Procissão de acção de graças  
por ter cessado a peste.

se fizesse huma Procissão solemne, para cujo apparato concorreraõ os moradores de taõ nobre Cidade. Na vespera se illuminaraõ de noite todos os Edifícios, e torres das Igrejas, formando os sinos huma plausivel, e estrondosa consonancia. Precediaõ à Procissão varias danças, e jocosas invenções, que augmentavaõ o jubilo universal. Compunha-se toda a comitiva do Clero, Familias religiosas, Parochias, e Confrarias, sendo taõ numerosa, que sahindo da Sé pela manhã, eraõ duas horas depois do meyo dia, quando entrou na Igreja do Convento de S. Domingos. Sobre hum precioso andor era levada a Imagem da Senhora da Saude, a cuja protecção era a Cidade devedora da que experimentava depois de taõ horrivel contagio. No fim de toda a Procissão se via outro andor, no qual estavaõ collocadas as mais insignes Reliquias, que se veneraõ nesta Corte. Depois de entrar a Procissão, subio ao pulpi- to o Mestre Fr. João da Sylva, da Ordem dos Prégadores, e narrou os calamitosos effeitos da peste, cuja violencia arrebatara a cincoenta mil pessoas, e convertendo o passado horror em a presente alegria, exhortou ao numeroso auditorio a render graças ao Altissimo por beneficio taõ grande.

135 Recebendo a vinte e dous de Mayo aviso o Senado de Lisboa, de que ElRey partira de Salvaterra, para se aposentar no Real Convento

to

to de Belem, e como naquella semana se celebrava a Festa do Corpo de Deos, imaginaraõ todos que vinha acompanhar a Procissãõ, que a Igreja Catholica instituiria em applauso de taõ amoroso Mysterio. A brevidade do aviso naõ permittio, que se executasse o recebimento, que o amor, e faudade dos vassallos queriaõ fazer ao seu Principe. Ordenou-se que todas as náos ancoradas no Tejo levantassem as amarras, e que embandeiradas velejassem para salvar com festivas descargas da artilharia, quando ElRey atravessasse o rio, além de outras embarcações cheyas das danças, que estavaõ preparadas para a Procissãõ com muitas caravellas cheyas de lustrosas companhias de Soldados; porém todo este apparatus se frustrou chegando ElRey de noite, quando já se naõ esperava. Assistio huma semana no Convento de Belem, donde sem entrar na Corte partio para Cintra. A Rainha se restituhio de Villa-Franca a Lisboa a dezaseis de Junho com a Infanta D. Maria, aposentando-se esta nas casas junto a Santa Apollonia, e aquella no Palacio de Xabregas; e a vinte e oito de Julho se abriraõ todas as portas da Cidade, em final de estar totalmente extincta a peste.

Festas, que preparou Lisboa para receber a ElRey.

136 São dignas de eterna memoria algumas acções, que ElRey obrou no tempo que vio o seu povo consternado com o contagio, pois além de dispendir da sua Real fazenda mil cruzados cada

## 222 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Edifica-se o Recolhimento de Santa Martha, que depois foy Convento de Religiofas Franciscanas.

Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 2.

cada dia para cura dos enfermos, compadecido do desamparo, e orfandade das mulheres, e filhas dos seu criados, extinctos pela violencia do contagio, lhes mandou fazer hum Recolhimento dedicado a Santa Martha, para nelle viverem, affinando-lhe para sua sustentação de renda annual mil cruzados, e vinte moyos de paõ. Com a virtuosa, e prudente direcção da sua Regente Maria dos Anjos, se resolverão todas a professar a Ordem de Santa Clara, e alcançada faculdade do Cardeal D. Henrique, Legado Apostolico, e Rey desta Monarchia, passou o Recolhimento a Casa Religiosa, em cujo Edificio se lançou a primeira pedra a seis de Fevereiro de 1580. Vieiraõ do Convento de Santa Clara de Santarem, com licença do Summo Pontifice Gregorio XIII. as primeiras Fundadoras, e Mestras dos estylos Monasticos; e a cinco de Novembro de 1583, por ordem do Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, a cuja obediencia havia estar a nova Communidade, se entregou o governo della à Madre Soror Maria do Prezepio, nomeada por Abbadeffa. Era esta Religiosa parenta muito chegada dos Condes de Sortelha, por ser filha de Henrique da Sylveira, e D. Isabel Pereira, a qual acompanhada de duas sobrinhas, filhas de seu irmão Antonio da Sylveira, e D. Brites de Mendoça, estabeleceraõ a fórma regular, com tanta prudencia, que passados poucos annos sahi-  
raõ

raõ deste Claustro Fundadoras do Convento do Salvador de Evora, conservando até o tempo presente este reformado Convento ser a palestra da mais exemplar observancia do Serafico Instituto.

---

## CAPITULO XXVI.

*Supplica ElRey ao Pontifice a erecção da Cathedral de Elvas, e de quem foy o seu primeiro Bispo. Visita o Real Convento da Batalha, e se relata a pompa, com que foy recebido pela Academia Conimbricense.*

137 **P**Ara complemento dos gloriosos tymbres, com que se ennobrecia a Cidade de Elvas, antiga por fundação, magnifica em edificios, e fecunda em todo o genero de frutos, foy neste anno a nove de Junho sublimada à Dignidade Episcopal por Bulla de S. Pio V. expedida às piedosas instancias delRey D. Sebastião, que finalou para territorio do novo Bispado as Villas de Olivença, Campo-Mayor, e Ouguella, pertencentes ao Bispado de Ceuta, que vagara por morte de D. Jayme de Lencastre, filho de D. Jorge de Lencastre, Duque de Coimbra, e Mestre de Santiago, como tambem as Villas de Barbacena, Monforte, Cabeço de Vide, Alter Pedroso, Alter do Chaõ, Fronteira, Vey-

1570

Erecção da Cathedral de Elvas.

## 224 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Quem foy o seu primeiro Bispo.

Veyros , Alandroal , Jurumenha , Villa-Boim , e Villa-Fernando com seus termos , que se desmembraraõ do Arcebispado de Evora , com consentimento de seu Prelado D. João de Mello , a quem ficou suffraganeo o novo Bispado. Foy nomeado primeiro Pastor desta Diocese o Doutor Antonio Mendes de Carvalho , natural da Villa de Caminha , que estudando em a Universidade de Pariz , taes foraõ os progressos , que fez a sua estudiosa applicação , que o chamou ElRey D. João o III. para illustrar a de Coimbra com o seu magisterio , lendo huma Cadeira de Letras humanas. Provido em huma Abbadia do Bispado do Porto o nomeou ElRey D. Sebastião Prior mór da Ordem Militar de Aviz , cuja Dignidade naõ aceitou pelo amor que tinha às suas ovelhas , em cujo pasto se enlayou o seu zelo pastoral para governar mayor rebanho , sendo eleito primeiro Bispo da Cidade de Elvas , em cuja Dignidade foy sagrado em o Real Convento de S. Vicente de Fora na terceira Dominga de Setembro de 1571 , por D. Francisco Caõ , Bispo de S. Thomé , e Assistentes D. Fr. Jorge de Lemos , Bispo do Funchal , e D. Fr. Jeronymo Pereira , Bispo de Sale , Coadjutor do Infante Cardeal , ambos da illustre Ordem de S. Domingos. No anno seguinte de 1572 celebrou Synodo , em que approvou , com consentimento de todo o Clero , as Constituiçoens do Arcebispado de Evora , pelas quaes

Barbof. *Faßt. Polit. e Milit.*  
*da Lusit.* Tom. 1. pag. 115.

*Parte III. Livro I. Cap. XXVI. 225*

quaes se governou até o anno de 1634. Assistio nas Cortes de Thomar, celebradas no anno de 1581. Nunca faltou às Horas Canonicas, sendo o primeiro que entrava no Coro. Todos os Domingos, e dias Santos instrua no pulpito, e no confessorio as suas ovelhas, visitando pessoalmente aos enfermos: e como ministrasse a hum o Viatico, a tempo, que em Elvas assistia Philippe Prudente, perguntou se fizera aquella acção por elle estar presente; e sendo informado de que era seu antigo costume, o mandou chamar, para o prover em hum Arcebispado opulento, que não aceitou, julgando-se indigno de governar rebanho mais numeroso. Tudo quanto percebia do rendimento do Bispado, repartia com os pobres; de tal sorte, que com grande repugnancia deu seiscentos mil reis de dote a sua sobrinha, quando se casou com Antonio da Gama, que possuia hum rendoso Morgado em Elvas. Comia parcamente com a sua familia, e do melhor manjar fazia esmola pela propria mão a algum pobre. Dormia no chão sobre huma esteira, e quando estava enfermo usava de hum colchaõ muito delgado. Cheyo de annos, e merecimentos faleceo entre as suas ovelhas a nove de Janeiro de 1591, cujo dia tinha prognosticado. Foy transferido por seu successor D. Antonio de Mattos de Noronha, do pavimento da Capella mór, que novamente edificata, para o presbyterio da parte

Tom.III.

Ff

da

## 226 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

da Epistola, e sobre a sepultura tem gravado este Epitafio.

*Sepultura de D. Antonio Mendes, primeiro  
Bispo desta Cidade, e Bispado de Elvas.  
Falleceo a 9 de Janeiro de 1591 annos.*

Intenta visitar a Universidade  
de Coimbra,

138 Dilatava-se a fama dos progressos literarios da celebre Universidade de Coimbra, não só em o Reyno, mas por todo o Mundo, com que a providencia del Rey D. João o III. restaurara esta Athenas Lusitana, florente em o numero, e qualidade de Cathedromaticos insignes em todas as Faculdades; e como este augusto Restaurador a tinha illustrado com a sua presença no anno de 1550, se resolveo D. Sebastião, imitando o exemplo de seu avó, visitar a mesma Universidade, e assistir aos actos literarios, de que tinha bastante conhecimento. Para este fim escreveo de Cintra a vinte e seis de Setembro deste anno de 1570, ao Senado de Coimbra, ordenando-lhe, que quera ser recebido com semelhante ceremonial, que se praticara com seu avó D. João o III. Dirigio a jornada pela Villa da Batalha, para visitar o sumptuoso Convento, que fora magnifica fundação del Rey D. João o I. onde habitaõ os sabios filhos do nobilissimo Patriarca S. Domingos. Recebido D. Sebastião com excessivo jubilo por taõ authorisada Communidade, quiz examinar com os olhos o corpo incorrupto del Rey D. João o II.  
que



*Parte III. Livro I. Cap. XXVI. 227*

que descansava naquella Mosteiro esperando unir-se ao seu espirito no dia do Juizo final; e admirando como a morte não sómente respeitara o cadaver, mas as roupas, que tinha vestido, se encheo de hum reverente pavor, venerando-o como Santo. Della piedosa acção passou a outra dictada pelo impulso do seu coração, mandando, que se puzesse o cadaver em pé, e mettendo-lhe na mão direita a propria espada do Rey defunto, disse para o Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, que beijasse a mão a seu Bisavó, o que promptamente executou, beijando primeiramente a mão de quem o mandava; e olhando para o Duque, lhe disse: *Este foy o melhor officiat, que houve do nosso officio*; reduzindo a estas breves palavras os elogios, que merecia o militar valor de D. João o II. que para argumento da eslimação, que fazia da memoria deste Principe, o intitulava muitas vezes o seu Rey.

Entra ElRey em o Convento da Batalha, e o que nelle obrou.

139 Chegada a noticia de que ElRey a doze de Outubro pernoutara na Villa de Soure, se juntou todo o corpo da Universidade de Coimbra às duas horas da tarde no terreiro com o Rector D. Jeronymo de Menezes, filho de Henrique de Menezes, Governador da Casa do Civel, e D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro (que depois illustrou com o seu grande talento as Cathedraes de Miranda, e do Porto) esperar a ElRey a S. Martinho do

He recebido em Coimbra com toda a pompa.

Cunha Catalog. dos Bisp. do Port. cap. 80.

Tom.III.

Ffii

Bispo.

U

## 228 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Bispo. O Bispo de Coimbra D. Fr. João Soares com D. Affonso de Castello Branco, Conego Magistral, Francisco Fernandes, Provisor do Bispado, João Pimentel, Vigario Geral, e Sebastião de Madureira, Prior da Igreja de S. Martinho de Salreo, se adiantaraõ a cumprimentar a El Rey, que entrou na Cidade às quatro horas da tarde de treze de Outubro, acompanhado do Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, filho dos Infantes D. Duarte, e D. Isabel. Beijou a mão o Reytor a El Rey, e ao Cardeal, e fez huma profunda inclinação ao Senhor D. Duarte, que lhe correspondeo tirando o chapeo. Semelhante ceremonial observaraõ os Lentes, e Doutores da Universidade, e mais Officiaes. Montados a cavallo os dous Principes, e o Senhor D. Duarte, com toda a Universidade foraõ caminhando pela ponte do Mondego até o arco da Portagem, onde esperava a El Rey o Senado da Cidade, em cujo nome o congratulou o Doutor Jorge de Sá Sottomayor, Commendador da Ordem de Santiago, e Lente de Vespera de Medicina, explicando a sublime honra, que recebia com a sua augusta presença, por estas vozes.

Oração do Doutor Jorge de Sá Sottomayor, com que congratulou a El Rey D. Sebastião em nome da Cidade de Coimbra.

„ Muito alto, e muito poderoso Rey, e  
 „ Senhor nosso. O grande Alexandre, Rey de  
 „ Macedonia, visitando as Cidades, que conquistara, a nenhuma lemos, que fizesse taõ avan-  
 „ tejadas merces, e visitasse com tamanho alvo-  
 „ roço

„roço como Troya, assim por ser taõ celebra-  
„da de Poetas Historiadores, como por nella es-  
„tar sepultado o corpo do valeroso Grego Achi-  
„les, donde elle se gloriava, que procedia por  
„linha 'materna; mas tudo bem considerado,  
„muito mais razao tem V. A. Rey de muitos  
„Reys muito alto, e muito poderoso Christia-  
„nissimo Senhor, de vir com grandes desejos pa-  
„ra ver huma cousa taõ antiga, e insigne, e leal  
„como he, e sempre foy, esta vossa Cidade de  
„Coimbra, que se Troya foy affamada pela gran-  
„de destruiçao, e estrago, que nella fizeraõ qua-  
„tro Gregos mal avindos, esta o he em primei-  
„ramente ser fundada pelo affamado Hercules,  
„depois pelas sobrenaturaes victorias, que nella  
„residindo houveraõ vossos Progenitores contra  
„os perfidos Agarenos, sequazes da má, e de-  
„pravada secta do torpe Mafamede, sem nunca  
„se intrometer cousa que interrumpesse este feli-  
„cissimo curso de victorias.

„Aqui por esse proprio lugar, em que ora  
„está V. A. partio o grande, e sempre triumpho-  
„dor Rey D. Affonso Henriques, rodeado dos  
„seus Leoens Coimbrãos, e de alguns outros  
„Portuguezes a presentar batalha a cinco pode-  
„rosos Reys Mouros, e qual fosse o seu poder,  
„e multidaõ, que se ajuntaraõ, além de no lo  
„mostrarem as breves, mas verdadeiras Chroni-  
„cas Portuguezas, se collige claramente dos al-  
„vitres

## 230 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ vitres dos Mouros , que por muito tempo com  
„ suas falsas prégações , e damnosas superstições  
„ convocaraõ todo o poder da Mourisma , e o  
„ successo de taõ animosa empreza nos mostraraõ  
„ as Quinas das suas Reaes Armas , que entaõ se  
„ vio pelos despojos com que os Templos , e tor-  
„ res desta Cidade foraõ ornamentados.

„ Desta Cidade partio o mesmo Rey , de-  
„ pois de passar muitos tranzes , e vencer outras  
„ naõ menos milagrosas batalhas , e tomar a in-  
„ explicavel Villa de Santarem , e em hum bre-  
„ ve momento a tomou ; cousa que neste tempo  
„ parece impossivel a todo o poder humano. Des-  
„ te lugar partio o mesmo Rey assentado em hum  
„ carro , que com mais razaõ se podera chamar  
„ triunfante , que a dos antigos soberbos Roma-  
„ nos carregado de muitas armas , e minguido já  
„ de forças corporaes , mas naõ de reaes heroicos  
„ espiritos a soccorrer o Principe D. Sancho , seu  
„ filho , que estava cercado na Villa de Santarem  
„ de muitos Reys Mouros , e de tanta infinida-  
„ de de barbaros , que secavaõ os rios perenaes ,  
„ cobriaõ a terra , e pareciaõ como novo , e nun-  
„ ca ouvido genero de diluvio , querendo outra  
„ vez alagar o Mundo , e a fama do seu soccorro,  
„ poz tal espanto naquella descrida , e humanavel  
„ canalha , que naõ ousando experimentar a in-  
„ vencivel espada Portugueza , a si se deciparaõ ,  
„ como o rijo vento decipa as leves-folhas , e em  
„ fim,

*Parte III, Livro I. Cap. XXVI. 231*

„ fim, Senhor, daqui se conquistou a mayor par-  
„ te desles vossos grandes, e poderosos Senhorios,  
„ ou para melhor dizer, todos elles; e em toda  
„ esta larga, e perigosa conquista sempre os Leões  
„ Coimbrãos forão os primeiros, que com mais  
„ promptidaõ, que todos os outros se offerece-  
„ raõ aos perigos, pondo a cada passo a desejada  
„ vida a risco da temerosa, e abreviada morte;  
„ e quem vio o que nesta Cidade aconteeo à  
„ poucos dias, o gosto, e pressa com que todos  
„ corriamos, a quem mais podia, a morrer pelo  
„ serviço de Deos, e vosso, poderá com razaõ  
„ affirmar, que não degeneramos de nossos ante-  
„ passados: eu farey certo, que em todo o dis-  
„ curso da Historia dos animosos Lacedemonios  
„ não se contaõ tantos ditos animosos, como se  
„ disseraõ nesta Cidade em espaço de hora, e me-  
„ ya, em que se juntaraõ duzentos de cavallo,  
„ e passante de tres mil de pé, em que nunca se  
„ ouvio, nem ouvira, que em tanta multidaõ de  
„ homens não se achasse hum, que recebesse a si  
„ mesmo taõ legitima escusa, como he, aleijaõ,  
„ doença, e velhice: e se estando V. A. taõ lon-  
„ ge, só com o seu venturoso nome assim se es-  
„ queceraõ das mulheres, e da propria vida, que  
„ será estando vossa real Pessoa presente, mas que  
„ será sendo participante dos perigos? Que es-  
„ quadraõ por crespo, e conjurado que seja não  
„ romperáõ com muita facilidade, e que muro  
„ por

## 232 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ por alto , e forte que seja , que Marrocos não  
 „ levaraõ nas unhas do primeiro impeto? Quan-  
 „ to havia que contar , quanto que encarecer ,  
 „ quanto de que espantar ; mas , Senhor , conso-  
 „ lação he desta vossa Cidade , que tambem a  
 „ mi abrange , como natural della , ter grandes  
 „ animos para servir , e nenhuma lingua para en-  
 „ carecer serviços : e se algum envejofo , e ami-  
 „ go detrair , que não havia Turcos , nem Lu-  
 „ theranos , com que pelejar ; a este responderey  
 „ com Plinio mais moço , que tanto monta ha-  
 „ vellos , como ir com firme presumpção que os  
 „ ha , e mais perto.

„ E o porque deve mais estimar V. A. esta  
 „ Cidade he , porque nos tempos duvidosos nun-  
 „ ca o foy ; mas antes com muy grande gosto ,  
 „ e perigosa lealdade , toda inteira seguiu a voz  
 „ de seus naturaes Reys , e Senhores , o que he  
 „ muito de notar , e que nunca se lêo , nem ou-  
 „ vio , que Cidade alguma fizesse em todo o Mun-  
 „ do ; nesta ponte os meninos della vestidos co-  
 „ mo melhor poderaõ , fizeraõ o que até aquel-  
 „ le tempo não ousaraõ fazer arriscados Cavallei-  
 „ ros , e Senhores de titulo ; porque remetendo  
 „ ao magnanimo de Aviz D. João o I. de glorio-  
 „ sa memoria , com grandes gritos o alevantaraõ  
 „ por Rey , dizendo : Venha embora o nosso  
 „ Rey , sem nunca deixarem sua milagrosa pro-  
 „ fia , até se pegar a todos os circunstantes ; hou-  
 „ veraõ

*Parte III. Livro I. Cap. XXVI. 233*

„verão vergonha as outras Cidades ver, que até  
„os meninos desta confessarão tão justa causa;  
„dalli por diante todos de commum consenti-  
„mento o publicavaõ por Rey, e como tal obe-  
„deceraõ, e serviraõ. Deixo de contar outras,  
„que não dão menos testemunho da nobreza, e  
„lealdade desta Cidade, porque hey medo, que  
„creça o arresoamento mais do que eu quizerá,  
„e do que o tempo requiere. E se ao mesmo Ale-  
„xandre pareceo sufficiente causa de se alegrar na  
„entrada de Troya, e de lhe fazer honras, e  
„merces por seu parente Achilles, que nella es-  
„tava sepultado, quanto mayores as tem V. A.  
„de fazer a esta Cidade outras muito grandes pe-  
„los parentes, que nella tem. Que he Achilles,  
„não digo eu para se comparar com o grande  
„D. Affonso Henriques, mas com hum de seus  
„Capitães? Quem será tão falto do juizo, que  
„compare tantas Cidades tomadas, tantos Se-  
„nhorios, e Reynos conquistados, tantos Reys  
„vencidos, e prostrados a seus pés com o desa-  
„fio que teve Achilles com Hector! Pela mes-  
„ma razão comparey eu o escasso lume aos es-  
„plendissimos rayos do Sol, ou huma pequena  
„formiga com hum Elefante: mais victorioso que  
„Alexandre, e mais animoso que Hercules, mais  
„bem afortunado que Julio, que tão celebrado  
„nome deixou a seus successores, o vereis no an-  
„tigo Mosteiro de Santa Cruz; o seu retrato ti-

Tom.III.

Gg

„rado



## 234 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„rado ao natural está sobre sua sepultura ; mais  
„ao diante o escudo, e espada, que por meyo  
„da barbara, e cega Mourisma abriu o caminho  
„por onde depois se houveraõ taõ estremadas, e  
„espantosas victorias.

„Se Alexandre julgou a Achilles por dito-  
„so por ter Homero por pregoeiro de seus lou-  
„vres, com quanta mais causa devemos todos  
„ter a este magnifico Rey por bemaventurado,  
„assim por suas extremadas excellencias, e virtu-  
„des, como por ter a V. A. por successor, por-  
„que isto tenho eu por mais felicidade, que tu-  
„do o que se póde contar ; a V. A. com muita  
„razaõ se deve ter na mesma conta por descen-  
„der do tronco magnifico, e invencivel Rey ;  
„mas qual o seria mais era de averiguar, se o  
„tempo o permittira, porque se o Proverbio dos  
„Gregos he verdadeiro, que pelas unhas se co-  
„nhece o Leaõ, já agora podemos comparar  
„vossas futuras proezas a hum grande mar, e as  
„suas, posto que grandes, a hum pequeno rio,  
„ou regato ; e se V. A. pelas causas ditas, e por  
„outras muitas que callo, tem razaõ de vir ver  
„Cidade taõ insigne, e leal, que diremos do  
„grande alvorosso com que vos espera ? Para  
„mostra de que bastaõ os extremos, que se nel-  
„la fizeraõ quando o Mundo estava suspenso por  
„vosso milagroso nascimento : que espirito hou-  
„ve taõ deleixado, que naõ espertasse, ou naõ  
„sentisse



*Parte III. Livro I. Cap. XXVI. 235*

„ sentisse em si hum novo cuidado, que por tra-  
„ balhos, que tivesse, pode entregar o corpo ao  
„ pezado somno, e que não fosse banhado em  
„ lagrymas: bem podera entã dizer toda a Ci-  
„ dade com tanta razã o que David dizia. Re-  
„ garey os meus olhos com minhas lagrymas; mas  
„ era o nosso intento, esquecido de tudo o mais  
„ andar de Reliquia em Reliquia, de Igreja em  
„ Igreja; até as inquietas Praças, amado Senhor,  
„ e Rey nosso, se tornaraõ devotas Casas de Ora-  
„ ções; pois que assim foy pelo gosto da vossa  
„ vinda à nossa luz, com que alvorosso vos espe-  
„ ra, com que lagrymas de prazer, que sois Rey  
„ alcançado por ellas, amado de todos: em fim,  
„ he tal o alvorosso de taõ excessiva gloria, que  
„ não ha lingua em que dignamente se possa de-  
„ clarar, e por isso imitando ao celebrado Pin-  
„ tor Zeuxis cubrirey com o silencio o que se não  
„ póde declarar com palavras; e imagino eu que  
„ até as cousas que carecem de alma, se nellas po-  
„ dera caber hum pequeno sentir, não deraõ nes-  
„ ta parte ventagem aos homens; e o nosso Mon-  
„ dego, perpetuo companheiro desta Cidade,  
„ trabalhara de alevantar tanto suas apraziveis on-  
„ das te ver vossa Serenissima, e Real presença;  
„ e porque em tempo de tanta alegria não haja  
„ assim cousa, que com razã a diminua, corta-  
„ rey o fio; sómente peço se haja V. A. por ser-  
„ vido de passar pelas ceremonias acostumadas na

Tom. III.

Gg ii

„ entra-

## 236 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ entrada de tal Rey em tal Cidade; de lhe con-  
 „ firmar os antigos privilegios, e immuni-  
 „ que pelos Reys vossos antecessores, de glorio-  
 „ sa memoria, foraõ com muita razãõ concedi-  
 „ dos. Pouco pede esta Cidade taõ leal, e de tan-  
 „ to serviço a Rey taõ liberalissimo; mas V. A.  
 „ instigado de sua natural magnificencia fará as  
 „ merces conforme sua grandeza; porque taõ ne-  
 „ cessario he para o bom governo agalardoar ser-  
 „ viços, como castigar delictos; e assim se haja  
 „ V. A. de tomar esta chave, que por mim lhe  
 „ entregaõ os nobres Regedores, que estaõ pre-  
 „ sentes, em nome dos Fidalgos, Cidadãos, e  
 „ povo desta Cidade, para o tornarem a receber  
 „ de suas Reaes mãos com preito, e omenagem,  
 „ que fazemos a V. A. de morrermos todos por  
 „ defenção de mais pequena ameyã, e mais roto,  
 „ e velho muro della, e de em todo o tempo re-  
 „ cebermos vossa Real Pessoa com a fé, e leal-  
 „ dade, que nossos antepassados receberaõ sem-  
 „ pre seus naturaes Reys, e Senhores, e com  
 „ mais ainda, se elle mais poder ser.

140 Acabada a Oraçaõ foy ElRey levado  
 entre vivas, e acclamações à Cathedral, onde o  
 recebeo vestido de Pontifical o Bispo Conde, e  
 se hospedou no seu Palacio. Ao dia seguinte qua-  
 torze de Outubro quiz ElRey ver a sala da Uni-  
 versidade, para cujo effeito se fabricou hum theatro  
 mais alto hum degrao que os Doutoraes, ornado  
 de

Vista ElRey a Universidade  
 de Coimbra.

*Parte III. Livro I. Cap. XXVI. 237*

de preciosos panos, o qual se coroava com hum docel, e debaixo delle duas cadeiras para ElRey, e o Cardeal, e hum coxim para o Senhor D. Duarte. Sentado ElRey, orou na lingua Latina o Doutor Luiz de Castro Pacheco, Lente de Vespera de Canones, significando com elegantes expressoens o jubilo que recebia todo o congresso Academico na occasião em que seu Monarca authorisava com a presença aquella famosa Athenas. Na segunda feira dezaseis de Outubro foy ElRey com o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte à hora de Prima visitar as Aulas das quatro Faculdades, onde ouvio com igual gosto, que attenção aos Lentes, que regentavaõ as Cadeiras. Ultimamente querendo ver o acto de hum Doutoramento, assistio na sala da Universidade a vinte de Outubro, onde para que fosse mais plausivel era o Candidato D. Jeronymo de Menezes actual Reytor da mesma Universidade, e depois de fazer o acto de Vesperas, orou elegantemente D. Francisco de Menezes. Ao dia seguinte, assistindo ElRey, recebeu em o Convento de Santa Cruz as insignias Doutoraes na Faculdade de Theologia, sendo seu Padrinho Martin Gonçalves da Camera. Conferio-lhe o gráo o Mestre Fr. Martinho de Ledesma, da Ordem dos Prégadores, Lente de Prima; recitaraõ as Oraçoens Latinas Fr. Francisco de Christo, Eremita de Santo Agostinho, Lente de Vespera, e Fr.

Assiste a hum acto de Doutoramento, que fez D. Jeronymo de Menezes, Reytor da Universidade.

D. Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 1. §. 11.

## 238 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Fr. Francisco de Caceres, Franciscano Claustal, Lente de Durando. Acompanhado dos Bedeis levou as luvas (propina que se costuma dar em semelhantes Aêtos) a El Rey o Mestre das Cere- monias, as quaes depois de as receber, as en- tregou a D. Pedro de Menezes, parente do Dou- torado.

141 Como entre os edificios, que ornaõ a Cidade de Coimbra, seja o Convento de Santa Cruz o mayor, assim na antiguidade da funda- ção, como na magnificencia da obra, determi- nou El Rey visitallo, principalmente por ser au- gusto deposito dos primeiros Monarcas de Por- tugal. Avisado pelo Cardeal D. Henrique o Prior mór D. Lourenço Leyte desta resolução del- Rey, o esperou revestido de Pontifical com to- da a Communidade à porta da Igreja, onde El- Rey posto de joelhos beijou reverente o Santo Lenho, e logo levantou o Cantor mór o Canti- co *Benedictus*, que foy proseguido pelos Cone- gos com suave harmonia. Chegando El Rey à Capella mór, tomou o hyssope da mão do Prior mór, e lançou agua benta sobre as sepulturas dos Reys D. Affonso Henriques, e seu filho D. San- cho I. que estão collocadas aos lados do Altar mór. O Prior mór lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, a qual tomou D. Sebastião, e com grande veneração a beijou, dizendo aos Fidalgos da sua comitiva. *Bom tempo, em que se*

Visita a Igreja do Real Con- vento de Santa Cruz, onde venera a espada del Rey D. Af- fonso Henriques.

Nic. de Santa Maria *Chron.* dos Coneg. Reg. liv. 10. cap. 20. §. 6. e 7.

### Parte III. Livro I. Cap. XXVI. 239

*se peleijava com espadas tão curtas! Esta he a espada, que libertou todo Portugal do cruel jugo dos Mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração; e entregando-a ao Prior Geral, de quem a recebera, lhe disse. Guarday Padre esta espada, porque ainda me hey-de valer della contra os Mouros de Africa. Passados oito annos, lembrado ElRey destas palavras, a mandou pedir ao Geral de Santa Cruz D. Pedro da Assumpção, para com ella derrotar na expedição de Africa aos sequazes de Mafoma, de cujos fulminantes golpes tinhaõ sido sanguinolentas vítimas: porém como estava determinada a ultima ruina desta Coroa, não permittio a Providencia, que fosse vencida hum espada sempre victoriosa, ficando por esquecimento na Armada, em que ElRey navegou para Africa.*

Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg. liv. 10. cap. 22. §. 14.*

---

## CAPITULO XXVII.

*Parte para o Brasil o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Companheiros Jesuitas, e do glorioso martyrio, que na viagem alcançaraõ em obsequio da Religião Catholica.*

142 **N**Omeado por Governador do Brasil D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, sahio da barra de Lisboa a cinco de Julho

1570

## 240 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Sahe do porto de Lisboa o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo , e trinta e nove Companheiros Jesuitas.

lho deste anno de 1570 , acompanhado de sete náos, e hum caravella. Era Sotocapitanea desta Frota a náó Santiago, onde se embarcou o Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Religiosos da Companhia de JESUS, dos quaes huns eraõ Theologos, e Filósofos, outros artifices de varias artes, e todos instruidos por taõ insigne Mestre na escola da perfeição Evangelica. Chegando à Ilha da Madeira, foraõ benevolmente hospedados no Collegio novo, que mândara neste anno edificar ElRey D. Sebastião pelos Padres Manoel de Sequeira, Belchior de Oliveira, e Pedro Quaresma. Esperava D. Luiz de Vasconcellos, receoso das calmarias da linha, tempo propicio para continuar a jornada; porém como a náó Santiago levava fazendas de diversas pessoas para se comutarem com outros generos na Ilha de Palma, hum das Canarias, rogava o seu Capitão instantemente ao Governador lhe concedesse licença, para que deixando a Frota, navegasse ao porto, destinada baliza das suas conveniencias. Condescendeo o Governador a esta supplica, e partio a náó a trinta de Junho, onde o Veneravel Padre Azevedo, Capitão daquella virtuosa esquadra a animava com coração preságo a sacrificar as vidas em obsequio da Fé de Christo. Passados sete dias com prospera viagem, como a náó distasse duas legoas e meya do porto que buscava, retrocedeo por causa do vento ser mui-

to

*Parte III. Livro I. Cap. XXVII. 241*

to escaflo , descahindo em hum surgidouro chamado *Terça-Corte* , donde depois de tres dias sahio com vento pouco favoravel , e quando rompia a manhã se achou defronte da Ilha de Palma , que lhe augurava as que haviaõ empunhar triunfantes da pravidade heretica o Padre Ignacio de Azevedo , e seus heroicos Companheiros.

Interrompeo o alvoroço dos navegantes com a vista do porto a voz do gageiro , clamando do topo do masto grande , que descobria huma não alterosa , com quatro de menor grandeza. Capitaneava a principal Jaques Soria , nascido em o Condado de Aux , da Provincia de Normandia , acerrimo fautor da facção dos Huguenotes , Almirante da Princeza de Bearne Joanna de Lebrit , intrusa Rainha de Navarra , o qual sahindo de Rochela , buscava com intrepido animo a Armada Portugueza ; e posto que D. Luiz de Vasconcellos sahio velozmente a castigar o atrevido pensamento daquelle astuto pirata , como este foubesse por hum navio Flamengo , que a não Santiago se tinha apartado da nossa Armada , e nella vinhaõ embarcados Jesuitas , cujos nomes lhe eraõ sumnamente odiosos , por serem declarados Antegonistas das blasfemias de Calvino , fugio tanto ao estrago , que o esperava , e se resolveo a empregar toda a furia contrá aquellas innocentes victimas. A Capitania inimiga , que vinha guarnecida de trezentos Soldados , e bastan-

Encontra-se a não Portugueza com cinco de hereses , de que era Capitão Jaques Soria.

Tom.III.

Hh

te



## 242 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

te artilharia , tanto que avistou a náó Santiago , pertendeo abalroalla , para cujo effeito saltou o Patraõ com dous Francezes , que correndo da xareta para a popa , foraõ mortos , e precipitados ao mar. Irritados os inimigos com este successo , investiraõ segunda , e terceira vez inutilmente , até que da quarta , conduzindo para seu auxilio as quatro náos da sua conserva , a ferraraõ pela proa , e cercada de todas , foy o centro para onde se disparava toda a artilharia , e arcabuzaria. Por huma , e outra parte se sustentava com valerosa resistencia o combate , animando a huma a' causa da Religiaõ , e da liberdade , e impellindo a outra o furor do odio , e a ambiçaõ da preza. Entrada finalmente a náó pelos hereges , assistia o Padre Ignacio de Azevedo junto do masto grande , com huma Imagem de MARIA Santissima , copiada do original , que pintara S. Lucas ( cujo sagrado penhor conservou ainda depois de morto ) animando com fervor apostolico aos Portuguezes para sacrificar as vidas pela Fé , de que tinhaõ sido infames desertores aquelles por quem eraõ acomettidos. Hum delles enfurecido com estas palavras , como injuriosas à sua crença lhe descarregou hum golpe sobre a cabeça , que fendida descobrio o cerebro , e ao mesmo tempo foy penetrado com quatro feridas , que o derrubaraõ por terra. Envolto no proprio sangue , que por tantas bocas copiosamente manava , protestou

Cahe por terra o Padre Ignacio de Azevedo com cinco feridas.



*Parte III. Livro I. Cap. XXVII. 243*

tou em voz alta, e intelligivel, que morria pela Fé do Crucificado, e sua amada Esposa a Igreja Romana. Não cessavaõ os Soldados da Companhia de JESUS, vendo morto seu Capitão, de exhortar com palavras, e obras aos nossos, para que não cedessem a huma tão desigual batalha, pois perdendo as vidas alcançavaõ duplicadas coroas.

143 Ao tempo que estava mais travado o conflicto, considerando os hereges, que mayor opposição recebiaõ das vozes dos Padres, que das armas dos Portuguezes, converteraõ todo o furor contra elles, sendo os primeiros Pedro de Castro, Diogo Pires, João de Mayorga, Gonçalo Henriques, Manoel Rodrigues, Manoel Pacheco, e Estevaõ Zurara, naufragantes huns no proprio sangue, e outros em as correntes do mar, aonde foraõ precipitados. Semelhante atrocidade experimentaraõ os Irmãos Braz Ribeiro, Pedro de Fontoura, e Antonio Correa, sendo sanguinolentos despojos das espadas inimigas. No meyo da náõ jazia com os braços estendidos, em fórma de Cruz, o cadaver do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, o qual arrebatado com incrível barbaridade por sete Francezes, o lança- raõ ao mar, onde por muito tempo andou bo- yante contra o pezo natural do corpo. Para ul- timo argumento da sacrilega ferocidade de Jaques Soria, mandou, que os Jesuitas, que ainda ref-

São mortos todos os Compã-  
heiros do Padre Azevedo,

Tom.III.

Hh ii

tavaõ

## 244 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

tavaõ fossem lançados ao mar, para que não permanecesse a menor reliquia de gente que com a sua doutrina defendiaõ os falsos dogmas da Igreja Romana. Em observancia de taõ abominavel ordem, foraõ precipitados às ondas os Padres Diogo de Andrade, Domingos Fernandes, Antonio Soares, Francisco Peres Godoy, Nicolao Diniz, Marcos Caldeira, Simaõ da Costa, Luiz Rodrigues, Joaõ de Safra, e Gonçalo Henriques. Que espectáculo mais festivo para o Ceo, e lastimoso para a terra, que ver a estes insignes Athletas, de que era theatro a immensidade do mar Athlanico convertido em vermelho, lutando com as aguas, de cujo naufragio haviaõ surgir prosperamente no porto da Bemaventurança! Feliz Ilha de Palma, a cuja triunfal sombra se coroaraõ tantos Heroes, para entrar no Capitolio da Eternidade, permittindo o Ceo, que a gloria de taõ grande triumpho fosse patente ao Serafico espirito da mayor Heroína do Carmelo Santa Theresa, distinguindo entre este victorioso esquadraõ a hum seu parente, ornado com laureola de estrellas! Esta victoria alcançada da impiedade heretica succedeo a quinze de Julho de 1570, digna certamente de se immortalizar nos Fastos da Religiaõ Catholica, e da Companhia de Jesus, pois serviraõ estes quarenta Heroes de glorioso ornato aos dogmas de huma, e aos Claustros de outra, merecendo pela animosa constancia,

He revelado este triumpho a Santa Theresa.

Yepes *Vid. de S. Theres.* liv. 3. cap. 17.

*Parte III. Livro I. Cap. XXVII. 245*

cia, com que forão holocaustos do furor heretico passar das aras do martyrio à veneração dos Altares, como brevemente se espera da Declaração Pontificia, assegurada com o Breve expedido pela Santidade reinante de Benedicto XIV. a vinte e hum de Setembro de 1742.

144 Concluida esta tyranna tragedia, depois de assistir tres dias a Armada inimiga na Ilha Gomeira, humas das Canarias, chegou a Rochela, abominavel Babilonia de erros hereticos; e posto que a Rainha de Navarra D. Joanna, estimava muito a Jaques Soria, lhe estranhou a barbara tyrannia, que usara com os Religiosos da Companhia, de cujo horrendo sacrilegio tomou o Ceo justa vingança, morrendo seu infame author arrebatado de hum raiva canina, como tambem os quatro Soldados forão privados da vida por despojarem da vida ao Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, famoso Capitaõ de taõ valerosa esquadra.

Morre infelizmente Jaques Soria.

145 Nasceo este insigne Varaõ na Cidade do Porto, accrescentando novos braçoens a seus illustres pays D. Manoel de Azevedo, Commendador de S. Martinho, Mosteiro antigo do Arcebispado de Braga, e de D. Filippa de Azevedo. Atrahido da efficacia das apostolicas vozes do Padre Francisco de Estrada, Jesuita, preferio as mortificações do Claustro às vaidades do seculo, e renunciando o Morgado da sua opulenta Casa em

Elogio do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo.

## 246 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Vasconc. *Chron. da Comp. de Jesus da Prov. do Bras.* liv. 4. §. 56. e seg.

Rocha *Americ. Portug.* liv. 3. pag. 175.

em seu segundo irmão D. Francisco de Azevedo, se alistou na Companhia de Jesus, em o Collegio de Coimbra, no anno de 1547. Em o Noviciado foy Veterano em todo o genero de virtudes, principalmente em a humildade, exercitando-se em diversos officios mecanicos, que aprendeo para totalmente extinguir na memoria, e abater no coração a herdada nobreza dos seus Mayores. Pela sympathia das virtudes contrahio com elle estreita amizade o Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, exemplar dos Prelados da primitiva Igreja, sendo seu companheiro na visita das terras de Barroso, onde competião estes dous apostolicos espiritos no exercicio de obras meritorias, assim em obsequio de Deos, como beneficio do proximo. Em retribuição do infatigavel desvêlo com que zelava a salvação das almas, fundou o Veneravel Arcebispo o Collegio da Cidade de Braga, de que foy primeiro Rector o Padre Ignacio de Azevedo, devendo-se à sua edificação o augmento do edificio mais ennobrecido com pessoas virtuosas, do que dilatado em obras magnificas. Por morte do Gêral da Companhia o Padre Diogo Laynes, succedida no anno de 1565, foy eleito para ir a Roma com o lugar de Procurador da India, e Brasil: e como subisse ao Generalato S. Francisco de Borja, o nomeou Visitador das Provincias do Brasil. Chegou à Bahia a vinte e oito de Agosto

to de 1566, e entre as cousas memoraveis, que fez, foy accrescentar o edificio do Collegio, para melhor commodo de seus moradores, e erigir casa de Noviciado, em que florescessem as plantas, que deviaõ fecundar a Religiaõ. Tendo visitado a Provincia com prudente direcção voltou a Portugal em quatorze de Agosto de 1568, onde foy benevolamente recebido da Magestade del Rey D. Sebastiaõ, experimentando semelhantes significações de affecto de S. Pio V. e S. Francisco de Borja, quando assistio em Roma no anno de 1569. Huma das mayores merces, que recebeu da liberalidade Pontificia, foy permittir, que se copiasse a Imagem de MARIA Santissima, que o Evangelista S. Lucas, mais a impulsos da graça, que direcções da arte, excellentemente pintara. Della fez em Portugal quatro copias, de que huma conservou até ser violentamente morto, naõ consentindo a Providencia, que lha possesse arrebatat a impiedade heretica. Restituido ao Reyno se preparou para a jornada do Brasil, e acompanhado de trinta e nove Varões, gloriosos emulos do seu ardente zelo, sahio de Lisboa a cinco de Julho de 1570, para entrar passados dez dias no Empyreo ornado com a laureola de Martyr, fazendo-lhe o triumpho mais augusto a heroica esquadra de que fora Capitaõ.

## CAPITULO XXVIII.

*Morre o insigne Historiador Joaõ de Barros , a  
cuja memoria se dedica hum breve Elogio.*

1570

Onde, e quando nascio.

146 **F**atal será sempre em os Annacs Portuguezes o dia vinte de Outubro deste anno de 1570, em que pagou o tributo de mortal o celebre Historiador Joaõ de Barros, merecendo pela excellencia da sua penna o applauso de todo o Orbe Literario. Teve o berço em a Cidade de Viseu no anno de 1496, sobejando esta unica producção para mortal credito do seu nome. Foy filho de Lopo de Barros, que era neto de Alvaro de Barros, Senhor do Morgado de Moreira, junto a Braga, cuja geraçã elle nobilitava com a antiga posse de varios lugares com jurisdicção. O Palacio del Rey D. Manoel foy a escola em que aprendeo as primeiras letras: e como a natureza o ornara de entendimento perspicaz, e comprehensã sublime, sahio egregiamente versado nas linguas Latina, e Grega, humanidades, e disciplinas Mathematicas. Imitou na Poesia a magestade de Virgilio, e o furor de Lucano, e na Historia a gravidade de Tito Livio, e a elegancia de Salustio. Ainda naõ excedia a idade da adolescencia, quando admirando El Rey D.

D. Manoel a madureza do seu talento o nomeou Guarda-roupa de seu filho o Principe D. Joaõ, e como nunca interrompia a cultura das sciencias, naquellas horas que tinha vagas do seu ministerio, as occupou na composiçaõ da Historia fabulosa do Emperador Clarimundo, que foy o preludio, em que exercitou o estylo para obra de mayor argumento. Tanto se agradou D. Manoel destas primicias do seu estudo, que lhe mandou escrever as façanhas obradas em o Oriente pelos Portuguezes; porém quando dava principio a taõ nobre empreza, foy obrigado a interrompella pela infauστα morte daquelle Monarca.

147 Não experimentou menor attençaõ Joaõ de Barros em D. Joaõ o III. do que experimentara com seu augusto pay, nomeando-o em o anno de 1522 Capitão de S. Jorge da Mina, cujo Lugares que administrou. lugar administrou com tanto desinteresse, e vigilancia, que foy remunerado pelo mesmo Monarca com o officio de Thesoureiro da Casa da India, Mina, e Ceuta. O contagio, que vorazmente devorou grande parte dos moradores de Lisboa no anno de 1530, o constrangeo a retirar-se à sua quinta da Ribeira de Alintem, junto da Villa do Pombal, onde consumia o tempo em composições moraes, e politicas. Extincto o contagio, se restituiu à Corte, onde foy nomeado por El-Rey no anno de 1532 Feitor proprietario da Casa da India, officio igualmente honorifico, e rendoso;

## 250 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Desvélo, que applicou para  
escrever as *Decadas da India*.

doso; e ainda que esta occupação lhe levava muito tempo, assim na expedição das Armadas, como em outros negocios, em que era interessada a Coroa, a natural inclinação, que tinha ao estudo, o impellio a offerecerse a El Rey para escrever a Historia da Asia, que El Rey D. Manoel lhe encommendara, cuja offerta lhe aceitou D. João o III. com affectuosas expressões. Para desempenho de tão ardua empresa, que lhe fazia suave o amor da patria, se applicou com tanto desvélo, que no espaço de onze annos publicou tres Tomos das *Decadas da India*, imitando nesta divisaõ a Tito Livio na Historia Romana. Em todo o Mundo foy recebida esta Obra com os mayores applausos, pois nella se viaõ exactamente observadas as partes integrantes da Historia, quaes são, verdade, clareza, e juizo. Para não ser accusada no tribunal da Critica a sua penna de menos verdadeira, examinou as Chronicas dos Principes Orientaes; leo as Cartas dos Vice-Reys, e Capitães, que relatavaõ os successos mais memoraveis; consultou aos Pilotos mais experimentados em a navegação daquelles mares, e situaçoens dos pórtos, donde procedeo emendar em muitas partes a Ptolomeo, e Arriano, Geografos antigos. Reprehendeo os vicios com liberdade; louvou as virtudes com moderação, não se deixando arrastar de algum affecto lisongeiro.

De-



148 Determinado a se preparar para a eternidade, de cuja resolução eraõ continuos despertadores o numero dos annos, e a obstinação dos achaques, renunciou no anno de 1567 o officio de Feitor da Casa da India, cuja demissão lhe aceitou ElRey D. Sebastião, dando-lhe o foro de Fidalgo da sua Casa, com huma tença de mil cruzados de renda. Retirou-se no principio do anno de 1568, para a sua quinta da Ribeira de Alintem, onde privado de toda a communicação viveo tres annos, no fim dos quaes passou a lograr o premio eterno, quando contava setenta e quatro annos de idade. Foy sepultado na Ermida de Santo Antonio, situada além do rio Arunca, no termo da Cidade de Leiria. Teve o rosto veneravel, olhos vivos, nariz aquilino, barba comprida, e toda branca.

Onde morreo, e foy sepultado.

---

## CAPITULO XXIX.

*Relatão-se varios successos militares em Amboino, e Ternate, onde triumphão felizmente as nossas armas governadas por Gonçalo Pereira Marra-maque, cuja morte he geralmente lamentada.*

149 **A** Morte, com que foy punida a aleivofia delRey Aeyro, consternou com tal excesso a toda a Ilha de Ternate, que  
Tom.III.                      Ii ii                      accla-

1570

## 252 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Defende valerosamente a Fortaleza de Ternate Diogo Lopes de Mesquita.

Souza *Orient. Conquist. Part.*  
2. Conq. 3. Divis. 1. §. 37.

São derrotados os inimigos querendo assaltar a Fortaleza de Ito.

acclamado seu filho o Principe Babû Rey de Moluco, se resolveo com solemne voto de conquistar a nossa Fortaleza, e expulsar de todas aquellas Ilhas aos Portuguezes, como fataes perturbadores da quietação publica. Sustentava com heroico brio Diogo Lopes de Mesquita os horrorosos assaltos, com que os Mouros investião a Praça, e o rigoroso assedio, que lhe impedia todo o genero de soccorro. Assistia neste tempo em Amboino Gonçalo Pereira Marramaque obrando acções, que lhe adquirião a antenomasia de invencivel; e querendo o novo Rey de Moluco divertillo do soccorro de Ternate, expedia huma Armada composta de cinco Coracoras, de tal grandeza, que a menor era de noventa remos, e por Capitaõ mór a seu tio Calasenco, o qual passando pela Ilha de Bouro armou mais sete, e com todo este poder naval atacou a Fortaleza de Ito: e certamente a renderia, se Belchior Vieira não matara hum Cacis, cuja morte obrigou aos inimigos a retirar-se, levando em satisfação deste infeliz successo atoadas duas das nossas Fustas.

150 Voltaraõ animosos os inimigos a assaltar a Fortaleza; porém o insigne Gonçalo Pereira os esperou resolutos, e depois de hum disputado combate fugiraõ os barbaros, deixando para testemunho da victoria duas Coracoras principaes, e morto o seu General Calasenco por Lourenço Furtado. Era tal a falta de mantimentos, que

*Parte III. Livro I. Cap. XXIX. 253*

que se experimentava na Fortaleza, que para sustentar a vida os seus defensores, lhes era preciso comer animaes immundos; e vendo o Principe Babû, que os não podia render por fome, se resolveo confederado com ElRey de Tidor a conquistalla por assaltô. Investiraõ com tanta desesperaçãõ, que entradas as tranqueiras degollaraõ a vinte Portuguezes; porém rebatidos os barbaros valerosamente, se retiraraõ destrocados. Segunda vez assaltaraõ a Fortaleza no silencio da noite, e saqueada a povoaçãõ, intentaraõ escalar o baluarte, de cujo designio desistiraõ penetrados com a morte do seu General, a quem privou da vida Belchior Vieira, alcançando pelas heroicas acções obradas neste combate o sobrenome de Ternate.

Segunda, e terceira vez são vencidos os barbaros,

151 Guarneçada a Fortaleza de Ito por Gonçalo Pereira com cem Soldados Portuguezes, armou com oitenta hum Galeota, hum Fusta, e quatro Coracoras, e com todas estas embarcações partio ao soccorro de Ternate. Duas legoas antes de chegar a esta Fortaleza se encontrou com trinta e sete Coracoras dos inimigos, divididas em duas esquadras, das quaes governava hum ElRey de Moluco, e a outra ElRey de Tidor. Não assustou ao animo do heroico Capitão taõ desigual batalha, antes desprezando o perigo, investio a Armada inimiga; e depois de durar o combate desde o meyo dia até se fechar a noi-

Triunfa Gonçalo Pereira dos Reys de Moluco, e Tidor.

## 254 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

a noite, ficou com eterno applauso da sua valentia Senhor do mar, e da victoria. Retiraraõ-se os inimigos desbaratados, e confusos, e Gonçalo Pereira ao repontar a manhãa introduzio na Praça o soccorro de que necessitava.

152 Não foy bastante remedio da extrema penuria, que padeciaõ os Portuguezes em Ternate, o subsidio dos mantimentos, que com taõ manifesto perigo introduzira Gonçalo Pereira, pois voltando a conduzir outros de Bachaõ, experimentaraõ os seus companheiros o mal de que morriaõ os cercados. Opprimido este valeroso Capitaõ de hum profunda melancolia causada pelas calamidades, que padecia Moluco, perdeu o juizo, e conduzido a Amboino faleceo no espaço de tres dias, para cuja mortalha se pedio de esmola hum lançol. Em premio de seu grande desinteresse, e ardente zelo com que promoveo a Fé nas Ilhas de Amboino, lograria a felicidade de voar o seu espirito ao Empyreo, quando seu corpo ainda depois de morto não melhorou de fortuna; pois sendo transferido em o galeaõ S. Francisco da Fortaleza de Ito para Rocanive, na ponta desta Ilha infelizmente com o navio naufragou o cadaver.

Morre Gonçalo Pereira, e o seu cadaver naufraga.

CAPÍ-

## CAPITULO XXX.

*He cercada a Cidade de Goa pelo Hidalcaõ, e a de Chaul pelo Nizamaluco, com exercitos formidaveis; e do heroico valor com que rebateo o Vice-Rey D. Luiz de Ataide taõ poderofos inimigos.*

153 **A** Continuada torrente de victorias, assim terrestres como navaes, com que o braço Portuguez, sempre invencivel, tinha humilhado o orgulho dos mayores potentados da Asia, penetrou taõ altamente ao Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim, que colligados se resolveraõ a romper as cadeas, que injuriosamente arrastavaõ, e extinguir huma naçaõ, que era fatal escandalo das suas poderosas armas. Lembravaõ-se de serem inuteis para a ruina destes seus antagonistas as numerosas Armadas, que expedira o Turco, e o Achem contra Malaca; os formidaveis exercitos de Cambaya contra Dio, e Damaõ; as disciplinadas tropas del Rey de Decan contra Chaul, Baçaim, e Goa, cujo poder por mar, e terra sempre fora lamentavel despojo das suas fulminantes espadas; e receando prudentemente, que os seus Estados padecessem o mesmo infortunio, sahiraõ resolutos ao campo, confiados na armada potencia de seus exercitos,

1570

Conspiraõ contra o Estado o Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim.

## 256 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

bitos, e na soberba fantasia de seus pensamentos, distribuindo antes de conquistados o Hidalcão para si Goa, Onor, e Bracellor; o Nizamaluco, Chaul, Damaõ, e Baçaim; e o Samorim, Cananor, Mangalor, Cochim, e Chale.

154 Chegou à noticia do Vice-Rey D. Luiz de Ataide o formidavel apparato militar, com que era ameaçado todo o Imperio Asiatico Portuguez; e como no seu heroico coração nunca entrou a vil paixão do temor, consultou tão grande empresa com o seu prudente juizo, dispondo o modo com que havia rebater a inimigos tão poderosos, conjurados ao mesmo tempo por diversas partes para arruinar o Estado fundado sobre tantas victorias; e posto que muitos dos nossos Capitães o persuadiaõ a que largasse Chaul, para que todo o poder concorresse a animar Goa, que era a cabeça do Estado, desprezou estes votos como injuriosos ao credito das nossas armas, e expedio para Chaul a D. Francisco Mascarenhas, de cujo natural esforço tinha dado multiplicados argumentos, acompanhado de quatro Galés, e cinco Fustas, guarnecidas de seiscentos Soldados, entre os quaes se distinguiaõ Fernão Telles de Menezes, D. Henrique de Menezes, D. Duarte de Lima, D. Nuno Alvares Pereira, Pedro da Sylva de Menezes, Nuno Velho Pereira, Ruy Gonçalves da Camera, D. Gonçalo de Menezes, e D. Rodrigo de Sousa.

O Vice-

Parte D. Francisco Mascarenhas a soccorrer Chaul.

*Parte III. Livro I. Cap. XXX. 257*

155 O Vice-Rey, que em todas as suas emprezas era summamente vigilante, e acautelado, empenhou todo o desvêlo para a defenſa de Goa, respeitado Emporio do noſſo Eſtado, mandando fortificar o rio, por onde havia principiar a invaſão: e como eſte ſe prolongue pelo eſpaço de tres legoas, e meya, que correm do Paſſo Seco até Agaçaim, e pelo ſeu circuito houveſſem dezanove lugares, preſidiou os principaes com gente, e artilharia, como tambem a Fortaleza de Bardez, ſituada ſobre a barra de Goa, e a de Norva em a Ilha de Divar, e de Rachol. Conſtava a gente militar, que lhe aſſiſtia de ſeifcentos e cincoenta Portuguezes, entre Fidalgos, e Cidadãos, com duzentos e cincoenta homens, que por annos, e indispoſições eraõ inuteis para a guerra. Para guarda da Cidade foraõ deſtinados o Cabido, e Clero, com os Religioſos de S. Francisco, e S. Domingos, que chegariaõ ao numero de trezentos, cuja incumbencia deſempenharaõ felizmente, orando, e combatendo contra os ſequazes de Maſoma. Sobre os outeiros collocou quatro bandeiras de eſcravos Chriſtãos, e de outros formou mil e quinhentos debaixo da diſciplina de Capitães experimentados, para preſidio dos Paſſos, e Fortalezas, ſituadas fóra do circuito da Ilha. Eſcolheo cincoenta cavallos, de que fez Capitão a João de Souſa, para ſoccorrer velozmente a alguma parte, que neceſſitaſſe

Dispoſições do Vice-Rey para a defenſa de Goa.

Caſtilho Comment. de Goa, e Chaul fol. 8.

Tom.III.

Kk

de

## 258 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

de prompto soccorro. Comettidos os lugares de mayor perigo a Capitães de valor experimentado, reservou para si o Vice-Rey a estancia do Passo Seco, que havia ser o alvo da invasão mais vigorosa. Fortificados os pórtos com artilharia, e todo o genero de armas offensivas, preparou vinte e cinco embarcaçoens, de que fez General a D. Jorge de Menezes, o *Baroque*, para que discorrendo pelo rio defendessem as estancias, e offendessem aos inimigos.

156 Eraõ passados quasi doze dias do mez de Dezembro, quando o exercito do Hidalcaõ começou a descer a serra do Gate, que saõ os Alpes de Asia, a qual sendo de grande altura, e aspereza, corre da ponta de Dio por huma corda ao longo do mar duzentas legoas para o Sul, até finalizar no Cabo do Comorim, em cujo cume se estende huma dilatada planicie, que comprehende muitas terras ferteis, e abundantes. Em vinte e oito de Dezembro chegou Noricaõ General do Hidalcaõ com trinta mil homens a avistar as nossas estancias, e se poz defronte do Passo de Benastarim, que cercado de agua era por natureza mais inconquistavel. Resolveo-se D. Luiz de Ataide investir ao barbaro, antes que se juntasse o restante do exercito; porém foy dissuadido deste intentõ, como temerario, pois semelhante empreza podia ser felizmente conseguida por industria, e não por violencia.

Ao

Chega o General do Hidalcaõ  
com trinta mil homens.



*Parte III. Livro I. Cap. XXX. 259*

157 Ao tempo, que em Goa principiava o Hidalcaõ o sitio de Goa, experimentava semelhante invasaõ a Fortaleza de Chaul. Jaz esta Cidade na Costa da India, da parte do Norte, distante de Goa cincoenta e sete leguas, situada em campo razo, sem muro, nem cava, na boca de hum rio de que recebe o nome. Governava esta Fortaleza Luiz Freire de Andrade, benemérito da fama, que tinha alcançado por suas proezas, o qual assistido de cincoenta ginetes, e poucos pioens, naõ perdoava a instante algum, em que o achassẽ os inimigos menos vigilante. Socorrido por D. Francisco Mascarenhas com seiscentos Soldados, que conduzira de Goa, esperava com menos cuidado ao Nizamaluco, quando a quinze de Dezembro foy precursor da sua vinda o General Faretecaõ, de naçaõ Abexim, que mostrara o seu valor, e disciplina militar no segundo cerco de Dio defendido por D. Joaõ Mascarenhas, servindo a ElRey de Cambaya. Conduzia oito mil cavallos, vinte mil Infantes, e vinte elefantes armados. Mais confiado na certeza da conquista, que observante dos preceitos da milicia, começou a provocar ao campo aos sitiados com o horroroso estrondo de bellicos instrumentos. Sahio animosamente armado de espada, e rodella Sebastiaõ Gonçalves de Alvellos, e desafiando aquella barbara multidaõ, naõ houve hum homem, que aceitasse o desafio. Por or-

Siria o Nizamaluco a Fortaleza de Chaul.

Castilho *Comment. de Goa, e Chaul*, fol. 23.

Faria *Asia Portug. Tom. 2. Part. 3. cap. 9. §. 2. e 3.*

Avilla Chaul o General do Nizamaluco.

Pereira *Vid. de D. Luiz de Ataid. liv. 2. cap. 10.*

Tom.III.

Kk ii

dem

## 260 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

dem do Capitão da Fortaleza marcharaõ seu irmão Alexandre de Sousa com seu sobrinho Francisco de Sousa Tavares, acompanhado de quinze cavallos, para reconhecer o exercito inimigo, quando foraõ acomettidos por cinco mil barbaros, contra os quaes valendo-se os Portuguezes do seu natural valor em taõ desigual conflicto, se recolheraõ à Fortaleza com a falta de dous companheiros, que deixaraõ vingada com a morte de muitos Mouros.

Sahe derrotado Faretecaõ do primeiro assalto, que deu a Chaul.

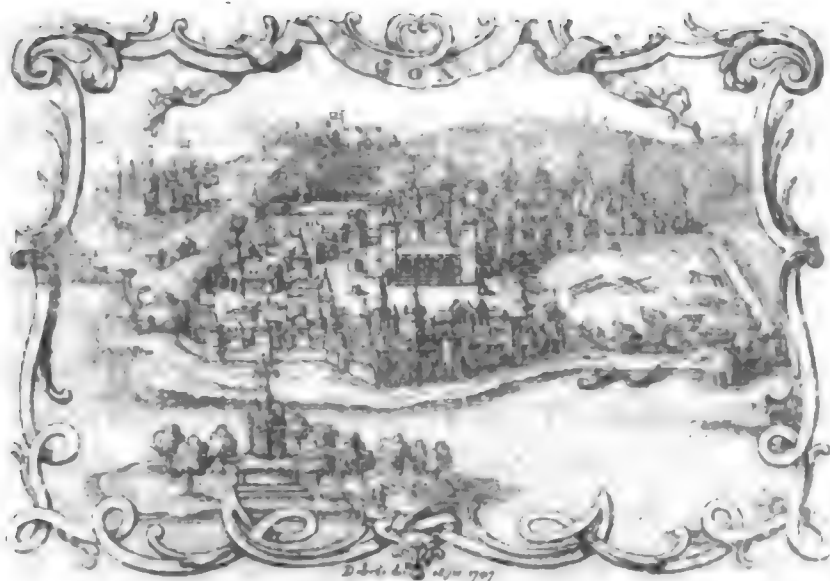
158 Ambicioso Faretecaõ de obrar alguma acção, que dèsse a conhecer os espiritos de Soldado, e as disposições de General, determinou antes de chegar o seu Principe entrar na Cidade, para cujo effeito valendo-se do furor dos elefantes, e do numero dos combatentes, a invadio por mar, e terra, donde foraõ heroicamente rebatidos por D. Henrique de Menezes, Jorge da Sylva Pereira, Henrique de Betancurt, Agostinho Nunes, Fernaõ Pereira de Miranda, Rodrigo de Sousa, Ruy Pires de Tavora, Christovaõ de Bovadilha, Gomes Freire, D. Francisco de Almeida, Rodrigo Homem da Sylva, Joaõ Cayado, e Diogo Soares de Albergaria, cujos heroicos braços pelo espaço de tres horas, que durou o conflicto, fizeraõ tal estrago em os Mouros, que Faretecaõ assombrado da resistencia, significou ao Nizamaluco, que muitas vezes lhe diffiera ser hum curral a Fortaleza de Chaul, certamente o era

era de Leões, a cuja ferocidade não podia oppor-se a potencia de toda a Asia. Não cessavaõ os expugnados, e expugnadores de adiantar os seus progressos, dividindo estes os seus quarteis, e aquelles fortificando a Praça como lhe permittia o tempo, e demolindo alguns edificios, que estavam distantes da Fortaleza.

159 Assentou Faretecaõ o seu campo a vinte e hum de Dezembro com varias tendas postas pela praya, e palmares, sobre as quaes tremolavaõ muitas bandeiras de diversas cores. Junto do Mosteiro de S. Francisco armou huma magestosa tenda, para a sua pessoa, e julgando os nossos por demasiada arrogancia o lugar, que elegera, por ser muito visinho à Cidade, sahiraõ com alguns Capitães ao campo, onde travada huma valerosa escaramuça, perseguiraõ com tal impeto aos Mouros, que não escaparia hum para contar do conflicto, se o preceito do Capitão mór os não obrigara, que voltassem para a Fortaleza.

Em que parte assentou o seu campo o General inimigo.

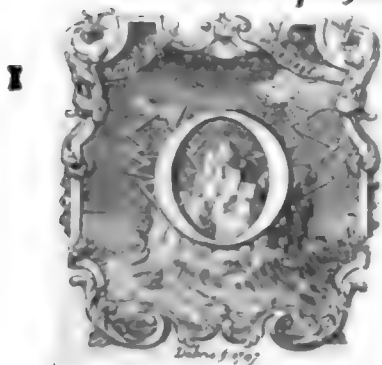




## LIVRO II.

### CAPITULO I.

*Determina a Rainha D. Catharina retirar-se para  
Castella constrangida das desattenções de seu Ne-  
to, cuja resolução não se executa, por ser  
muito prejudicial ao Reyno.*



**O** ABSOLUTO dominio , que  
tinha adquirido Martim  
Gonçalves da Camera, col-  
ligado com seu irmão o  
Padre Luiz Gonçalves da  
Camera , sobre a vontade  
delRey , se dirigia a go-  
vernar dispoticamente a Monarchia ; e para que  
lhe não servisse de obstaculo à sua ambição a Rai-  
nha

## 264 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

nha D. Catharina, procurava com artificiosas maquinas, que seu neto se separasse totalmente da sua presença, quando devia instruirse com os prudentes conselhos, e saudaveis exhortações de hum Heroína, que pela authoridade da pessoa, e madureza da idade merecia duplicado respeito. Desenganada de que eraõ inuteis todas as diligencias, que descobrio a sua prudencia para moderar o genio de seu neto, entre as quaes fora a principal o seu casamento; recorreo afflicta a Philippe Prudente, e à Princeza D. Joanna de Austria, para que interpondo hum a authoridade de tio, e outra a ternura de mãy, estranhassem a desobediencia de hum Principe, que com tanto desvélo, e amor tinha educado. Promptamente escreveraõ ambos a El Rey D. Sebastião, arguindo-o de huma acção, que era escandalosa à mesma natureza, negando a veneração a hum Princeza, que além dos vinculos do parentesco lhe era devedor do amor mais fino, pelo beneficio da educação. Não foraõ efficazes estas exhortações para se conseguir o fim pertendido; e como fosse certificado Philippe Prudente de que continuavaõ com mayor excessso as discordias entre seu sobrinho, e sua irmãa, mandou a Portugal D. Gomes Soares de Figueiroa, primeiro Duque de Faria, seu Conselheiro de Estado, para serenar esta politica tempestade, o qual conseguindo sagazmente a uniaõ del Rey com sua avó, partio para

Representa a Rainha D. Catharina a Philippe Prudente, e a D. Joanna de Austria a separação de seu neto com a sua pessoa.

Escrevem estes Principes a El Rey D. Sebastião, e se não consegue o effeito.

Haro *Nobil. Genealog.* Tom. 1.º pag. 453.

para Castella. Pouco tempo se passou, que entre estes Principes novamente se augmentasse a discordia: e como della se podiaõ originar irreparaveis damnos, se resolveo a Rainha retirar-se para Castella, esperando que com taõ estranha novidade cedesse ElRey da sua obstinação. Desta determinação fez participante a seu irmão Philippe Prudente, o qual por seu Embaixador D. João de Borja, que ainda assistia em Portugal, mandou, que alcançasse faculdade de D. Sebastião, para que a Rainha D. Catharina partisse para Castella. Estranhou excessivamente o nosso Principe, que seu tio concorresse para a ausencia, que pretendia fazer deste Reyno a Rainha D. Catharina, cuja resolução ainda meditada, quanto mais concluida, era injuriosa à sua pessoa, e a toda a Monarchia.

*Intenta a Rainha ausentar-se para Castella.*

2 Divulgada por todo o Reyno a noticia de se ausentar para Castella a Rainha D. Catharina, foy geral a consternação, que occupou os corações dos zelosos da Patria, considerando, que com a ausencia de taõ prudente Heroína se havia precipitar em mayores absurdos ElRey D. Sebastião, lisonjeado pela ambiciosa malicia de alguns Ministros, que com a ruina deste Principe fabricavaõ a propria exaltação. Empenharaõ-se as principaes pessoas de ambas as jerarchias, para que a Rainha mudasse o seu intento, representando-lhe com efficazes razões as perniciosas fatalidades,

*Consternação, que houve no Reyno com o intento da Rainha se ausentar para Castella.*

Tom.III.

Ll

que

## 266 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

que padeceria o Reyno de Portugal com a sua ausencia, deixando hum Principe pouco experimentado entregue ao dominio de quem lhe fomentava os appetites. Entre os vassallos, que previa os damnos do Reyno com a ausencia da Rainha, se distinguio o celebre D. Jeronymo Osorio, Bispo do Algarve, escrevendo-lhe a seguinte Carta, em que igualmente expressou a fidelidade do seu animo, como a elegancia da sua penna.

Carta do Bispo do Algarve D. Jeronymo Osorio para a Rainha.

„Senhora. Correm por esta terra novas bem  
 „tristes para todos em universal, e muito mais  
 „tristes em particular, para quem melhor póde  
 „entender quanto nisso vay. As novas são, que  
 „V. A. desampara estes Reynos, e se vay para  
 „Castella; isto não póde deixar de se sentir mui-  
 „to, porque perdemos Mãy, e Senhora; e per-  
 „demos hum fructo de tão grandes, e excellen-  
 „tes virtudes, como são as de que Deos dotou  
 „a V. A. e o peyor de tudo he, que de tão real  
 „virtude, e de tão provida constancia em gran-  
 „des negocios não se póde presumir mudança  
 „sem justa causa, e quanto ella for mais justa,  
 „tanto o Reyno ficará mais infamado, de ma-  
 „neira, que não sómente perdemos todos mui-  
 „to, mas ainda cobraremos fama de gente bar-  
 „bara, e desconhecida.

„ Bem vejo, que fallar eu nesta materia se-  
 „rá grande atrevimento; porque convém sómen-  
 „te



„ te a pessoas de muito mayor authoridade do que  
„ a minha póde fer: mas o amor, e lealdade não  
„ tem pejo; pelo que apontarey a V. A. algu-  
„ mas razoens, pelas quaes me parece, que não  
„ devia fazer tal abalo; e confio que V. A. quan-  
„ do vir de que principio esta minha ousadia tem  
„ nascimento, me levará facilmente em conta; e  
„ para que comece por aqui, lhe lembro, que  
„ muy poucas vezes deixou de se arrepender,  
„ quem se aconselhou com a indignação por mui-  
„ to justa, que ella fosse; o conselho ha de to-  
„ mar primeiramente com o espirito de Deos, e  
„ depois com a razão muito desapaixonada; com  
„ este presuppосто só fallarey com V. A. confor-  
„ me a razão, pois sey, que nunca della fugio.

„ O officio de Principes virtuosos, e san-  
„ tos, he fazer merce a bons, e castigar a roins;  
„ V. A. se se for, fará tudo ao contrario, porque  
„ os bons sentiraõ muito sua hida, e os máos fa-  
„ raõ folias estranhas com lhes parecer, que se  
„ vingaõ tambem. Não parece justiça, que por  
„ culpa de poucos padeçaõ muitos innocentes;  
„ lembre-se V. A. de tantos pobres, e de tantas  
„ Casas de Religiões como saõ della consolados,  
„ os quaes ficaraõ orfãos com a ausencia; e dado  
„ caso, que o mesmo se póde fazer em Castella,  
„ por ventura, e necessidade será lá tamanha,  
„ nem a esmola tambem empregada. Lembre-se  
„ V. A. tambem, que a terra de Portugal, ainda

## 268 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„que não seja muy grossa como a de Castella;  
 „he de ares muito mais benignos, e mais con-  
 „venientes para se passar a vida, e de menos  
 „accidentes; e a natureza de V. A. não he Flan-  
 „des, nem Castella, mas Portugal, onde rey-  
 „nou quarenta e cinco annos, pouco mais, ou  
 „menos, sendo a mayor parte deste tempo a mais  
 „venerada, e honrada Princeza, que póde ha-  
 „ver no Mundo. Sendo estudante em Pariz, ou-  
 „vi dizer a hum criado da Rainha vossa irmã  
 „D. Leonor, que estando em practica a me'ma  
 „Rainha sobre materia desta qualidade, dissera:  
 „finalmente não se engane ninguem, que nenh-  
 „ma Emperatriz, nem outra Princeza alguma  
 „se póde chamar Rainha senão a de Portugal.  
 „Se isto, que disse a Rainha D. Leonor, não he  
 „tão perfeitamente ao presente em V. A. como  
 „devia ser, ao menos foy-o já, e se lo ha aqui  
 „em diante; e a fruta de que Deos nos fez mer-  
 „ce no milagroso nascimento del Rey nosso Se-  
 „nhor, chegará à madureza, e perfeição, que  
 „desejamos, e terá V. A. em satisfação de alguns  
 „desgostos muitos, e muy grandes contentamen-  
 „tos. Quanto mais, que o espirito de V. A.  
 „mais está posto nos negocios da vida eterna,  
 „que nas opinioens desta miseravel, que tão pou-  
 „co ha de durar. E para que acerca disto me  
 „resolva em poucas palavras, se V. A. vay bus-  
 „car descanso temporal a Castella, tão pouco o  
 „ha

*Parte III. Livro II. Cap. I. 269*

„ha lá como cá ; se vay buscar salvação , não  
„he mais longe de Portugal , que de Castella.

„Devia-se V. A. tambem nesta materia de  
„lembrar muito do santo Rey D. João o III.  
„que tão verdadeiro amor lhe sempre teve , e  
„não devia querer desamparar a terra onde seus  
„ossos estão sepultados. Veja quaõ gloriosa se-  
„pultura será a sua , se assim como foy compa-  
„nheira na vida de quem tanto amou , o for tam-  
„bem no enterramento , e não consentir , que  
„haja no Mundo terra , que tenha depositado seu  
„corpo , senão a mesma , que tem em si as reli-  
„quias de tão Catholico Principe , a quem V. A.  
„tanto deve. Considere V. A. todos estes in-  
„convenientes , como são sentimento de bons ,  
„gosto de máos , desamparo de pobres , ausen-  
„cia da sepultura de tão virtuoso , e santo Com-  
„panheiro. E lembre-se que nesta sua partida  
„(o que Deos não permitta) no temporal se ga-  
„nha pouco , e no espiritual se perde muito ; e  
„quando V. A. não perder , perderá ElRey , e o  
„Reyno , e podem succeder desgostos , e enfa-  
„damentos , aos quaes V. A. por sua grande vir-  
„tude , e pela grande obrigação , que tem a es-  
„tas suas terras , he obrigada atalhar. Se fica no  
„Reyno cumpre com a charidade , com o bem  
„universal , que lhe ha de lembrar muito mais ,  
„que o proprio ; serve a Nosso Senhor , ganha  
„huma grande coroa : pelo contrario se se vay ,  
„que

## 270 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ que mais se ganha , que satisfação da vontade,  
 „ e triunfos de maliciosos ; por derradeiro , El-  
 „ Rey nosso Senhor he neto, filho, e criado, e  
 „ de sua natural inclinação virtuoso, e basta não  
 „ ter V. A. outra imagem na terra del Rey seu  
 „ avô, pelo que como qualquer homem do povo,  
 „ ainda que mais não seja, peço a V. A. pelas  
 „ Chagas de Nosso Senhor JESUS Christo, que  
 „ mude seu proposito, e não desampare terra,  
 „ nem injurie ossos, e memoria de tão virtuoso  
 „ Principe, e queira em paga de alguns desgost-  
 „ tos ter tantos, e tão grandes contentamentos,  
 „ como espero em Nosso Senhor, que ha de re-  
 „ ceber. Em dizer isto, cumprio com o officio  
 „ devido à lealdade, e com o desejo de servir a  
 „ V. A. e tudo o que me fica para fazer, he pe-  
 „ dir a Nosso Senhor em todas minhas orações,  
 „ e sacrificios, que inspire a V. A. o que houver  
 „ de ser mais seu santo serviço, e seu real estado  
 „ conserve. De Sylves 7 de Fevereiro de 1571.

3 Conhecendo a Rainha a fidelidade, com  
 que o Bispo Oforio a exhortava a não deixar o  
 Reyno, lhe respondeo nestas sinceras clausulas o  
 motivo da sua partida.

Resposta da Rainha à Carta  
 do Bispo Oforio.

„ Reverendo Bispo, &c. Vi a vossa Carta  
 „ de 7 do presente, em que me fazeis a saber a  
 „ dor, que tinheis, por me haver de ir destes Rey-  
 „ nos, e me quereis persuadir por muitas razões  
 „ a que o não faça; não posso deixar de vos agra-  
 „ decer

„decer a vontade de que vos procede doervos  
„de me ausentar desta terra , nem de louvarvos  
„ô zelo com que trabalhais induzir-me ao con-  
„trario ; o que não sey se com tanto valor fize-  
„reis entendidas as razões , que me deraõ animo  
„para intentar esta ida ; porque não he indigna-  
„çaõ a que me aconselha , nem paixãõ a que me  
„move , nem desejo de descansos , o que me leva :  
„mas o amor grande , que tenho ao Senhor Rey  
„meu neto , he o author desta mudança ; por-  
„que delle nasceo a vontade de lhe tirar a occa-  
„siaõ de cousas , que nem à sua pessoa , nem à  
„sua honra , nem à sua alma convém ; e desejo  
„de ser com a minha hida hum despertador de se  
„conhecerem , e emendarem tantos males , que  
„trazem esta Republica escandalizada , e descon-  
„tente ; e que são elles taõ graves , e que os sin-  
„to eu tanto , que me fazem violentar minha na-  
„tureza , e apartarme do que meu coração ama  
„sobre todas as cousas desta vida , e aventurar-  
„me a perdella , ou ao menos a perder o gosto ,  
„que della podia ter ; porque nem vós me acon-  
„selhareis , que veja não querer bem geralmen-  
„te a quem eu tanto bem quero , e ir-se perden-  
„do diante de meus olhos , o que eu tanto esti-  
„mo , sem haver cousa , que me dé esperança  
„disso ter algum remedio ; pois os de que se po-  
„dia esperar , que o procurassem , são authores  
„hoje , e defensores desta perdiçaõ ; e geralmen-  
„te

## 272 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„te todos choraõ, eu tambem o chorarey onde  
 „quer que estiver; e se minha ida aproveitar pa-  
 „ra alguma cousa, terey por bem empregada a  
 „dor, que me ha de custar partirme, e o con-  
 „tentamento de saber, que ha emenda, me mi-  
 „tigará a tristeza, que me ha de causar a fauda-  
 „de desta terra, e ao do vivo, e a do morto,  
 „que deixo nella: posto que meu intento he fa-  
 „zerem meus ossos companhia depois de minha  
 „morte aos delRey meu Senhor, que Deos tem,  
 „com quem a tiveraõ taõ bemaventurada nesta  
 „vida. Pareceo-me alargarme mais convosco do  
 „que costume, como quem nesta materia me  
 „falla, ou me escreve, porque vossa vontade, e  
 „zelo a isso me obrigaraõ, e particularmente o  
 „cuidado, que tendes de fazer por mi oraçaõ  
 „ao Senhor, que vos encommendo muito, que  
 „prosigais com aventejado fervor, pois não ha  
 „cousa que agora por sua Misericordia mais de-  
 „seje, que acertar em seu serviço, e não me  
 „afastar da obediencia da sua santa vontade. Em  
 „Lisboa a 22 de Fevereiro de 1571.

Representa o Senado de Lisboa a ElRey não ser conveniente a ausencia da Rainha.

4 Como ElRey D. Sebastião não impedia a determinação da Rainha, lhe apresentou o Senado de Lisboa o seguinte Memorial, em que mostrava não ser decorosa à sua Real Pessoa, como à Monarchia, que governava, a ausencia de sua Serenissima Avó, sendo estas as clausulas de que se formava.

„Esta

„ Esta insigne Cidade de Lisboa , que por  
„ sua preeminencia , e antiga lealdade do povo  
„ della mereceo o nome que tem de Princeza de  
„ nossos Reynos , vendo claramente , que da ida  
„ da Rainha nossa Senhora para fóra delles nasce-  
„ ria grande quebra na reputação da Real Pessoa  
„ de V. A. e considerando outros muitos incon-  
„ venientes , que tambem della poderiaõ nascer  
„ continuando seu louvado costume , e leal zelo  
„ do serviço de V. A. como cabeça , que he de  
„ vosso Real Estado , quiz os dias passados fazer  
„ chamamento de algumas das principaes pessoas  
„ de todos os Estados della ( como outras muitas  
„ vezes fez em cousas de menos qualidade ) para  
„ elegerem doze pessoas , que com a Camera del-  
„ la consultassem o melhor modo , que se pode-  
„ ria ter para Vossas Altezas se conformarem , de  
„ maneira , que se atalhasse o grande escandalo  
„ da ida da Rainha nossa Senhora com muita  
„ quietação , e gosto de V. A. utilidade , e so-  
„ cego de vossos subditos ; porque além de ser  
„ cousa decentissima tratarem-se as cousas arduas  
„ com parecer de muitos , as que tocao a todos  
„ em commum , a todos pertence a communica-  
„ ção dellas.

„ E sendo este intento do vosso povo , de  
„ tanto vosso serviço , e taõ conforme à tenção  
„ de V. A. que he impedir a ida da Rainha nos-  
„ sa Senhora não faltaraõ pareceres em contra-

274 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„rio ; porque V. A. o impedio , de que ao po-  
 „vo ficou grandissimo escandalo , parecendo-lhe,  
 „que se havia por suspeita sua leal tenção ante  
 „V. A. e toda via em alguma maneira se satisfez  
 „com V. A. tomar sobre si impedir esta ida ; po-  
 „rém agora , que a vê publicada , e que se não  
 „atallhou , e considerando quaõ feya cousa pare-  
 „cerá em toda a parte sahirse de vossos Reynos a  
 „Rainha vossa avó , e Senhora nossa , que em caso  
 „que de sua parte della houvera alguns defeitos,  
 „a V. A. e a seu povo convinha encubrir tudo ,  
 „sofrendo sua semrazaõ , sem permittir , que por  
 „alguma via se fosse ; quanto mais sendo como  
 „he em todo o Mundo notoria sua muito alta , e  
 „Real virtude , seus grandes merecimentos , e af-  
 „sim para com V. A. como para a Republica ,  
 „e sobre tudo sua Christandade , e boa tenção ,  
 „e considerando tambem todos os mais inconve-  
 „nientes , e escandalos , que disso podem recre-  
 „cer. O povo de dous em dous , e de quatro  
 „em quatro com os vinte e quatro vem à Came-  
 „ra , e seraõ pelas casas dos officiaes della dando-  
 „nos muita culpa de passarmos taõ brevemente  
 „por cousa de tanto pezo , requerendonos , que  
 „acudamos a isso , e que ajudemos a tenção de  
 „V. A. que he não deixar sahir a Rainha nossa  
 „Senhora de vossos Reynos , pelo que somos  
 „constrangidos assim pela lealdade , que devemos  
 „ao serviço de V. A. como pelo que o povo nos  
 „reque-



„requeira a pedir a V. A. por merce, e com quan-  
„ta humildade podemos, e requeremos da parte  
„de Deos haja por bem, que nós prosigamos o  
„primeiro intento, e façamos ajuntamento só-  
„mente para eleição de algumas pessoas deãos  
„juizes, e desinteressadas tenções, que tratem  
„a concordia entre Vossas Altezas, de maneira,  
„que a ida da Rainha nossa Senhora, não haja  
„effeito, tendo V. A. por muito certo, como de-  
„ve ter, que já mais se moverá cousa, nem fa-  
„rá, de que V. A. não seja primeiro sabedor, e  
„que não deve de ser muito seu serviço, e gos-  
„to para em tudo seguirmos o que V. A. orde-  
„nar, e mandar com o mesmo zelo, e lealdade,  
„que nossos antepassados sempre tiverão ao ser-  
„viço do seu Rey, e natural Senhor.

„E em caso que V. A. nos impida cousa tão  
„justa, e tão conforme a seu serviço, esta Prin-  
„ceza de vosso Estado em seu nome, e de to-  
„dos os povos de vossos Reynos, e Senhorios  
„pede a V. A. por merce muy assinalada, e da  
„parte de Deos lhe requeira, e sobre isso lhe en-  
„carrega sua consciencia, que V. A. para con-  
„solação de seus povos ponha em effeito as cou-  
„sas seguintes.

„Que não fie V. A. de seu juizo, nem de  
„pareceres de povos a determinação de tão gra-  
„ve negocio, como he este da ida da Rainha  
„nossa Senhora, e que dé delle conta a mais pes-

## 276 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ foas , que as que traz ordinariamente no seu  
 „ Conselho , como sempre fizeraõ os Reys seus  
 „ antecessores em casos de menos qualidade ; por-  
 „ que ainda que nos de vossõ Conselho concor-  
 „ raõ , como concorrem , todas as boas qualida-  
 „ des , e sãas consciencias , que para este , e to-  
 „ dos os mais negocios do serviço de V. A. se re-  
 „ querem ; toda via como a Rainha nossa Senho-  
 „ ra está posta em negar a V. A. e a elles sua fi-  
 „ cada , como vemos , que até agora fez , con-  
 „ vêm que lha ajudem outros a requerer , e que  
 „ por muitos será S. A. certificada do escandalo ,  
 „ que ficará neste Reyno de sua ida , e que sejaõ  
 „ muitos os que lho peçaõ , e requeiraõ da par-  
 „ te do povo , a quem convém naõ permittir por  
 „ alguma via , que se ella vá , mas antes que V. A.  
 „ a tenha a par de si , e lhe peça , que o ajude  
 „ no governo de seu Estado , como sohia por sua  
 „ christianíssima tençaõ , singular saber , expe-  
 „ riencia de muitos annos , que saõ as qualidades  
 „ de que pende o bem commum , e acertado go-  
 „ verno das Respublicas.

„ Que V. A. modere o exercicio dos cami-  
 „ nhos , e caças pelo perigo de sua Real Pessoa ;  
 „ porque o Rey , de cuja vida , e faude pende  
 „ o remedio , e consolaçaõ de seus póvos , naõ  
 „ póde com consciencia aventuralla a tantos pe-  
 „ rigos.

„ E assim que com toda a brevidade effectue  
 V. A.

„ V. A. seu casamento; porque além da necessi-  
„ dade geral, que ha em todos os Reynos de te-  
„ rem Principes jurados para quietação delles,  
„ nestes Reynos, por ser V. A. só nelles, ha mui-  
„ to mais razão de pedirmos com toda a instan-  
„ cia a V. A. que nos dé Principe para conserva-  
„ ção, e quietação de vossos póvos; e que para  
„ isso effectue logo seu casamento além de outras  
„ urgentissimas razões, que para isso ha, como  
„ são satisfazer ao Summo Pontifice, a ElRey  
„ de Castella, e a ElRey de França, que de af-  
„ sim não ser, sabemos notoriamente que rece-  
„ be cada hum particular desprazer, e sobre tu-  
„ do entendemos, que a muita consolação, que a  
„ Rainha nossa Senhora receberá de ver posta em  
„ effeito cousa tão necessaria, será parte para ella  
„ se não fahir de vossos Reynos, que ainda que  
„ não houvera outros muitos, este só respeito  
„ bastava para V. A. vir neste parecer.

„ Cousas são estas que pedimos a V. A. tão  
„ justas, e tão conformes ao serviço de Deos,  
„ que as não poderá V. A. negar sem muita of-  
„ fensa de sua Divina Magestade; porém em ca-  
„ so que Sua Alteza tenha concebidas em seu jui-  
„ zo algumas razões para deixar de effectuar al-  
„ gumas destas cousas, que este seu leal povo lhe  
„ pede com tanta efficacia por muy singular mer-  
„ ce com leal zelo, e devido acatamento, lhe  
„ lembramos a fraqueza, e variedade dos enten-  
„ dimentos

## 278 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ dimentos humanos , e que para remedio disto  
 „ desde o principio do Mundo se ordenaraõ ajun-  
 „ tamentos de muitos para determinação de ne-  
 „ gócios graves , e se fizeraõ sempre conselhos  
 „ publicos , em que se praticaraõ , e assentaraõ as  
 „ cousas , que convém ao socego , e bom gover-  
 „ no das Respublicas ; e deixados outros exem-  
 „ plos dignos de muita memoria , leste nos livros  
 „ de Josué , e de Samuel , que se fizeraõ muitas  
 „ vezes estes ajuntamentos no povo de Israel ,  
 „ quando era governado por Deos ; e o mesmo  
 „ costume guardou sempre a Igreja Catholica nos  
 „ Concilios Universaes , que celebra , começando  
 „ desde o tempo dos Apostolos , e seguindo este  
 „ antigo , e louvavel costume os Reis , ainda  
 „ que tenhaõ experiencia de muitos annos de go-  
 „ verno de seus Estados , costumaõ muitas vezes  
 „ fazer estes ajuntamentos dos Procuradores de  
 „ todas as Cidades , e Villas de seus Reynos ,  
 „ para tratarem , e assentarem o que mais con-  
 „ vém para serviço de Deos , e bom governo del-  
 „ les ; porque nos taes ajuntamentos concorrem  
 „ pela mayor parte muy escolhidos juizos , e ten-  
 „ ções de fóra , livres de paixaõ , e de respeitos  
 „ particulares , com que os Reis são defengana-  
 „ dos do que mais convém ao serviço de Deos ,  
 „ seu , e bem commum de seus subditos ; pelo  
 „ que deve V. A. de ter por certo , que negando  
 „ a seu povo cousas taõ justas , como são as que  
 „ lhe

„lhe pedimos com tanto zelo do seu serviço, sem  
„encommendar a determinação de suas razões a  
„conselho publico, offenderá a Deos gravemen-  
„te; pelo que pedimos a V. A. com todo o de-  
„vido, e leal acatamento, que devemos a vos-  
„sa Real Pessoa, que se tem algumas razões  
„particulares para não pôr em effeito as cousas,  
„que lhe pedimos nesta lembrança, que queira  
„manifestallas em Cortes, e fazer chamamento  
„publico de Prelados, e pessoas notaveis das Ci-  
„dades, e Villas de seus Reynos, que costumaõ  
„vir a ellas, e com parecer de muitos homens,  
„e leaes vassallos tome conveniente assento nestas,  
„e em outras cousas de seu serviço, que o será  
„muito grande de Nosso Senhor, e muita con-  
„solação, e quietação de seus povos, que nisto  
„receberaõ assinalada merce; porque procedendo  
„V. A. desta maneira, quando a Rainha nossa  
„Senhora não quizesse ficar no Reyno (o que se  
„não crê da sua grande virtude) ficará o Mundo  
„entendendo, que tinha V. A. da sua parte cum-  
„prido com a sua obrigação; e em quanto assim  
„não fizer, sempre ficará nodoa na honra de V. A.  
„que vossos leaes vassallos estimaõ, e amaõ mui-  
„to mais, que suas proprias vidas.

„E não querendo V. A. deferir a nenhuma  
„destas cousas, que taõ justas, e razoadas são,  
„protestamos, que da nossa parte temos cumpri-  
„do com tudo aquillo, que em nós foy para  
„com

## 280 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ com Deos, e V. A. e com todo o povo; e  
 „ assim o faremos saber com licença de V. A. por  
 „ nossas Cartas aos povos do Reyno, para que  
 „ a todos seja notório, que esta Cidade, Prince-  
 „ za do vosso Estado, não faltou com todas as  
 „ lembranças, e protestações devidas de vosso ser-  
 „ viço, e ao ser, e bem commum delles: po-  
 „ rém confiamos da christianissima tenção, e mui-  
 „ ta virtude, e singular saber de V. A. que con-  
 „ siderará todas estas razões, e conformarse ha  
 „ com o parecer de muitos, e leaes vassallos, e  
 „ prevenirá com isso o grande aggravo, e escan-  
 „ dalo, que do contrario ficará em seu povo,  
 „ que o tanto ama, e ha de amar, e que o tam-  
 „ bem serve, e sempre ha de servir, o qual com  
 „ muita humildade pede a V. A. lhe mande res-  
 „ ponder brevemente como este negocio reque-  
 „ re, porque nisso receberá assinalada merce.

Manda El Rey a Francisco de Sá para saber da Rainha a sua ultima resolução.

5 Penetrado El Rey da efficacia das razões, que se continhão neste Memorial, como tambem das persuasoens do Cardeal D. Henrique, mandou por Francisco de Sá, Senhor de Matosinhos, saber da Rainha se ainda permanecia na determinação de se ausentar deste Reyno, confiando da authoridade, e prudencia de tão insigne Varaõ a fizesse mudar do seu intento. A Rainha com fagacidade respondeo, que não declararia a sua vontade sem primeiro saber a de seu neto, a qual podia manifestar a Filippe Prudente, e à Prince-  
 za

za D. Joanna de Austria, a quem estava cometido este negocio. Como a Rainha não cedia da sua resolução, se lhe escreveu a seguinte Carta, em que severamente foy arguida de querer deixar o Reyno, onde se admira a liberdade unida com o zelo de quem a escreveu.

„ Senhora. Os mais dos Reis do Mundo,  
„ assim os que tiverão verdadeiro conhecimento  
„ de Deos, como os que o não tiverão, por bom  
„ conselho, e ordem de bom governo não se go-  
„ vernarão, nem governarão pelas Rainhas, não  
„ deixando por isso de lhes fazer todo o bom tra-  
„ tamento devido com muito amor, e afeição,  
„ e os Reis, que o contrario fizeram, não lhes  
„ succederão bem suas cousas, nem ganharão boa  
„ fama, tendo-os em pouco pelo Mundo, e os pe-  
„ rigos, e trabalhos, que por isso lhe succederão  
„ forão muitos, e muy continuos.

„ ElRey, que Deos haja, alguns annos  
„ seguiu a ordem, que seguirão os Reis, que  
„ se não governarão por suas mulheres, depois  
„ afeiçãoou-se tanto a V. A. pela vossa muita vir-  
„ tude, que se vos entregou de todo (o que lhe  
„ não foy bem recebido neste Reyno, nem nos  
„ estranhos) de que principalmente se seguiu hum  
„ dos mayores perigos, que se neste Reyno teve,  
„ que só pelo conselho de V. A. casou sua filha  
„ com o Principe de Castella, não tendo mais  
„ que hum só filho, sem dar conta deste casa-

Tom.III.

Nu

„ mento

282 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„mento aos Grandes do seu Reyno , nem ou-  
 „tras muitas pessoas, com que os semelhantes ca-  
 „sos se costumão de aconselhar os Reys, se não  
 „depois de feito a algumas pessoas, e poucas,  
 „que se acharão presentes na Corte, os quaes  
 „por mais que lho contradisserão por muy claras  
 „razões, que para isso havia, não deixou de o  
 „effectuar, não tendo mais filhos, como digo,  
 „que o Principe que Deos tem, sete annos mui-  
 „to doente, e V. A. respondia aos homens, que  
 „lhe não preguntava ElRey seu Senhor se faria  
 „o tal casamento, porque já o tinha feito, se  
 „não como mandaria a Princeza, a que V. A.  
 „deu muita pressa a ir para Castella, onde não  
 „foy tambem tratada do Principe, como devera,  
 „nem de alguns Grandes; e como Deos sempre  
 „se lembra deste Reyno, levou-a para si muito  
 „de pressa, e o filho, que lhe nasceo, não o vio  
 „ElRey, que Deos tem, por conhecer a culpa,  
 „que teve neste casamento, e que tinha neto em  
 „Castella, e que podia succeder neste Reyno,  
 „e não bem inclinado, principalmente a esta nos-  
 „sa nação Portugueza, ordenou vir a Princeza  
 „nossa Senhora sendo o Principe de dezaseis an-  
 „nos, e de dezasete faleceo, ficando a Princeza  
 „prenhe, e sendo a sua morte mais sentida de  
 „Principe, nem de Rey que houve nesta terra,  
 „ficando ElRey vivo, e não velho, e V. A. de  
 „idade para poder parir, sem ser milagre, e El-  
 „Rey,



„ Rey, que Deos haja , criara a ElRey nosso Se-  
„ nhor com tanto amor , que se alguma hora o  
„ via agastado pelo V. A. castigar , não se lhe po-  
„ diaõ ter as lagrymas nos olhos. Em sua vida  
„ não lhe deu Ayo, nem Camereiro mór , nem  
„ homens, que olhassem por elle, houve-se Deos  
„ por servido levalllo para si sem fazer testamento,  
„ e pelas muitas obrigações , que V. A. tinha a  
„ ElRey, que Deos haja , e a este Reyno, jun-  
„ to com a sua muita virtude, não lhe contradif-  
„ feraõ governar o Reyno, como governava com  
„ ElRey em sua vida, sem se guardar a ordem,  
„ que não sómente he de obrigação terse com os  
„ Governadores, mas que se sempre teve com os  
„ proprios Reys, quando tomaõ o governo, e ad-  
„ ministração de seus Reynos, e entrando desta  
„ maneira no governo, lhe obedeceraõ, como se  
„ nisso concorreraõ todas aquellas cousas , que  
„ eraõ devidas , e já tinhaõ concorrido em tem-  
„ po delRey D. Affonso V. e V. A. não taõ só-  
„ mente não quiz fazer Cortes, para se entender  
„ no que cumpria ao governo, e com quem, e o  
„ modo que se teria na criação delRey, mas ain-  
„ da, como quiz, deu ao seu Mordomo por Ayo  
„ delRey, e elegeo Sumilheres, e Capitaõ da  
„ Guarda pela ordem de Castella, e o Bispo D.  
„ Juliaõ de Alva fez seu Capellaõ mór, e o me-  
„ teo no Conselho, e lhe deu por Mestre Luiz  
„ Gonçalves Apostolo, e o mandou vir de Ro-

## 284 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ma para isso por contemplação do Padre Tor-  
 „res vosso Confessor, e Castelhana, e elle veyo  
 „a isso, não querendo ser Confessor del Rey, que  
 „Deos haja.

„Todo o tempo que V. A. quiz governar,  
 „foy muito obedecida, e acatada, e fez todas  
 „as cousas mais como Rey absoluto, que como  
 „Governador, quando se determinou em deixar o  
 „governo, muito mais amor, e afeição lhe mos-  
 „traraõ, que ao Cardeal, a quem o quiz largar,  
 „sabendo que podia succeder neste Reyno, pos-  
 „to que Sacerdote; e a esta intenção respondeo  
 „todo o Reyno a V. A. que o não largasse, pe-  
 „gando-se às palavras das Cartas de V. A. em  
 „que lhes dizia, que sempre anteporia a sua vi-  
 „da, e descanso ao que cumprisse ao bem destes  
 „Reynos: e vistas por V. A. taes repostas dei-  
 „xou tal proposito, e tornou a proseguir seu go-  
 „verno, e dahi a hum anno mudada disto cha-  
 „mou a Cortes sem manifestar, que queria lar-  
 „gar o governo, nem lhe mandar fazer muitas  
 „lembranças, que lhe devera mandar fazer pela  
 „larga experiencia, que tinha dos negocios, e  
 „do governo, e da inclinação do Cardeal, que  
 „era mais devoto do Ecclesiastico, que do Se-  
 „cular; mas antes tirou V. A. liberdades, que  
 „as Cortes tem, mandando apartar os homens,  
 „e abbreviallas tirando-lhe nisso, e a muitas cou-  
 „sas o poder que de direito, e costume tem, e  
 „por

„ por parecer aos que eraõ juntos , que V. A.  
„ dava esta pressa por naõ se ordenar alguma cou-  
„ sa , que fosse do seu serviço , e desconfiada del-  
„ les as acabaraõ mais por lhe obedecer , que pe-  
„ las cousas para que se ajuntaraõ , serem acaba-  
„ das , fazendo nisto tanto o que naõ deviaõ ,  
„ que fora bem differente , se V. A. declarara , co-  
„ mo de vera , que queria deixar o governo , di-  
„ zendo-lhes , que sobre isso trataßem tudo o que  
„ cumprissem a bem destes Reynos , e à criação,  
„ e vida delRey nosso Senhor , e se isto fizera ,  
„ ficaraõ as cousas assentadas , que nos naõ vira-  
„ mos no perigo , e trabalho , que nos agora ve-  
„ mos , e no que temos passado.

„ Nas Cortes requereo-se , que fizessem ou-  
„ tro Ayo a ElRey nosso Senhor , e que lhe des-  
„ sem Camereiro mór , e que lhe tirassem Sumi-  
„ lheres , e o Mestre Apostolo , e que fizessem  
„ Escrivaõ da Puridade , e outros officiaes , e se  
„ dessem ordem nas cousas da Justiça , e Fazen-  
„ da , e defençaõ do Reyno , declarando como  
„ se haviaõ de fazer , e que se devassasse dos cul-  
„ pados nestas materias , para que se allumiasse o  
„ caminho , que no remedio disso lhe devia ter ,  
„ e que fosse em tempo , que ElRey ficasse livre  
„ de escandalo , e das satisfações , que no apu-  
„ rar destas cousas , recrecessem , pois fazendo-se  
„ assim por ordem das Cortes o desobrigavaõ.  
„ V. A. impedio naõ se effectuarem estas cousas ,  
„ e en-

286 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ e entregou o governo ao Cardeal sem a ordem  
„ que se tivera o declarara no principio , pelo  
„ qual V. A. fica de tudo com a culpa.

„ Pelo que está obrigada a não deixar seu  
„ neto , e este Reyno , ainda que algumas cou-  
„ sas particulares a obriguem a paixão , pois se  
„ quer ir delle sem causas licitas , antes de mui-  
„ ta afronta , e descredito seu , mostrando clara-  
„ mente , que o faz por lhe dar mais trabalho ,  
„ e o pôr em mais necessidades , perigo , e discor-  
„ dia , por onde parece que o intento de V. A.  
„ foy sempre este assim pelas cousas passadas , que  
„ já disse , como pelas presentes ; e vay nisso con-  
„ tra sua consciencia , honra , e quietação devida ,  
„ porque em Castella sabe V. A. muy bem como  
„ governou a Emperatriz , quando o Emperador  
„ não era presente , e a Princeza nossa Senhora ,  
„ que nenhum poder tinha , e que não estavaõ  
„ por mais que fórma , e assim como foraõ tra-  
„ tadas as Rainhas suas irmãas , e quaõ pouco  
„ tempo duraraõ vivas , e que se se veyo a Rai-  
„ nha de França , foy porque não tinha lá filhos ,  
„ nem netos ; e porque não foy nunca Rainha ,  
„ senaõ hum meyo de honestar as pazes , e o que  
„ soffreo , he notorio a todos ; e a Rainha Ma-  
„ ria não tinha Reyno , e era Regente de Flan-  
„ des. As Rainhas deste Reyno saõ tidas por to-  
„ do o Mundo por mais poderosas , que todas  
„ as outras , principalmente V. A. que fez sem-  
„ pre

„pre nelle tudo o que quiz, como agora verá.

„Quiz casar D. Isabel de Lencastro com o  
„Duque de Bragança, em que lhe pez, e ca-  
„sou, e affirma-se que valeo o dote, que lhe de-  
„raõ, hum conto de ouro. D. Isabel de Mene-  
„zes com o Capitão da Ilha da Madeira, da mes-  
„ma maneira deraõ-lhe trezentos mil reis de ju-  
„ro, e doze, ou treze mil cruzados, que o Ca-  
„pitaõ devia a ElRey, tiraraõ-lhe a sua Casa da  
„ley mental duas vezes, deraõ-lhe os officios da  
„Ilha, casaraõ-lhe huma irmãa com o Almiran-  
„te, a quem se deu tudo o que tinha para hum  
„filho, e por se fazer este casamento do Capitão,  
„se fizeraõ muitas vexações a sua mãy muito  
„honrada, pelo naõ querer consentir, e manda-  
„raõ-na embarcar para a Ilha com suas filhas,  
„donde naõ tinha nenhuma cousa, e depois que  
„casaraõ seu filho, a mandaraõ tornar com suas  
„filhas para logo se poder D. Isabel ir para a Ilha:  
„ora o que se fez ao Capitão em o mandarem vir  
„com sua mulher, e casa foy a mais estranha cou-  
„sa, que se fez neste Reyno, e parece que Deos  
„permittio, que dous filhos desta mulher hum  
„Mestre, e Confessor delRey, e outro seu Es-  
„crivaõ da Puridade pareça agora a V. A. que  
„elles sejaõ causadores de sua paixãõ, e descon-  
„tentamento delRey seu neto. D. Magdalena  
„de Granada casou a furto com D. Luiz de Len-  
„castro, deraõ-lhe cinco contos de renda para  
„seus

## 288 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ seus filhos , ou filhas com mais de vinte mil cru-  
 „ zados. A D. Filippa de Alencastro com o Mar-  
 „ quez de Villa-Real deraõ outro dote como o  
 „ mayor destes , e fóra outras muitas Damas ,  
 „ que se poderaõ contar , a que se deraõ poços  
 „ de ouro. Ora o favor , honras , e merces que  
 „ se fizeraõ aos seus criados , e aceitos , seria nun-  
 „ ca acabar ; o que se fez a D. Fernando de Fa-  
 „ ro , e a todos seus filhos , e a sua filha , que ca-  
 „ sou com D. João de Menezes ; e a D. Aleixo  
 „ vivo , e morto , e a sua mulher , e filhos ; ora a  
 „ Pedro de Alcaçova , por dar a entender a A.V.  
 „ que a fizera Governadora destes Reynos ; mui-  
 „ tas infinitas honras , e merces , e pôr a Casa de  
 „ Figueirò , que nunca ElRey , que Deos tem ,  
 „ quiz fazer della o que V. A. fez , nem a mu-  
 „ lher , filho , e mãy de Diogo de Sousa dester-  
 „ rados por esse respeito , e por lhe tolherem re-  
 „ querer sua justiça. A dous Clerigos Castelha-  
 „ nos , que V. A. troxe , que por seus avôs , e  
 „ letras naõ mereciaõ nada , as Prelasias , e Dig-  
 „ nidades , que se lhe deu ; aos Teyves , e Zuni-  
 „ gas , e outra muita gente a fidalguia , e mer-  
 „ ces que se lhe fez , seria nunca acabar. O per-  
 „ daõ que fez dar a ElRey noõso Senhor ao irmão  
 „ do Mestre Cano , foy mais que darlhe huma  
 „ Prelasia. Ora o que ElRey , que Deos haja ,  
 „ deu a V. A. na India , e os serviços que lhe de-  
 „ lá fizeraõ , naõ tem comparaçaõ. Estas cousas  
 „ naõ

„naõ teve a Emperatriz , nem a Princeza vossa  
„filha , nem outra Rainha de Portugal.

„Quando se entendeo, que V. A. se que-  
„ria apartar delRey nosso Senhor, e naõ queria  
„ir a Cintra, e depois a Almeirim, pareceo  
„que o faria com o mesmo intento, que o Empe-  
„rador seu irmão deixou o Imperio., e muitos  
„Reynos ao Principe seu filho mancebo sem ex-  
„periencia, e notado o Principe de muita affei-  
„çaõ, que tinha a muitas mulheres; porque fez  
„muito, e faz hoje em dia; e o Emperador sem  
„ter mais conta, que com a sua alma, se reco-  
„lheo em differente parte das que V. A. tem para  
„fazer o mesmo, tendo mais obrigação para isso.  
„Agora se entende, que naõ se arredou V. A.  
„delRey senaõ por alguma paixãõ particular,  
„porque se fora sómente por lhe parecer, que he  
„mal governado o Reyno, e por naõ querer ca-  
„sar ElRey, e pelo que cumpre à vida, e fau-  
„de sua, e seu Estado, e pelo bem commum,  
„e porque se aconselha com alguma gente, que  
„lhe naõ convém, posto que seja a mayor par-  
„te della a que V. A. lhe deixou, fizera o que  
„faz a Rainha de França com ElRey seu filho,  
„que trazendo tantas guerras, e posto em tan-  
„tos perigos com Lutheranos, traz alguns desta  
„liga no seu Conselho, e dissimula, porque af-  
„sim lhe convém. O mesmo podera V. A. fazer  
„se se metera com alguns do Conselho delRey

Tom.III.

Oo

„seu

„ seu neto , e atalhara muitas cousas de que se po-  
 „ dem seguir muitos males , e damnos , os quaes  
 „ accrescenta com se querer ir sem conselho , ten-  
 „ do muita obrigação a pedillo , e tomallo de mui-  
 „ tos , que tem feito a V. A. muitos serviços com  
 „ muito amor , e lealdade , e desta maneira po-  
 „ dera V. A. melhor curar o descontentamento  
 „ que tem , mas apartarse V. A. destas obriga-  
 „ ções , e irse para Castella , donde ha quarenta  
 „ e seis annos que veyo muito moça , e para on-  
 „ de sua filha não viveo contente os dias que vi-  
 „ veo , e o filho que pario , morreo em prizaõ co-  
 „ mo Deos sabe , e a Princeza , que lá está he  
 „ mãy delRey nosso Senhor , a qual nunca teve  
 „ a V. A. por amiga , e mais agora por respeito  
 „ de seu filho , parece desatino.

„ Pois, Senhora, se V. A. quizer fazer mer-  
 „ ce do que leva destes Reynos às pessoas , que  
 „ por isso haõ de esperar , e que volo haõ de pe-  
 „ dir , virá V. A. a pedir esmola muito depressa ,  
 „ como fez outra Rainha , que lá foy com mais  
 „ justa causa , sendo sua filha Rainha de Castella ,  
 „ e se V. A. não quizer ser larga nestas merces ,  
 „ porque haõ de esperar , gente he taõ solta , que  
 „ lhe faraõ desprezos , e descortezias.

„ Erro taõ claro como V. A. quer fazer taõ  
 „ sem razãõ , deve de cuidar que he castigo de  
 „ Deos , que os Reys da terra não podem casti-  
 „ gar , e por isso póde ser que ordene Deos , que  
 „ V. A.



„ V. A. ponha a sentença contra si, e seja a execu-  
„ tora della com pregação, que a desnaturaliza dos  
„ seus verdadeiros, e leaes vassallos, que com tan-  
„ to amor a tem servido, e obedecido. Lembre-  
„ se tambem V. A. que em comparação dos luga-  
„ res, que quer deixar em Portugal, em que pó-  
„ de viver, e morrer quietamente, com muita es-  
„ perança de sua salvação, não se póde pôr em  
„ nenhum em Castella, que lhe não pareça S.  
„ Thomé, ou a Ilha de Santa Helena, e que pa-  
„ ra a salvação muito mais perigosos.

„ Deve-se V. A. de lembrar, que queren-  
„ do-se a Infanta D. Maria ir para Castella, onde  
„ estava a Rainha sua mãy, e tão escandalizada  
„ del Rey, que Deos haja, e de V. A. por ser  
„ mais licito casarem-na com o Principe de Cas-  
„ tella, que a sua filha pelo bem, e segurança  
„ destes Reynos, e por outras causas semelhan-  
„ tes, que depois aconteceraõ, a que lhe não acu-  
„ diraõ como deveraõ, quaõ pezaroso ficou El-  
„ Rey, que Deos haja, com sua ida, e quantas  
„ cousas lhe offerecia porque se não fosse. Mor-  
„ reo El Rey, foy-se ella ver com sua mãy, e por  
„ mais que com ella trabalhasse pela fazer ficar em  
„ sua companhia, offerecendo-se a darlhe logo tu-  
„ do o que tinha, que era muito, e que se não  
„ ficasse, que podia perder tudo; quiz antes es-  
„ ta excellente Princeza aventurar-se a perder o  
„ amor de sua mãy, e suas riquezas, que deixar

Tom.III.

Oo ii

„ o Rey.

## 292 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„o Reyno no estado em que estava ; e por fa-  
„ber quanto todos o sentiaõ foy , e veyo sem re-  
„ceber por isso outro premio ; e por isso foy re-  
„cebida nesta terra com *Te Deum laudamus*. En-  
„tendo que muito mais sentimento se fará , se se  
„V. A. for , e muito mais louvores lhe daraõ , se  
„ficar.

„Pelo amor de Deos , que converta V.A.  
„sua paixãõ , e cegueira em lhe pedir misericor-  
„dia , e perdaõ dos peccados , que disto podem  
„ser causa , para que a livre das trevoas , e escu-  
„ridaõ em que está , para que naõ perca em hu-  
„ma hora alma , vida , e honra , apressada com  
„muitos trabalhos , e naõ dê authoridade a pes-  
„soas , de que se deve guardar , e benzer , como  
„dos diabos , e naõ aventure a sua virtude por  
„quem a naõ tem , nem a sua consciencia , e ani-  
„mo livre , pelos que tem os seus cativos de  
„odios , e vicios , e a sua nenhuma cobiça pelos  
„sobejamente cubiçosos , e o seu zelo de justiça ,  
„pelos que a naõ fazem , e a sua humildade pe-  
„la soberba , ingraticidaõ , e malicia destes lhe naõ  
„façaõ perder tanta cousa em tempo para aceitar  
„tudo.

„Lembre-se V. A. que pelo conselho des-  
„ta gente , parece que mandou vir a este Reyno  
„o Duque de Faria , com as mais cousas , que  
„a isto precederaõ , que foy taõ ignominiosa vin-  
„da para ElRey nosso Senhor , que em nenhum  
„tem-

„ tempo se lerá nas Chronicas de Portugal, e  
„ Castella, que se não tenha pela mayor offensa,  
„ a que se nisso fez a esta Coroa, que a tomada  
„ da Ilha da Madeira; escrevendo-se primeiro de  
„ Castella a este Reyno, que trazia varas para  
„ açoutar estes niños em Portugal, e o fruto que  
„ V. A. disto tirou, foy ficarem no despacho Pe-  
„ dro de Alcaçova, D. Francisco de Faro, e o  
„ Bispo D. Juliaõ.

„ ElRey nosso Senhor muitas occasioens  
„ teve na criação, que V. A. lhe deu, para po-  
„ der fazer muitos desconcertos, e a Deos aprou-  
„ ve de o livrar delles, e os que lhe poem arre-  
„ darse das Damas, a quem era muito affeioa-  
„ do em menino, não entendem o perigo, que  
„ sua consciencia, e honra de seus vassallos cor-  
„ riaõ, e V. A. sabe quanto custou a ElRey seu  
„ avô, e a seu Estado, a que fez por este respei-  
„ to, sendo casado com V. A. a quem todas as  
„ perfeições do Mundo sobejavaõ; e V. A. so-  
„ freo com muita prudencia, e bom conselho, e  
„ por isso venceo seu marido demasiadamente en-  
„ tregue a seus privados. Ora veja V. A. quan-  
„ to mais facil fora vencer o animo de seu neto,  
„ taõ deseioso de acertar, e de fazer justiça, e  
„ com tamanho animo para accrescentar seu Es-  
„ tado, e desvelado por isso, e que todo o exer-  
„ cicio, que faz, he a este fim, e que todas as  
„ merces, que faz, lhe parecem pequenas, e  
„ não

## 294 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„naõ sente ser pobre, senaõ pelas naõ poder fazer  
 „grandes, e se as naõ faz, he porque lho estro-  
 „vaõ, porque elle sempre para isso tem vanta-  
 „de, amigo dos nobres, e Cavalleiros. Outra  
 „culpa se dá a V. A. muito grande, que he  
 „quando fracamente resistio a ElRey nosso Se-  
 „nhor, que naõ largasse a jurisdicção da Coroa,  
 „e que naõ usasse de motu proprio das Commen-  
 „das, sabendo que nenhuma destas cousas quiz  
 „ElRey de Castella conceder, mas antes dizem  
 „que o Papa lhe concedeo de novo muito gran-  
 „des rendas da Igreja, e sabendo nós, que diz  
 „o Papa, que o das Commendas fez a requeri-  
 „mento do Cardeal, e dos Padres da Compa-  
 „nhia. O Cardeal pelos desejos, que tem de  
 „ser Papa, e os Padres da Companhia para naõ  
 „entenderem os Papas as suas demasiadas cubi-  
 „ças, e poder. Se V. A. se puzera a defender  
 „estas cousas, e as devassar, foraõ por outra or-  
 „dem, livrara a ElRey seu neto de muitos tra-  
 „balhos, necessidades, e escandalos, e houvera  
 „mister pouca força, segundo elle he bem incli-  
 „nado; e desta maneira se canonisara V. A. se  
 „quizera ficar no seu canto, e naõ seguir sua pai-  
 „xaõ indo-se desta terra, e apartando-se da se-  
 „pultura de seu bom Rey, e marido, e filhos,  
 „aonde por razãõ se deve de enterrar, quando  
 „a Deos aprouver, e cuidar agora onde se pó-  
 „de agazalhar, e enterrar fóra destes Reynos.

„E

„ E por remate lembro , que pede V. A.  
„ conta a ElRey seu neto , que vay em dezoito  
„ annos de governo , em que o deixou , e que  
„ vo-la poderá elle pedir , e ao Cardeal mais li-  
„ citamente , de que se pedio ao Infante D. Pe-  
„ dro , mas elle he tal , que lhe não póde nin-  
„ guem fazer mór offensa , que trazerlhe isto à  
„ memoria , nem mór serviço , que affirmarem-  
„ lhe , que o não quer V. A. deixar.

---

## C A P I T U L O   I I .

*Escreve S. Pio V. à Rainha D. Catharina , dissua-  
dindo-a da partida para Castella , a cuja deter-  
minação adverte ao nosso Principe , se opponha  
como prejudicial à sua Coroa ; e se relataõ ou-  
tras noticias concernentes a este negocio.*

6    **C** Hegando aos ouvidos do Summo Pon-  
tifice S. Pio V. a deliberação da Rainha  
D. Catharina , com que deixando Portugal se re-  
tirava para Castella , como zelasse os interesses des-  
ta Coroa , com paternal affecto a exhortou efficaz-  
mente a desistir de hum intento , que era muito  
prejudicial a esta Coroa , sendo as clausulas , de  
que se formava esta exhortação as seguintes.

„ Hija nuestra en Christo charissima , salud ,  
„ y apostolica bendicion.    Nò poderiamos facil-  
„ mente

1571

*Escreve S. Pio V. à Rainha  
D. Catharina.*

## 296 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„mente acabar de explicar con palavras, quan-  
„ta admiracion, y juntamente dolor nos causa lo  
„que estos dias passados entendimos, que V. Mag.  
„tratava de apartarse de sus Reynos, e irse pa-  
„ra Castilla, principalmente porque entendido  
„tenemos averse assentado intimamente en el co-  
„raçon de V. Mag. alguna molestia, que hà re-  
„cebido de las cosas desse Reyno, que se hà for-  
„çado a tener esse animo, y parecer, porque se  
„esto assi nõ fuera en ninguna manera pensamos  
„ser possible, que V. Mag. en edad yà quasi aca-  
„bada se quizielle apartar dellas partes, en las  
„quales por tanto tiempo hà tenido entera, y fir-  
„me salud, y desamparar los pueblos, de que con  
„tanto servicio de amor, y reverencia ansi es ama-  
„da, y reverenciada, que en ninguna parte po-  
„dria ser tratada con mas reverencia, y amor,  
„y lo que de todas las cosas es lo principal desem-  
„parar aquel nieto, o por mejor dizir hijo cha-  
„rissimo, en cuya compaña devia consolar, y  
„ablandar todas las perturbaciones, y las inco-  
„modidades, que la vejez suele padecer. Yerra  
„por cierto V. Mag. grandemente si piensa po-  
„der sofrir tal apartamiento, y ausencia del Se-  
„renissimo Rey su nieto, y por ella criado sin  
„gran detrimento de la salud, y perturbacion,  
„y molestia del coraçon, para lo qual con el ma-  
„yor afecto de nuestro animo, que podemos,  
„rogamos en el Señor a V. Mag. que si las cosas,  
„con

„ con que es compelida a tomar tal consejo, son  
„ de qualidad , que Nós podamos darle alguna  
„ medecina, y remedio , nõ las quiera azer saber  
„ persuadindo-se por cierto , que ninguna de aque-  
„ llas cosas dexaremos de azer, y que buscaremos  
„ poder satisfazer al dezeo, y voluntad de V. Mag.  
„ Pero en el entretanto exhortamos en gran ma-  
„ nera en el mismo Señor a V. Mag. y por nues-  
„ tro Redemptor le rogamos , que deponga , y  
„ lance de si todo consejo , y voluntad de su par-  
„ tida , y camino por ser llenissimo de muchos pe-  
„ ligros , y danos , los quales màs queremos de-  
„ xarlos a su prudencia para que los considere ,  
„ que confiarlos de Cartas. Ciertamente en nin-  
„ guna manera podremos callar esto , que V. Mag.  
„ deve pensar , que su consejo , authoridad , y  
„ presencia es a este Reyno muy necessaria entre  
„ tanto que el Serenissimo Rey su nieto està en  
„ edad tan dispuesta a mudarse , y que nõ pueda  
„ V. Mag. sin grande offensa de Dios Omnipoten-  
„ te dexarlo desnudo de su ayuda , y consejo.  
„ A estas justissimas , y honestissimas causas se  
„ allega tambien otra , la qual nõ solamente por  
„ nuestra paternal benevolencia para V. Mag. mas  
„ tambien por la reverencia , que tiene para Nós,  
„ y para esta Santa Sede Apostolica deve tener  
„ à cerca de V. Mag. nõ pequeño pezo. Que si  
„ V. Mag. condeciendendo , como es justo a  
„ nuestras paternas admonestaciones, y exorta-

## 298 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ ciones dexado el parecer de irse , perseverare  
 „ como hasta ora hizo , y ayudare con su consejo  
 „ a esse Serenissimo Rey su nieto , y favoreciere  
 „ con su presencia a esse pueblo amicissimo de su  
 „ servicio , nos recibieramos dello gran alegria en  
 „ el Señor , y V. Mag. alcançara de Dios deste  
 „ su tan pio , y provechoso trabajo premio de la  
 „ eterna Bienaventurança , y con tal reconocimi-  
 „ ento de devocion , y obediencia para Nós esta-  
 „ remos siempre aparejados a responder con todos  
 „ los officios , y demonstraciones de nuestra pater-  
 „ nal voluntad , que a V. Mag. pudieramos dar  
 „ con la ayuda del Señor. Dada en Roma acer-  
 „ ca de S. Pedro al primero de Mayo de 1571 de  
 „ nuestro Pontificado año sexto.

Escreve S. Pio V. a El Rey  
 D. Sebastião acerca da partida  
 para Castella da Rainha D. Ca-  
 tharina,

7 Não satisfeito o zelo do Summo Pastor  
 com as efficazes razões escritas à Rainha D. Ca-  
 tharina para não executar a ausencia deste Rey-  
 no para o de Castella , escreveo a seu neto com  
 igual efficacia persuadindo-o em não consentir na  
 determinação de sua avó pois della se seguiriaõ  
 fataes consequencias à sua Real Pessoa , e a todo  
 o Reyno de Portugal , e que concluisse com  
 summa brevidade o seu casamento com a Infan-  
 ta de França , por ser dignissima para o tal con-  
 forcio. O Breve constava das clausulas seguin-  
 tes.

„ Charissime in Christo Fili noster , salutem,  
 „ & Apostolicam benedictionem. Cum dilectus  
 „ Filius



„ Filius Majestatis Tuæ apud nos Orator superio-  
„ ribus diebus nobis exposuisset charissimam in  
„ Christo Filiam nostram Portugalliæ Reginam  
„ ejusdem Tuæ Majestatis aviam de suo ex isto  
„ Regno discessu, atque in Hispaniam profectio-  
„ ne cogitare; adjecissetque etiam Serenissimum  
„ Regem Catholicum ei ipsi Amitæ suæ volun-  
„ tat cogitationique vehementer favere; deque  
„ eo negotio ad Majestatem Tuam scripsisse; in-  
„ credibile est, quantam ex ea re animi molef-  
„ tiam, doloremque acceperimus. Intelligimus  
„ namque propter summam in rebus istius Reg-  
„ ni gubernandis ipsius prudentiam, & experien-  
„ tiam, magnum illius discessu Majestati Tuæ,  
„ Regnoque suo detrimentum illatum iri; peri-  
„ culosumque esse, nè ex ejusmodi profectio-  
„ multa accidant, quæ nollemus; quæque non  
„ minus sibi, quàm nobis molesta essent futura.  
„ Quibus justissimis causis illa quoque accedit,  
„ quòd ne ipsa quidem Majestas Tua æquo ani-  
„ mo, ac sine magno dolore caritura est aspectu,  
„ & consuetudine charissimæ aviæ, nutricisque  
„ tuæ, quæ ob eam quoque causam parentis lo-  
„ cum apud ipsam obtinere, & ab se magna pie-  
„ tate, reverentiâquæ coli debet; quòd Majesta-  
„ tis Tuæ non solum educandæ, sed etiam Re-  
„ giis moribus, virtutibusque instituendæ laborem  
„ magna ex parte pertulit. Quocirca Majestatem  
„ Tuam in Domino vehementer hortamur, ut ad

„ ea officia , quibus sponte sua antehac functa  
 „ est , ut illam ab ejusmodi consilio , menteque  
 „ revocaret , nostra causa alia posthac adjiciat ,  
 „ quæcumque ad eam isto Regno retinendam uti-  
 „ lia , accommodataque esse judicaverit. Quod  
 „ quidem Majestas Tua ea potissimum ratione ef-  
 „ ficere poterit , si singularem quemdam amorem ,  
 „ reverentiam , gratique animi memoriam ab il-  
 „ lius in se beneficia suscepta illi declarabit , si in  
 „ omnibus actionibus suis , tum privatis , tum pu-  
 „ blicis præ se tulerit , illius consilia , opiniones-  
 „ que omnes magni apud se ponderis esse ; quan-  
 „ do nemo præter eam alius Majestati Tuæ , aut  
 „ fideliora , aut amantiora consilia dare posse exis-  
 „ timandus est ; si denique , ut illi obsequatur ,  
 „ præter eam moremque gerat , præsertim in ex-  
 „ tremo vitæ suæ curriculo jam constitutæ , non-  
 „ numquam de propriæ voluntatis studio aliquid  
 „ remittendum , & multa contra animi sui sen-  
 „ sum agenda esse decreverit. Quæ si Majestas  
 „ Tua fecerit , præpterquamquod pro certo ha-  
 „ bemus illam nihil tibi super mansionem suam peten-  
 „ ti negaturam , Nos ipsi præterea maximam ex  
 „ ea re lætitiā in Domino sumus accepturi. Ju-  
 „ dicamus enim talem Serenissimæ Reginae aviæ  
 „ tuæ tractandæ rationem non solum officio , exis-  
 „ timationi , gloriæque tuæ vehementer conve-  
 „ nire , sed etiam tuorum Regnorum quieti , ac  
 „ tranquillitati esse utilissimam ; & quoniam hæc  
 „ nobis

„ nobis ad Majestatem Tuam scribendi occasio  
„ semel est oblata , nè illud quidem in præsentia  
„ prætermittere voluimus Nos , posteaquam dile-  
„ ctus filius , Aloisius de Torres ex isto Regno re-  
„ versus est , idcirco nihil de suo cum charissimi  
„ Regis sorore matrimonio ad ipsam scripsisse ,  
„ quia iustis de causis nobis visa est Majestas Tua  
„ ab ejusmodi negotio tam citò concludendo ab-  
„ stinuisse. Verumtamen illud , quod nullo mo-  
„ do dissimulare debemus , Majestatem quoque  
„ Tuam meminisse volumus , ejus ipsius matrimo-  
„ nii celerem conclusionem magnam nobis in Do-  
„ mino lætitiā esse allaturam. In quam quidem  
„ sententiam non solū eisdem causis impellimur ,  
„ de quibus antea ad Majestatem Tuam scripsi-  
„ mus , sed etiam quia eam virginem eximia pie-  
„ tate præditam , & omni virtutum genere præ-  
„ stantissimam intelleximus , non solū ex ordi-  
„ nariis Nuntiis , Ministrisque nostris , quos in eo  
„ Regno jam diu habemus , sed etiam ex his ,  
„ quos illuc dedita operā ad hoc investigandum  
„ misimus. Quod ad Majestatem Tuam scribere  
„ voluimus , non solū ut scire nobis in tali ne-  
„ gotio ea curæ fuisse , quæ esse debuerunt , sed  
„ etiam ut intelligeret nobis ob nostram erga Ma-  
„ jestatem Tuam paternam benevolentiam gratif-  
„ simum futurum , talem conjugem sibi potissi-  
„ mum , quemadmodum optamus , contigisse.  
„ Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub An-  
„ nulo

# 302 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„nulo Piscatoris die prima Maii M.D.LXXI.  
„Pontificatus nostri anno sexto.

T. ALDOBRANDINUS.

Naõ consente D. Sebastião,  
que a Rainha se ausente para  
Castella.

8 Foy taõ efficaç esta exhortaçã dictada pelo Apostolico zelo do Summo Pastor, que promptamente moveo a D. Sebastião, para que partindo de Almeirim, onde assistia, viesse juntamente com o Cardeal D. Henrique visitar a sua avó, à qual com affectuosas expressoens dissuadio da jornada, que intentava; porém ella obstinadamente resoluta lhe respondeo, que este negocio dependia do beneplacito de Filippe Prudente, o qual por seu Embaixador D. João de Borja naõ cessava de promover a partida de sua tia, insinuando-lhe, que viesse habitar na Villa de Ocaña, situada no Reyno de Toledo, por ser saudavel pelo clima, e abundante de todo o genero de mantimentos, devendo derigir a jornada pelo Santuario de Guadalupe. D. Sebastião representou a Filippe por D. Duarte de Castello-branco, Embaixador neste tempo na Corte de Madrid, que naõ era conveniente à sua Real Pessoa a ausencia da Rainha D. Catharina, quando necessitava para a direcção das suas acções a assistencia de huma taõ prudente Heroína. Para lhe conciliar a vontade naõ havia genero algum de obsequio, que com ella naõ practicasse, pretendendo, que se esquecesse das discordias, de  
que

que tinha sido ingrato author. Atrahida esta Princeza das instancias, com que seu neto solicitava impedir a sua separação, cedeo da contumacia, em que persistia de se ausentar deste Reyno, e com mais lagrymas, que vozes, rogou a D. Sebastião, que para tranquillidade do animo, e recta administração da justiça, se apartasse de alguns Ministros, que com pretexto de zelosos tyrinizavaõ a Monarchia; que não continuasse em discorrer pelo Reyno com manifesto perigo da vida; e que para evitar outros appetites, em que se perdia a faude da alma, e do corpo, se resolvesse a casar, para firmemente estabelecer a Coroa herdada de seus Mayores. A esta ultima advertencia respondeo D. Sebastião, que como Sua Alteza possuia as terras, que eraõ patrimonio das Rainhas, não tinha rendas para comoda sustentação de sua esposa, o que poderia executar se Sua Alteza se recolhesse no Mosteiro da Madre de Deos, de Religiosas Franciscanas, situado fóra dos muros de Lisboa. Tanto era o affecto, e ardente o desejo, com que a Rainha queria ver estabelecida a successão da Coroa com o casamento de seu neto, que esteve resoluta a aceitar a condição proposta de largar o seculo pelo Claustro, a qual foy impedida pela sagaz politica de Philippe Prudente, de que foy interprete o Padre Miguel de Torres, Confessor da Rainha, que lhe aconselhou fundar hum Convento recoleto,

Advertencias faudaveis, que a Rainha deu a seu neto.

leto, junto do Real Mosteiro de Belem, onde jazia sepultado seu real consorte, e nelle recolhida à imitação de seu irmão o Emperador Carlos V. acabasse em santo ocio os ultimos dias da sua vida. Dissimulou a Rainha prudentemente este arbitrio do Padre Torres, o qual pedindo-lhe licença para ir a Coimbra, lha concedeo com ordem de ficar naquella Cidade, pois tinha eleito por seu Confessor ao Mestre Fr. Francisco de Bovadilha, da Illustrissima Ordem dos Prégadores. Era este insigne Varaõ illustre por nascimento, como filho de D. Pedrarias Davila, Governador da Terra Firme do Perû, e D. Isabel de Bovadilha, filha de Francisco Fernandes de Bovadilha, Senhor de Pinos, e Bees, e sobrinho de D. João Arias de Avila, quarto Senhor, e primeiro Conde de Punhon-Rostro, e muito mais por virtudes, e letras, que o constituirão duas vezes Provincial desta Provincia de Portugal. A causa motora desta resolução foy querer a Rainha evitar as murmurações de todo o Reyno, de que sendo seu Confessor o Padre Torres, de seu neto o Padre Luiz Gonçalves da Camera, e do Cardeal D. Henrique o Padre Leão Henriques, todos tres Jesuitas, vivessem os Confessores tão unidos, e os Confessados tão discordes.

Elege por seu Confessor a Rainha a Fr. Francisco de Bovadilha Dominico.

Sousa *Agiolog. Lusitan.* Tom. 4. pag. 183. col. 2.

Telles *Chron. da Companhia de Jesus de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 48. num. 2.

CAPL-

### CAPITULO III.

*Informa occultamente a Rainha D. Catharina a Filippe Prudente do miseravel estado a que estava reduzido o Reyno pela cavilosa politica de alguns Ministros, donde se originava a averfão, que lhe mostrava seu Neto, e declara os remedios por onde se deve atalhar tão prejudicial damno.*

9 **O** Brigada a Rainha D. Catharina dos estímulos da sua timorata consciencia, e juntamente do geral escandalo causado pela uniaõ dos dous irmãos Martim Gonçalves da Camera, e o Padre Luiz Gonçalves da Camera, com que se conservavaõ no valimento delRey, mandou a D. Joaõ de Borja, Embaixador de Castella nesta Corte, para que partindo com brevidade informasse a Filippe Prudente com as instrucções, que lhe dava, esperando da sua poderosa authoridade impedisse o progresso de tão graves damnos, que padecia este Reyno, dos quaes tambem informava ao Cardeal Alexandrino, Legado do Papa, e a S. Francisco de Borja, Geral da Companhia de JESUS, que com elle vinha, para que chegando a esta Corte se empenhassem em o remedio de hum mal tão pernicioso, que parecia incuravel. A Instrucção para ElRey de

Tom.III.

Qq

Castella

### 306 *Memorias del Rey D. Sebastián,*

Castella era a seguinte, escrita a 4 de Outubro deste anno de 1571.

*Instrução da Rainha D. Catharina para Philippe Prudente.*

„ Lo que haveis de dizir al Señor Rey mi  
„ hijo es lo seguinte, que yo roguè al Embaxa-  
„ dor de S. A. quiziesse tomar este trabajo deste  
„ camino para por el poder comunicar a S. A.  
„ las cosas, que me parecen necessarias para las  
„ que se tratan del servicio de Dios, y del Rey  
„ mi nieto, y del bien desta tierra, con las mas,  
„ que tocan a lo que es necessario para mi cami-  
„ no, porque por Cartas nõ se pueden tan par-  
„ ticularmente especificar, y que por los papeles,  
„ que S. A. allà tiene vistos, y yo è embiado  
„ ternà entendido las causas, que yo apuntè al  
„ Señor Rey mi nieto, que me movian a esta ida,  
„ y que para el estado en que oy todo està, pa-  
„ rece que se sufrirà tratar de las principales, pues  
„ es el Embaxador el que vâ de quien yo tengo  
„ tanta razon de confiar, y de las mas que S. A.  
„ mandare, podra escoger de las que allà tiene, el  
„ primero es el casamiento del Señor Rey mi nie-  
„ to, en el qual le hè hablado muchas vezes, y  
„ pedido con toda la instancia, que he podido,  
„ lo quiera efectuar. Tratese tambien con el en  
„ lo que cumple para su salud en lo qual parece  
„ que tiene alguna emienda. En los peligros de  
„ su persona assi por mar, como por tierra, en que  
„ por diversas maneras se pone en ellos, arriscando-  
„ se tanto contra lo que todos avemos menester,  
„ y en



„y en esto nõ se ha puesto el remedio que con-  
„viene a la authoridad de su dignidad, y estado,  
„y en esto nõ ay finò muy poca emienda, o  
„por mejor dizir ninguna. Pedile, que adqui-  
„riessè la benevolencia de sus vassallos, que es  
„la cosa de que mas necesidad tienen los Reys  
„deste Reyno, y con que mas los vassallos se  
„contentan, y con que se pagan por sus servi-  
„cios, y con que mas se animan a hazerlos.  
„Lembrèle quan cautivo estava de las personas  
„a quien se sujeta, y el escandalo que con esto  
„dava, y de los desordenes, que daqui nacia,  
„assi por lo que tocava a su real persona, como  
„por nõ ser personas, que tengan profession, ni  
„partes para el lugar que tienen; y quanto a es-  
„to cada dia se sujeta màs a ellas, y mas se de-  
„xa apoderar dellos; en lo que toca a mi nõ tra-  
„to, porque de màs de estar olvidada de mi en  
„esta parte, especialmente que teniendo yo a  
„S. A. nõ tengo, que tener cuidado de mi, por-  
„que sè que lo que toca a mi authoridad, y to-  
„do lo mas tiene a su cuenta como propria cosa  
„suya. Y pues en estas cosas nõ se hà puesto re-  
„medio, lo que S. A. deve atender, es ver si con  
„la venida del Legado se han de remediar, ò a lo  
„menos las principales, y que màs importan al  
„bien universal de todos, porque segun lo que se  
„entendiere, assi parece que deve S. A. disponer  
„de mi; y sepa que en todas estas cosas, como

### 308 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„el Embaxador le dirá, si El Rey estuviere en  
„su libertad, y le dexasen abrir los ojos, ni le  
„faltaria entendimiento, ni condicion, ni volun-  
„tad para hazerlo todo muy bien, y si nó lo haze,  
„es por nó ayudarlo.

„Conviene que S. Mag. entienda estar las  
„cosas del Rey su sobrino, y de sus Reynos en  
„tales terminos, que si en esta conjuncion nó se  
„les dà remedio, los males iran cada dia en cre-  
„cimiento, y esté muy persuadido, que ningun-  
„na persona tiene tanta obligacion a procurar es-  
„te remedio como el; que nadie es poderoso pa-  
„ra darlo sinò el, y que en el tienen puestas las  
„esperanças los moradores destes Reynos; y que  
„es cosa dignissima de su grandeza remediar un  
„Rey moço, que muchas vezes confieffa tener  
„por hijo, y que nó deve parecer, ni ser bien  
„haver puesto tanto caudal con deseo de su re-  
„medio, si aora al tiempo de ponerse en efecto,  
„se quedase sin el, haviendo entendido en que  
„consiste el principal daño, y teniendo poder pa-  
„ra evitallo. Por lo qual aquellas cosas, que se  
„le representaren, que son de alguna utilidad,  
„deve con su auctoridad hazer, que se pongan  
„en execucion, y responder a las esperanças, que  
„en el estan puestas, y cumplir con lo que deve  
„a quien es, y al lugar, que Dios le diò en la  
„tierra, y al amor que dize tener al Rey, y al  
„beneficio de sus Reynos, sin pensar, que puede  
„haver

„haver con que se le pueda impedir; y que des-  
„pues de efectuado le pueda dar alguna pena.  
„Nò es tiempo de blanduras; ni tienen los su-  
„getos disposicion, ni los males estan en estado  
„para con ellas esperar yà remedio; necessario es  
„hierro, y cauterio; y que se entienda en el  
„mundo que S. Mag. lo tiene en su mano para  
„curar lo que le pareciere; y que se vea que lo  
„aplica en la dolencia de un hijo, de quien ò  
„por su poca edad, o por haverlo demandado,  
„deve entender que es necesario uzar con el de  
„las medicinas que al parecer màs abomina, y  
„de que mas huye. La raiz deste mal humor està  
„nel Maestrò, que el es Confessor, y principal  
„Consejero, y obliga como Confessor a que se  
„execute lo que enseña, y aconseja: que cosa  
„puede haver màs facil a S. Mag. que quitar este  
„hombre deste lugar con la mano de su Superior,  
„si el muestra querello, y que tiene razon para  
„quererlo, nò le an de resistir, ni el Maestro ha  
„de resistir a lo que el Superior le mandare. Ha-  
„viendose de hazer esto, por mejor consejo ter-  
„nia mandarle llamar dende Castilla con titulo  
„que el, y el Legado se quieren informar de los  
„negocios del Rey, y del Reyno, pues es la per-  
„sona que mas intelligencia ternà dellos, y de  
„quien se deven informar para proceder en ellos  
„conforme a lo que Su Santidad les mandò. El  
„dia que esta nueva sonare en Portugal, se albo-  
„rotarà

„rotará con nuevas esperanças de ser remediado;  
 „y los animos de aquellos que desean remedio se  
 „esforçaran; y por lo contrario se enflaqueceran  
 „los de los favorecedores destos daños faltando-  
 „les el Capitan, y el machinador, y inventor de  
 „novedades, y de todas estas desinquietaciones;  
 „y con esto hallaran el Illustrissimo Legado, y  
 „**Reverendissimo General** mas dispuesta la mate-  
 „ria para la obra que quieren hazer, si S. Mag.  
 „quiere que la hagan.

„Estando el Maestro en Castilla, y havien-  
 „dole dado a entender (y aun que nõ lo entien-  
 „da) ser el y su hermano auctores desta perdicion  
 „podrianlo obligar a que avizasse al hermano, que  
 „se apartasse del ministerio en que està, porque  
 „sabe estar animado Su Santidad, y su Legado  
 „para poner remedio en ello (por la informacion  
 „que tiene de su modo de proceder) quando el  
 „nõ lo huviera remediado. Toda la dificultad  
 „està en la repugnancia del Rey, y en el desgus-  
 „to que recibirá, y en lo que se puede temer,  
 „que de su disgusto puede resultar. Mas quien  
 „es padre nõ repara en la repugnancia del hijo  
 „moço, y que mal entiende en las cosas, que sa-  
 „be, y tanto quanto màs repugna, y nõ se dexa  
 „llevar de la razon, tanto conviene proceder con  
 „mas violencia, en la qual nõ se puede temer  
 „peligro, pues toda la republica, y diversos es-  
 „tados della quieren esto, como a principal re-  
 „medio

„ medio de su perdicion , y an de persuadir al Rey  
„ que entienda haverle sido necessario , lo qual  
„ nõ será dificultoso de darselo a entender , si se le  
„ declarare el miserable cautiverio en que està  
„ puesto ; de donde puede resultar , que le sea  
„ gustoso , lo que aora parece , que le darà pe-  
„ sadumbre. En lo que puede adelante suce-  
„ der , nada ay que temer , porque la grandeza de  
„ S. Mag. confiança ha de tener para sufrir a un  
„ sobrino daquela edad , que diga que nõ quiere  
„ ser su amigo por las obras de tanta amistad , que  
„ le haze ; quanto màs , que estos hombres son  
„ de cuyo entendimiento hà salido persuadir al  
„ Rey que su poder puede resistir , y ofender al  
„ de todos , mas quitando estos hombres , todos  
„ los que tienen juicio tratan de quan provecho-  
„ sa , y quan necessaria es la amistad del Rey su  
„ tio , y le mostraran haverle echo obra de gran-  
„ de amor , en querer que sea Rey , y quite el es-  
„ candalo , que por estos hombres recibe su Rey-  
„ no ; y de màs desto ha le traido Dios a las ma-  
„ nos los instrumentos con que esto se ha de execu-  
„ tar , que son el Illustrissimo Legado , y el Re-  
„ verendissimo General , que por comision de S.  
„ Santidad viendo la importancia destas cosas , y  
„ quanto se deve a la Magestad del Rey Catoli-  
„ co , holgarà de complacerle en lo que tanta ra-  
„ zon mostrare desear ; y si nõ pone este remedio  
„ tan honroso , aunque nõ uviera otra razon ,  
„ si :

### 312 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„finò haverlo deseado, y pedido la Reyna que  
„llama madre, y Señora fuya, podrá ser juzga-  
„do por remisso en una cosa en que de más de  
„lo que toca a la Reina, al Rey, y a esta Re-  
„publica es muy importante; y se S. Mag. quie-  
„re acabar pesadumbres con llevar de aqui a S. A.  
„sin haver otra emienda en las cosas, deve ad-  
„virtir, que yendose ella (como està en la mano)  
„empeyorandose, es imposible dexar de tener  
„muy gran pezadumbre, y desconsuelo, y aun  
„remordimiento de conciencia por haver dexa-  
„do la ocasion de remedio, y haver buscado por  
„remedio lo que sirve para mayor daño, y que-  
„riendo S. Mag. absolutamente llevar a S. A. (lo  
„qual nõ es assi, pues se entiende tener otros in-  
„tentos su bondad) nõ es bien llevarla en tiem-  
„po, que và como vencida de los que le han  
„ofendido, pues los dexa señoreando el Reyno,  
„y ella se và del viendo tal cosa, nõ la deve per-  
„mitir S. Mag. pues tan a su cargo està esta Se-  
„ñora, y las cosas que convienen a su autoridad,  
„con lo qual se podria mejor ir quando dexasse  
„derribados los que a ella y al Rey su nieto han  
„echo la traicion que sabemos, y a todo el Rey.  
„no han dado escandalo que vemos.

10 Naõ era menos cheya de advertencias im-  
portantes a instrucção, que em nome da Rainha  
D. Catharina deu o seu Secretario Francisco Ca-  
no ao Embaixador D. João de Borja, para seu  
Vene-

*Parte III. Livro II. Cap. III. 313*

Veneravel Pay S. Francisco de Borja, Geral naquelle tempo da Companhia de JESUS, o qual se estava esperando neste Reyno juntamente com o Cardeal Alexandrino. Consta a instrucção das clausulas seguintes.

„ Muy illustre Senhor. Lembre V. S. a sua  
„ Paternidade Reverendissima, que o Santo Pa-  
„ dre, El Rey Catholico, Roma, Italia, Hes-  
„ panha, e França, e todos os que sabem da sua  
„ vinda estão aguardando o fruto della, e sabem  
„ em que o póde haver, e que Portugal está sus-  
„ pirando por elle; e que toda a Christandade en-  
„ tende, que posto que juntamente venha o Le-  
„ gado de S. Santidade, o pezo do negocio car-  
„ rega sobre elle, assim pela authoridade, que jun-  
„ tamente tem com o Legado, como pela intel-  
„ ligencia, que tem das cousas de cá, como tam-  
„ bem porque o remedio de muitas dellas, don-  
„ de outras dependem, directamente pertence a  
„ sua Paternidade Reverendissima. Trata-se de ti-  
„ rar muitas offensas de Deos de todos os Estados  
„ destes Reynos, e de consolar huma Republica  
„ Christãa escandalizada, e de desafrontar a gran-  
„ deza, e bondade de huma Rainha, qual esta  
„ Senhora he, e descativar hum Rey moço de  
„ muy boas esperanças. Trata-se de restituir o  
„ credito à Companhia de JESUS, e de sua parte  
„ não perder o Ceo, e de repayrar o proveito  
„ espirital, que nas almas a Companhia costu-

Instrução dirigida a S. Fran-  
cisco de Borja em nome da  
Rainha D. Catharina.

Tom. III.

Rr

„ mava

### 314 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„mava fazer. Trata-se que o zelo de Sua Santi-  
„dade para as cousas dos Principes do povo Chris-  
„tão he proveitoso, e que a authoridade del Rey  
„Catholico, para o que convém a El Rey, que  
„tem por filho, e consolação da Rainha, que  
„tem por mãy, he de muito momento; e de fa-  
„zer, que as diligencias de V. S. filho de sua Pa-  
„ternidade Reverendissima, e Embaixador de  
„S. Mag. e deseioso da quietação da Rainha não  
„sejaõ vãs.

„Lembre-lhe V. S. quanto se deve guar-  
„dar das informações do Cardeal Infante, e de  
„suas palavras brandas, por quaõ suspeito he nes-  
„te negocio pela inimizade, que ha entre os mo-  
„radores deste Reyno, e elle pela pouca amisa-  
„de, que tem às cousas da Rainha, pela condi-  
„ção, que tem de querer sempre mandar pelo  
„que interessa em deixar estar as cousas como es-  
„tão pelo modo de entendimento, que tem del-  
„las. O aviso de se não haver de admittir do Pa-  
„dre Luiz Gonçalves, nem de outros Padres,  
„ou pessoas de sua opinião, sem lho V. S. lem-  
„brar, o terá sua Paternidade Reverendissima en-  
„tendido, pois haõ de procurar por todos os mo-  
„dos, que poderem, defender seu partido. Deve-  
„selhe advertir, que he tamanho o medo, que  
„tem todos a Luiz Gonçalves, e seu irmão, e  
„de cuidar, que seu feuhorio ha de conservar-se,  
„que apenas ha de haver quem lhe use ir fallar;  
„pelo



„ pelo que devia mandar chamar algumas pessoas  
„ de zelo christão, a quem encarregue a conscien-  
„ cia para lhe manifestarem o estado da terra, en-  
„ carregando-se juntamente do segredo, porque  
„ o temor de se saber lhes não faça encobrir a ver-  
„ dade, ou pedindo-lhes a informação por escri-  
„ to, se assim parecer mais conveniente para o  
„ segredo.

„ Muito advertido deve estar sua Paterni-  
„ dade Reverendissima, de que tem posto ElRey  
„ em desconfiança, persuadindo-lhe, que he des-  
„ autoridade sua virem de Roma ao açoutar co-  
„ mo a menino, e darem-lhe ordem em suas cau-  
„ sas, e que será afronta sua mudar algumas del-  
„ las; servirá o proceder com esta advertencia  
„ para o tirar deste engano, mostrando-lhe, que  
„ antes nisto ganha honra, e que isto não he so-  
„ geitallo, senão tirallo de huma afrontosa so-  
„ geição em que está, e porque está infamado em  
„ todo o Mundo sem o elle sentir, e servirá tam-  
„ bem para apercebimento de se não deixar de fa-  
„ zer o que convém pelas mostras de desgosto,  
„ que possa dar; pois quando entender que se tra-  
„ ta do remedio delle, e de seu Reyno, terá o  
„ agradecimento, que he razão ter a tão grande  
„ beneficio.

„ Entenda sua Paternidade Reverendissima,  
„ que se approva este estado da Companhia ser  
„ Cortezaõ, e continua na Casa, e Paço del-

### 316 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ Rey , e Governadora do Reyno , e outras  
„ cousas com que muitas almas pias se offendem,  
„ que ficará confirmada neste Estado , e sua Pa-  
„ ternidade com perpetuo discredito será o con-  
„ firmador , esperando de seu santo zelo , que fos-  
„ se o Reformador , que restituísse esta parte da  
„ sua Congregação à sua primeira Instituição.  
„ Veja que segundo o espirito Evangelico nunca  
„ danou o desprezo das cousas , que no Mundo  
„ costumão ser estimadas , e querer conservar-se  
„ nellas com perdas tão grandes como são as das  
„ almas deste Reyno , e da consolação , e quieta-  
„ ção delles , he cousa por extremo contraria ao  
„ Instituto apostolico da Companhia , e os que  
„ fingem não sey que fins para defensão deste mo-  
„ do de viver ; pois trataõ de se conservar em va-  
„ lia , e mando temporal , bem clara tem a suf-  
„ peita contra si.

„ Esteja sua Paternidade Reverendissima  
„ muito firme em que males tão arreigados que-  
„ rem rigor , e efficacia no que se houver de fazer  
„ para seu remedio , e que a experiencia tem mos-  
„ trado não se dever fiar de palavras , e promes-  
„ sas , posto que sejam de pessoas de sangue Real,  
„ e de quem professa vida espiritual , porque se  
„ com effeito as cousas se não puzerem em ordem  
„ em voltando a cabeça , voltaraõ para traz sem  
„ cumprir o promettido. Ponha diante dos olhos  
„ mil damnos , e perigos de se a Ráinha ir deste  
„ Rey-

„ Reyno , e por outra parte em que não póde fi-  
„ car nelle sem afronta , e sem perigo de lhe fa-  
„ zerem defacatos , e zombarem della , e delRey  
„ Catholico , e do Legado , e delle mesmo , se  
„ Luiz Gonçalves ficar no lugar , e mando , em  
„ que está ; veja quaõ indigna cousa he de todos  
„ ficar esta Senhora em que está , e quaõ abomi-  
„ navel , que se tenha por mais importante a as-  
„ sistencia de Luiz Gonçalves com ElRey , com  
„ tantos damnos , e tantos escandalos do Mundo,  
„ que a assistencia da Rainha no Reyno desejada  
„ de todo o Mundo ; e ora a Rainha se vá , ora  
„ não se vá representelhe a sua Paternidade Re-  
„ verendissima os clamores , que nesta terra fica-  
„ ráõ , se isto fica sem emenda , e melhoria ; e o  
„ escandalo , que ficará nas almas deste povo , e  
„ desesperaçãõ , que teráõ de cuidar terem reme-  
„ dio , pois em tal conjunçãõ se lhe não deu.

„ Peça-lhe V. S. que por amor de JESUS  
„ Christo , se renove aqui o espirito antigo da  
„ Companhia , e que se lembre de qual era o do  
„ Padre Mestre Ignacio de gloriosa memoria , e  
„ do que parece que ainda durava quando tiraraõ  
„ daqui o Mestre Simaõ , e das cousas porque o  
„ daqui deitaraõ , faça que o Mundo veja que a  
„ cabeça veyo curar , e dar novos espiritos a es-  
„ tes seus membros enfermos , e não possaõ jul-  
„ gar , que sua vinda foy para adoecer com elles,  
„ e da mesma doença.

De

De semelhantes advertencias se compunha a Instrucção, que a Rainha mandou significar pelo Embaixador D. João de Borja ao Cardeal Alexandrino, Legado do Summo Pontifice, o qual se estava esperando neste Reyno, de cujo authorisado caracter, e efficaç persuasão confiava a Rainha emendasse seu neto aquelles defeitos, que eraõ injuriosos à sua soberania, sendo o principal admittir à sua presença algumas pessoas, que com o affectado pretexto do zelo do bem publico, sómente cuidavaõ do proprio, conseguindo taõ dispotico dominio na sua vontade, que sómente executava o que ellas lhe persuadiaõ com geral escandalo da Monarchia, e manifesta injuria do seu Soberano.

---

#### C A P I T U L O IV.

*Inflama-se o catholico zelo del Rey contra os Infeis intentando passar à India, cuja resolução muda para Africa. Edifica hum sumptuoso Templo a S. Sebastião. Congratula ao Pontifice S. Pio pela celebre victoria do Lepanto.*

1571

II **A** Natural inclinação, que desde os primeiros annos teve D. Sebastião para a guerra, se augmentava mayormente com o progresso da idade, acuzando de seculos os annos,

nos, que lhe dilatavaõ o complemento de seus impacientes desejos. As heroicas empresas de seus coroados Ascendentes, como as memoraveis façanhas dos Capitães, e Generaes Portuguezes, obradas nos campos da Europa, Asia, e Africa, eraõ vehementes estímulos naõ sómente para a imitação, mas ainda para o excessõ, com que queria testemunhar o seu valor, e a sua Religiaõ contra os sequezes de Mafoma. Deliberado a taõ alta empresa, intentou passar à India, famoso Oriente de heroicidades Portuguezas, persuadido, que depois de debellados todos os Príncipes da Asia com a sua presença, se someteriaõ ao suave jugo do Evangelho. Contra esta idéa se oppoz o Cardeal D. Henrique, por ser muito perniciosa à conservação do Reyno, propondo a ElRey o perigo de taõ prolongada jornada, e o dispendio, que era preciso para huma Armada capaz de conduzir a sua Real Pessoa, e causar terror a todo o Oriente. Convencido destas razões dictadas pelo zelo do Cardeal D. Henrique, mudou ElRey o lugar, e naõ o intento de sahir armado fóra do Reyno, dispondo a sua jornada para Africa, onde se tinhaõ immortalizado com a gloria de vencedores muitos de seus Reaes Ascendentes. Para este effeito applicou todo o desvêlo em formar huma Armada taõ formidavel pelo numero dos navios, como dos combatentes. Querendo dissuadillo desta resolução o Padre

*Intenta ElRey passar à India, cujo pensamento mudou para Africa.*

## 320 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

*Cienfuegos, Vid. de S. Francisco de Borja liv. 5. cap. 15. §. 5.*

dre Luiz Gonçalves, seu Mestre, e Confessor, se affirma lhe dissera, que antes de a executar, eraõ precisas tres condições, quaes eraõ deixar estabelecida a successão da Coroa em quatro filhos, naõ offerecer o Reyno a perigo evidente, e fazer os aprestos militares sem oppressão dos pobres. Naõ ouvio ElRey com semblante alegre esta advertencia por ser contra o seu genio guerreiro; e posto que suspendeo a execucao da sua vontade, passados poucos annos a execucao com irreparavel ruina deste Reyno.

12 Para desempenho do voto, que fizera D. Sebastião em o anno passado de edificar no Terreiro do Paço hum Templo ao Inclyto Martyr do seu nome, em obsequiosa gratificação de ter suspendido o flagello da peste, cujo furor consumio na Corte de Lisboa cincoenta mil moradores, se determinou o dia em que fosse lançada a primeira pedra. Chegou o dia 19 de Abril deste anno de 1571, e no lugar em que havia estar a Capella mór, se levantou hum Altar, armada toda a circunferencia de preciosos panos. Sabio da Casa da Misericordia huma Procissão composta do Cabido, Capellães delRey, e todo o Clero até o sitio do Templo, acompanhada delRey, o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, com toda a Nobreza. Esperava vestido de Pontifical D. Jorge de Almeida, Arcebispo de Lisboa, esta pomposa comitiva, e depois de benzer

Lança ElRey a primeira pedra no Templo dedicado a S. Sebastião.

zer a pedra em que estava esculpida huma Coroa sobre tres settas, foy levada em huma paviola forrada de setim encarnado pelos Vereadores da Cidade D. Antonio de Almeida, irmão do Arcebispo, João de Mendoça, e o Desembargador Antonio Dias da Maya à presença delRey, que a lançou no alicesse, e logo outra pedra em nome da Rainha D. Catharina, e outra o Cardeal D. Henrique. Concluiu-se o Ceremonial desta religiosa função lançando agua benta o Arcebispo, assistido dos seus Capitulares, por toda a circumferencia demarcada para o sitio do Templo.

13 Com igual desvêlo, que magnificencia se foy continuando a obra, e já chegava à sua ultima perfeição, quando succedeo a tragedia sempre lamentavel em os Campos de Alcacer, de que foy fatal consequencia passar esta Coroa para o dominio de Filippe Prudente, o qual entrando em Lisboa, posto que admirasse a magestade do edificio não approvou a eleição do sitio, pois occupava huma das melhores praças da Cidade. Resoluto Filippe a mudar para outro sitio o Templo, lhe supplicaraõ o Prior, e Conegos do Real Mosteiro de S. Vicente, da Canonica Ordem Augustiniana, que como aquelle Convento era deposito do braço do invicto Martyr S. Sebastião, que a D. João o III. mandara seu cunhado Carlos V., e estava muito damnificado o edificio pela sua antiguidade, o podia piamente

Por ordem de Filippe Prudente se transfere o Templo do Terreiro do Paço para S. Vicente de Fóra.

Tom.III.

Ss

restaurar



### 322 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

restaurar com a pedraria, e materias do Templo, que queria do Terreiro do Paço transferir. Condescendeo ElRey a taõ justificada supplica, ordenando, que fossem Tutelares do Templo os dous valerosos Martyres S. Sebastião, e S. Vicente, cuja invocação foy confirmada pela Santidade de Gregorio XIII. Para a nova construção do Templo consignou ElRey dous mil e quinhentos cruzados na Alfandega de Lisboa, em quanto durasse a obra, que ainda permanece, sendo a mais sumptuosa, e magnifica com que se ennobrece a Corte de Lisboa.

14 Será eternamente memoravel nos Fastos da Christandade o dia 7 de Outubro deste anno de 1571, em que a Fé Catholica alcançou a mais gloriosa victoria dos torpes sequazes de Mafoma em o Golfo do Lepanto, Cidade da Grecia na Achaya, que Bajazet II. tinha violentamente usurpado aos Venezianos. Soberbo, e vanglorioso Selim, Emperador dos Turcos, com o feliz progresso das suas armas em a Ilha de Chipre, de que já eraõ despojos Nicosia, e Famagusta, applicou toda a sua potencia na preparação da mais altetosa Armada, que tinha surcado o Oceano, para com ella derrotar a da Liga Catholica, de que era Generalissimo D. João de Austria, irmão de Filippe Prudente, cujo valor, e disciplina militar competia com a soberania do nascimento. Era composta a Armada inimiga de duzen-

Prepara o Turco huma Armada formidavel contra os Catholicos.



*Parte III. Livro II. Cap. IV. 323*

duzentas e oitenta Galés, guarneçada de Capitães, e Soldados escolhidos de todo o Imperio Ottomano, sendo seu General Ali Baxa, e Cabos subalternos Farta, Casan, Siroco Governador de Alexandria, e Aluch, todos Baxás, e o Cossario Caracofa. Consta a Armada Catholica de duzentas e oito Galés, seis Galeões, e cincoenta e sete fragatas. Levava a vanguarda André Doia com cincoenta e quatro Galés com bandeiras verdes. Seguia-se D. João de Austria, acompanhado dos Principes de Parma, e Urbino, do Commendador mór de Castella seu lugar Tenente, e dos Generaes do Papa, e da Republica de Veneza Antonio Colona, e Sebastião Venero, e outros Fidalgos, com bandeiras azuis. Tremolava na Galé real o Estandarte da Liga, onde no meyo estavaõ bordadas as Armas do Pontifice, à parte direita as del Rey de Castella, e as de Veneza à esquerda. Ultimamente navegava o Provedor Barbarigo com cincoenta e cinco Galés com bandeiras amarellas, o qual havia na batalha occupar o lado esquerdo. Na rétraguada deste apparato naval hia o Marquez de Santa Cruz com trinta Galés ornadas de bandeiras brancas, para acudir promptamente à parte onde se necessitasse de soccorro.

Sahe a Armada Catholica contra a Ottomana, e quem era seu General.

Ferreras *Hist. de Hesp.* Part. 15. al an. 1571. n. 6. e seg.

15 Certificado o General Turco, de que a Armada Catholica o vinha buscar, consultou com os Capitães Farta, Amet Rey, e outros

Tom. III. Ss ii Baxás,

### 324 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Formaõ-se em batalha as duas Armadas no Golfo do Lepanto.

Baxás, se era conveniente aceitar a batalha, e resolvendo que não, seguiu o contrario voto Aluch, Ali, e Hacen, não sómente por ser expressa ordem do Graõ Senhor, e credito das suas armas, mas porque a Armada Catholica impedida pela inclemencia do tempo tinha chegado a 4 de Outubro à Ilha de Zefalonia. Navegando pelo Golfo do Lepanto avistou a 7 a Armada inimiga, e com summa brevidade se formou em ordem de batalha, tomando Doria o lado direito, D. João de Austria, com os Generaes do Papa, e de Veneza o centro, e Barbarigo o lado esquerdo. Temeroso começou Ali a formar a sua Armada, conhecendo que era inferior à Catholica, e dispondo de todo o poder naval huma meya Lua, intentava abarcar dentro do semicirculo toda a Armada Catholica. Occupava a ponta direita Farta com oitenta Galés, e a esquadra Muhameth, e Aluch com cincoenta e tres. Assistia no centro para animar tão vasta circumferencia o General Ali com cento e trinta Galés. Governava vinte e duas Hazen, Governador de Tripoli, e neto de Barbaroxa, para soccorrer a parte onde fosse mayor o perigo.

16 Dividida pelo impulso da artilharia em varias partes a meya Lua formada pelos Turcos, se começou o combate de ambas as Armadas com aquelle ardor, e constancia, que promettiaõ nações tão belicosas. O estrondo da artilharia, o alarido

alarido das vozes, o fogo envolto em fumo, os gemidos dos agonizantes, a copia de sangue derramado, e o mar cuberto de corpos mortos, e vivos, representavaõ o mais horroroso espectaculo, igualmente ingrato aos olhos, como aos ouvidos. Distinguiã-se no furor do conflicto as Capitaneas dos Generaes, anhelando cada huma coroar-se com os louros da victoria. Por duas vezes foy entrada a de Ali, donde sahiraõ rechafados os Catholicos: porém sendo-lhe derrubada a popa pela artilharia da Galé real, em que estava D. João de Austria, como ficasse descuberta a praça de armas não perdia tiro a espingardaria Hespanhola na multidaõ de Genizaros, que a guarneciaõ. Passadas duas horas de combate foy abordada a Capitanea inimiga por D. Lopo de Figueiroa, D. Bernardino de Cardenas, e D. Miguel de Moncada, e achando morto o General Ali de huma bala, foy cravada a sua cabeça em hum alto pique, e abatido o Estandarte Turco, sobre elle se arvorou a Imagem de Christo crucificado, cuja vista causou novos alentos aos Catholicos, e os ultimos desmayos aos Turcos, perdendo os espiritos, que se animavaõ com a vida do seu General. Não podendo já os barbaros resistir ao heroico valor dos Catholicos, deixaraõ para indeleveis testemunhas deste naval triumpho trinta mil mortos, dez mil cativos, e quinze mil Christãos libertados. Augmentou-se a gloria de  
taõ

Descreve-se o furor do Combate.

Triunfa a Armada Catholica com a mais fatal derrota dos inimigos.

### 326 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

taõ plausivel dia com trinta Galés submergidas, vinte e cinco abrazadas, e cento e trinta prizio-neiras. Morreraõ na batalha sete mil Catholicos renascendo immortaes, e victoriosos em mais alto triunfo. No instante em que se alcançou a victoria, foy revelada ao espirito de S. Pio V. em premio do ardente zelo com que promovera a liga Catholica contra o inimigo commum. Ao tempo que o Summo Pastor estava conversando com o seu Thesoureiro Bartholomeu Bustos, se apartou d'elle, e pondo os olhos no Ceo, se lhe encheo o entendimento de luz superior, e o coração de jubilo excessivo pela certeza da victoria, que Deos lhe revelara: e voltando ao Thesoureiro, lhe disse derramando copiosas lagrymas, haver triunfado a Armada Catholica da Ottomana, por cujo beneficio dispensado pelo Supremo Arbitro das victorias se lhe deviaõ render multiplicadas graças.

He revelada a victoria a S. Pio V.

17 A plausivel noticia de taõ celebrada victoria recebeo El Rey D. Sebastião a 3 de Novembro, a tempo que assistia com a Rainha em Almeirim, e depois de ser generosamente premiado o portador, se ordenou fosse solemnemente applaudido o triunfo, que as armas Catholicas tinham alcançado dos inimigos da Cruz. Sahio a 8 de Novembro da Cathedral de Lisboa até o Convento de S. Domingos huma Procissão composta de todas as Confrarias, Communidades Religio-las,

Recebe D. Sebastião a noticia desta victoria, e a manda applaudir publicamente.

fas, e Clero, que se fechava com o Cabido, e o Arcebispo D. Jorge de Almeida. No fim se recitaraõ dous Sermões, hum na Igreja de S. Domingos, e outro no Claustro, em que ambos os Oradores expuzeraõ o valor heroico, e ardente zelo, com que os Catholicos tinhaõ humilhado o orgulho, e destruido o poder naval do inimigo commum da Christandade.

18 Não permittio o ternissimo affecto com que S. Pio V. amava ao nosso Monarca de lhe dilatar a noticia do glorioso successo das armas Catholicas contra as Ottomanas, e como conhecia experimentalmente o sagrado ardor que animava seu peito contra os sequazes de Mafoma, lhe supplicou, que colligado com os outros Principes Catholicos expedisse a sua Armada para total ruina do Mahometismo. Todas estas expressoens se incluiaõ na seguinte Carta.

Participa S. Pio V. a ElRey D. Sebastião a noticia da victoria.

„ Pius Papa V. Charissime in Christo Fili  
„ noster, salutem, & Apostolicam benedictio-  
„ nem. Cum placuerit Omnipotenti Deo pro sua  
„ ineffabili misericordia Classi nostræ sancti fœde-  
„ ris apud sinum Corinthiacum insignem, & glo-  
„ riosissimam victoriam contra Turcas concedere,  
„ & si ejus notitiam, ac famam jam ad Majesta-  
„ tem Tuam pervenisse credimus, tamen ex nos-  
„ tris quoque litteris idem illam cognoscere volui-  
„ mus, ut nobis congaudens, debitasque exerci-  
„ tum Domino, & totius consolationis Deo gra-  
„ tias

### 328 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ tias agens, ipsa etiam cogitare incipiat de San-  
 „ cto hoc fœdere suis viribus, atque potentia for-  
 „ titer adjuvando; adeo autem gravem, & in-  
 „ gentem cladem accepit immanissimi hostis orna-  
 „ tissima Classis tercentarum, & eò amplius na-  
 „ vium cum defensoribus à nostris partim capta,  
 „ partim deleta, ut conspirantibus in unum, si-  
 „ cut decet, Christianis Principibus, & ipsum  
 „ undique terrà, marique invadentibus, minimè  
 „ dubium sit meliores res Christianorum, secun-  
 „ dioresque indies eventus, ac successus habituras.  
 „ Itaque, Charissime Fili, cum tuæ, & maiorum  
 „ tuorum laudis proprium sit contra infideles assi-  
 „ due bellum gerere, Christique fidem augere,  
 „ optamus, ut sicut in India, & Africa gloriosum  
 „ Portugalliæ Regum nomen maximè celebratur,  
 „ ita in his quoque Europæ locis non minori laude,  
 „ & gloria decoretur, tuaque de Fide, & Chris-  
 „ tiana Religione merita indies, magis illustrentur.  
 „ Quemadmodum Majestatem Tuam pro sua præ-  
 „ stanti virtute, & pietate, animique magnitudi-  
 „ ne facturam confidimus, & persuasum habemus;  
 „ quemadmodum, Deo dante, propediem Ma-  
 „ jestati Tuæ pluribus exponet dilectus filius nos-  
 „ ter Michael Cardinalis Alexandrinus Apostolicæ  
 „ Sedis Legatus. Datum Romæ apud S. Petrum  
 „ sub Annulo Piscatoris die vigesima sexta Octo-  
 „ bris 1571 Pontificatus nostri anno sexto.

CÆS. GLORIERIUS. Com

*Parte III. Livro II. Cap. IV. 329*

19 Com as significações mais obsequiosas agradeceo ElRey D. Sebastião ao Summo Pastor a feliz noticia, que lhe participara, a qual tinha a fama divulgado por todo o Mundo em applauso da Fé Catholica, e confusão do Imperio Otomano; e posto que já tinha por seu Embaixador, assistente na Curia, congratulado ao Pontifice por tão fausto triumpho, expressou o jubilo do seu coração por estas palavras.

„ Muito Santo em Christo Padre, e muito Bemaventurado Senhor. D. Sebastião por „ graça de Deos Rey de Portugal, &c. Com „ toda a humildade envio beijar seus santos pés. „ He tamanha a merce, que Nosso Senhor fez a „ V. Santidade para toda a Christandade na grande victoria, que deu à Armada Christãa contra a do Turco, que continuamente nos devemos alegrar com ella, e darlhe sempre por esta merce muitas graças: e por isso, ainda que eu logo mandasse ao meu Embaixador nessa Corte de V. Santidade, lhe desse da minha parte as emoras desta tão desacostumada victoria, significando-lhe o grandissimo contentamento, com que eu della ficava, depois me tornasse a alegrar sobre isto com o Reverendissimo Cardeal Alexandrino, Legado, e sobrinho de V. Santidade, meu como irmão muito amado, e lhe escrevesse tambem por elle sobre a mesma victoria, me pareceo toda via cousa muy devida

Gratifica D. Sebastião ao Pontifice a noticia da victoria

Tom. III.

Tt

fazer



### 330 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„fazer este officio com mais demonstração da mi-  
 „nha obrigação , e do filial amor , que tenho a  
 „V. Santidade, e enviar a este só effeito correyo  
 „proprio com esta visitaçãõ para o meu Embai-  
 „xador a fazer da minha parte, e tornar em meu  
 „nome a dar a V. Santidade os parabens desta vi-  
 „ctoria, que Nossõ Senhor lhe deu, porque ain-  
 „da que haja muitos dias que passou, assim nos  
 „devemos alegrar com ella agora, como se hoje  
 „em dia fora, e assim parecerá a quem trazer  
 „na memoria as calamidades dos tempos, e o  
 „que elles promettiaõ em todas as cousas antes  
 „desta tamanha merce de Nossõ Senhor, feita  
 „em tempo de V. Santidade, que dá grande es-  
 „perança naõ sómente de cobrar o perdido em  
 „taõ largo tempo, mas de em outro muito bre-  
 „ve se haverem novos, e grandes ganhos espiri-  
 „tuaes, e temporaes para a Igreja Catholica, e  
 „para toda a Christandade; e prazera a Nossõ Se-  
 „nhor, que assim como foy servido de mostrar a  
 „V. Santidade, o que naõ viraõ os Santos Pon-  
 „tífices seus Antecessores, que tanto o desejavaõ,  
 „permittirá, que esta empreza da destruição do  
 „Turco, em que V. Santidade por todas as vias  
 „tem metido tanto cabedal de orações, e po-  
 „der, se acabe em tempo de V. Santidade, e  
 „que colha o fructo do que à custa de tanto seu  
 „trabalho semeou, para que em breve tempo re-  
 „duza V. Santidade à obediencia da Igreja Ca-  
 „tholica



„tholica o Mundo todo, ou parte delle. Mui-  
„to Santo em Christo Padre, e muito Bemaven-  
„turado Senhor. Nosso Senhor por muitos tem-  
„pos conserve a V. Santidade a seu santo servi-  
„ço. Escrita em Almeirim a 12 de Fevereiro  
„de 1572.

---

## CAPITULO V.

*Parte para França com o carecter de Embaixador  
João Gomes da Sylva, e da instrucção, que le-  
vou da Rainha D. Catharina. Morre alentada-  
mente em o mar D. Luiz Fernandes de Vascon-  
cellos, Governador do Brasil, acomettido por  
cinco náos de Piratas, onde são viêtimas da sua  
impiedade o Padre Pedro Dias com 17 Compa-  
nheiros Jesuitas. Representa D. Sebastião pelo  
Embaixador a ElRey de França os insultos co-  
mettidos por seus vassallos contra esta Coroa, dos  
quaes manda tomar o merecido castigo por D.  
João de Mendoça.*

20 **P**Ara a Corte do mayor Rey da Eu- 1571  
ropa elegeo com madura resolução  
o nosso Principe o mayor politico, e Soldado, He eleito Embaixador para  
França João Gomes da Sylva.  
que tinha em o seu Reyno, qual era João Go-  
mes da Sylva, Alcaide mór, e Commendador da  
Villa de Cea em a Ordem de Aviz, Védor da  
Tom.III. Tt ii Fa-

### 332 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

*Salazar Hist. Geneal. de la Casa de Sylva liv. 9. cap. 15.*

*Faria Asia Portug. Tom. 3. pag. 543.*

*Instrucção que levou da Rainha D. Catharina.*

Fazenda, e Conselheiro de Estado, filho de Braz Telles da Sylva, Alcaide mór de Moura, Cameireiro mór, e Guarda mór do Infante D. Luiz, e de D. Catharina de Brito, filha de Ruy Mendes de Brito, e D. Margarida Figueira sua segunda mulher. Havendo manifestado os seus mercades espiritos na Armada em que navegou para a India com o posto de Capitão mór no anno de 1567, se restitubio a Portugal, onde sendo venerado o seu talento, igualmente capaz para a Campanha, como para o Gabinete, partio para Paris com o caracter de Embaixador, cujo ministerio desempenhou como promettiaõ a sua incorrupta fidelidade, e maduro juizo.

21 Recebida a instrucção do seu Soberano, lhe ordenou a Rainha D. Catharina, que entregando as suas Cartas escritas a El Rey Christianissimo, e à Rainha sua esposa, lhe significasse a hum o sincero jubilo que tivera, quando recebeu a fausta noticia de ter celebrado desposorios com sua sobrinha, e a esta o excessivo amor que lhe tinha, fundado em os estreitos vinculos do parentesco, e excellentes dotes de que a natureza beneficamente a ornara, esperando que b eventualmente o Author de todas as felicidades, lhe abençoasse o thalamo com dilatada descendencia, para com ella se illustrarem os mayores Thronos da Europa. Semelhante obsequio mandou practicar com a Rainha, mãy del Rey, e a irmãa deste Prin-

Principe a Infanta Margarida de Valois; e ultimamente ao Duque de Anjù, irmão delRey Christianissimo exaltando com grandes elogios o intrepido valor, e sagrado zelo, com que, parcial dos interesses delRey, se tinha heroicamente opposto aos atrevidos intentos dos sequazes do Calvinismo.

22 Havendo recebido o Governador do Brasil D. Luiz Fernandes de Vasconcellos em a Ilha da Madeira a infausta noticia do successo da não Santiago, que era da sua conserva, onde foraõ viçtimas do furor heretico o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Compañheiros do seu heroico espirito, sahio com duas náos, que capitaneava, e emproando na altura de Cabo-Verde, foy obrigado pela violencia de repetidas tormentas a fazerse na volta de Guiné, onde pelo excessõ das doenças originadas da intemperança do clima, se converteraõ as náos em Hospitaes. Vencidos varios infortunios, avistou o Brasil, destinado termo da sua navegaçãõ, e por mais que forcejou vencer o Cabo de Santo Agostinho, o não pôde conseguir, antes obedecendo à furia dos ventos, e corrente das aguas, aportou à Ilha de S. Domingos, e a outra não à de Cuba, em as Indias de Castella. Reparada a sua não, tornou a buscar o Brasil, porém a fortuna conspirada contra a sua pessoa, fez que voltasse às Antilhas, e demandando as Ilhas Terceiras,

Sahe D. Luiz Fernandes de Vasconcellos da Ilha da Madeira para o Brasil, e dos infortunios, que lhe succederaõ,

### 334 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Combate D. Luiz com cinco  
náos de Piratas,

ras, ancorou em o porto de Angra, donde com a outra náó que fora aportar à Cuba, sahio a 6 de Setembro deste anno de 1571. Chegando com vento favoravel à altura das Canarias, avistou a 12 do dito mez quatro náos Francezas, e huma Ingleza, que tinhaõ sahido de Rochela, cuja Capitanea era a mesma, em que o anno passado Jaques Soria triunfara da náó Santiago com a sacrilega morte de quarenta Padres Jesuitas. Era Capitão desta náó João Cadavilho, semelhante ao Soria em o odio aos dogmas da Igreja Romana, como em a observancia dos delirios de Calvino. Conheceo D. Luiz o perigo a que estava exposto, e fortificado com os Sacramentos animou aos seus Companheiros, a que valerosamente sacrificassem as vidas em obsequio da Fé, e serviço do seu Principe. Deu principio o Capitão inimigo posto a tiro de bombarda das nossas náos com dous tiros sem bala, para que amainando as vélas, lhe não disputassemos a victoria. A este atrevido pensamento respondeo D. Luiz pelas bocas de quasi toda a artilharia, de que recebeo grave damno a Capitanea dos inimigos. Furioso Cadavilho com este estrago, por tres vezes intentou ferrar a nossa Capitanea, porém outras tantas foy heroicamente rebatido com morte de trinta Soldados, e evidente perigo da sua náó, sendo passada com huma bala ao lume da agua, e com outra quebrado o masto grande.

Re-

23 Receando Cadavilho, que se submergiu-se a sua não, investio quarta vez a nossa contaõ grande numero de Soldados, que logo mataraõ a cinco Portuguezes, que defendiaõ a proa. D. Luiz, posto que estava passado pelos peitos com huma bala, e quebradas as pernas com outra, como se fora insensivel sustentava a batalha, até que de huma lançada cahindo morto, voou o seu espirito a receber a coroa na Patria Celeste. O seu cadaver sem ser conhecido foy com os dos seus companheiros no valor, e na desgraça, lançado ao mar. Nascendo este Heroe illustre por nascimento, accrescentou mais nobres brazões com heroicas accções ao seu nome. Todo o curso da vida passou entre infortunios, dos quaes levantou a si proprio a Estatua da Tolerancia. Nomeado Capitaõ mór de cinco náos para a India no anno de 1557, antes de sahir do porto se abriu a sua não, até que partindo em Mayo, e invernando no Brasil, aportou no seguinte anno em Goa. Voltando para o Reyno naufragou junto à Ilha de S. Lourenço, salvando-se em hum batel com trinta homens. Segunda vez passou o Oriente, donde se restituhio a Portugal taõ falto de cabe-daes, como abundante de desgraças. Passados dez annos foy eleito Governador do Brasil para substituir a Mendo de Sá; e navegando junto da Ilha da Madeira se encontrou com as náos, que vinhaõ da India, que lhe deraõ a infausta noticia

Morre valerosamente D. Luiz, de cuja pessoa se faz hum breve elogio.

*Franco Imag. da Virtud. em o Nov. de Coimb. Tom. 2. liv. 1. cap. 41.*

### 336 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

cia de seu filho D. Fernando de Vasconcellos acabar gloriosamente a vida no celebre cerco de Goa. Ultimamente cansada já a fortuna adversa de não poder contrastar a tolerancia deste insigne Varão, permittio que finalizasse a vida com tão heroica morte, de que foraõ instrumentos os inimigos da Religião Catholica. A sua piedade Christãa deixou recomendada à posteridade S. Pio V. em hum Breve, expedido a 6 de Julho de 1569, onde o exhortava para que no Brasil, de que estava eleito Governador, promovesse entre a Gentilidade o augmento da Fé, como do seu zeloso espirito se esperava.

*Apostol. Epist. D. Pii V. liv. 3.  
Epist. 25.*

São mortos pelos hereges o  
Padre Pedro Dias com doze  
Companheiros.

*Tanner Soc. Jesu usq. ad  
sang. & vit. prof. milit. pag.  
174, e 178.*

24 Neste triumpho que alcançou a impiedade heretica, triumphou com mais alta victoria o Padre Pedro Dias, com doze Companheiros Jesuitas, que emulos da constancia do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e os outros Heroes da sua esquadra, foraõ sacrificados por holocaustos da Fé nas aras do martyrio, em 13, e 14 de Setembro deste anno de 1571, naufragantes huns no proprio sangue, e outros nas correntes do mar, donde surgiraõ gloriosos em o porto da Bemaventurança. O author desta sacrilega tragedia Joaõ Cadavilho acabou na sua patria Solies, Cidade da Provincia de Gasconha, violentamente morto.

25 Escandalizado El Rey D. Sebastião dos barbaros, e sacrilegos insultos, que contra os seus vassallos tinhaõ obrado os Piratas Francezes, creveo

*Parte III. Livro II. Cap. V. 337*

creveo a Joaõ Gomes da Sylva, seu Embaixador na Corte de Pariz, para que da sua parte representasse a ElRey Chriftianissimo os damnos commettidos por alguns seus vassallos contra os da Coroa de Portugal, sendo os principaes Jaques Soria, e Joaõ de Cadavilho, rigidos sequazes do Calvinismo, privando com impia ferocidade da vida aos promulgadores das verdades Evangelicas, e a D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, nomeado Governador do Brasil, que esperava da piedade de seu real animo, castigasse severamente aos authores de taõ abominaveis delictos, e se lhe restituissẽ as náos, que injustamente tinhaõ tomado. A Carta era a seguinte.

Representa D. Sebastião a El-Rey de França a insolencia dos Piratas para ser severamente castigada.

„Joaõ Gomes da Sylva. Eu ElRey vos  
„envio muito saudar. Eu soube agora o acontecimento de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que mandava por Governador às partes do Brasil, e como no caminho fora tomado por dous navios de Cosarios Lutheranos, que entraraõ a sua não por ser mercante, carregada de mulheres, Religiosos, e moradores, que todos hiaõ para o Brasil, para onde D. Luiz partio daqui em Mayo do anno passado, e foy ter às Antilhas, e depois às Ilhas dos Açores, onde de sua não se mudou a esta, em que agora hia taõ mal apercebido de tudo, como vaõ os a que no mar acontecem estes desastres, e entrando os Lutheranos na sua não, por serem

Carta delRey para Joaõ Gomes da Sylva.

Tom.III.

Uu

„muitos



### 338 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ muitos em comparação dos que nella hiaõ , e  
 „ pelejando D. Luiz com os poucos , que nisso  
 „ o podiaõ seguir , os mataraõ , e assim alguns Pa-  
 „ dres da Companhia de Jesus , e os outros Re-  
 „ ligiosos della , que tambem hiaõ na náõ , lança-  
 „ raõ vivos ao mar , do qual caso tenho taõ gran-  
 „ de sentimento , como he razaõ ; e tambem por-  
 „ que sou informado , que estes mesmos Cossarios  
 „ fizeraõ o anno passado o insulto da morte de ou-  
 „ tros muitos Padres , e Religiosos da Companhia,  
 „ que tomaraõ em outra náõ , em que elles hiaõ  
 „ para o Brasil , e naquelle tempo antes , ou de-  
 „ pois disto foy tomada a caravella , em que vi-  
 „ nha da Ilha de S. Miguel Francisco de Mariz ,  
 „ que nella foy Provedor de minha Fazenda , com  
 „ sua mulher , e casa ; e posto que este aconte-  
 „ cimento , e o sentimento que delle tenho , me  
 „ move , e obriga a fazer nelle o que tenho af-  
 „ sentado , e espero de mandar pôr em effeito ,  
 „ tanto que o tempo der a isso lugar , me pare-  
 „ ceo , que nem por isso devia de deixar de fa-  
 „ zer logo as outras cousas devidas , e necessarias  
 „ em tal caso , como he mandar pedit ao Chris-  
 „ tianissimo Rey de França , meu irmaõ , e pri-  
 „ mo , que proveja logo nelle conforme a obriga-  
 „ çãõ , que tem à minha amisade , e a castigar as  
 „ culpas de seus vassallos , mormente sendo ellas  
 „ taes , e comettidas contra os meus ; pelo que  
 „ vos encomendo , que logo , tanto que vos esta  
 „ for



*Parte III. Livro II. Cap. V. 339*

„ for dada , falleis a ElRey , e lhe deis a Carta mi-  
„ nha , que com esta para elle vos envio , e pela  
„ crença dello lhe referireis o que atraz vos digo ,  
„ exaggerando-lhe o caso com o respeito devido  
„ da opiniaõ dos Portuguezes ; e para isso lhe sig-  
„ nificareis o modo de que estes foraõ tomados ,  
„ e que lhe rogo queira logo sem dilaçaõ mandar  
„ justicar as culpas como o merecem por tama-  
„ nhos insultos , e que se restituã estas duas náos ,  
„ e tudo o mais que nellas foy tomado , ajudan-  
„ dovos de todas as razões , que em tal caso lhe  
„ deveis dar para boa , e breve resoluçaõ neste  
„ negocio , que procurareis , por se tomar breve-  
„ mente ; porque se se logo assim não fizer , poder-  
„ seha recear haver nisso dilaçaõ , que he em mui-  
„ to prejuizo das cousas desta qualidade ; e por  
„ quanto eu mando ora hum Armada em busca  
„ destes Collarios Lutheranos , e que os siga até  
„ os achar , ainda que seja tempo de Inverno , pe-  
„ direis tambem a ElRey da minha parte queira  
„ mandar aos Governadores , e Justicas dos seus  
„ lugares , que hindo a minha Armada ter a elles  
„ lhe dem para este effeito toda a ajuda , e favor ,  
„ pois além de ser para satisfação deste caso ( se  
„ a elle póde ter sendo taõ grave ) resultará tam-  
„ bem disso o castigo aos reveis dessa Coroa , com  
„ o que ElRey deve muito folgar ; e nesta ma-  
„ teria fallareis tambem à Rainha sua mãy , e ao  
„ Duque de Anjù , e a quem mais for necessario ,

Sahio esta Armada a 28 de  
Agosto , e della foy General  
D. João de Mendega , Capi-  
taõ mór da Armada da Costa.

Tom. III.

Uu ii

„ e vin-

### 340 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ e vindo a proposito , e parecendovos bem , lhe  
„ direis como ainda até agora não tenho visto  
„ castigo algum dos insultos passados , e sobre is-  
„ to , ou accrescentareis , ou moderareis o que  
„ vos bem parecer , segundo o que virdes , que  
„ em tal caso , e conjunção de tempo se deve  
„ fazer , e ey por escusado encomendarvos isto  
„ mais particularmente , pois vedes o caso , e im-  
„ portancia delle ; e escrevermeheis logo com di-  
„ ligencia , o que nelle se fizer , e o effeito que  
„ nos parecer que terá. Escrita em Almeirim a  
„ 30 de Outubro de 1571.

REY.

---

## CAPITULO VI.

*Chega o Cardeal Alexandrino a este Reyno , e da  
pompa com que nelle foy recebido. Propoem  
a D. Sebastião a causa da sua vinda ,  
e da resposta que mandou ao Ponti-  
fice S. Pio V.*

1571

26 **A** Vigilante providencia com que o  
Summo Pastor S. Pio V. zelava o  
rebanho de toda a Christandade , estimulava ao seu  
ardente zelo , para que nunca padecesse o menor  
damno , principalmente do commum inimigo , e  
pode-

poderoso antegonista da sua conservação. Tinha elle com infatigavel desvêlo convocado a ElRey de Castella, e a Republica de Veneza, para que unidos com o poder naval da Igreja, felizmente conspirassem contra a potencia Ottomana, de cuja confederação foy prospera consequencia a fatal derrota da sua Armada em o Golfo do Lepanto, onde forão submergidos trinta mil barba-ros, e sepultadas em injurioso eclypse as Luas, que soberbas tremolavaõ nos seus Estandartes. Animado o Santo Pontifice de novos espiritos com esta memoravel victoria, com que se tinha abatido o orgulho do Imperio Ottomano, querendo totalmente extinguir este fatal escandalo da Christandade, convocou para nova Liga ao Emperador de Alemanha, os Reys de França, e de Polonia, e ao nosso Monarca como mais zeloso propagador da Religião Catholica, mandando para este effeito por seu Legado ao Cardeal Alexandrino Fr. Miguel Bonello, seu sobrinho, e professor do Instituto Dominicano, por cujos motivos lhe era summamente aceito. Como a incumbencia, que lhe fora comettida, necessitava de grande madureza, para não perigar a sua execução, lhe nomeou por Companheiros doze Varões dotados de consummada prudencia, de cujos conselhos dependeriaõ as resoluções do Legado, entre os quaes se distinguiãõ Hypolito Aldobrandino, Auditor da Rota, que depois su-  
bio

Convoca S. Pio V. a nova Liga contra o Turco aos Principes Catholicos.

O Cardeal Alexandrino Legado do Papa he eleito para a convocação dos Principes.

### 342 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

bio ao Throno Pontificio com o nome de Clemente VIII. Alexandre Riario, Auditor da Camera, Patriarca de Alexandria, João Francisco S. Jorge, Governador de Roma, e Bispo Aquense Datario desta Embaixada, Francisco Maria Taruzio, da Congregação do Oratorio, que depois foy Cardeal, Fr. Bartholomeu de Lugo, da Ordem dos Prégadores, e S. Francisco de Borja, Geral da Companhia de Jesus.

He recebido na raya por D. Constantino de Bragança.

27 Sahio o Legado de Roma a 30 de Junho deste anno de 1571, e tendo atravessado Italia, Saboya, e França, chegou a Madrid, onde demorando-se pouco tempo, entrou em Portugal a 28 de Novembro. Foy recebido na raya por D. Constantino de Bragança, a cujo irmão o Duque de Bragança D. João, lhe escreveu El Rey esta Carta.

Carta del Rey para o Duque de Bragança, copiada do Original.

„Honrado Duque Sobrinho Amigo. Eu  
 „El Rey vos envio muito saudar, como aquelle  
 „que muito amo, e prézo. O Cardeal Alexan-  
 „drino, Legado, e Sobrinho do Santo Padre,  
 „que Sua Santidade ora envia a mi, ha de fazer  
 „o caminho por essa vossa Villa de Villa-Viçosa,  
 „por o eu así ter ordenado; e posto que está mui-  
 „to certo ser de vós tão bem recebido, e guaza-  
 „lhado, como o deveis a meu serviço, e ao me-  
 „recimento do Cardeal Legado, e a que vós  
 „sois, e podera por isso escusar de volo enco-  
 „mendar, quiz toda via, que soubesseis por es-  
 „ta

„ta minha Carta como ha de fazer o caminho  
„por hi, e quaõ grande contentamento recebe-  
„rey de elle entender de vós o muito, que eu  
„tenho desta sua vinda nas demonstrações, que  
„nella fizerdes, que vos agradecerey muito. Es-  
„crita em Almeirim a xxvii. de Outubro de 1571.

REY.

28 Em observancia desta insinuação delRey  
fahio o Duque fóra de Villa-Viçosa a receber o  
Legado com toda a comitiva da sua grande Ca-  
sa, em cujo Palacio, preciosamente ornado, foy  
magnificamente hospedado, donde por Estremoz  
entrou em Evora. Tres legoas fóra desta Cida-  
de o esperava o Arcebispo D. João de Mello com  
o seu Cabido, e D. Pedro de Castro, Capitão  
da Cidade, com quatrocentos cavallos. Aug-  
mentava o apparato deste recebimento o Senado  
com todos os Ministros de Justiça, vestidos de  
preciosas galas, o qual se fazia mais plausivel  
com diversos instrumentos musicos, que enchiaõ  
os ouvidos de harmonia, e os corações de jubilo.  
Com toda esta pompofa comitiva chegou o Le-  
gado à porta de Aviz, sobre a qual estava pinta-  
da a imagem da Fé, com a cabeça coroada de  
flores, o coração se abrazava em vivos incendios,  
sustentando na mão direita huma espada, e na es-  
querda hum livro. Tinha os pés firmados sobre  
huma roxa, e o corpo despido como o da ver-  
dade.

Como foy recebido o Lega-  
do em a Cidade de Evora.

### 344 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

dade. Na parte inferior se lia a seguinte inscripção *Talem juam, Lusitanorumque fidem Santissimo Pio V. pius offert Sebastianus.* Por esta porta entrou o Legado na Praça, em que está a fonte da Prata, que em abundante, e crySTALLINA copia lançava agua por diversas bicas. Como o tempo estava chuvoso, e era já noite, não visitou o Legado a Cathedral, onde igualmente se lisongeava o olfato com a variedade de perfumes, como os olhos com a preciosidade dos ornamentos. Recolhido ao Palacio do Arcebispo, foy hospedado com aquella magnificencia digna do seu authorisado caracter. Toda a Cidade explicou pelas linguas de diversos fógos, que ardiaõ em as torres das Igrejas, e casas das principaes pessoas, o seu excessivo, e sincero jubilo. Depois de ouvir Missa ao dia seguinte na Cathedral partio para Monte mór, donde veyo a Palmella; e chegando ao Barreiro, achou preparado pelo Vedor do Cardeal Infante D. Henrique huma sumptuosa habitação em que dormio. Nesta noite se anticipou Lisboa a restituir em applauso de tão grande Hospede as luzes, que lhe roubaraõ as sombras, não sómente com a illuminação dos Templos, e edificios, mas com diversos artificios de fogo, parecendo a Cidade ao longe hum verdadeiro Mongibello.

29 Ao dia seguinte, suspensa de tarde a copiosa agua, que chovera, se embarcou o Legado

do em hum bargantim , ornado de preciosos panos , e navegando pelo Tejo entre varias embarcações , embandeiradas com sedas de diversas cores , e o festivo estrondo da artilharia de dezasseis náos , que estavaõ ancoradas , chegou ao Caiz da Rainha , onde o esperavaõ o Cardeal Infante com o Arcebispo D. Jorge de Almeida , Cabido , e Clerezia , para ser conduzido em procissão à Cathedral : mas como fosse já tarde , se resolveo voltar o Arcebispo com o Cabido à Sé , para nella lançar a agua benta ao Legado. Tanto que desembarcou , o recebeo com affectuosas significações o Cardeal Infante , e montados a cavallo se avistou com o Legado junto da porta da Capella Real ElRey D. Sebastiaõ , acompanhado do Senhor D. Duarte , e toda a Nobreza , e depois de lhe fazer huma cortezia , descobrindo a cabeça , se ouviu huma harmonica consonancia de instrumentos. Intentou o Legado dar a maõ direita a ElRey , e este a elle , e nesta politica contenda começaraõ a marchar , indo o Legado à maõ esquerda delRey , e a poz elles o Cardeal Infante , e o Senhor D. Duarte. Precedia a taõ magestosa comitiva o Patriarca de Alexandria , levando arvorada a Cruz de prata com a Imagem de Christo. Por esta ordem foy discorrendo pelos Armazens , Tanoaria , Rua nova , e Padaria , estando todas as janellas ornadas de ouro , e prata , tecidas em diversas sedas. Chegando El-

Entra em Lisboa , e como foy recebido por ElRey , que o acompanhou até à Cathedral.

Tom.III.

Xx

Rey



### 346 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Rey à Casa de Santo Antonio, se despedio do Legado: e como era noite, entraraõ os dous Cardeaes na Sé, assistidos de muitas tochas, em cuja porta os esperava o Arcebispo com o seu Cabido, e depois de lhes lançar agua benta, foraõ os Cardeaes à Capella mór, onde estava para cada hum preparado hum genuflexorio cuberto de bordado, e feita oração, se levantou o Legado, lançou a benção Apostolica ao innumeravel concurso, que concorrera a taõ plausivel espectáculo. Acabadas estas ceremonias, montaraõ a cavallo os dous Cardeaes, levando D. Henrique à sua mão direita ao Legado, e chegando aos Paços do Castello, que estavaõ armados com a tapeçaria delRey, e da Infanta D. Maria, se hospedou o Legado no quarto inferior, por habitar ElRey no superior. Neste Palacio se aposentaraõ o Patriarca, Bispos, e Gentishomens da comitiva do Legado, sendo tratados com taõ generosa profusão, que excedia tudo quanto lhes podia representar o appetite, assim na delicadeza dos manjares, como na variedade das bebidas.

Participa o Legado a ElRey  
a causa da sua vinda.

30 Ao terceiro dia da sua chegada, foy o Legado à presença delRey, a quem da parte do Supremo Pastor lhe entregou hum Breve, em cujas clausulas o exhortava com paternal affecto, para que concorressem as suas auxiliares armas, confederadas com a Sé Apostolica, ElRey de Castella, e a Republica de Veneza, contra o Tur-



Turco, para cuja empresa eraõ escusados estímulos, por ser hereditario em os Reys Portuguezes o odio aos sequazes de Maõoma: que esperava que desta confederação se lhe originariaõ novas conquistas em Affica, pois quebrantado o orgulho Ottomano com a fatal derrota padecida no Golfo do Lepanto, seria mais facil arruinar totalmente aquelle formidavel Imperio, escandaloso a toda a Christandade. Ultimamente lhe pedia, que para o seu Reyno ter successão estabelecida, se desposasse com a Infanta Margarida, irmã de Carlos IX. de França, de cujo soberano conforcio se vaticinavaõ felicidades a Portugal, e extinção da heresia, que infestava a Monarchia Franceza. O Breve, que comprehendia estas supplicas, era o seguinte.

Fuen Mayor *Vid. de S. Pio V.*  
pag. 119.

„ Charissimo in Christo filio nostro Sebas-  
„ tiano Portugalliae, & Algarbiorum Regi Illus-  
„ tri. Pius Papa V. Charissime in Christo fili nos-  
„ ter, salutem, & Apostolicam benedictionem.  
„ Non dubitamus Majestatem Tuam pro sua pie-  
„ tate magna lætitiâ affectam esse, accepto ejus  
„ fœderis nuntio, quod superioribus diebus ad-  
„ versus immanissimum Turcarum tyrannum ini-  
„ tum est inter Nos, Sanctamque hanc Sedem  
„ Apostolicam, Serenissimum Hispaniarum Re-  
„ gem Catholicum, & amplissimam Venetorum  
„ Rempublicam, magno certè cum gaudio hu-  
„ jus Urbis; ex cujus unius magnitudine, non  
Tom.III. Xx ii „diffi.

### 348 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„difficile est, cæterorum quoque Christi fidelium,  
 „quanta ejusdem rei nomine futura sit voluptas,  
 „conjicere. Quod cùm ita sit, una nobis illa  
 „cura incumbit, cæteros Christianos Reges, ac  
 „Principes eodem fœdere nondum comprehen-  
 „sos, ut ad illud primo quoque tempore se ad-  
 „jungant, paternis nostris vocibus, ac monitis  
 „excitare, atque hortari. Nam, ut nunc se res  
 „habet, communis Reipublicæ Christianæ salu-  
 „tis hoc fœdere ineundo quasi fundamenta quæ-  
 „dam jacta esse videntur, parum tamen ad reli-  
 „quum publicæ securitatis ædificium statuendum  
 „firma futura, nisi cæterorum Christianorum  
 „Principum ad idem consentientium animi, vi-  
 „resque accesserint; quippe usque adeò enim nos-  
 „tris discordiis, nostraque socordiâ crevit Tur-  
 „carum potentia, ut non nisi communibus om-  
 „nium illorum armis atrocissimæ gentis impetus  
 „sustineri, frangique possit. Quæ res Nos impu-  
 „lit, ut ad Majestatem Tuam dilectum hunc fi-  
 „lium fratrem Michaellem tituli Sanctæ Mariæ  
 „supra Minervam, Presbyterum Cardinalem Ale-  
 „xandrinum nuncupatum, nostrum ex sorore  
 „pronepotem, de Venerabilium fratrum nostro-  
 „rum Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalium  
 „consilio, & assensu, nostrorum, & Sedis Apof-  
 „tolicæ de Latere Legatum, mitteremus; ut is  
 „eam, de cujus præcipuo erga Rempublicam  
 „Christianam studio omnia nobis egregia pollice-  
 „mur,

„mur , nostro nomine vehementer hortetur in  
„Domino , & quo maiore potest animi sui flu-  
„dio requirat , & obtestetur , ut huic fœderi ad-  
„jutor quàm primum accedere velit ; magnam  
„enim , si hoc faceris , rei Christianæ publicæ  
„bene gerendæ spem in tua virtute , suorumque  
„militum fortitudine repositam habere poterimus,  
„quos quidem in præliis contra Turcas gerendis  
„exercitatissimos magno ad communem expedi-  
„tionem adjumento futuros esse intelligimus. Ut  
„autem Majestatem Tuam id prompto animo fa-  
„cturam esse speremus , non solum ea de causa  
„adducimur , quia suum in propaganda Religio-  
„ne Christiana studium perspectissimum habemus;  
„sed etiam , quia proprium esse videtur Portugal-  
„liæ Regum bella libenter suscipere , & cum in-  
„fidelibus præliari ; quod ex rerum ab ipsis con-  
„tra eos gestarum magnitudine facile quivis cog-  
„noscere potest. Quam quidem ad rem si un-  
„quam opportunitas affuit , maxima certè adesse  
„cernitur hoc tempore , quo maiores Christiani  
„Principes nullis dissensionibus discordes , sed po-  
„tius ferè omnes mutuis inter se affinitatum vin-  
„culis adstricti , ad impetum sævissimi tyranni  
„frangendum magna ex parte conspirare jam cœ-  
„perunt , ut nisi per alios steterit , egregium in-  
„eundæ inter se contra communes hostes concor-  
„diæ initium fecisse videantur. Quod quidem  
„initium Te , charissime in Christo fili , potissimum  
„decet

### 350 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ decet adjuvare , cui hæc ipsa communibus ar-  
 „ mis suscipienda adversus Turcas expeditio non  
 „ solum in posterum gloriosa , sed etiam in præ-  
 „ sens utilis est futura ; cui enim dubium est , si  
 „ undique communis hostis consociatis omnium  
 „ Christianorum Principum viribus urgeatur , Ma-  
 „ jestati Tuæ facile fore Regnorum suorum fines  
 „ in Africa sibi vicina propagare ? Quod tam &  
 „ si ita non esset , ipse tamen communis hostis  
 „ metus deberet Majestatem Tuam ad hoc foedus  
 „ intrandum excitare. Neque enim arbitrari de-  
 „ bet eum , qui omnium Regum Christianorum  
 „ Regna spe , atque animo jam devoravit , non  
 „ etiam de tui Regni excidio , ac perniciæ cogi-  
 „ tare. Ad hæc omnia accedit ratio communis  
 „ omnium Christi fidelium salutis , quæ te ad hoc  
 „ vocat , & proprium Tuæ Majestatis officium ,  
 „ cui nisi oblata tibi tam præclara sanctissimi fœ-  
 „ deris occasione hoc tempore sati-feceris , nullo  
 „ modo te Redemptori nostro excusare poteris in  
 „ illo extremo Judicii die , cum ante illius Judi-  
 „ cis tribunal veneris , cui omnia nuda , & aper-  
 „ ta sunt. Accedunt etiam paterna nostra moni-  
 „ ta , & Sedis Apostolicæ voces , quibus quò no-  
 „ bis , atque illi fidelior , atque obsequentior exis-  
 „ timaris ; eò magis te obtemperare decet , ut au-  
 „ thoritate , exemploque tuo reliqui etiam charis-  
 „ simi Principes commoti ad idem faciendum ex-  
 „ citentur , quemadmodum idem Legatus Majes-  
 „ tati

„tati Tuæ præsentī præsens copiosius exponet.  
„Cui super hoc, atque aliis rebus eamdem fidem  
„adhibebis, quam nobis ipsis adhiberes, cū  
„scire possis illum omnium nostrorum consilio-  
„rum, & cogitationum participem esse; qua ex  
„re intelligere potes, quantæ nobis curæ sit id,  
„de quo tecum acturus est, cū tali adiutore,  
„qui nostros labores, & curas levare solitus est,  
„carere maluerimus, quàm Reipublicæ Christia-  
„næ saluti ea, qua magis expedire putavimus,  
„ratione deesse. Datum Romæ apud S. Petrum  
„sub Annulo Piscatoris die vigesima quinta Ju-  
„nii millesimo quingentesimo septuagesimo pri-  
„mo, Pontificatûs nostri anno sexto.

T. ALDOBRANDINUS.

31 Na tarde do dia em que o Legado pro-  
poz a ElRey a instrucção da sua Embaixada, foy  
acompanhado da Nobreza visitar a Rainha D.  
Catharina, que morava nos Paços de Xabregas,  
e o mesmo obsequio praticou com a Infanta D.  
Maria, assistente a Santa Apollonia. Ao Domin-  
go, que se contavaõ 9 de Dezembro, foy El-  
Rey com o Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte  
ao Convento de Nossa Senhora da Graça dos  
Eremitas de Santo Agostinho, render a Deos as  
graças pelo fausto nascimento do Principe de Cas-  
tella D. Fernando, que o Ceo concedera a Fi-  
lippe Prudente; e assistindo a esta função o Le-  
gado,

Visita o Legado a Rainha D.  
Catharina, e a Infanta D.Ma-  
ria.

## 352 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Assiste com ElRey à acção de graças pelo nascimento do Principe de Castella.

gado, ElRey mais Catholico, que politico, o levou à mão direita, e sentados cada hum debaixo de diferentes doceis, ouviraõ a Missa solemne, e o Sermaõ gratulatorio, que recitou o Padre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus. Na tarde deste dia, sendo convidado o Cardeal Alexandrino por ElRey para ver hum exercicio militar no campo de Santo Amaro, partio este por mar, e aquelle por terra, com o Cardeal Infante; e chegando a tempo que estava formada a gente, se executou o exercicio com grande satisfação do Legado, concorrendo a serenidade do dia para complemento do applauso.

Resposta, que ElRey mandou ao Papa, sobre o que lhe propoz o Legado.

32 Querendo D. Sebastião satisfazer à proposta da Embaixada do Legado, que se ausentava deste Reyno, lhe significou o excessivo jubilo, que recebera o seu coração com a Liga, para que era convocado, pois nella entravaõ tantos Principes a debellar o inimigo commum da Christandade, para cuja empreza concorreria com seis galeões, doze galés, e quatro galeas guarnecidas de cinco mil combatentes, desejando que fosse mayor este apparatus naval, de que era impedimento o grande numero de gente extincta pelo flagello da peste, como a expedição de tantas náos para o Oriente, para resistir à violencia da mayor invasão, que testemunhara a Asia, cercando ao mesmo tempo Goa, e Chaul, o Hidalcaõ, e Nizamaluco. No que respeitava ao seu

seu casamento com a Infanta Margarida de Valois, irmã delRey de França, o aceitava com a condição, de que este Príncipe entrasse na Liga, e para mais se facilitar esta negociação, desistia dos quatrocentos mil ducados do dote da Infanta, e lhe emprestaria semelhante quantia, para que com mayor empenho continuasse a guerra contra os Hugonotes. Tudo expressava o nosso Monarca nesta elegantissima Carta Latina ao Summo Pontifice.

„ Sanctissime in Christo Pater, ac Beatissime Domine. Beatitudinis Tuæ litteras, summæ in Deum pietatis, ardentissimi studii, & in ejus Ecclesiæ charitatis, ac singularis erga nos benevolentia plenæ, accepimus; quibus nos ad rem Christianam tum tutandam, tum etiam augendam, vehementer sane sumus incensi. Et quidem pro incredibili vigilantia, & quam Tu, Sanctissime, & Beatissime Domine, in Dominico grege non solum diligenter custodiendo, sed etiam amplificando geris sollicitudinem, ad nos eximia cum pietate datis litteris non contentus, pro eâ, quâ nos complecteris paterna charitate, benigne quoque voluisti ad nos mittere, tamquam optimum istius testem voluntatis amplissimum Cardinalem Alexandrinum Sanctitatis Tuæ, Sanctæque Sedis Apostolicæ Legatum à Latere, sororis tuæ nepotem, vel posthabitis iis levamentis, commodis, & officiis, quæ ipse

Carta delRey D. Sebastião a S. Pio V. mandada pelo Cardinal Alexandrino seu Legado

Apostol. Epist. S. Pii V. lib. 5 Epist. 5.

Tom. III.

Yy

„ in



### 354 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ in amplissimis, gravissimisque negotiis Beatitu-  
 „ dini Tuæ præstare consuevit. Ex cujus quidem  
 „ præsentia, & sermonibus inter nos ultrò, ci-  
 „ troque habitis, ex ejusque pietate, ac religio-  
 „ ne quantum ceperimus voluptatis, vix à nobis  
 „ poterit explicari. Nam in eo, tamquam in spe-  
 „ culo, præclaris earum omnium, quas ille abs-  
 „ Te tam sancto avunculo suo acceptas habet,  
 „ virtutum ornamentis decoratam imaginem elu-  
 „ cere perspeximus. Quantam porro lætitiā,  
 „ ac jucunditatem universæ Lusitanix optatissi-  
 „ mus ejus adventus attulerit, ex magna homi-  
 „ num frequentia illi obviam prodeuntium, ex  
 „ inusitatoque ad eum honorifice excipiendum, at-  
 „ que spectandum omnium facto concursu agnos-  
 „ cis facile potuit. Enim vero cunctis veniebat in  
 „ mentem cogitare, ipsum esse, & Legatum,  
 „ & affinem ejus Pontificis, cui multò pluris, &  
 „ antiquior sit Christiana Religio, solusque mor-  
 „ talium, quàm vita ipsa, quæ alioqui cæteris re-  
 „ bus omnibus charior hominibus esse solet. Ac  
 „ tanto quidem gaudio cunctorum animi perfusi  
 „ sunt, vix ut possit æstimari; fereque triumphum  
 „ agentibus, subibat memoria gloriosissimæ victo-  
 „ riæ, Beatitudinis Tuæ diligentia, vigiliis, ac  
 „ precibus assiduis de crudelissimo Christiani no-  
 „ minis hoste reportatæ; ob idque ad eum conf-  
 „ picandum ardentissimis animis certatim omnes  
 „ confluebant. Nam post natos homines de Chris-  
 „ tianæ



„tianæ Religionis hoste tam illustrem, præcla-  
„ramque victoriam navalem Christiani Principes  
„numquam retulerunt: de qua Tu, Sanctissime,  
„ac Beatissime Domine, quâ es in omnes huma-  
„nitate, ac pro eo, quo nos, Regnumque nos-  
„trum summo complecteris amore, nos commo-  
„nesfacere voluisti. Ex quo quidem nuntio nos  
„incredibilem sane percepimus voluptatem, non  
„secus ac si hæc, quæ Sanctitatis Tuæ propria  
„est, nostra victoria fuisset; atque, ut par est,  
„quantas maximas potuimus, Deo potentissimo  
„gratias egimus: cui benigne placuerit, pias Bea-  
„titudinis Tuæ lacrymas, assiduaque jejunia,  
„quibus in ista tam gravi, devexaque jam æta-  
„te te ipse diutiùs afflictaſti, clementer aspicere,  
„ac voti compotem facere; quique ardentissimas  
„preces tuas, gemitusque, quibus Divinæ  
„Majestatis oculos inclinasti, voluerit exaudire.  
„Summo præterea studio faciendum imperavimus  
„uti Regno nostro toto pro tam singulari divi-  
„nitùs accepto beneficio, magna celebritate sup-  
„plicationes instituantur, atque ut à sacris Con-  
„cionatoribus per omnes ditionis nostræ populos  
„ineffabilis clementissimi Dei misericordia prædi-  
„cetur, ut scilicet universi gratissimi hujus nun-  
„tii participes effecti quisque per se Christo Deo,  
„ac Domino nostro gratias agerent immortales.  
„Neque verò quispiam est omnium, qui ore ple-  
„nissimo non confiteatur, hoc tam inexpectatum

### 356 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ bonum primò quidem Deo Optimo Maximo,  
 „ tum verò Beatitudinis Tuæ meritis jure esse re-  
 „ ferendum. Venio nunc ad litteras, ac Legatio-  
 „ nem Beatitudinis Tuæ. Ego vero, Sanctissi-  
 „ me in Christo Pater, ac Beatissime Domine,  
 „ posteaquam ipse mecum rem omnem diligenter  
 „ consideravi, atque prout sanè tanti negotii à me  
 „ dignitas, ac magnitudo postulabat, cuncta ma-  
 „ turo consilio perpendi, ad ejusmodi expeditio-  
 „ nem libentissimo animo conspirandum mihi esse  
 „ constitui; cùm propter ipsius rei splendorem,  
 „ & amplitudinem (utpotè cùm hîc totius Chris-  
 „ tianæ Reipublicæ salus agatur) tum etiam, ut  
 „ prompto, magnoque animo paream Sanctissi-  
 „ mo Christi Domini Vicario. Cui quidem ego  
 „ Vicario me præter cæteros omnes sane pluri-  
 „ mum debere intelligo, & propter maxima, quæ  
 „ ille in me benigne contulit beneficia, & ob  
 „ summam ejus in me benevolentiam; tum deni-  
 „ que ne forte cuiquam Christiano Principi veni-  
 „ ret in mentem suspicari, utcunque velle me ex-  
 „ emplo meo, vel minimam occasionem dare, ut  
 „ nonnulli ab hoc Sanctissimo jungendo fœdere  
 „ aliquando possint retardari. Quòd si Potentis-  
 „ simi Dei clementiâ res fuerit eò loci, ut cæte-  
 „ ri Christiani Principes gloriosissimam hanc ex-  
 „ peditionem simul aggredi decernant; polliceor  
 „ ego, & constanter affirmo (quamquam utpo-  
 „ tè in extremis terrarum finibus à Turcarum Im-  
 „ perio

„perio longissime absim) velle me primum in hanc  
„sacri belli societatem adscribi, ipsique expeditio-  
„ni præsentem interesse. At licet id belli jam fe-  
„licissime instituti, si privata commoda respicia-  
„mus, non tam ad me, quàm ad alios Christia-  
„nos Principes pertinere videatur; quippe quo-  
„rum regnis sibi propinquioribus maxima damna  
„Turcæ olim intulerint, maioraque sint indies  
„illaturi, nisi impiis illorum conatibus obsistatur:  
„tamen quando tanti refert Christianæ Reipubli-  
„cæ istos scelestos hostes è medio tolli, ut nul-  
„la mayor hoc tempore nobis incumbere neces-  
„sitas possit; cumque id bellum sit Sanctæ Eccle-  
„siæ causâ susceptum, cujus gubernacula pro sua  
„providentia Deus Optimus Maximus hoc infe-  
„licissimo tempore tradidit Beatitudini Tuæ; at-  
„que ego, cum res ipsius Ecclesiæ, ac Sancti-  
„tatis Tuæ æque, ac meas, vel gravi fortuna-  
„rum mearum, sive etiam vitæ cum detrimento  
„defendere debeam; sacrosanctæ huic societati,  
„& me ipsum, & fortunas, & opes meas, seu  
„quæ in Lusitania, seu quæ mihi sunt in India,  
„sponte mea offero, devoveoque, modò res eo,  
„quo dixi, loco sint. Atque hæc, ut Ecclesia  
„Christi Domini, ac Salvatoris nostri tot, tan-  
„tisque tempestatibus, atque immanissimæ tyran-  
„nidis æstibus conflictata, in tuto, ac tranquil-  
„lo libertatis portu aliquando tandem conquies-  
„cat: ut proinde Sanctissima Jerosolymitana Do-  
„mus

„ mus pretiosissimo Redemptoris nostri sanguine  
 „ resperfa , pristinum in statum , ac dignitatem  
 „ suam vindicetur : ut denique Christianorum in  
 „ Europa , in Asia , & in Africa summo sævæ  
 „ tyrannidis oppressæ scelere provinciæ , demum  
 „ à tam intolerabili servitutis jugo liberatæ divi-  
 „ num cultum , & honorem Christo Deo , ac Do-  
 „ mino nostro tribuere , & quam debent sacro-  
 „ sanctæ Sedi Apostolicæ , Romanæque Ecclesiæ  
 „ observantiam præstare queant. Interim igitur  
 „ dum optimi istius rerum status cogitationes ipsos  
 „ recreat , & consolatur , dumque hoc faustum  
 „ initium optimos successus pollicetur , novum  
 „ quiddam aliud nobis sese offert decernendum.  
 „ Nam etsi res Indiæ eo loco sunt hoc tempo-  
 „ re , ut cunctis perfidis Regibus continenter in  
 „ eâ conjurantibus , magis quàm cætera loca sub-  
 „ sidiis indigeant ; nihilo seciùs nos diligentissime  
 „ mandabimus , ut ingens classis adornetur , &  
 „ commeatibus , & veterano milite , bellisque in  
 „ Turcas gerendis assueto , egregie communiatur :  
 „ quâ quidem classe ad mare rubrum hostem ag-  
 „ grediantur. Cui sane rei si clementissimus Deus ,  
 „ uti speramus , aspiraverit ; maximo id sanctæ  
 „ huic societati erit adjumento. Enim vero cùm  
 „ Reges Arabum dira Turcarum tyrannide pre-  
 „ mantur , in eo potissimum laborant , ut à cervi-  
 „ cibus suis gravissimum illud servitutis jugum ex-  
 „ cutiant ; quippe qui jam ab illis defecerint ,  
 „ ali-

„ aliquotiesque terrestri commisso prælio victores  
„ evaserint : sed tamen navalibus pugnis congre-  
„ diendi , aut certè navibus , ne suppetiæ feran-  
„ tur hostibus , impediendi , haud pares vires ha-  
„ bent. Itaque , & nostro fœdere , & à nobis ex-  
„ pediendâ classe ipsi vehementiùs incitati , divi-  
„ noque auxilio præmuniti , hostilibus minis , ac  
„ terroribus contemptis stabunt à nobis. Hac  
„ enim classe Turcarum portus , atque perfugia,  
„ quæ sunt maritimis in illis oris , permittente Deo ,  
„ conflictabuntur. Hac classe deinceps interclu-  
„ detur aditus eorum navibus , quibus pretiosissi-  
„ mis mercibus , orientalibusque divitiis onustis  
„ tyrannicum imperium suum ditare consueve-  
„ runt. Hac classe fiet , ut in posterum illis fa-  
„ cultas omnis eripiat<sup>r</sup> habendi remiges , alios-  
„ que homines navigandi peritos , & exercitados ,  
„ quos ille Tyrannus ad classium suarum usum ,  
„ vel ex Arabia solet evocare ; quorum etiam  
„ hoc tempore , ob gravissimam acceptam cla-  
„ dem , summa laborat inopia. Tanta scilicet est  
„ in Arabia hujus generis hominum copia , ut fere  
„ omnes , quorum servitio in navigationis utun-  
„ tur Lusitani , Arabes sint. Hujus præterea clas-  
„ sis ope maximum illud Ætiopum Imperium ,  
„ cujus salus , & restitutio continenter sollicitat<sup>r</sup>  
„ Beatitudinem Tuam , quodque Turcæ sæpiùs  
„ invaserunt , ac pro eâ qua ejus potiundi ( quod  
„ omninò Deus avertat , id enim magno Christia-  
„ næ

„næ Religioni esset incommodo) spe, & cupi-  
 „ditate flagrant, inflammati, animis insolescunt,  
 „divina favente clementia, respirabit; atque ad  
 „Sanctæ Ecclesiæ Dei præstandam obedientiam  
 „excitabitur. Præter hæc autem hoc toto Lu-  
 „sitano Regno militem, munitiones, commea-  
 „tum, naves, & omnia quibus ad instruendam  
 „classẽ opus fuerit, confestim imperabimus: ut  
 „id subsidii, vel ex toto, vel ex parte, sanctæ  
 „huic belli societati opem queat afferre, ni for-  
 „te necessitas aliqua, cui non obtemperari non  
 „posset, id nobis consilii præpediret; aut Lu-  
 „therani, aut etiam Africani Saraceni colligerent  
 „copias, quibus copiis nos obsistere oporteret.  
 „Id quod accidit hoc ipso anno. Etenim cum  
 „ipsi Lutherani validissimam sexaginta, aut sep-  
 „tuaginta navium classẽ ædificavissent, qua fu-  
 „renter has Occidentis oras, imprimisque Lusit-  
 „anos dirigere, & vexare moliebantur, ubi clas-  
 „sem nostram ad bellum gerendum expeditum ef-  
 „se cognoverunt, perniciosam illam cogitatio-  
 „nem statim abjecerunt, atque inde factum, ut  
 „eorum è faucibus ingens præda sit erepta. Nam  
 „si malo aliquo fato contigisset, & istæ ex Orien-  
 „te, Occidenteque profectæ naves, utriusque  
 „Indiæ divitiis onustæ, quas ipsi spe quadam,  
 „& cogitatione devoraverant, eorum in potes-  
 „tatem devenissent, facile cruento bello Chris-  
 „tianam Rempublicam afflictere potuissent. Hac  
 „nos

„ nos adducti necessitate , & verò quoniam Lu-  
„ dovicus de Torres serò admodum Beatitudinis  
„ Tuæ mandata retulit , exacto vere proximo ,  
„ id quod vehementer optabamus , sanctæ isti so-  
„ cietati auxilium mittere nequivimus. Quod si  
„ etiam rerum difficultate coacti hoc anno pari-  
„ ter classem in id belli subsidium mittere non po-  
„ tuerimus ; curabimus tandem , ut aliquo saltem  
„ numero navium , præter eas , quæ in mare ru-  
„ brum derigentur ex Indiis , fœderatorum classi-  
„ bus opem feramus. Quod autem ad matrimo-  
„ nium attinet , narro tibi , Sanctissime in Christo  
„ Pater , ac Beatissime Domine , nos id , quemad-  
„ modum , vel quam sustinemus personæ digni-  
„ tas , vel etiam hujus Regni nostri honor , &  
„ salus postulabat , adhuc tractavisse. Sed nunc  
„ maximè Reverendus Cardinalis Alexandrinus  
„ eâdem super re Beatitudinis Tuæ nomine me-  
„ cum sermonem contulit. Quod quidem Sancti-  
„ tatis Tuæ jussu fecisse illum cognovimus , non  
„ solum , ut vel rebus nostris optimè consuleres ,  
„ Regiique nominis nostri rationem haberes , vel  
„ ut summam tuam in nos charitatem , atque cle-  
„ mentiam plenius omnes agnoscerent , vel deni-  
„ que ut posteris nostris tantæ , imprimisque me-  
„ morabilis rei testimonium relinqueres ; sed etiam  
„ eò ampliùs , ut per ejusmodi occasionem affli-  
„ ctis Galliæ rebus , cujus salus tibi dies , noctes-  
„ que ob oculos obversatur , opem ferre tua pos-



### 362 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ set Beatitudo : idque ut ea Provincia aliquando  
 „ tandem pristinum in statum restituatur , atque  
 „ in posterum conservetur incolumis : atque ideo,  
 „ ut Christianos Reges omnes , quorum quidem  
 „ mutua benevolentia , charitasque magis , ac ma-  
 „ gis indies refrigerari videtur , ad Christianæ pa-  
 „ cis , & concordiae se vinculis jungendos ac-  
 „ cenderes , atque inflammares. Hinc verò , San-  
 „ ctissime Pater in Christo , ac Beatissime Domi-  
 „ ne , Sanctitas Tua confidit fore , ut Sacrosan-  
 „ ctæ huic , quæ adversus crudelissimum Tyran-  
 „ num , Christianique nominis hostem conflatur ,  
 „ societati prospera cuncta , faustaque sint even-  
 „ tura. Quæ quidem omnia cum ita revera sese  
 „ habeant , cognoverimusque non solum à Beati-  
 „ tudine Tua , sed etiam ex aliorum cum sermo-  
 „ nibus , tum litteris Christianissimi Galliae Re-  
 „ gis sororem maximis , clarissimisque virtutum  
 „ ornamentis ita fulgere , ut ea jure optimo no-  
 „ bis placare possit ; faciendum esse decrevimus ,  
 „ ut ea de re cum eodem Cardinali Alexandrino  
 „ apertiùs ageremus , idque negotii ipsius in ma-  
 „ nu poneremus , ut ipse Beatitudinis Tuæ nomi-  
 „ ne , cum primùm pervenerit in Galliam , quò  
 „ nunc ab ipsa Legatus contendit , eadem super  
 „ re loquatur cum Oratore nostro ibidem agente.  
 „ Quod si Gallicæ res , quoad negotium attinet ,  
 „ eo loco fuerint , ut salvâ , & auctoritate , &  
 „ existimatione nostra , de iis agi posset videatur ;  
 „ tunc



„ tunc solùm ad præpotentis Dei honorem, &  
„ gloriam, ad Sanctæque Matris Ecclesiæ salu-  
„ tem, & tutelam, atque ad Christianorum Prin-  
„ cipum inter se concordiam, & pacem retinen-  
„ dam libenti animo feram, ut hujusce matri-  
„ monii, affinitatisque vinculis Beatitudo Tua me  
„ obliget, atque devinciat. Enim verò si un-  
„ quam antea, nunc certe commodissima, atque  
„ opportunissima sese offert occasio, quâ Christia-  
„ ni Principes suam in Deum pietatem, propen-  
„ samque ad officia promerenda voluntatem, at-  
„ que in Ecclesiam Catholicam amorem mortali-  
„ bus optime declarare queant. Nunc enim præ-  
„ clarissima datur opportunitas Christianam Rem-  
„ publicam non tutandi solùm, sed etiam ampli-  
„ ficandi. Nunc aditus patet ad gloriosum Chris-  
„ ti Dei, & Domini Nostri sepulchrum, cæte-  
„ raque amplissima divinæ suæ in nos charitatis  
„ monumenta pristinum in statum, & honorem  
„ restituenda. Nunc optata nobis tribuitur facul-  
„ tas, quâ immanis illius, atque importunissimæ  
„ belluæ feritatem, nefariosque conatus reprime-  
„ re, ac labefactare facile possimus. Nunc egre-  
„ giam nobis desert Deus commoditatem debi-  
„ tas à sceleratissimo tyranno pœnas sumendi.  
„ Ad hanc porro tam illustrem, tam gloriosam,  
„ Christianisque Principibus tantopere dignam ex-  
„ peditionem nos clementissimus Deus adhorta-  
„ tur, hac ipsa gloriosissima concessâ victoria cum

### 364 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„arrhabone , certissimaque spe , foro ut inde  
 „triumphos omnes agamus. Deus immortalis !  
 „Vos nunc appello Reges , ac Principes Chris-  
 „tiani , quousque tandem per dissensiones nos-  
 „tras , ac temeritatem fieri patiemur , ut sordidis-  
 „simis Turcarum pedibus conculcentur ea loca ,  
 „quæ Sacratissimo Jesu Christi Dei , & Domini  
 „nostri madefacta sunt sanguine ? Hæc , hæc ,  
 „inquam , sunt bella Domini , hæ veræ , Chris-  
 „tianoque nomine dignæ expeditiones. Cum  
 „igitur ad has conficiendas nuptias , Christi Do-  
 „mini , ac Liberatoris nostri Sponsæ , & salutis ,  
 „& libertatis studio moveamur ; ac licet nobis  
 „persuasum sit Christianissimum Gallorum Re-  
 „gem fratrem nostrum in hoc sanctissimo fœdere  
 „ita se gesturum , uti antea in rebus ejusmodi  
 „perpetuò se gessit ; atque ad rem Christianam ,  
 „& tutandam , & etiam augendam , eam cha-  
 „ritatem adhibiturum esse , ac pietatem , quam  
 „maiores ejus semper contulerunt , ex quo etiam  
 „Christianissimorum Regum sibi nomen pepere-  
 „runt : tamen ut huic Regi nonnullam optimæ  
 „nostræ in eum voluntatis significationem demus ,  
 „universoque declaremus orbi , quanti faciamus ,  
 „& affinitatem illius , & etiam totius Ecclesiæ  
 „Catholicæ conservationem ; nos sane amplissi-  
 „mæ , atque opulentissimæ dotis loco ponemus  
 „si hanc ipse nobiscum belli societatem coire vo-  
 „luerit , unàque nobiscum in hunc Christianæ  
 „Rei-

„ Reipublicæ , omniumque salutis hostem infes-  
„ tissimum conjurare. Sanctissime in Christo Pa-  
„ ter , & Beatissime Domine , Deus Optimus Ma-  
„ ximus Beatitudinem Tuam diutissimè servet in-  
„ columem ad nostrum , totiusque Christianæ Rei-  
„ publicæ utilitatem. Datum Olisipone XIII. Ka-  
„ lend. Januarii M.D.LXXI.

33 Satisfeito o Cardeal Alexandrino com a feliz conclusão da sua Embaixada , se despedio delRey com ternissimas expressões de agradecimento , pela veneração , que da sua soberana pessoa recebera como Legado da Sé Apostolica , e pela profusa generosidade , com que fora hospedado , e toda a sua numerosa comitiva. O Cardeal D. Henrique o acompanhou até o bargantim , em que partio para Aldea Gallega a 23 de Dezembro , onde praticaram mutuamente os ultimos obsequios. Foy conduzido até a raya de Castella por D. Conflantino de Bragança ; e chegando à Corte de Madrid , onde se demorou poucos dias , passou a Pariz , e tratando dos desposorios do nosso Monarca com a Infanta Margarida de Valois , irmã de Carlos IX. se não effeituou , por estar já destinada para consorte do Principe de Bearne Henrique de Borbon , aquelle heroico Marte , que da propria espada formou o Sceptro para ser adorado entre os Monarcas Francezes.

## CAPITULO VII.

*Continua o Hidalcaõ o sitio de Goa, donde depois de varios successos o levanta com igual perda de gente, que abatimento da sua soberba.*

1571

34 **N**Aõ podendo tolerar o Hidalcaõ, que a mais illustre porçaõ do seu Princi-

pado, qual era a Ilha de Goa, fosse dominada pelos Portuguezes, de cuja antiga posse privara a seus antepassados aquelle animado rayo o grande Affonso de Albuquerque, se resolveo a recuperaralla, avistando os seus muros a 6 de Janeiro deste anno de 1571. Para fim de empresa taõ gloriosa marchou acompanhado do apparatus militar de cem mil combatentes, que se formavaõ de diversas nações, como eraõ Mogores, Rumes, Panseos, Caracores, Laiz, e Abexins, com varios aventureiros atrahidos da cobiça dos despojos, e da fermosura das Damas de Goa. Distinguiã-se entre os Capitães Hener Maluco, genro de Noricaõ, Rumecaõ, e Daliticaõ, a cuja disciplina estava comettido o governo do exercito, igualmente numeroso, que formidavel, pois além de setenta e cinco mil Infantes, e trinta e cinco mil cavallos, se augmentava o seu horroroso apparatus com dous mil elefantes, e trezentas

*Chega o Hidalcaõ a sitiar Goa, e de que constava o seu exercito.*

zentas e cincoenta peças de artilharia de grandeza taõ extraordinaria, que lançavaõ pelouros de sete palmos e meyo de circunferencia, e de trezentos e vinte arrateis de pezo.

35 Alojado o inimigo pela dilatada planicie dos campos circumvisinhos representava huma populosa Cidade permanente, e naõ errante, sendo a sua primeira operaçaõ levantar varias estancias com valos, e trincheiras, divididas em tal fórma, que mutuamente concorressem para a expugnaçaõ. Occupava Rumecaõ de huma parte, e Cogercaõ de outra a passagem do rio com tres mil cavallos, cento e trinta elefantes, e nove peças de artilharia. Noricaõ com Hener Maluco assistiaõ fronteiros à Ilha de Joaõ Lopes com sete mil cavallos, cento e oitenta elefantes, e oito peças grandes. Camilcaõ, e Deleticaõ se alojaraõ no Paço de Benafterim com nove mil cavallos, duzentos elefantes, e trinta e dous canhões; e na parte superior a Benafterim Soleymaõ Agá com mil e quinhentos cavallos, e duas peças de campanha. Estava defronte do Sapal Xatiarvataõ com mil e quinhentos Ginetes, seis elefantes, e seis bombardas. Dominavaõ o Paço de Agacaim Xatiatimanayque, Chiticaõ, e Codemecaõ, assistidos de nove mil cavallos, duzentos elefantes, e vinte e seis peças de artilharia.

Disposiçaõ do exercito para o sitio,

36 A este numeroso exercito, que podia causar terror ao animo mais destemido, estava observando

### 368 *Memórias del Rey D. Sebastião,*

*Affiste o Vice-Rey em a Fortaleza de Benasterim,*

servando com semblante inalteravel o insigne D. Luiz de Ataide, e como conhecesse, que o primeiro intento dos inimigos era impedir a corrente do rio, para lhe ser facil a entrada na Ilha, mandou a D. Pedro de Castro, Miguel de Castro, Fernando de Vasconcellos, e Diogo Barradas, com tres peças de campanha, que dertubassem as maquinas, que os barbaros tinhaõ com incrível trabalho fabricado, cuja ordem executaraõ com igual promptidaõ, que valentia, lançando pelas correntes do rio a faxina, e instrumentos com que o inimigo pertendia conseguir a passagem. A Fortaleza de Benasterim por estar proxima ao rio, foy a primeira, que experimentou a bateria, para a qual passou o Vice-Rey, deixando o Paço Seco comettido a D. Pedro de Almeida, Capitaõ experimentado, por querer assistir em a parte em que era mais evidente o perigo. Como o sitio, onde se alojaraõ os inimigos, era superior à Fortaleza; cahio huma das torres, e parte da Igreja de Santiago ao violento impulso das balas, disparadas com taõ incessante movimento, que sómente das que passaraõ por elevação excederaõ o numero de seiscentas de cinco palmos de circunferencia, que cahiraõ na fortificação de André de Mendoça, distante de Benasterim hum tiro de bombarda. Para reparo das muralhas demolidas mandou o Vice-Rey fabricar hum muro de madeira terraplenado, contra o qual  
assesta.

assestaraõ os barbaros mayor bataria, que sem interpoção jogava de dia, e noite.

37 Não correspondia o effeito ao ardor com que os inimigos anhelavaõ a nossa ruina, antes como os Portuguezes eraõ practicos em os passos da terra, e do rio, sahiaõ muitas vezes, quando se lhes offerencia occasiaõ opportuna, e privavaõ a huns da vida, e a outros da liberdade. Nestes assaltos mereceo distincta memoria o feliz successo, que conseguiraõ D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, e D. Pedro de Castro, entrando pelo rio com seis navios pequenos, e descendo a terra, se travou hum a escaramuça taõ sanguinolenta, que das cabeças dos inimigos carregaraõ os dous victoriosos Capitães dous carros, que o Vice-Rey mandou aos Cidadãos de Goa, para alivio do susto, a que os tinha reduzido taõ formidavel cerco. Não foy inferior no valor, e felicidade a acção, que obrou Lançasote Picardo com sete Capitães, e cento e trinta Soldados, assaltando intrepidamente no silencio da noite as estancias inimigas, onde foraõ mortos innumeraveis Mouros, passando grande parte do somno temporal ao eterno. Como se fossemos expugnadores, e não expugnados, se repetiaõ os assaltos contra os inimigos, provocando-os a choques, e combates, em que a fortuna estipendiaria das nossas bandeiras nos concedia repetidas victorias.

Successo glorioso, que alcançou D. Jorge de Menezes com D. Pedro de Castro.



## 370 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Astúcias do Hidalcão contra os cercados.

38 Irritado o Hidalcão do infructuoso progresso das suas armas, julgava por injuria da Magestade, que lhe disputasse a conquista de Goa a obstinada resistencia de tão poucos defensores; e para diminuir-lhe as forças com a diversão de nova guerra, mandou grande copia de dinheiro, e de Soldados à Rainha de Garcopa, para se declarar contra o Estado pela parte de Onor, a tempo que persuadia aos Reis da Costa do Canará, que nos invadissem pela parte de Bracellor, de cuja malevola astucia sendo certificado D. Luiz de Ataide, evitou com prevenidos soccorros a sua execução. Sabendo este Heroe, que o Hidalcão desvanecido com a propria grandeza, determinava entrar montado a cavallo em Goa, para nella receber as acclamações honorificas de Conquistador, lhe enviou por Antonio Mendes de Castro hum cavallo, digno da sua Pessoa, significando-lhe pelo portador, que elle com summo jubilo esperava receber por hospede a hum dos mayores Potentados da Asia. Recebeo o Hidalcão com benigno aspecto o presente, posto que esteve indifferente em accettallo, por não receber o portador instruido pelo Vice-Rey a satisfacção do donativo. Continuavaõ os combates de huma, e outra parte, em que sempre o valor Portuguez triumphava da barbara multidão.

39 Para impedir os mantimentos, que se conduziaõ ao campo do inimigo, entrou Antonio



nio Cabral com quatro fustas no rio de Chaporã, e penetrando a terra com cincoenta homens, abrazou quatro Aldeyas, e cincoenta navios de carga, de que recolheu abundantes despojos. Neste tempo se coroou com igual triumpho D. Paulo de Lima em Rachol, reduzindo a cinzas duas povoações, e cativando seus moradores. Era preciso assentar no Paço de Benasterim huma peça de extraordinaria grandeza: porém a inundação de balas, que chovia do arrayal inimigo, intimidava aos nossos para a sua condução. O Vice-Rey para communicar espiritos aos Soldados tímidos, lançou mão a hum calibre para conduzir o canhão, quando huma bala lhe tocou levemente o braço esquerdo, e rasgando-lhe o vestido lhe não deixou a menor lezaõ. De outro mais fatal perigo o livrou a Divina protecção, pois estando na Igreja de Santiago cahio a mayor parte do tecto com o impulso da artilharia, e acudindo com prompta fidelidade Manoel de Sousa Coutinho, a receber na sua pessoa a ruina, em que certamente ficava sepultado o Vice-Rey, este lhe increpou a acção, como sentindo, que houvesse quem lhe roubasse a gloria de sacrificar a vida em obsequio do seu Soberano.

De dous graves perigos he livre o Vice-Rey.

40 Quanto mais se dilatava o cerco, tanto mais se diminuia o orgulho do Hidalcaõ, ponderando com animo penetrado de desesperação os estragos recebidos de tão poucos Soldados con-

Chegarão as Armadas de D. Diogo de Menezes, e de Luiz de Mello da Sylva a soccorrer os sitiados.

tra hum exercito formidavel pelo numero de combatentes, e de instrumentos militares. Receava prudentemente, que não poderia reduzir à sua obediencia huma nação vangloriosa com os triumphos alcançados por D. Diogo de Menezes de toda a Armada do Malabar, e de Luiz de Mello da Sylva, victorioso do poder naval do Achem no rio Férmoso, cujas esquadras tinhaõ chegado a Goa para soccorro dos sitiados, e fatal ruina dos expugnadores. Estes pensamentos lhe inquietavaõ com tanta vehemencia o animo, que vacillante entre a guerra, e a paz, não determinava se havia de continuar huma, ou pedir outra.

São mortos tres mil inimigos.

41 Animado o Vice-Rey com a chegada das duas victoriosas esquadras, e juntamente com o grande estrago padecido pelos inimigos em sitio tão prolongado, que já passava de tres mezes e meyo, continuou na defenſa de Goa, onde havia deixar sepultada a arrogancia do Hidalcaõ. Depois de desbaratar Antonio Fernandes de Chale com cento e vinte homens a tres mil barbaros, que resolutos entraraõ na Ilha de João Lopes fronteira a Goa, insistindo os inimigos em entupir o rio para fazer passagem à Cidade, ao tempo que tinhaõ concluido metade da obra, forãõ acomettidos por ordem do Vice-Rey no silencio da noite pela parte onde estava aquartelado o Hidalcaõ, sendo o instrumento desta facção Manoel Dias Picoto com seis navios, o qual saltando

tando em terra fez tão repentino destroço em os expugnadores, que quasi todos foraõ mortos, e derrubada a maquina, que lhe tinha custado tanto trabalho. Semelhante desgraça experimentaraõ em outras partes pelos Capitães Damiaõ de Sousa, D. Antonio de Castro, Joaõ Gomes da Sylva, e Martinho de Vasconcellos, naõ havendo lugar proximo; ou distante, que naõ sentisse os effeitos do furor Portuguez.

42 O Nizamaluco confederado do Hidalcaõ, considerando a lentidaõ com que procedia no cerco de Goa, o increpou, que della nascia a pertinacia com que se defendia Chaul, que elle estava cercando, de cuja reprehensãõ estimulado o Hidalcaõ, resolveo passar a Goa com todo o poder militar, para que de hum golpe cortasse todos os obstaculos, que lhe impediaõ o rendimento de huma Cidade, afrontoso escandalo das suas armas: e para testemunho, e desengano desta facçaõ levou ao Embaixador do Nizamaluco. No quarto da Alva do dia 13 de Março sahiraõ embarcados em almadias cinco mil Mouros pela Ilha de Mercantor, distante duzentas legoas do continente de Goa, contra os quaes ordenou o Vice-Rey desembarcar trezentos homens, capitaneados por Luiz de Mello, e D. Fernando de Monroy, com outra gente capaz de vadiar o rio. Principiou-se o combate com furiosa resoluçaõ dos barbaros, animados com a presença do seu Prin-

*Investe Goa o Hidalcaõ com cinco mil Mouros, dos quaes saõ tres mil mortos.*

### 374 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Principe, e depois de se pelejar de ambas as partes com incrivei ardor, desordenados os inimigos deixaraõ para testemunha da nossa victoria, e do seu estrago tres mil mortos, e seiscentos que fugitivos acabaraõ naufragantes. Nobilitou-se este glorioso successo com a morte de Solimar Agà, Capitão da Guarda Real, e com o cativoiro de Abdelmelic, cunhado do Hidalcaõ, e outros Capitães de distincção grande. Voltou o Embaixador ao Nizamaluco, representando-lhe mais com admirações, do que vòzes, ser Goa taõ inexpugnável, como Chaul seria à obstinada porfia das suas armas, pois os defensores de huma, e outra Cidade lhes tinha a fortuna concedido o privilegio de invenciveis.

43 Ao mesmo tempo que os Portugues triunfavaõ com taõ repetidas victorias de seus inimigos, receavaõ serem vencidos pela falta de mantimentos, e munições, que já se experimentava, cujo provimento fazia difficil o Inverno: porém naõ era poderoso taõ prudente receyo, augmentado com o estrago das muralhas, e incessante bataria dos canhões, para lhes diminuir a constancia, e esfriar o ardor, proseguindo os assaltos nas estancias dos inimigos, e impedindo, que fossem providos de armas, e mantimentos.

44 Seria já passada a mayor parte do mez de Julho, quando chegou noticia ao Vice-Rey de estar cercada pela Rainha de Garcopa com cinco

Cerca a Rainha de Garcopa a Fortaleza de Onor donde se aparta destrogada.

co mil Infantes, e quatrocentos cavallos a Fortaleza de Onor. Sem demora expedio duas galés, e oito fustas à ordem do Capitão Antonio Fernandes de Chale, o qual chegando no breve espaço de cinco dias acompanhado de gente militar de Onor, que defendia D. Jorge de Moura, acometteo aos inimigos pela frente, e retaguarda, com tal impulso, que fugindo tumultuariamente deixaraõ toda a artilharia, que conduziraõ para a conquista desta Fortaleza.

45. Desenganado o Hidalcaõ de não poder fugeitar ao seu dominio a Cidade de Goa, combatida taõ vigorosamente por tantos instrumentos bellicos, e Soldados animosos, em o largo espaço de dez mezes, cuja dilaçaõ, sendo immortal gloria dos cercados, era injuriosa confusaõ dos expugnadores, se retirou ao seu Reyno lançando em final de desesperaçãõ o turbante da cabeça, e blasfemando do seu Profeta. Para memoravel padraõ do valor Portuguez em taõ glorioso cerco foraõ cortados a ferro, consumidos em fogo, e sepultados em agua doze mil homens, trezentos elefantes, quatro mil cavallos, e seis mil boys, sendo o arbitro de taõ illustre triunfo, mayor que todos, que celebrou a antiguidade nos Fastos Gregos, e Romanos o insigne Heroe D. Luiz de Ataide, de cujos espiritos animada a Cabeça do nosso Estado, abateo, confundio, e desbaratou a armada arrogancia dos mayores Potentados da Asia.

Levanta o sitio o Hidalcaõ com grande perda do seu exercito.

CAPITULO

## CAPITULO VIII.

*Chega o Nizamaluco a avistar Chaul acompanhado de formidavel exercito, e das primeiras operações do sitio, que poz a esta Cidade.*

1571

46 **S**Epultada com tanta gloria do nome Portuguez a soberba do Hidalcaõ de baixo dos muros da Cidade de Goa, experimentou semelhante fortuna, ao mesmo tempo em os de Chaul a arrogancia do Nizamaluco, não sendo poderosa a colligada potencia destes dous tão formidaveis barbaros para esbulhar aos Portuguezes da antiga posse de vencedores. Contava o Nizamaluco vinte e dous annos de idade, havendo já cinco, que reynava por astucia de sua mãy; era de estatura pequena, membros robustos, olhos vivos, a côr parda, e a condiçaõ affavel, inclinado à guerra, e naturalmente valeroso. O exercito que conduzia, constava de cento e vinte mil Infantes, em que entravaõ doze mil bombardeiros, e frecheiros, dezoito mil gastadores, trinta e quatro mil cavallos, trezentos e sessenta elefantes com muitos bufaros, e boys, e quarenta canhões, entre os quaes era o mayor, que lançava balas de pedra de sete palmos e meyo de circumferencia,

*Pereir. Vid. de D. Luiz de Ataid, liv. 2. cap. 14.*

*De que gente se formava o exercito do Nizamaluco,*

*Parte III. Livro II. Cap. VIII. 377*

cunferencia, e de trezentos e vinte arrateis de pezo. Quatro mil officiaes de diversas nações, experimentados na arte militar, governaraõ o immenso numero de tantos Soldados, que obedientes às suas ordens promptamente executavaõ as mais arduas, e difficultosas emprezas. Foy recebido o Nizamaluco com festivas demonstrações de todo o exercito, ardendo continuos fôgos em quanto durava a noite, armando-se para habitação da sua pessoa huma magestosa tenda em o monte do Agao, fronteiro da Cidade de Chaul. Ao dia seguinte distribuirãõ os inimigos as estancias alojando-se o General Faretecaõ junto da Ermida da Madre de Deos com sete mil cavallos, e duzentos elefantes, donde lançou huma trincheira pelo campo de S. Sebastião até o Paço de cima da Cidade, em que estava Calufcaõ, Capitaõ Abexim, com seis mil cavallos, e Ximiricaõ com dous mil em as casas de Diogo Lopes, ficando por este modo cercada a Cidade de mar, a mar. Infestavaõ ao mesmo tempo Baylimacaõ, e Farate Maluco com quatro mil cavallos as terras de Baçaim, vendo-se no contorno de duas legoas occupados de huma, e outra parte todos os lugares circumvisinhos a Chaul de tendas, estancias, e munições dos inimigos.

47 Toda esta multidão de homens, brutos, e instrumentos militares se conspirava contra huma Cidade, cujas muralhas eraõ de taypa, a

Tom.III.

Bbb

For.

Castilho *Comm. de Goa*, e  
*Chaul*, fol. 30. vers.



### 378 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Como se dispuzeraõ os nossos para sustentar o cerco, e defender a Fortaleza.

Fortaleza huma casa, e os defensores taõ poucos, que a cada hum correspondiaõ quinhentos barbaros. Animavaõ aos cercados D. Francisco Mascarenhas, e Luiz Freire de Andrade, Capitão da Fortaleza, para naõ recear o excessivo numero dos expugnadores, porque a justiça da causa porque peleijavaõ, lhes havia conceder a mais gloriosa victoria. Para que as trincheiras naõ pudessem ser entradas sem escadas, as levantaraõ a mayor eminencia, e repartiraõ os Soldados por vinte estancias, conforme o sitio, e a necessidade os ensinava, começando desde a Rosa, que corria junto da Fortaleza velha até à Costa brava, que sahia ao Convento de S. Domingos. Foy nomeado Aleixo de Sousa, irmão do Capitão da Fortaleza, que tinha dado da sua militar disciplina singulares argumentos, para sustentar o presidio do Convento de S. Francisco. Defendiaõ algumas casas situadas na praya Nuno Alvares Pereira, que em o nome trazia vinculada a victoria, Nuno Velho Pereira, D. Gonçalo de Menezes, Manoel Pereira de Lacerda, Heytor de Sampayo, e Luiz Xira Lobo.

Succesõ infeliz; que padece Noricaõ em hum assalto.

48 Para desempenho da palavra, que tinha dado Noricaõ ao Nizamaluco de ser o primeiro que entrasse victorioso na Fortaleza de Chaul, a assaltou pela parte das estancias, que defendiaõ Henrique de Betancurt, e Fernando Pereira de Miranda; porém com taõ infeliz successo, que se



se retirou com morte de trezentos Soldados. Mayor foy a irrupção, que experimentou o presidio de S. Francisco, onde era taõ continua a bataria dos canhões, que se occultava a luz do dia com as densas nuvens do fumo, e se illuminavaõ as sombras da noite com o fogo vomitado por tantas bocas de metal, sendo taõ destra a pontaria dos artilheiros, que se encontravaõ no ar as balas expedidas do campo inimigo, e da nossa Fortaleza. Naõ permittiaõ os cercados o menor intervallo de descanso aos expugnadores, pois até nas horas destinadas para o somno os obrigavaõ a desistir das obras com que se chegavaõ ao presidio. Entre as sahidas ao campo merece distincta memoria o Capitão Sebastião de Sousa, acomettendo em 19 de Janeiro com fortuna igual ao seu valor a huma Fortaleza fabricada pelos inimigos, onde pereceraõ muitos à violencia do fogo, e do ferro.

*Ação gloriosa de Sebastião de Sousa.*

49 Irritado o Nizamaluco com este successo, ordenou, que em a noite seguinte se assaltasse o presidio de S. Francisco, por dous Capitães de valor conhecido. Acompanhados de cinco mil Lascarins acometteraõ por tres partes o presidio, onde se começou a disputar hum sangui-nolento combate; e posto que os barbaros eraõ heroicamente rebatidos para que naõ rompessem o muro, continuavaõ com feroz desesperação o assalto, até que soccorrido Nuno Velho com

*Perdem os inimigos cincoen-tos Soldados em outro assalto.*

quarenta arcabuzeiros por D. Francisco Mascarenhas, obrigou a que confusamente se retirassem os inimigos deixando trezentos mortos, e quinhentos feridos. Neste feliz successo he digno de eterna memoria Christovão Curvo de Sequeira, que examinando por tres vezes lançado fóra de huma fresta com huma tocha se os inimigos minavaõ a parede da Fortaleza, recebeo na rodella, e nas armas onze frechadas, sem padecer a menor lezaõ.

50 Depois desta derrota se affestaraõ por ordem do Nizamaluco duas peças grossas contra o mesmo presidio, cuja bataria pelo espaço de tres dias fez taõ espantoso estrago, que raro era o Soldado que não fosse ferido, ou sepultado em as ruinas de pedra, e madeira, de que se formavaõ os muros. Para se evitar este damno levantaraõ os nossos hum reparo, onde não sómente se conservavaõ illezos aos tiros dos barbaros, mas os precipitaraõ duas vezes com grande mortandade, e perda de muitas bandeiras, que já tinhaõ arvorado, obrigando-os a que com summa velocidade se recolhessem aos seus valos. A` felicidade desta acção se seguiu outra não menos gloriosa, pois sahindo os nossos a soccorrer aos seus companheiros dispersos no campo do combate passado, se accendeo outro mais furioso, a que concorreraõ varios Turcos, e Abexins, vestidos de armas brancas, contra os quaes prevaleceo o nosso

fo valor, e disciplina, matando a quatrocentos, quando dos nossos faltaraõ sómente seis.

51 Reduzido o Forte de S. Francisco a hum monte de estragos pela violenta, e continua impresse da artilharia, naõ podendo os seus heroicos defensores sustentar as vidas quasi sepultados em tantas ruinas, se deliberaraõ a largar hum lugar, cuja defenõsa era impossivel para presidar outro, em que os inimigos recebessem mayor damno, e elles merecida fama. Certificados os Mouros, de que tinhamos desamparado o Forte, entraraõ sem receyo de perigo; porẽm de hum revelim, em que ainda assistiaõ poucos Portuguezes, foraõ precipitados. Semelhante estrago padeceraõ os barbaros em mayor numero, pois combatendo em campo aberto com a nõssa gente pelo espaço de duas horas, fugiraõ descompostamente deixando regada a campanha de copioso sangue. Diminuio a gloria deste successo a infausta morte de D. Fernando de Menezes, neto de D. Henrique de Menezes, o Roxo, Governador da India, o qual na primavera dos annos se ornava com os frutos de valeroso, e prudente.

Largaõ os Portuguezes o Forte de S. Francisco.

Conto Detad. da Ind. VIII. cap. 26.

Morre em hum choque D. Fernando de Menezes.

52 Em toda a parte triunfava com igual fortuna o valor Portuguez, pois sendo acometida a Fortaleza de Caranja, situada entre Chaul, e Damaõ, de que era Capitaõ Estevaõ Pereestrello, por dous mil cavallos, e seis peças de artilharia, sahio

Triunfa Estevão Pereſtrelo  
dos inimigos , que vinhão  
cercar a Fortaleza de Caranja.

ſahio animoſo ao campo acompanhado de ſetenta Portuguezes , e ainda que foy advertido por Manoel de Mello Pereira , ſe não empenhaſſe na deſenſa de huma Fortaleza pouco importante ao Eſtado , e applicaſſe todas as forças na conſervação de Baçaim , deſprezou eſta advertencia como injurioſa ao ſeu credito , e inveſtindo improvifamente os quarteis dos inimigos os deſalojou com incrivel felicidade , deixando para ſinal da victoria as armas , e mantimentos , que conduziaõ para a conquista de Caranja. Tal foy a confuſão , que penetrou ao General deſta empreza , que para não ſer victima do furor do Nizamaluco , fugio para Cambaya com os principaes Soldados , que governava.

53 Arruinada a mayor parte das caſas , que ſerviaõ de antemural à Fortaleza de Chaul , pela inceſſante bataria dos canhões , não ſe podiaõ ſuſtentar as de Manoel Pereira , e Luiz Xira Lobo , pois como eſtavaõ ſituadas defronte da Cidade eraõ certo alvo das baterias inimigas. Antes de ſerem entradas pelos barbaros as de Luiz Xira , ſe fabricou huma mina por hum Condeſtabel Flamengo , que tinha ſervido na Praça de Dio. Ajudava a eſta obra o Sargento mór Manoel Rapoſo , o qual menos acautelado recolheo os barris de polvora , deſtinados para a mina , em hum armazem cheyo de munições , e artificios de fogo. Preſumindo os Mouros , que as caſas eſtavaõ

*Parte III. Livro II. Cap. VIII. 383*

estavaõ desamparadas , entraraõ nellas confiada-  
mente às nove horas do dia 18 de Fevereiro , a  
tempo que se estava fabricando a mina , e arvo-  
raraõ varias bandeiras em final de triunfo. Para  
os lançar fóra sahiraõ das tranqueiras D. Duarte  
de Lima , e Fernaõ Telles com muitos Soldados  
de distincção , e como os Mouros estavaõ na par-  
te superior , hum delles lançou huma panella de  
polvora contra os nossos , que ateando-se repen-  
tinamente em outras , se communicou o fogo aos  
barris , e caixões , que estavaõ para atacar a mi-  
na , de cujo fatal incendio foraõ abrazados qua-  
renta Portuguezes , sendo os de mayor distinc-  
ção Heytor de Sampayo , Duarte de Lima , Jor-  
ge da Cunha , Ayres Ferreira , Joaõ de Ornellas,  
Antonio de Sampayo , Luiz Xira Lobo , e Ma-  
noel Raposo , author de taõ infausto successo.  
Outros sahiraõ taõ denegridos do incendio , que  
seus amigos , e parentes , imaginando que eraõ  
Mouros os mataraõ , se com a voz naõ evita-  
sem taõ fatal perigo.

*Paria Asia Portug. Tom. 2.  
Part. 3. cap. 10.*

*Fatal estrago , que padeceraõ  
os nossos por causa do fogo.*

54 Altivos os barbaros com este successo , se  
animaraõ seiscentos a combater ao dia seguinte ,  
por ordem de Xiricaõ o baluarte da Cruz , que  
estava muito damnificado pelo impulso da arti-  
lharia. Eraõ vigilantes sentinellas distribuidos aos  
quartos Fernaõ Telles , e Fernaõ Pereira , e co-  
nhecendo do movimento dos barbaros a sua de-  
terminação , foraõ promptamente rebatidos ma-  
tando

*Assalto no baluarte da Cruz.*

### 384 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

tando a tres que tinhaõ entrado os entulhos ; e travando-se hum choque com os que acometteraõ os valos , soccorridos os nossos do Capitaõ mór , lhes tomaraõ cinco bandeiras , que atrevidamente intentavaõ fixar no baluarte , cahindo huns precipitados , e outros feridos. Mereceraõ nesta acção distincto louvor Henrique de Betancurt peleijando com a maõ esquerda , por ter perdido a direita em outro conflicto ; e Domingos do Alamo , que sentado , por ter abrazados os pés no incendio da mina , com hum lança fez horroroso estrago em os inimigos , morrendo neste assalto cento e cincoenta , dos quaes muitos pela côr branca eraõ Europeos.

Outro assalto , de que sabem destrogados os inimigos.

55 Por estarem apartadas das tranqueiras as casas de Nuno Velho Pereira , eraõ o principal alvo das armas inimigas , e como padeceraõ a bataria pelo largo espaço de quarenta e dous dias , estavaõ reduzidas a hum acervo de pedras. Ordenou Nizamaluco a Faretecaõ , que logo fossem acomettidos , e que se não apartasse sem as render à sua obediencia para castigo das afrontas , que lhe faziaõ seus defensores. No quarto da Alva se fez a invasão com quatro mil Soldados escolhidos , cuja barbara multidaõ foy rebatida por quarenta Portuguezes , que unicamente se achavaõ defendendo aquellas ruinas , donde como não se perdia golpe , nem tiro , se retiraraõ os barbaros confusos , e destrogados. Raioso o Nizama.

Nizamaluco com esta fatalidade, inflou com segundo assalto, mandando assaltar a artilharia contra a nossa Armada, da qual recebia gravissimo damno. Para facilitar o rendimento das casas fabricaraõ os Mouros humas paredes grossas como baluartes, a cujo designio se oppoz Agostinho Nunes com Gomes Ferreira, armando hum cavalleiro onde plantou hum salvagem, de cujas balas foy desbaratada a maquina dos inimigos. Os estrondosos eccos das batarias disparadas contra o Convento de S. Domingos eraõ taõ formidaveis, que tinhaõ despovoado o ar de aves, e o mar de peixes, servindo de despertadores aos Portuguezes para se conservarem constantes, e insuperaveis entre taõ horrorosa confusaõ.

56 Reduzidas ao ultimo estrago as casas de Nuno Velho, para que os inimigos se naõ senhoreassem dellas, sem grande perda, se fabricou huma mina, a qual ao tempo que os Mouros estavam celebrando com descompostas vozes a ventura da sua posse, rebentou com improvisa violencia, arrebatando a innumeraveis, com muitas bandeiras, entre as quaes estava huma, que tinha pintada a torpe figura de Mafoma. Passado o estrondo, e o estrago, acometteo o Capitão mór aos barbaros, que deixara vivos o incendio, e outros, que acodiraõ ao seu soccorro, e fez nelles taõ grande mortandade, que sómente Nuno Velho despojou a cincoenta da vida.

Morrem muitos barbaros  
abrazados em huma mina.

Tom.III.

Ccc

CAPL.



## CAPITULO IX.

*Continua o Nizamaluco o cerco de Chaul, o qual depois de varios assaltos se retira totalmente derrotado. Pede pazes ao Estado, que lhas concede, como ao Hidalcaõ. D. Antonio de Noronha chegando a Goa nomeado Vice-Rey.*

1571

57 **T**Aõ obstinado permanecia o Nizamaluco na conquista de Chaul, que o furor que lhe animava o peito contra os seus heroicos defensores, o reduzia a insensivel para se não penetrar dos estragos, e ruinas que tinha experimentado. Com o principio de Abril começou meditar novas operações, levantando diversas tranqueiras contra os cercados, que impacientes sahiraõ sem ordem do seu Capitaõ ao campo, e acomettendo aos inimigos por entre hum diluvio de balas, fizeraõ victimas das suas fulminantes espadas a cento e cincoenta, entre os quaes participou desta desgraca hum Capitaõ alentado, a quem era muito affecto o Nizamaluco.

São mortos cento e cincoenta inimigos.

58 Persuadido este barbaro, que a continuação do sitio tivesse quebrantado as forças, e diminuido os espiritos aos Portuguezes, posto que nunca contra elles prevalecera em tantos combates, e assaltos, determinou dar hum geral à Fortaleza,



taleza, para de huma vez extinguir os antegonistas da sua formidavel potencia. Para este fim foy batida no espaço de huma noite com cento e trinta e quatro tiros, até que ao romper da Alva conheceraõ os sitiados pelos rinchos dos cavallos, e urros dos elefantes, que o exercito marchava. Com incrível furor, e valerosa resolução, que lhes infundia a presença do seu Principe, investiraõ os barbaros as trincheiras, disparando huma continuada tempestade de balas, e settas, que cubriaõ os ares, que se fazia mais horrorosa com o som das trombetas, e confusão dos alaridos. Contra o baluarte de Santa Cruz dirigiraõ a primeira invasão, e como estivesse presidado por Fernão Telles, D. Henrique de Menezes, Fernão Pereira, e Henrique de Betancurt, foy tal a inundação de panellas de polvora, e outros instrumentos de fogo, que atemorizados com os relampagos, trovões, e rayos, desta marcial tempestade, se retiraraõ taõ confusos, como derrotados. Acomettidas outras estancias pelos barbaros, fahiraõ os Portuguezes como leões furiosos daquellas cavernas, que serviaõ de reparos à Cidade, e empregando a sua colera naquella barbara multidão, privaraõ da vida a quinhentos, entre os quaes foraõ muitos de distincta qualidade. Dos nossos sómente faltaraõ tres, sendo delles o mais lamentado João de Lima. Taõ altamente deixou penetrados aos inimigos a infelicidade desta

Acomettem os inimigos o baluarte de Santa Cruz onde são derrotados.

Repetem o assalto, em que morrerão quinhentos barbaros.

Tom.III.

Ccc ii

acção,

### 388 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

acção, que por muitos dias se não atreveraõ chegar à Fortaleza, satisfazendo a sua injuria com alguns tiros vagos.

Solicita o Nizamaluco huma  
diversão, e a não consegue.

59 Vendo o Nizamaluco o infeliz progresso das suas armas no dilatado sitio, que contra taõ formidavel poder sustentava a constancia Portugueza, solicitou com largas promessas, e terribes ameaças a alguns Principes seus confinantes; para que rompendo guerra aos Portuguezes, fossem constangidos com esta nociva diversão a diminuir o animo, e as forças, com que defendiaõ Chaul. Todas estas maquinas desfez a politica vigilancia de Alvaro Pires de Tavora, Capitão de Damaõ, prevenindo a ElRey de Sarcetas, que se não declarasse contra os Portuguezes, pois deste rompimento se poderia occasionar irreparavel damno aos seus Estados, cuja persuasão foy taõ efficaz, que quando chegou o Embaixador do Nizamaluco, lhe respondeo não ser conveniente à sua conservação o rompimento com os Portuguezes, de quem sempre recebera multiplicados beneficios.

He soccorrida a Fortaleza.

60 A este tempo chegaraõ de soccorro à Fortaleza duas galés capitaneadas por Ruy Gonçalves da Camera, e Manoel de Mello, com gente, e munições, enviada pelo Vice-Rey, a quem o ardor militar entre os cuidados da conservação de Goa, invadida pelo Hidalcaõ, lhe estava infundindo novos alentos, para se não esquecer da  
defensa

defensa de Chaul. A este soccorro se seguiu outro de quatorze embarcações com duzentos Soldados, que mandava Jorge Pereira, o qual desembarcando em Galeana, se lhe oppoz Famecão, Capitão Abexim, com mil e quinhentos Soldados, que sendo gloriosamente desbaratados com a morte de sessenta e dous, sem querer entrar na Cidade entregou à voracidade do fogo todo o seu arrabalde, em que foraõ consumidas preciosas mercadorias.

Triunfa Jorge Pereira do Famecão.

61 Desmanteladas todas as casas, que eraõ os propugnaculos da Fortaleza de Chaul, já os inimigos estavaõ taõ chegados a ella, que era domestica a guerra entre os cercados, e os expugnadores; e intentando estes em 11 de Abril entrar na Cidade por humas hortas, foraõ rebatidos vigorosamente por D. Gonçalo de Menezes, e Francisco Barradas. Segunda vez acometteraõ no silencio da noite, que por ser muito tenebrosa lhe facilitava o designio, onde se fortificaraõ com tal arte, que naõ poderaõ ser desalojados por Ruy Gonçalves da Camera, e os seus companheiros, que velozmente correraõ a soccorrer D. Gonçalo de Menezes. Favorecidos estes animosos Capitães com mayor numero de gente, ao romper da manhã cercaraõ as casas, em que estavaõ os Mouros: e posto que na entrada acharaõ forte resistencia de quinhentos, naõ escaparaõ cinco vivos, levãdo para final da victoria os Portugue-

Destroço grande do inimigo.

zes

zes cinco bandeiras, que tinhaõ os Mouros arvorado.

Ordens o Nizamaluco, se dê  
assalto geral à Fortaleza.

62 Desenganado o Nizamaluco da valerosa constancia, e invencivel valor, com que pelo largo espaço de nove mezes sustentavaõ os Portuguezes a Fortaleza de Chaul, contra o mais formidavel exercito, que tinha alistado o mayor Principe da Asia, se resolveo a applicar os ultimos esforços, com que ou se coroaße triumphante, ou se retirasse vencido. Para ver este horroroso espectáculo subio a hum lugar eminente, que estava proximo ao Convento de S. Francisco, ordenando, que ao brandir no ar huma lança, de que eslava pendente humia touca amarella, se desse o assalto geral. Era o dia consagrado às illustres memorias dos sagrados Principes do Apostolado, que com o seu sangue ennobreceiraõ a Cabeça do Mundo, quando tumultuariamente acometteo aquella barbara multidaõ, que se formava de setenta mil homens, com espantosos alaridos, e vozes desentoadas, e cingiraõ todos os valos, presidiado cada hum de cincoenta Portuguezes, a quem correspondiaõ sete e oito mil Mouros. Da primeira avançada se fizeraõ senhores dos valos, em que arvoraraõ algumas bandeiras: porém com repetidas descargas da espingardaria, foraõ quinhentos mortos, perdendo os póstos, que com tanto valor tinhaõ alcançado. Com mayor furia remeteraõ segunda vez para vingar a  
afronta

São mortos quinhentos Mouros na primeira avançada.

afronta padecida , servindo-lhe os cadaveres de degraos para a subida. O ar cuberto do fumo exhalado de tantos artificios de fogo ; o estrepito incessante das armas , os gemidos dos moribundos , os clamores dos cercados , e as vozes lastimosas das mulheres , e meninos , que discorriaõ pela Cidade , implorando o Divino auxilio contra os inimigos do seu Santo Nome , representavaõ o mais horriavel , e medonho espectaculo. Naufragavaõ no sangue derramado por varias feridas , e cahiaõ passados das balas os inimigos : porẽm incitados de furor cego repetiaõ os assaltos , esquecidos das leys da humanidade , com que viaõ o estrago de seus companheiros , e obstinadamente constantes na ultima extincçaõ dos cercados. Reconhecendo os barbaros , que todo o seu esforço naõ podia prevalecer contra os Portuguezes , se retiraraõ às seis horas da tarde de taõ porfiado combate , deixando semeado o campo de tres mil cadaveres , mudos pregoeiros da nossa gloria , e do seu estrago. O numero dos mortos foy excedido incomparavelmente pelo dos feridos , sendo hum delles Faretecaõ , General do exercito , que com o proprio sangue testemunhou a valentia do seu braço. Dos nossos sòmente morreraõ cinco , que como se naõ tivessem sustentado taõ duro assalto convidavaõ para segundo aos inimigos com as espadas empunhadas , e as bandeiras tremolantes. O Nizamaculo antes do tragico

*Retiraõ-se os Mouros do segundo assalto com perda de tres mil mortos.*

### 392 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

gico fim do assalto se retirou opprimido de tal tristeza, que não permittio que algum dos seus Capitães lhe visse no semblante a afflicção, que o atormentava, e recolhido a huma Mesquita desafogou a sua paixão vituperando a Mafoma de não concorrer benevolo para o feliz successo de huma empresa, em que estava empenhada a potencia do seu Reyno, e o credito da sua pessoa, onde em trinta e nove combates deixou extintos pelo ferro, e fogo quarenta mil Soldades. O Capitão da Fortaleza com os officiaes participantes da gloria do triumpho, ordenaraõ huma Procissão, em que renderaõ as graças ao Supremo Arbitro das victorias. Instado o Nizamaluco de seus vassallos para celebrar pazes com o Estado, pois tinha conhecido com taõ lamentavel experiencia ser conveniente à sua conservação a nossa amizade, nomeou para Plenipotenciarios a Faretecaõ, General do seu exercito, e a Cafacaõ, Vêdor da sua Fazenda, e no Convento de S. Domingos a 24 de Julho deste anno de 1571, se avistaraõ com D. Francisco Mascarenhas, D. Jorge de Menezes, Capitão da Cidade de Chaul, e por adjuntos Antonio de Teive, e Pedro da Sylva, e propostas as condições se celebraraõ as pazes com grande conveniencia do Estado. O Hidalcaõ, que era alliado do Nizamaluco, experimentando o mesmo infortunio em o cerco de Goa, que este tivera em o de Chaul, sendo seu imita-

Pede pazes o Nizamaluco, e se lhe concedem.

O Hidalcaõ pede pazes ao Estado.

dor na desgraça, o quiz ser na celebração das pazes, que não aceitou prudentemente o Vice-Rey, por esperar tempo em que fossem mais gloriosas à reputação do Estado.

63 Nesta conjunção de tempo chegou a Goa por Vice-Rey D. Antonio de Noronha, filho de D. Martinho de Noronha, Senhor de Villa-Verde, e de D. Guiomar de Albuquerque, sobrinha do grande Affonso de Albuquerque, o qual sahindo em Março passado de Lisboa com cinco náos capitaneadas por Antonio Moniz Barreto, Ruy Dias Pereira, Antonio de Valladares, e Francisco de Figueiredo, foy recebido por D. Luiz de Ataide no mez de Setembro, cometten-do-lhe para feliz principio de seu governo a celebração das pazes com o Hidalcaõ, as quaes foram estipuladas a 13 de Dezembro, com grande gloria da nação Portugueza.

Chega a Goa por Vice-Rey D. Antonio de Noronha.

Celebra pazes com o Hidalcaõ.

---

## CAPITULO X.

*Acomette o Samorim a Fortaleza de Chale com exercito numerofo, e depois de huma heroica defenfa se rende àquelle barbaro.*

64 **A**O tempo que com tanto credito do valor Portuguez se tinha abatido o orgulho do Hidalcaõ em Goa, e do Nizamalu-  
Tom.III. Ddd co

1571



### 394 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

**H:** cercadô Chale com cem mil homens.

co em Chaul, acometteo o Samorim, colligado destes dous Principes, a Fortaleza de Chale, persuadido de que a sua conquista desaggravasse as injurias, que receberaõ das nossas armas. Com prudente astucia, e sagaz artificio, foy dissimulando este intento, até que no fim de Junho, principio na Asia do Inverno, em que não podiaõ sair de Goa as nossas Armadas, investio subitamente a Fortaleza de Chale com cem mil combatentes, cercando-a de mar a mar com vallos, e trincheiras, guarnecidas de quarenta peças de bronze, das quaes mandou plantar vinte do rio até a barra, para impossibilitar o soccorro aos sitiados. Governava a Fortaleza D. Jorge de Castro, taõ illustre por nascimento, como provecto na idade, e prudente no discurso, o qual pelas repetidas vezes que fora Capitaõ desta Fortaleza, sempre tinhaõ sido os seus muros respeitados do Samorim, e como não presumia a dolosa resolução deste barbaro, não tinha provido a Fortaleza de mantimentos, e gente, a qual não excedia de sessenta Soldados, entre velhos, e moços. Começou o Samorim a bater a Praça com incessantes descargas da artilharia, que eraõ respondidas com fatal damno dos inimigos, sem ordenar, que se desse algum assalto, por esperar reduzir à sua obediencia os cercados com guerra mais violenta, qual era a intestina causada pela fome.

Prompta-



65 Promptamente avisou o Governador ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, do calamitoso estado a que estava reduzido por falta de Soldados, e mantimentos, para sustentar huma Praça invadida por taõ numeroso exercito. Esta noticia causou tal consternação em os Cidaões de Cochim, onde estava o Vice-Rey, que lhe supplicaraõ partisse logo com o Capitão Vasco Lourenço de Barbuda para soccorrer Chale, antes que se rendesse com injuria do Estado. Sahio o Vice-Rey com huma náõ, e duas fustas, e chegando brevemente à barra de Chale, a náõ pode entrar impedido da artilharia inimiga, assentada ao longo do rio, e de quarenta paraos, que discorriaõ por aquelle lugar para o mesmo effeito. Penetrado Francisco de Sousa Pereira Camello da oppressão, que padecia Chale, esquipou huma almadia com quatro Soldados, e alguns mantimentos, e munições, e depois de arribar a Cananor, donde sahira, por causa do tempo invernofo, chegou à barra de Chale a 17 de Agosto, onde estava surto D. Antonio de Noronha, e comettendo com heroica resolução a boca do rio, animados os companheiros com largas promessas, sem receyo das ballas, e settas, que sobre elle choviaõ, ainda que foy morto o marinheiro do leme, varou à porta da Fortaleza, onde de huma bombarda se lhe abriu a embarcação, da qual sahio com os mantimentos, e munições,

Soccorre pessoalmente o Vice-Rey a Chale, e o náõ consegue.

Introduz soccorro na-Fortaleza Francisco de Sousa.

Tom.III.

Ddd ii

sendo

sendo recebido com inexplicavel alegria por D. Jorge de Castro, e lhe encomendou o lanço do muro, que corria sobre a porta da Fortaleza, já derrubado pelo impulso da artilharia: porém por diligencia de Francisco de Sousa se reparou, para sustentar o impulso dos expugnadores.

Parte D. Diogo de Menezes  
ao soccorro de Chale.

66 Certificado o Vice-Rey pelas Cartas de D. Jorge de Castro do perigo, e consternação, em que se achava, ordenou logo a D. Diogo de Menezes, que com duas galés, e a Armada que estava em Onor, soccorrer Chale, antes que o Samorim a rendesse. Vencidas as dilações, causadas pelos ventos rijos, e tempestuosos, surgio sobre a barra de Chale. Tanto que D. Jorge de Castro descobrio a Armada, mandou significar ao Capitão mór a necessidade de munições, mantimentos, e medicamentos, que padecia, como o perigo a que estava exposto de ser destróado pela artilharia dos inimigos, collocada em tantas partes, que raro seria o tiro, que não causasse gravissimo damno. D. Diogo de Menezes, conhecendo que a Armada, que conduzia, não era capaz do effeito que pertendia, voltou a Cochim, e reforçado com treze navios, e tres galés, surgio defronte de Chale, e despedindo a sua manchua, de que era Capitão Luiz Fernandes, valeroso Soldado, como levava por marinheiros Malavares, muito practicos naquelles mares, embocou a barra pequena, e chegando junto da Fortaleza,

taleza, corraão Mouros, e Nayres de huma, e outra parte empenhados a tomar a manchua, de cujo intento os frustrou o esforço de Luiz Fernandes.

67 A este tempo foy assaltada a Fortaleza por todas as partes com horriveis alaridos, e varios instrumentos de fogo. D. Jorge de Castro, que conservava na provecta idade de oitenta annos o vigor da adolescencia, discorria pelo muro com a espada na maõ animando aos Soldados, para que constantes rebatessem a invasaõ, da qual, havendo obrado os inimigos valerosamente, se retiraraõ destroçados. Victorioso D. Jorge de Castro com o estrago, que fizera nos expugnadores, representou a D. Diogo de Menezes a urgente necessidade de ser soccorrido com gente, e munições, pois sem ellas não poderia sustentar a Fortaleza contra hum taõ numeroso exercito. Convocou a conselho D. Diogo de Menezes aos Capitães, para se resolver o modo com que havia ser soccorrido Chale, ainda que fosse com evidente estrago de toda a Armada. Resolveo-se, que navegassem os navios ligeiros defendidos pelas galés, donde fossem varejados os inimigos dispersos pelas prayas, e impedissem aos paraos do Samorim, que vagavaõ pelo rio, não causar damno aos nossos navios. Desprezando heroicamente toda a opposição dos barbaros D. Diogo de Menezes, entrou a 30 de Setem-

Assaltaõ os inimigos a Fortaleza, donde se retiraraõ destroçados.

Soccorre a Fortaleza D. Diogo de Menezes.

bro

Couto *Decad. VIII. da Ind.*  
cap. 41.

bro pelo rio, e contra huma furiosa tempestade de balas, e settas, chegou à porta da Fortaleza, donde sahio D. Jorge de Castro a receber a nossa gente, a tempo que Francisco de Sousa Pereira com quarenta Soldados avançou os valos dos inimigos, da parte do Norte, onde se havia fazer a principal desembarcação, cuja empresa executou com tal esforço, que precedendo hum sanguinolento combate, foraõ mortos quatrocentos barbaros, seguindo-se o introduzir-se o soccorro na Fortaleza. Tanto que D. Diogo de Menezes deixou soccorrida Chale, deu final de sahir a Armada, porque repontava a maré, e em cada instante de demora padecia naõ pequeno damno a sua gente, podendo justamente gloriarse de ter conseguido huma empresa por entre diluvios de balas, e settas, e varios instrumentos de fogo, naõ perdendo em taõ perigosa acção mais que vinte homens na sua galé, onze em a de Diogo da Azambuja, e nove em a de Matthias de Albuquerque.

Parte com segunda Armada  
D. Diogo de Menezes para  
soccorrer Chale.

68 Para naõ ceder à violencia dos expugnadores Chale, expedio o Vice-Rey huma Armada, de que era Capitaõ mór Francisco de Sousa Tavares, e logo mandou outra governada por D. Fernando de Monroy: porém como se destinassem estes soccorros para outras partes, partio ao soccorro de Chale segunda vez D. Diogo de Menezes com mil e quinhentos homens, mas  
com

com tão infausto successo, que achou a Fortaleza rendida pela culpavel inercia de D. Jorge de Castro, que preferindo injuriosamente as instancias de sua mulher D. Filippa de Castro às obrigações do seu officio, sacrificou huma Fortaleza, que conservada era fatal escandalo da ambiciosa arrogancia do Samorim. D. Diogo de Menezes levou para Cochim a gente que sahira de Chale, e junto com Matthias de Albuquerque, affugentaraõ quantos Cossarios infestavaõ aquelles mares, donde passaraõ a desmantellar a Fortaleza, que na boca do rio Sanguicer tinha levantado hum Nayque, vassallo do Hidalcaõ, custando esta facção a vida de Antonio Fernandes Chale, de nação Malavar, e Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, o qual com suas heroicas acções nobilitou a sua pessoa, adquirindo com a virtude propria os brazões, que lhe negou a natureza. Foy conduzido o seu cadaver a Goa, onde lhe deraõ sepultura com pompa sómente concedida aos Governadores do Estado.

Rende-se a Fortaleza ao Samorim.

Faria *Asia Portug.* Tom. 2.  
Part. 3. cap. 12. n. 3.

Quem era Antonio Fernandes Chale.

CAP.

## CAPITULO XI.

*Instrue D. Sebastião ao seu Embaixador em França João Gomes da Sylva das negociações, que lhe propoz o Cardeal Alexandrino, das quaes faz participantes a sua prima a Senhora Princeza de Parma, e ao Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal.*

1572

69 **S**Endo os principaes negocios da vinda do Cardeal Alexandrino a este Reyno ajustar a Liga entre os Principes Catholicos, contra o inimigo commum da Christandade, e o casamento do nosso Monarca com a Infanta de França, tanto que o Cardeal Legado se ausentou de Portugal. escreveo D. Sebastião ao seu Embaixador João Gomes da Sylva, assistente na Corte de Pariz, onde brevemente havia de chegar o mesmo Legado, huma larga instrucção, que he a seguinte, onde se comprehende tudo quanto tinha resolutu em os negocios propostos pelo Cardeal Legado.

*Instrucção del Rey ao seu Embaixador em França João Gomes da Sylva.*

„ O Cardeal Alexandrino, Legado, e So-  
 „ brinho do Santo Padre, quando agora veyo a  
 „ mi por mandado de S. Santidade, me fallou da  
 „ sua parte sobre haver de entrar na Liga contra  
 „ o Turco, e casar em França; pedindo-me com  
 „ mui-

„ muita instancia quizesse tomar resolução em an-  
„ bas estas cousas pelas razões , que para ellas  
„ me representou ; a isto lhe respondi com muita  
„ satisfação sua , conformando-me em tudo com  
„ o que S. Santidade sobre isso me enviou dizer  
„ por elle.

„ E porque quanto à Liga assentey entrar  
„ nella , e que dispondo-se as cousas da Christan-  
„ dade para alguns Reys Christãos se acharem pre-  
„ sentes nesta empreza , eu me offereci a ser o  
„ primeiro nella , ainda que estivesse mais longe,  
„ e tivesse os meus Estados mais alongados do  
„ Turco , e ajudaria em tal tempo a Liga com  
„ minha pessoa , e poder , assim com o destes Rey-  
„ nos , como com o que tenho no Estado da In-  
„ dia , por se levar avante tão santa empreza , e  
„ que para se logo ella ir proseguindo pelo modo,  
„ que agora estavaõ as cousas da Liga , em quan-  
„ to nellas se não dava outra fórma , e assento ,  
„ ajudaria pelas partes da Asia , e mar Roxo com  
„ hum Armada , que fosse só a este effeito , de  
„ por alli se fazer guerra ao Turco , e além dis-  
„ so mandaria logo em meus Reynos fazer aper-  
„ cibimentos de gente , munições , e navios , pa-  
„ ra hum grossa Armada , para toda , ou parte  
„ della ser em ajuda da Liga , se as neccessidades  
„ presentes dessem a isso lugar.

„ E quanto ao casamento , considerando eu  
„ como até aqui tinha procedido nisso como con-

Tom.III.

Eee

„ vinha

## 402 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„vinha à minha reputação, à honra da minha Co-  
 „roa, e bem de meus Reynos, e como S. San-  
 „tidade me enviava agora fallar nisso por tal pes-  
 „soa, como era o Legado seu Sobrinho, movi-  
 „do não sómente do que particularmente nisto  
 „me cumpria a mi (a que S. Santidade tão gran-  
 „de amor mostra) mas do que convinha à con-  
 „servação do Reyno de França, e à quietação,  
 „e conformidade dos outros da Christandade, que  
 „tão defunida está, (cousa assaz necessaria para o  
 „effeito da Liga, e sem o qual parece, que ella  
 „não poderá permanecer) e como da irmã do  
 „Christianissimo Rey de França, meu irmão, e  
 „primo, e das suas grandes virtudes, e qualida-  
 „des eu tinha por S. Santidade, e por outras vias  
 „particulares (das quaes a vossa he huma das mais  
 „principaes) tal informação, de que com mui-  
 „ta razão me podia satisfazer nesta parte, assen-  
 „tey de me declarar mais em meu casamento, e  
 „dar minha commissão, e consentimento ao Car-  
 „deal Legado, para da parte de S. Santidade  
 „tratar d'elle em França, onde S. Santidade o  
 „manda ir, e ora vay, intervindo vós tambem  
 „nisso juntamente com elle, e estando nesse Rey-  
 „no as cousas desta materia dispostas para se pro-  
 „ceder nella com a authoridade, e respeito de-  
 „vido a mi, por ter cessado a practica, que se  
 „dizia, que corria sobre o casamento de Navar-  
 „ra, e por em França se entender estimar, e pe-  
 „dir



„ dir o meu pelo modo que deve ser, e como he  
„ razaõ.

„ E porque o Cardeal Legado, segundo a  
„ ordem, que para esta materia do casamento  
„ tem de S. Santidade, vay com esta minha repõs-  
„ ta, e commissaõ, que leva, muy determinado  
„ de nisso fazer o que tem a cargo, e ha de jun-  
„ tamente com vosco de proceder nelle, bem ve-  
„ des, que agora he o tempo, em que convém,  
„ que mais vos advirtais, e veleis no que se de-  
„ ve fazer, e modo que nisto se deve ter, pois  
„ o negocio he taõ grande, e tanto mayor cada  
„ vez mais, quanto se vay mais chegando a ter-  
„ mos de se poder tomar nelle conclusaõ, e por  
„ isto naõ vos deveis satisfazer do muito, que fi-  
„ zerdes, senaõ quando for taõto, que nem o  
„ que possa parecer pouco, fique por fazer, en-  
„ tendendo que naõ pode haver em tamanha cou-  
„ sa, alguma que se deva ter por pequena, ain-  
„ da que seja das muito accessorias.

„ Encomendo-vos, que tanto que o Lega-  
„ do chegar a essa Corte, e vos for dada esta Car-  
„ ta, que a elle daqui mando ora com outras pa-  
„ ra S. Santidade, o vades visitar, e logo entaõ,  
„ ou ao outro dia, segundo vos bem parecer, e o  
„ tempo vos der lugar, lhe direis, como tendes  
„ aviso meu da commissaõ, que lhe tenho dada,  
„ para juntamente com vosco poder tratar de meu  
„ casamento, e que eu vos mando, que com elle

Tom.III.

Eee ii

„ o tra-

# 404 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„o trateis, e lhe communiqueis tudo o que des-  
 „ta materia tiverdes entendido, e o que nella  
 „por meu mandado tendes feito até aqui, para  
 „tambem com seu parecer, e conforme a repof-  
 „ta, que lhe dey, e ao que vos atraz escrevo,  
 „procederdes no que se mais houver de fazer:  
 „guardando niffo as coufas, que atraz fãõ apon-  
 „tadas, e tocaõ à minha authoridade, e repu-  
 „taçaõ; e pofto que o Legado fabe já de mi co-  
 „mo aceitarey por dote do Chriftianiffimo Rey  
 „de França, entrarmos ambos na Liga; trata-  
 „reis mais particularmente este ponto com elle,  
 „para ambos ordenardes o modo de que se deve  
 „propor, para que fuavemente se digna, e affi  
 „se receba, fundando as palavras, e tençaõ del-  
 „las no muito defejo, que tenho desta Liga se  
 „profequir com grande authoridade da Chriftan-  
 „dade, e geral uniaõ de todos os Principes del-  
 „la, e que ainda que tenha por certo, que o  
 „Chriftianiffimo Rey de França, meu irmão, e  
 „primo, fará para este effeito da Liga o officio,  
 „que fempres fizeraõ em coufas desta qualidade  
 „os Chriftianiffimos Reys feus antecessores, que  
 „com tudo para mais clara demonftraçaõ deste  
 „meu animo aceitarey por dote entrarmos am-  
 „bos nesta Liga, de que fe devem, e podem ef-  
 „perar (se toda a Chriftandade se ajuntar, e fi-  
 „zer em hum corpo contra as barbaras nações  
 „dos Infieis, que tanta parte do Mundo, com  
 „tanta

„ tanta offensa dos Christãos , tem occupado )  
„ grandissimos effeitos nas merces , que estão cer-  
„ tas da parte de Nosso Senhor , quando da nos-  
„ sa fizermos cousa tão devida , e obrigatoria , e  
„ necessaria em geral , e em particular , como he  
„ entrarmos todos na Liga.

„ E tambem fallareis com o Padre Francis-  
„ co , Geral da Companhia de Jesus , e lhe da-  
„ reis conta de todas estas materias , e as commu-  
„ nicareis com elle muy particularmente , dizendo-  
„ lhe como vos mandey o fizeseis assi , e por elle  
„ correreis com o Legado naquellas cousas , que  
„ pela qualidade dellas , e conjunção do tempo ,  
„ em que as houverdes de tratar , vos parecer ,  
„ que será por então melhor usar deste meyo do  
„ Padre Francisco , que communicarlhes por vós  
„ pessoalmente , porque segundo o que se enten-  
„ de de vossas Cartas de às vezes se conferirem  
„ lá algumas cousas de outras , póde ser , que vos  
„ pareça deverdes escusar a muita continuação em  
„ casa do Legado , mas não que por este respei-  
„ to deixeis de ir a ella todas as vezes , que for  
„ necessario , para se entender a conta , que com  
„ elle tenho por sua dignidade , e officio , e por-  
„ que isto hey por mais importante , que o que  
„ particularmente me toca nesta parte , e sobre  
„ este meu particular não se me offerece que vos  
„ diga , além do que vos atraz advirto , senão  
„ tornarvos a encomendar muito encarecidamen-  
„ te,

406 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„te, que vendo vós quanto nesta materia confio  
 „de vós, que he o que mais póde ser, vista a  
 „qualidade della, e o muito que toca à minha  
 „propria pessoa por tantas vias, e a particular  
 „obrigação, que tendes a meu serviço, pois já  
 „com este intento me comecey a servir de vós  
 „nesse lugar em que estais, e folgo agora mui-  
 „to de vos ter nelle; assi me sirvais em tudo is-  
 „to, que correspondaõ vossas obras ao que pro-  
 „mette a obrigação, em que estas cousas vos  
 „poem, como eu creyo, e espero de vós, e de  
 „tudo o que nesta materia passardes assi agora no  
 „principio, como indo ella mais adiante me avi-  
 „sareis, tendo nisso tal ordem, e modo, que ve-  
 „nhaõ vossas Cartas com a segurança, e brevi-  
 „dade, que se requiere em tamanho negocio, e  
 „de que convém, que eu muito a miudo, e muy  
 „particularmente seja avisado, e advertido; e  
 „para isso viraõ vossas Cartas por via do Lega-  
 „do, ou por correys propios, qual vos me-  
 „lhor parecer, e entre as particularidades, que  
 „tratardes com o Padre Francisco, lhe direis tu-  
 „do o que vos parecer para impedimento da pra-  
 „ctica de Navarra, que he cousa em que eu  
 „(ainda que se não houvera de tratar da com-  
 „missão, que tenho dado ao Legado, e por es-  
 „ta Carta vos dou) fizera, e mandara fazer to-  
 „do o bom officio, que fora possível pela obri-  
 „gação, que tenho ao bem da Christandade,  
 „que

*Parte III. Livro II. Cap. XI. 407*

„ que he a principal , que me move a fazer niſ-  
„ ſo tanto , e a que em todas as couſas antepo-  
„ nho a tudo.

„ E quanto à practica do meu caſamento,  
„ por quanto o Legado ha de entrar nella por or-  
„ dem de S. Santidade , e commiſſão minha , ain-  
„ da que juntamente com voſco , tereis toda via  
„ viſto , e em todas as dependencias deſta materia  
„ os reſguardos , que convém , para que ſe enten-  
„ da , que ſe trata deſte negocio por parte de S.  
„ Santidade , e ainda que eu tome por dote en-  
„ trar o Chriſtianiſſimo Rey de França , meu ir-  
„ maõ , e primo na Liga , não deve eſquecer a  
„ ſegurança de minhas demarcações , annullação  
„ de Cartas de mar , e caſtigo de inſultos paſſa-  
„ dos , e eſtando as couſas de França em tal eſ-  
„ tado , que ElRey não aceite entrar por agora  
„ na Liga , neſte caſo ſe póde por ſua parte offe-  
„ recer o dote , e condição , que deve haver no  
„ caſamento , o que communicareis com o Lega-  
„ do , e com o Padre Francisco , e de tudo me  
„ aviſareis pelo modo , e com a diligencia , que  
„ atraz vos digo. De Almeirim a 3 de Janeiro  
„ de 1572.

70 Deſtas negociações , para cujo effeito fora  
mandado a Portugal o Cardeal Alexandrino , par-  
ticipou ElRey D. Sebaſtião a ſua prima a Sereniſ-  
ſima Senhora D. Maria , Princeza de Parma , con-  
gratulando-a do heroico valor , que oſtentara na  
Armada

Participa D. Sebaſtião à Prin-  
ceza de Parma a Embaixada  
do Cardeal Alexandrino,

408 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Armada Catholica contra a Ottomana no Golfo do Lepanto, seu esposo, o grande Alexandre Farnesi, cujo conflicto fora o feliz prologo das memoraveis, e insignes façanhas, que havia de obrar o seu braço nas campanhas de Flandes, sendo a Carta, que lhe escreveo a seguinte.

Copiada do Original.

„ Illustrissima Princeza, minha muito ama-  
 „ da, e prezada Prima. Por muito bem empre-  
 „ gado deveis haver o trabalho da ausencia do  
 „ Principe, meu muito amado, e prezado pri-  
 „ mo, quando andou na Armada Christãa con-  
 „ tra a do Turco, pois tudo resultou em tama-  
 „ nho louvor, e merecimento seu, como he o  
 „ que tem pela boa determinação, que tomou,  
 „ e successo della; de que eu por sua parte, e pe-  
 „ la vossa recebi mór contentamento do que vos  
 „ nesta posso significar, lembrando-me o que fez;  
 „ o exemplo que deu de si, e quão bem corres-  
 „ pondeo ao que se delle esperava; e por tudo  
 „ vos dou os parabens com aquella vontade, que  
 „ tenho para vossas cousas, que hey por minhas  
 „ proprias como he razão, e affectuosamente vos  
 „ rogo, que por este correio me escrevais mui-  
 „ tas novas de vossa saude, que queria fossem sem-  
 „ pre taes, como as que desejaes saber de mi; e  
 „ as que agora vos posso dar, sey que serão de  
 „ grande contentamento para vós: pois entro na  
 „ Liga, como tereis sabido, e procedo em meu  
 „ calamento, e sobre ambas estas cousas tenho  
 „ ref-

„respondido ao Santo Padre pelo Cardeal Ale-  
„xandrino, seu Legado, e Sobrinho, por quem  
„me mandou fallar nellas com muita satisfação  
„sua, e contentamento meu. Illustrissima Prin-  
„ceza, minha muito amada, e prezada Prima.  
„Nosso Senhor vos haja sempre em sua santa guar-  
„da. Escrita em Almeirim a XV. de Fevereiro  
„de M. D. LXXII.

**REY.**

71 Como entre todos os vassallos desta Co-  
roa se distinguisse pelos vinculos do parentesco,  
e capacidade do talento o Conde do Vimioso  
D. Affonso de Portugal, lhe escreveo ElRey a  
seguinte Carta, em que lhe communicava as no-  
ticias de que informara a Serenissima Princeza de  
Parma.

*Escreve ElRey D. Sebastião  
ao Conde do Vimioso.*

„Conde Sobrinho Amigo. Eu ElRey vos  
„envio muito saudar, como aquelle que muito  
„amo. O Senhor Padre me mandou fallar pelo  
„Cardeal Alexandrino, seu Legado, e Sobrinho,  
„quando ora o enviou a mi sobre dever de en-  
„trar na Liga contra o Turco, e tomar resolu-  
„ção em meu casamento, e em ambas estas cou-  
„sas, que eu tinha procedido, como era obriga-  
„do pelas razões, que para isso ha, assentey de  
„fazer o que S. Santidade me pedio com tanta  
„instanciã, e como o amor, que mostra, e tem  
„a todas as que me tocam, e conforme a isso

*Copiada do Original, que se  
conserva em o Archivo da  
Excellentissima Casa do Vi-  
mioto.*

Tom. III.

Fff

„respon-

410 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ respondi ao Legado com muita sua satisfação ,  
„ e por estas cousas estarem em taes termos , e  
„ serem de tão grande importancia , e qualidade,  
„ houve por bem darvos conta dellas , porque  
„ pela que em vós tenho , e muito que de vós  
„ confio , folgo de vo las communicar, como he  
„ razão. Escrita em Almeirim a 25 de Janeiro  
„ de 1572.

REY.

---

C A P I T U L O   X I I .

*Manda a Republica de Veneza a ElRey D. Sebastião hum Embaixador , para que entre na Ligu contra o Turco , e da reposta , que lhe mandou.*

1572

72      **C**omo o Estado da Republica de Veneza era o alvo das armas Ottomanas , das quaes eraõ gloriosos troféos as Cidades de Nicosia , e Famagusta , em a Ilha de Chipre , receando prudentemente , que com o progresso feliz dos seus exercitos fosse Republica tão floriente fatal despojo de inimigo tão poderoso , recorreo ao Summo Pastor , para que como Pay da Christandade , convocasse os Principes Catholicos , e que colligados se oppuzessem ao Turco,



co, e rebatessem a formidavel invasão, que intentava contra toda a Europa. Sendo entre os Principes convocados para taõ sagrada empreza o nosso Monarca, lhe mandou o Doge de Veneza Luiz Mocenigo por seu Embaixador a Antonio Tiepoli, repugnando-lhe com vehementes expresseões, quizesse libertar com as suas auxiliares armas aquella Republica reduzida ao ultimo perigo. Em resposta desta Embaixada escreveu D. Sebastião as seguintes Cartas, pelas quaes se conhece toda esta negociação.

Recebe ElRey hum Embaixador da Senhoria de Veneza.

„ Illustrissimo, e poderoso Principe. Eu  
„ D. Sebastião, &c. Pelo vosso Embaixador Antonio Tiepoli, que me enviastes, recebi agora  
„ a vossa Carta de 15 de Outubro, e o ouvi  
„ sobre a materia da Liga, em que me fallou da  
„ vossa parte; e antes que elle chegasse a mi, tinha eu já respondido ao Cardeal Alexandrino,  
„ Legado do Santo Padre, que nisso me fallou  
„ da parte de Sua Santidade, que era contente  
„ de entrar na Liga contra o Turco, conforme ao  
„ que lhe disse; e agora tambem respondi ao vosso Embaixador, e nesta resolução, que tomei  
„ à instancia de Sua Santidade, tive o respeito  
„ devido a essa Senhoria, e à antiga amizade,  
„ que os Reys meus antecessores sempre com ella  
„ tiverão, que eu desejo muito continuar, como  
„ he razão, assim por estes respeitos, como pelo  
„ muito que a Senhoria tem feito, e faz nesta Li-

Carta delRey para a Senhoria de Veneza.

## 412 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ga com tanto louvor seu, e merecimento diari-  
 „te de Deos; e bem se mostra quaõ aceito he a  
 „Nosso Senhor, isto que a Senhoria faz, e o ze-  
 „lo que tem da Religiaõ Christãa, e pureza da  
 „Fé, pois lhe deu tamanha victoria de seus ini-  
 „migos, como foy a que a Armada da Liga  
 „houve o anno passado contra a do Turco, cou-  
 „sa maravilhosa, e digna de perpetuamente se  
 „darem por ella muitas graças a Nosso Senhor,  
 „e de que eu recebi grandissimo contentamento,  
 „e muito o tive tambem de entaõ saber o suc-  
 „cesso da batalha, e certeza da victoria, por hu-  
 „ma Carta vossa, que me enviou o meu Embai-  
 „xador, que rezide na Corte do Serenissimo Rey  
 „de Castella, meu tio, e o cuidado, que disto ti-  
 „vestes (que he conforme ao que vos mereço a  
 „prompta vontade, e muito desejo, que tenha  
 „para todas as cousas dessa Senhoria) estimey  
 „grandemente, e o recebi de vós em muy singular  
 „prazer: e espero de por outra Carta de me tor-  
 „nar a alegrar com vosco por esta tamanha mer-  
 „ce, que Nosso Senhor fez a essa Senhoria, e a  
 „toda a Christandade; e porque sobre a mate-  
 „ria da Liga falley largamente com o vosso Em-  
 „baixador, que me pareceo pessoa, que tem  
 „qualidades, conforme a conta que delle fazeis,  
 „a elle me remeto, para vos referir mais parti-  
 „cularmente, o que vos nesta digo. Illustrissi-  
 „mo, e poderoso Principe. Nosso Senhor, &c.  
 „Escri-

*Parte III. Livro II. Cap. XII. 413*

„ Escrita em Almeirim a XXIII. de Janeiro de  
„ M. D. LXXII.

„ Illustrissimo, e poderoso Principe. Eu  
„ D. Sebastião, &c. vos envio muito saudar,  
„ como aquelle que muito amo, e prézo. De-  
„ pois de ter respondido à vossa Carta, que me  
„ deu o vosso Embaixador Antonio Tiepoli, por  
„ outra que elle leva, e de lhe mandar dar por  
„ escrito mais largamente a resposta, que vos elle  
„ referirá sobre a Liga, em que me fallou de vos-  
„ sa parte, me tornou a pedir em nome dessa Se-  
„ nhoria, que para melhor, e com mais forças  
„ se poder fazer a guerra ao Turco, como eu já  
„ tinha assentado, quizesse ordenar, como en-  
„ trasse em ajuda della o Sofi Rey da Persia: e  
„ vendo eu quaõ conforme isto era, ao que eu  
„ desejava para a importancia desta guerra, e se  
„ ella poder fazer ao Turco por diversas partes,  
„ e divertindo elle por todas ellas seu poder, o  
„ enfraquecer mais; e por folgar muito de em  
„ tudo comprazer a essa Senhoria, assentey ago-  
„ ra de logo mandar hum Embaixador àquelle  
„ Rey da Persia, para que da minha parte o per-  
„ suada, pelo que particularmente lhe convém,  
„ e pela amizade, que folgarey, que meus Vice-  
„ Reys, e Capitães, com elle sempre tenhaõ, a  
„ que profiga com todo seu poder a guerra con-  
„ tra o Turco, seu inimigo, e se ajude para ella  
„ de taõ boa occasião, como a que agora tem  
„ com

Segunda Carta delRey para a  
Senhoria de Veneza,

#### 414 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ com a Liga , para que assim como se lhe ha de  
„ fazer guerra por estas partes da Europa , lhe fa-  
„ ça tambem pela Asia com o poder delle Sofi ,  
„ e com o que eu tenho no Estado da India , e  
„ além disto , mando logo , que por nenhuma  
„ via haja comercio com os Turcos por Ormuz ,  
„ e Bassorà , nem por outro algum lugar daquel-  
„ las partes ; e por eu ora tomar resolução nestas  
„ cousas , depois de vos ter escrita a outra Car-  
„ ta me pareceo devervolas fazer saber por esta ,  
„ e para tambem nella vos significar a muita pru-  
„ dencia , zelo , e cuidado , com que o vosso  
„ Embaixador se houve nas lembranças , que de  
„ vossa parte me fez sobre esta materia da Liga ,  
„ a que o enviastes a mi conforme a confiança ,  
„ que delle tendes , e as qualidades da sua pessoa .  
„ Illustrissimo , e poderoso Principe. Nosso Se-  
„ nhor vos haja sempre em sua santa guarda. Es-  
„ crita em Almeirim ao derradeiro dia de Janeiro  
„ de M.D. LXXII.

CAPÍ-

### CAPITULO XIII.

*Manda preparar ElRey humia formidavel Armada, sobre cuja expedição se formão diversos discursos, a qual lastimosamente se derrota em o rio de Lisboa.*

73 **P** Ara desempenhar D. Sebastião a promessa feita ao Summo Pontifice por seu sobrinho o Cardeal Alexandrino, de concorrer com as suas auxiliares armas contra o inimigo commum da Christandade, mandou aprestar humia Armada tão formidavel pelo numero dos navios, como dos combatentes, da qual nomeou General seu tio o Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, e ainda que era ornado de dotes dignos do seu alto nascimento, como lhe faltasse a experiencia militar, elegeo para seus Conselheiros a Lourenço Pires de Tavora, e D. Alvaro de Castro, de cuja prudencia, e valor tinhaõ sido testemunhas as campanhas de Africa, e as Cortes da Europa. Por ser precisa grande despesa para esta expedição, e estar exhausto o erario real, mandou ElRey Cartas circulares para todos os Bispos, e Cabidos do Reyno, em que lhe pedia dinheiro prestado, que seria promptamente satisfeito. A fórma das Cartas se vê da seguinte,

1572

He eleito General da Armada  
o Senhor Infante D. Duarte.

# 416 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

guinte, que escreveo ao Cabido da Cathedral de Evora.

Carta del Rey para o Cabido de Evora.

„ Deaõ, Dignidades, Conegos, e Cabido  
 „ da Sé de Evora. Eu El Rey vos envio muito  
 „ faudar. Eu tenho mandado fazer prestes huma  
 „ Armada para a enviar em ajuda da Liga contra  
 „ o Turco, e nomeado por General della D. Du-  
 „ arte, meu muito amado, e prezado tio, e ven-  
 „ do eu ora a muy grande despeza, que se nisto  
 „ ha de fazer, que naõ sómente se naõ póde es-  
 „ cufar, nem diminuir, mas antes se deve haver  
 „ toda por muy necessaria, e bem empregada,  
 „ pois he para cousa taõ commum, taõ impor-  
 „ tante a toda a Christandade, e de tanta honra  
 „ a meus Reynos, e para cumprir com a repof-  
 „ ta, que inviey a S. Santidade pelo Cardeal Ale-  
 „ xandrino, seu Legado, e Sobrinho, porque  
 „ sobre esta materia me mandou fallar, e tam-  
 „ bem para defensão de meus Reynos, sendo a  
 „ dita Armada, ou parte della, necessaria para  
 „ este effeito, e para resistir aos Hereges, que  
 „ estaõ confederados, e com determinação de  
 „ fazerem por todas as vias todos os insultos, que  
 „ poderem nas Costas destes Reynos, terras, e  
 „ Ilhas de meus Senhorios; me pareceo pois só-  
 „ mente de minha Fazenda, pelas grandes, e con-  
 „ tinuas necessidades della, se naõ podia ao pre-  
 „ sente fazer huma tamanha, e extraordinaria des-  
 „ peza, que depois de para ella tirar de minhas  
 „ rendas

„rendas tudo o que fosse possível, com escusar  
„muitas despezas, ainda que necessárias, e sus-  
„pendo outras mais obrigatorias; devia ordenar  
„por outras vias se suprissem, como agora o fa-  
„ço, mandando vender algumas cousas de mi-  
„nha Coroa, e outras, em que entra a renda  
„das Apozentadorias, com consentimento dos  
„póvos de Lisboa, Evora, e Santarem, que as  
„derão para meus moradores; e porque meu in-  
„tento em toda esta materia he pertender o effei-  
„to della sem oppressão de meus vassallos, ou  
„com a menor, que for possível, e pelo modo,  
„que lhe for mais suave, considerando a ajuda,  
„que tambem querer dos Prelados, e Cabidos  
„das Sés de meus Reynos, me pareceo, que a  
„mais conveniente de todas, e que melhor lhes  
„viria, seria ajudarme nisto por causa de tão ur-  
„gente, e geral necessidade usa, concedendo o  
„mesmo aos Principes Christãos; o que eu que-  
„ria escusar, e por isso busco todos os meynos pe-  
„lo muito desejo, que tenho de as Pelloas, e  
„cousas Ecclesiasticas não receberem oppressão,  
„nem ficarem nesse costume; e porque confio de  
„vós, que todos por estes respeitos, que são os  
„que vedes, folgareis muito de em huma tal  
„ocasião, e necessidade como esta he, ajudar-  
„des por vossa parte a cumprir com a obrigação  
„della, vos encomendo muito me queirais em-  
„prestar cinco mil cruzados, que se repartirão

Tom.III.

Ggg

„ por

## 418 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ por todo o Cabido , como vos bem parecer ,  
 „ conforme a renda , que cada hum tiver , e se  
 „ entregaráõ a Joaõ de Orta , que vos esta dará ,  
 „ de que cobrareis seu conhecimento , porque se  
 „ obrigue a vos enviar logo outro em fórmula do  
 „ Thesoureiro Mattheus Mendes de Carvalho, e  
 „ Provisão minha nas costas delle , para o dito di-  
 „ nheiro vos ser pago no Almojarifado , que pe-  
 „ dirdes em quatro annos , que se começaráõ da  
 „ entrega delle em diante , sem para isso ser ne-  
 „ cessaria outra Provisão , como vos diria de mi-  
 „ nha parte o dito Joaõ de Orta , e agradecervos-  
 „ hey muito fazerse esta entrega logo com toda a  
 „ brevidade , porque cumpre assim muito à gran-  
 „ de diligencia , com que convém que se a di-  
 „ ta Armada acabe de aperceber , que não sofre  
 „ dilação. Escrita em Almeirim a 15 de Março  
 „ de 1572.

### REY.

Preparação da Armada.

74 Da mesma diligencia usou ElRey com os Fidalgos , e mercadores ricos , que sem dilação offereceraõ tudo quanto possuiaõ. Mandou embargar por todos os pórtos do Reyno as náos nelles ancoradas , capazes de peleijarem , e ao toque de tambores se convocou toda a gente militar , que estava na Corte , e se deu perdão aos criminosos , que viviaõ ocultos , para que de todo este numero se guarnecesse a Armada. Mu-  
 tos



tos Fidalgos se embarcaraõ voluntariamente ambiciosos da gloria, que esperavaõ desta expedição, e alguns delles armaraõ navios, e caravelas à sua custa, entre os quaes se distinguio D. Martinho de Castellobranco, que em o seu ornado de flamulas, e galhardetes, navegou até o Convento de Xabregas, e salvou a Rainha D. Catharina com muitos tiros da artilharia, que se faziaõ mais plausiveis com o toque de diversos instrumentos musicos. O Duque de Bragança mandou seiscentos vassallos pomposamente vestidos, que se embarcaraõ na famosa não Chagas, que conduzira da India a este Reyno seu tio D. Constantino de Bragança. Chegado o primeiro de Agosto, como estivesse já a Armada, que se compunha de trinta navios já prompta, mandou El-Rey, que embarcada toda a gente, a quem os despenseiros dessem de comer, navegasse até Belem, onde em 22 de Agosto, estando toda junta a foy ver, causando-lhe summo gosto este apparato naval, com que excessivamente se adulava o seu genio guerreiro.

75 Em quanto a Armada não sahia do porto eraõ diversos os discursos, que se formavaõ da sua expedição; julgando muitos, que não se destinara para a Liga contra o Turco, pois o numero dos navios excedia aos que promettera El-Rey ao Legado do Papa: e certamente não era errado este juizo, pois sendo El-Rey informado

Varios juizos sobre a expedição da Armada.

Tom.III.

Ggg ii

por

## 420 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

He falsamente accusado D. Antonio de Castro, e como sahio purificada a sua innocencia.

por Joaõ Gomes da Sylva, seu Embaixador em Paiz, que Carlos IX. tinha prompta hum grossa Armada, a qual por secretas intelligencias alcançara, que vinha ao porto de Cascaes, se preparou o nosso Principe para rebater esta temida invasão. Corroborou-se esta suspeita com a falsa delataçãõ, que fez a ElRey, de D. Antonio de Castro, Senhor de Villa-Verde, Joaõ Soares, seu criado, affirmando que fora por elle mandado varias vezes a França, para entregar aos Heres este Reyno, dando-lhe a entrada pelo porto de Cascaes, de cuja aleivosa correspondencia se achariaõ varias Cartas no seu escritorio. Unida esta accusaçãõ ao aviso recebido de França, além de D. Antonio de Castro ser amigo do Barão de la Guarda General das galés Francezas, desde o tempo que assistira com hum esquadra no porto de Cascaes, e viver pouco satisfeito del-Rey D. Sebastião, por lhe ter negado a Capitania mór da Ordenança de Lisboa, e a Tenencia da Torre de S. Giaõ, eraõ vehementes presumpções contra a sua fidelidade, e circumstancias conducentes, para que fosse prezo, o que se executou a 5 de Agosto em a Villa de Cascaes, e sendo conduzido à cova do Castello de Lisboa, foy reclusa toda a sua familia no Limoeiro com o criado author desta tragedia. Examinada com toda a severidade a innocencia de D. Antonio, sahio purificado dos crimes, de que fora falsamente arguido.

guido. ElRey lhe escreveo huma Carta cheya de exprelloens taõ honorificas , que com ellas foraõ abundantemente compensadas as injurias da prizaõ. O delator opprimido da violencia dos tratos , confessou , que ambicioso do premio da Ley promulgada contra os fautores dos Hereges , onde se promettia metade dos bens do accusado , e de conciliar a graça delRey , maquinara aleivosamente contra seu amo aquelle crime , e sendo condemnado ao ultimo supplicio , o livrou delle o generoso animo de D. Antonio de Castro , instando a ElRey lhe perdoasse por ser o instrumento , que fez patente a sua incorrupta fidelidade , para com o seu Soberano.

76 Não faltavaõ outros juizos , que se discursavaõ ser esta Armada contra algum intento de Philippe Prudente , desgostoso de que havendo tantas vezes proposto a ElRey D. Sebastiaõ o seu casamento com a Infanta de França , nunca se resolvera , antes usara de diversas tergiversações para nunca ter a desejada conclusaõ , por cuja causa podia justamente ElRey de Castella desafogar a sua paixãõ , invadindo algum porto do Reyno , ou das suas Conquistas. Outros seguiaõ a parte de que taõ grande apparatus fora armado para soccorrer ElRey de França opprimido com a guerra intestina dos Hereges , de cuja determinação estavaõ informados ElRey de Castella , e o Pontifice , resolutos a concorrer com as suas armas

## 422 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

mas para esta empreza. Este juizo não deixou de ser o mais bem fundado, pois tanto que chegou a fausta noticia do triunfo dos Catholicos, alcançado dos Hereges a 24 de Agosto, sendo mortos em Pariz vinte mil com o seu principal fautor Gaspar de Coligni, Almirante de França, com que se restituiu a publica tranquillidade a tão florente Monarchia, logo se desfamou a Armada surta no rio de Lisboa, e se soube claramente, que não sómente se aprestara contra o Turco, mas para soccorrer a ElRey de França, quando se sentisse mais vexado dos sequazes do Calvinismo, esperando qualquer aviso da Magestade Christianissima, para ser velozmente soccorrida.

Intenta ElRey, que se dé hum rebate de noite em a Cidade de Lisboa.

77 Ao tempo que se formavaõ tão diversos discursos àcerca da expedição de tão grossa Armada, propoz ElRey D. Sebastião no Conselho hum arbitrio dictado pelos estímulos do seu inquieto animo, o qual constava de que em o silencio da noite se dêsse em Lisboa hum rebate falso, com a noticia de ter entrado pela barra huma Armada inimiga, sendo o intento deste Principe conhecer de tão repentina consternação a promptidão da gente para a defensão da Cidade, mostrar aos Estrangeiros residentes nella, ser impossivel a sua conquista, estando habitada de povo tão vigilante, e animar aos Soldados para os rebates sem perigo, quando succedessem os verdadeiros.

Pro-

*Parte III. Livro II. Cap. XIII. 423*

Propostas por ElRey aos Conselheiros estas conveniencias, que imaginava se seguiriaõ do rebate, lhes perguntou se o mandaria começar pelas Torres da Barra, fingindo estarem combatidas, ou já ganhadas, ou se dentro da Cidade? Como alguns dos Conselheiros attendiaõ mais ao gosto delRey, que à consternação do povo, discorrerão o modo mais conveniente para se executar: porém D. João de Castellobranco, segundo Conde de Villa-Nova, igualmente fiel, e prudente, respondeo no seguinte voto com heroica liberdade os inconvenientes desta intempestiva deliberação.

„ O privilegio, que os muitos annos alcan-  
„ ção, além de grande intelligencia em descobrir  
„ inconvenientes ocultos no lugar em que menos  
„ se temem, recompensando a natureza a saude,  
„ e forças, que nos tira, com este beneficio parti-  
„ cular da experiencia, e a muita, que nestas cãas  
„ se deve considerar, me daõ ousadia, e discul-  
„ paõ de me não conformar em tudo com pare-  
„ ceres tão qualificados, e com o intento, e vir-  
„ tuosa tenção de V. A. quando sem aventurar  
„ tanto, se podem por via mais facil conseguir os  
„ mesmos effeitos, que se lhe approvaõ. A ra-  
„ zão do estado em melhorar o governo da Re-  
„ publica das proprias adversidades do tempo ha  
„ de ser com advertencia, que dellas se não sigaõ  
„ outras mayores, porque os bens tirados de ma-  
„ les,

## 424 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„les , raras vezes deixo de levar consigo algu-  
 „ma propriedade de sua origem ; occasião pare-  
 „ce que deraõ estes rumores passados para per-  
 „suadir ao povo qualquer assalto de inimigos , e  
 „acudir ao rebate com o perigo certo , mas não  
 „para que V. A. com os do seu Conselho mos-  
 „tre , acudindo a elle , que o tem por verdadei-  
 „ro ; porque além de com isto qualificarem por  
 „certas materias tão duvidosas , e dar indicio do  
 „seu animo em cousas que haõ de julgar , he mos-  
 „trarmos ao Reyno de França , que de todo o  
 „porto temos perdida a fé , e confiança da sua  
 „antiga amisade , e gerar nelle hum escrupulo ,  
 „que as mais das vezes vem a resultar em rompi-  
 „mento manifesto : e assim contrapezados os pe-  
 „rigos , que podem resultar da occasião , com as  
 „conveniencias ( quando sejaõ certas ) da propos-  
 „ta , peza mais qualquer dos primeiros , que to-  
 „das as outras juntas.

„ Porque a primeira utilidade de ver o nu-  
 „mero da gente , e concerto de armas desta Ci-  
 „dade , e o fruto , que nella tem feito o conti-  
 „nuo exercicio da milicia , se póde facilmente  
 „conseguir , fazendo-a sahir à resenha geral de-  
 „baixo de suas bandeiras , e obediencia de seus  
 „Capitães , onde cada qual com a sorte de ar-  
 „mas , que usa , mostrará o que tem aproveita-  
 „do , o que não succederá no rebate , onde a  
 „gente atonita , e perturbada com o perigo , e  
 „sobre-

„sobresalto não esperado , acudirá mal vestida  
„com as primeiras armas , que lhe offerecer a  
„occafiação , discorrendo no meyo do tumulto , e  
„confusão da noite , e acudindo aos lugares on-  
„de a chamarem os gritos , e mayor estrondo , e  
„ainda succederá , que muitos obrigados do peri-  
„go , e lagrymas de suas mulheres , e filhos , e ain-  
„da do proprio medo desampararáõ a causa com-  
„mua por acudirem à sua particular , e buscaráõ  
„a sua segurança ; com que em lugar de ver hum  
„batalhaõ de gente déstra , e bem exercitada , ve-  
„rá V. A. huma confusão popular acompanhada  
„de gritos , e vozes desordenadas , e huma re-  
„presentação da Cidade perdida , e entrada de  
„inimigos.

„Nem espero melhor effeito da segunda ra-  
„zaõ ; porque sendo a grandeza desta Cidade ,  
„e a opiniaõ de suas forças taõ estimada entre as  
„nações Estrangeiras , que affirmaõ poder ella só  
„por si armar tanta gente , como hum Reyno in-  
„teiro ; e além de impossivel para conquistada ,  
„ser bastante , e poderosa para conquistar , e ser  
„Senhora de hum grande Imperio , quando com  
„seus olhos vejaõ ( cousa ordinaria em Cidades ,  
„e Reynos , que a larga paz tem desacostuma-  
„dos de semelhantes assaltos ) a confusão , o me-  
„do , as vozes , a desordem , e desacordo , com  
„que a gente acode ao perigo commum , e par-  
„ticular , de mais de perderem esta opiniaõ taõ

Tom.III.

Hhh

„ne-



## 426 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„necessaria para conservar grandes estados, co-  
 „nhecerão a via por onde se póde emprender o  
 „saque desta Cidade, e a facilidade com que se  
 „póde conseguir, o que entre elles se tinha por  
 „taõ impossivel.

„Menos me persuado das commodidades  
 „da terceira, considerando o muito, que a tro-  
 „co dellas se arrisca, porque como esta Cidade  
 „naõ he fronteira, onde convém que o povo  
 „ande déstro, e prevenido para os assaltos (cou-  
 „sa que brevemente introduz o uso) naõ impor-  
 „ta muito inquietallo com esta sombra de guer-  
 „ra, sendo assim que de hum só rebate antes fi-  
 „carão atemorizados, que déstros; e conhecen-  
 „do depois o fingimento servirá de nem teme-  
 „rem, nem darem credito aos verdadeiros, quan-  
 „do succedaõ, occasionando tal vez damno, que  
 „se poderia evitar, naõ precedendo este engano.

„E além de se naõ conseguir o effeito, que  
 „se pertende, considere V. A. o perigo, a que  
 „no meyo de taõ grande confusão se expõem a  
 „honestidade de tantas Donas, e Donzellas, que  
 „descompostas, e desacordadas com o sobrefal-  
 „to, taõ pouco imaginado, e desamparadas de  
 „pays, e maridos (que por acudir à defensa da  
 „patria, de força haõ de desamparar suas pro-  
 „prias casas) ficaraõ sujeitas aos desacatos, e  
 „violencias, que na escuridaõ da noite, e em ta-  
 „manha alteração de casas, e fazendas, que se  
 „co-



„cometterão em quanto cada hum por acudir às  
„cousas de menos pezo, e mais valor, desampa-  
„ra, e tem em pouco os de mayor volume, e  
„os estragos dessas mesmas cousas, e desarranjos,  
„serão perda intoleravel, infallivel, irremediavel,  
„e sem proveito, como digo.

„E passando do profano ao sagrado, que  
„Templo haverá seguro, que Clausura de Reli-  
„giosas guardada, e isenta dos desacatos, e vio-  
„lencias, que a occasião permittir à gente male-  
„vola, atrevida, e Estrangeiros tocados de he-  
„resia.

„Às duas razões seguintes quizerá escusar  
„reposta, se o sangue Portuguez, que tenho nas  
„veas, me não obrigara a dar huma amorosa quei-  
„xa, e pedir huma justa satisfação a V. A. de  
„pôr o amor, e lealdade de seus vassallos em jui-  
„zo tão facil de experiencia, tendo-as a nação  
„Portugueza dado taes em paz, e em guerra,  
„que a vemos sempre arriscar vidas, honras, e  
„fazendas, e peccar muitas vezes contra as leys  
„do seu proprio entendimento, por não contra-  
„vir ainda ao menos gosto dos seus Principes mais  
„adorados entre nós, que obedecidos; e se to-  
„dos muito, nenhum tanto como V. A. alcan-  
„çado de Deos, por meyo de tantas orações,  
„jejuns, e disciplinas, que o podemos chamar  
„verdadeiramente filho do sangue, e lagrymas  
„do seu povo (de algumas poderaõ testemunhar

Tom.III.

Hhh ii

„estas

## 428 *Memórias del Rey D. Sebastião,*

„ estas brancas , que viraõ descer per si neste tem-  
 „ po ) de quem sendo taõ desejado , antes de o  
 „ ter , claro está , que depois de alcançado esti-  
 „ maremos todos em menos as vidas à menos ad-  
 „ versidade , que possa tocar no estado de V. A.

„ Com isto fique respondido ao aborreci-  
 „ mento da traiçaõ , nome , que até para castiga-  
 „ do se ouve mal entre Portuguezes , e para fa-  
 „ vorecido naõ sabemos tempo , em que nossos  
 „ Mayores o conhecessem ; por esta antiga fé , e  
 „ lealdade , peço a V. A. que nas suspeitas , e  
 „ rumores passados , que escandalisaraõ a Nobre-  
 „ za , e inquietaraõ o povo proceda com a mo-  
 „ deraçaõ , e duvida , que a importância do ca-  
 „ so requer ; porque vistas as circunstancias , me  
 „ parece que haõ de vir as cousas a termos , que  
 „ dé mais cuidado a V. A. o modo de satisfazer  
 „ à lealdade offendida , e posta em duvida , do  
 „ que agora lhe dá o desejo de castigar esta offen-  
 „ sa , e quaõ facil será o que destes rebates , e ru-  
 „ mores de armas se accrescentar nos offendidos ,  
 „ que as afrontas dos inferiores remedeiaõ os Reys ,  
 „ mas as suas só no Tribunal Divino tem emen-  
 „ da ; a que minha liberdade merece mande V. A.  
 „ dar a este animo , que nunca foy atrevido , se  
 „ naõ quando lhe importou ser leal.

78 Persuadido El Rey das prudentes , e soli-  
 das razões do Conde de Villa-Nova , desistio do  
 rebate com alguma mortificaçaõ do seu gosto ,  
 fomen-

fomentado por outros juizos mais attentos à propria conveniencia, que à publica do Reyno. Certificado pelo Exbaixador de França João Gomes da Sylva em 6 de Setembro da derrota dos Hugonotes com o seu principal fautor Gaspar de Coligni, se celebrou em Lisboa com luminarias, e repiques. Ao dia oito consagrado ao Nascimento da Mãe de Deos, se fez humo solemne Procissão por successo tão plausivel à Religião Catholica, triunfante da heretica perfidia, e sahindo da Cathedral até o Convento de S. Domingos, acompanhada do Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte, prégou ao recolher o insigne Varão Fr. Luiz de Granada, eterno esplendor da Ordem Dominicana, exhortando ao povo ao rendimento de graças a Deos pelo heroico valor com que Carlos IX. verdadeiro Hercules Gallico destroçara a Hydra da Heresia mais pernicioso, que a de Lerna. Concluiu o Sermao lendo a Carta do nosso Embaixador, escrita a ElRey, para que incitados os Catholicos concorressem a favorecer humo causa, em que era interessada a verdadeira Religião.

Acção de graças pela derrota dos Hugonotes em Pariz.

79 Não socegava o espirito delRey D. Sebastiao na empreza de acções gloriosas, propondo-lhe a fantasia algumas, que facilitava o desejo, e impossibilitava a prudencia. Certificado de já não ser necessaria a Armada, que primeiramente aprestara contra o Turco abatido com a famo-  
sa

## 430 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Lastimosamente se destrôu  
toda a Armada no rio de Lis-  
boa.

*Hist. dos Var. Illust. de Ta-  
vor. pag. 289.*

sa victoria do Lepanto, e tratar com este inimi-  
go commum pazes a Republica de Veneza, por  
ser falecido o Summo Pontifice S. Pio V. prin-  
cipal author da Liga, como tambem naõ neces-  
sitar do seu auxilio El Rey de França, pelo feliz  
successo, que teve contra os Hugonotes, entrou  
outra vez no pensamento de passar ao Oriente em  
taõ formidavel Armada, e quando estava mais  
constante nesta resoluçaõ, foy suspendida por De-  
creto de Providencia mais alta, permittindo que  
todo aquelle apparato naval fosse totalmente des-  
troçado no rio de Lisboa. Era Sabbado 13 de  
Setembro, quando à meya noite começou a so-  
prar o vento Sul com taõ impetuosa violencia,  
que obrigou as ondas subir aos mais altos edifi-  
cios donde precipitadas empregaraõ o mayor im-  
peto em todas as embarcações, e navios, que no  
Tejo estavaõ ancorados. Quebradas as amarras  
começaraõ a chocar confusamente huns com ou-  
tros, e descahindo com o impulso do vento, se  
reduziraõ em diversos pedaços pelas prayas do  
Corpo Santo, Caes da Rainha, Caes da pedra,  
e Alfandega, sem restar hum navio de taõ pode-  
rosa Armada, que sem utilidade se formara com  
igual dispendio, que desvélo. Naõ foy menos la-  
mentavel o estrago, que succedeo na terra voan-  
do muitos telhados das casas, e arrancando gran-  
de numero de arvores, de que procederaõ rui-  
nas, desgraças, e mortes. Este foy o tragico  
successo

successo desta Armada , a que deu principio o zelo da Religião , o augmento , a politica do estado , e o fim o furor da tempestade , com que impedindo a Providencia , que na Asia experimentasse ElRey algum infortunio , o reservou para em Africa padecer o ultimo.

---

## CAPITULO XIV.

*Morre S. Pio V. Escreve ElRey ao Conclave sobre a eleição de seu Successor. He assumpto ao Pontificado Gregorio XIII. a quem congratula o nosso Principe , que he exhortado pelo novo Pontifice a continuar a Liga contra o Turco.*

80 **F**Unesto amanheceo para toda a Igreja Catholica o dia primeiro de Mayo deste anno de 1572 , por se lamentar despojada do seu Supremo Pastor S. Pio V. a quem o zelo ardente da Religião contra os seus mayores Antagonistas constituhio hum dos mais venerados Principes do Solio do Vaticano. Sendo informado D. Sebastião por seu Embaixador em a Curia D. João Tello de Menezes , de noticia tão fatal aos interesses da Christandade , significou pela Carta seguinte ao Conclave , o profundo sentimento , que experimentara com a morte do Summo Pontifice , em cujo espirito se admiravaõ imitadas,

1572

Morre S. Pio V.

## 432 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

tadas, e ainda excedidas as heroicas virtudes dos Vigarios de Christo, que floreceraõ na Infancia da Igreja, por cuja causa rogava aos Cardeaes elegessem para o Throno Pontificio hum Varaõ, que fosse igualmente successor da dignidade, como da virtude do Supremo Pastor, que lamentavaõ defunto.

Carta del Rey para o Conclave  
sobre a eleição do Pontifice,

„ Reverendissimos em Christo Padres meus,  
„ como irmãos muito amados. Depois da devi-  
„ da recomendação vos faço saber, que por Car-  
„ tas de D. João Tello de Menezes, do meu  
„ Conselho, meu Embaixador nessa Corte (que  
„ agora chegaraõ por hum correio, que com  
„ ellas despachou) soube, que se houve Nosso  
„ Senhor por servido de levar para si o Santo Pa-  
„ dre Pio V. de louvada memoria, em dia dos  
„ Apostolos Santiago, e S. Filippe, de que te-  
„ nho aquelle grande sentimento, que he razaõ  
„ em tamanha perda, taõ geral a toda a Chris-  
„ tandade, e taõ particularmente minha; e por-  
„ que a toda ella he muy importante a eleição de  
„ novo Pontifice, que espero em Nosso Senhor,  
„ que por quem he a dará, qual convém, que seja,  
„ para proseguir as santas obras, e as grandes ex-  
„ emplares virtudes de seu Antecessor, me pare-  
„ ceo dever fazer da minha parte nesta materia  
„ todo aquelle bom officio, a que todos os Reys,  
„ e Principes Christãos devemos estar dispostos  
„ com grande cuidado, e desejo de o pôr em  
„ effei-

*Parte III. Livro II. Cap. XIV. 433*

„ effeito, em especial eu, que particularmente  
„ me acho muy obrigado a essa Santa Sé Apof-  
„ tolica, e ao serviço della, e proseguindo nesta  
„ minha obrigação (que espero cumprir sempre  
„ como devo) escrevi logo aos Prelados da Cle-  
„ reia, e Ordens de meus Reynos, ordenassem  
„ como em todas as Igrejas delles se encomenda-  
„ se a Nosso Senhor cada dia esta eleição tão de-  
„ sejada, e tão necessária à Igreja Catholica, e a  
„ toda a Christandade, fazendo-se por ella ora-  
„ ções, e procissões, e dizendo-se Missas, co-  
„ mo o sagrado Concilio, e esta tão grande, e  
„ geral necessidade o requiere, e assim me pare-  
„ ceo dever logo mandar despachar este correio  
„ ao meu Embaixador com esta minha Carta, que  
„ lhe mando vos dé logo; porque ainda, que por  
„ haver taes pessoas nesse sagrado Collegio, de  
„ que se espera estarão promptos, e dispostos pa-  
„ ra o Espirito Santo concorrer com elles, e os  
„ allumiar com sua graça nesta santa eleição. Eu  
„ podera escusar de vos lembrar quanto importa  
„ ao serviço de Nosso Senhor pospordes nella to-  
„ do o humano respeito, e attenderdes sómente  
„ ao seu serviço, e bem da Universal Igreja: to-  
„ da via parecêo-me, que não cumpria com mi-  
„ nha obrigação se vo lo não lembrasse por esta  
„ Carta, e por isso movido mais della, que de  
„ cuidar, que póde ser necessária em tal materia,  
„ e a que tanto estais obrigados por vossas gran-  
Tom.III. Iii „ des



## 434 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„des virtudes , e muitas qualidades alguma per-  
 „suasão , ou lembrança , vos rogo muy affectuo-  
 „samente , e com toda a instancia queirais nessa  
 „eleição mostrar ao Mundo , que sómente per-  
 „tendestes nella conformardevos com vossas conf-  
 „ciencias , e com o que deveis a Nosso Senhor,  
 „que vos poz nesse lugar por columnas firmes da  
 „sua Igreja ; porque com isso não poderá elle dei-  
 „xar de assistir em tal obra por meyo do Espiri-  
 „to Santo , e allumiar vossos corações , para es-  
 „ta eleição ser breve , e santa , como se deve de-  
 „sejar , e procurar , de que mais gloria , e lou-  
 „vor se seguirá a cada hum de vós , que subir ao  
 „Summo Pontificado ; e porque sobre esta ma-  
 „teria escrevo mais largo ao meu Embaixador  
 „para vo lo communicar , vos rogo muito o ou-  
 „çais , e lhe deis credito , no que ácerca disso de-  
 „minha parte vos disser , e hajais por certo , que  
 „para todas as cousas , que tocarem a bem des-  
 „sa Santa Sé Apostolica , me achareis sempre tão  
 „prompto , como eu o devo ser , e o forão os  
 „Reys meus antecessores , e vo lo dirá o meu  
 „Embaixador , a que em todo me remeto. Nos-  
 „so Senhor vos haja sempre em sua santa graça ,  
 „e allumie o Espirito Santo vossos corações nes-  
 „ta santa eleição , e em todas vossas obras , pa-  
 „ra que lhe sejaõ aceitas.

81. Ao tempo que esta Carta chegou à Cu-  
 ria , já estava feita a eleição do Pontifice , pois  
 entrara.



*Parte III. Livro II. Cap. XIV. 435.*

entrando em o Conclave cincoenta e dous Cardeaes, sahio unanimemente eleito a 13 de Mayo o Cardeal Hugo Bomcompagno, com o nome de Gregorio XIII. A Cidade de Bolonha lhe deu o berço a 7 de Fevereiro de 1507, sendo seus progenitores Christovão Bomcompagno, e Angela Marescalcha, de igual nobreza à de seu confor-  
te. Tantos forão os progressos, que fez no estudo da Jurisprudencia Cesarea, que pelo espaço de oito annos a dictou com applauso em a Universidade patria. A madureza do juizo unida com a affabilidade do genio o habilitaraõ para diversas Legacias, sendo por duas vezes mandado assistir em o Concilio de Trento, até que ornado com a Purpura Romana pela Santidade de Pio IV. subio ao Throno Apostolico com universal jubilo de toda a Christandade.

He eleito Pontifice Gregorio XIII.

Ciacon. *Hist. Pontif. Roman.*  
Tom. 4. pag. 1.

82 Recebida por ElRey D. Sebastião a noticia de estar eleito Gregorio XIII. lhe mandou duas Cartas, escrita a primeira a 30 de Junho, em que explicava a excessiva alegria, que recebera com a sua exaltação ao Solio Pontificio, e a segunda em 15 de Julho, onde protestava a sua obediencia à Sé Apostolica, ratificando a promessa feita ao seu antecessor de expedir huma Armada ao Levante, quando os outros Principes collegados mandassem as suas contra o inimigo commum da Christandade. Como as Cartas, que este Principe mandara a S. Pio V. por seu sobri-

Tom.III.

lii ii

nho

# 436 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

nho o Cardeal Alexandrino as não lesse impedido pela morte, se entregaraõ a Gregorio XIII. o qual respondeo a D. Sebastião na forma seguinte.

„ Charissimo in Christo filio nostro Sebas-  
 „ tiano Portugalliae Regi illustri. Gregorius Pa-  
 „ pa XIII. Charissime in Christo fili noster, sa-  
 „ lutem, & Apostolicam benedictionem. Quam-  
 „ quam in litteris Majestatis Tuæ ad nos datis 30  
 „ Junii, & 15 Julii omnia erant Te digna, hoc  
 „ est, singularis prudentiæ, humanitatis, & pie-  
 „ tatis plenissima, tamen nihil erat, quod non  
 „ antea esset de Te omnium consensu, & sermo-  
 „ ne celebratum: bonus enim Christi odor est,  
 „ quo ejus domus summa cum piorum omnium  
 „ lætitia est repleta, itaque magis putavimus  
 „ agendas gratias Deo virtutum omnium Aucto-  
 „ ri, quàm respondendum ad ea, quæ Tu tam  
 „ piè, tamque sapienter in illis litteris differebas  
 „ de hoc tam gravi, tamque periculoso Pontifi-  
 „ catûs munere, deque omni spe in summa Dei  
 „ benignitate figenda, & locanda; unam illam  
 „ litterarum tuarum particulam minimè agnosce-  
 „ bamus, in qua, sive quod ita putabas, sive  
 „ quod cupiebas, tam multa nobis tribuebas; lau-  
 „ damus nos quidem desiderium ea in nobis cer-  
 „ nendi, quæ ipse commemorabas, nostræ autem  
 „ ad omnia infirmitatis ipsi nobis conscii summus.  
 „ Læctis verò aliis tuis litteris, multò ante Car-  
 „ dinali Alexandrino Legato Apostolico datis ad  
 „ San-

*Parte III. Livro II. Cap. XIV. 437*

„ Sanctissimum Pontificem Pium V. quas idem  
„ Pius videre non potuit, tanto gaudio exultavi-  
„ mus in Domino, ut neque legendo, neque tua  
„ insigni pietate collaudanda, neque Deo gratias  
„ agendis nobis satisfacere possemus: tantum in  
„ illis cernebamus studium Majestatis Tuæ, tam  
„ ardens desiderium, triremibus, navibus, ar-  
„ mis, omni denique bellico apparatu, itaque  
„ omnibus opibus Christianam Ecclesiam juvan-  
„ di, nec solum nobis auxilio veniendi, sed à ru-  
„ bro etiam mari Turcas adoriendi, insequendi-  
„ que; neque illos usquam quietos relinquiendi,  
„ atque omnem eis, quem ingentem ex Orienti  
„ percipiunt fructum adimendi, eosque hac ratio-  
„ ne à nobis avertendi. An potest quisque maio-  
„ ra auxilia desiderare, quàm quæ Majestas Tua  
„ pollicetur? Imperabimus, inquis, copias, mu-  
„ nitiones, naves, atque reliquas res necessarias  
„ ad instruendam, ornandamque classem, statim  
„ in hoc Lusitanix Regno comparari; ut vel to-  
„ ta, vel ejus pars sancto foederi auxilium ferat.  
„ Benedicat tantæ virtuti Omnipotens Deus,  
„ eamque augeat, & remuneretur omni terrena,  
„ ac Cœlesti prosperitate; nam nos quidem nihil  
„ aliud possumus, nisi Sedis hujus Apostolicæ, at-  
„ que universæ Ecclesiæ nomine gratias agere Ma-  
„ jestati Tuæ, eique amplissima præmia polliceri  
„ ab eo, qui cùm Ecclesiæ suæ sponsus sit, san-  
„ guinisque cariore eam sibi prætio adjunxit, eo  
„ ma-

## 438 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ maiora habet reposita præmia iis, qui eam tuen-  
 „ tur. In quo etiam insigniorem facit pietatem  
 „ tuam locus ipse; quò enim à nostro periculo,  
 „ atque ab hostium metu remotior est, eò in te  
 „ apertior apparet charitas Christi, quæ non quæ-  
 „ rit quæ sua ipsius sunt; tametsi nihil potest esse  
 „ nostræ Matris Ecclesiæ, quod nostrum quoque  
 „ non sit. Hæ igitur litteræ, quas non minus ad  
 „ nos, quàm ad Pium V. scriptas esse arbitramur,  
 „ (perspicuum enim est Majestatem Tuam, non  
 „ personam, sed Ecclesiam, non tempus illud,  
 „ sed causam spectasse) incredibilem nobis spem,  
 „ atque alacritatem attulerunt. Itaque & Deo,  
 „ & Majestati Tuæ gratias agendas duximus,  
 „ postulandumque totius Ecclesiæ nomine, ut  
 „ eam in annum sequentem iis auxiliis juves, quæ  
 „ tam prolixè polliceris; quod tametsi Te factu-  
 „ rum non dubitamus, tamen pro nostro summo  
 „ desiderio facere non possumus, quin etiam, at-  
 „ que etiam rogemus. Nos enim noctes, dies-  
 „ que, ut æquum est, de Ecclesia cruciamur, nec  
 „ cessamus charissimos filios Maximilianum in Im-  
 „ peratorem electum, & Regem Christianissi-  
 „ mum ad hoc sanctissimum fœdus vocare; cum-  
 „ que iis quantum possumus agimus, nec despe-  
 „ ramus; sed sive illi venerint, sive non, quod  
 „ Deus avertat, quod impeditenti erit; tu cer-  
 „ tè, charissime fili, tuo nos auxilio nè destitue:  
 „ animadvertimus enim te in illis ad Pium V. lit-  
 „ teris

*Parte III. Libro II. Cap. XIV. 439*

„teris duo polliceri, alterum de fœdere, cum  
„illa exceptione, si cæteri quoque Christianorum  
„Principes adduci potuerint; quod utinam faxit  
„Deus, nosque hoc videre permittat, ut Te, at-  
„que alios tam gloriosi fœderis socios, & con-  
„fortes habeamus: alterum de auxiliis mittendis,  
„ deque hostibus à rubro etiam mari adoriendis,  
„cum illa exceptione, nisi si necessitas aliqua,  
„cui parendum sit, id prohibeat; quam quidem  
„necessitatem nullam fore speramus, Christia-  
„namque Ecclesiam, si primum illud non pote-  
„rit, tuo certe beneficio tua, ac tuorum maio-  
„rum perpetua fide, pietate, virtute in Christi  
„hostibus arcendis, inque ejus honore, & gloria  
„tuenda, & propaganda dignissimo fruiturum;  
„sublatis divina manu impedimentis iis, quæ ha-  
„ctenus Majestati Tuæ scribere voluimus per di-  
„lectum filium Joannem Tellum Menesium tuum  
„apud nos Oratorem, cujus gravitatem, mo-  
„destiam, ac summam in tuis rebus fidem, &  
„diligentiam, & sanctæ memoriæ Pius V. &  
„nos experti sumus; confirmamusque magnam  
„illum huic ab omnibus laudem, & benevolen-  
„tiam reportare, quibus etiam nominibus cum  
„Majestati Tuæ commendatissimum esse non du-  
„bitamus. Tibi vero, cui totum debemus, quid-  
„quid valemus, offerre supervacaneum putamus:  
„quidquid tamen valebimus Tibi, ac tuis valebi-  
„mus. Datum Romæ apud S. Petrum sub An-  
„nulo.

440 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ nulo Piscatoris die 17 Septembris 1572, Pontificatus nostri anno primo.

83 Não satisfeito o Pontifice de exaltar com grandes elogios o sagrado ardor, que no seu peito alimentava El Rey D. Sebastião contra os inimigos da Igreja Romana, lhe escreveu o seguinte Breve, onde louva o zelo, com que se offereceo a Carlos IX. de França, para debellar os hereges Hugonotes, que fatalmente foraõ destróçados em a noite do dia de S. Bartholomeu, (de cuja derrota se fez breve memoria no Capitulo antecedente) e o exhortou a expedir promptamente a Armada ao Levante, como promettera.

„ Gregorius Papa XIII. Charissime, &c.  
 „ Summa cum voluptate accepimus à dilecto filio  
 „ Antonio Pinto, quàm piè Majestas Tua fuerit  
 „ per litteras gratulata Regi Christianissimo de  
 „ Hugonotorum extinctiõne, quam ei multa con-  
 „ suleris, quàm benevolè, quàm verè, quàm  
 „ congruenter ad ipsius munus, atque ad præsen-  
 „ tem opportunitatem optatissimam illam quidem,  
 „ sed non hoc tempore expectatam, ab ipso au-  
 „ tem Rege, consilio, & prudentiâ, ac Dei be-  
 „ nignitate repræsentatam; quàm promptè, at-  
 „ que alacriter denique tua ei auxilia obtuleris;  
 „ quæ omnia, & si nunc primùm accepimus, ta-  
 „ men in ea ipsa, quæ Majestati Tuæ intrinsecus  
 „ in animo versatur, hoc est in Christi gloriæ,  
 „ Eccle-

*Parte III. Livro II. Cap. XIV. 441*

„ Ecclesiæque suæ tranquillitatis, atque amplitu-  
„ dinis desiderio, pervetera sunt; nostroque, at-  
„ que omnium de tua insigni pietate iudicio ma-  
„ ximè consentanea. Itaque has statim ad Te lit-  
„ teras dedimus, ut & virtuti tuæ gratularemur,  
„ & quàm illa nobis grata acciderint, significa-  
„ remus. Ut autem omnis bonæ in nobis volun-  
„ tatis Auctorem Deum agnoscere debemus, sic  
„ ejus benignitati gratias agere oportet omnes,  
„ quibus facultas datur, ea, quæ rectè concupi-  
„ erunt, agendi facultatem, qui eam quampri-  
„ mum arripere, & quoad perficiant tenere oportet.  
„ Nulla verò potest hoc tempore esse præ-  
„ clarior ea, quam in manibus habemus, Turca-  
„ rum nimirum Christi, atque ejus nominis ho-  
„ stium immanissimorum furorem, & rabiem fran-  
„ gendi; & non solum à sacris altaribus, à San-  
„ ctis Sacerdotibus, ab innocentibus pueris, vir-  
„ ginibusque, ab universa denique Christiana Re-  
„ publica procul arcendi, sed etiam, quod à Di-  
„ vina benignitate speramus, universam eam luem  
„ delendi; quod nos certè curamus, atque agi-  
„ mus quantum possumus; & quidem animo, ut  
„ ab ea Hugonotorum metu libero, ac soluto,  
„ sic in hanc causam intentissimo. Hanc quoque  
„ facultatem quantopere cupiamus Majestatem  
„ Tuam amplecti, & ex superioribus litteris in-  
„ telligere potuisti, & ex hoc ipso facile cognos-  
„ ces, quia non cessamus sæpius tecum agere ea

Tom.III.

Kkk

„ de



## 442 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„de re, quam Te pro tua pietate vehementer  
 „cupere ex tuis litteris cognovimus. Itaque sic  
 „existimabis has nostras esse, non illas quidem  
 „Majestatis Tuæ quòd summi desiderii indices.  
 „Nihil enim longius habemus, quam dum Te  
 „hujus gloriosi incepti socium videamus. Novi-  
 „mus enim quantum tua potentia, ac tuorum  
 „militum virtus in Christi causâ tuenda præstantis-  
 „sima, atque exercitatissima Christianorum Claf-  
 „si roboris, atque alacritatis, hostium furori ter-  
 „roris, universa Ecclesia ad speratam victoriam  
 „momenti, allatura sit. Itaque expectamus, ut  
 „Veris initio, quo maturè possumus ad hostes  
 „contendere, inque in eorum oris bellum gere-  
 „re, non in nostris. Sustinere Classem tuam,  
 „cujus in bellando virtus, & felicitas perspectis-  
 „sima est, omnibus rebus quàm instructissimam  
 „mittas Christo, qui sese testatus est quæri, &  
 „trucidari in membris suis: cujus quidem Classis  
 „adventum ipsi jam, atque animo percipientes  
 „gratias agimus Deo, quod ad Regiam istam  
 „Majestatem, ac potentiam adjunxerit animum  
 „vero regium, atque ad ejus causam paratissi-  
 „mum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum  
 „sub Annulo Piscatoris 8 Novembris 1572, Pon-  
 „tificatûs nostri anno primo.

Todas as diligencias, que applicava com  
 tanto desvêlo o nosso Pontifice para sustentar a  
 Liga contra o Turco, se desvaneceraõ por cau-  
 sa



fa dos Venezianos, que mediando a guerra pelos interesses presentes, sem prevenir os damnos futuros, celebraraõ pazes com o Sultaõ, por mediação de França, sem communicar esta resolução ao Pontifice, e ElRey de Castella, principaes authores da Liga, que se tinha formado à instancia, e conveniencia de Veneza.

Celebra Veneza pazes com o Turco, de que se seguiu desfazerse a Liga.

## CAPITULO XV.

*Chega a Lisboa D. Luiz de Ataide, e da pompa com que foy recebido este Heroe, do qual se faz hum breve elogio.*

84 **C**Umulado de victoriosos troféos, e coroado de triunfaes louros o insigne D. Luiz de Ataide, no feliz tempo, que moderou as redeas do Imperio Asiatico Portuguez, onde excedeo aos seus primeiros Conquistadores em direcções politicas, e emprezas militares, voltou para Portugal a receber no ocio da paz os premios merecidos no tumulto da campanha. Avistou a foz do Tejo a 3 de Julho deste anno de 1572, e impedido pela furia do vento Norte se passaraõ dezasete dias para embocar a barra. Em Domingo 20 de Julho, quando o Sol se avizinhava aos Antipodas, surgio D. Luiz da parte de Almada, e desembarcando na segunda fei-

1572

Chega a Lisboa D. Luiz de Ataide.

Tom.III.

Kkk ii

ra,

## 444 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Inexplicavel honrã, que recebe delRey,

ra, beijou a mão a ElRey, o qual querendo distinguir nas honras a hum vassallo, que tão heroicamente tinha representado a sua soberana Pessoa em o Oriente, ordenou, que se fizesse na sexta feira seguinte, dedicada ao Apostolo Santiago, huma solemne Procissão em acção de graças pelas victorias alcançadas na India contra os seus mayores Potentados. Fechava toda a Procissão a Magestade delRey D. Sebastião, levando à sua mão direita a D. Luiz de Ataide, de cuja honorifica demonstração se conhecia a generosidade do Principe, como o merecimento do vassallo.

Elogio de D. Luiz de Ataide.

85 Chegada a Procissão ao Convento de S. Domingos, que sahira da Cathedral, se cantou Missa solemne, assistindo sentado debaixo do do cel ElRey, e ao seu lado D. Luiz de Ataide, na forma que viera na Procissão. Subio ao pulpitto o Padre Ignacio Martins, da Companhia de JESUS, onde para eterno monumento de tão grande Heroe, lhe erigio huma estatua da artilharia, que em tantos combates terrestres, e navaes, ganhara o seu incómparavel valor. Ornava-se o seu pedestal com diversos quadros, em que se admiravaõ dibuxadas as suas mayores façanhas. Representava huma a colligada potencia de tres formidaveis corpos, não fabulosos como os de Gerião, quaes foraõ o Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim, derrotados por este Lusitano

*Parte III. Livro II. Cap. XV. 445*

tano Hercules, em Goa, Chaul, e Chale. Viaõ-se em outro as Fortalezas de Onor, Bracellor, Parnel, e Affari desmantelladas, sobre cujas ruinas tremolavaõ victoriosos os Estandartes Portuguezes. Em outros se divisavaõ diversas Armadas expedidas a impulsos da sua vigilancia, entre as quaes se distinguiaõ a de Martim Affonso de Miranda, triunfante dos Malavares; a de Paulo de Lima, derrotando a dos Reys de Colles, e Sarcetas; a de Nuno Velho Pereira, em Cambaya abrazando a de Surrate; a de D. Diogo de Menezes, rendendo a Cidade de Villachiraõ; a de Fernaõ Telles, aprizionando em Podiaõ Gale quatro galeotas, com grande mortandade dos inimigos; a de D. Luiz de Mello da Sylva destruindo a formidavel do Achem, composta de sessenta navios; a de D. Francisco Mascarenhas, soccorrendo Chaul invadido pelo Nizamaluco.

86 Esta elegantissima narraçaõ, em que o Orador Evangelico compendiou as heroicas empresas de D. Luiz de Ataide, sendo plausivel a taõ augusto auditorio, foy para os seus ouvidos sumamente molesta; mas ainda que com ingrato silencio as sepultasse o Orador em obsequio da sua modestia já a Fama por cem bocas as tinha divulgado por todo o ambito do Universo, certamente merecedoras de que o Sol as coroaasse com os seus rayos, por serem obradas onde este Planeta Principe tem o seu berço.

Acaba-

## 446 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Em applauso de Luiz de Ataide faz El Rey duplicadas honras,

87 Acabada a função, em que este Heroe recebeo a inexplicavel honra de estar sentado à mão direita del Rey, ainda não satisfeito de huma acção, que parecia o elevava de vassallo a soberano, lhe deu hum esplendido banquete no Paço, em que competio a profusão com a delicadeza. De tarde se coroou tão festivo dia com jogo de Canas em o campo de Alcantara, em que entraraõ D. Luiz de Ataide com El Rey D. Sebastião, e outros Fidalgos, que acompanhavaõ ao Senhor D. Duarte. Passados dez dias se repetio no mesmo sitio semelhante duello com mayor apparato, que o antecedente, para o qual concorreo a mayor parte da Fidalguia, preciosamente vestida, e ayrosamente montada em soberbos cavallos. Assistio a este espectaculo a Infanta D. Maria, acompanhada das suas Damas, a quem convidara El Rey, que se distinguio de todos os Cavalleiros na destreza, e agilidade com que mandava os cavallos.

CAPL.

## CAPITULO XVI.

*Funda a Rainha D. Catharina em Lisboa o Collegio de Nossa Senhora da Escada, cujo governo comette aos Religiosos da Ordem dos Prégadores.*

88 **P**Ara a Serenissima Rainha D. Catharina immortalizar o seu nome em os Fastos da piedade Catholica não podia idear fabrica mais gloriosa, que a erecção do Real Collegio de Nossa Senhora da Escada, junto do Convento de S. Domingos, em a Corte de Lisboa, para ser palestra dos Parochos, que com a sua doutrina devião instruir as almas para o caminho da vida eterna. Entre todas as sagradas Familias, com que se orna a Igreja Catholica, elegeo para Administrador, e Cathedromaticos do novo Collegio aos alumnos da clarissima Ordem dos Prégadores, onde a sabedoria illustrada com os rayos do Sol de Aquino se conserva hereditaria sem a menor diminuição das suas luzes, confiando da sua profunda literatura, e virtuosa observancia; satisfariaõ exactamente a obrigação, que se lhes comettia. Estava junto o Definitorio do Capitulo Provincial, celebrado em Santarem, que se compunha de Fr. Francisco Foreiro, Vigario General

1572

Erecção do Collegio Real de  
Nossa Senhora da Escada.

## 448 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

ral da Provincia, cujo nome deixou eternizado no Concilio de Trento; Fr. Martinho de Ledesma, Cathedratico de Prima da Universidade de Coimbra; Fr. Manoel da Veiga, Mestre em Theologia; Fr. Jeronymo Borges, Prior do Convento de Santarem; e Fr. Thomás de Sousa Presentado, todos quatro Definidores: e sendo proposto como a Rainha ordenara a erecção do Collegio, e nomeado para Mestres os Religiosos Dominicanos, se obrigaraõ em nome da Provincia a aceitar a administração, e Cadeiras do dito Collegio, com as condições ordenadas por Sua Alteza, que se continhaõ na Carta seguinte.

Alvará da Rainha D. Catharina, pelo qual institue o Collegio de Nossa Senhora da Escada,

„ D. Catharina por graça de Deos Rainha  
 „ de Portugal, e dos Algarves, &c. Infanta de  
 „ Alemanha, de Castella, e Leão, das duas Si-  
 „ cílias, de Jerusalem, &c. A todos, que esta  
 „ Carta de Instituição, e Fundação de Estudo vi-  
 „ rem, faço saber, que considerando eu, que  
 „ hum dos mais principaes, e mais aceitos servi-  
 „ ços, que a Deos Nosso Senhor se podem fazer,  
 „ he aquella esmola, que ajudando à sustentação  
 „ corporal dos proximos, resulta della proveito  
 „ para remedio, e salvação das almas pelo Sangue  
 „ do mesmo Senhor remidas, e entendendo, que  
 „ o principal adjutorio para se aproveitarem des-  
 „ ta Redempção, e serem salvas, he o que po-  
 „ dem receber pelo ministerio dos Sacerdotes, a  
 „ quem por Nosso Redemptor he comettido o  
 „ San-

„ Santo Sacramento da Penitencia, o juizo, e re-  
„ medio dellas; e vendo outro si quaõ necessario  
„ seja aos taes Sacerdotes terem o saber, que a  
„ importancia de cousa taõ necessaria requiere pa-  
„ ra nella serem Ministros idoneos, e sufficientes  
„ ( pois sendo como saõ Juizes das culpas, e Me-  
„ dicos das infirmitades da alma, falecendo nel-  
„ las o conhecimento, e prudencia, que para cou-  
„ sas taõ difficultosas he necessario, naõ poderáõ  
„ ser acertados seus juizos, nem saberáõ applicar  
„ proveitosos remedios ) com vontade, e desejo  
„ de que o Senhor seja de mi servido em obra;  
„ que tanto he para gloria sua, e bem, e salva-  
„ çãõ de suas creaturas, ordeno, e mando, que  
„ dos quinhentos mil reis de juro, que para este  
„ effeito tenho deputados, se dem de esmola pa-  
„ ra ajuda da sustentaçãõ de trinta Clerigos ouvin-  
„ tes, e de dous Mestres Religiosos, por quem  
„ sejaõ ensinados em casos de consciencia, e nas  
„ determinações, que no juizo da Confissãõ se  
„ deve dar nelles, e em tudo o mais, que para  
„ serem Confessores, e Curas de almas he neces-  
„ sario; porque posto, que nos estudos das Uni-  
„ versidades se criem Theologos, e Canonistas em  
„ sciencia sufficiente, para o ministerio, ordina-  
„ riamente os que saõ Letrados aspiraõ a cousa de  
„ mais proveito, e honra, ou os encarregaõ del-  
„ las de modo, que se naõ empregãõ no serviço  
„ particular das Igrejas, e em ouvir as Confissões,



## 450 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„e curar por si as almas , sendo isto de tão gran-  
„de importancia para salvaçaõ dellas , pareceo  
„(como dito tenho) ser grande serviço de Nos-  
„so Senhor criarem-se Clerigos , que tendo suf-  
„ficiencia para ser Curas , e Confessores , nisto  
„se occupem por si mesmos sem pertençaõ das  
„cousas , em que os mais fundados se costumão  
„occupar , para cuja doutrina ordeno esta Insti-  
„tuição , e para ajuda da sustentação dos que hou-  
„verem de ser doutrinados , e dos Mestres , que  
„os andem doutrinar applico os ditos quinhentos  
„e vinte mil reis de juro , repartindo-se na ma-  
„neira adiante declarada , e hey por bem , que  
„em tudo se tenha , e guarde inteiramente o por  
„mi ordenado nesta minha Carta de Instituição ,  
„e fundação , por quanto com o parecer de pes-  
„soas doutas , e Religiosas , que para isso tomei ,  
„o hey assim por bem , serviço de Deos , e per-  
„petuação da dita Instituição. Feita em Xabre-  
„gas a 21 de Julho de 1572 , e eu Francisco Ca-  
„no , Secretario de S. A. a fiz escrever.

### RAINHA.

Clausulas da Instituição do novo Collegio.

89 As condições da Instituição do novo Collegio , escritas em vinte e dous Capitulos , eraõ as seguintes. Seriaõ dous os Lentes de Theologia Moral ( e não hum como modernamente escreve o Padre D. Antonio Caetano de Sousa , *Hist. Geneal. da Inf. Real Portug.* Tom. 1. liv. 4. pag.



pag. 528.) cuja leitura principiaria a 15 de Setembro, para acabar em 15 de Julho; e que no dia 14 consagrado à Exaltação da Santa Cruz, Vespera do principio da Leitura, cantariaõ os Religiosos Dominicos em o Convento de Lisboa hum Missa solemne, pedindo nella a Deos a sua protecção, com a qual perpetuamente se estabelecesse o novo Collegio. As lições dos dous Mestres se dividiriaõ entre a manhã, e a tarde, durando a do Lente da manhã, desde a Exaltação da Cruz até à Quaresma, das oito até às nove horas, e do principio da Quaresma até à Exaltação da Cruz, das sete até às oito. O Lente de Vespera leria todo o anno das tres até às quatro. A materia da Leitura de hum dos Mestres fosse o Cathecismo ordenado por S. Pio V. para instrução dos Parochos, e do outro Mestre explicaria a Summa de Caetano, ou o Manual de Navarro, observando-se tal ordem, que o Lente do Cathecismo explicasse em lugares convenientes algumas materias incluidas na Summa, e Manual, de maneira, que se não deixe de ler o que he necessario, e em quanto poder ser, nunca se repita o que se tem lido hum vez. Para satisfação dos dous Lentes, e do Administrador do Collegio o Prior do Convento de S. Domingos de Lisboa, assinou a Rainha hum juro perpetuo de cem mil reis. Os Collegiaes seraõ Sacerdotes, ou de Ordens Sacras, e não excederaõ a idade de quaren-

ta annos, excepto não havendo outros capazes ao tempo da vacatura; de limpa geração, para que a sua doutrina, e ministerio seja aceito do povo; de vida inculpavel, sem beneficio, renda, patrimonio, ou gráo de Theologia, e Canones, para que não occupem os lugares daquelles, que necessitaõ de ser ensinados; e se por falta de verdadeira informação forem recebidos alguns contra a fórma declarada, certificado o Administrador de não ter as qualidades expressadas, os poderá livremente despedir. Antes de admittidos seraõ examinados pelo Administrador, e os dous Lentes, de cujos votos penderá a sua approvaçaõ. O numero dos Collegiaes será de trinta (como está escrito nos Estatutos originaes, que vimos, e não de trinta e dous, como escreveo o Padre Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 40.) dos quaes dez seraõ naturaes de Lisboa, e vinte fóra della, e destes se preferiráõ os nascidos nas terras da Rainha, como são Alenquer, Obidos, Cintra, e outros que possue em o Reyno do Algarve, e de todos sempre será aceito o mais pobre. Succedendo não se acharem tantos Clerigos de Ordens Sacras, que cheguem ao numero dos trinta, seraõ admittidos para seu complemento alguns mancebos, que ao menos tenhaõ dezanove annos de idade, de cuja vontade, e modo de vida haja provavel certeza de estarem promptos para receber as

as ditas Ordens. Se o pertendente for desta Cidade, ou do seu Arcebispado, se informará o Administrador da limpeza do sangue, integridade de costumes; porém sendo de parte mais distante, bastará, que o pertendente apresente informação authentica dos requisitos acima nomeados feita pelo Ordinario do seu Bispado, ou do Prior de S. Domingos, havendo Convento desta Ordem em a terra, onde for morador. O juro perpetuo de quatrocentos e vinte mil reis, que a Rainha generosamente applicou para estabillidade do Collegio, ordenou se repartisse nesta fórma. Ao Collegial nascido em Lisboa, ou seu Termo, dará o Administrador cada anno doze mil reis, por necessitar de menor despeza, para a sua sustentação; porém ao que for nascido fóra do Termo de Lisboa, quinze mil reis, cujos ordenados se lhes pagarão aos quarteis, descontando em cada hum as multas, em que forem condemnados, e nunca se lhes dará dinheiro anticipado. Ordenou mais a Rainha, que todos os Domingos do anno dissessem huma Missa rezada os Religiosos Dominicos na Igreja de Nossa Senhora da Escada pela alma de seu esposo D. João o III. e a sua, e que os Collegiaes seriaõ obrigados duas vezes no anno ir ao Convento de Belem, huma no dia anniversario da morte de D. João o III. que he a 11 de Junho, e se cahir ao Domingo, no dia antecedente, e a outra em o dia anniversario da mesma

#### 454 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

mesma Rainha ; e nestes dous dias os que forem Sacerdotes, dirão Missa pelas almas destes dous Principes , e os que o não forem, rezarão pelas ditas almas o Officio dos Defuntos com tres Nocturnos. Determinou a Real Instituidora com vigilante providencia , que para se cumprir exactamente tudo quanto tinha disposto para conservação do novo Collegio , fizesse huma visita cada anno no mez de Abril , ou Mayo , o Capellão mór del Rey pessoalmente , e na falta delle o Deão de sua Real Capella , cuja visita encomenda muito a El Rey seu neto , e seus successores , pois della se segue haver Confessores , que nas Igrejas do seu Reyno , e particularmente em as de seu Padroado , e Ordens Militares , possaõ dignamente exercitar o seu ministerio. Para que a todos fosse notoria a fundação deste Collegio , mandou passar huma Carta assinada pela sua Real mão , em que se incluiaõ os vinte e dous Capitulos dos Estatutos do novo Collegio , e da dita Carta se fizeraõ tres traslados passados pela Chancellaria , e no fim de cada hum se escreveo a verba do seu Testamento , em que falla desta Instituição , mandando , que hum se guardasse na Torre do Tombo , o segundo em o Mosteiro de S. Domingos de Lisboa , e o terceiro em o Cartorio da Cathedral de Lisboa. Ultimamente querendo esta prudente Heroína , que esta obra ideada por seu ardente zelo ficasse solidamente estabelecida,

**Parte III. Livro II. Cap. XVI. 455**

belecida , pedio a seu neto ElRey D. Sebastião , que a recebesse na sua Real protecção , a cuja justificada supplica deferio este Principe com o seguinte Alvará.

„ D. Sebastião por graça de Deos Rey de  
„ Portugal , &c. Faço saber aos que esta Carta  
„ virem , que a Rainha minha Senhora , e Avó ,  
„ me enviou a dizer , que ella tinha ora nova-  
„ mente ordenado , que no Mosteiro de São Do-  
„ mingos da Cidade Lisboa , se lesse para sempre  
„ em cada hum dia duas lições de casos de consci-  
„ encia para trinta Clerigos as ouvirem , e apren-  
„ derem as cousas necessarias para serem Curas , e  
„ Confessores , e que para perpetuação das Ca-  
„ thedraes das ditas lições , e continuação dos  
„ Cursos , dos que as houverem de ouvir , orde-  
„ nara , que se dessem aos Padres do dito Mos-  
„ teiro cem mil reis em cada hum anno pela obri-  
„ gação das ditas lições , e pelas mais contheudas  
„ nos Estatutos da dita fundação , em quanto as  
„ cumprissem , e aos trinta Clerigos para sua sus-  
„ tentação quatrocentos e vinte mil reis , em ca-  
„ da hum anno , repartidos em a ordem , e obri-  
„ gações declaradas no dito Estatuto ; e que pa-  
„ ra cumprimento do sobredito tinha applicado à  
„ dita fundação quinhentos e vinte mil reis de  
„ juro , que se montava no que haviaõ de haver  
„ os ditos Padres de S. Domingos , e assi os di-  
„ tos Clerigos , desmembrando-os , e separando-os  
„ dos

Recebe D. Sebastião debaixo  
do seu Real patrocínio o novo  
Collegio,

456 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ dos seis contos setecentos e tres mil e duzentos  
 „ e vinte e nove reis, que tinha de minha Fazenda de juro, por minhas Provisões, que lhe foram dadas em pagamento do seu dote, e arras,  
 „ pedindo-me S. A. houvesse por bem de approvar, e confirmar a fundação, e Instituição das  
 „ Cathedraes das ditas lições, e dos Cursos, que  
 „ nellas haviaõ de ouvir os ditos trinta Clerigos,  
 „ para mais segura perpetuação della, e a quizesse tomar debaixo da minha protecção, para a  
 „ favorecer em tudo o que fosse necessario à sua  
 „ conservação, e accrescentamento, assi no que  
 „ tocasse ao Curso das ditas lições, como no que  
 „ cumprisse para os ouvintes dellas serem providos, e favorecidos, sendo idoneos, para servir  
 „ nas cousas da sua profissão, e havendo respeito à fundação, e Instituição das ditas lições,  
 „ e Cursos, ser de grande serviço de Deos, e bem das almas dos povos de meus Reynos, e por  
 „ mo pedir a Rainha minha Senhora, e Avô, a quem desejo comprazer em tudo, como he razão, por esta Carta, de minha certa sciencia,  
 „ poder Real, e absoluto, approvo, e confirmo a dita fundação, e Instituição, para que haja  
 „ cumprido, e plenario effeito, para todo sempre, e suppro, e hey por supprido qualquer falta, que nella haja defeito, ou de direito, sem  
 „ embargo de quaesquer Leys, Ordenações, e Estatutos de quaesquer Universidades, e Provisões,

„visões, que forem feitas, ou ao diante se pas-  
„sarem, que em tudo, ou em parte, sejaõ con-  
„tra o effeito da dita fundação, ou impidaõ,  
„as quaes todas hey por derogadas, no que a  
„isto tocar, como se de *verbo ad verbum* fos-  
„sem trasladadas nesta Carta, e como se da subst-  
„tancia dellas fosse aqui feita especificada men-  
„ção, sem embargo da Ord. do 2. liv. tit. 49.  
„que dispoem se não entenda ser derogada por  
„mi Ordenação alguma, se da substancia della  
„não for feita expressa menção, e assi me apraz  
„de tomar debaixo de minha protecção, e fun-  
„dação das ditas Cathedras, e a instituição dos  
„Cursos dos trinta Clerigos ouvintes, confor-  
„me aos Estatutos della, para a favorecer em  
„tudo o que for necessario para sua conserva-  
„ção, accrescentamento, e perpetuação, co-  
„mo he razão, pelos respeitos acima declara-  
„dos: e rogo, e encomendo aos Reys meus  
„successores, que assi o fação, para que em  
„tempo algum por falta de seu favor não haja  
„coisa que impida o effeito da dita fundação,  
„e Instituição, e mando aos Védores da minha  
„Fazenda, e a quaesquer outros Officiaes a  
„quem pertencer, que fação fazer os pagamen-  
„tos dos ditos quinhentos e vinte mil reis de ju-  
„ro, applicados a esta fundação, aos quarteis  
„de cada hum anno, com todo o favor neces-  
„sario aos Lentes, e ouvintes serem bem pagos,



## 458 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„e poderem com a quietação, que se requiere,  
„continuar seu estudo; e assi mando a todos os  
„Officiaes de Justiça de meus Reynos, e Se-  
„nhorios, que não sejaõ em tudo, nem parte  
„contra a fundação, e Instituição das ditas Ca-  
„thedras, nem contra os Estatutos delles, an-  
„tes em tudo, que a seus cargos tocar, a favo-  
„reção, e fação o que for necessario para con-  
„servação, e accrescentamento della. Encomen-  
„do ao dito Prior do Mosteiro de S. Domingos  
„de Lisboa, que ora he, e ao diante for, que  
„havendo falta nisto, ou em outra alguma cou-  
„sa das que cumprirem a este effeito, me fação  
„disso lembrança para eu mandar logo prover  
„nisto; e para firmeza de tudo o que dito he  
„mandey passar esta Carta por mi assinada, e  
„sellada de meu Sello pendente. Lopo Soares  
„a fez na Cidade de Evora a 21 dias do mez de  
„Dezembro anno do Nascimento de Nosso Se-  
„nhor JESUS Christo de 1572.

ELREY.

CAPÍ-



## CAPITULO XVII.

*Trasladaõ-se por ordem da Rainha D. Catharina os corpos de seu augusto consorte D. Joaõ o III. e seus Serenissimos genros os Monarcas D. Manoel, e D. Maria, em o Real Convento de Belem, e da magnifica pompa com que se fez esta funebre funçaõ. Morre D. Fr. Joaõ Soares, Bispo de Coimbra, de quem se faz hum breve elogio.*

90 **N**ÃO houve acçaõ obrada pelo sublime espirito da Rainha D. Catharina, que deixasse de ser hum eterno monumento da grandeza do seu coração, e da piedade de seu animo. Entre ellas mereceo mais distincta memoria a magnifica trasladação dos cadaveres de seus augustos genros D. Manoel, e D. Maria, e de seu amado consorte D. Joaõ o III. Para se executar este intento mandou proseguir a Capella mór do Real Convento de Santa MARIA de Belem, habitado pelos Religiosos de S. Jeronymo, cuja obra se suspendera por estarem applicadas as rendas Reaes para a fortificação dos lugares de Africa. Acabada a fabrica da Capella, onde a magestade da Architectura se ornava de marmores de diversas cores, competindo a arte com a natureza para a sua ultima perfeição, se levanta-

1572

*Intenta a Rainha D. Catharina trasladar os ossos de seu esposo, e genros.*

Tom.III.

Mmm ii

raõ

## 460 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

raõ quatro soberbos Mausoléos, dous ao lado do Evangelho, e dous ao da Epistola. Era cada hum sustentado por dous elefantes de marmore, cuja parte superior se rematava com huma Coroa dourada. Determinado o dia 14 de Outubro deste anno de 1572, para esta funebre cerimonia, passou a Rainha D. Catharina a 2 do referido mez para o Convento da Esperança de Religiosas Franciscanas, por estar mais proximo ao de Belem, em que se havia de fazer a trasladação, donde a 12 foy morar nas casas do Duque de Aveiro, situadas junto daquelle magnifico Mosteiro. Neste dia, que era Domingo, sagrou o Bispo de Vizeu D. Jorge de Ataide o Altar da nova Capella, formado de hum precioso porfido. Na Sacrificia do Mosteiro de Belem, sobre hum estrado cuberto de brocado, e cercado de muitas tochas acezas, estava hum feretro, e nelle tres caixões pequenos, de fórma quadrada, cubertos de damasco branco, com fechaduras douradas, nos quaes tinhaõ depositado, em quanto se faziaõ os novos Mausoléos, os ossos dos Serenissimos D. Manoel, D. Maria, e D. João o III. o Bispo do Funchal D. Fr. Fernando de Tavora, Esmo-ler mór delRey D. Sebastião, D. João de Castro, Capellaõ deste Principe, e Fr. Heytor Pinto, Provincial da Ordem de S. Jeronymo, bem conhecido em o Orbe literatio pelas suas Obras Escriturarias.

Que-

*Parte III. Livro II. Cap. XVII. 461*

91 Querendo ElRey D. Sebastião authorisar com a sua presença esta funebre acção, depois de ter jantado no Paço de Santos, partio para Bellem acompanhado do Senhor D. Duarte, e de toda a Nobreza. Convocado o Cabido de Lisboa, e a Capella Real com todas as Communi-  
dades Religiosas, que chegariaõ ao numero de quinhentos e sessenta e nove Sacerdotes, foraõ pelas suas antiguidades entrando pela porta da Sacristia, e cantando cada humo seu Responso sahiaõ para o Claustro. No fim destes suffragios tomaraõ aos hombros o feretro ElRey D. Sebastião, o Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, e seu tio D. Affonso de Lancastro, cubertos de grande luto, e acompanhados de todos os Fidalgos com tochas acezas. Seguiaõ-se o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, os Bispos de Vizeu, Funchal, e Angra; o Deaõ da Capella Real, e no fim de todos o Cardeal D. Henrique, vestido de Pontifical. Fechava toda esta authorisada comitiva os Criados, e Officiaes da Casa Real, enlutados, e com tochas acezas. Depois de discorrer esta comitiva em fórma de Procissão pelo Claustro, sahio ao Cruzeiro da Igreja, em cujo meyo estava hum estrado de dous degrãos, cuberto de brocado, onde foy collocado o feretro. Pouco distante deste lugar affistio ElRey sem sitial, nem cortina, e proximo à entrada da Capella mór D. João de Borja, Embaixador

Pompa com que se fez a trasladação.

## 462 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

baixador de Castella, e da outra parte o Senhor D. Duarte com o Duque de Aveiro, e D. Affonso de Lancastro. Toda a Nobreza estava sentada em bancos cubertos de luto, que se estenderão até o corpo da Igreja. A Rainha com a Infanta D. Maria, e suas Damas assistiaõ a toda esta funçaõ em huma tribuna fabricada no Coro da Igreja.

Que Prelados officiarão as Vesperas, e Matinas do Officio,

92 O Cardeal D. Henrique revestido de Pontifical, e assistido dos Prelados, que o acompanharaõ na Procissãõ, capitulou as Vesperas de Defuntos. Acabadas estas, entoou Matinas o Bispo de Vizeu, ornado das vestes Pontificaes, que se acabaraõ com duas horas de noite. Todas as PESSOAS REaes (excepto a Rainha, e a Infanta D. Maria) como os Prelados, Clero, e Regulares, dormiraõ no Mosteiro, aos quaes deu El-Rey huma magnifica cea, chegando as ultimas mesas até à meya noite. Na madrugada do dia seguinte, que se contavaõ 14 de Outubro, celebraõ Missa todos os Sacerdotes Regulares, e Seculares, pelas almas dos Reys defuntos em trinta Altares, que se levantaraõ pelo circuito do Claustro, paramentados com ornamentos negros, e ao lado de cada hum duas tochas ardendo. O Cardeal Infante por naõ estar capaz de cantar a Missa, a celebrou rezada no Altar mór, e no fim della rezou o Responso sobre o feretro. Chegado o tempo competente se cantaraõ Laudes, a que pre-

presidio o Arcebispo de Lisboa, e cantou a Missa com toda a solemnidade. Ao Offertorio mandou a Rainha pelo seu Esmoler mór D. Diogo Manoel, irmão do Conde de Odemira, seu Mordomo mór, offerecer hum Cruz de prata dourada, duas Custodias muito preciosas, em que estavam duas cabeças das valerosas Virgens, companheiras de Santa Ursula, hum Sacrario de crystal, guarnecido de ouro, hum Pontifical de grande preço, e outras peças de igual valor, que artificio, sendo todas levadas em pratos de prata por vinte e cinco Religiosos do Convento, com sobrepelizes. Recitou a Oração Funebre o insigne Theologo Diogo de Paiva de Andrade, cuja profunda sciencia foy admirada no Concilio Tridentino, sendo o argumento da sua Oração as virtudes de D. João o III. que encheo o espaço de duas horas. Ultimamente cantado com grande solemnidade o Responso, assistindo El-Rey, a Nobreza, e Ecclesiasticos com velas acesas, incensou o feretro o Arcebispo de Lisboa, e cantou a Oração, que dispoem o Ceremonial Romano. Segunda vez tomou aos hombros El-Rey D. Sebastião acompanhado do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, e D. Affonso de Lancastro o feretro, e o levarão até à Capella mór, do qual tirarão o Bispo do Funchal, e Fr. Heytor Pinto a caixa dos ossos do Serenissimo Rey D. Manoel, e o conduzirão para o Mausoleo

Offerece a Rainha preciosas  
peças ao tempo do Offertorio da Missa,

#### 464 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Collocação-se os Reaes cadáveres em soberbos Mausoléos.

léo da parte da Epistola, e advertindo o Cardeal D. Henrique nesta acção, lhe foy respondido, que ordenara a Rainha como fundadora da Cappella, que para a parte do Evangelho se haviaõ collocar os ossos de seu augusto esposo. A esta determinação se oppoz o Cardeal, dizendo, que o lugar mais digno era sempre do Fundador daquelle Convento, qual fora D. Manoel, e com manifesto dissabor da Rainha se collocaraõ os ossos del Rey D. Manoel, e de sua consorte a Rainha D. Maria em os Mausoléos da parte do Evangelho, e da parte da Epistola os del Rey D. João III.

93 Seriaõ duas horas da tarde quando se deu fim a esta funebre função, dando El Rey hum esplendido jantar a todos os assistentes, e assim elle como o Cardeal se restituiraõ ao dia seguinte à Corte. A Rainha assistio mais quatro dias nas casas situadas junto do Convento de Belem, ouvindo em cada dia Missa cantada pelas almas dos Reys defuntos, e mandou dizer multiplicados suffragios à sua memoria. Ao Sabbado seguinte, que se contava 18 de Outubro, se restituiu de tarde ao Palacio de Xabregas, sendo todo o seu piadoso desvélo satisfazer as obrigações da alma de seu esposo, posto que se ignoravaõ, por morrer abintestado. Para este effeito mandou publicar pelo Reyno, que todo o criado, que tivesse servido a El Rey seu marido, e não estivesse satisfeito, ou outra qualquer pessoa a quem

*Parte III. Livro II. Cap. XVII. 465*

a quem o mesmo Príncipe fosse devedor, viessem requerer diante dos Ministros, que tinha eleito, o premio do seu serviço, e a satisfação da sua dívida. Assinou renda perpetua para os Capellães delRey em o Convento de Belem, e seus, quando chegasse o tempo de necessitar de suffragios.

94 A 27 de Novembro deste anno sentio a Jerarchia Ecclesiastica a falta de hum dos seus maiores Heroes, que produzio Portugal, qual foy o Illustrissimo Bispo de Coimbra D. Fr. João Soares. Deixando a Patria, e seus nobres pays Diogo Dias de Urrò, e Luciana de Alcantara, abraçou em Salamanca o Instituto de Eremita Augustiniano a 11 de Abril de 1523, onde aprendeo as Sciencias escolasticas, e as virtudes religiosas. Incorporado na Provincia de Portugal, com faculdade do Geral, foy tanta a estimação, que fez do seu talento D. João o III. que o nomeou seu Confessor, Prégador, Esmoler, e Mestre de seus filhos D. Philippe, e D. João. Sendo Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, subio à Cathedral de Coimbra a 22 de Mayo de 1545, em cuja Dignidade encheo as obrigações pastoraes, assim na distribuição das esmolas, como na fabrica, e ornamento dos Templos. Conduzio com grande apparato da Cidade de Badajoz à de Lisboa a Senhora D. Joanna de Austria, quando veyo a desposarse com o Príncipe D. João. Assistindo por ordem delRey D. Sebastião em o Concilio Triden-

Morre D. Fr. João Soares,  
Bispo de Coimbra, de quem  
se faz o elogio.

Tom. III.

Nnn

tino,



## 466 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

rino, deixou eternas memorias da sua insigne eloquencia, e grande literatura. Concluido o Concilio, visitou os Santos Lugares de Jerusaleem, onde deu hum precioso ornamento em o Templo do Santo Sepulchro. Restituido à sua Diocese, continuou a exercitar as obras meritorias, que lhe alcançaraõ feliz morte. Jaz sepultado em a Capella do Santissimo Sacramento da sua Cathedral. Os doutos escritos, em que recomendou o seu nome à posteridade, se podem ver no II. Tomo da minha *Bibliotheca Lusitana*, onde se faz mais distincta, e larga memoria deste insigne Varão.

---

### C A P I T U L O XVIII.

*Parte por Embaixador a França o Commendador mór, e da Instrucção, que lhe deu ElRey D. Sebastião.*

1572

95 **O** Commendador mór da Ordem de Christo D. Affonso de Lancastro, em cuja pessoa competia o esplendor do nascimento com a capacidade do juizo, tinha com tanta gloria do seu Soberano exercitado o ministerio de Embaixador na Corte de Roma, que partio por ordem delRey D. Sebastião segunda vez com o mesmo caracter à Corte de Pariz, para significar a Carlos IX. o excessivo jubilo, que recebera com a fausta noticia de ter destruido a hydra da he-

Parte o Commendador mór por Embaixador a França.

rell.



*Parte III. Livro II. Cap. XVIII. 467*

refia, confirmando com acção tão heroica a illustre antenomasia de Christianissimo. De tudo quanto devia obrar o Commendador mór nesta Embaixada, lhe deu ElRey D. Sebastião a Instrucção seguinte, escrita em Evora a 29 de Novembro deste anno de 1572.

„Commendador mór, Sobrinho amigo. Instrucção, que lhe deu El-Rey,  
„Offerecendo-se agora de haver de mandar visitar o Christianissimo Rey de França, meu Irmão, e Primo, pela santa, e honrosa determinação, que tomou, e execução della contra os Lutheranos, inimigos da nossa Santa Fé, e reveis à sua Coroa, e confiando de vós, que por vossas qualidades, e experiencia, que tendes em semelhantes cousas, fareis muy bem este officio, e me servireis nelle a todo meu contentamento, hey por bem de vos enviar a El-Rey Christianissimo para o visitardes de minha parte nesta occasião, e lhe fazerdes algumas lembranças importantes à mesma materia, no que tereis a maneira seguinte.

„Ireis na posta, e no numero aos cavallos com que haveis de correr, e vestidos, com que vós, e os vossos haveis de levar, e com que haveis de andar em França, seguireis a limitação, que já disto vos foy dito de minha parte, e fareis o caminho agora à ida pela Corte de Castella, e visitareis de minha parte a Princeza minha Senhora, e mãy, e ao Serenissimo

Tom.III.

Nnn ii

„Rey

468 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ Rey meu tio, dando-lhes conta do a que vos  
 „ mando a França, e que não quiz, que passas-  
 „ seis sem que primeiro a visitasseis, e a commu-  
 „ nicardes, e saberdes particularmente da faude  
 „ de ambos, e lhes dardes novas da minha, por-  
 „ que ainda que o Meirinho mór, meu Embai-  
 „ xador, por minha ordem, e por obrigação de  
 „ seu cargo, continue sempre com este officio,  
 „ me pareceo devido mandarvos, que o fizeis  
 „ tambem agora, para juntamente com elle me  
 „ poderdes logo escrever tão boas novas da faude  
 „ de ambos, como espero; e porque a Princeza  
 „ minha Senhora estava estes dias passados mal  
 „ disposta, e ElRey meu tio tocado de gota,  
 „ de que prazera a Nosso Senhor achareis tão  
 „ bem como desejo, o visitareis em particular por  
 „ estas indisposições, e que me fação merce man-  
 „ darem-me dizer se estão já de todo fóra dellas,  
 „ como eu quera, que sempre fosse, e que com  
 „ as novas da faude do Principe meu tio recebi  
 „ muito contentamento.

„ Tambem visitareis da minha parte a Se-  
 „ reníssima Rainha minha tia com estas palavras  
 „ mesmas, accrescentando a ellas as emboras do  
 „ nascimento de sua sobrinha, e escrevermeis a  
 „ resposta destas visitasões, e direis da minha par-  
 „ te ao Meirinho mór, que com ella despache  
 „ correio na diligencia, que lhe parecer, e por  
 „ sua ordem fareis saber à Princeza minha Senho-  
 „ ra,

*Parte III. Livro II. Cap. XVIII. 469*

„ra, e a ElRey meu tio de vossa chegada à sua  
„Corte, e trabalhareis por vos despedir della com  
„a mais brevidade, que puderdes, para que façaís  
„menos detença em vosso caminho a França, on-  
„de convém, que procureis por chegar com a  
„mais brevidade, e diligencia, que vos for pos-  
„sível para bem dos effeitos, a que vos mando  
„àquelle Reyno, mormente não partindo vós  
„já agora daqui tão cedo, como pareceo, que  
„fosseis.

„Tanto que embora chegardes à Corte de  
„França, e fallardes com João Gomes da Sylva,  
„do meu Conselho, que nella reside, com quem  
„pouzareis, e com cuja informação, e parecer  
„hey por meu serviço, que procedais em tudo  
„o que por esta Instrucção vos cometto pelas  
„couzas, que elle deve ter sabido, de que vos  
„poderá advertir; fareis por sua via sabedor de  
„vossa chegada a ElRey Christianissimo, e à  
„Rainha Christianissima sua mãy, e o dia que  
„tiverdes licença sua para ir ao Paço, o fareis,  
„e perante João Gomes da Sylva (que será pre-  
„sente a todos os officios, que fizerdes) dareis  
„a ElRey Christianissimo a Carta minha, que  
„para elle levais, e lhe direis, como vos envio a  
„elle para o visitardes de minha parte, e me ale-  
„grar com elle pela grande, e maravilhosa mer-  
„ce, que Nosso Senhor quiz fazer a seus Rey-  
„nos, e a toda a Christandade em beneficio com-  
„mum

470 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„mum della na cousa mais principal de todas ,  
 „que he a conservaçaõ da nossa Santa Fé por  
 „meio delle Christianissimo Rey, que taõ claro  
 „mostrou ao Mundo na santa , e honrosa deter-  
 „minaçaõ, que tomou, executada com tanto ze-  
 „lo da Fé contra os Hereges inimigos, e pertur-  
 „badores della, e reveis à sua Coroa , que se já  
 „naõ tivera o graõ titulo de Christianissimo, que  
 „lhe ficou dos antigos Reys de França , a quem  
 „Deos quiz, que fosse dado pelo muito que por  
 „muitas vezes fizeraõ em materias da Fé, e em  
 „beneficio da Igreja Catholica, o podera nova-  
 „mente merecer agora para si, e para todos os  
 „Reys seus successores, os quaes já agora fica-  
 „ráõ herdando delle os louvores devidos a seu  
 „grande merecimento por tamanha obra, e taõ  
 „notavel effeito, para que o Deos tomou por  
 „instrumento, e Ministro seu, em que ha tan-  
 „tas cousas, que considerar, e tantas mais por-  
 „que se devem dar perpetuas graças a Nosso Se-  
 „nhor, que por mais, que o entendimento faça  
 „em as particularisar, e o conhecimento dellas  
 „em as receber todas da sua poderosa maõ, nun-  
 „ca acabaráõ de chegar à correspondencia devi-  
 „da a taõ grande merce, e Misericordia sua; e  
 „que estando taõ certo ser o meu contentamen-  
 „to nesta materia tamanho, como tambem he  
 „grande a causa, podera escusar fazer nissõ de-  
 „monstrações, que bem se deve cuidar de mi,  
 „que

*Parte III. Livro II. Cap. XVIII. 471.*

„ que não pudera agora succeder no Mundo cou-  
„ sa, que mais me alegrasse, que esta, cujo effei-  
„ to começou logo a prometter, e dar a certa  
„ esperança, que de cada vez se vay confirmando  
„ mais de Nosso Senhor querer restaurar as cou-  
„ sas, a que elle só podia dar remedio; e que me  
„ acho tão obrigado a elle Christianissimo Rey,  
„ por assim acudir pela honra de Deos, e pela sua,  
„ tratar com tanto zelo da obrigação, que a ella  
„ tem, e acabadas com taes demonstrações de de-  
„ clarar como suas obras passadas nesta materia fo-  
„ raõ endereçadas a este fim, e feitas com propo-  
„ sito de conseguir, passando por todos os respei-  
„ tos, e considerações humanas; que se me do-  
„ brou agora o amor, que lhe sempre tive, ven-  
„ do a grande, e extraordinaria prudencia, com  
„ que se governou em hum tamanho, e impor-  
„ tantissimo negocio, que por ser tal, se vê clara-  
„ mente, que o conselho, que nelle tomou, lhe  
„ foy inspirado por Deos, que só lho podia dar;  
„ que eu o mandey logo entaõ visitar por Joaõ  
„ Gomes da Sylva, e darlhe por elle os parabens,  
„ que se lhe deviaõ por esta obra, que tanto tem  
„ satisfeito, e hoje em dia alegre toda a Christan-  
„ dade, me pareceo, que tambem devia agora  
„ mandar fazer este officio por vós, e para junta-  
„ mente lhe significardes (o que fareis quaõ en-  
„ carecidamente poder ser) a grandeza desta tão  
„ maravilhosa merce de Nosso Senhor, que quiz,  
„ que

„ que se executasse, e puzesse em effeito por elle  
„ Christianissimo Rey, e em dia taõ finalado co-  
„ mo foy o de S. Bartholomeu, Vespera do Bem-  
„ aventurado Rey S. Luiz, de que elle descen-  
„ de, a que Nosso Senhor quiz que se juntasse pa-  
„ ra mais gloria daquelle dia o milagre da arvo-  
„ re seca, que nelle subitamente floreceo na mes-  
„ ma Cidade de Pariz; o muito que elle de sua  
„ parte fez nesta obra, para depois de Deos ficar  
„ toda sendo sua; a singular prudencia, que nel-  
„ la mostrou; o grande segredo, e extraordina-  
„ rio modo, com que procedeo por tanto espa-  
„ ço de tempo; o soffrimento, que teve; o ris-  
„ co, a que se aventurou de suas obras poderem  
„ ser julgadas no Mundo differentemente da ten-  
„ ção, que nella tinha, por segurar o effeito, que  
„ pertendia, que tanto importava; e que estas,  
„ e outras cousas, que nesta materia houve, e  
„ tenho por certo, que elle fez de sua parte, lhe  
„ deu tanto, e taõ grande merecimento nella, e  
„ mostraõ tanto o valor da sua Real Pessoa, que  
„ me daõ occasião para vos mandar, que com  
„ elle vos largueis muito mais nesta minha visita-  
„ ção; e persuadido eu destes respeitos, do gran-  
„ de amor, que lhe tenho, e da obrigação em  
„ que de novo me poem; o modo de que o vejo  
„ proceder, me movi ao offerecimento, que lhe  
„ mandey fazer por Joaõ Gomes da Sylva com  
„ aquella vontade, e amor, que deve haver, e he  
„ , razaõ,

„ razão , que haja entre Reys Christãos irmãos,  
„ e tão parentes , e amigos , e que tanta obriga-  
„ ção tem a se ajudarem , e conformarem no que  
„ cumpre à honra de Deos ; e no fim desta pra-  
„ ctica lhe dareis da minha parte os emboras pe-  
„ la filha , que ora lhe Nosso Senhor deu , e que  
„ prazera a elle lhe dará os filhos , que deseja , e  
„ espero que tenha , para bem da Coroa de seus  
„ Reynos , e muy grande contentamento seu.

„ Depois disto lhe direis , que tendes outro  
„ recado meu para elle , que lhe dareis em outro  
„ dia , quando para isso vos der licença , ou logo  
„ como elle mais quizer , e ficando isto em vós,  
„ fareis o que naquella conjunção vos melhor pa-  
„ recer , segundo o tempo , e lugar em que en-  
„ tão vos achardes com ElRey Christianissimo ,  
„ e quando lhe assi fallardes , ora seja logo , ou  
„ depois , lhe direis de minha parte , que como  
„ irmão , que o tanto ama , e grandemente lhe  
„ deseja prosperos successos nesta importantissima  
„ empreza , que tem entre mãos , e em que tem  
„ tanto feito , e cada dia faz mais , me pareceo  
„ não diffirir para outro algum tempo , o que en-  
„ tendo , que convém tratar-se logo neste presen-  
„ te , mormente segurando-me o amor , que en-  
„ tre nós ha , e a qualidade das mesmas cousas ,  
„ que seraõ recebidas delle com a tenção com que  
„ lhas lembro ; e que supposto estes respeitos , e  
„ razões , que me persuadem , e obrigaõ a fazer

Tom.III.

Ooo

„ com



474 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ com elle este officio , lhe faço lembrança de  
 „ quanto importa ao bem da Fé Catholica , e de  
 „ sua Coroa , proseguir o que tem feito , como  
 „ vay fazendo , e seguir a victoria com grande  
 „ pressa , e arrancar de todo as raizes aos Here-  
 „ ges , por quaõ prejudicial seria a dilaçaõ neste  
 „ caso , da qual poderiaõ tornar a resultar os ma-  
 „ les , e perturbações , que até agora houve em  
 „ seus Reynos , e que naõ deve consentir nunca  
 „ mais andarem a par de si taes pessoas , inda que  
 „ seja com taõ boa tençaõ , e respeito , como he  
 „ de crer , que elle tem em tudo , senaõ os que  
 „ forem Catholicos approvados , e de cuja chris-  
 „ tandade se tiver longa experiencia , e que pela  
 „ obrigaçaõ que tem a usar da força , conselho ,  
 „ e authoridade , que lhe Nosso Senhor deu em  
 „ huma taõ grande obra , qual tem feito , deve  
 „ querer ir nella mais avante , como pelos pro-  
 „ cedimentos , e circunstancias da mesma obra se  
 „ vay entendendo , que a encaminha para a aca-  
 „ bar de todo , e lhe dar perfeito remate , e que  
 „ a este proposito naõ posso deixar de tambem lhe  
 „ fazer lembrança , que deve ordenar como haja  
 „ em seus Reynos o Santo Officio da Inquisiçaõ ,  
 „ e se castigue rigorosamente o caso de Genebra ,  
 „ taõ escandaloso à Christandade , e se satisfaça  
 „ em tudo isto ao desejo commum della pondo em  
 „ effeito cousas de que tanto merecimento se lhe  
 „ seguirá ante Deos ; taõ grande louvor terá no  
 „ Man-



„ Mundo, e que tanto o ajudaraõ tambem à con-  
„ servação temporal de seus Reynos; e pois esta  
„ tamanha occasião de que elle já tem dado à  
„ execução, e effeito, até agora mostra que se  
„ póde emprender, e esperar tudo; o que for em  
„ favor da Christandade, e em total destruição  
„ dos Hereges, inimigos, e perturbadores della,  
„ deve tambem fazer por sua parte, o que for ne-  
„ cessario, como eu farey da minha parte se re-  
„ duzir o Reyno de Inglaterra, e tratar de todas  
„ as mais cousas desta materia; e porém antes de  
„ nella lhe fallardes, e lhe dardes este meu segun-  
„ do recado, que se contém neste Capitulo, o  
„ praticareis, e communicareis com Joaõ Go-  
„ mes da Sylva, a que já escrevi, a que come-  
„ çasse a fazer este officio com ElRey Christia-  
„ nissimo, e o dispuzesse nestas cousas, e delle  
„ sabereis como lhe foraõ recebidas, e tratareis  
„ ambos do modo, que deveis ter nellas, as quaes  
„ vos hey por muito encomendadas; e pois ve-  
„ des a grande importancia deste negocio., e co-  
„ mo para effeito delle principalmente vos man-  
„ do a esta visitaçaõ, para juntamente com ella  
„ misturardes estas cousas, e fazerdes nellas de  
„ minha parte com ElRey Christianissimo este taõ  
„ devido officio, e trabalhardes por o deixar per-  
„ suadido para execução de tudo isto, que tanto  
„ importa para bem, e reformaçaõ da Christan-  
„ dade, por certo tenho, que cumprireis quan-

Tom.III.

Ooo ii

„ to

„ to vos for possível em todo este negocio a vos-  
 „ sa obrigação , para que eu fique satisfeito do  
 „ serviço , e espero , que nelle me façais ; e por  
 „ isso hey por escusado encomendarvolo mais en-  
 „ carecidamente , nem dizervos sobre isto mais pa-  
 „ lavras.

„ Tambem visitareis logo da minha parte  
 „ as Christianissimas Rainhas minhas irmãs , e  
 „ primas , e ao Duque de Anjù , dizendo-lhes por  
 „ via de recado o que couber a cada hum do que  
 „ vos aqui digo , e referindo-lhe o mais , que vos  
 „ parecer , do que vos mando dizer a ElRey  
 „ Christianissimo , e à Rainha sua mãy dareis mi-  
 „ nha Carta , e lhe engrandecereis a muita parte ,  
 „ que tem no conselho , determinação , e effeito  
 „ de tão grande , e notavel negocio , e com ella  
 „ vos largareis nesta practica quanto o tempo vos  
 „ der lugar , significando-lhe como todo o Mun-  
 „ do está cheyo do seu maravilhoso governo , e  
 „ quanto espera o mesmo Mundo , e em especial  
 „ os Príncipes Christãos , que ella faça agora , e  
 „ ao diante , para augmento do que já tem feito  
 „ nas cousas passadas , e vay fazendo nas presen-  
 „ tes , e conservação dellas , e seguindo a sustan-  
 „ cia do que vos mando por esta Instrucção lhe  
 „ direis todas as mais palavras , a que vos obrigar  
 „ a practica , que com ella tiverdes nesta mate-  
 „ ria , de maneira , que entenda de vós por quaõ  
 „ grande parte está havida neste negocio , o mui-

„ to

„ to, que tem feito nelle, e a quanto mais por isso  
„ mesmo está obrigada assi pelo que deve a Deos,  
„ (que he o principal respeito, que em tudo se  
„ deve ter) como pela satisfação, que deve que-  
„ rer dar de si ao Mundo, que della tem este con-  
„ ceito. E ao Duque de Anjù fallareis quasi por  
„ estes mesmos termos, e apoz isso lhe significa-  
„ reis quaõ afeiçoado lhe sou, e fuy sempre por  
„ suas obras serem de quem elle he, nas quaes se  
„ tem bem visto com quaõ grande valor da sua  
„ muita christandade, prudencia, e esforço tem  
„ procedido nellas, e assi visitareis as Rainhas  
„ Christianissimas pelo nascimento da neta, e fi-  
„ lha, que lhe Nosso Senhor ora deu, e lhes da-  
„ reis os parabens della de minha parte, e que  
„ espero em Deos seja isto começo para outros  
„ mayores contentamentos.

„ Tambem visitareis o Duque de Alençon,  
„ irmão del Rey Christianissimo, e Madama Mar-  
„ garida, e o Principe seu marido, estando elle  
„ já em estado, que não devais ter duvida algu-  
„ ma em o fazer, e sabendo primeiro, que o vi-  
„ sitou o Marquez de Ayamonte por mandado do  
„ Serenissimo Rey de Castella, meu tio, e pa-  
„ recendo a vós, e a João Gomes, pelo que ti-  
„ verdes entendido da materia, que El Rey Chris-  
„ tianissimo, e a Rainha sua mãy receberaõ sa-  
„ tisfação, e contentamento disto, e as palavras  
„ destas tres visitas, seraõ, que lhes rogo, e  
„ peço

## 478 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„peço affectuosamente me mandem dizer como  
 „estão, porque de ser tambem como elles dese-  
 „jaõ, e eu queria, receberey muito contenta-  
 „mento; e ao Principe dareis os emboras da pro-  
 „fissão da Fé, que fez, significando-lhe quanta  
 „alegria com isto tem dado a toda a Christanda-  
 „de, e a mi particularmente.

„Trabalhareis por vos ver no Paço com o  
 „Duque de Guisa, e com o Duque de Aumale,  
 „seu tio, e lhes direis da minha parte, que sem-  
 „pre lhes tive muito boa vontade por sua chris-  
 „tandade, lealdade, e esforço, e por em todos  
 „os tempos (mormente naquelles em que sua Ca-  
 „sa teve mais trabalho) mostrarem o valor des-  
 „tas suas qualidades, que sempre empregaraõ no  
 „serviço de Deos, no do seu Rey, e em bene-  
 „ficio da patria, e agora muito mais neste honro-  
 „so feito, que o Christianissimo Rey, meu irmaõ,  
 „e primo, por elles mandou dar à execuçaõ, que  
 „accrefcentou em mi esta boa vontade, que lhes  
 „tenho, que lhes sempre mostrarey em tudo o  
 „que se offerecer como elles merecem por suas  
 „obras, e por quem são; e que lhes rogo muito,  
 „que lhes lembre, o que eu creyo, que lhes naõ  
 „poderá nunca esquecer, de quanto mais obriga-  
 „çaõ tem agora a proseguir, e que sempre fize-  
 „raõ, e a folgar de andar na Corte para este effei-  
 „to, e para estarem mais perto del Rey Christia-  
 „nissimo, e do que cumprir a seu serviço, e estado.  
 „Se

*Parte III. Livro II. Cap. XIX. 479*

„ Se achardes ainda em França o Marquez  
„ de Ayamonte , Enviado do Serenissimo Rey de  
„ Castella , meu tio , communicarvoseis com elle  
„ segundo vos parecer , e for necessario para bem  
„ destas materias ; e quando agora fallardes a El-  
„ Rey meu tio , será bem , que saiba isto de vós.

„ Depois de terdes feitas estas visitasões ,  
„ e serdes despedido com a resposta dellas , e do  
„ mais que vos mando fazer por esta Instrucção ,  
„ vos vireis embora a mi , fazendo caminho di-  
„ reito sem nelle haver dilação.

---

C A P I T U L O   X I X .

*Intenta o Mogor a conquista de Damaõ , e não a  
podendo conseguir , celebra pazes com o Estado .*

*He livre do cerco Bracellor com grande  
estrage dos seus expugnadores.*

96 **P**ela cavilosa industria de Itimicaõ ,  
tutor de Sultaõ Mahamud , herdeiro do Reyno de Cambaya , se tinha senhoreado  
delle Gelalle Mamet Hecbar , Rey dos Mogores ,  
privando da vida , e da Coroa a seu legitimo possuidor ,  
e como as celebres Fortalezas de Baçaim ,  
e Damaõ , conquistada esta com tanta gloria por D. Constantino de Bragança ,  
e aquella por Martim Affonso de Sousa , estavam situa-  
das

1572

*Faria Asia Portug. Tom. 1.  
Part. 3. cap. 12. 5. 7. 8. e 9.*

## 480 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Sahe o Vice-Rey com grande  
apparato naval contra o Mo-  
gor.

Pede o Mogor pazes, e se lhe  
concedem.

das no Continente de que o Mogor tinha cingido a Coroa, se empenhou a conquistar primeiramente a Damaõ, para que aquelles Portuguezes, que a guarneciaõ, lhe naõ alterassem a quietação do seu dominio. Para se resistir a esta premeditada invasaõ, avisou promptamente D. Luiz de Almeida, Capitaõ da Fortaleza, ao Vice-Rey, o qual vencidos todos os obstaculos, sahio de Goa com cinco galeões, nove galés, oito galeotas, e noventa fustas, e com este naval apparatus occupou a barra, e rio de Damaõ, de cuja vista consternado o Mogor, ainda que tinha igual poder, se resolveo a pedir paz, do que experimentar os fataes effeitos do furor Portuguez. Com soberbo fausto foy recebido o seu Embaixador pelo Vice-Rey, cuja galé estava cuberta de preciosos panos, e coroada de varios galhardetes, quando ao mesmo tempo huma horrorosa descarga de artilharia de toda a Armada fazia a função mais plausivel. Ouvio com severo semblante o Vice-Rey a proposta do Mogor, em que lhe offerecia perpetua amisade com o Estado, a cuja supplica respondeo por Antonio Cabral, dotado de igual authoridade, que talento, que aceitava a condição, e se celebrou a paz com jubilo de huma, e outra parte. Restituido o Vice-Rey a Goa, mandou o Mogor, para se estabelecer no throno de Cambaya, cortar a cabeça a Itimicaõ, que fora o perfido author de que a elle subisse,

*Parte III. Livro II. Cap. XIX. 481*

subisse, pagando com hum só golpe os abominaveis crimes de tyranno, e traidor.

97 Não podiaõ os moradores de Bracellor tolerar a Fortaleza, que havia tres annos tinha fundado o grande D. Luiz de Ataide, por ser duro freyo das suas liberdades, e resolutos à sua conquista, a sitiaraõ com seis mil homens. Era Capitaõ da Fortaleza Ruy Gonçalves da Camedra, que avisando ao Vice-Rey do intento dos inimigos, se dispoz com valor, e disciplina à sua defenſa. Foy promptamente soccorrido com duas Armadas, constando a primeira de cinco fustas, e a segunda de doze, sendo desta Capitaõ mór D. Jorge de Menezes, que antes de chegar a Bracellor, derrotou ao Nayque de Sanguicer, e tomou huma náõ de Meca. Quando chegou a Bracellor, já estava livre da oppressão dos inimigos, que confusos largaraõ o sitio vendo o soccorro, que lhe chegava na grande Armada.

Bracellor livre do sitio.

98 Navegava para o Norte D. Henrique de Menezes, capitaneando huma galé, e sete fustas, em que hiaõ Manoel Mascarenhas, Fernando de Sousa Coutinho, Gonçalo Guedes de Roboredo, Vicente Carvalho, Manoel de Lima, Alvaro Peixoto, e Martim de Aguiar, quando nas Ilhas de Angerola, distante oito legoas de Chaul, renderaõ valerosamente duas alterosas náõs do Idalcaõ; porém assaltados de huma improvisa tormenta, as espalhou de sorte, que D. Henrique de

Infortunio, que padecio D. Henrique de Menezes com outros Capitães.

Tom.III.

Ppp

Mene-



Menezes sahio derrotado à praya , onde perdeu a liberdade , e seus companheiros cahirão nas mãos dos Malavares , a quem se entregaraõ a partido pelo indiscreto arrojo de Manoel Mascarenhas , que lhe custou a vida , e de Fernando de Sousa Coutinho. D. Henrique de Menezes com os outros Portuguezes foraõ prezos na Fortaleza de Bilgaõ , donde sahiraõ com grande repugnancia do Idalcaõ , altamente offendido do procedimento , que se tinha usado com os seus vassallos.

---

## C A P I T U L O   X X .

*Discorre D. Sebastião por diversos lugares do Alentejo , onde recebe a infausta noticia da morte de sua mãy a Serenissima Princeza D. Joanna de Austria , de cujas virtuosas acções se faz hum breve elogio.*

1573

99 **O** Inquieto animo del Rey D. Sebastião não permittia , que assistisse muito tempo em huma parte , buscando em continuas jornadas por todo o Reyno desafogo às suas idéas , que sempre o estimulavaõ a novas empresas. Deixada a Corte de Lisboa , passou a Evora , onde depois de assistir com seus tios D. Henrique , e D. Duarte a hum Auto da Fé , que se celebrou a 14 de Dezembro do anno passado , em que foraõ relaxados

*Discorre El Rey por diversos lugares do Alentejo.*



*Parte III. Livro II. Cap. XX. 483*

laxados à Justiça Secular dezafete pessoas, estando no theatro o Alferes mór D. Luiz de Menezes com o estoque desembainhado, com que se significava ser ElRey Defensor da Fé, sahio de Evora a 2 de Janeiro deste anno de 1573, com intento de fortificar os pórtos maritimos contra a invasão dos Mouros. Formava-se a sua comitiva do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, D. Pedro Diniz de Lencastre, seu irmão, o Conde de Vimioso D. Afonso de Portugal, com dous filhos, D. Diogo da Sylveira, Conde de Sortelha, Guarda mór del-Rey, D. Alvaro de Castro, D. Martim Pereira, Védor da Fazenda, Francisco de Tavora, Reposteiro mór, D. Luiz de Menezes, Alferes mór, Filippe de Aguilár, Védor da Casa Real, Sancho de Tovar, que servia de Monteiro mór, Balthazar de Faria, Almotace mór, D. Martinho de Sousa, D. João de Castro, João Gonçalves da Camera, D. João da Sylveira, Christovão de Tavora, e Pedro Guedes, com os Secretarios Manoel Quaresma, e Miguel de Moura. Os Moços Fidalgos eraõ D. Alvaro da Sylva, que servia do pendaõ, D. Luiz, seu irmão, D. Alvaro, e D. João de Castro, D. Lucas, e D. João de Portugal, filhos do Estribeiro mór D. Francisco de Portugal, que hum servia com a mala, e o outro com a caldeirinha, e D. Alvaro da Sylveira, filho de D. Diogo da Sylveira, Conde de

## 484 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Sortelha. A primeira Cidade, que ElRey visitou, foy Béja, onde entre as publicas demonstrações de jubilo, com que se solemnizou a sua entrada, se distinguio hum combate de touros, com as pontas ferradas, como ordenara Gregorio XIII. cujo barbaro exercicio tinha severamente prohibido seu antecessor S. Pio V. Chegando ao Campo de Ourique, glorioso Solar desta Monarchia, onde o Supremo Arbitro dos Imperios deu a sua investidura ao Principe D. Affonso, estranhou, que em gratificação de tão admiravel beneficio se não tivesse levantado algum monumento, em que eternamente permanecesse gravada a sua memoria: e para emendar tão ingrato descuido, mandou erigir hum nobilissimo arco, em cujos marmores se abriu a seguinte Inscriptão, composta à ordem do mesmo Monarca pelo insigne antiquario André de Rezende.

Manda levantar hum arco com Inscriptão em o Campo de Ourique.

Rezende de *Antiq. Lusit.* lib. IV,

*Heic contra Ismarium, quattuorque alios  
Saracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem pugnaturus felix Alphonsus Henricus ab exercitu primus Lusit. Rex adpellatus est. & à Christo, qui ei crucifixus adparuit ad fortiter agendum commonitus. Copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Cobris, ac Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. ingentis, ac stupendæ rei. ne in loco ubi gesta est.*

**Parte III. Livro II. Cap. XX. 485**

*est. per infrequentiam obsolesceret. Sebastianus I Lusit. Rex bellicæ virtutis admirator. & maiorum suorum gloriæ propagator erecto titulo memoriam renovavit.*

100 De Ourique passou ElRey a Lagos, onde os seus moradores lhe celebraraõ o seu dia natalicio com hum combate de touros, e em recompensa deste applauso elevou Lagos de Villa a Cidade. Entrou em Mertola, e querendo abbreviar o caminho, passou por Cheles, onde intentando os Castelhanos recebello com pallio, não aceitou este obsequio. De Serpa foy a Villa-Viçosa, e na Tapada dos Serenissimos Duques de Bragança, se divertio na caça, como viva imagem da guerra, para onde propendia naturalmente o seu genio. Restituido a Evora em 14 de Fevereiro, mandou receber fóra dos muros pelo Arcebispo D. João de Mello a D. Bernardo Marini, Arcebispo Lauciano, e Nuncio Apostolico em Castella, que vinha por Embaixador de Gregorio XIII. a persuadir a Liga contra o Turco, que não teve effeito. Chegou o Embaixador a 19 de Fevereiro, e foy conduzido pelo Metropolitano de Evora, e todo o Clero ao Palacio, em que estava ElRey com o Cardeal Infante, e no Domingo seguinte assistio na Cathedral à Missa solemne.

101 De Evora passou ElRey a Lisboa pela posta, para visitar a Rainha sua avó, que com a pre-

*Hist. dos Var. de Apellid. de Tevor. pag. 295.*

*Sousa Hist. Geneal. da Casa Real Portug. Tom. 6. liv. 6. pag. 141.*

*He recebido em Evora D. Bernardo Marini, Embaixador de Gregorio XIII.*

## 486 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

presença do neto mitigou as suas faudades. Brevemente se restituiu D. Sebastião a Evora, onde em o primeiro de Mayo houve hum festivo combate de touros, a que sahiraõ ElRey, o Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioso, o Conde da Vidigueira, Bernaldim de Tavora, e D. Diogo de Sousa. Repetio-se este combate em o dia de Corpo de Deos, sendo os mantenedores, por ordem delRey, Fernão da Sylva, Gonçalo de Sousa, e Vasco da Sylveira. Mais plausivel foy a contenda, que se representou na Horta do Palacio, em que entraraõ quinze mancebos casados, e quinze solteiros, de que eraõ mantenedores o Alferes mór D. Luiz de Menezes, e D. Fernando de Noronha, depois Conde de Linhares. Ultimamente sahio ElRey ao campo a torneiar com o Senhor D. Duarte, que o fez com igual valor, que destreza.

102 Segunda vez visitou ElRey ao Algarve, já quando estava no fim o mez de Julho, por onde discorreo até Setembro, e recebendo em a Cidade de Lagos a infausa noticia da morte de sua mãy a Serenissima Princeza D. Joanna de Austria, se recolheo ao Mosteiro do Cabo de S. Vicente, de Religiosos Capuchos, taõ penetrado de sentimento, que cedeo a soberania da magestade à ternura do coração. Tanto que chegou a Lisboa, mandou celebrar solemnes Exequias à memoria de taõ esclarecida Princeza em o Real Convento

Recebe ElRey a noticia da morte de sua mãy, e lhe manda celebrar Exequias no Convento de Belem.

*Parte III. Livro II. Cap. XX. 487*

vento de Belem, e no fim recitou o Panegyrico Funebre o Doutor Antonio Pinheiro, cuja eloquente facundia era naquelle tempo geralmente applaudida. Semelhante obsequio lhe dedicou a Universidade de Coimbra em 19 e 20 de Novembro, para o qual servio hum precioso Pontifical, que a Rainha D. Catharina mandara fazer para o Anniversario de seu esposo D. Joaõ o III., e por não estar ainda acabado, se preparou com summa brevidade para esta função. Nas Vesperas orou na Capella da Universidade o Doutor Fr. Francisco de Christo, Eremita de Santo Agostinho, Lente de Theologia. Cantou a Missa o Reytor D. Jeronymo de Menezes, sendo Diacono Fr. Agostinho da Trindade, Lente de Theologia, Eremita Augustiniano; e Subdiacono Luiz de Castro Pacheco, Lente dos sagrados Canones. Prégou Fr. Martinho Ledesma, da Ordem dos Prégadores, e Lente de Prima de Theologia, reduzindo a hum breve mappa as virtuosas acções da Princeza D. Joanna, das quaes em obsequio da sua memoria se fórma o seguinte elogio.

A Universidade de Coimbra  
lhe dedicou o mesmo obsequio.

103 A imperial Villa de Madrid se gloriou de ser o feliz berço desta Serenissima Princeza, onde ornada dos influxos da graça, e dotes da natureza, sahio ao Mundo a 23 de Junho de 1536, de cujo nome foy precursor o dia do grande Baptista, que em seu obsequio lhe foy imposto na fonte baptismal. Na soberana escola de seus augustissimos

Elogio da Serenissima D. Joanna de Austria.

## 488 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

gustíffimos pays Carlos V., e a Emperatriz D. Isabel, filha do nosso Monarca D. Manoel, aprendeo os documentos da mais solida virtude, pela qual mereceo ser pretendida para esposa dos mayores Principes, cuja felicidade destinou a Providencia para seu primo o Principe D. João, filho dos nossos Reys D. João o III., e D. Catharina, recebendo as benções nupciaes da mão do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, a 7 de Dezembro de 1552, na Cathedral da mesma Cidade. Não era passado muito tempo da celebração deste desposorio, quando deu evidentes sinaes de ter concebido, e sendo esta noticia applaudida em todo o Reyno, se converteo tragicamente em a fatalidade de ser despojada de seu amado consorte pela violencia da morte, a 2 de Janeiro de 1554, na florente idade de dezaete annos. Este fatal golpe, que altamente lhe penetrou o coração, foy instrumento, para que resignada em a Divina vontade venerasse os inscrutaveis segredos da Providencia, que compadecida das ardentes supplicas dos Portuguezes, permittio, que no fim de dezoito dias deste tragico successo renascessem com excessivo jubilo as esperanças da successão desta Monarchia, estabelecidas na pessoa del Rey D. Sebastião, que deu à luz publica em o dia dedicado a este heroico Athleta da Igreja Catholica.

Ante-

*Parte III. Livro II. Cap. XX. 489*

104 Antepondo a vontade de seu irmão Filipe Prudente ao amor maternal, deixou o filho, em que estava fundada a conservação desta Coroa, partindo a 17 de Mayo para Castella, sendo conduzida por huma numerosa, e illustre comitiva, entre a qual se distinguiaõ o Infante Santos Hist. Sebast. liv. I. cap. 2. D. Luiz, e o Duque de Bragança. Tanto que chegou a Alcantara, a recebeo com amorosas expressões Filipe Prudente, e a nomeou Regente da Monarchia Castelhana, em quanto partia para Inglaterra desposarse com a Rainha D. Maria, herdeira daquella Coroa. Na administração de lugar tão supremo deu claros argumentos da sua madura prudencia, e perspicaz juizo, não permittindo, que houvesse merecimento sem premio, como crime sem castigo. Lembrada da caduca gloria, que experimentara em o estado conjugal, fugia de todos os divertimentos, que podia lisongearlhe os olhos, de cujo severo recato sendo amorosamente advertida pelo Emperador seu pay, e seu irmão ElRey de Castella, moderou em obsequio do seu respeito o excesso, com que se mortificava. Querendo santificar as copiosas rendas, que possuia, fundou em Madrid o Convento das Religiosas Descalças da penitente Familia do Serafim Humano, onde se observa exactamente o seu primitivo Instituto, a cujo Claustro se retirou sua irmãa a Emperatriz D. Maria, e professou sua sobrinha D. Margarida a Se-

Tom.III.

Qqq

rafica



rafica Regra , renascendo das cinzas do sayal soberana Fenix à vida da graça. Ainda que alcançara faculdade de S. Pio V. para que este Mosteiro se sustentasse com rendas perpetuas, escrupulosa de que se violasse a pobreza Serafica , as converteo em preciosos ornatos do Templo , e dos Altares , como tambem em o numero de Ministros , ordenando treze Capellães em memoria do Collegio Apostolico , a que preside hum com o titulo de Capellaõ mór , dos quaes muitos tem illustrado varias Cathedraes com exemplares acções. Não se limitou a sua ardente piedade a este edificio , pois junto delle erigio a Casa da Misericordia , semelhante à que vira em Portugal , onde deixou grandes dotes para vinte orfãs ; quinze naturaes de Madrid , e cinco de Lisboa. Instituhio huma Cadeira de Theologia Moral em o Collegio da Companhia de Jesus de Madrid , e fundou hum Collegio em Alcalá para os Eremitas de Santo Agostinho. Tanto se abrazava no zelo da conversão da gentildade , que para sua instrucção deixou quinhentos mil reis de juro annual aos Conventos de Santo Estevaõ de Salamanca , e de Coimbra , da Ordem dos Prégadores , para que fossem promulgar o Evangelho em ambas as Indias , e desde o berço do Sol até o Ocafo fosse adorado , e conhecido o Creador do Universo.

105 Não era poderosa a distancia , em que  
vivia



*Parte III. Livro II. Cap. XX. 491*

vivia de seu filho D. Sebastião, para que deixasse de continuamente o instruir com solidos documentos, dictados pelo seu prudente juizo, e amor maternal, advertindo-o em huns a moderar os excessos da idade juvenil, e em outros a desposarse com hum consorte digna da sua augusta pessoa; e posto que estas saudaveis exhortações eraõ infructuosas, as repetia por diversas Cartas, em que fielmente copiava a ternura do seu coração, e a madureza do seu juizo. Foy fervorosa cultora da Virgem Santissima, coroando-a quotidianamente com as mysteriosas flores do seu Rosario. Não era menos ardente a devoção do grande Baptista, de quem recebera o nome, e do invicto Martyr S. Sebastião, em cujo dia dera à luz do Mundo hum Principe tão suspirado pelos votos de toda esta Monarchia, levantando a cada hum destes dous Heroes da Santidade seu Altar, que servem de collateraes em a Igreja onde recebeo a primeira graça. Acomettida da ultima enfermidade em o Real Convento do Escorial a 28 de Agosto se preparou com actos catholicos para a morte, e recebidos os Sacramentos espirou placidamente a 8 de Setembro deste anno de 1573, quando contava trinta e oito annos de idade, e muitos seculos de virtude. Conduzido o cadaver ao Convento, que em Madrid fundara, se collocou em hum Mausoléo fabricado de jaspe, e na parte superior a sua figura retratada

*Cabrera Hist. de Filippe II.*  
liv. 10. cap. 14.

Tom. III.

Qqq ii

ao

## 492 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

ao natural, e por epitafio se lhe gravaraõ as seguintes palavras, que igualmente representaõ a sublimidade do seu espirito, como o caracter da sua Pessoa.

D. O. M

*Joanna virtutis exemplar  
Caroli V, & Isabelle augustæ  
Filia*

*Joannis Lusitanorum Principis uxor;  
Sebastiani Regis Mater*

H. S. E

*Obiit anno M.D.LXXIII ætatis sue  
XXXVIII.*

---

## CAPITULO XXI.

*Promulga ElRey D. Sebastião novos Estatutos sobre a distribuição das Commendas das Ordens Militares. Celebra Capitulo da Ordem Militar de Christo; e recebe de Gregorio XIII. humia Setta com que foy martyrizado S. Sebastião.*

1573

106 **A** Natural inclinação, que desde a puericia teve ElRey D. Sebastião para conquistar Africa, e someter ao suave jugo do Evangelho a seus barbaros habitantes, se augmentava com o progresso da idade, meditando os meynos mais efficazes para conseguir fim tão desejado.

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 493*

feito. Conhecendo que o intento de seus reaes predecessores, quando instituíram as Ordens Militares fora para debellar os inimigos da Cruz de Christo, e que pelo decurso dos annos se tinha abuzado da sua primitiva instituição, dando-se as Commendas a muitos, que entorpecidos no ocio da Corte nunca empunharam a espada, ou brandiram a lança contra os sequazes de Mafoma, se resolveo a reformat com Estatutos novos as Tres Ordens Militares, e para nobre estimulo dos novos Cavalleiros, a quem dispunha dar o Habito conforme a sua idéa, determinou accrescentar em os das ditas Ordens huma Setta, em memoria de ser o instrumento, com que foy martyrizado S. Sebastião, a cujo Heroe devia o nome, e a protecção. Deste devoto pensamento fez participante a S. Pio V. que com ternissimas expressões lhe louvou o seu zelo, estranhando a culpavel inercia dos Cavalleiros, que contra o seu Instituto não sahiam a castigar, e opprimir a insolencia dos barbaros, que infestavam o Mediterraneo, de que eram lastimosas consequencias os cativeiros de innumeraveis Christãos, que gemiam em as masmorras de Africa. A Bulla com que o Summo Pontifice deferio à supplica do nosso Principe, foy expedida a 23 de Agosto de 1571, a qual começa: *Ad regie Majestatis fastigium*, sendo a clausula, que pertencia a collocar a Setta em os Habitos das Tres Ordens a seguinte: *Sed ut signi differen-*

Intenta ElRey accrescentar huma Setta aos Habitos das Tres Ordens Militares.

Carvalho de Ord. Milit. Fm. l. 2. Comprob. 6. pag. 119.

*tia*

## 494 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

*tia Militum animos ad fortiter faciendum vehementius accendat, prædicto Sebastiano Regi, & Administratori indulgemus, ut in memoriam B. Sebastiani Martyris, cujus festo natalis ipsius dies accidit, ipse Sebastianus Rex unam sagittam veteri Militum insigni addere; atque ita componere possit, ut aliter, qui residentie sue tempus non expleverint, aliter vero, qui illud absolverint, dictam sagittam ferant.*

Promulga El Rey novos Estatutos para as Ordens Militares.

107 Para que exactamente se observasse tudo quanto se dispunha na Bulla, promulgou El-Rey novos Estatutos, tão conformes a ella, que parecia animava o mesmo zelo ao nosso Principe, que ao Summo Pontifice em a reforma das Ordens Militares, os quaes em beneficio da curiosidade transcrevemos.

„ D. Sebastião per graça de Deos Rey de  
 „ Portugal, & dos Algarves dáquem, & dalém  
 „ mar em Africa, Senhor de Guiné, & da Con-  
 „ quista navegação, Commercio de Ethiopia,  
 „ Arabia, Persia, & da India, &c. Como Go-  
 „ vernador, & perpetuo Administrador, que sou  
 „ das Tres Ordens Militares de nosso Senhor Je-  
 „ su Christo, Santiago, & Aviz, faço saber aos  
 „ que estes Estatutos, & Regimentos virem, que  
 „ considerando como todas as ditas Tres Ordens,  
 „ assi a de Christo, que socedeo dos Templarios,  
 „ como as de Santiago, & Aviz, que são mais  
 „ antigas, foraõ fundadas, e instituidas pelos  
 „ Summos Pontifices, segundo consta das Bullas  
 „ de

„ de suas fundações, para os Cavalleiros dellas  
„ pelejarem continuamente em defensão da Fé,  
„ & do Reyno contra Mouros, & Infeis, que  
„ então estavam senhores da mór parte de Hespa-  
„ nha, & dos Reynos de Portugal, & dos Al-  
„ garves; os quais para cumprirem isto melhor  
„ vivião juntos em Conventos como muros, &  
„ amparo, que eraõ do Reyno, não sómente de-  
„ fendendo o ganhado, mas ganhando tambem de  
„ novo terras, & Lugares, até que lançando os  
„ Mouros de Hespanha, com a longa paz, & fal-  
„ ta do exercicio militar, que dantes tinhaõ taõ  
„ continuos foraõ desfazendo os Conventos, &  
„ ficaraõ nelles sómente os Freires, que se criaõ  
„ para Sacerdotes; & os Cavalleiros das Ordens  
„ de Santiago, & Aviz pouco a pouco se foraõ  
„ havendo por livres, e escusos de pelejar, como  
„ de feito agora não pelejaõ; & considerando  
„ tambem que as rendas das ditas Tres Ordens  
„ pela mayor parte saõ de Beneficios, & frutos  
„ Ecclesiasticos, os quais os Summos Pontifices  
„ tiráraõ às Igrejas, & Ministros dellas, & do  
„ Culto Divino, & dotaraõ-nos aos Cavalleiros  
„ por se entender que pelejando elles continua-  
„ mente pela Fé, que lhe podiaõ fazer os Minis-  
„ tros Ecclesiasticos, cujas as ditas rendas eraõ;  
„ com a qual obrigação as ditas Ordens segundo  
„ o estado, em que estaõ, em grande parte não  
„ cumprem; porque nem os Commendadores de  
„ San-

„ Santiago, nem os de Aviz servem já na guerra  
„ por bem de suas Commendas, sendo muitas  
„ dellas de grande rendimento; nem os Commen-  
„ dadores da Ordem de Christo, que tem as Com-  
„ mendas, a que communmente chamaõ velhas,  
„ que são as principaes, & de maior rendimen-  
„ to, & sómente servem os que tem as Commen-  
„ das novas, que pelo Papa Leaõ Decimo foraõ  
„ concedidas a ElRey D. Manoel meu visavõ,  
„ que Santa Gloria haja; & vendo outrossi a obri-  
„ gaçaõ, que como Governador, & perpetuo  
„ Administrador das ditas Ordens tenho de as re-  
„ formar, & reduzir quanto em mim for a seu  
„ antiguo, & verdadeiro estado, & tirar as abu-  
„ soens, que nellas pelo tempo se foraõ introdu-  
„ zindo; & principalmente nestes tempos, em  
„ que a dita reformaçaõ não sómente he necessa-  
„ ria pera os Commendadores della se reduzirem  
„ à sua antigua instituiçaõ, & costume, & cum-  
„ prirem com as obrigaçoens de suas Ordens, &  
„ Habitos, & pera se justificar taõ larga conces-  
„ são de rendas Ecclesiasticas; mas tambem pera  
„ defençaõ destes Reynos de Portugal, & dos Al-  
„ garves, & segurança dos Lugares, que os Reys  
„ meus antepassados ganharaõ em Africa, & pe-  
„ la consideraçaõ dos hereges, & pelo poder do  
„ Xarife inimigo vésinho, & fronteiro dos ditos  
„ lugares de Africa, seja taõ grande por mar, &  
„ por terra, que com muita rezaõ se póde arre-  
„ cear;

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 497*

„cear ; que são todas cousas tão urgentes , que  
„ainda que as ditas Ordens não foraõ instituidas ,  
„como são , pera fazerem guerra aos Mouros ,  
„& pera defensão destes Reynos , se poderá pe-  
„dir com muita rezaõ ao Santo Padre que de no-  
„vo lhes puzesse esta obrigação. Por estes res-  
„peitos , & por outros de muita importancia ;  
„como Governador , & perpetuo Administrador  
„das ditas Ordens Militares , determiney de en-  
„tender na reformaçaõ de todas ellas ; mas por-  
„que pera esta reformaçaõ se fazer como con-  
„vem , era necessario autoridade , jurisdicçaõ ,  
„& poder do Santo P. Pio V. ora na Igreja de  
„Deos Presidente , mormente segundo deste ne-  
„gocio tão importante lhe foy dada primeira re-  
„laçaõ , & enformaçaõ , para que interpuzesse  
„sua autoridade , supprisse , & assi acentasse o que  
„fosse necessario ; & Sua Santidade passou sobre  
„isso huma Bulla , porque revoga , & extingue  
„os privilegios , exempções , dispensações , &  
„indultos de todas as ditas Tres Ordens Milita-  
„res , & dos Commendadores , & Cavalleiros  
„dellas , & todos os costumes , estatutos , decla-  
„rações , & decretos , & quaisquer outras cou-  
„sas , que possaõ impedir o effeito desta reforma-  
„çaõ , como mais largamente na dita Bulla se  
„contém , por virtude da qual ordeno , & man-  
„do as cousas seguintes.

„Primeiramente ordeno , que daqui em  
Tom.III. Rrr „diante



„diante se não lance o Habito Regular de qual-  
 „quer das ditas Ordens a pessoa alguma, senão  
 „aos que tiverem primeiro servido na guerra de  
 „Africa tres annos continuos; ou aos que tendo  
 „servido na India, pelo menos o dito tempo de  
 „tres annos tiverem feito serviços tão notaveis,  
 „que me pareça que o merecem; nem sejaõ ad-  
 „mittidos ao serviço, & merecimento de Habi-  
 „to, ou Commendas, senão os que forem ao  
 „menos de dezoito annos cumpridos, & tiverem  
 „disposiçaõ pera servir na guerra, & as mais qua-  
 „lidades, que se requerem conforme as Diffini-  
 „çoens, & Estatutos sobre isso feitos; que não  
 „tenhaõ raça de Mouro, nem de Judeu, nem  
 „sejaõ filhos, nem netos de official macanico;  
 „& provando hum que servio em Africa o dito  
 „tempo de tres annos continuos, & que tem as  
 „qualidades acima ditas, será admittido ao Ha-  
 „bito da Ordem, & Milicia, que escolher, &  
 „será havido por idonio pera poder alcançar  
 „Commenda quando lhe couber sem ser necessa-  
 „ria sobre isso outra alguma determinação, ou  
 „carta minha.

„No dar das Commendas daqui em dian-  
 „te se guardará esta ordem: as que renderem  
 „cem mil reis sorros dos encargos velhos, & por-  
 „ção do Reytor, & dahi pera baixo se não pro-  
 „veraõ por antiguidade de tempo, senão por nu-  
 „mero de homens, que tem de cavallo, de ma-  
 „neira,



*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 499*

„neira , que se dem à aquelles , que quando va-  
„gar a Commenda constar que tem servido com  
„mais homens de cavallo , contando os homens  
„de cavallo de todo o tempo de sua residencia  
„em Africa com tal declaração , que se não con-  
„te por homem de cavallo senão o que for de  
„dezoito annos cumpridos , como acima he di-  
„to ; & pera se servirem , & vencerem as Com-  
„mendas desta sorte , bastará provarem os sobre-  
„ditos que tem as qualidades , que se requerem ,  
„sem serem necessarias cartas minhas , como até-  
„gora se costumava.

„E por quanto muitas pessoas de nobre ge-  
„ração , & que na guerra podem fazer muito  
„serviço , são tão pobres , que não poderão sus-  
„tentar o numero de homens de cavallo , que  
„lhes serão necessarios para poderem ser provi-  
„dos , ou o serão mais tarde do que convem ;  
„as Commendas , que passarem de cento até du-  
„zentos mil reis de renda *inclusivè* , não se pro-  
„verão por numero de homens de cavallo , co-  
„mo as de cem mil reis para baixo ; mas por an-  
„tiguidade no serviço da guerra , de maneira ,  
„que sejam admittidos a ellas , & preferidos os  
„que quando vagarem as tais Commendas , jus-  
„tificarem que tem servido na guerra mais tem-  
„po ; e pera servir estas Commendas não será ad-  
„mittida pessoa alguma senão per carta minha em  
„fôrma , como atégora se acostumou ; & além

„disso servido com hum homem de cavallo ao  
 „menos além do cavallo de sua pessoa ; mas con-  
 „correndo dous , ou mais , será preferido aquel-  
 „le , que constar que servio com mayor numero  
 „de homens de cavallo , de maneira que acima  
 „fica declarado.

„As outras Commendas , que passarem de  
 „duzentos mil reis forros , & da maneira acima  
 „dita , não as servirão , nem proverão senão por  
 „numero de homens de cavallo , & por cartas  
 „minhas em fórmula , que os que servirem as tais  
 „Commendas de duzentos mil reis pera cima ,  
 „vagando alguma outra de mayor quantia , po-  
 „derão , se quizerem , ser providos della , ou por  
 „numero de homens de cavallo , ou por antigui-  
 „dade de serviço , segundo a differença da Com-  
 „menda ; & da mesma maneira os que per car-  
 „tas minhas servirem Commendas de cem mil reis  
 „até duzentos , poderão ser providos de outra  
 „Commenda de mayor quantia , se vagar ; mas  
 „no serviço de Commendas de qualquer quantia ,  
 „& de qualquer das Ordens , não se contarão a  
 „pessoa alguma , senão sómente os homens de  
 „cavallo , com que servir à sua custa , & não da  
 „minha fazenda.

„Os que servirem Commendas por cartas  
 „minhas serão obrigados a servir em Africa por  
 „tempo de cinco annos inteiros , contando to-  
 „do tempo depois que começarem a servir ; &  
 „os

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 501*

„ os que houverem de ser providos de Commenda-  
„ das de oitocentos mil reis pera cima serviraõ  
„ mais hum anno , de maneira que sejaõ seis; &  
„ os outros que naõ servirem por cartas minhas  
„ servirãõ tambem por tempo de seis annos intei-  
„ ros; o qual tempo acabado , assim huns, como  
„ outros ficarãõ desobrigados da tal residencia:  
„ mas os que forem residentes em Africa, & ser-  
„ virem depois de acabado seu tempo seraõ prefe-  
„ ridos ausentes *cæteris paribus* pera effeito de se-  
„ rem providos de Commendas, ou melhorados,  
„ ou por numero de homens de cavallo , ou per  
„ antiguidade do tempo, como acima he dito: &  
„ todas as pessoas, que daqui em diante se hou-  
„ verem de habilitar pera Habitos, ou Commen-  
„ das, servirãõ na Cidade de Tangere, e naõ em  
„ outro algum lugar de Africa.

„ Naõ poderãõ ser providos de Commen-  
„ das, nem melhorados nellas, sennaõ os que ao  
„ tempo que ellas vagaõ , forem presentes, &  
„ servirem em Africa, tirando os que já tem ser-  
„ vido, & cumprido todo o tempo de sua resi-  
„ dencia, & obrigaçaõ; porque estes poderãõ  
„ ser providos como fica dito: & aquelles, que  
„ durando o tempo de sua residencia, & serviço  
„ se quizerem ausentar, o poderãõ fazer com ex-  
„ pressa licença dos Visitadores; a qual elles lha  
„ daraõ, achando que tem justa causa pera lha  
„ pedirem; mas o tempo, que assim forem au-  
„ sentes,

502 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„fentes , não lhe será contado no tempo do ser-  
„viço.

„Os que já forem providos de Commendas  
„se poderáõ melhorar a outras de mayor quantia  
„quando vagarem , ou por mayor numero de ho-  
„mens de cavallo , ou por antiguidade de servi-  
„ço , segundo a differença , & natureza das Com-  
„mendas , & ordem acima dita ; & o modo , que  
„se terá nestes melhoramentos , será o seguinte.

„No que houve Commenda de menos de  
„cem mil reis , que servio por carta minha por  
„numero de homens de cavallo , poderá ser me-  
„lhorado de outra de mayor quantia , que não  
„passe de cem mil , tambem por numero de ho-  
„mens de cavallo , contando todos os que teve  
„depois que começar a servir até o tal tempo ,  
„em que se prover a Commenda : & o que hou-  
„ve Commenda de cem mil reis pera cima , &  
„de menos de duzentos , & a servio com carta  
„minha , poderá ser melhorado doutra mayor até  
„duzentos mil reis , se ao tempo que se prover  
„a tal Commenda se achar que tem mais tempo  
„de serviço que os outros ; & tambem poderá  
„o tal ser melhorado de Commenda , que passe  
„de duzentos mil reis , não per antiguidade de  
„serviço , senão per numero de homens de caval-  
„lo : & o que houve Commenda , que passe de  
„duzentos mil reis , & a servio por carta minha ,  
„poderá outrosim ser melhorado a mayor quan-  
„tia

„tia por numero de homens de cavallo, contan-  
„do todos os que constar que teve depois que  
„começou a servir até o tempo, em que se pro-  
„vé a tal Commenda; & os que serviaõ per car-  
„tas minhas poderãõ ser providos de Commen-  
„das de mayores quantias, ou por antiguidade  
„de serviço nas Commendas, que renderem du-  
„zentos mil reis, ou por numero de homens de  
„cavallo nas que forem dahi pera cima.

„Pessoa alguma naõ poderá ter duas Com-  
„mendas juntamente; mas o que tendo huma for  
„melhorado a outra, aceitando a segunda, será  
„totalmente obrigado a deixar logo a que dan-  
„tes tinha; a qual por esse mesmo feito ficará va-  
„ga pera se prover por sua ordem; & doutra ma-  
„neira será tambem privado da em que for me-  
„lhorado.

„Por quanto algumas pessoas tem já servi-  
„do por cartas minhas em Africa dous annos, ou  
„mais, & outros tambem com cartas, naõ ten-  
„do acabados dous annos, & estaõ ainda servin-  
„do, & outros serviraõ algum tempo sem car-  
„tas, & foraõ depois havidos por benemeritos  
„pera poderem ser providos de Commendas, bas-  
„tará aos que presentes estaõ em Africa servirem  
„quatro annos inteiros; & aos que já saõ vindos  
„de lá tres annos, pera poderem ser providos de  
„maneira, que acima he ordenado, ajuntando  
„todo tempo, que atégora tem servido com o  
„que

504 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„que daqui em diante servirem; & tendo servi-  
 „do tres annos inteiros se lhe poderá lançar o Ha-  
 „bito, & poderaõ ser providos de Commendas  
 „pela maneira acima dita, como que tiveraõ ser-  
 „vido todo o tempo que acima he declarado; &  
 „isto se naõ entenderá nas pessoas, que tenho no-  
 „meadas naquellas Commendas, que ao presen-  
 „te estaõ vagas de qualquer das ditas Ordens,  
 „nem nas outras Commendas, que vagarem per  
 „renunciaçaõ das pessoas, a que estas se prove-  
 „rem; & os Habitos se lhe lançaraõ pera os te-  
 „rem a titulo de seu patrimonio em quanto naõ  
 „forem providos das Commendas, que lhe cou-  
 „berem.

„E de todas as ditas pessoas, que sem car-  
 „tas minhas forem acabar de servir o dito tempo  
 „de tres annos em Africa, ou estando já la con-  
 „tinuarem nos quatro, como no capitulo acima  
 „fica dito, naõ poderáõ ser providos de Com-  
 „mendas de mayor quantia, que até cem mil  
 „reis, & por numero de homens de cavallo,  
 „contando-lhe tudo o que atégora serviraõ, &  
 „ao diante servirem: mas os que acabarem o  
 „tempo dos ditos tres, ou quatro annos sem mi-  
 „nha Carta, seraõ providos de Commendas de  
 „mayor quantia, ou per antiguidade de serviço,  
 „ou per numero de homens de cavallo, confor-  
 „me a differença das Commendas, que pertende-  
 „rem ser providos; & serlhes-ha contado todo o  
 „tem-

„ tempo atraz , & todos os homens de cavallo ,  
„ com que atégora serviraõ , & ao diante servi-  
„ rem : & por quanto algumas das ditas pessoas  
„ tem servido em Galès na Costa do Reyno do  
„ Algarve , contar-se-lhes-ha tambem este serviço;  
„ mas de tal maneira , que sómente se lhe leve em  
„ conta os mezes , que serviraõ nas ditas Galés;  
„ & os que nellas serviraõ com Soldados à sua  
„ custa poder-se-haõ contar dous Soldados por hum  
„ homem de cavallo , & daqui em diante se lhes  
„ poderá tambem contar o serviço das Galés; &  
„ tambem por esta ordem os que nellas servirem  
„ poderaõ ser providos de Commendas.

„ E porque algumas vezes será necessario  
„ ter respeito a algumas pessoas , cujo esforço ,  
„ & valentia na guerra he conhecida , ou por te-  
„ rem feito boas cousas saõ dignos de merces , os  
„ quais nem em antiguidade de serviço , nem em  
„ numero de cavallos excederaõ a outros , nem  
„ acabaraõ seu tempo de serviço , a quinta Com-  
„ menda , que daqui em diante for vagando de  
„ todas as ditas Ordens de qualquer via , valor ,  
„ & rendimento que seja , ficará livre das sobre-  
„ ditas condiçoens , & reservada pera dispor del-  
„ la livremente ; & sendo das antiguas da Ordem  
„ de Christo , ou de S. Tiago , ou de Aviz , a  
„ poderey prover a pessoa , que me bem parecer ,  
„ ainda que naõ tenha servido na guerra contra  
„ infieis , & que se haja por benemerito.

Tom.III.

Sss

„ No



„ No numero de homens de cavallo , assim  
„ pera se vencerem Commendas , como pera se-  
„ rem melhorados nellas , se contaraõ tambem to-  
„ dos estes homens de cavallo , cujas pessoas ser-  
„ viraõ do dia que começaraõ a servir pera lhe  
„ ser lançado o Habito.

„ Tanto que huma pessoa tiver servido tres  
„ annos , & lhe for por esse respeito lançado o  
„ Habito de qualquer das ditas Ordens , ficará ha-  
„ bilitado pera logo poder ser provido de Com-  
„ menda , naõ lhe precedendo outro em numero  
„ de homens de cavallo , ou em antiguidade de  
„ tempo de serviço conforme ao acima dito.

„ E aquelles que se quizerem vir de Africa  
„ acabado seu tempo tiraraõ suas Certidoens assi-  
„ nadas pelos Visitadores do tempo que ante elles  
„ justificarem que tem servido , & do numero de  
„ homens de cavallo , com que serviraõ , pera por  
„ ellas serem providos de Commendas , ou me-  
„ lhorados , se ainda o naõ forem ; & os que naõ  
„ tiverem acabado seu tempo , & vagar Com-  
„ menda , de que pretendiaõ ser providos , reque-  
„ reraõ sobre isso aos ditos Visitadores , pera que  
„ elles me enviem Certidaõ do tempo de seu ser-  
„ viço , & do numero dos homens de cavallo ,  
„ com que serviraõ , & a mais informaçã neces-  
„ saria , para que eu proveja da tal Commenda  
„ aquelle , que conforme a estes Estatutos a hou-  
„ ver de haver , por ter servido com maior nume-



*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 507*

„ro de homens de cavallo , ou por ter mais tem-  
„po de serviço, como nellas se contém, na qual  
„justificação do serviço de cada hum os Visita-  
„dores farão todo o exame , e diligencia ne-  
„cessaria pera que não haja nisso enleyo , & en-  
„gano algum ; & os despachos das ditas Com-  
„mendas enviarey aos ditos Visitadores , pera  
„que elles as dem às pessoas a que pertencerem  
„sem as virem requerer à minha Corte ; o que assi  
„hey por bem , por escusar trabalhos , & despe-  
„zas.

„Daqui em diante se não lançará o Habi-  
„to a pessoa alguma , senão pelo serviço feito nas  
„partes de Africa , ou na India , conforme ao  
„acima dito ; nem assim mesmo se proverá Com-  
„menda alguma de qualquer qualidade, que seja,  
„tirando a quinta de que acima se faz menção ,  
„senão nas pessoas , que a servirem em Africa ,  
„como dito he.

„Além do sobredito , que o Santo Padre  
„houve por bem de ordenar pera restituir , &  
„conservar a disciplina militar das ditas Ordens ,  
„se fará em Africa hum Seminario , em que se  
„sustentem , & criem em exercicios de guerra al-  
„guns homens de nobre geração , mas pobres ;  
„& pera a dotação delle ordena Sua Santidade  
„que se tire por justa , & igual distribuição ren-  
„da de doze mil cruzados de ouro cada anno das  
„rendas Mestras , & das Commendas , que pas-

## 508 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„sam de quinhentos cruzados de renda ; & isto  
 „sem prejuizo dos que ao presente as tem , & a  
 „dita renda se applicará , & converterá toda em  
 „sustentação de tantos Fidalgos dos sobreditos ,  
 „quantos della se poderem boamente sustentar em  
 „hum , ou em muitos Lugares de Africa ; & em  
 „quanto se ajuntar esta renda , este gasto , & obri-  
 „gação será à custa de minha fazenda.

„No dito Seminario se não receberão senão  
 „Fidalgos de nobre sangue , & geração por pays,  
 „& por mãys , & de boa vida , & costumes , &  
 „por opposição , & justificação , que se primei-  
 „ro fará assi sobre isto , como tambem na destre-  
 „za das armas , & exercicio de cavalgar , & for-  
 „ças ; & serão preferidos para serem recebidos  
 „*cæteris paribus* os filhos , & decendentes da-  
 „quelles , que morrerão em Africa pelejando con-  
 „tra os infieis , ou na guerra o fizeraõ esforçada-  
 „mente.

„Os que forem recebidos , ainda que vi-  
 „vaõ apartados cada hum em sua casa , comeraõ  
 „todos juntos a huma mesa , & lugar idoneo ,  
 „onde depois de se benzer a mesa , & haver si-  
 „lencio se lhes lerá primeiro huma breve lição de  
 „coufas santas ; & depois pera acrescentar os es-  
 „piritos , & animo dos Cavalleiros , se lhes lerá  
 „outra das Chronicas , & Historias antigvas dos  
 „Reys destes Reynos de Portugal , & especial-  
 „mente dos homens esforçados , que na India ,  
 „ ou

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 509*

„ ou em Africa fizeraõ alguma cousa assinalada,  
„ ou morreraõ honradamente.

„ Haverá Visitador deste Seminario orde-  
„ nado por mim, o qual se informará cada anno  
„ da vida, & costumes de cada hum dos que fo-  
„ rem recebidos, & castigará, & emendará se-  
„ gundo o que for necessario.

„ E para os Cavalleiros das ditas Ordens,  
„ & todos os sobreditos fazerem o que devem à  
„ sua obrigação, & Habito, & pera melhor or-  
„ dem de seu estado se faraõ hum, ou mais Jui-  
„ zes, & todos os que parecer que convém; &  
„ assi mesmo Visitadores, os quais seraõ dos Com-  
„ mendadores mais approvados, & de mais con-  
„ fiança das ditas Ordens, ou outras pelloas, que  
„ eu escolher; & tambem se ordenaráõ os mais  
„ officios, que me parecer que convém.

„ O officio dos ditos Juizes, & Visitado-  
„ res será conhecer do tempo dos serviços; da an-  
„ tiguidade; do numero de homens de cavallo;  
„ dos cargos; a ventagem, & qualidades de ca-  
„ da hum dos Cavalleiros; & do dito tempo das  
„ Commendas vagas, que a elles saõ devidas, &  
„ de tudo o mais necessario; para que depois con-  
„ forme a suas Certidoens, & enformaçoens exe-  
„ cute, & mande passar Cartas, & Provisões  
„ em fórma; & além disso faraõ guardar intêira-  
„ mente todos os Estatutos, & letras Apostoli-  
„ cas, & visitar cada anno todos os Commenda-  
„ dores,

**510** *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„dores, & Cavalleiros, que estiverem em Afri-  
„ca, enformando-se de sua vida, & costumes, &  
„se guardaraõ sua Regra, & como despende ca-  
„da hum a renda de sua Commenda, & castigar  
„aos que acharem culpados com as penas devi-  
„das, & multarem seus bens, & finalmente usar  
„da jurdição necessaria pera todas estas cousas  
„haverem effeito, sem haver appellação, quan-  
„do eu assim especialmente o conceder.

„E pera os Commendadores, & mais pes-  
„soas da Ordem de Christo saberem melhor o que  
„saõ obrigados a fazer, conforme a Regra, &  
„a estes Estatutos, & Regimento; mando ora  
„acrécentar, & imprimir de novo a dita Regra.

„Ordenar-se-ha em Africa hum lugar ido-  
„neo, em que morem seis Freyres da Ordem de  
„Christo, & dous da Ordem de S. Tiago, &  
„outros dous da Ordem de Aviz, os quais ad-  
„ministrem os Santos Sacramentos aos Cavallei-  
„ros de suas Ordens, & fação tudo o mais que  
„estã ordenado pelas Regras, & Estatutos de  
„cada huma dellas.

„Por tanto, como Governador, & per-  
„petuo Administrador das ditas Ordens, & por  
„virtude da dita Bulla do Santo Padre, ordeno,  
„& mando, como tambem manda Sua Santida-  
„de a todos, & acada hum dos Commendado-  
„res, Cavalleiros, & professos das ditas Tres Or-  
„dens Militares de qualquer qualidade, & con-  
„dição

„dição que sejaõ, que sem esperar mais outra al-  
„guma determinação, nem declaração de nossa  
„intenção, & vontade, obedeção inteiramente  
„em todo tempo, & lugar ao que se contém  
„nestes Estatutos, & Regimento, & todas as  
„sentenças, declarações, & mandados, que por  
„virtude, & autoridade delles se fizerem, de-  
„clarando que nenhuma appellação, protesta-  
„ção, ou reclamação feita em Juizo, ou fóra del-  
„le possa impedir alguma hora as cousas sobredi-  
„tas, nem pera isso tenha força, nem vigor al-  
„gum; & aos que sob qualquer conselho, ou  
„arte ousarem contradizer a estes Estatutos, &  
„reformaçoens, ou as cousas, que por virtude  
„delles se fizerem, ou ordenarem, o Santo Pa-  
„dre Pio V. os priva de suas Commendas, &  
„faz inhabiles pera as cousas sobreditas por esse  
„mesmo effeito; determinando que todas as cou-  
„sas conteudas nestes Estatutos, & Regimento  
„se cumpraõ, & guardem inteiramente pera to-  
„do sempre sem se poder mudar cousa alguma  
„dellas nem per mim, nem pelos Reys, que ao  
„diante forem Administradores das ditas Ordens,  
„com pretexto de qualquer privilegio, ou facul-  
„dade; antes tudo o que contra o sobredito per  
„qualquer pessoa, & com qualquer authoridade  
„se tentar fazer sciente, ou ignorantemente, seja  
„de nenhum vigor.

„E confiando o Santo Padre da boa von-  
„tade,

## 512 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„tade, que tenho às ditas Ordens, & desejo gran-  
„de de as reduzir quanto em mim he a seu an-  
„tigo, & verdadeiro estado, & que com con-  
„selho, & cuidado farey o que convir pera a di-  
„ta reformação, me concede a mim, & aos Reys  
„Administradores dellas, que pelo tempo forem  
„pera todo sempre, que pera execuçaõ, & fir-  
„meza das cousas sobreditas possaõ mais livre-  
„mente ordenar quaisquer outras cousas, que pe-  
„la condiçaõ, & qualidades dos tempos, luga-  
„res, & pessoas, ou em geral, ou em particu-  
„lar parecer que convém; emendar as que forem  
„prejudiciaes, ou sem proveito, & declarar quai-  
„quer duvidas, que das cousas sobreditas nace-  
„rem; & finalmente fazer executar tudo o mais,  
„que pera o bom estado, augmento, & confer-  
„vaçaõ das mesmas Ordens Militares for necessa-  
„rio, ou de qualquer maneira conveniente.

„Pera que a differença no Habito acenda  
„mais os animos dos Cavalleiros ao fazerem ef-  
„forçadamente, me concedeo Sua Santidade que  
„à honra do Bemaventurado Martyr S. Sebastião,  
„em cujo dia foy o meu nascimento, pera man-  
„dar accrescentar huma setta ao habito de alguns  
„Cavalleiros das ditas Ordens, que no serviço da  
„guerra se assinalaraõ, & fizeraõ feitos notaveis.

„E pera melhor execuçaõ no sobredito o  
„Santo Padre Pio V. dá licença a mim, & aos  
„Administradores, que pelo tempo forem das di-  
„tas

„ tas Ordens , pera que possaõ mais livremente  
„ conceder aos Cavalleiros ainda professos , & que  
„ tem Commendas de qualquer dellas , que dei-  
„ xadas as tais Commendas , & ficando com o  
„ Habito de sua mesma Ordem , possaõ receber ,  
„ & ter licitamente outras de quaisquer das ditas  
„ Ordens , que pertençaõ à minha disposiçaõ , ou  
„ do Administrador , que pelo tempo for , segun-  
„ do esta reformaçaõ , se ao tempo , que as tais  
„ Commendas vagarem , constar legitimamente  
„ que elles procedem , & fazem ventagem , ou  
„ em numero de homens de cavallo , ou em an-  
„ tiguidade de serviço feito na guerra de Africa ,  
„ segundo a fórma desta mesma reformaçaõ a to-  
„ dos os outros daquella Ordem , de quem saõ  
„ as Commendas , que assim estaõ vagas ; mas  
„ quando forem iguais seraõ preferidos os Caval-  
„ leiros da mesma Ordem , de que saõ as tais Com-  
„ mendas.

„ E pera que tudo o que nestes Estatutos,  
„ & Regimento se contém venha à noticia de to-  
„ dos , & se cumpra , & dé à inteira , & devi-  
„ da execuçaõ , mando ao Chanzarel das ditas Or-  
„ dens que pubrique os ditos Estatutos na Chan-  
„ cellaria dellas , & envie logo cartas com o tres-  
„ lado delles sob seu final , & sello de huma das  
„ ditas Ordens aos Capitaens dos lugares de Afri-  
„ ca , a que mando que os façaõ logo publicar  
„ nos ditos lugares , & registrar nos livros dos Con-



## 514 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„tos delles; & assim enviará as ditas cartas aos  
 „Corregedores, Ouvidores das Comarcas, &  
 „aos Ouvidores das terras, em que os ditos Cor-  
 „regedores não entraõ por via de Correição; aos  
 „quais Corregedores, & Ouvidores mando que  
 „os publiquem logo nos Lugares onde estiverem,  
 „& os fação publicar em todos os lugares de  
 „suas Comarcas, & Ouvidorias, & registrar nos  
 „livros das Comarcas delles, & no das Chan-  
 „cellarias das ditas Correições, & Ouvidorias,  
 „pera que todos possaõ saber o que nos ditos Es-  
 „tatutos se contém; & assim se registraraõ no li-  
 „vro da Mesa da Conciencia, & Ordens, & es-  
 „tes proprios com a Bulla do Santo Padre se po-  
 „raõ no Cartorio do Convento de Thomar Ca-  
 „beça da Ordem de Christo pera nelle estarem  
 „em toda boa guarda; & o treslado authenticó  
 „da dita Bulla, & dos ditos Estatutos se leva-  
 „raõ aos Cartorios dos Conventos de cada huma  
 „das Ordens de Santiago, & Aviz. Jorge da  
 „Costa a fez em Almeirim a seis dias do mez de  
 „Fevereiro anno do Nascimento de nosso Senhor  
 „Jesu Christo de 1572.

### REY.

108 Promulgados estes Estatutos, em cujas  
 extensas clausulas se conhecia o ardente zelo, e  
 prudente direcção, com que El Rey desejava re-  
 taurar as Ordens Militares, querendo na fórma  
 delles



**Parte III. Livro II. Cap. XXI. 515**

delles dar o Habito a alguns Cavalleiros, e praticar outras acções em beneficio, e augmento das mesmas Ordens, celebrou Capitulo Geral da Ordem Militar de Christo em a Villa de Santarem, para cuja solemnidade elegeo o dia 8 de Dezembro deste anno de 1573, dedicado à Immaculada Conceição da Senhora, e a Igreja Parochial de Marvilla, a qual se armou de magestosa tapeçaria, e se cubrio o pavimento de preciosas alcatifas, que ao nosso Principe mandara como seu tributario ElRey de Ormuz. Estava ElRey D. Sebastião assistido do Cardeal D. Henrique, o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Antonio, Prior do Crato. Ao lado direito sustentava em pé Fernão da Sylveira o estoque, como Condestavel, e no meyo do Capitulo o Alferes mór D. Luiz de Menezes com a bandeira real levantada. Todos os Commendadores estavam sentados por seus grãos, conforme a antiguidade de cada Ordem. Rompeo ElRey o silencio, que observava tão nobilissimo congresso com as seguintes palavras.

Celebra ElRey Capitulo da  
Ordem de Christo.

„ Vendo, e ponderando a honra; que à  
„ Ordem fiz, e considerando o lugar, conjun-  
„ ções, e tempo, que nella concorrem, por  
„ principio do fim, conclusão, e effeito della,  
„ me pareceo dizervos a honra, que a ella, é a  
„ vós agora faço, tanto mayor que as estimadas  
„ por grandes; quanto mais conforme à natureza

Practica delRey.

Tom. III.

Tit ii

„ dos

## 516 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ dos Portuguezes , e propria obrigação nellas ,  
„ da que me pareceo fazervos neste lugar , e tem-  
„ po vos fallar ; sendo de vós tão entendido de-  
„ ver , e haver de fazer eu esta honra à Ordem ,  
„ e a vós , como esperado , desejado , e pertencen-  
„ dido de vós , e verdes o effeito della ; e vendo  
„ que dizia hum Santo dos na Escriitura celebra-  
„ dos , que a esperança do que esperava tinha no  
„ seu peito collocada , e firmemente posta , e  
„ dos seus olhos havia de ser vista , e entendem-  
„ do quaõ largamente podeis dizer isto desta hon-  
„ ra , e o effeito della ; para que me não deterey ,  
„ e me abreviarey a volo dizer , como para o ef-  
„ feituar , que he haverme de servir da Ordem ,  
„ e dos Commendadores della honrada , e não  
„ onerosamente ; como para os effeitos , que se  
„ haõ de seguir , convém.

109 Acabada esta breve practica , com que ElRey declarou o fim para que convocara o Capitulo Militar da Ordem de Christo , se levantou o Doutor Antonio Pinheiro , e fazendo huma profunda inclinação a ElRey , com que tacitamente lhe pedia licença , para fallar , recitou a Oração seguinte , de cujas elegantes expressões esteve pendente tão augusto como nobilissimo auditorio.

Oração do Doutor Antonio Pinheiro.

„ A suave disposição da Ordem , em que a  
„ Divina Providencia conserva as cousas , que  
„ criou em igual , e perpetua perseverança , se co-  
„ nhece sempre em serem conformes os principios  
„ à ulti-

„ à ultima fórma, e perfeição, para que as cou-  
„ sas foraõ ordenadas; e esta admiravel ordem da  
„ Sabedoria, quiz o mesmo Deos, que fossem  
„ mais semelhantes as religiosas milicias, que pa-  
„ ra seu serviço, e louvor debaixo do nome de  
„ Ordens foraõ na terra estabelecidas, e fundadas,  
„ o que nesta excellente, e animosa milicia, que  
„ debaixo do glorioso nome de JESU Christo Nos-  
„ so Salvador, e Redemptor foy instituida, logo  
„ em seu nascimento, e criação se vio muy cla-  
„ ro, que em seu progresso, e crescimento ficou  
„ cada vez mais claro, e manifesto, fazendo seu  
„ principio taõ conforme ao alto fim, que por  
„ descurso de tempo havia de alcançar, que or-  
„ denou que o primeiro author della fosse ElRey  
„ D. Diniz, unico, e primeiro deste nome, e  
„ sexto da ordem dos Reys destes Reynos, que  
„ por graça de Deos, e por seu grande esforço  
„ vieraõ a ser Reys de muitos Reynos, e a ter  
„ por vassallos muitos Reys, e por subditos mui-  
„ tos Senhores, que antes de lhe serem subditos,  
„ eraõ em seus Estados Principes absolutos, e so-  
„ beranos; entaõ com o favor de Deos, merces  
„ dos Reys destes Reynos, e authoridade do Pa-  
„ pa Joaõ II. Supremo Vigario de Christo em to-  
„ da a Igreja Catholica Militante, foy taõ con-  
„ forme seu successo, que sendo dotado em seu  
„ principio sómente dos bens, que os Cavalleiros  
„ chamados do Templo antes de sua milicia ser  
„ extin-

## 518 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ extincta pelo Papa Clemente V. Vienense, nestes Reynos possuíam por seus muitos serviços,  
 „ e grandes merecimentos dos Mestres, e Caval-  
 „ leiros della, alcançou outros muitos, com os  
 „ quaes em pouco tempo foy muito dilatada, e  
 „ ampliada, principalmente com grande zelo, e  
 „ cuidado daquelle excellente Infante D. Henri-  
 „ que, filho del Rey D. João o I. de gloriosa me-  
 „ moria, perpetuo Governador, que foy desta  
 „ milicia, ao qual não sómente deve a Ordem o  
 „ patrimonio das Ilhas, e terras, que na Costa  
 „ de Africa exterior, quasi até o Cabo da boa Es-  
 „ perança, pela navegação do mar Oceano até  
 „ seu tempo dos nossos não sabida, descobrio,  
 „ povoou, e foygeitou; mas tambem lhe he em  
 „ muita obrigação a Coroa destes Reynos, por  
 „ abrir caminho aos Reis delles de novos des-  
 „ cubrimentos, Conquistas, e Comercios; pelos  
 „ quaes além do espiritual merecimento da con-  
 „ versaõ de tantas almas, o temporal estado da  
 „ Coroa destes Reynos, ficou em augmento da  
 „ reputação muito accrescentado, pela qual ra-  
 „ zão succedeo alguns annos despois El Rey D.  
 „ Manoel, de louvavel memoria, a El Rey D.  
 „ João o II. seu primo, por fallecer seu filho,  
 „ que fosse natural, e legitimo successor, não dei-  
 „ xou a administração perpetua desta milicia, que  
 „ antes de ser Rey tinha; mas para que crecesse  
 „ em reputação, e honra, ficando juntamente em  
 „ sua

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 519*

„sua Real Pessoa a governança della , foy dos  
„Reys destes Reynos o primeiro , que em seu  
„Real dictado ajuntou o titulo de Governador,  
„e perpetuo Administrador della , e para que taõ  
„alto titulo ficasse mais esclarecido crescendo o  
„patrimonio da Ordem para a sustentação de ma-  
„yor numero de Cavalleiros della , além das ren-  
„das , que novamente lhe applicou , alcançou do  
„Papa Leão X. uniaõ das rendas Ecclesiasticas ,  
„que repartidas em Preceptorias , e Commendas,  
„cuja nomeação fosse sua , e dos Reys seus suc-  
„cessores , ajudassem a temporal sustentação dos  
„esforçados Cavalleiros della , que na guerra con-  
„tra os Infieis , por mar , e terra gastaraõ suas  
„rendas em defensão de nossa Santa Fé , em ser-  
„viço dos Reys destes Reynos , e por honra da  
„Ordem aventuraraõ honradamente suas vidas ,  
„e pessoas com estas merces , e favores , e hon-  
„ras , que del Rey D. Manoel a Ordem recebeo ,  
„ficou em tanto ser , e dignidade , que succeden-  
„do El Rey D. João o III. avò del Rey nosso Se-  
„nhor , a El Rey D. Manoel , seu pay , por lhe  
„pertencer a legitima , e natural successão na Co-  
„roa destes Reynos , succedeo juntamente por  
„concessão Apostolica na perpetua governança  
„desta Ordem em sua vida , e desejando que a  
„honra que a Ordem alcançava em ser regida por  
„Reys se perpetuasse nella , impetrou do Papa  
„Julio III. que entaõ na Catholica , e Universal  
„Igreja

## 520 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ Igreja residia, a uniaõ desta Ordem com a Co-  
 „ roa destes Reynos para sempre; para que sem-  
 „ pre os Cavalleiros della tivessem como Freyres  
 „ na Ordem por Governador, quem como vaf-  
 „ sallos, e criados tinhaõ por seu natural Senhor  
 „ e Rey, accrescentando a merce, que El Rey  
 „ D. Manoel, seu pay, fizera a esta Ordem em  
 „ lhe unir a dita administraçaõ em sua vida com  
 „ sua Real Pessoa a perpetuar com uniaõ insepa-  
 „ ravel della, que foy a mayor honra, que a Or-  
 „ dem podia desejar, nem se cuidava, que outra  
 „ mayor se lhe podesse accrescentar, até que o  
 „ muito alto, e muito poderoso Rey D. Sebas-  
 „ tiaõ, nosso Senhor, primeiro deste nome, inf-  
 „ pirados por Deos antes, que puzesse em obra  
 „ seu desejo accezo com ardente zelo da defen-  
 „ saõ de nossa Santa Fé contra os inimigos della  
 „ unio, e ajuntou a obrigaçaõ de Cavalleiro pro-  
 „ fesso desta Ordem com a magestade de sua Real  
 „ Pessoa; com taõ alta determinação de voto mi-  
 „ litar, e taõ substancial vinculo de obrigaçaõ,  
 „ que tem os Cavalleiros desta milicia, com as  
 „ que como Catholico Rey antes tinha, que fi-  
 „ cando as del Rey, e Mestre em hum só sojei-  
 „ to de sua Real Pessoa sem prejuizo de cada hu-  
 „ ma dellas, e conservando em ambas sua natu-  
 „ ral obrigaçaõ, por sua profissaõ nesta milicia  
 „ a Ordem recebesse accrescentamento de nova  
 „ honra ante os homens, e sua Real Pessoa al-  
 „ cançasse

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 521*

„ cançasse novo merecimento ante Deos , e com  
„ hum glorioſo exemplo , que dava aos Reys seus  
„ ſucceſſores fizesse taõ alta ſua proſiſſaõ , que  
„ cumprindo com a obrigação de Cavalleiro de  
„ Chriſto , cuja milicia profeſſava em preſença de  
„ poucos , ficasse melhor cumprida a obrigação  
„ de Rey , que no principio do ſeu Reyno pri-  
„ meiramente , e com ſolemne juramento profef-  
„ ſara , dando por eſte acto de devota , e militar  
„ proſiſſaõ tanto mais à Ordem , que os Reys  
„ ſeus Progenitores ; quanto de mayor eſtima he  
„ darlhes ſua Real Pelloa com o titulo de Caval-  
„ leiro della , que todas as honças , favores , e mer-  
„ ces com que os Reys ſeus Anteceſſores a ti-  
„ nhaõ levantado. Louvor he (diz o Anjo a To-  
„ bias) publicar o ſegredo de ſeu Divino Conſe-  
„ lho , de quem lhe guarda ſegredo nelle ; pelo  
„ que na proſiſſaõ , que S. A. fez neſta milicia ,  
„ quiz Deos declarar ao Mundo , que com eſpan-  
„ to o havia de ſaber , que a honra deſta obra era  
„ toda ſua , que ſó de S. A. era o merecimento  
„ todo della ; Deos foy o Author , que em ſeu  
„ eterno Conſelho a ordenou ; ElRey noſſo Se-  
„ nhor foy temporal executor , que fielmente obe-  
„ deceo ao que ſentio , que por Deos era ordena-  
„ do ; e aſſi o meſmo Deos , que inspirou a Re-  
„ ligioſos , de aſpera , e ſanta vida , que com moſ-  
„ tras de penitencia , e devoçaõ , lhe pedissem o  
„ effeito deſta proſiſſaõ , no meſmo tempo moveo

Tom.III.

Uuu

„ o real



## 522 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ o real coração de S. A. a efficaçmente desejava  
 „ com tão admiravel concorrência de tempo , lu-  
 „ gar , e pessoas , que sem proceder communica-  
 „ ção alguma destes desejos , no mesmo tempo ,  
 „ e lugar , que S. A. com attenta consideração de  
 „ seu juizo buscou para effectuar esta profissão ,  
 „ se acharão para o servir nas ceremonias della al-  
 „ guns dos Religiosos , que com tão grande ins-  
 „ tancia a pedirão , tanto que aos que coube ma-  
 „ yor parte no desejo , coube o principal minis-  
 „ terio no serviço della ; e porque onde se Deos  
 „ mostra efficaç movedor da vontade faz suave ,  
 „ e facil a execução della , não he de espantar se  
 „ o que posto em razão humana pudera ter mos-  
 „ tras de difficuloso , e perigoso , pareceo , co-  
 „ mo verdadeiramente o foy , facil , e seguro a  
 „ ElRey nosso Senhor , que sentio em seu Real  
 „ desejo ser o que effectuava obra não da eleição  
 „ humana , mas de inspiração Divina ; e para que  
 „ tudo o que em tão catholica profissão succedia ,  
 „ respondesse ao santo zelo com que seu Real pei-  
 „ to a fazia , ordenou Deos , que escolhesse para  
 „ o tratar a Villa de Sagres , que he fóra deste  
 „ Reyno de Portugal , no seu Reyno do Algar-  
 „ ve ; e para o fazer Mosteiro de S. Francisco da  
 „ Piedade , que he no Cabo de S. Vicente , cha-  
 „ mado dos antigos Promontorio Sagrado , e que  
 „ buscasse este lugar , e chegasse a elle navegando  
 „ pelo mar Oceano vencendo algumas apparen-  
 „ cias



„cias dos perigos, que geralmente a imaginação  
„pudera offerecer a quem não tivera seu alto es-  
„pírito em idade de dezanove annos com admi-  
„ravel seguridade, e confiança, para que o prof-  
„pero, e quasi miraculoso effeito desta obra fi-  
„zesse mais certa a esperança dos milagres, que  
„o Senhor Deos nos mostra querer fazer no dis-  
„curso da sua idade vindoura, como os já mos-  
„trou alli em seu nascimento como em todo o  
„progresso da idade já passada. Tem (diz huma  
„Santo) os milagres sua lingua, e aos attentos  
„entendimentos he o que se nelles faz, a lingua  
„com que Deos nos falla nelles; chamar-se o Ca-  
„bo Sagrado nos declara a modestia, e discipli-  
„na de seus costumes; ser Cabo, nos disse, que  
„este foy o mais eminente Cabo, e mais alto cu-  
„me da honra, que a Ordem podia receber; pro-  
„por ella o Rey, que na terra he Soberano, foy  
„imitando a Christo Nosso Senhor, cuja Milicia  
„professava pela uniaõ de Cavalleiro em sua Real  
„Pessoa, se faria como irmão de todos os Caval-  
„leiros della; e o que com exemplo de suas vir-  
„tudes excellentes continuamente nos ensina por  
„esta devota incorporação na Ordem, sem obri-  
„gação regular de Mestre della, fica verdadeiro  
„Mestre do esforço, grandeza, e zelo, que ou-  
„tros Reys em tão catholico exemplo poderaõ  
„imitar, e seus subditos aprender. A nova insig-  
„nia da Seta, que por devoção do glorioso Mar-

## 524 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ tyr S. Sebastião , seu Protecôr , e Padroeiro  
 „ destes Reynos , S. A. novamente accrescentou  
 „ ao pé da Cruz , que he antigo , e substancial  
 „ habito da dita Milicia , em final de mayor honra  
 „ que se nella póde alcançar , declara o desejo ,  
 „ que tem de fazer novas merces , e honras a  
 „ quem por novos , e não costumados serviços  
 „ as merecer ; e como as occasioens de tão gran-  
 „ des serviços sejaõ raras , e mais raros os que nel-  
 „ las os costumaõ fazer , ficará esta accidental dif-  
 „ ferença sendo substancial premio , que muitos  
 „ desejem conseguir com mayor reputação , e esti-  
 „ ma , por serem poucos os que com merecimen-  
 „ tos iguaes a tanta honra a possaõ pelo tempo  
 „ alcançar ; as outras accidentaes differenças na  
 „ honra inferiores guardada sempre a substancia  
 „ do habito effencial desta Ordem , que com vos-  
 „ co espera tratar , ou ordenar as cousas da refor-  
 „ mação dellas , daõ evidente significação da von-  
 „ tade , que S. A. tem de honrar a muitos ; por-  
 „ que assi quiz ordenar a divisa da Sertã no pé da  
 „ Cruz , que fosse como branco , e summo pre-  
 „ mio de poucos ; que ficasse esperança de mais  
 „ ordinaria honra a muitos , que por costumados  
 „ serviços a podem mais geralmente merecer ; e  
 „ não sómente por esta reformação de acciden-  
 „ taes differenças se representa a policia dos Ro-  
 „ manos , que na disciplina militar , e premio del-  
 „ la sobre todas as nações do Mundo floreceraõ ,  
 „ fican-

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 525*

„ ficando as differentes fórmās dos habitos seme-  
„ lhantes às Coroas Muraes , e Castrenses , com  
„ que ellas remuneravaõ as differenças dos serviços  
„ na guerra , mas tambem póde com razão pare-  
„ cer , que por esta nova Ordem , que para ma-  
„ yor perfeição da antiga , e mayor honra della  
„ S. A. espera dar , fica esta Milicia temporal , e  
„ humana mais conforme assi à Celestial do exer-  
„ cito Angelico , onde tambem se vem tres Je-  
„ rarchias de Espiritos , repartidas cada huma en-  
„ tre si em tres Ordens differentes , como a or-  
„ dem divina , que as criou , e Christo Nosso Se-  
„ nhor tem em seu Reyno eterno , nas differen-  
„ ças das honras com que satisfaz aos Santos ; os  
„ trabalhos , e serviços , que na vida peleijando  
„ contra os espirituaes inimigos lhe fizeraõ ; onde  
„ por não terem iguaes os merecimentos dos que  
„ serviraõ fica sendo com justiça differente , e des-  
„ igual a honra do premio , sendo porém tal o  
„ essencial objecto de todos , que fiquem com a  
„ clara vista delle honrados , bemaventurados , e  
„ contentes ; onde finalmente não sómente se ve-  
„ rá a differença na gloria dos corpos depois da  
„ geral Resurreição , pela qual razão se compara  
„ o resplendor delles ao do Sol , da Lua , das  
„ Estrellas , mas ainda nos premios accidentaes  
„ como são as Coroas chamadas Aureolas ; os ef-  
„ tados dos Martyres , dos Doutores , das Vir-  
„ gens , entre si , e dos outros Santos seraõ sepa-  
„ rados ,

## 526 *Memorias del Rey D. Sebastião*

„rados , e distinctos. Desta vontade que S. A.  
 „tem de honrar esta Ordem , e os Cavalleiros  
 „della , procedem as ceremonias da solemnidade,  
 „e apparatus com que quer ordenar em melhor  
 „fórma os mantos antigamente usados nella , e as  
 „Festas , tempos , e lugares em que se usaraõ os  
 „collares de quiro , e outras insignias de mayor  
 „demonstração da authoridade , e honra , que a  
 „Ordem por S. A. professar as obrigaçoens dos  
 „Cavalleiros della , conseguio , ficando por esta  
 „profissão o Cabo de S. Vicente, a Villa de Sa-  
 „gres , e o Mosteiro de S. Francisco edificado ,  
 „onde o corpo do Santo Martyr aportou , por se-  
 „rem buscadas todas estas circumstancias de lu-  
 „gar , e de tempo com eleição deliberada de S. A.  
 „com mayor fama , e nome , que pelos grandes  
 „acrescentamentos de patrimonio , e honra , que  
 „do mesmo lugar por mar , e terra a Ordem nes-  
 „tes tempos passados ganhou , e adquirio ; ma-  
 „yormente mostrando S. A. devoção particular  
 „ao glorioso Martyr S. Vicente , em cuja presen-  
 „ça , e das sagradas reliquias de seu corpo S. A.  
 „fez profissão tomando-o primeiro por padrinho  
 „no acto que se armou Cavalleiro , como que de  
 „sua mão recebia o estoque com as palavras com  
 „que o esforçado em suas victorias glorioso Ca-  
 „pitaõ Machabeo a recebo da mão do Profeta  
 „Jeremias , quando lhe disse , que recebesse aquel-  
 „la espada para defensão da Religião Catholi-  
 „ca,

*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 527*

„ca, e verdadeira, e para abatimento, e con-  
„fusão dos inimigos della; pelo qual respeito do  
„voto reverencial accresceo a S. A. o glorioso  
„Martyr S. Sebastião, seu padroeiro, tomasse  
„S. Sebastião a seu cargo a saúde corporal del-  
„Rey nosso Senhor, que em seu dia nascera dese-  
„jado para Rey, e ficasse a cargo de S. Vicen-  
„te a honra, e augmento da Milicia de Christo,  
„que em sua presença, e em sua Casa recebia,  
„e isto em dia de S. Mattheus, em que seus Ca-  
„pitães em Africa valerosamente contra os Mou-  
„ros pelejaraõ, e sendo tanto à vista della o lugar  
„onde professava, que pareceo querernos Deõs  
„augurar as esperanças às victorias, que nas Con-  
„quistas delles, no progresso do tempo, e com  
„as preparações de tão alta empreza necessarias  
„nos promete o resplendor admiravel de suas vir-  
„tudes; seu invencivel coração nos perigos, sua  
„singular paciencia nos trabalhos, que em mui-  
„tas obras suas extraordinarias, seus bem afor-  
„tunados successos por mar, e por terra; como  
„o foraõ os da navegação, e caminho, que pa-  
„ra effeito desta obra S. A. buscou, e ordenou;  
„e se com olhos humanos se pudera ver o fogo  
„do fervente zelo, que em seu real peito ardia  
„quando se determinou a este effeito de sua mi-  
„litar profissão, vira-se a insignia da Cruz com  
„que S. A. se armara ser viva imagem daquella  
„em cuja virtude esperamos, que seja felicissimo  
„ven-

## 528 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ vencedor. O estoque declara sua firmeza , e  
 „ constancia em defensão de seus vassallos ; a ban-  
 „ deira representa que não será menos sua gloria  
 „ de quando proceder com seus Cavalleiros em  
 „ fôrma de exercito militar do que he agora o con-  
 „ tentamento de se verem todos em fôrma de con-  
 „ gregação religiosa. Desta merce feita à Ordem,  
 „ desta honra feita aos Cavalleiros della ; desta  
 „ sua devota determinação de que será testemu-  
 „ nho perpetuo na memoria dós homens a Cruz  
 „ muito mais impressa em seu coração , do que  
 „ póde ser de fóra no vestido expressa , e figura-  
 „ da ; desta nova fôrma, e ordem que reforman-  
 „ do em melhor, e mais honroso modo o antigo  
 „ estado della S. A. ora pertende ordenar , pare-  
 „ ceo-lhe bem a S. A. darvos conta neste dia da  
 „ Conceição sagrada de Nossa Senhora , por ser  
 „ Festa, que a Ordem tem propria , e ser dia que  
 „ S. A. tem particular devoção , por ser o em que  
 „ os Serenissimos Principes D. João , e D. Joan-  
 „ na , de faudosa , e louvavel memoria , depois  
 „ de celebrarem o Sacramento do matrimonio com  
 „ as solemnidades devidas, se recolherão em suas  
 „ casas , o que deu a todos certa esperança da suc-  
 „ cessaõ , que de ambos se vio , como todo o  
 „ Reyno desejava ; pelo que tambem he a Festa  
 „ de commum ; e geral obrigação de todos os  
 „ Reynos , e Senhorios , e Estados , que debaixo  
 „ do amparo de S. A. vivem seguros , e conten-  
 „ tes,

„tes, e isto sendo todos congregados para este  
„Capitulo Geral, que passado este dia ha de co-  
„meçar a celebrar, para que tendo perfeita in-  
„formação de sua catholica tenção, e voluntaria  
„profissão nas obrigaçoens, que tem os Cavallei-  
„ros della, com mayor amor, e cuidado cum-  
„praes as obrigaçoens da vossa religiosa, e mili-  
„tar por mar, e por terra; e como por mar, e  
„por terra esta sagrada, e animosa milicia se di-  
„latou, e quando mayor semelhança, e confor-  
„midade de todos vem a S. A. pela insignia da  
„Cruz, que declara a obrigação em que se poz  
„de empregar sua Real Pessoa, e estado em ser-  
„viço de Nosso Senhor Jesu Christo, tanto ma-  
„yores merces, e honras espereis de grandeza,  
„e virtude de S. A. todos os que lembrados da  
„vossa profissão nesta Milicia no comprimento  
„della foreis dignos das merces, e honras, que  
„representaõ insignias de premios differentes, pa-  
„ra que não faltasse o summo premio aos pou-  
„cos, nem a esperança aos muitos, e assi ficasse  
„fazendo merce, e honra a todos.

110 Entre as supplicas, que ElRey D. Se-  
bastião fez a S. Pio para a reforma das Ordens  
Militares, era a principal huma Setta com que  
fora martyrizado S. Sebastião, para dignamente  
a collocar no magnifico Templo, que em Lisboa  
estava erigido a este sagrado Heroe; porém co-  
mo a morte intempestiva do Summo Pontifice.



## 530 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Manda Gregorio XIII. a El-  
Rey huma Setta com que foy  
martyrizado S. Sebastião.

impedisse satisfazer ao desejo do nosso Principe, lho cumpro seu successor Gregorio XIII. mandando significar por Pompeyo Lanoya, seu Camereiro Secreto, o sentimento, que recebera com a noticia da morte da Princeza D. Joanna de Austria, e juntamente lhe entregou a Setta banhada no sangue do valeroso Martyr S. Sebastião, e para infallivel atestação de ser verdadeira expedio o seguinte Breve.

„Gregorius Papa XIII. Charissimo in Chris-  
„to Filio Nostro Sebastiano, &c. Permagnum  
„est, quod cupit Majestas Tua, ut tibi largia-  
„mur unam ex sagittis illis quibus invictus Chris-  
„ti Martyr Sebastianus pro illius nomine contra-  
„ctus fuit; quarum duæ in ejus Templo, quod  
„in hac Urbe est, sanctissime servantur, summâ-  
„que cum populi veneratione, & lacrymis, ac  
„votis visuntur, &c. Harum igitur sagittarum  
„unam innocentissimo imbutam sanguine mitti-  
„mus Majestati Tuæ per dilectum filium Pom-  
„peum Lanoyam Cubicularium nostrum. Secre-  
„tum; quam te omni honore accepturum, ac  
„convocata populi multitudine, pie, sancteque  
„alicui Templo dicaturum non dubitamus, &c.  
„Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub An-  
„nulo Piscatoris die 8 Novembris 1573 Pontifi-  
„catus nostri anno secundo.

III Deste sagrado donativo, com que a liberalidade Pontificia satisfez os ardentes desejos do



*Parte III. Livro II. Cap. XXI. 531*

do nosso Principe se lembrou o Virgilio Portuguez com estas canoras expressões.

*M*uy alto Rey a quem os Ceos em sorte  
Deraõ o Nome augusto, e sublimado,  
De aquelle Cavalleiro que na morte,  
Por Christo foy de setas mil passado;  
Pois delle o fiel peito casto, e forte  
Co o Nome Imperial tendes tomado,  
Tomay tambem a Setta veneranda  
Que a vos o sucessor de Pedro manda.

Camões *Rim. Var.* Tom. 4.  
Part. 2. Out. 3.

112 Assistia ElRey em Almeirim, quando chegou à sua presença o Enviado do Papa, e lhe entregou a Setta envolta em seda encarnada, e fechada em hum cofre de prata forrada de tella carmezim. Para se celebrar com o devido culto taõ preciosa reliquia se convocou o Clero da Villa de Santarem, e das terras circunvisinhas, e formada hum numerosa Procissão, levava a reliquia o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida debaixo do pallio, cujas varas sustentavaõ o Cardeal D. Henrique, o Senhor D. Duarte, o Enviado do Papa, o Embaixador de Castella, e D. Pedro Diniz. Recolhida a Procissão, e celebrada Missa de Pontifical pelo Arcebispo D. Jorge de Almeida, recitou hum elegante Oraçaõ o Doutor Antonio Pinheiro, cuja facundia era sempre o ultimo ornato das mais celebradas funções.

Pompa com que foy recebida a Setta, que mandou o Pontifice.

Tom.III.

Xxx ii

CAPL

## CAPITULO XXII.

*Ordena El Rey por diversas Cartas ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha como deve governar o Estado. Morrem Lourenço Pires de Tavora, e Andre de Rezende, de cujas pessoas se faz merecida memoria.*

1573

113

O Espirito militar del Rey D. Sebastião não sómente animava aos Soldados para as empresas da Africa, mas tambem se extendia às da Asia, sendo todo o seu desvelo, que não prevalecessem contra o nome Christão os torpes sequazes do Mahometismo. Conhecendo que em toda a idade fora o Oriente theatro glorioso das façanhas Portuguezas, onde a fortuna alistada debaixo das nossas bandeiras nos concedera multiplicados triunfos, e que voltando a sua inconstante roda se fizera parcial das armas do Samorim no infeliz sitio de Chale, escreveo com severidade ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, para que comettidos os misterios da Justiça, e da Fazenda a homens dignos de tão altas incumbencias se applicasse unicamente a promover as empresas militares, sendo a principal abater o orgulho do Samorim, e purificar com o sangue desse barbaro a injuria, que recebera o Estado em a tragica expedição de Chale. Entre diver-

*Parte III. Livro II. Cap. XXII. 533*

diversas Cartas, que sobre esta materia lhe escreveo ElRey, se distinguia a seguinte, escrita em Evora a 8 de Março deste anno de 1573.

„ O caso de Chale, em que já vos come-  
„ çey a fallar por duas vezes, nesta Carta hou-  
„ vera ser a primeira, e a derradeira cousa, que  
„ vos nella escrevera: vi o que sobre isso me es-  
„ creveis em huma de vossas Cartas, e inconve-  
„ nientes, que vos foraõ apontados, querendo  
„ vós logo proceder na guerra contra o Samorim  
„ para o deixardes entaõ de fazer, e sendo este  
„ caso quaõ espantoso, e vergonhoso póde ser,  
„ e nunca visto em Portuguezes, nem esperado  
„ delles, naõ podia deixar de haver nisto muitas  
„ culpas, e de muitos; e supposto, que algumas  
„ seriaõ mayores, que outras, mal se poderia re-  
„ cuperar a honra, e reputaçã deste Estado, se  
„ naõ desseis logo hum grande, e extraordinario  
„ castigo ao Samorim, e naõ o tendo vós posto  
„ em effeito em tal maneira, de que eu me deva  
„ satisfazer (o que eu naõ posso cuidar, que em  
„ tal materia houvesse tamanho descuido, grande  
„ abatimento da opiniaõ Portugueza he tardar  
„ tanto) pelo que vos encomendo, e mando, que  
„ nisto vos desveleis, e em cousas taõ vistas naõ  
„ ha para que seja necessario conselho, senaõ no  
„ modo de as fazer; e quanto ao fazer da Forta-  
„ leza de Chale, e lugar della fareis o que for mais  
„ meu serviço, &c.

Carta delRey para D. Anto-  
nio de Noronha, Vice-Rey  
da India.

Merece

## 534 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

114 Merece distincta lembrança nestas Me-  
 morias Lourenço Pires de Tavora, cujas acções  
 politicas, e militares lhes servem de decoroso or-  
 nato. Recebendo de seus illustres progenitores  
 Christovão de Tavora, e D. Francisca de Sousa  
 a mais qualificada nobreza, subio a ser mais au-  
 gusta com o seu proprio merecimento. Desde o  
 berço se ensayou para Heroe, suffocando como  
 outro Hercules na idade de dezaseis annos as ser-  
 pentes Africanas no infeliz combate de Arzilla,  
 onde sacrificou a vida em obsequio da patria seu  
 irmão Alvaro Pires de Tavora. Depois de exer-  
 citar nesta marcial palestra os seus espiritos, festi-  
 tuido à Corte acompanhou no anno de 1535 ao  
 Serenissimo Infante D. Luiz em a famosa expedi-  
 ção de Tunes, em que deu de sua valentia não  
 vulgares argumentos. Intentando ElRey D. Joaõ  
 o III. confederarse com Muley Aamet, Rey de  
 Fez, o nomeou Embaixador a este barbaro no  
 anno de 1541, donde voltando foy eleito pelo  
 mesmo Monarca Ayo de seu filho natural D. Du-  
 arte, a quem ternissimamente amava, para que  
 o instruisse nas artes dignas de seu nascimento.  
 Para adquirir novos timbres ao seu nome, sahio  
 da barra de Lisboa no anno de 1546, capitane-  
 ando seis náos para a India, e informado em Co-  
 chim do formidavel poder com que ElRey de  
 Cambaya tinha cercado a Fortaleza de Dio, de-  
 fendida pela valerosa constancia de D. Joaõ Mas-  
 carenhas,

Elogio de Lourenço Pires de  
 Tavora.

Barbof. *Fast. da antig. e nov.*  
*Lusit.* Tom. 1. pag. 547.57.

*Parte III. Livro II. Cap. XXII. 535*

carenhas, passou valerosamente a esta Praça para ser companheiro dos perigos, e das glorias de seus defensores, onde para se distinguir de todos foy o primeiro, que intrepidamente montou a trincheira, em que peleijavaõ o Vice-Rey D. João de Castro, sendo hum dos gloriosos instrumentos da victoria, com que totalmente se humilhou o orgulho del Rey de Cambaya. Coroado de gloriosos troféos se restituhio à Patria, e depositas as armas, empunhou o Caduceo para representar com o caracter de Embaixador aos seus Soberanos em as mais celebres Cortes da Europa. A Magestade de D. João o III. o mandou no anno de 1548 a Alemanha ajustar com seu cunhado Carlos V. os desposorios da Princeza D. Joana de Austria com seu filho o Principe D. João, a qual acompanhou no anno de 1552, com pompa digna de taõ plausivel funçaõ, até entrar em Portugal. Com o mesmo caracter foy a Inglaterra, para que a herdeira desta Coroa se desposasse com o Infante D. Luiz: e supposto que foy inutil esta negociaçaõ, descobrio com prudente sagacidade os motivos porque se naõ concluiu. Semelhante ministerio exercitou na Curia Romana sendo eleito no anno de 1559, pela Rainha D. Catharina na menoridade de seu neto El Rey D. Sebastiaõ, onde nos Pontificados de Paulo IV. e Pio IV. alcançou para este Reyno singulares indultos da liberalidade Pontificia. Tanta era a authoridade,

*Andrade Chron. del Rey D. João o III. Part. 4. cap. 951*

*O Excellentissimo Conde do Vimioso Vid. do Inf. D. Luiz pag. 97.*

thoridade, que conciliou na Cabeça do Mundo, que além dos elogios, com que os Principes do Vaticano louvaraõ a sua prudencia, e piedade, se resolveo o Senado Romano pelos votos dos Consules Paulo Bubalo, e Marcello Altamirano nomeallo Señador Romano, e que este honorifico titulo fosse hereditario na sua esclarecida descendencia. Restituido a Lisboa em o anno de 1562, mereceo por premio desta Embaixada a gratificação do Principe, e o applauso do povo. Como o seu talento era igualmente capaz para o Gabinete, que para a Campanha, nunca esteve ocioso em beneficio da Patria, alternando venturosamente as negociações de Mercurio, com as empresas de Marte. Ameaçada a Praça de Tanger pelo altivo animo de Xarife Muley Abdala Rey de Marrocos foy nomeado Governador desta Praça para onde partio a 15 de Abril de 1564 com huma poderosa Armada, onde entre as muitas victorias, que alcançou dos Mouros, se distinguiraõ duas, alcançada a primeira do Alcaide mór de Arzilla Cide Boho Bontuda, e a segunda no anno de 1566 dos filhos deste barbaro, com que coroou a vigilante providencia do seu governo. Ornado de tantas acções politicas, e militares, em que deixou immortalizado o seu nome, se retirou ao lugar de Caparica fronteiro à Cidade de Lisboa, onde se preparou com actos religiosos para alcançar a Coroa promettida aos Jus-

108.

Menezes *Hist. de Tanger*, liv.  
2.º. 53.

tos. Avizado pela violencia de huma enfermidade de ser chegado o termo da sua vida, recebeu com grande ternura os Sacramentos, e faleceo a 15 de Fevereiro de 1573, quando contava o anno clymaterico de 63. Foy casado com D. Catharina de Tavora, Dama da Rainha D. Catharina, filha de Ruy Lourenço de Tavora, Conselheiro de Estado, que morreo na viagem, quando hia nomeado Vice-Rey da India, e de D. Joana da Cunha. Deste matrimonio teve a D. Christovão de Tavora, que foy muito aceito a El-Rey D. Sebastião, a Alvaro Pires de Tavora, e Ruy Lourenço de Tavora, herdeiros de seu marcial espirito, e politica capacidade. Jaz em a Capella mór do Convento dos Religiosos Arrabidos do lugar de Caparica, fundação sua, e sobre a sepultura está gravado o seguinte Epitafio.

*Sepultura de Lourenço Pires de Tavora do Conselho de Estado delRey D. Sebastião Instituidor, e Padroeiro desta Casa de Capuchos da Santa Provincia da Arrabida. Falleceo de idade de sessenta, e tres annos em 15 de Fevereiro de 1573 havendo só cinco semanas que descançava em sua casa dos muitos serviços, que fez a este Reyno na paz, e na guerra assim na Asia, como na Africa, e Europa.*

Fr. Antonio da Pied. Chron. da Prov. da Pied. Part. 1. liv. 2. cap. 3.

115. Não foy menos lamentavel para Portugal neste fatal anno de 1573 a morte do insigne  
Tom.III. Yyy Anti. Elogio de André de Rezende



Antiquario André de Rezende succedida a 9 de Dezembro em a Cidade de Evora, onde teve feliz oriente em o anno de 1498. Na tenra idade de dous annos orfaõ de seu pay Pedro Vaz de Rezende, foy vigilantemente educado por sua mãy Angela Leonor Vaz de Goes, de igual nobreza à de seu consorte, que conhecendo a viveza de engenho de que liberal o dotara a natureza, o mandou instruir em os documentos capazes da sua comprehensãõ. Alistado em a sagrada milicia da Ordem dos Prégadores aprendeo em Salamanca letras humanas com Antonio Nebrissa, e Ayres Barbosa, Oraculos da lingua Grega, e Latina, em cujos idiomas sahio peritissimo, naõ sendo inferior o progresso, que fez nas sciencias severas recebendo as insignias Doutoraes na faculdade da Theologia. Para augmentar a erudição sagrada, e profana, passou a Pariz, onde conciliou as estimações de Joaõ Vazeo, e Rogerio Rescio, egregios professores das letras humanas. De Pariz passou a Bruxellas obrigado das supplicas de D. Pedro Mascarenhas, Embaixador del Rey D. Joaõ o III. a Carlos V. para que o instruisse na erudição profana, a que muito o inclinava o genio, onde recebeu a funesta noticia de ser morta sua mãy, por cuja causa voltando à Patria no anno de 1534, o nomeou El Rey D. Joaõ o III. Mestre de seus irmãos D. Affonso, D. Henrique, e D. Duarte, para cujo effeito impetrou



petrou do Pontifice o mesmo Monarca, que mudasse o habito religioso pelo Clerical; e posto que viveo o largo espaço de trinta e cinco annos fóra do Claustro, observou sempre exactamente a disciplina regular. Na sua Patria edificou huma quinta, em que a copia das plantas competia com a abundancia das aguas, e a este ameno domicilio se retirava alguns dias altercando com pessoas eruditas controversias literarias. Em casa propria contigua ao Palacio Archiepiscopal abriu huma palestra, que era frequentada dos principaes moradores de Evora atrahidos da sua vasta erudição. Imitou na Poesia lyrica a Horacio, e na heroica a Virgilio. Observou religiosamente os preceitos da lingua Latina affectando algumas vezes termos menos usados em obsequio da veneravel Antiguidade. Practicou com felicidade a Arte da Musica, cantando suave, e tangendo deſtro diversos instrumentos. Foy insigne na Oratoria Ecclesiastica, merecendo ser Prégador delRey D. Joaõ o III. e do Cardeal D. Henrique. Em a indagação dos Monumentos Romanos foy incansavel, levando nas jornadas, que fazia, diversos instrumentos para os extrahir das entranhas da terra. Estes singulares dotes lhe conciliaraõ a estimação de grandes Principes, e dos mais celebres Filologos de todas as nações, como foraõ Jeronymo Osorio, Damiaõ de Goes, Achilles Estação, Jeronymo Cardoso, Erasmo Roteredamo, o Cardeal An-

## 540 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

tonio Paccio , Martim Asplicueta Navarro , e Ambrosio de Morales , com os quaes conservou perpetua communicacão. Mandou edificar a sua sepultura à entrada da casa do Capitulo do Convento dos Dominicos de Evora , onde entre a frialdade das cinzas conserva o ardente affecto com que sempre amou a tão illustre Mãe. Morreo quando contava setenta e cinco annos de idade , podendo competir com este numero o das suas eruditas obras , das quaes , como da sua pessoa , se faz extença memoria no Tom. I. da minha *Biblioth. Lusit.* desde pag. 161. até 170.

---

### C A P I T U L O XXIII.

*Profegue Francisco Barreto a empreza de Monomotapa , onde morre com saudade devida aos seus merecimentos.*

1573

116 **R** Eduzidos à obediencia das nossas armas os Mouros da Ilha de Pate, navegou Francisco Barreto de Moçambique com vinte embarcações a 13 de Novembro de 1571 ao grande rio de Cuama , e a 18 de Dezembro do referido anno chegou a Sena , lugar ainda que humilde habitado de Portuguezes , e Mouros , que de Melinde , Mombaça , Quiloa , Sofala , e Moçambique commutavaõ varios generos pelos negros .

negros da Cafraria. Capitaneava Francisco Barreto setecentos arcabuzeiros, e receando os Mouros visinhos a Sena este apparato militar, como lhe não pudessem resistir, se valeraõ da perfida astucia de contaminar com veneno as carnes, que haviaõ comer os Portuguezes, de que alguns inficionados morreraõ, entre os quaes se distinguio Ruy Nunes Barreto, filho do Capitão mór. Descuberta por hum dos barbaros a traiçaõ, castigou severamente aos authores della Francisco Barreto, sendo huns degollados, e outros reduzidos a breves pedaços pelo impulso das bombardas.

Traiçaõ dos barbaros contra os Portuguezes.

117 Como o principal intento de Francisco Barreto era a conquista das Minas da prata, e a não podia conseguir sem a fogueira dos barbaros, que habitavaõ desde Sena até à Provincia de Chicova, berço fecundo deste estimado metal, e firmar as pazes com o Monomotapa, Emperador da Cafraria, que he Senhor do Chicova, lhe mandou por Embaixadores a Francisco de Magalhães, e Francisco Rafaxo. Partiraõ a 15 de Novembro de 1572, com hum Enviado do Emperador, que lhe pedira o nosso Governador. Falecido em Tete Francisco de Magalhães, foy o seu companheiro continuando a jornada, e chegando a Massapà, povoação de Portuguezes, a 17 de Fevereiro deste anno de 1573, esperou pelo Enviado do Emperador, e com elle entrou em Simbaõ, Cidade Imperial do Monomotapa, e havendo

Manda Francisco Barreto Embaixadores ao Monomotapa.

## 542 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

vendo varias controversias sobre o ceremonial, com que havia ser recebido, teve Francisco Raxo a primeira audiencia do Emperador a 28 de Abril, a quem propoz os Capitulos da sua instrucção, dictados, e assinados por Francisco Barreto, que eraõ os seguintes.

Capitulos da Embaixada, que mandou Francisco Barreto ao Monomotapa.

„ Primeiramente dizey ao Monomotapa, „ que eu sou mandado pelo muito alto, e muy „ poderoso, e Christianissimo Rey D. Sebastião, „ meu Senhor, a renovar pazes com elle, assen- „ tar o trato, e commercio desta terra, e alim- „ par todas as espinhas, que impedem aos Por- „ tuguezes o caminho para as suas terras, e que „ por essa razão comecey pela terra do Mongaz, „ e me fico fazendo prestes para ir alimpar os es- „ pinhos de outras terras, e abrir estrada franca „ para communicar com Sua Alteza, com que „ El Rey meu Senhor deseja muito ter commer- „ cio, e amizade.

„ Em segundo lugar lhe dizey se lembre „ S. A. de que por sua propria vontade, e de al- „ guns vassallos, e Senhores do seu Reyno, e de „ sua mãy consentio ser bautizado pelo Padre D. „ Gonçalo, e por tanto ficou obrigado a seguir „ a Fé Catholica, e guardar os Mandamentos da „ Ley de Deos, o que até agora não fez. Que „ a queira guardar com os mais daqui por dian- „ te, vivendo como verdadeiro Christão, e que „ para isso lhe mandarey lá Padres, se os quizer; „ e que

„ e que se assim o não fizer perderá sua alma , e  
„ ficará excluído da Glória , e Bemaventurança  
„ eterna , e que esta he a principal lembrança ,  
„ que lhe manda fazer ElRey meu Senhor.

„ Dizey-lhe em terceiro lugar , que os Mou-  
„ ros com as muitas mentiras , e falsidades , que  
„ disserão a S. A. o constrangerão a mandar ma-  
„ tar alguns Portuguezes , e principalmente ao  
„ Padre D. Gonçalo , de cuja mão recebeo o san-  
„ to Bautismo , e a Fé de Jesu Christo , e por  
„ quanto este Padre foy à sua Corte como Em-  
„ baixador , e Legado do Visorey , que então  
„ era da India , posto por ElRey meu Senhor ,  
„ e confiando na sua palavra , e verdade , deve  
„ S. A. dar a devida satisfação destas mortes man-  
„ dando-me entregar todos os Mouros , que in-  
„ tervieraõ nestes negocios , mormente na morte  
„ do Padre D. Gonçalo , ou lançallos das suas  
„ terras em hum anno , que começará da notifi-  
„ cação desta lembrança , da qual se fará assento ,  
„ e quanto mais cedo os lançar mais brevemente  
„ se farão as pazes , que não podem ser firmes ,  
„ havendo Mouros na terra.

„ Em quarto lugar lhe direis , que para sa-  
„ tisfação dos muitos , e grandes gastos , e despe-  
„ zas , que se fizeraõ com as Armadas , em que  
„ vim de Portugal , e se fazem de presente com  
„ a gente , e Soldados , que trago nestes rios à  
„ custa da fazenda delRey meu Senhor , e em sa-  
„ tisfação

## 544 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„tisação da morte do Padre D. Gonçalo, e mais  
 „Portuguezes, que também foraõ mortos, me  
 „ha de dar para a Coroa, e Estado delRey meu  
 „Senhor todas as minas de prata, que ha nas suas  
 „terras, e de que se não serve, e as minas de  
 „ouro da Massapà, e Matao, e as mais, que  
 „S. A. quizer dar, e conceder com algumas ter-  
 „ras perto dellas para eu me ir assentar nellas com  
 „os Portuguezes, e estar mais perto de S. A. pa-  
 „ra melhor o poder servir.

Resposta do Emperador ao  
 Embaixador,

118 Ouvia attentamente o Emperador todas as clausulas contheudas na instrucção de Francisco Barreto, e respondeo ao primeiro Capitulo, que estimava muito a chegada do Capitão mór, e que logo que fosse recebido na sua Corte determinariaõ o modo, com que se haviaõ vencer os obstaculos, que impediaõ o commercio, e a amizade entre a sua Pessoa, e ElRey de Portugal. Ao segundo Capitulo respondia confessando ter recebido o baptismo da mão do Padre D. Gonçalo, a quem mandara privar da vida pelos maliciosos artificios dos Grandes do seu Reyno, de cuja injusta, e barbara execucao estava summa-mente arrependido. Ao terceiro Capitulo disse, que para conhecer por mentirosos os Mouros bastava a falsidade, com que Munhe Maça, Capitão delles, affirmara, que Francisco Barreto trazia comfigo o Quiteve, que reynava entre Sofala, e Manica, ao qual mandara matar em casti-  
 go

go da sua mentira. Ultimamente ao quarto Capitulo respondeo, que voluntariamente cedia a El-Rey de Portugal as minas de prata, pois se dignava de o mandar visitar de parte tão remota do seu Imperio, querendo conservar com elle paz inalteravel. Não correspondeo o effeito à promessa, pois toda a vigilancia deste barbaro se empregava, em que não fossem descobertas as minas, como a experiencia mostrou a Francisco Barreto.

119 Tinha este valeroso Capitão triumphado de seis mil Cafres em a Cidade de Mongaz, e chegando a Chicova assentou o seu arrayal. Entenderão os barbaros, que o intento do nosso Capitão era descobrir as minas da prata, e para não serem obrigados a este descobrimento desampararão a terra. Hum delles com dolofo artificio conduzio a alguns Portuguezes a huma parte, em que tinha occultado quatro arrateis de prata distantes huns dos outros, e como affirmasse, que cavando achariaõ o imaginado Potosi, se lhe deu largo premio; porém auzentando-se de noite o barbaro, se achou ao dia seguinte sómente a prata que elle tinha sepultado. Conhecendo Francisco Barreto o engano, e por consequencia frustradas as esperanças do descobrimento das minas, voltou para Tete, deixando em Chicova duzentos Soldados, e por seu Cabo Antonio Cardoso de Almeida. Para se defenderem dos Cafres, formaraõ os Portuguezes huma trincheira, em quanto se

Engano armado por hum barbaro em o descobrimento das Minas da prata.

Tom.III.

Zzz

esperava



esperava o descobrimento das minas. Os Cafres sentindo-se vexados com a visinhança dos Portuguezes, se resolverão quebrar aquelle jugo, para cujo fim convidaraõ aleivosamente ao nosso Capitaõ para lhes mostrar o lugar das minas em remuneração da benevolencia, que com elles usava. Sahio o Capitaõ com cem Soldados a huns matos conduzidos pelos Cafres, aos quaes acometendo improvisamente tres mil feras, reduziraõ a mayor parte a varios pedaços, e supposto que venderaõ as vidas muito caro, ainda se retiraraõ alguns à tranqueira. Victoriosos os Cafres, cercaraõ aquelles, que a guarneciaõ, que não podendo tolerar o rigor da fome, sahiraõ desesperados contra os inimigos, que a não serem soccorridos de huma grande multidaõ, certamente seriaõ despojo das suas espadas, acabando infelizmente naquellas incultas Provincias taõ famosos, e illustres Soldados.

Morte infeliz dos Soldados Portuguezes,

Morre Francisco Barreto, e se faz o seu elogio.

Souza Orient. Conquist. Part. 2. Conq. 3. D.vii. l. 5. 12.

120 A infausta noticia deste successo penetrou taõ altamente a Francisco Barreto, que em breves dias o privou da vida neste anno de 1573. Foy este insigne Varaõ filho de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro, e de D. Branca de Vilhena, filha de Manoel de Mello, Alcaide mór de Olivença. Dos seus heroicos espiritos foy a primeira palestra a Regiaõ de Africa, donde passando à Asia com o posto de Governador do Estado fez immortal o seu nome. Restituido à Patria foy  
General



**Parte III. Livro II. Cap. XXIV. 547**

**General da Armada**, que ElRey D. Sebastião expedia a favor de Filippe Prudente para a conquista do Pinhão de los Velez, em cuja empresa obrou taes façanhas, que lhas agradeceo este Monarca com dadivas generosas, e expressões honorificas. Nunca deixou de servir ao seu Sobe-rano, ainda que fosse com diminuição do seu ca-rácter, pois tendo sido o decimo nono Governador do Imperio Asiatico Portuguez, obedeceo prompto para a expedição de Monomotapa, a que não correspondeo o effeito às prudentes dis-posições do seu juizo. Casou com D. Brites de Ataide, que faleceo dous dias depois da sua par-tida. Sempre durará a sua memoria nos Fastos da piedade Catholica, por ser zeloso Propagador do Evangelho, assim na India, como na Cafraria.

---

**CAPITULO XXIV.**

*Acomette o Achem a Fortaleza de Malaca com hu-ma formidavel Armada, que he destruida pelo insigne Capitaõ Tristaõ Vaz da Veiga.*

121 **C**Egamente obstinado, e barbara-mente contumaz persistia ElRey do Achem na conquista da Fôrtalesa de Malaca, não lhe servindo de fataes documentos para o seu desengano as famosas victorias, que delle alcan-  
Tom.III. Zzz ii çaraõ

1573

## 548 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Formidavel Armada do Achem contra Malaca.

Lemos Cert. de Malat. Part. 1. cap. 6. 7. e 8.

Morre infelizmente D. João de Bandara.

çaraõ D. Leoniz Pereira , e Mem Lopes Carraço , dos quaes fizemos distincta memoria nos annos de 1568, e 1569, como tambem o sentimento, que profundamente lhe penetrou o peito com a espantosa derrota do Hidalcaõ, e Nizamaluco, seus confederados, cuja arrogancia ficou sepultada debaixo dos muros de Goa, e de Chaul. Esquecido de successos taõ infaustos, e estimulado do rancor, que tinha aos Portuguezes, terceira vez se animou a conquistar Malaca, e para esse effeito appareceo em 13 de Outubro deste anno de 1573, com hum formidavel Armada de noventa e tantas velas, entre as quaes se distinguiaõ vinte e cinco galés, e trinta e quatro fustas com sete mil Soldados. Sendo noite desembarcou improvisamente, ordenando se lançasse fogo à povoação do Ilher, situada na parte Occidental de Malaca, que certamente seria breve despojo da voracidade do fogo, se naõ fora extinto por hum copiosa chuva, que pareceo milagrosa.

122 Acodio a impedir o progresso desta fatalidade com mayor zelo, que prevençaõ, D. João de Bandara, Capitaõ dos Gentios, onde perdeu lastimosamente a vida, merecedora de mais longa duraçaõ pelas acções obradas nos cercos passados. Intentou o Achem abraçar as nossas náos, que estavaõ ancoradas debaixo da Fortaleza, mas recebeo dellas tanto damno, que sahio com a Armada para o rio Muar, cinco legoas distante de

de Malaca, onde impedia todo o genero de socorro para a nossa Fortaleza, a qual se via reduzida à ultima miseria, tão exausta de mantimentos como de defensores, atenuados huns com as doenças, e consumidos outros com a fome, e sobre tudo com as esperanças perdidas de socorro, para o qual eraõ precisos seis mezes de demora. Conhecendo os moradores de Malaca, que pelos excessos da cubiça, e sensualidade era a Ninive do Oriente, o fatal estrago, que lhes ameaçava aquelle arrogante barbaro, merecido pela enormidade das suas culpas vagavaõ pelas ruas implorando a Divina Misericordia, para que não permittisse fossem as suas vidas sanguinolento despojo dos inimigos de seu santo Nome. A estes lastimosos clamores condescendeo o auxilio superior, chegando casualmente àquelle porto Tristão Vaz da Veiga com huma náo, que hia carregar de pimenta à Ilha de Sunda, ao qual instantemente rogaraõ, que quizesse ser o redemptor do calamitoso perigo a que estavaõ expostos, para cuja gloriosa empreza lhe offereceraõ os navios, que estavaõ ancorados debaixo dos muros da Fortaleza.

Oppressão em que estavaõ os sitiados.

123 Não duvidou o alentado Capitão de aceitar a incumbencia, que pela desigualdade de forças era certamente temeraria, constando todo o poder, com que buscava tão formidavel Armada, da sua náo, outra de hum Mercador de Cochim,

Resolve Tristão Vaz da Veiga acometter a Armada do Achem.

chim, tres galeotas velhas, e cinco fustas, taõ faltas de artilharia, e munições, como de gente sem disciplina da navegação, e muito menos de guerra. Antes do combate se preparou Tristão Vaz da Veiga com as invenciveis armas dos Sacramentos, segurando que se Deos lhe concedesse victoria dos inimigos do seu Nome, nunca pediria por este successo remuneração a ElRey, porque o Ceo o destinara instrumento da felicidade, que se esperava. Ao romper da manhã navegou para o rio Férmoso, distante doze legoas de Malaca, por estar informado, que nelle estava a Armada inimiga. Tanto que a avistou, deixando entregue a sua náó a Manoel Ferreira com instrucção do que havia obrar no conflicto, se meteo em huma galeota, onde com a espada na mão ordenou a sua Armada, e animou aos Soldados, que lembrados da Fé, que professavaõ, e do credito da nação, que tantas vezes tinha vencido aquelles barbaros, não receassem o combate de que haviaõ sair victoriosos.

124 O estrondo da artilharia deu principio ao conflicto, sendo feliz prologo da victoria abordar Tristão Vaz da Veiga a Capitanea do Achem, de que se seguiu triunfar de huma galé Fernão Peres de Andrade, e fundar outra Fernão de Lemos, render outra com a espada Francisco de Lima, submergir tres, e desmastrear quatro Manoel Ferreira. Temeroso o Achem, que toda a Armada

*Faria Asia Portug. Tom. 2.  
Part. 3. cap. 13. §. 5.*

*Trava-se a batalha com que  
foy desbaratado o Achem.*

mada naufragasse pelo impulso dos Portuguezes, fugio com eterna injuria do seu nome, perdido o pendaõ da Capitanea, à qual confusamente seguirão as outras náos, que escaparaõ da ultima desgraça, deixando onze fustas consumidas pelo fogo, e derrotadas pelo ferro, e setecentos Soldados entre mortos, e feridos, faltando unicamente cinco dos nossos. Triunfante de inimigo taõ poderoso esteve tres dias Tristaõ Vaz da Veiga esperando no lugar do conflicto, para se coroar com segunda victoria, e no fim delles voltou a Malaca, onde foy recebido com festivas acclamações, por ter libertado aquella Fortaleza da formidavel invasaõ de inimigo taõ poderoso, como obstinado.

---

## CAPITULO XXV.

*Morre alentadamente em Tangere Ruy de Sousa de Carvalho, Governador desta Praça, de cuja pessoa se faz hum breve elogio.*

125 **T**Inhaõ corrido dez annos, quando com a memoravel defenfa da Praça de Mazagaõ havia immortalizado o seu nome o insigne Capitaõ Ruy de Sousa de Carvalho, e para que a fama lhe continuasse as acclamações devidas à heroicidade do seu peito, o nomeou em

## 552 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

em o anno de 1572 El Rey D. Sebastião, Governador da Praça de Tangere, confiando que ao dominio da sua Coroa fogeitaria toda Africa menos ardente que o espirito de tão grande Heroe.

Parte para Tangere Ruy de Sousa de Carvalho.

Acompanhado com quinhentos Cavalleiros, repartidos em nove Companhias, composta cada hum de cincoenta Soldados, de que eraõ Capitães D. Fernando de Menezes, D. João de Azevedo, Pedro da Sylva, irmão de Lourenço da Sylva, Regedor da Justiça, Pedro Moniz, filho de Febos Moniz, Francisco Barreto de Lima, D. Francisco de Castello Branco, irmão do Meirinho mór, D. Gilianes da Costa, Diogo Lopes da Franca, Contador de Tangere, e o Adail Simão Lopes de Mendoça, chegou Ruy de Sousa a Tangere, onde passado pouco tempo lhe offereceo a fortuna hum conflicto como preliminar obsequio à valentia do seu braço. Esquecidos os Mouros do lamentavel estrago, que tinhaõ pa-  
decido em Mazagaõ a impulsos deste grande General, se animaraõ os Alcaides de Alcacer, Arzilla, e Tetuaõ, com dous mil cavallos a provocar a nossa gente a 21 de Setembro, no campo chamado *A decida*. Promptamente sahio Ruy de Sousa contra os inimigos, e travando-se hum formidavel combate pelo espaço de duas-horas, naõ podendo os Mouros romper o nosso esquadrão, se retiraraõ confusos, e destroçados, mandando para final da victoria o Capitaõ mór tocar as trombetas,

Alcança huma victoria dos Mouros.

*Parte III. Livro II. Cap. XXV. 553*

betas , cujo armonico estrondo sendo plausivel aos vencedores era funesto aos vencidos.

126 Como no peito de D. Sebastião ardia intensamente o desejo de reduzir Africa ao seu dominio , lhe pareciaõ lentos , e vagarosos os progressos , que naquella Região obravaõ as nossas armas , e arrebatado deste pensamento, escreveo a Ruy de Sousa de Carvalho , increpando-o de ser pouco activo na guerra, que devia promover contra os Mouros , de cuja inercia era causa o desposorio , que celebrara com D. Maria da Sylveira , preferindo as delicias do thalamo aos perigos da campanha. Estimulado Ruy de Sousa com esta reprehensão , que arguia de imprudente o seu governo , e de remisso o seu valor , desprezando os casos funestos à sua vida , que precederaõ ao sahir de casa acompanhado de trinta cavallos acudio ao rebate da tranqueira, chamada da *Fome* , onde se encontrou com dous mil cavallos, capitaneados pelos Alcaides Cid Albuquerque Bentud de Arzilla, e Cid-Azut Bentud de Alcacere, filhos de Cid Hamet Bentud , que levavaõ quasi vencidos aos Fronteiros Antonio Pereira de Berredo , que depois governou Tangere, e Thomé da Sylva. Naõ esperou por mayor soccorro Ruy de Sousa, e acomettendo primeiramente Francisco Barreto de Lima, D. Antonio Pereira, D. Francisco de Menezes, Lourenço de Lima, Pedro da Sylva , D. Antonio da Cunha, e seu ir-

He increpado por ElRey D. Sebastião.

Sahe ao campo com trinta Soldados contra dous mil cavallos dos inimigos.

Tom.III.

Aaaa

maõ



## 554 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

maõ Pedro da Cunha, Bento Rozeima, cunhado de D. João Lobo, Manoel de Macedo, e Manoel Mendes Collaço del Rey, peleijaraõ valerosamente perdendo a vida Bento Rozeima, e a liberdade D. Antonio da Cunha; ferido no rosto, e privado de hum olho D. Antonio Pereira, e fora cativo D. Diogo de Menezes, se o naõ salvara João de Ramos.

127 No tempo que o conflicto estava mais furioso na entrada da tranqueira, como os inimigos fossem em o numero muito superiores aos nossos, vieraõ correndo pela parte onde estava sómente com a sua Companhia Ruy de Sousa de Carvalho, que era a tranqueira da *Sylveirinha*, que edificara em obsequio do appellido de sua esposa. Armado de generosos espiritos naõ recuzou entrar em taõ desigual combate, onde depois de ter por largo tempo disputado a victoria aos inimigos, cahio trespassado com cento e dez feridas, naõ havendo parte em o seu corpo em que podessem os barbaros empregar os instrumentos da sua vingança. Deste sanguinolento espectáculo era unica testemunha sua mulher, que affustada, e solícita clamava de huma janella, que se soccorresse aquelle Cavalleiro, que taõ heroicamente peleijava contra multidaõ taõ immensa, ignorando que era seu marido. Passado o conflicto, como os Fidalgos que peleijaraõ na vanguarda fossem carregados pelos Mouros, e naõ

podes-

He lastimosamente morto.



*Parte III. Livro II. Cap. XXV. 555*

podessem ser soccorridos intentaraõ voltar; porém achando occupada a retaguarda pelos inimigos, abriraõ com as lanças enristadas caminho por onde se restituiraõ à Cidade, e ignorando o lugar onde estivesse o Capitaõ mór, depois de feita a diligencia, que pedia o seu cuidado, o acharaõ morto, e despojado dos vestidos, causando-lhe o mayor espanto o numero de feridas, que recebera seu corpo, que eraõ tantas bocas, que publicavaõ o caro preço porque vendera a vida, conservando nas mãos grande copia de cabellos arrancados das cabeças dos Mouros. Foy conduzido o cadaver para a Sé, onde se lhe deu honorifica sepultura. Sentio com tanto excessõ El-Rey D. Sebastiaõ a morte deste grande Capitaõ, que em final do seu sentimento mandou fechar as janellas do Paço, e escreveo a D. Maria da Sylveira com taes expressõens, que lhe diminuiraõ o pezar da falta de seu marido, fazendo merce da Commenda de Béja, que vagara por elle, a seu filho Pedro Alvares de Carvalho, que ainda era menino. A mayor demonstraçãõ passou a estimaçãõ, que ElRey fazia de taõ distincto vassallo, pois na primeira jornada, que fez a Africa, perguntou, em que parte jazia o Capitaõ Ruy de Sousa de Carvalho, e sendo conduzido à Cathedral de Tangere, lhe lançou agua benta sobre a sepultura, rezando-lhe hum resposõ, cujas ceremonias mandou ao Bispo que fizesse.

Honra ElRey com grandes expressõens a memoria de Ruy de Sousa de Carvalho,

Tom.III.

Aaaa ii

Foy

## 556 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Elogio de Ruy de Sousa de  
Carvalho.

128 Foy Ruy de Sousa de Carvalho filho de Pedro Alvares de Carvalho, e de D. Maria de Sousa, filha de Martim de Tavora. A nobreza que lhe concedeo liberal a fortuna, a fez mais respeitada com as suas heroicas acções, de que foy glorioso theatro a Praça de Mazagaão invadida no anno de 1562 por Muley Hamet, filho delRey de Marrocos, com cento e cincoenta mil combatentes. Pelo dilatado espaço de vinte e cinco annos servio a Patria como Soldado, e como Capitão em as occasiões de mayor perigo alcançando acclamações de valeroso, e elogios de prudente. Consumio em beneficio da Coroa mais de doze mil cruzados, que recebera em dote de sua mulher. Nunca correspondeo o premio ao seu merecimento, por ser superior a tudo que lhe podia dar a fortuna; e para não ser accusado de menos attento ao respeito do Cardeal D. Henrique, quando governava ao Reyno pela menoridade delRey D. Sebastião, aceitou huma Comenda de Santiago em Béja, de lote de quatrocentos mil reis. Como se vaticinara a breve duração da sua vida, supplicou pouco antes da sua morte a ElRey se lembrasse de sua mulher, e filhos, pois estava onerado de muitas dividas, que contrahira em seu real serviço, e que se não attendesse a supplica tão justificada, estava resolutto a vir recolherse no Castello de Lisboa, para segurança de seus acredores, até que S. A. orde-  
nar

*Parte III. Livro II. Cap. XXV. 557*

nar que se lhes pagasse. Seja eterno brazaõ da sua memoria o elogio , que lhe fez Philippe Prudente , quando entrando em Lisboa lhe apresentou seu filho Pedro Alvares de Carvalho a camiza de seu pay banhada em sangue , e rasgada em muitas partes pelas lanças Africanas. *Dios te haga tan buen Cavallero como fue tu padre* ; e lhe lançou o habito militar da Ordem de Christo. Mandou sua mulher D. Maria da Sylveira edificar na Capella do Espirito Santo do Convento de Xabregas , fóra dos muros de Lisboa , que he a primeira da parte direita ao entrar na Igreja , huma sepultura para seu jazigo , e de seu esposo , cujos ossos foraõ transferidos para a dita Capella , na qual se gravou esta inscripção.

*Soled. Hist. Seraf. Part. 3. liv. 1. cap. 32. §. 207.*

*Esta Capella he de Ruy de Sousa de Carvalho do Conselho dos Reys deste Reyno , o qual sendo Capitaõ da Villa de Mazagaõ a defendeo do Xarife do cerco , que sobre ella teve anno de 1562 e sendo Capitaõ , e Governador da Cidade de Tangere o mataraõ os mouros pelejando com elles no campo a 2 de Julho de 1573 sendo de idade de trinta e sete annos. D. Maria da Sylveira sua mulher fez esta Capella para elle , e seus herdeiros , a qual falleceo a 16 de Novembro de 1581 , e está aqui tambem sepultada.*

CAPITULO

## CAPITULO XXVI.

*Determina D. Sebastião passar a Africa, para cuja expedição nomea por Governador de Tangere ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, e da instrucção que lhe deu. Assiste à benção do Estandarte, que leu o Senhor D. Duarte, e da Oração que neste acto recitou D. Antonio Pinheiro.*

1574

129 **O** Espirito ambicioso de fama, a natural inclinação para as armas, e a robusta symetria do corpo concorreraõ uniformemente na pessoa del Rey D. Sebastião, para ardentemente anhelar as mayores empresas militares, com que conseguisse immortal gloria ao seu nome, como vasta dilatação ao seu Imperio. Adulado o genio com a lição das heroicas façanhas de seu augusto avô Carlos V., e dos memoraveis triunfos de Jorge Castrioto, Rey dos Epirotas, cuja vida lhe dedicou seu Author, como tambem com as bellicosas acções de seus coroados predecessores D. Affonso Henriques, D. João o I., e D. Affonso V., que com a propria espada lavraraõ a Coroa que cingiraõ, se inflamava o seu animo não sómente na imitação, mas ainda no excessõ de taõ famosos exemplares, cujas Imagens eraõ o mais decoroso ornato dos Templos

*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 559*

plos de Marte, e de Bellona. Seguindo taõ heroicos vestigios, se resolveo passar a Africa para reduzir ao seu dominio as Praças de Arzilla, Azamor, e Alcacere, que com perniciosa politica, e detestavel deliberaçaõ tinha largado aos Mouros seu avò D. Joaõ o III. Este intento unicamente consultado com a propria vontade o naõ revelou a pessoa alguma, antes para naõ ser penetrado mandou chamar a D. Diogo de Sousa, morador em Evora, e o nomeou Governador do Algarve, para que deste Reyno expedisse a gente, que fosse necessaria embarcar-se para Africa; e posto que este Fidalgo conheceo o fim da incumbencia, que lhe dava, como era dotado de grande prudencia o naõ divertio de resoluçaõ taõ temeraria, conhecendo que eraõ infructuosos os conselhos em hum animo dominado de cega paixãõ de conquistar o alheyo, e naõ conservar o proprio.

Resolve ElRey passar a Africa.

Elege por Governador do Algarve a D. Diogo de Sousa.

130 Para esta meditada expediçaõ nomeou ElRey para Governador da Praça de Tangere ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, querendo com o pretexto deste lugar occultar o designio de que lhe fizesse prompto tudo quanto era necessario à conquista que intentava. A 2 de Julho deste anno de 1574, se lançou bando ao som de caixas, e trombetas, para que toda a gente que quizesse alistar-se na Infantaria, ou Cavallaria acompanhasse ao Senhor D. Antonio, o qual  
como

Nomea ao Senhor D. Antonio Governador de Tangere.

## 560 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Fidalgos que acompanharaõ  
ao Senhor D. Antonio.

como era mais versado nas especulações Theologicas, que nos exercicios militares lhe nomeou ElRey para Conselheiros D. Duarte de Menezes, depois Conde de Tarouca, D. João de Menezes, Governador que fora da Praça de Tangere, D. Alvaro Coutinho, D. Fernão Mascarenhas, D. Gastaõ Coutinho, D. Jorge de Menezes, João de Mendoça, e D. Antonio de Castro, igualmente distinctos pelo esplendor do nascimento, como pela sciencia practica da guerra de Africa, onde foraõ Capitães, e Fronteiros. A taõ illustre comitiva se juntaraõ outros Fidalgos ambiciosos de alcançar fama, e outros Cavalleiros Africanos, que na Corte assistiaõ, requerendo o premio dos seus serviços, aos quaes mandou ElRey dar cavallos, que com os de Tangere se formou o corpo de oitocentos.

Instrucções que recebeu del-Rey o Senhor D. Antonio.

131 Preparado o apparatus militar, com que o Senhor D. Antonio passou a Tangere, pareceo a ElRey instruillo com varios documentos por onde havia regular as suas acções, assim politicas como militares, os quaes se reduziaõ às clausulas seguintes.

„ Honrado D. Antonio Primo. He de taõ  
„ grande importancia a vossa ida a Tangere, on-  
„ de vos ora mando pelos effeitos, que espero em  
„ Nosso Senhor, que de lá se sigaõ para muito  
„ seu serviço, reputaçã destes Reynos, conten-  
„ tamento meu, e honra vossa, que me pareceo  
„ dever-

*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 561*

„devervos escolher para isto, sendo por muy cer-  
„to, que pelo que toca ao que vos assim comer-  
„to, e tambem a vós particularmente, e sobre  
„tudo a meu serviço, correspondereis inteira-  
„mente à obrigação, que a elle tendes, e ao  
„amor, e muito boa vontade que vos tenho,  
„com tudo o que de vós espero, e como me  
„deveis sempre conhecer, e servir por filho do  
„Infante D. Luiz meu tio vosso pay, que Deos  
„tem, e pela muita que por isso faço de vós.

„E devendo vós levar instrucção minha so-  
„bre o que deveis fazer naquella Cidade, me pa-  
„receo mandarvola dar em tão poucas palavras  
„como estas seraõ, assim pela muy grande con-  
„fiança que de vós tenho, como por se não po-  
„derem pôr regras particulares em cousas de guer-  
„ra, em que as mais certas são as que dá o bom  
„conselho das pessoas de que elle se deve tomar,  
„segundo os casos, e acontecimentos o reque-  
„rem. Pelo que vos encomendo, e encarrego  
„muito, que procedais com conselho em tudo  
„o que houverdes de fazer, e especialmente nes-  
„tas cousas de guerra, e com isso podereis de-  
„pois melhor, e mais seguramente tomar assen-  
„to, e determinação nellas; e por certo tenho,  
„que assim o fareis, inda que o não levareis por  
„minha instrucção, e as pessoas, com que vos  
„aconselhardes, seraõ as que tiverem idade, ex-  
„periencia, e as mais qualidades, que para isso

Tom.III.

Bbbb

„se



562 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ se requerem, ou sendo pessoas de tal qualidade,  
„ que por esse respeito os devais chamar para con-  
„ selho. Escrita em Lisboa a 14 de Julho de 1574.

„ Honrado D. Antonio Primo. Por huma  
„ minha Instrucção geral, que levais, vos enco-  
„ mendo que procedais nas cousas, que houver,  
„ des de fazer, e especialmente em as da guerra  
„ com conselho das pessoas, que tiverem idade,  
„ experiencia, e as mais qualidades, que para isso  
„ se requerem, ou sendo pessoas de tal qualidade,  
„ que por esse respeito os devais chamar para con-  
„ selho: e porque hey por meu serviço, que nif-  
„ to procedaes em outra maneira, como vos lo-  
„ go disse, volo quiz declarar por esta em segre-  
„ do, tendo respeito ao que convém à vossa au-  
„ thoridade em Tangere, e com os Fidalgos, e  
„ Fronteiros, que me vão servir àquella Cidade.

„ Hey por muito meu serviço, bem dos  
„ effeitos a que vos mando, e honra vossa, que  
„ façais tudo com conselho destas pessoas Martim  
„ Correa da Sylva, D. João de Menezes de Se-  
„ queira, D. Alvaro Coutinho, D. Francisco de  
„ Menezes, Ruy Barreto, Pedro Alvres de Car-  
„ valho, Capitão de Mazagaõ, e dous outros  
„ moradores de Tangere, que tiverem mais ex-  
„ periencia da guerra, e hum delles será o Con-  
„ tador Diogo Lopes da Franca; especialmente  
„ nas cousas da guerra não fareis alguma sem pa-  
„ recer das ditas pessoas aqui nomeadas, seguin-  
„ do



*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 563*

„do a mór parte dos votos , quando não forem  
„ todos conformes, ou presentes, e em outra ma-  
„ neira não fareis cousa alguma ; e dos pareceres  
„ das outras pessoas , que pela instrucção geral  
„ vos permitto que possais chamar para conselho,  
„ não fareis conta para mais , que para as ditas  
„ pessoas terem aquelle lugar , e os ouvirdes alli  
„ naquelles casos sómente em que vos parecer que  
„ os deveis chamar , mas não para seguídes os  
„ votos , e parecer delles , nem de mais pessoas,  
„ que dos nomeados por seus nomes nestas inf-  
„ truccões.

„ Ordenareis que haja hum livro , em que  
„ se assentem os pareceres do conselho sobre as  
„ materias , que nelle propuzerdes , e tratardes,  
„ com os principaes fundamentos , em que for a  
„ mór parte dos votos , que he o que haveis de  
„ seguir , como se contém no Capitulo atraz , nos  
„ quaes assentos se assinarão sómente as pessoas ,  
„ que ao conselho se acharem dos nomeados nes-  
„ ta instrucção , e se declarará nos ditos assentos,  
„ que foraõ conformes nos mais votos , e assim  
„ os que tiveraõ differente parecer ; e hey por  
„ bem que o Doutor Diogo da Fonseca , que  
„ vay comvosco por Ouvidor Geral seja Secre-  
„ tario do dito conselho para fazer os ditos assen-  
„ tos , e ter o dito livro em seu poder pela con-  
„ fiança que delle tenho. E por este Capitulo ,  
„ que mostrareis às pessoas atraz nomeadas nesta

Tom.III.

Bbbb ii

„ inf-

## 564 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„instrucção lhe mando , que sejaõ taõ continuos  
 „comvosco , e em vos acompanhar , como eu  
 „tenho por certo , para que quando houverdes  
 „de fahir fóra , os acheis sempre com vosco to-  
 „dos , ou os mais , que puder ser , para effeito de  
 „vos poderdes com elles aconselhar , e tomar seu  
 „parecer.

„ Os Mouros de nova , e avizo , que vos  
 „vierem , será muito meu serviço , que os ou-  
 „çais (podendo sempre assim ser) com huma das  
 „pessoas do conselho , dos que para isso vos no-  
 „meo nesta instrucção , alternativamente , ora  
 „hum , ora outro , e com tambem ser presente  
 „Diogo Lopes da Franca , pela practica , e ex-  
 „periencia , que tem destas cousas , e pelo me-  
 „nos os ouvireis sempre com o dito Diogo Lo-  
 „pes pela informação que vos poderá dar sobre  
 „as cousas , que deveis saber dos taes Mouros ,  
 „e assim o fareis em todo o caso.

„ E porque em materia taõ grande , e de  
 „tal qualidade o conselho , e resguardo saõ muy  
 „necessarios para authoridade , e para segurança  
 „do modo , assim para naõ pelear fóra de tem-  
 „po , como para se naõ perder as occasiões de o  
 „fazer , quando forem taes que se naõ devaõ dei-  
 „xar passar. Bem vedes que se naõ podem con-  
 „seguir estas cousas , e fazer o que nellas tanto  
 „cumpre a meu serviço , e à reputação de meus  
 „Reynos , sem tambem se fazer , o que con-  
 „vém

„ vêm à nossa honra, com que eu tenho parti-  
„ cular conta; e por isso vos mando, que cum-  
„ prais inteiramente esta instrucção, especialmen-  
„ te em seguir os mais votos das pessoas, que vos  
„ nella nomeo, para com elles vos aconselhades;  
„ e sabey que tendes a isto obrigação como cou-  
„ sa, que vos encarrego debaixo de caso mayor,  
„ e eu tenho por certo, que sempre vos será pre-  
„ sente a honra da Coroa destes Reynos, e o lu-  
„ gar em que vos eu ponho, e que para isso vos  
„ lembrará tambem, que sobre este caso de to-  
„ mardes conselho segundo a fórma desta instruc-  
„ ção me fizestes menagem. Escrita em Lisboa  
„ a 14 de Julho de 1574.

REY.

„ D. Sebastião por graça de Deos Rey de  
„ Portugal, &c. Faço saber aos que esta Carta  
„ virem, que eu envio ora D. Antonio, meu mui-  
„ to amado, e prezado primo à Cidade de Tan-  
„ gere para de lá fazer guerra aos Mouros, de que  
„ espero em Nosso Senhor se sigão effeitos de mui-  
„ to seu serviço, reputação destes Reynos, con-  
„ tentamento meu, e honra sua delle, e confi-  
„ derando de quão grande importancia será esta  
„ sua ida a Tangere, e quanta razão he, que eu  
„ lhe dé jurisdição larga para bem das cousas,  
„ que por meu serviço ha de fazer naquella Cida-  
„ de, e que elle he tal, que usará della inteira-  
„ mente,

Jurisdicção geral cometida  
por ElRey ao Senhor D. An-  
tonio.

**566** *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ mente , e com a moderação devida conforme a  
 „ sua obrigação , e a muy grande confiança , que  
 „ delle tenho pelo muy conjunto devido que co-  
 „ migo tem , e por filho do Infante D. Luiz meu  
 „ tio , que Deos tem , e me servirá em tudo ,  
 „ como eu o tenho por muy certo , me praz , e  
 „ hey por bem de lhe dar , como de feito dou por  
 „ esta presente Carta na minha Cidade de Tange-  
 „ re toda a jurisdicção civil , e crime , mero , e  
 „ misto imperio , e que a tenha , e use della nas  
 „ cousas da justiça em todos os delitos , que na  
 „ dita Cidade se cometerem , e possa mandar cas-  
 „ tigar as pessoas , que nelles forem culpadas de  
 „ qualquer qualidade , e condição , que sejaõ , até  
 „ morte natural inclusivè , sem delle haver appel-  
 „ lação , nem aggravo , por quanto quero , e hey  
 „ por meu serviço , que tudo nelle faça fim , e  
 „ use da jurisdicção , que lhe assim dou por esta  
 „ Carta taõ inteiramente , como eu fizera , se  
 „ presente fora : e outro fim quero , e me praz ,  
 „ que nas cousas civeis tenha jurisdicção até quan-  
 „ tia de trinta mil reis sem appellação , nem ag-  
 „ gravo : notifico assim a todos os Fidalgos , que  
 „ ora me vão servir à dita Cidade de Tangere , e  
 „ aos que nella estaõ , e ao diante a ella forem ,  
 „ e a todos os officiaes assim de justiça , de guer-  
 „ ra , como de minha fazenda , e da governança  
 „ da dita Cidade , e a todos os Cavalleiros , e  
 „ moradores della , e a todas , e quaesquer ou-  
 „ tras

**Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 567**

„ tras pessoas que agora , ou ao diante nella esti-  
„ verem de qualquer qualidade , preeminencia ,  
„ e condição que sejaõ , e mando-lhes a todos em  
„ geral , e a cada hum em particular , que obe-  
„ deçaõ a D. Antonio meu primo em tudo o que  
„ lhes elle mandar , assim nos tempos da guerra ,  
„ como nos da paz , taõ inteiramente como o fa-  
„ riaõ , e devem fazer a mi mesmo ; por quan-  
„ to quero , e hey por meu serviço , que elle seja  
„ obedecido em tudo , como minha propria pes-  
„ soa ; e fazendo alguns o contrario , ( que naõ  
„ he de crer , nem eu espero ) em tal caso elle  
„ os poderá mandar castigar segundo o merecer a  
„ culpa de cada hum conforme ao poder , e ju-  
„ risdicçaõ , que por esta Carta lhe dou , de que  
„ usará inteiramente , e assim lho encomendo , e  
„ mando por firmeza de tudo o que dito he , man-  
„ dey dar esta Carta por mi assinada , e sellada  
„ com o sello de minhas armas. Lopo Soares o  
„ escreveo em Lisboa a 14 de Julho do anno de  
„ Nosso Senhor JESU Christo de 1574.

„, Honrado D. Antonio Primo. Pela Car- Jurisdicção particular.  
„ ta de poder que levais , vos dou nas cousas da  
„ Justiça toda a jurisdicçaõ , mero , e misto im-  
„ perio até morte natural inclusivè em toda a pes-  
„ soa de qualquer qualidade , e condição que seja ,  
„ e pareceo-me naõ levardes nisto limitacão algu-  
„ ma naquelle poder , que ha de ser publico , e  
„ que seria melhor de darvos por esta Provisão  
„ em

568 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ em segredo , como hey por bem , que façais  
 „ suspender a execução das sentenças dadas em ca-  
 „ so de morte natural , ou civil contra Fidalgos ,  
 „ que o forem em meus livros , ou de Linhagem ,  
 „ até mo fizerdes a saber , e eu mandar o que  
 „ nisso se fará ; o que não haverá lugar nos cri-  
 „ mes , que acontecerem na guerra dos muros  
 „ para fóra , ou em motins , ou levantamentos ,  
 „ que se fizerem , inda que sejaõ dos muros para  
 „ dentro , ou nas culpas , que houver nas guar-  
 „ das dos muros de noite , porque nestes casos  
 „ podereis mandar dar à execução as taes senten-  
 „ ças nos ditos Fidalgos , posto que seja em caso  
 „ de morte natural ; e assim hey por meu serviço  
 „ havendo respeito a ser a administração da justi-  
 „ ça cousa propria de Letrados , que para o fa-  
 „ zerdes executar de maneira , que fique defen-  
 „ carregada minha consciencia , e assim a vossa ,  
 „ e os delictos castigados justamente , e confor-  
 „ me a direito , e não façais cousa alguma das  
 „ que tocaõ à Justiça sem o parecer do Doutor  
 „ Diogo da Fonseca , que mando com vosco por  
 „ Ouvidor Geral , e vos conformeis nisso sempre  
 „ com elle , muito vos encarrogo , que com as  
 „ declarações , que nesta Provisão se contém , go-  
 „ zeis da jurisdicção que levais , porque com as di-  
 „ tas declarações vola concedo , e não em outra  
 „ maneira . E nos casos de morte além do Dou-  
 „ tor Diogo da Fonseca seraõ tambem quatro Fi-  
 „ dalgos

*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 569*

„dalgos dos oito, que por hum a instrucção par-  
„ticular que levais, vos tenho nomeado para  
„com elles vos aconselhades para serem cinco  
„conforme as minhas Ordenanças; e todos assi-  
„narão os despachos, e sentenças, e passaráõ em  
„meu nome, e nos outros casos em que o Dou-  
„tor Diogo da Fonseca ha de ser só com vosco,  
„elle sómente assinará os despachos. Escrita em  
„Lisboa a 14 de Julho de 1574.

132 Determinou-se que se benzeisse o estan-  
darte, que havia levar o Senhor D. Antonio,  
com as ceremonias costumadas, para cuja funcão  
foy deslinado o dia 15 de Julho, assistindo ElRey  
D. Sebastião com toda a Corte em o Real Con-  
vento de Santa MARIA de Belem, no fim da qual  
subio ao pulpito o Bispo de Miranda D. Antonio  
Pinheiro, e com aquella discreta elegancia, e na-  
tural energia, de que era summamente ornado,  
recitou a Oração seguinte.

*Benze-se o estandarte, que  
levou o Senhor D. Antonio.*

*Confortare, & esto robustus, quoniam tecum est  
Dominus Deus tuus. Jos. cap. 1.*

„Naõ carece de mysterio ordenar o Espi-  
„rito Santo, como consta da Sagrada Escritura,  
„que nas illustres victorias tivessem tanta parte  
„de honra matronas; na victoria delRey Sisara  
„coube a principal parte a Debora; na de Olo-  
„fernes a Judith, como nos Canticos della conf.

*Oração do Bispo D. Antonio  
Pinheiro.*

Tom.III.

Cccc

„ta;



## 570 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ta; na victoria de Faraó quando elle, e seu  
 „poder foy alagado no mar roxo, juntando-se as  
 „aguas que pouco antes tinhaõ parecido terra so-  
 „lida, e dado passo enxuto aos Hebreos a Maria  
 „irmãa de Moysés se dá muita parte do louvor  
 „della, ella foy a que de huma parte com as mu-  
 „lheres a mais festejou. Quiz o Espirito Santo,  
 „que por estas figuras entendessemos, que a Vir-  
 „gem Santissima figurada por estas matronas era  
 „a que depois de Deos, mayor esperanza nos da-  
 „va da victoria naõ menos contra os inimigos  
 „exteriores, e visiveis com seu soccorro, que  
 „contra os interiores, e invisiveis com sua aju-  
 „da da graça. Aquella era a torre de David don-  
 „de estaõ dependurados mil escudos, e donde  
 „aos esforçados procedia toda a fortaleza: e pois  
 „entre seus muitos titulos, tambem he intitula-  
 „da da victoria; o meyo para a qual tambem ha  
 „graça, a ella peçamos que no la alcance offere-  
 „cendo-lhe a saudação costumada. AVE MARIA.

*Confortare, & esto robustus, &c.*

„Muito alto, e muito poderoso Rey, e  
 „Senhor nosso. Estas palavras disse Deos a Jo-  
 „sué successor de Moysés no governo do povo  
 „dos Hebreos, e no cargo de conquistar a ter-  
 „ra da Promissaõ, que havia de repartir pelo po-  
 „vo, que lha ajudara a conquistar: querem di-  
 „zer. Está confiado, e peleija com esforço, por-  
 „que



*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 571*

„ que o Senhor he contigo, e esta foy a instruc-  
„ ção, que deu quando o meteo em posse do car-  
„ go de Capitão Geral daquella gente.

„ Posto que conste pelos Annaes, e Chro-  
„ nicas modernas, e antigas dos Romanos, Gre-  
„ gos, barbaros, e pelos Poetas, que em seus fin-  
„ gimentos guardaõ o decoro do que convém;  
„ que sempre foy costume ordinario, e approva-  
„ do, exhortar os exercitos ao tempo, que se  
„ punhaõ em ordem de partida; nesta empreza,  
„ que das que ElRey nosso Senhor faz em seu no-  
„ me, he a primeira, me pareceo devido a este  
„ lugar, e cargo abster quanto poder ser de ex-  
„ emplos seculares, e profanos, e conformarme  
„ com a qualidade da mesma empreza, da qual  
„ como seja o principal intento, serviço de nos-  
„ so Senhor, e dilatação de nossa Santa Fé, não  
„ he menos catholica, que esforçada; menos pia,  
„ que honrosa; menos religiosa em fim que bel-  
„ licosa nos meynos para o conseguir; porque na  
„ verdade as razões christãs, e devotas são mais  
„ solidas, e mais certas, e as que mais animão o  
„ esforço verdadeiro, e mais asseguraõ successo  
„ felice, e glorioso.

„ Entre os muitos exemplos que o Espiiri-  
„ to Santo deixou na Sagrada Escritura para regra  
„ de negocios semelhantes, pois diz S. Paulo,  
„ que tudo o que nella he escrito para nossa dou-  
„ trina se escreveo; e outro lugar que tudo que

Tom.III.

Cccc ii

„ aos

## 572 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ aos antigos aconteceu em figura , he para nós  
 „ exemplo de verdade; a mais propria fôrma de  
 „ exhortação neste dia me pareceo ser aquella que  
 „ usou o glorioso , e victorioso Capitão Judas ,  
 „ do qual se lê no capitulo ultimo do segundo li-  
 „ vro dos Machabeos , que todos deveis de pro-  
 „ curar de ler , que vendo Nicanor soberbo com  
 „ grande exercito , e mayor presumpção , com pa-  
 „ lavras de intoleravel blasfemia , estando o va-  
 „ leroso Judas com menor poder , mas com ma-  
 „ yor , e mais certa confiança da victoria , por-  
 „ que a tinha em Deos , que a dá aos poucos con-  
 „ tra os muitos quando he servido , exhortou seus  
 „ Soldados , e Capitães para a batalha , usando  
 „ de quatro motivos para os incitar , e animan-  
 „ do-os depois com algumas revelações , que de  
 „ noite lhe foraõ descubertas. *Hortabatur* ( diz a  
 „ *Escritura*) *ut in mente haberent adjutoria sibi fa-*  
 „ *cta de Cælo , & sperarent ab Omnipotente sibi*  
 „ *affuturam victoriam. Et allocutus eos de lege ,*  
 „ *& Prophetis , admonens etiam certamina , quæ*  
 „ *fecerunt prius . . . . singulos autem illorum arma-*  
 „ *vit non clypei , & hastæ munitione sed sermonibus*  
 „ *optimis , & exhortationibus , exposito digno fide*  
 „ *somnio per quod universos lætificavit.* Esta ordem  
 „ que o Espirito Santo quiz que nos ficasse escrita  
 „ quizera hoje proseguir com seu favor , e ajuda.  
 „ A primeira razão para os exhortar diz ,  
 „ que foy a memoria das merces , e favores , que  
 „ Deos

*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 573*

„ Deos fizera daquelle povo. Bem vos podera  
„ allegar as que elle lhes lembraria , que seriaõ as  
„ maravilhas , que Deos fez em Egypto , onde  
„ primeiro com mosquitos, e rãas, e com outras  
„ mostras de poder sobre os elementos venceo a  
„ dureza de Farao , e o modo com que depois  
„ submergio no mar roxo seu exercito, e a elle  
„ abrindo o mesmo mar para caminho dos He-  
„ breos, e assim as miraculosas victorias , que no  
„ deserto deu a seu povo contra os Reys , que  
„ lhe impediaõ o caminho , como os proveo de  
„ pão do Ceo , e da agua , que os seguisse ; e de  
„ tudo o mais naõ sómente do que a necessidade  
„ lhes pedia , mas do que a gula desejava ; lem-  
„ bralhesia as victorias de Josué , de Gedeão ,  
„ Jethè , Barach , Sansão , as de Saul , David ,  
„ Salamaõ , Ezechias , Josafat , e outros muitos,  
„ os quaes escuso lembrarvos , naõ por antigas ,  
„ nem acontecidas a outra gente , porque o mes-  
„ mo he o nosso Deos *Tu autem idem ipse es* ; e  
„ seu poder naõ he abreviado , nem menor do que  
„ entaõ era , que assim o sentia Elizeo dizendo  
„ *Ubi est Deus Eliæ etiam nunc* : nem porque seja  
„ o povo Christaõ , que Deos subjugou em lu-  
„ gar do Hebreo menos mimoso delle , e menos  
„ favorecido , de que daõ certo testemunho as vi-  
„ ctorias de Theodosio , de Constantino , e de  
„ Carlos Magno , e muito mais aquella famosa,  
„ que em nossos dias deu a Carlos V. avò del Rey  
„ nosso

## 574 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„nosso Senhor, com muita razão chamado de  
 „Paulo III. Carlos Maximo, antepondo neste  
 „titulo aos que antes d'elle tiveraõ titulo de gran-  
 „des, que foraõ Alexandre, Cesar, Pompeo,  
 „Constantino, e Carlos, o qual o mesmo Em-  
 „perador conhecendo ser miraculosa, e divina  
 „disse alludindo às palavras de Cesar, que viera,  
 „e vira aos inimigos Philippe Lansgrave, e Joaõ  
 „Federico, Capitães da conjuração dos Rebel-  
 „des, mas que Deos Nosso Senhor fora o que  
 „vencera; e com razão, porque naquella insigne  
 „viçtoria naõ menos claro mostrou Deos seu po-  
 „der, e favor para elle a alcançar, do que mos-  
 „trou a Constantino quando no ar vio figurada  
 „sua Cruz, e ouviu a voz que lhe dizia *In hoc*  
 „*signo vinces*; e do que mostrou a Theodosio  
 „quando todos viraõ, que as settas, e lanças,  
 „que os inimigos tiravaõ, se voltavaõ com mayor  
 „furia contra elles mesmos; e do que mostrou a  
 „Carlos Magno (de cujo sangue elle procedia)  
 „quando lhe appareceraõ S. Pedro, e S. Paulo,  
 „assegurando-o da viçtoria, que contra Logum-  
 „bardos havia de alcançar em defençaõ da Santa  
 „Sé Apostolica Romana, cuja authoridade elles  
 „tinhaõ opprimido. Mas estes, e outros exem-  
 „plos saõ desnecessarios para animar, e exhortar  
 „Portuguezes taõ ricos de exemplos proprios em  
 „que Deos lhes deu grandes viçtorias mostrando  
 „seu favor com milagres, que mais se podem to-  
 „mar

„ mar delles exemplos para animar outros, que de  
„ outros para serem com elles animados ; mais po-  
„ demos ser exemplo para outros , que outros o  
„ podem ser para nós. A fundação do Reyno de-  
„ dicada foy com milagres , o augmento , e ex-  
„ tenção primeiro foy a tantas Ilhas , e a tantas  
„ partes , e lugares de Africa desde Ceuta ora do  
„ mar mediterraneo por toda a Costa maritima do  
„ mar Oceano , depois por mares ignotos , e es-  
„ trellas antes nunca vistas ; a navegação , e con-  
„ quista dos Reynos , e Provincias tão remotas ;  
„ a conservação , defensão , e regimento de esta-  
„ dos tão distantes continuo milagre he : mas co-  
„ mo diz Santo Agostinho , que os milagres or-  
„ dinarios com o costume perderaõ o espanto ;  
„ assim viemos a fazer mayor admiracão dos par-  
„ ticulares milagres das victorias , que deste gran-  
„ de , e admiravel milagre ; mas em huns , e ou-  
„ tros quiz sempre Deos mostrar , que ainda que  
„ os Reys destes Reynos sejaõ muito poderosos  
„ por terra , e por mar com o esforço de seus vaf-  
„ sallos , sempre lhes seria mayor honra , e poder  
„ serem poderosos em Deos , que em si , e pode-  
„ rem pela protecção da assistencia Divina , que  
„ pelo apparato da potencia humana. Para isto  
„ ordenou que sendo muy esforçado em seu tem-  
„ po ElRey D. Affonso Henriques , author , e  
„ fundador destes Reynos tivesse por ajudadores  
„ em suas victorias S. Bernardo , e S. Theotonio  
„ em

## 576 *Memórias del Rey D. Sebastião,*

„ em aquella famosa batalha, em que desbaratou  
„ cinco Reys Mouros em campo. O mesmo Deos  
„ na Cruz, que se lhe apresentou para o animar,  
„ lhe poz obrigação perpetua a elle, e a seus suc-  
„ cessores de procurarem com suas armas a Exal-  
„ tação da mesma Cruz proseguindo a guerra con-  
„ tra os inimigos della; em memoria da qual obri-  
„ gação dahi em diante ajuntou à Cruz propria  
„ da nobilissima Casa de Lorena, donde descen-  
„ dem, as Chagas figuradas pelas Quinas, obri-  
„ gando por este exemplo aos Reys successores,  
„ que sempre inteiramente zelassem a honra da  
„ Cruz, e exteriormente empregassem suas armas  
„ para a destruição dos inimigos della; dando-lhe  
„ JESU Christo a sentir, que delle descenderiaõ  
„ Reys, que trazendo-a em seu coração impres-  
„ sa com fervor, representassem o amor em que  
„ ardiaõ para a exaltar com mostrarem no peito  
„ exterior, e tratos de seu uso expressa, e viva  
„ imagem della; e este, e outros milagres com  
„ que Deos honrou as victorias daquelles Santos  
„ Reys, obrigaraõ o Papa Alexandre III. ao  
„ mandar visitar confirmando-lhe seus novos titu-  
„ los, accrescentando-lhe graças, e prerogativas,  
„ como quem inspirado por Deos já sentia a per-  
„ petua, e nunca interrupta obediencia, que os  
„ Reys destes Reynos tiveraõ, e teraõ sempre à  
„ Santa Sé Apostolica; e o zelo com que procu-  
„ raraõ sempre fugeitar a seu jugo, e obediencia  
„, novos

„ novos Reynos , e novas Provincias , e taõ na-  
„ tural ficou sempre nos Reys destes Reynos o  
„ defejo de extirpar quanto nelles fosse a malvada,  
„ e abominavel seita dos Mouros , que ElRey D.  
„ Affonso IV. naõ tendo Mouros já no Reyno  
„ que conquistar , ajudou a ElRey de Castella seu  
„ logro na conquista delles , e foy tanta parte na  
„ victoria do Sallado , quanta mostraõ os despo-  
„ jos , e troféos , de cuja honra se contentou , e  
„ hoje se mostra na sua sepultura. ElRey D.  
„ Joaõ o I. alguns annos depois começou a con-  
„ quista de Africa tomando a Ceuta propugnacu-  
„ lo da Christandade , chave de toda Hespanha ,  
„ porta do comercio do Ponente para Levante.  
„ Este zelo seguiraõ os Reys seus successores , to-  
„ mando lugares para delles mais facilmente lhes  
„ fazerem guerra , até que sobre os passados El-  
„ Rey D. Manoel com o felice progresso do seu  
„ tempo senhoreou muita parte do campo , que  
„ respondia aos lugares , que tomara , cujas for-  
„ ças espalhadas , e sogeitas a custosos accidentes  
„ de cercos , ElRey D. Joaõ o III. seu filho re-  
„ colheo depois em menos lugares fazendo-os de-  
„ pois mais fortes , e mais defensaveis donde com  
„ o mesmo zelo infestou aos inimigos com guer-  
„ ra continua , e deixou aberta a porta aos Reys  
„ seus successores , que houvessem de proseguir ,  
„ e ainda que nestas empresas nunca faltaraõ mos-  
„ tras de as Deos favorecer , como suas proprias,

Tom.III.

Dddd

„ toda



„ toda via porque nas partes remotissimas do Orien-  
 „ te convinha mais mostrarnos este favor , vio-se  
 „ no rompimento das Armadas do Soldaõ , e no  
 „ desbarato , e rota , que duas vezes o Turco taõ  
 „ desacostumado a ser vencido nos cercos de Dio  
 „ recebeo ; na ruina das suas galés no estreito de  
 „ Ormuz ; quaõ propicio Deos era às nossas Ar-  
 „ madas , e quanto à sua conta , e honra dellas  
 „ nem faltaraõ em nossos dias sinaes , e visões  
 „ do Ceo em que aos Nizamalucos , Idalcoens,  
 „ Achens , e outros barbaros confessaraõ , que  
 „ Deos peleijava por nós , e essa confissão lhes era  
 „ desculpa do damno , que das armas dos Portu-  
 „ guezes recebiaõ ; e assim podemos dizer : *Non*  
 „ *enim Deus noster , ut Dij eorum , & inimici nos-*  
 „ *tri sunt iudices* ; e elles por nós o que pelos He-  
 „ breos diziaõ os Egypcios. *Fugiamus Israelem,*  
 „ *Dominus enim pugnat pro eo.* Ora vede quem  
 „ com tanta certeza de soccorros do Ceo deixa-  
 „ rá de ser esforçado , e robusto , pois vemos ,  
 „ que Deos naõ menos favorece o fruto da con-  
 „ versaõ das almas , que os Reis com tanto ze-  
 „ lo procuraraõ por doutrina , de que favorece as  
 „ armas com que reprime a soberba , dos que a  
 „ querem perturbar , e impedir , e assim fica sen-  
 „ do este o primeiro motivo dos quatro , com que  
 „ Judas exhortou seus Soldados lembrando-lhe os  
 „ milagres , com que do Ceo foraõ sempre ajuda-  
 „ das *in mente haberent adjutoria sibi facta de Cælo.*  
 „ O se-



*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 579*

„ O segundo motivo de Judas, que foy que  
„ puzera a confiança da vitória em Deos, e não  
„ em seu braço, e esforço, avizo necessario aos  
„ belicosos, e esforçados, e aos Portuguezes mui-  
„ to mais, cujo invencivel ardor nas armas foy  
„ sempre tal, que mais trabalhos deraõ aos Capi-  
„ tães, em os reger, e temperar, que em os ani-  
„ mar, e incitar. Indo David combaterse com  
„ Golias, que vinha confiado em sua força, e  
„ grandeza, dizia: *Tu venis ad me in hasta, &*  
„ *gladio, ego autem in nomine Domini exercituum*  
„ *cui exprobasti.* Tendo Gedeão junto hum gran-  
„ de exercito contra os Madianitas lhe mandou  
„ Deos primeiro despir os medrosos, e depois lhe  
„ mandou deixar todos os que beberaõ debru-  
„ çados no rio; e ficando só com trezentos lhes  
„ mandou, que tomassem por armas trombetas  
„ em hum maõ, e panellas em outra com mur-  
„ rões accezos dentro, dando-lhe por razãõ, que  
„ o fazia por se ver, que em Deos se tivera a con-  
„ fiança da vitória, e a elle se devia: *Ne quando*  
„ *dicat Israel meis viribus liberatus sum; e assim*  
„ no pregaõ, e triunfo da vitória bradava com  
„ todos: *Domino, & Gedeoni;* e assim dizia Da-  
„ vid o que convém com elle digamos: *Non no-*  
„ *bis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.*  
„ E quanto mais cada hum medindo-se com seu  
„ espirito lhe pareça que lhe basta o animo, e ef-  
„ forço para alcançar de quaesquer inimigos com

## 580 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ menor apparato grande victoria , mais convém  
 „ pôr toda a confiança della em Deos , cuja he a  
 „ causa dizendo David: *Exurge Domine , judica*  
 „ *causam tuam.* Lembrayvos de que a causa he  
 „ vossa , e assim a victoria não será nossa mas vossa.

„ O terceiro motivo de que Judas usou em  
 „ sua exhortação foy lembrar aos Soldados a guar-  
 „ da , e observancia da Ley de Deos , conteu-  
 „ da na Ley , e aos Prophetas. Podera então aos  
 „ inconsiderados , e hoje parecer a muitos des-  
 „ preposito , ao tempo de dar batalha , estar pré-  
 „ gando a observancia , e guarda da Ley de Deos ,  
 „ e seus Mandamentos , mas nisto quiz o Espíri-  
 „ to Santo declarar a todos os vindouros quanto  
 „ mais importava para alcançar grandes victorias ,  
 „ limpeza da vida , exercicio da oração , da esmo-  
 „ la , e das mais virtudes , que destreza das armas ,  
 „ apparato de guerra , e os exercicios , e provi-  
 „ mentos della. Tudo isto necessario he , e seria  
 „ temeridade com que Deos fosse tentado , e of-  
 „ fendido , se deixassemos os meynos exteriores ,  
 „ que Deos deixou no discurso da providencia hu-  
 „ mana ; porém quiz , que se entendesse quanto  
 „ mais eraõ para se temer os peccados , que os  
 „ inimigos ; e muito mais para arrecear os inimi-  
 „ gos da alma dentro della , que os do Reyno ,  
 „ e Cidade dentro della , e que mais cblava ao  
 „ bom successo das empresas da guerra a falta  
 „ da graça , espirito , fervor , e devoção , que a  
 „ falta

*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 581*

„ falta do pão , carne , vinho , e dinheiro ; e fi-  
„ nalmente que era mayor falta faltar Deos , que  
„ faltar tudo ; e como sentia quanto importava  
„ crese isto dos que haviaõ de peleijar , quiz que  
„ por experiencia de muitos exemplos na Escritu-  
„ ra Sagrada nos fosse declarado , tendo Sansão  
„ inteira a gadelha ( final da graça que o fazia ef-  
„ forçado ) com hum osso da queixada de hum ju-  
„ mento desbaratava milhares de Filisteos ; como  
„ Dalila sua amiga ( porque foy figura da culpa )  
„ lha cortou , ficou como jumento fraco , e cego ,  
„ moendo o pão dos Filisteos. O exercito de Jo-  
„ sué , em que entravaõ tantos homens de peleija ,  
„ em quanto careceo de culpa , bastava o temor  
„ de suas trombetas para derrubar os muros de  
„ Jericho , e tomar a Cidade ; depois que hum Sol-  
„ dado della por nome Achaõ peccou applicando  
„ furtivamente a seu uso a lamina de ouro , que  
„ Deos applicava ao seu serviço , logo no com-  
„ bate de outra pequena Cidade com morte de  
„ muitos ficou vencido. Espanta-se Josué do suc-  
„ cesso contrario às promessas de Deos ; daselhe  
„ por resposta , que a culpa de hum debilitou o  
„ esforço de muitos. *Anathema* ( diz Deos ) *est*  
„ *in medio tui Israel*. Soube-se o culpado , e a  
„ emenda da culpa bastou para alcançar a victo-  
„ ria. Tanto quiz Deos que se visse que a culpa  
„ impedio o bom successo do esforço , que por  
„ mostrar o rigor com que castigava a culpa , pas-  
„ sou

## 582 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„sou por sua reputação, e honra, e teve por  
„menos quebra de sua authoridade parecer justo,  
„e fraco para poder vencer, que poderoso na vi-  
„toria, e fraco na justiça.

„Trazem a Arca do Testamento os filhos  
„de Heli ao arrayal confiados que a presença del-  
„la lhes daria a vitória, permite Deos que com  
„a morte dos filhos de Heli, que a merecerão  
„por suas culpas, fossem vencidos os Hebreos,  
„e a Arca do Testamento cativa em poder dos  
„Filisteos; e pelas maravilhas, que a Arca cati-  
„va entre elles obrava, lhes mostrou Deos, que  
„deixar de dar vitória aos Hebreos, não foy fal-  
„ta de seu poder, mas obrigação de sua Justiça,  
„que faz ficarem vencidos por suas culpas, os que  
„pela presença da Arca esperavaõ ser vencido-  
„res. Balaõ certo Profeta, e máo Conselheiro in-  
„citou a El Rey Barac, que a força do povo de  
„Deos consistia na graça, e se os queria vencer  
„como fracos não bastavaõ maldições, nem en-  
„cantamentos; mas que se os incitassem a peccar  
„com occasião de mulheres deshonestas, e pec-  
„cando perdida a graça poderiaõ ser vencidos.  
„A Achior Gentio, Conselheiro de Olofernes,  
„lhe descobrio esta virtude, dizendo, o povo  
„com que pelejamos tem tal Deos, que se del-  
„le não he offendido, ou se logo he por peniten-  
„cia applacado, elle os faz invenciveis; e pelo  
„contrario se delle he offendido, elle os entrega  
„a seus

*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 583*

„ a seus inimigos ; e assi aconteceo no cerco de  
„ Betulia. No livro dos Juizes quatro mil ho-  
„ mens de peleija se juntaraõ contra o Tribu de  
„ Benjamim , e sendo a causa da guerra justa , e por  
„ Deos approvada , na primeira , e segunda bata-  
„ lha ficaraõ vencidos com morte de trinta e dous  
„ mil , que foraõ consentidores na idolatria de Mi-  
„ chas ; purgado o exercito desta culpa na segun-  
„ da batalha contra os de Benjamim alcançou vi-  
„ ctoria. Por isso dizia Moysés a Araõ queixando-  
„ se de consentir o povo adorar o bezerro , dicen-  
„ do-lhe que deixara nu , e desfarmara o povo ;  
„ dando a entender , que a graça de Deos era as  
„ armas do povo , que sem ella por mais armado  
„ que estivesse ficava fraco , e desfarmado. No  
„ tempo de S. Bernardo se juntou a Christandade  
„ para conquistar a Terra Santa com taõ infelice  
„ successo , que poucos escaparaõ de mortos , ou  
„ cativos ; era a empreza santa prégada por S. Ber-  
„ nardo , authorizada pelo Papa com a insignia  
„ da Cruzada , e grandes indulgencias por ella ;  
„ revelou Deos a Pedro Ermitaõ , que se naõ es-  
„ pantaße do máo successo della , e castigo de tan-  
„ tos , porque ante sua Divina Justiça montou mais  
„ a culpa dos conquistadores , que a causa da con-  
„ quista santa ; donde se vé claramente , que o  
„ verdadeiro esforço , e fortaleza consiste princi-  
„ palmente na reformaçaõ da vida , na frequencia  
„ dos Sacramentos , no exercicio das virtudes , na  
„ emen-

## 584 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ emenda de peccados publicos com castigo ex-  
 „ emplar ; e na dos secretos com devotas confis-  
 „ soens , saudaveis admoestações ; com o bom  
 „ exemplo dos Capitães , e com zelar grande-  
 „ mente todos a observancia da Ley de Deos ;  
 „ ella he a que dá victoria aos exercitos , poem  
 „ esforço aos Cavalleiros ; *Fiant* ( diz David ) *vie*  
 „ *illorum tenebræ , & lubricum , & Angelus Do-*  
 „ *mini persequens eos.* Isto significou Deos avi-  
 „ sando aos seus da guarda da Ley , e dos Pro-  
 „ fetas.

„ O quarto motivo foy lembrar a cada hum  
 „ os feitos de armas em que se achara. Nisto sin-  
 „ to que tenho pouco , que vos lembrar , por-  
 „ que todos vos são presentes os merecimentos ,  
 „ que tendes proprios , ou herdados ; adquiridos  
 „ por vossa lança , ou ganhados de vossos Mayo-  
 „ res. Testemunhas são de ambas as cousas as  
 „ Casas, Villas, e Morgados , que herdastes , ou  
 „ adquiristes ; os Habitos , Tenças , Reguengos ,  
 „ e Jurisdicções , Honras , e Titulos testificaõ vos-  
 „ sos merecimentos , e de vossos antepassados.  
 „ Quem tantas obrigações tem de seus Mayores ,  
 „ e tantas por si alcançou , bem póde escusar lem-  
 „ brança alhea , bem se póde crer delle , que te-  
 „ rá por melhor sorte pôr em perigo a vida , que  
 „ em risco a honra ; os lugares , que em Africa  
 „ vereis , as tranqueiras , valos , campos , Aldeas ,  
 „ e Lugares , até as portas de Fez , e de Marro-  
 „ cos,

*Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 585*

„cos, que de nossas armas já foraõ assombradas,  
„vos faraõ lembrança de vossos antepassados, que  
„nestes lugares, ou venceraõ com muita gloria,  
„ou morreraõ com muita honra. As victorias  
„serviráõ para as seguirdes; a memoria de suas  
„mortes vos moverá para as vingardes; e assi co-  
„mo primicias de mayer poder espantareis os ini-  
„migos com vosso esforço, que façais novo al-  
„voroço aos que ficaõ para seguir vosso exemplo,  
„quando a occasiaõ do successo, e o serviço de  
„S. A. o pedir.

„A conclusaõ da exhortaçãõ de Judas foy  
„contar aos seus, como Onias Sacerdote lhe ap-  
„parecera de noite, dizendo-lhe, que naõ temes-  
„se, que elle rogaria a Deos por seu exercito, e  
„assi o fazia Jeremias, que logo com elle appa-  
„receo. Naõ vos contarey revelações obscuras,  
„mas verdadeiras, certas, e claras; dagora por  
„diante muitos Rogadores, e Padrinhos tendes  
„no Ceo, e na terra; em lugar de Onias, e Je-  
„remias tendes S. Sebastiaõ, e S. Vicente, Pa-  
„droeiros, e Protectores del Rey N. Senhor, dos  
„quaes S. Sebastiaõ, que dedicou seu nascimen-  
„to com seu dia, e nome, tem a seu cargo a  
„conservação da saude; S. Vicente da honra, e  
„fama no exercicio da milicia, que em sua pre-  
„sença professou: ambos, creyo, saõ continuos  
„Oradores ante Deos por augmento de seu Esta-  
„do, e felice successo de suas emprezas; e como

Tom.III.

Ecce

„para



## 586 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ para esta sejaes primeiro escolhidos, e tanto pen-  
 „ da della a reputação das outras, que em favor  
 „ da Santa Fé Catholica com occasiões novas se  
 „ lhe póde offerecer; muito a seu cargo fica roga-  
 „ rem por vós, e pelo bom successo desta. Te-  
 „ mia o Criado de Elizeu vendo o monte cercado  
 „ de inimigos, e vendo-o Elizeu amargurado de  
 „ medo, e desconfiado, pedio a Deos lhe abris-  
 „ se os olhos para ver, que mayores, e melhores  
 „ exercitos eraõ os que lhes Deos mandara em de-  
 „ fensa do seu Profeta. Não cuideis, que só por  
 „ vós oraõ Onias, e Jeremias, rogaõ por vós no  
 „ Ceo muitos Martyres, que onde hides servir,  
 „ e fazer guerra, testificaraõ com sua morte a ver-  
 „ dade da Fé, que vós com a lança defendeis; ro-  
 „ garaõ por vós muitas Virgens, que nessas par-  
 „ tes receberaõ martyrio, e desejaõ ver nellas  
 „ Templos, em que Deos seja servido, e suas me-  
 „ morias veneradas. Rogaõ por vós muitos San-  
 „ tos Bispos, Confessores, Cypriano, Fulgencio,  
 „ Valerio, e o grande Agostinho, cujas Igrejas  
 „ os Mouros tem destruidas, ou profanadas; e  
 „ pedem a Deos continuamente graça, e força  
 „ para os Reys deste Reyno extirparem a maldi-  
 „ ta feita de Mafamede, para que como execu-  
 „ tores da vontade de Deos libertem aquellas Pro-  
 „ vincias da servidaõ de Mouros barbaros, e as  
 „ tragaõ à obediencia da Santa Sé Apostolica, que  
 „ antigamente tiveraõ. As Orações de tantos San-  
 „ tos



„ tos nos Ceos se ajuntão ; as dos gloriosos Reys  
„ D. Manoel , e D. Joaõ , cujos corpos enterra-  
„ dos nestes sumptuosos sepulchros nos represen-  
„ taõ em sombra o resplendor da gloria , com que  
„ reynaõ no Ceo ; e pareceme , que em espirito  
„ vejo sua presença del Rey D. Manoel bisavò de  
„ V. A. ajudando a S. Vicente darlhe a espada  
„ da Milicia de Christo , dizendo ambos as pala-  
„ lavras , que ao Macabeo disse Jeremias : *Acci-*  
„ *pe gladium in quo dejicies inimicos populi Dei.*  
„ Como se dissesse. Recebey Senhor Rey , e bis-  
„ neto meu a espada acompanhada de minha fe-  
„ licidade , e boa ventura na guerra contra os  
„ Mouros vossos Comarcãos ; e da outra parte a  
„ del Rey D. Joaõ , de louvada memoria , seu avò  
„ que quasi ajudando-o o Martyr S. Sebastiaõ lhe  
„ vem dar por divisa suas Settas , figuradas nas  
„ tres , que Jonatas tirou com força ; e a força  
„ das tres resumio depois em huma , da qual dizia  
„ David : *Sagitta Jonathæ numquam est reflexa ;*  
„ significando estas tres Settas a conquista , e po-  
„ der das Provincias remotas , e longinquas , que  
„ as armas do poderoso Rey seu neto , e Senhor  
„ nosso haviaõ de sojugar , e vencer com a Setta  
„ da belicosa potencia ; e sogeitar a Deos com a  
„ Setta do zelo de nossa Santa Fé ; finalmente da  
„ obediencia com que folgariaõ de lhe serem so-  
„ geitos , os que sentissem a força da Setta de seu  
„ amor affavel , e benigno. Juntarsehaõ as ora-  
Tom.III. Eeee ii „ ções

„ções de taes Reys às que as almas dos glorio-  
„sos Principes, e Princezas seus pays fazem sem  
„intermissão a Deos pela prosperidade do seu go-  
„verno, augmento do seu Estado, e prospero  
„successo de todas suas empresas, e conquistas;  
„e cresceraõ as petições devotas, e pias dos In-  
„fantes D. Luiz com as do Cardeal D. Henrique;  
„e facilmente se póde, e deve crer, que vendo  
„os dous Infantes a honra, e favor, que rece-  
„bem seus filhos, cresçaõ em fervor, e perseve-  
„rança de suas petições santas; ao menos neste  
„dia facilmente me persuado a crer que cresce no-  
„vo gozo no Ceo à alma do Infante D. Luiz ven-  
„do hoje vir o Senhor D. Antonio seu filho offe-  
„recer a bandeira santificada a ElRey nosso Se-  
„nhor, e que de sua mão a torna a receber pa-  
„ra o ir servir nesta empresa da guerra contra os  
„Mouros tão desejada do Infante seu pay, que de-  
„pois que entendo, que o estado do Reyno, e  
„a disposição das obrigações delle não soffriaõ pas-  
„sar em pessoa a Africa, como desejava; para sa-  
„tisfazer em parte o seu zelo acompanhou ao Em-  
„perador seu cunhado na conquista de Tunes on-  
„de mostrou tanto o valor de seu esforço, e con-  
„selho, que por confissão do mesmo Emperador,  
„e de todos os Capitães, e Principes estrangei-  
„ros, ao Infante coube a principal gloria do fe-  
„lice successo daquella victoria, e conquista. A  
„tantas orações do Ceo fortificadas, e augmen-  
„tadas

„tadas com as da devotissima Rainha D. Maria,  
„de louvada memoria, se juntaõ as que os San-  
„tos da terra fazem por nós, e por vosso prof-  
„pero, e honroso successo; a este intento em fim  
„ applica suas esmolas, e orações a muito alta,  
„e muito poderosa Rainha nossa Senhora, admi-  
„ravel exemplo de virtude em todos os estados,  
„que em este Mundo teve; a este intento appli-  
„ca o Cardeal Infante seus devotissimos sacrifi-  
„cios, e o mais de suas santas, e piedosas obras  
„com aquelle zelo com que procura todas as cou-  
„sas do serviço de Nosso Senhor, bem, e honra  
„destes Reynos, serviço, e reputação de S. A.  
„que são os effeitos, que desta empreza, e dou-  
„tra semelhante se devem esperar; a este fim da  
„vossa ajuda, e espirital soccorro se endereção  
„as muitas esmolas, e orações da muito Catho-  
„lica Infanta D. Maria, que incitando com gran-  
„de exemplo as orações de muitas devotas Vir-  
„gens, e Religiosas dedicadas a Deos, nenhuma  
„cousa pede com mayor zelo, que as do servi-  
„ço delRey nosso Senhor, e bem do Reyno;  
„principalmente nesta empreza, e outras seme-  
„lhantes a ella, nas quais pelo vario successo da  
„guerra assi como ha muito que esperar, ha tam-  
„bem que recear, e temer; rogaõ por vós na  
„terra muitos Religiosos em seus Mosteiros com  
„muitos sacrificios, orações, jejuns, vigílias, e  
„disciplinas; pedem a Nosso Senhor saude, prof-  
„peridade,

„ peridade , victoria para seu serviço ; pedem fi-  
 „ nalmente a Deos todos bom successo quantos  
 „ cá ficaõ , e quantos lá tiverem mayores penho-  
 „ res de seu cuidado ; pays , e mãys a filhos , mu-  
 „ lheres a seus maridos , e outros a seus irmãos ,  
 „ parentes , e amigos. Todos sem cessar , como  
 „ diz a Escritura no Capitulo que alleguey , que  
 „ faziaõ os que ficavaõ em Jerusalem , se occupa-  
 „ raõ , e rogaraõ a Deos vos dé victoria com sau-  
 „ de , e não sofre o amor , e charidade estar sem  
 „ cuidado quem fica com cuidado taõ commum  
 „ de obrigação. As mãos de Moyfés , que da  
 „ guerra estavaõ ausentes , diz a Escritura , que  
 „ se abaixavaõ com o pezo que sostinha : *Mira-*  
 „ *ris* ( diz hum Santo ) *in manibus quiescentis pon-*  
 „ *dus belli , & fortunæ præliantis* ; dando a enten-  
 „ der , que mayor pezo sostinhaõ para o bom suc-  
 „ cesso da guerra , do que parecia ficar quieto ,  
 „ que do Capitaõ que andava na guerra com a  
 „ lança em punho ; pelo que hoje os Santos do  
 „ Ceo , e da terra dizem a cada hum de vós :  
 „ *Confortare , & esto robustus* ; levais favor do Ceo ,  
 „ favor da terra , favor do Rey , e Senhor della ;  
 „ não está só em vossas mãos a fortuna de Cesar  
 „ como elle dizia a seus Soldados ; poem Deos  
 „ nesta empreza em vossas mãos sua honra , o aug-  
 „ mento da nossa Fé , a reputação do Reyno , e  
 „ credito do poder , e estado del Rey nosso Se-  
 „ nhor , cujas mayores forças com razão temeraõ  
 „ os

**Parte III. Livro II. Cap. XXVI. 591**

„ os inimigos para se lhe fogeitarem , se sentirem  
„ a força , e valor desta primeira mostra dellas  
„ usando vós na ordem da peleija do conselho ,  
„ que o Espirito Santo dava aos Soldados de Ju-  
„ das , dos quaes diz a Escriitura , que peleijando :  
„ *Hastas in manibus , Deum in cordibus habebant ,*  
„ *& orabant* , e mais sollicitos estavaõ todos pela  
„ causa de Deos , que pela sua vida propria ; e  
„ sobre todos a vós muito excellente Senhor Ge-  
„ neral nesta empresa convém as palavras do fun-  
„ damento : *Confortare , & esto robustus , Domi-*  
„ *nus Deus tuus tecum est* , por cuja benção , e  
„ santificação hoje invoca a Igreja Catholica a  
„ Deos , e à Virgem Nossa Senhora , e a todos  
„ os seus Santos , e Santas. Vede a confiança  
„ com que a Santa Madre Igreja vos entrega a  
„ bandeira da Cruz de Christo , que ElRey nos-  
„ so Senhor seguindo seus Antecessores tem por  
„ sua propria , e taõ peculiar , que quiz a rece-  
„ besseis hoje com a Setta , que à honra , e lou-  
„ vor de Deos , e de S. Sebastião traz de continuo  
„ esmaltada ; mostrando que assi como era podero-  
„ sa em seu esforço , assi a deviaõ ter os que pe-  
„ leijassem debaixo da protecção , e amparo de  
„ S. Sebastião , por cuja veneração a traz fugeita  
„ à Cruz em que o Senhor triunfou : *Sicut fugit-*  
„ *ta in manu potentis ita filii excussorum*. Sejaõ-  
„ vos sempre presentes as palavras , com que de-  
„ pois de benta se vos entregou , dizendo , que  
„ rece-

„recebesséis aquella bandeira santificada com a  
 „benção do Ceo, para com ella espantardes, e  
 „vencerdes os inimigos da Igreja; e pois o dia,  
 „que he dedicado à Cruz accrescenta a solemni-  
 „dade; o Templo em que a recebeis donde os  
 „que partirem tornaraõ vencedores; a festa do  
 „Anjo da Guarda que vem Domingo promette  
 „prosperidade de successos nesta jornada; as ben-  
 „ções de Reys avò, e tio; de Infantes pay, e  
 „tios, e sobre todas, as que vos assegura com  
 „favor a presença del Rey nosso Senhor, e o amor  
 „commum de todos dos que vaõ, e dos que fi-  
 „caõ, razão temos de esperar em Nosso Senhor  
 „que indo vós, e os que vaõ com vosco taõ che-  
 „yos de benções, e de soccorros Divinos, e hu-  
 „manos, nos enviareis certas novas da vossa prof-  
 „peridade, e bons successos nesta guerra, com  
 „que sempre vos cresça o fervor de servir a Deos  
 „novas merces nesta vida com graça, que nos  
 „chegue à Gloria.

Sahe de Lisboa para Tangere  
 o Senhor D. Antonio.

133 Sahio do porto de Lisboa o Senhor D.  
 Antonio a 19 de Julho com hum Armada com-  
 posta de diversos galeões, e galés, guarnecida de  
 mil e duzentos Infantes, além da gente de caval-  
 lo, e chegando brevemente a Tangere foy rece-  
 bido com festivos applausos merecidos à saudosa  
 memoria, que deixara da suavidade do seu genio  
 em todo o tempo que assistira naquella Praça.  
 Naõ faltaraõ rebates dos Mouros, em que o Se-  
 nhor

D. Antonio mostrou igual valor em acometter, como prudencia em mandar.

134 Certificado o Xarife Muley Hameth de Prepara-se o Xarife para a guerra. que ElRey D. Sebastião determinava passar a Africa, e de como tinha chegado a Tangere o Senhor D. Antonio, conheceo claramente, que vinha por Precursor da guerra esperada, e para que o não achasse menos prevenido, começou com grande desvêlo, e continuo trabalho alistar gente, e prover-se de todo o genero de armas, e munições. Esta noticia causou tal horror em todos os Mouros, que muitos delles se refugiaraõ aos lugares mais distantes, e occultos, para que as suas vidas não fossem despojos das espadas Portuguezas.

---

## CAPITULO XXVII.

*Parte ElRey D. Sebastião para Africa, em cuja ausencia governa o Cardeal D. Henrique.*

*Chega a Ceuta, e como foy recebido nesta Praça.*

135 **D**ominava no coração delRey tão ardente affecto de passar a Africa, que não foraõ efficazes para impedir esta temeraria resolução as lagrymas de sua augusta avó, os conselhos do Cardeal D. Henrique, e os rogos de seu Mestre, e Confessor o Padre Luiz Gonçalves

Tom.III.

Fif

ves

1574



ves da Camera, conspirando todos com zelosa emulação para não effectuar huma acção em que perigava a authoridade da sua pessoa, e a conservação desta Monarchia. Porém como estava decretada a ruina deste Principe permittio Providencia mais alta, que executasse esta jornada, que foy o prologo da segunda, em que agonizou toda a gloria Portugueza. Para occultar este designio, logo que se embarcou o Senhor D. Antonio, partio para Cintra com o pretexto de passar os ardores do Estio naquelle ameno sitio, onde assistio até que se acabou de fabricar no Terreiro do Paço huma galé Real em a qual vindo a Belem a 15 de Agosto, mandou embarcar, e em outras duas a gente militar, das quaes nomeou por Capitães D. Fernando Alvares de Noronha, Jorge de Albuquerque, e Bernaldim Ribeiro, ordenando a Fernando Alvares, que o fosse esperar ao porto de Cascaes, onde determinaria o que se havia de fazer. A 17 de Agosto chegou ElRey a Cascaes acompanhado do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioso, e outros Cavalheros embarcando-se na galé Real, e lhes disse que passava ao Algarve, para como lugar mais opportuno dispor algumas cousas pertencentes à guerra de Africa. Tanto que chegou ao Algarve, em cujo porto estava ancorado Simão da Veiga, que guardava a Costa com hum galeão, e cinco caravellas, lhe ordenou,

Chega ElRey ao Algarve.



*Parte III. Livro II. Cap. XXVII. 595*

denou, que seguisse as tres galés, que vieraõ de Lisboa, e com este apparatus naval se resolveo a executar a jornada de Africa, da qual antes de ser manifesta aos Fidalgos, que o acompanhavaõ, fez participante por esta Carta à Serenissima Senhora Infanta D. Isabel, sua tia, esposa do Infante D. Duarte.

„ Senhora. Chegando ao Algarve, e de  
„ mais perto, e mais particularmente vendo o  
„ que importará ir a Ceuta, e Tangere, para fa-  
„ vorecer, ordenar, e assentar as cousas, que  
„ tanto convém, me pareceo com a ajuda de  
„ Nosso Senhor, partir, e darvos conta disso co-  
„ mo de taõ grande, e importante cousa, e sey  
„ se ha de ver que ey de proceder com tanta fe-  
„ gurança, resguardo, consideraçãõ, e conselho  
„ como he razãõ; e vou muito bem acompanha-  
„ do, pois levo comigo meu primo Dom Duar-  
„ te, e mando chamar o Duque, e tervoshey  
„ em merce enviardesme dizer por elle como vos  
„ achais, e quererá Nosso Senhor será muito bem,  
„ e elle guarde vossa pessoa como desejaes. Da  
„ Baya de Lagos a 20 de Agosto de 1574.

Carta delRey para a Infanta  
D. Isabel, copiada do Original.

REY.

136 Notavel foy a consternação de toda a Corte, quando teve noticia de que ElRey se tinha ausentado sem se saber para onde partira, lamentando-o huns como morto, e outros claman-

Tom.III.

Fff ii

do,

do, que este Principe nascera para causar tribulações, e sobressaltos nos corações de seus vassallos. Semelhantes effeitos de susto, e afflicção causou esta noticia a todo o Reyno até que foy informado com certeza por cartas circulares, escritas de Lagos em seu nome, nas quaes ordenava aos Cavalheiros, Cidades, e Villas concorressem com gente, e cavallos para a empreza de Africa que executava, sendo a fôrma de cada huma a seguinte.

Carta del Rey a todo o Reyno  
para concorrer com gente para  
Africa,

„N. Eu El Rey vos envio muito saudar.  
„Cheguey a este Reyno do Algarve, e confor-  
„mandome com as occasiões do tempo, e pro-  
„cedendo nos intentos, practicas, e resoluções  
„passadas sobre as materias de Africa, assentey it-  
„me à Cidade de Ceuta, e della à de Tangere,  
„tanto que chegar gente com que me pareça que  
„o devo fazer; pelo que vos encomendo muito,  
„e vos mando, que logo, tanto que esta virdes,  
„vos venhaes a Tavira com todos os cavallos,  
„que puderdes ajuntar, logo sem dilação deixan-  
„do ordem para virem apoz vós todos os mais  
„com que me puderdes servir, e tenho por muy  
„certo, que na brevidade, e em tudo o mais  
„procedereis como de vós espero, de que eu sem-  
„pre terey aquella lembrança que he razão, e em  
„Tavira deixo ordem do que hey por meu servi-  
„ço, que façaes; e querendovos embarcar em  
„outra parte para da hi ires direito a Tangere,  
„o po-

„o podereis fazer. Escrita em Lagos a 20 de  
„Agosto de 1574.

REY.

137 Para substituto do governo nomeou El-Rey ao Cardeal D. Henrique, que neste tempo assistia em Alcobaça, e tanto que recebeu a ordem partio para Lisboa, altamente penetrado da temeraria resolução de seu sobrinho, e do desamparo do seu amante povo. Hospedou-se nas casas de D. Martinho de Castellobranco, situadas ao Limoeiro, onde se juntaraõ os Magistrados da Cidade para se lhe entregar o governo com solemne formalidade, cujo acto se fez a 3 de Setembro, precedendo o juramento, que deu ao Cardeal o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, para que governasse o Reyno com summa rectidão, o qual fez o Cardeal na fôrma seguinte.

He nomeado para Regente do Reyno o Cardeal D. Henrique.

„Eu o Cardeal Infante juro aos Santos  
„Evangelhos, que ante mi tenho, que bem, e  
„lealmente reja, governe, e defenda estes Rey-  
„nos, e Senhorios, em nome del Rey meu Se-  
„nhor, em quanto durar a ausencia de Sua Alte-  
„za, conforme a Patente porque me encarrega,  
„e comette o governo delles; e tanto que Sua  
„Alteza embora vier, lhe entregarey o dito go-  
„verno, e sempre servirey, e obedecerey a Sua  
„Alteza, e como bom, e leal vassallo; e assim  
„juro que conforme a Direito guardarey, e fa-  
„rey

Juramento que deu o Cardeal quando tomou posse do governo.

„rey guardar em quanto tiver o dito governo a  
 „todas as pessoas de qualquer estado, e condi-  
 „ção, que sejaõ, e às Cidades, Villas, Luga-  
 „res, Igrejas, e Mosteiros destes Reynos seus  
 „bons costumes, leys, honras, liberdades, pri-  
 „vilegios, graças, e merces, que pelos Reys  
 „destes Reynos, e por ElRey meu Senhor lhe  
 „saõ concedidas, dadas, e outorgadas, &c.

138 Deste Auto fez hum largo Termo o Se-  
 cretario Miguel de Moura, que assinação as prin-  
 cipaes pessoas que a elle assistiraõ. O Cardeal se  
 applicou com todo o desvelo à regencia, que lhe  
 fora comettida, ouvindo com attenção os per-  
 tendentes, premiando com justiça os benemer-  
 itos, e punindo com severidade os criminosos.

Sente com excesso Martim  
 Gonçalves da Camera não ser  
 eleito Regente do Reyno.

139 O dispotico imperio, que na vontade  
 delRey tinha Martim Gonçalves da Camera, lhe  
 promettia que fosse eleito Governador do Reyno  
 na sua ausencia; porém vendo nomeado para es-  
 ta incumbencia ao Cardeal D. Henrique, lhe pa-  
 receo ser injurioso à sua pessoa fugeitar-se a outrem  
 que não fosse ElRey. Estimulado deste altivo  
 pensamento, se retirou para o Convento de S. Do-  
 mingos de Bemfica, distante meya legoa de Lis-  
 boa, de cuja resolução se escandalisou com ex-  
 cesso o Cardeal, considerando como atrevimen-  
 to o querer medir-se com elle Martim Gonçalves,  
 tão differente por nascimento, como pela Digni-  
 dade, de que se seguiu nunca mais ser aceito ao  
 Cardeal,

Cardeal, assim no tempo que governou pela ausencia de seu sobrinho, como depois quando cingio a Coroa desta Monarchia.

140 Para que Deos lembrado da sua piedade não permittisse, que ElRey padecesse algum successo infausito, se faziaõ Preces de Ladainhas pelas ruas, acompanhadas de grande multidaõ de gente, que com lagrymas copiosas, e austéras penitencias causavaõ piedoso horror a toda a Corte. Continuavaõ estas supplicas em os Templos, onde por ordem do Arcebispo D. Jorge de Almeida estava de dia, e de noite alternadamente manifesto o Santissimo Sacramento, em cuja augusta presença assistia innumeravel concurso rogando com affectuosas vozes lhe restituisse o seu Principe livre de todos os perigos a que o tinha exposto a cega precipitaçaõ de seu ardor juvenil. Os Prégadores nos pulpitos, e os Parochos nas Esgaões pediaõ orações aos seus ouvintes, confiando da efficacia dellas o feliz despacho do Tribunal Divino.

*Supplicas a Deos pelo bom successo delRey.*

141 Entre estas perturbações em que fluctuava o Reyno, se affligia com excesso a Rainha D. Catharina, considerando a temeraria resoluçaõ com que seu neto passara a Africa, e dividido o coração em diversos pensamentos, não podia admittir o mais breve descanso, representando-lhe a fantasia os fataes perigos, que ameaçavaõ a vida del-Rey, unica ancora em que estavaõ firmadas as espe-

## 600 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Escreve a Rainha D. Catharina a seu neto para que volte para o Reyno,

esperanças da Monarchia. Esta consideração lhe tyrannizava com tal vehemencia o espirito, que não podendo moderar pena tão activa, se resolveo passar pessoalmente a Africa, para conduzir a seu neto, cuja resolução sendo prudentemente impedida, mandou a D. Rodrigo de Menezes, Vedor da Fazenda, que o tinha sido da mesma Rainha, com humra sua Carta elcrita a ElRey, em que com a ternura de avó lhe rogava quizesse logo restituirse à sua vista, não permittindo ser lastimosa victima da barbaridade Africana; e que se não obedecesse a tão fiel insinuação, passaria a buscallo com determinação de acabar a vida onde elle tinha a sua tão perigosa.

Chega ElRey a Ceuta, e como foy recebido nella Praça.

142 Acompanhado D. Sebastião de pequena Armada, que dispuzera para a conquista de Africa, sahio do Cabo de S. Vicente, e depois de visitar as Cidades de Lagos, e Tavira, aportou à Praça de Ceuta, que se nobilitava com o illustre braço de ser conquistada pelo primeiro João, que venerou o Throno de Portugal. A' entrada da Cidade esperava a ElRey o Senado, a quem humildemente entregou as chaves, e para testemunho mais claro da sua obediencia, e de seu jubilo recitou a seguinte Oração Fr. Athanazio Sanches, Superior dos Religiosos Trinos, que mereceo geral applauso, por ser quasi de repente composta.

„ Mui-

*Parte III. Livro II. Cap. XXVII. 601*

„ Muito alto, e muito poderoso Rey nos-  
„ so Senhor, nestas partes tão desejado como cre-  
„ mos de Deos promettido, e a estes Reynos da-  
„ do para espanto, estrago, e destruição de to-  
„ dos nossos inimigos: entray muito nas boas ho-  
„ ras por esta vossa celebre, e antiga Cidade Pri-  
„ maz de toda Africa, ganhada à impia, e sacri-  
„ lega feita de Mafamede pelo muito grande, e  
„ esclarecido Rey D. João o primeiro, de glorio-  
„ sa memoria. Deste fortissimo propugnaculo,  
„ que com tanta razão he de todos havido por  
„ chave desta nossa Hespanha, como na verdade  
„ o he, esperamos em Deos Nosso Senhor, que  
„ assim como dos Reys, que depois do Conquista-  
„ dor vieraõ, he V. A. o primeiro, que por estas  
„ partes alcance muitas, e muy grandes victorias,  
„ e destrua o poderio, e forças dos inimigos de  
„ nossa Santa Fé Catholica, e a torne a plantar  
„ de novo, onde ella antigamente floreceo tanto.  
„ Isto he, o que a lealdade dos vossos Portugue-  
„ zes vos estaõ pedindo: isto he o que o Mar-  
„ quez vosso vassallo com tanta razão Capitaõ, e  
„ Governador por V. A. desta tão nobre, e leal  
„ Cidade, onde seus avòs deixaraõ tão grande fa-  
„ ma em credito da memoria de suas esforçadas  
„ cavallarias, e os valentes Cavalleiros della vos  
„ merecem, a cujas vidas tantas vezes arriscadas  
„ por vosso serviço bem se deve toda a honra,  
„ merces, e liberdades, que V. A. lhes fizer de-

Tom.III.

Gggg

„ pois



## 602 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ pois de entrar nesta Cidade. Isto he o que es-  
„ peramos pelo miraculoso, que assim se póde  
„ chamar, o nascimento de V. A. e por suas gran-  
„ dezas, que a experiencia nos tem mostrado com  
„ esperança de outras mayores, que cada dia con-  
„ cebemos. Queira o Rey dos Ceos, que assim  
„ seja para sua mayor gloria, e exaltação da San-  
„ ta Fé Catholica, accrescentamento de novos  
„ Estados, honra, e utilidade de todos vossos vas-  
„ sallos. Amen.

143 Acabada a Oração foy El Rey recebido com magnifica pompa pelo Marquez de Villa-Real, Governador da Praça, e levado debaixo do pallio por entre duas fileiras de Fronteiros, precedendo o Clero com o Canto do *Benedictus*, chegou à Cathedral, onde rendeo as graças ao Altissimo de ter chegado prosperamente a Ceuta, e logo foy examinar com grande curiosidade a Fortaleza.

144 Como o intento del Rey consistia em não voltar a Portugal sem ter rendido à sua obediencia grande parte de Africa, escreveu que logo fossem remetidas a sua Recamera, e Capella, e ao Duque de Bragança, que promptamente partisse com o mayor numero dos seus vassallos, a cuja ordem obedeceo com a brevidade, que lhe foy possível, sahindo de Lisboa a 18 de Setembro embarcado em huma grande não Veneziana, que fretara com seiscentos homens de cavallo, e dous mil

Parte o Duque de Bragança  
para Africa à ordem del Rey.

Sousa *Hist. Geneal. da Casa  
Real Portug.* Tom. 6. liv. 6.  
pag. 145.



*Parte III. Livro II. Cap. XXVII. 603*

mil Infantes armados à sua custa, juntamente com o galeão S. Martinho, que conduzia o thesouro, e Capella delRey, e muitos Fidalgos, que se aparelharaõ com summa velocidade para a empreza, que ElRey meditava. Naõ sómente os Fidalgos Portuguezes, mas muitos Castelhanos se offereceraõ a ElRey D. Sebastiaõ, por ter dado faculdade Filippe Prudente, para em seus Dominios se alistar gente para Africa, posto que estranhou como temeraria a resolução de seu sobrinho.

145 Informado o Xarife Muley Mahamet de ter chegado a Ceuta o nosso Principe com intento de lhe declarar guerra, cheyo de pavor lhe escreveo a seguinte Carta.

„ Cide Ali Senhor dos Senhores da Monarchia, e Imperio de Africa, e de todos seus habitantes, Montes Claros, e de todos os sete Reynos, a ti Rey de Portugal faude quanto Alá poem sua potencia de sua morada te conserva. Foyme dito que em o animo, e esforço de teu real, e generoso espirito tens emprendido de vir ver as nossas terras para dardes testemunho de nosso Estado, e para que fiquem mais divulgadas, e conhecidas das gentes, muito te agradecemos taõ nobre intento; em tudo o que delle, e de nós te cumprir, ou for necessario, e de nossos Reynos acharàs tudo, como à tua real Pessoa convém; mas se teu intento he outro, acharàs nossas gentes sempre em

Carta do Xarife para ElRey.

Tom.III.

Gggg ii

„ cam-

## 604 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ campo , para que te fação conhecer suas forças em damno de teu temerario atrevimento.  
„ Dada em a nossa Cidade de Fez, &c.

Passa ElRey de Ceuta para Tangere.

146 Até o fim de Setembro assistio ElRey em Ceuta occupado no exercicio da caça , com tal confiança como se fora nos bosques de Almeirim. Respeitavaõ com tão religioso medo os Mouros a sua Pessoa , que nunca se animaraõ a sair a campo ; e vendo ElRey que naõ se offerecia occasião de mostrar o seu valor, se resolveo passar a Tangere , em cujo theatro determinava ostentar os ardentes impulsos do seu espirito. Havendo examinado attentamente a Praça de Ceuta , que fora a chave que fechou a entrada dos Mouros em Hespanha , a qual aberta huma vez foy fatal causa da sua perdição , e sendo passados setecentos annos , foy heroicamente fechada pelo magnanimo coração de D. João o Primeiro, que a conquistou a 21 de Agosto de 1415 , partio D. Sebastião para Tangere onde o estava esperando o Senhor D. Antonio, Governador desta Praça.

CAPITULO

## CAPITULO XXVIII.

*Chega ElRey a Tangere onde persuadido de effica-  
zes razões resolve voltar para o Reyno.*

147 **T**Anto que ElRey D. Sebastião che-  
gou à Praça de Tangere como não  
estivesse satisfeito do progresso das armas, que nel-  
la fizera o Senhor D. Antonio, o depoz do gover-  
no, provendo em seu lugar a D. Duarte de Me-  
nezes, que o pertendia como militar herança de  
seus Ascendentes. Todo o desvélo dos Fidalgos  
mais prudentes era dissuadir a ElRey da empre-  
za, que tinha intentado, como injuriosa à sua Pes-  
soa, e nociva aos seus vassallos, pois não podia ter  
feliz successo hum a acção executada pela vontade  
propria, e sugestão de alguns lisongeiros, que  
pertendiaõ introduzirse na graça delRey com irre-  
paravel damno da sua Coroa. Estes conselhos di-  
ctados pela fidelidade incorrupta interpretava El-  
Rey por effeitos da covardia, figurando na sua  
idéa, que toda a Africa se fogueitaria ao seu do-  
minio com pouco dispendio de sangue, e grande  
credito da nação Portugueza. Para o despertar  
de taõ profundo lethargo, em que jazia fatalmen-  
te adormecido, clamavaõ as vozes dos Pregado-  
res annunciando-lhe a ultima ruina, que por sua  
teme.

1574

Nomea ElRey por Governador de Tangere a D. Duarte de Menezes,

## 606 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Incerepa D. Antonio Pinheiro  
em hum Sermão a El Rey so-  
bre a empreza de Africa.

temeridade certamente experimentaria. Entre es-  
tes Ministros Evangelicos se distinguio assim no  
caracter, como na eloquencia, o Bispo de Mi-  
randa D. Antonio Pinheiro, que o acompanhara  
com Fr. Marcos de Lisboa, que depois foy Bis-  
po do Porto, o qual prégando na Dominga de-  
cima quinta post Pentecosten, que cahio a 12 de  
Setembro, em que se cantava o Evangelho do  
filho da viuva de Naim, como tivesse a El Rey  
por ouvinte, tomou por thema *Adolescens tibi di-  
co surge*, e com estas palavras fez huma forte in-  
vectiva, com que efficazmente o persuadia a que  
se levantasse daquelle lugar sahindo de Africa,  
naõ querendo que fosse para elle Tangere, o que  
fora Naim para aquelle mancebo, que era con-  
duzido para a sepultura. Que considerasse aten-  
tamente os perigos a que estava exposto acompa-  
nhado de poucos Soldados, e destituido de todas  
as munições necessarias para taõ grande conquista.  
Que se lembrasse, que a Praça de Tangere, onde  
estava, lhe naõ podia prometter felicidade, quan-  
do nella tinhaõ experimentado fortuna adversa D.  
Affonso V. e os Infantes seus tios D. Henrique,  
e D. Fernando. Que era tempo de voltar ao Rey-  
no, para com a sua presença enxugar as lagrymas  
de sua avó segunda vez sem elle viuva, e conso-  
lar ao povo, que tanto lhe desejava a sua vida  
como baze fundamental da conservaçã da Mo-  
narchia.

Ao

*Parte III. Livro II. Cap. XXVIII. 607*

148 Ao tempo que este Prelado vocalmente advertia a ElRey da sua inconsiderada resolução, se animou outro Prelado, qual era o insigne D. Jeronymo Osorio, Bispo do Algarve, increpar a ElRey por huma Carta da empreza que intentara, em cujas clausulas se conhece igualmente a fidelidade do seu coração, como a madureza do seu juizo.

„ Muito alto Rey, e poderoso Senhor. Se  
„ eu fosse Procurador da Coroa, e tivesse algum  
„ feito nas mãos em que V. A. fosse Reo, e fos-  
„ se necessario darlhe razão delle, forçado seria  
„ lerlhe primeiro o libello que a contrariedade, o  
„ que nesta Carta farey com a verdade, e lealda-  
„ de que devo. Confio na condição, e real espi-  
„ rito de V. A. que terá este por hum dos mayo-  
„ res serviços, que lhe posso fazer. Os Reys da  
„ Persia tinhaõ muitas ordens de servidores, sem  
„ os quaes entendiaõ que era impossivel governar  
„ bem a sua Monarchia: entre estes haviaõ huns  
„ a quem elles chamavaõ seus olhos, a outros  
„ suas orelhas, e a outros seus amigos: os mui-  
„ tos olhos lhe serviaõ de ver muitas cousas, que  
„ dous sómente não podiaõ ver; as muitas ore-  
„ lhas de ouvir muitas queixas, que com duas só  
„ se não podiaõ ouvir todas; os muitos amigos  
„ de lhes fallarem as verdades, que os falsos ami-  
„ gos lhes encobriaõ.

„ Seguindo eu este estylo (pouco usado, e  
„ que

Carta do Bispo do Algarve  
D. Jeronymo Osorio para El-  
Rey.

„ que fora bem observallo entre nós ) de bom ser-  
 „ vido quantas minhas poucas forças alcançarem  
 „ direy o que vejo , e ouço com hum amor taõ  
 „ verdadeiro como sabe aquelle Senhor, a quem  
 „ saõ manifestos os segredos dos corações: elle  
 „ nos ensina no Evangelho o que todos haviamos  
 „ de fazer com esta pergunta: *Quem dizem os ho-*  
 „ *mens que sou eu?* Bem sabia Christo o que se  
 „ dizia delle: com tudo com esta pergunta nos  
 „ ensinou , que tivessemos cuidado de inquirir a  
 „ fama de nossas acções , e fórma de vida; e ain-  
 „ da que a doutrina seja universal para todos os  
 „ homens; aos Principes particularmente convém  
 „ muito folgar de saber o que delles commummen-  
 „ te se diz , e ainda fazer diligencia por isso; por-  
 „ que à volta de muitos desatinos populares ou-  
 „ viraõ muitas cousas importantes ao governo,  
 „ que por ventura algumas vezes nos conselhos,  
 „ ou por mal sabidas se naõ dizem , ou por in-  
 „ teresses particulares se naõ descobrem.

„ Naõ sey porque razaõ deixará de estimar  
 „ hum Principe da terra , o que o Principe dos  
 „ Ceos quiz que se lhe dissesse , posto que sem  
 „ mais necessidade , que querernos dar exemplo,  
 „ e ensinarnos o que devemos fazer. Porque o  
 „ naõ imitará inquirindo o que naõ sabe , nem  
 „ póde saber se o naõ ouvir de outrem , e póde  
 „ suspeitar? Porque naõ perguntará quando fallar  
 „ com os homens rectos , e amigos da verdade:

„ *Que*

**Parte III. Livro II. Cap. XXVIII. 609**

„ *Que dizem de mim? Em que conta me tem?*  
„ *Que fama corre do meu modo de proceder? Se*  
„ *isto fizesse, oh quantas verdades saberia!*

„ Em Athenas havia maldições instituidas  
„ pelas leys publicadas em voz alta, com pala-  
„ vras de grande horror, pelas quaes eraõ amal-  
„ diçoados os Cidadãos que aconselhassem à sua  
„ Republica por seu particular intento, cousa  
„ contra o seu commum; e rogavaõ nellas, que  
„ os taes fossem destruidos, e toda a sua geraçãõ  
„ confundida. Se isto se fazia em huma Repu-  
„ blica, aonde havia muitos Principes, que por  
„ qualquer Cidadão podiaõ ser desenganados,  
„ que se deve fazer no Estado de hum só Prin-  
„ cipe, o qual se for enganado, naõ ha onde  
„ mais pôr olhos.

„ Dous grandes maleficios comette quem  
„ engana ao seu Principe, hum delles he traiçãõ,  
„ e o outro injuria atroz, feita a seu Senhor; por-  
„ que se he traiçãõ naõ avizarem os Atalayas ao  
„ seu Principe dos inimigos, que descobrem, co-  
„ mo a naõ será, e muy grande, encobrir a V. A.  
„ os perigos, que estaõ armados para perdiçãõ da  
„ Republica, se naõ for remediada em tempo?  
„ Pois no que toca à injuria, naõ póde ella ser ma-  
„ yor, que entenderse que estima mais V. A. o  
„ gosto presente, dando orelhas ao que taõ pou-  
„ co dura, que o remedio perpetuo de seus vaf-  
„ sallos.

Tom.

Hhhh

„ Naõ



610 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ Não terá V. A. em seu Conselho , quem  
„ trate de o enganar , mas se por nossos pecca-  
„ dos houvesse quem tão grande traição com-  
„ mettesse , com tão grande injuria de V. Real  
„ Pessoa , muito mayores maldições , que os de  
„ Athenas merecia. Eu ao menos , Senhor , em  
„ quanto ao que a mim toca , fugirey dellas quan-  
„ to puder , com dizer o que sinto , com esperan-  
„ ça de que terey disão galardão primeiramente  
„ de Deos , e depois de V. Alteza , ainda que co-  
„ mo no principio disse , não diria agora tanto o  
„ que entendo , como o que ouço : e como Pro-  
„ curador darey conta do libello para logo vir  
„ com a defeza.

„ Dizem primeiramente que não será bom  
„ Christão , nem bom Portuguez o que não  
„ der muitas graças a Deos por nos dar hum  
„ Rey tão virtuoso , e de tão altos espiritos , que  
„ foge de mimos , e busca trabalhos por destruir  
„ a infame seita de Mafamede.

„ Mais dizem , que como as virtudes andaõ  
„ sempre juntas , não se póde chamar fortaleza ,  
„ a que não he acompanhada da prudencia , e  
„ bom conselho ; e que o conselho não foy bom  
„ por ser fóra de tempo.

„ Provaõ que foy fóra de tempo , pela mui-  
„ ta falta que ha de dinheiro , e de mantimentos ,  
„ pela grande fome que ao presente a mayor par-  
„ te do Reyno padece.

„ Di-



*Parte III. Livro II. Cap. XXVIII. 611*

„ Dizem mais, que era este tempo mais  
„ conveniente para defensão do Reyno, que he  
„ de muito mayor obrigação, que para conquif-  
„ tar o incerto de outros; porque ha muita gen-  
„ te perdida em França, Flandes, Inglaterra, &c.  
„ da qual podem as terras maritimas de Portu-  
„ gal, e do Algarve receber muy grandes dam-  
„ nos: e segundo ha fama, todos estes estão con-  
„ tentes com esta auzencia de V. A. por enten-  
„ derem que muito mais a seu salvo usaráo do  
„ seu officio.

„ Não podemos deixar de nos temer des-  
„ tes homens, por ser o numero delles grande,  
„ e governado pelo espirito de Satanás; porque  
„ não ha cousa por grande que seja, que não com-  
„ metta gente sem fé, se tem algumas forças, e  
„ quando chega a estado de desesperação. A isto  
„ se ajunta que o Graõ Turco não dorme, pelo-  
„ que todo o Principe Christão he obrigado a es-  
„ tar àlerta, pois o perigo he commum para acu-  
„ dir aonde mais necessario for para a defensão  
„ da Christandade, e gloria do nome de JESU  
„ Christo.

„ Dizem tambem, que grandes feitos se não  
„ podem executar sem grandes apercebimentos,  
„ os quaes se não podem fazer em pouco tempo,  
„ como são mantimentos, munições, muita gen-  
„ te, e mayor continuação de exercicios da guer-  
„ ra; e ainda com todos estes aparelhos, dizem

Tom III.

Hhhh ii

que

## 612 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ que convem esperar conjunção de discórdia ;  
„ que não póde muito tardar entre Mouros , e  
„ não qualquer discórdia , mas discórdia ensangu-  
„ entada ; porque a leve com o medo commum  
„ facilmente se accomoda ; porque os inimigos  
„ nos perigos , que a todos tocaõ , com facilidade  
„ se concertaõ ; mas quando a rotura chega a tan-  
„ to , que se não possaõ concordar , de tal manei-  
„ ra o póde V. A. socorrer , que fique senhor  
„ dos vencidos , e dos vencedores. Esta he hu-  
„ ma arte muito antiga de conquistar , cõm que  
„ se fizeraõ grandes os mais dos Principes , e Ca-  
„ pitães de grande nome , de que estaõ cheyas as  
„ Historias , e lembranças do Mundo ; esta occa-  
„ sião quizerão os seus leaes vassallos que V. A.  
„ esperasse.

„ Dizem tambem , que nunca guerra foy  
„ feita com mais esforço , que conselho que po-  
„ desse ter bom fim ; confirmaõ isto com o triste  
„ successo do Infante D. Henrique , e do Infante  
„ D. Fernando o *Santo* sobre Tangere , e com a  
„ segunda passagem em Africa del Rey D. Affon-  
„ so V. ; e com os acomettimentos taõ sem fru-  
„ to do outro Infante D. Fernando seu Irmão ,  
„ por tudo ser com mayor esforço , que con-  
„ selho.

„ Deme V. A. licença que diga tudo , pois  
„ comecey , e que não encubra nada do que to-  
„ ca a seu serviço. Dizem os prudentes , que o  
„ offi-

*Parte III. Livro II. Cap. XXVIII. 613*

„ officio de bom Rey mais consiste em defender  
„ os seus , que em offender aos inimigos ; e que  
„ tanto he isto verdade , que nenhuma gloria ga-  
„ nhariaõ Principes illustres nas victorias contra  
„ inimigos , se dellas não resultasse a segurança  
„ de seus vassallos.

„ Aqui se lamentaõ muitos , porque vem  
„ ao presente , que toda a guerra que se havia de  
„ fazer aos Mouros , se faz , sem V. A. o saber ,  
„ aos mesmos Portuguezes ; e por conclusaõ , não  
„ falta quem diga que entre pressa , e diligencia  
„ ha muito grande differença ; porque a diligen-  
„ cia não perde occasiaõ , e a pressa não espera  
„ por ella ; e muito mayores inconvenientes se se-  
„ guem da muita pressa , que da pouca diligencia ;  
„ porque os muito acelerados choraõ o que per-  
„ deraõ do seu ; e os negligentes o que ganháraõ  
„ do alheyo.

„ Estes são os principaes artigos do libel-  
„ lo que se forma contra V. A. , agora resta o que  
„ por parte de V. A. posso dizer.

„ Primeiramente digo , que os grandes espi-  
„ ritos são acompanhados de grandes esperanças ,  
„ pelo que mais cuidaõ na grandeza das empre-  
„ zas , que na felicidade , ou facilidade , ou na dif-  
„ ficuldade dellas , e pela mayor parte aos gran-  
„ des acomettimentos , quando não são de todo  
„ fóra de caminho , não faltaõ favores divinos ;  
„ e que V. A. fundado nesta opiniaõ , como se  
„ deter-

## 614 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„determinou, ou com vida honrada, ou com  
„morte gloriosa dar final de seu espirito, não pô-  
„de soffrer dilação, e que a victoria não está na  
„mão dos homens, mas na vontade de Deos, e  
„que o officio de Principe magnanimo he perder  
„o temor a grandes empresas, por perigosas que  
„pareçam, e o successo dellas deixo nas mãos  
„de Deos, e na sua divina disposição. Digo  
„tambem, que como se não possa sempre acer-  
„tar, são muito mais toleraveis os erros comet-  
„tidos com demasiado esforço, que os em que  
„cahem muitos por fraqueza, porque nas cou-  
„ras grandes, grandes perigos não carecem de  
„seu louvor, e a fraqueza he acompanhada de  
„perpetuo vituperio.

„Tambem se póde dizer, que quando V.  
A. se não poder escuzar de algum erro, a culpa  
„se póde diminuir com o exemplo de grandes  
„Principes, que com o mesmo espirito cahirão  
„em grandes trabalhos. El Rey S. Luiz de Fran-  
„ça por fazer guerra aos infieis com mais arden-  
„te zelo, que conselho, foy de huma vez cativo,  
„de outra morreo de peste sobre Tunes: imitou  
„nisto ao Santo Rey Jozias, que por entrar em  
„batalha, que podera muito bem escuzar, mor-  
„reo elle, e com elle toda a esperança de Jerusa-  
„lem. Passo por infinitos exemplos antigos, por  
„não enfadar a V. A. e dos modernos direy pou-  
„cos.

„O

*Parte III. Livro II. Cap. XXVIII. 615*

„ O Emperador Maximiliano, sendo muy  
„ excellente Principe, fez entradas em Italia, e em  
„ outras partes sem fruto. De Principes de Por-  
„ tugal tenho dito o que basta: que diremos do  
„ Emperador vosso Avô que foy o mais animo-  
„ so, e o mais excellente Capitaõ, com tudo naõ  
„ deixou de cometter cousas dignas de reprehẽ-  
„ saõ, e de receber em algumas dellas muitos  
„ damnos, como foy a entrada, que fez em Flo-  
„ rença, a empresa de Argel, e outras, que dei-  
„ xo de apontar. Perguntarmehaõ de que servem  
„ estes exemplos? Responderey, que servem de se-  
„ ver, que se nesta passagem de V. A. a Africa  
„ houve erro, naõ foy unico, nem cousa nova no  
„ mundo, e fica desculpado com os exemplos, e  
„ authoridade de taõ excellentes Principes; por-  
„ que se elles em idade mais robusta, e com mui-  
„ to mayor experiencia foraõ enganados do dema-  
„ siado desejo da gloria, naõ he muito de admirar  
„ de que V. A. em muito menor idade com o mes-  
„ mo ardor de espirito cahisse nos mesmos incon-  
„ venientes. Quanto mais, que esta jornada de V.  
„ A. ainda que desta vez naõ tome os portos, que  
„ pretende, naõ foy de todo sem fiuto, porque  
„ vio com seus proprios olhos o sitio de Africa,  
„ e conheceo nesta prova de trabalhos quanto se  
„ deve aos homens, que padecem fomes, sedes,  
„ frios, e ardores do Sol intoleraveis, e poem a  
„ vida em risco todas as horas por serviço de Deos,  
e de

„e de V. A., e entendeo tambeem como agora  
 „daqui por diante se deve fazer; aprendeo final-  
 „mente tanta doutrina, que por ella sómente foy  
 „à jornada com todos os trabalhos della muito  
 „bem empregada, e acertada. Pelo que se a al-  
 „guem parecer que a honra de V. A. fica em al-  
 „guma maneira maculada, bem me atrevo a de-  
 „fendella, e sustentar o contrario.

„Esta he a defeza com que venho por par-  
 „te de V. A.; e athe aqui chegaõ as minhas le-  
 „tras. E se daqui por diante quizer insistir, e  
 „resistir a quem a ley de Deos quer que obede-  
 „çamos, busque-se outro melhor letrado, por-  
 „que me não atreverey a defender a causa; por-  
 „que se faltar dinheiro, e faltarem mantimentos;  
 „se não se podendo remediar a gente, que já es-  
 „tá junta, e se ajuntar outra muita mais; se vier  
 „hum grande inverno, se assim pela falta das  
 „cozas necessarias, como pelo máo trato começa-  
 „rem a morrer cavallos, e depois homens, veja  
 „V. A. quão grande será a festa, e contentamen-  
 „dos Mouros, e quão grande a tribulaçaõ dos  
 „Christãos.

„Não tenho eu aos Mouros por tão pou-  
 „co guerreiros, e artificiosos na milicia, que espe-  
 „rem, ou tratem de batalha campal, vendo que  
 „sem lança, nem espada podem os nossos ser des-  
 „baratados. Os frios, as chuvas, as lamas, as  
 „ferras, o inverno defendem as terras; marchar

„ao

*Parte III. Livro II. Cap. XXVIII. 617*

„ ao presente não he possível ; estar encerrados  
„ nas Cidades, não he honra para combater Fez,  
„ ao presente não ha tempo , nem aparelho ; e  
„ ainda que se despejasse , não era prudencia to-  
„ mar huma tão grande Cidade em tempo , que  
„ se não podesse logo fortificar.

„ Pois, Senhor , de que serviria logo tanto  
„ trabalho, e tanta despeza sem fruto ? Não fallo  
„ nos juroes que Fidalgos tem vendido ; nas joyas  
„ das Senhoras empenhadas ; nas lagrimas das mu-  
„ lheres ; na pobreza da gente nobre ; na miseria  
„ dos que pouco podem. Gaste-se tudo, e con-  
„ sume-se por serviço de Deos , e de V. A. , que  
„ quando Deos nosso Senhor offerecer huma gran-  
„ de occasião para seu serviço , não haja em Por-  
„ tugal forças para se lançar mão della. Da guer-  
„ ra desista ; haja os Fronteiros necessários ; os ex-  
„ ercicios della vão por diante ; haja menos da-  
„ mascos , e mais cossolletes ; menos perfumes ,  
„ e mais lanças ; tenha se muita conta com a Jus-  
„ tiça , porque não falte o favor divino : com a  
„ fazenda , para que não falte no melhor tempo ,  
„ nem seja necessario havella então com grande  
„ vexação dos pobres povos , offendendo grave-  
„ mente a Deos : ajunte-se dinheiro de vagar ; o  
„ que se poderá muy bem fazer se a Arithmeti-  
„ ca for melhor exercitada : cresçaõ as esperanças  
„ de mercês para quem as merecer , e haja de-  
„ sengano para quem for indigno dellas ; e sobre



## 618 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

„ tudo os olhos entre tanto estejaõ sempre fixos  
„ no Ceo. V. A. ainda he muito moço, move-  
„ se pelos brios de mancebo, porém ainda naõ  
„ perde tempo, nem occasiaõ; esperemse conjun-  
„ ções, que naõ poderaõ tardar muitos annos, e  
„ desta sorte quem poderá quando for tempo re-  
„ sistir a V. A.

„ Entre tanto vença-se a si mesmo V. A.  
„ que he a mais illustre victoria, que póde haver :  
„ dome seu espirito; amanse a grandeza de seu  
„ coração : nas Fronteiras se aquente a guerra o  
„ melhor que for possivel : o meter do resto se  
„ guarde, para quando o Senhor Deos offerecer  
„ melhor tempo, e mais conveniente, porque  
„ quem o naõ espera, naõ só vay contra a regra  
„ da prudencia, mas tambem corre grande risco  
„ de tentar a Deos com o pretexto da fé, e ze-  
„ lo da Religiaõ, sendo que muitas vezes pro-  
„ cede mais do appetite. Desta sorte alcançará  
„ V. A. as victorias, que pertende com glorio-  
„ so nome seu, e de seus vassallos, e com gran-  
„ de accréscentamento da Santa Fé Catholica.

„ Naõ imaginey no principio que me esten-  
„ desse tanto nesta Carta, mas o amor, lealdade,  
„ e zelo do bem commum, me elevou de manei-  
„ ra, que naõ pude ter maõ no discurso, e occur-  
„ rencia da materia. No que me fica por fazer,  
„ naõ faltarey, que será continuamente pedir a  
„ nosso Senhor em minhas orações, e sacrificios,  
que



„que elle seja o defensor, e conselheiro de V. A.  
„e sua vida, e real estado guarde, e accrescente  
„para seu santo serviço. Amen.

145 Com estas tão vehementes exhortações persistia inflexivel ElRey no seu intento, até que a experiencia o defenganou com o successo seguinte. Querendo o Xarife certificar-se do exercito com que ElRey tinha passado a Africa, mandou sair ao campo hum grande corpo de Cavallaria, governada pelo Vice-Rey de Maquines, cujo valor era conhecido em diversos combates. Para examinar com os olhos o numero dos Mouros, subio ElRey à terra mais alta do Castello da Praça de Tangere, e vendo que cobriaõ grande parte do campo, impellido de seus marciaes espiritos, sahio com toda a gente da Cidade, parecendolhe que a fortuna lhe offerecia as victorias com que se adulava o seu genio. Mandou entregar o guiaõ a D. Francisco de Castello-Branco, e travado hum conflicto furioso, posto que o numero dos inimigos era muito superior aos nossos, como estivessem animados com a presenca do seu Principe, obraraõ accções heroicas, até que a noite suspendeo o combate; porém como de manhã apparecesse muito diminuto o numero dos Mouros, celebrou ElRey este successo como feliz às suas armas, em cujo applauso se corteraõ canas.

Combate entre os nossos, e os Mouros.

150 Como o exercito, com que ElRey ti-  
Tom.III. Iiii ii nha

## 620 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Resolve-se ElRey restituirse  
ao Reyno.

nha passado a Africa , não excedia de mil Cavallos , e quinhentos Infantes , considerando que por ser já proximo o Inverno , se faziaõ impossiveis os soccorros , desistio da resolução que emprendera , e determinou restituirse a Portugal. Para occultar o erro , a que o precipitára a sua temeraria fantazia , escreveu a quem ordenara expedir soldados , e munições para a conquista intentada , que o não executasse , pois o fim da sua jornada fora para visitar as Praças de Ceuta , e de Tangere ; e que se proveessem de tudo quanto era preciso para a sua conservação. Hum dos mayores estímulos , que obrigaraõ a restituirse ElRey ao Reyno , foy D. Fernando Alvres de Noronha , General das Galés , pois ordenandolhe D. Sebastião , que partisse com elles , repugnou , dizendolhe com animosa fidelidade , que nunca desampararia a S. A. , até o conduzir a Portugal , ainda que lhe mandasse cortar a cabeça , pois estimaria sacrificar a vida em obsequio da fidelidade , que lhe protestava. Penetrado ElRey de tão heroica resolução , deu alguns passos com o semblante severo , no fim dos quaes , quando se imaginava romper em algum effeito da sua impaciente condição , vencido do amor , e authoridade de D. Fernando , lhe disse : *Ora vamos já que porfiaes , e furtarvoshey essa vontade.* A estas palavras se postou D. Fernando por terra , e com o rosto banhado em lagrimas , beijou reverente a mão a ElRey pela docilidade

D. Fernando Alvres de Noronha persuade a ElRey que volte ao Reyno , e o consegue.

lidade, com que recebera o conselho que lhe dára a sua madureza, e fidelidade.

---

## CAPITULO XXIX.

*Volta ElRey D. Sebastião de Africa para Portugal, e da grande tempestade que padeceo até entrar em Lisboa.*

151 **P**ersuadido ElRey de não poder continuar, e muito menos concluir a conquista, que lhe representou facil a temeridade da sua idea, se resolveo voltar ao Reyno, aonde era anciosamente esperado por seus vassallos, repetindo quotidianamente ardentes votos ao Altissimo, para que o restituísse aos seus olhos livre de todo o perigo. A copia de gente militar, e o numero dos Cavallos, que concorreraõ para esta expedição, não podiaõ accommodarse nas Galés, e mais embarcações, por cuja causa muitos soldados passaraõ a Cadiz, e Gibraltar, e vieraõ por Andaluzia com igual trabalho, que despeza, até chegar a Portugal. Embarcouse ElRey no Galeão S. Martinho acompanhado do Duque de Aveiro, e outros muitos Fidaigos, e em outro vinha o Senhor D. Duarte com semelhante comitiva; nas Galés, e Galeoens navegavaõ varias pessoas de distincção, como a brevidade do embarque

## 622 *Memorias del Rey D. Sebastião*

Padece ElRey huma tormenta  
de que não mostrou o menor  
sobrelalto.

que lhes permittio. O Senhor D. Antonio com a sua familia marchou por terra. Era entrado o mez de Outubro, quando ElRey sahio de Tangere seguido de toda a Armada, a qual, tanto que se alargou ao mar combatida do Nordeste, se espalhou toda discorrendo cada navio à disposição do vento, de que se seguiu perderse de vista o Galeão em que ElRey hia embarcado, e para que não padecesse alguma fatalidade, ordenou o Piloto se buscasse o mar largo; e chegando à altura da Ilha da Madeira, começou a ceder a furia da tormenta, entre a qual, como se ElRey desafiara os perigos, sempre conservou o semblante inalteravel, mostrando que se deleitava com espectáculo tão horroroso.

Chega ElRey ao Cabo de S.  
Vicente.

152 Fluctuavaõ entre confuzoens, e cuidados a Rainha D. Catherina, e o Cardeal D. Henrique com toda a Corte, por ignorar noticias del-Rey, representandolhe a idea funestas imagens em que viaõ acabar tragicamente a vida de hum Principe, governado pelos impulsos da sua temeridade; e para que Deos não permittisse tão fatal golpe em huma Monarchia, fundada por seu divino braço, recorriaõ à sua piedade com lagrimas, e votos; quando movido da sua comiseração, benignamente correspondeo a estas supplicas, mudando em jubilos, e applausos as tribulaçoens, e tristezas com a noticia de ter chegado ElRey ao Cabo de S. Vicente livre do menor perigo.

153 Lo-

153 Logo que o Galeão S. Martinho surtio em Sagres, sahio ElRey a terra, e escapando de hum perigo, buscou outro mayor, embarcandose em huma Galé, a tempo que o Suduélte, que naquella Costa he muito furioso, soprava com grande violencia. Seguirão as outras embarcações a ElRey com não pequeno susto, e posto que o vento era em popa para Lisboa, cresceo tão impetuosamente o furor do mar, que alagando todas as Galés, parecia que as queria submergir. Não havia pessoa alguma que não estivesse altamente penetrada do perigo ameaçado, e somente ElRey se lisongeava da furia das ondas, causando geral admiração a serenidade de animo com que desprezava a colera dos elementos. O Senhor D. Duarte, que chegou a Cascaes antes de receber noticias delRey, não quiz desembarcar; e certificado de que partira com tempo tempestuoso, se meteo na Galé em que ElRey vinha, o qual entrou pela barra a 2 de Novembro; e desembarcando em Xabregas, jantou com a Rainha D. Catharina, que entre lagrimas, e jubilos o recebeu nos braços, restituindolhe com a sua presença de que estava privada quasi tres mezes tranquillidade ao animo, e alegria ao coração.

Animo imperturbavel com que ElRey sofre outra tempestade.

CAPÍ-

## CAPITULO XXX.

*Manda El Rey dar os pezames da morte de Carlos IX. Rey de França, a seu irmão Henrique III; e se faz memoria de dous Varões insignes, que morreraõ com saudade deste Reyno.*

1574

Morre Carlos IX. Rey de França.

154

**A** Intempestiva morte del Rey Christianissimo Carlos IX. succedida a 30 de Mayo deste anno de 1574, na florente idade de vinte e quatro annos, causou no animo do nosso Principe não pequena consternação, considerando que na pessoa deste Augusto Monarcha se acabára o mayor Propagador da Religião Catholica, contra a impia petulancia dos Hugonotes, que conspirados contra tão preciosa vida, a extinguiraõ perfidamente com veneno. Era filho de Henrique II, e Catharina de Medicis; e chegando a contar vinte annos de idade, se desposou com a Archiduqueza D. Isabel, filha de Maximiliano II, e D. Maria de Austria, filha do Emperador Carlos, de quem sómente teve a Maria Isabel, que morreo na infancia. Succedeo-lhe no trono seu irmão Henrique III, que era Rey de Polonia, ao qual mandou D. Sebastião significar pelo seu Embaixador D. Nuno Manoel, Senhor

Manda El Rey por Embaixador a França D. Nuno Manoel.

*Parte III. Livro II. Cap. XXX. 625*

Senhor de Tancos, Atalaya, e Sinceira, Alcaide mór de Marvão, filho de D. Fradique Manoel, e D. Maria de Attaide, filha de Nuno Fernandes de Attaide, Senhor de Penacova, Alcaide mór de Alvor, e Capitão de Safim, e D. Joana de Faria, o grande sentimento, que recebera com a infausta noticia da morte de seu irmão, esperando que assim como era herdeiro da sua Coroa, o fosse do sagrado zelo com que promovera os progressos da Religião contra os seus mais obstinados antagonistas. O mesmo obsequio mandou praticar com as Rainhas, huma mãy, e outra esposa do Rey defunto, como tambem ao Duque de Alanson, irmão de Henrique III, a Princeza de Bearne, e aos Duques de Lorena, e Guisa. Depois de concluido este ceremonial, ordenou ElRey ao Embaixador propuzesse a Henrique III. ser conveniente aos vassallos da Coroa Franceza, e Portugueza, para cessarem as prezas que faziaõ huns aos outros, erigirse hum Tribunal em França, e Portugal, em que se julgasse a violencia cometida por alguma destas duas Nações, julgandose em França os roubos dos Portuguezes, e os dos Francezes em Portugal.

155 Naõ sentio com menor excessõ ElRey D. Sebastião a falta de hum dos mayores vassallos, que tinha o Reyno, assim no esplendor do sangue, como na excellencia das virtudes, qual era D. Francisco de Noronha, II. Conde de

Elogio de D. Francisco de Noronha, II. Conde de Linhares,

Tom.III.

Kkkk

Li-



## 626 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

Linhares, Commendador de S. Martinho da Ordem de Christo em o Bispado de Viseu, filho de D. Antonio de Noronha, I. Conde de Linhares, Senhor de Algodres, Pena-verde, e Fornellos, Alcaide mór de Linhares, Escrivão da Puridade dos Reys D. Manoel, e D. João III. Commendador de Prado na Ordem de Christo, e de D. Joanna da Sylva, filha de D. Diogo da Sylva, I. Conde de Portalegre, e D. Maria de Ayala. Sendo nomeado por D. João III. no anno de 1540 Embaixador à Corte de Pariz, quando governava a Monarchia Franceza Francisco I. se animou com animo religioso, e ardente zelo a promover a extinção dos Hugonotes abominaveis authores de diversos absurdos. Era a sua casa refugio dos pobres, e asylo dos miseraveis. Dispendia no culto Divino com profuza liberalidade ao mesmo tempo que distribuia largas esmolas a muitas pessoas, que impedidas do pejo não podiaõ explicar a sua indigencia.

156 Estas catholicas acções praticadas em França fizeraõ taõ grande ecco em Portugal, que restituído a elle, o recebeu D. João o III. com distinctas significações de agrado; e o elegeo Mordomo mór de sua consorte a Rainha D. Catharina. Em todo o tempo, que lhe restou de vida, sempre exercitou virtudes heroicas, pelas quaes se fez merecedor da eternidade gloriosa, de que foy irrefragavel testemunho a incorrupção



**Parte III. Livro II. Cap. XXX. 627**

ção do seu cadaver, pois sendo depositado na Igreja de N. Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho, cuberto de cal viva para mais brevemente se consumir, em quanto se acabava a Capella mór de S. João de Xabregas, Cabeça da florentissima Congregação de Conegos Seculares do Evangelista, fundada por sua filha D. Joanna de Noronha, onde jaz sepultado; passados seis annos se achou incorrupto, e flexivel, e do mesmo modo foy achado exhalando suvissimo cheiro quarenta e seis annos depois da sua morte, quando em o anno de 1619, estando acabada a Capella, foy trasladado para o soberbo Mausoléo, onde descansa com este epitafio. *Sepultura de D. Francisco de Noronha, II. Conde de Linhares, filho dos primeiros. Morreo de 68 annos a 13 de Junho de 1574. Foy casado com D. Violante de Andrade, filha de Fernão Alvares de Andrade, que tambem aqui jaz; e falleceo de 83 annos a 17 de Dezembro de 1605.*

Francisco de S. Maria, *Cronica dos Conegos Seculares*, liv. 2. cap. 30.

157 De sua illustre Consorte deixou larga descendencia, que foy D. Antonio de Noronha, que valerosamente morreo na Praça de Ceuta a 18 de Abril de 1553 em hum combate com os Mouros, a cuja heroica valentia dedicou varios elogios o Virgilio Portuguez. D. Fernando de Noronha III. Conde de Linhares, Conselheiro de Estado, e Védor da Fazenda dos Reys Filippe II. e III. e do seu despacho, que casou

Tom.III.

Kkkk ii

com

## 628 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

com D. Filippa de Sá , herdeira de Mem de Sá , Governador do Brasil , e de D. Guiomar de Faria. D. Lourenço de Noronha , e D. Pedro de Noronha , que acabaraõ viçtims da barbaridade Africana , no campo de Alcacer a 4 de Agosto de 1578. D. Manoel de Noronha , e D. Diogo de Noronha , que preferindo a mortificação do Claustro à vaidade do século , abraçaraõ o instituto dos Eremitas Augustinianos , o primeiro com o nome de Fr. Nicoláo Tolentino , e o segundo de Fr. Guilherme de S. Maria. D. Francisco de Noronha , que acompanhando ao Vice-Rey no Estado da India D. Duarte de Menezes , no anno de 1584 , morreo sem successão. D. Luis de Noronha , que deixando a Aula de Minerva , que frequentava em Coimbra , pela campanha de Marte , buscou ao Oriente para theatro do seu valor ; e sendo Almirante da Armada de Lourenço de Brito , foy morto pelos Jaos em Sunda , no anno de 1597. D. Joanna de Noronha , que possuindo opulentas riquezas , se conservou no estado do celibato , e as dispendeo com generosa profusão na fabrica da Capella móe do Convento de S. Joáo de Xabregas de Conegos Seculares , onde em soberbos Mausoléos defcançaõ os Condes da sua illustrissima familia. D. Maria , D. Catharina , D. Brites , e D. Margarida , que celebrando os castos desposorics com o Divino Cordeiro , brilharã luminosas estrellas  
no

no Ceo Dominicano do Convento da Annuncia-  
da de Lisboa.

158 Não satisfeita a morte de roubar a Por-  
tugal neste infauſto anno de 1574 a hum Varaõ  
taõ insigne, como D. Francisco de Noronha,  
se atreveo a profanar a Jerarchia Ecclesiastica,  
arreatando a 6 de Agosto a hum dos seus ve-  
nerados Heroes, qual foy D. Joaõ de Mello.  
Sendo seus progenitores Pedro de Castro de Aze-  
vedo, Alcaide mór de Melgaço, Commendador  
de S. Maria de Antime, e D. Brites de Mello,  
pareceo, que nascera mais filho da graça, que da  
natureza pelas virtudes que logo na infancia co-  
meçou a practicar. Doutorado na faculdade dos  
Sagrados Canones, o admittio por seu domesti-  
co o Serenissimo Infante D. Affonso, Arcebispo  
de Evora; e na escola de taõ vigilante Prelado,  
aprendeo as maximas, com que se habilitou para  
as mayores dignidades, assim Ecclesiasticas, co-  
mo seculares. Foy Inquisidor das Inquisições de  
Evora, e Lisboa; Deputado da Mesa da Conci-  
encia, e Ordens; depois Presidente do Dezem-  
bargo do Paço, Bispo de Sylves, onde celebra-  
do Synodo Diocesano a 14 de Janeiro de 1554,  
partio em o anno seguinte por ordem delRey D.  
Joaõ o III. a assistir no Concilio Tridentino, em  
que foy admirada a sua vasta litteratura. Resti-  
tuido ao Reyno, foy nomeado Regedor das Jus-  
tiças, em cujo lugar fez que não fossem attendi-  
dos

Elogio de D. Joaõ de Mello,  
Arcebispo de Evora.

Fonçeca *Evora. Glorias.* pag.  
301.

## 630 *Memorias del Rey D. Sebastião,*

dos o respeito dos poderosos, e o soborno dos delinquentes. Ao tempo que era Coadjutor do Arcebispo de Evora, que possuia o Cardeal D. Henrique, lhe renunciou no anno de 1564 esta grande Dignidade, em que foy o segundo Arcebispo de taõ illustre, como antiga Diocese, que exercitou pelo espaço de dez annos, com eterna saudade das suas ovelhas. Deste insigne Prelado faço mais distincta memoria no Tom. II. da *Bibliot. Lusit.* que se authoriza com as piedosas producções da sua penna, como com as prudentes maximas do seu ministerio pastoral.

INDEX

# INDEX

## DAS COUSAS NOTAVEIS.

*O numero denota a pagina.*

### A

**A** *Chem*, acomette Malaca com huma formidavel armada, donde se retira totalmente destruido, 62 até 73. Segunda vez investe Malaca, e he derrotado por Tristaõ Vaz da Veiga, 549.

*Aeyro*, Rey de Ternate, persegue cruelmente aos Christãos, e artificios que usa para desculpar a sua tyrannia, 194, e 195.

*D. Affonso de Castro*, Commendador Mór, parte por Embaixador a França, e da instrucção que levou, 466.

*D. Aleixo de Menezes*, Practica que fez a El-Rey D. Sebastiaõ antes de tomar posse do governo do Reyno, 2. Sua morte, e elogio, 89.

*D. Alvaro de Castro*, parte segunda vez a Roma com o caracter de Embaixador, 25. Vay a Castella com o mesmo caracter, 207.

*André*

- André de Resende*, recita huma elegante Oração na entrada que fez em Evora ElRey D. Sebastião, 157. Sua morte, e elogio, 537.
- André de Villalobos*, defende valerosamente o Forte de Affari, 179.
- D. Antão de Noronha*, conquista a Cidade de Mangalor, 56. Parte da India, morre na viagem, e se faz elogio de sua pessoa, 169.
- D. Antonio*, Prior do Crato, he nomeado Governador de Tangere, 559. Instrucções que levou, 560. Recebe na Igreja do Convento de Belem o estandarte, 569. Quando sahio do porto de Lisboa, 592.
- D. Antonio de Castro*, sendo falsamente accusado de inconfidente, sahe livre, 420.
- Antonio Fernandes Chale*, proezas que fez no sitio de Chale, 399.
- Antonio Ferreira*, Desembargador, e insigne Poeta, quando morreo, e aonde está sepultado, 93.
- D. Antonio Mendes de Carvalho*, primeiro Bispo da Cathedral de Elvas, quem era, e quando falleceo, 224.
- D. Antonio Pinheiro*, recita huma elegante Oração no Capitulo da Ordem de Christo, 516. Outra Oração no Convento de Belem, na occasião de se benzer o estandarte que levou o Senhor D. Antonio, quando partio para Tangere, 569, e seguintes. Increpa a ElRey D. Sebastião em hum Sermaõ que pregou em sua presen-

presença estando em Africa , 606.

*Armada Catholica* contra a *Ottomana*, de que navios, e soldados se compunha , 322. No golfo do Lepanto triunfa da *Ottomana*, 325. Prepara-se humo muito alterosa no porto de Lisboa, de que he nomeado General o Infante D. Duarte , 415, e 418. Lastimosamente se perdeo no porto de Lisboa , 430.

*Fr. Athanasio Sanches*, Religioso Trino, recita humo Oraçãõ quando ElRey D. Sebastiaõ entrou na Praça de Ceuta, 600.

## B

**D**om *Bernardo Marini*, Embaixador do Papa Gregorio XIII. chega a Portugal , 485.

*Bracellor*, he invadido o seu Forte, e se rende a D. Luiz de Ataide, 184, e 185. He livre do sitio que se lhe poz, sendo Capitaõ da Fortaleza Ruy Gonçalves da Camera, 481.

## C

**C**arlos IX. de França intenta casar sua filha com Filippe Prudente, 95. Pertende despozar-se com a filha mais velha do Emperador, *ibi*. Casa com a segunda, 96. Participa a El-Tom.III. LIII Key

Rey D. Sebastião a vitória que alcançara dos Hugonotes, 166. Quando morreo, 624.

**D. Carlos**, Principe de Castella, filho de Philippe Prudente, he recluso em huma prizaõ por seu pay, 39. Morre penetrado do desgosto de estar prezo; onde foy sepultado, 44. Celebraõ-se em Lisboa sumptuosas exequias à sua memoria, 47.

**D. Catharina**, Rainha de Portugal, manda explicar por Francisco de Sá a Philippe Prudente o sentimento, que tinha pela prizaõ do Principe D. Carlos, 44. Recebe huma Carta de Philippe Prudente àcerca do casamento de D. Sebastião com a Infanta de França, 98, até 107. Reposta que manda a Philippe, em que não approva o casamento, 107. Retirase da assistencia do despacho, cuja resolução participa a todo o Reyno, 125. Escreve ao Pontifice para que benevolamente receba a Embaixada de João Tello de Menezes, 135. Resolve deixar Portugal, obrigada das desattenções de seu Neto, 264. Representa esta resolução a Philippe Prudente, *ibi*. Responde a huma Carta do Bispo D. Jeronymo Ozorio, àcerca da auzencia que queria fazer, 270. Recebe huma Carta, em que severamente se lhe estranha a determinação de querer partir para Castella, 281. He dissuadida deste intento pelo Santo Pontifice Pio V. 295. Persuadida das instancias de seu Neto, não



naõ executa a jornada de Castella , 302. Elege por seu Confessor a Fr. Francisco de Bovadilha da Ordem dos Prégadores , 304. Informa a Philippe Prudente do miseravel estado do Reyno , 305 , e 306. Sobre a mesma materia instrue a S. Francisco de Borja pelo seu Secretario Francisco Cano , 313. Instrução que deu a Joaõ Gomes da Sylva , indo por Embaixador a França , 332. Funda o Collegio de N. Senhora da Escada em Lisboa , cuja administração comette aos Religiosos Dominicos , 443 , e 448. Traslada os corpos de seu esposo D. Joaõ o III , e seus genros D. Manoel , e D. Maria , 459 , e seguintes. Offerece preciosas peças ao tempo do Offertorio da Missa desta função , 463. Escreve a seu Neto , que se restitua de Africa a Portugal , 600.

*Chale* , sua Fortaleza acometida pelo Samorim com cem mil homens , 394. He soccorrida por Francisco de Sousa , 395.

*Chaul* , cercado pelo Nizamaluco com hum formidavel exercito , 255. He soccorrido por D. Francisco Mascarenhas , 256.

*Collegio* de N. Senhora da Escada em Lisboa , he fundado pela Rainha D. Catharina , 447 , 448 , e seguintes.

## D

**D** *Amaõ*, investido pelo Mogor; resiste à sua violencia, 479. Celebra pazes com o Estado, 480.

*Diogo Lopes de Mesquita*, defende heroicamente a fortaleza de Ternate, 252.

*D. Diogo de Menezes*, destrõe a Costa do Malabar, 173. Soccorre com hum armada a Goa, sitiada pelo Hidalcaõ, 372. Soccorre a Chale, sitiada pelo Samorim, 396, e 397.

*D. Diogo de Menezes*, conduz o estoque, e chapéo, que S. Pio V. mandou a *ElRey D. Sebastião*, 33.

*Diogo de Paiva de Andrade*, orou nas Exequias celebradas à morte do Principe de Castella *D. Carlos*, 48.

*D. Duarte*, Infante, he nomeado General de hum alterosa armada, que *ElRey D. Sebastião* mandou aprestar, 415.

*D. Duarte de Menezes*, he nomeado Governador de Tangere, 605.

*Duque de Aveiro*, intenta preceder ao de Bragança no acto da coroação delRey *D. Sebastião*, 16.

*Duque de Bragança*, parte para Africa, 602.

*Est-*

## E

**E** *Stevão Pereſtrello*, triunfa dos inimigos, que pertendiaõ cercar a fortaleza de Caranja, 382.

## F

**F** *Ernando Alvares de Noronha*, perſuade a El-Rey D. Sebastiaõ, que volte de Africa, e o conſegue, 620.

*D. Fernando de Menezes*, morre no ſitio de Chaul, 381.

*Filippe Prudente*, escreve à Rainha D. Catharina à cerca da prizaõ de ſeu filho o Principe D. Carlos, 41. Empenhase no caſamento da Infanta de França com El-Rey D. Sebastiaõ, 94. Caſa com a filha mais velha do Emperador, 96. Escreve a D. Sebastiaõ ſobre o ſeu caſamento com a Infanta de França, 97. Escreve à Rainha D. Catharina àcerca do meſmo negocio, 98 até 107. Escreve duas Cartas a D. Sebastiaõ ſobre eſta materia, 115. Inſta no caſamento de D. Sebastiaõ, mandando por ſeu Embaixador a D. Joaõ de Borja, 201, e 20. Mudaſe por ſua ordem o Templo dedicado a S. Sebastiaõ, do Terreiro do Paço

- Paço para S. Vicente de fóra, 321.
- Francisco Barreto*, parte por Governador das Minas do Monomotapa, e da infeliz jornada que teve, 189, e 190. Profegue a empresa de Monomotapa onde morre, 540. Elogio da sua pessoa, 546.
- Fr. Francisco de Bovadilha*, da Ordem dos Prédigadores, he eleito Confessor da Rainha D. Catharina, e quem era este Religioso, 304.
- D. Francisco Mascarenhas*, alenta aos Portuguezes cercados em Chaul pelo Nizamaluto, 378.
- D. Francisco de Noronha*, II. Conde de Linhares, seu elogio, 625.
- Francisco de Sá*, he mandado a Castella por El-Rey D. Sebastião representar o sentimento que tivera com a prizaõ do Principe D. Carlos, 43.
- Francisco de Sousa*, soccorre a fortaleza de Chale que estava sitiada, 395.

## G

- G** *Arcia de Castro*, quando morreo; seu elogio, 52.
- Gon*, cercada pelo Hidalcaõ com formidavel exercito, 255. Triunfa de taõ poderoso inimigo com total derrota do seu exercito, 375.
- Go-*

*Gomes Soares de Figueiroa*, I. Duque de Faria chega a Portugal por ordem de Philippe Prudente para pacificar a Rainha D. Catharina com seu Neto, 264.

*Gonçalo Pereira Marramaque*, intenta a conquista da Ilha Zebù, e a não consegue, 78. Segunda vez lhe sahe frustrada a sua intenção, 80. Triumfa em Amboyne dos Jaos, 81. Alcança triplicadas victorias destes inimigos, 191, e seguintes. Derrota aos Barbaros, assaltando a fortaleza de Ito, 252. Triumfa dos Reis de Maluco, e Tidor, 253. Morre em Amboyne, e o seu cadaver naufraga, 254.

*Goto*, o seu Principe se converte à Fé Catholica, 86. Persiste constante na Fé contra as persuações de seu pay, 88.

*Gregorio XIII*, quando foy eleito Pontifice, 435. Elogio de sua pessoa, *ibi*. Escreve a D. Sebastião depois de eleito, 436. Segunda vez lhe escreve, louvandolhe o seu catholico zelo, 440. Manda a D. Sebastião huma setta com que foy martyrisado S. Sebastião, 530.

## H

**D.** *Henrique*, Cardeal, Practica que fez a El-Rey D. Sebastião no dia da sua coroação, 13. Relata a este Principe tudo quanto obrou

no

no tempo da Regencia, 18. He nomeado Regente do Reyno, quando ElRey partio a primeira vez para Africa, 597. Juramento que deu, quando tomou posse desta Regencia, *ibid.*

*D. Henrique de Menezes*, infortunio que padece no mar, 481.

*Hidalcaõ*, sitia Goa com formidavel poder, 258. De que gente constava o exercito, 366. Atucias de que usa neste sitio, 370. Dá hum assalto com cinco mil Mouros, que são derrotados, 373. Levanta o sitio com total ruina do exercito, 375. Pede pazes, que lhe concede o Vice-Rey D. Antonio de Noronha, 393.

# I

*J. Aques Soria*, Calvinista, manda privar da vida em odio da Fé a quarenta Padres Jesuitas, que navegavaõ para o Brazil, de que era Superior o V. P. Ignacio de Azevedo, 242. Sua infeliz morte, 245.

*D. Jeronymo de Menezes*, Reytor da Universidade de Coimbra, recebeo nella o grão de Doutor em Theologia, estando presente ElRey D. Sebastiaõ, 237.

*D. Jeronymo Osório*, Bispo do Algarve, escreve largamente a D. Sebastiaõ para que conclua o seu casamento, 213. Escreve à Rainha D. Catharina

tharina, que se não ausente para Castella, 266.  
Estranha por huma larga Carta escrita a D.  
Sebastião a jornada primeira, que fez a Affica,  
607, e seguintes.

V. P. *Ignacio de Azevedo*, sahe de Lisboa para  
o Brasil com 39 Companheiros, 240. He aco-  
mettida a Nao, em que hia embarcado, por Ja-  
ques Soria Calvinista, onde perde a vida em  
obsequio da Fé da Igreja Romana com seus  
Companheiros, 242. Elogio da sua pessoa,  
245.

D. *Joanna de Austria*, escreve a seu filho D. Se-  
bastião para que conclua o seu casamento, 116.  
Repete esta diligencia pelo Embaixador de  
Castella D. João de Borja, 203. Quando, e  
onde morreo, e se faz hum elogio da sua pes-  
soa, 487, e seguintes.

D. *João III.*, a trasladação do seu cadaver,  
com que pompa foy feita, 459.

D. *João de Austria*, irmão de Filippe Prudente,  
sendo Generalissimo da Armada Catholica, al-  
cança a celebre victoria do Lepanto, 322.

*João de Barros*, celebre Historiador, seu elogio,  
248.

D. *João de Castello Branco*, II. Conde de Villa No-  
va, parecer que deu a D. Sebastião, 423.

*João Gomes da Sylva*, nomeado Embaixador a  
França, e da instrucção que levou, 331.

D. *João Mascarenhas*, parte com o caracter de  
Tom. III. Mmmm Em-

- Embaixador a Carlos IX. de França , 167.
- D. João de Mello* , Arcebispo de Evora , seu elogio , 629.
- D. João Pereira* , quando morreo , e de quem era filho , 92.
- D. Fr. João Soares* , Bispo de Coimbra , elogio da sua pessoa , 465.
- João Tello de Menezes* , nomeado Embaixador a Roma , e da instrucção que levou , 131. He benevolamente recebido na Curia , 136.
- D. Jorge de Castro* , Governador da Fortaleza de Chale , quando foy cercada pelo Samorim , 394. Rende se a este Barbaro depois de huma memoravel defensa , 399.
- D. Jorge de Menezes* , triumpho do Pirata Canatale , 76. Alcança juntamente com D. Pedro de Castro gloriosa victoria dos inimigos , que cercavaõ Goa , 369.
- Jorge Pereira* , triumpho de Famecaõ , Capitaõ Abexim , 389.
- Jorge de Sá Sottomayor* , Lente de Vespera de Medicina na Universidade de Coimbra , recita huma Oraçaõ em applauso delRey D. Sebastiaõ , visitando a mesma Cidade , 228.

D.L co-



## L

**D**om Leoniz Pereira, Governador de Malacca, triumpho do Achem, acomettendo esta Fortaleza com formidavel exercito, 62 até 73.

Lourenço Pires de Tavora, seu elogio, e onde está sepultado, 534, e seguintes.

D. Luiz de Attaide, he nomeado Vice-Rey da India, 36. Parte para a India, chega a Goa, e da magnificencia com que foy recebido, 74, e 75. Primeiras acções do seu governo, 75. Conquista valerosamente as Fortalezas de Onor, e Bracellor, 180. Disposições para rebater a formidavel potencia do Hidalcaõ, e Nizamaluco sitiando Goa, e Chaul, 257. Assiste na Fortaleza de Benasterim ao tempo do sitio de Goa, 368. Escapa de dous graves perigos neste cerco, 371. Soccorre pessoalmente a Chale, e o não consegue, 395. Chega a Lisboa, e da pompa com que foy recebido, 443. Elogio deste Heroe, 444.

Luiz Fernandes de Vasconcellos, parte para o Brasil, e dos infortunios que padeceo nesta jornada, 333. Combate com cinco Naos de Piratas, 334. Morre no conflicto, e da sua pessoa se faz hum elogio, 335.

D. Luiz de Lencastre, parte com o caracter de  
Tom.III. Mmmm ii Em.

Embaixador a Castella para dar os pezames a Filippe Prudente da morte do Principe D. Carlos seu filho, 45.

*Luiz Mocenigo*, Doge de Veneza, manda Embaixador a D. Sebastião para que entre na Liga contra o Turco, 411.

## M

**M** *Alaca*, he investida por hum formidavel exercito do Achem, 62.

*Mangalor*, conquistada por D. Antão de Noronha, 56, e seguintes.

*D. Manoel de Lima*, quando morreo, seu elogio, 53.

*Martim Gonçalves da Camera*, sente com excessão não ser nomeado Regente do Reyno, quando ElRey D. Sebastião partio a primeira vez para Africa, 598.

*Mem Lopes Carraasco*, triumpho com huma Nao da formidavel armada do Achem, 174.

*Mem de Ornellas*, desbarata aos Jãos, 192.

*Miguel Bonello*, Cardeal Alexandrino, eleito para convocar em nome do Papa aos Principes Christãos contra o Turco, 341. Como foy recebido na Raya de Portugal por D. Constantino de Bragança, 342. Recebimento que se lhe fez na Cidade de Evora, 343. Chegã a Lis-

Lisboa, e como foy tratado por ElRey, a quem participa a sua Embaixada, 345, e 346. Visita a Rainha D. Catharina, e a Infanta D. Maria, 351. Assiste com ElRey à acção de graças pelo nascimento do Principe de Castella, 352. Parte de Portugal, e de quem foy acompanhado até à Raya de Castella, 365.

*Mogor*, intenta a conquista de Damaõ, e não podendo conseguilla, faz pazes com o Estado, 479.

*Muley Hahamet*, Xarife, escreve a D. Sebastião quando soube ter chegado a Africa, 603.

## N

**N** *Izamaluco*, sitia Chaul com hum formidavel exercito, 259. Chega à vista da Fortaleza, e como foy recebido, 377. Perde oitocentos Soldados em hum assalto, 379. Experimenta segundo estrago, 380. He derrotado em outros assaltos, 383, 384, e 387. Intenta hum diversão, e a não consegue, 388. Ordena hum assalto geral, 390. Perde tres mil homens, 391. Pede pazes ao Estado, 392.

*D. Nuno Manoel*, Senhor da Atalaya, vay por Embaixador a França, 624.

*Nuno Velho*, acomette a Fortaleza de Parnel, e a não rende, 177. Segunda vez a assalta, e a conquista, 178.

*Onor*,

## O

**O** *Nor*, he cercada a sua Fortaleza pela Rainha de Garcopa, 374.

## P

**P** *Arnel*, duas vezes a acomette Nuno Velho, e da segunda a conquista, 177, e 178.

*P. Pedro Dias*, Jesuita, he morto pelos hereges com doze Companheiros, 336.

*Pedro Nunes*, insigne Mathematico, vaticina a infelicidade do reynado del Rey D. Sebastião, 11.

*Peste*, que assolou a Cidade de Lisboa, descrevem os seus horriveis effeitos, 140, e seguintes.

*S. Pio V.* congratula a El Rey D. Sebastião com huma Carta em resposta de estar exaltado ao trono, 29. Escreve outra Carta ao Cardeal D. Henrique, 31. Manda a El Rey D. Sebastião o estoque, e chapeo por D. Diogo de Menezes, 32. Persuade a este Principe que conclua o seu casamento com a Infanta de França, 120. Resposta a El Rey quando recebeu a Embaixada, que lhe mandou por João Tello de Menezes, 138. Congratula a D. Sebastião por ter rece-

recebido os Decretos do Concilio Tridentino, 161. Escreve segunda vez a D. Sebastião, para que conclua o seu casamento com a Infanta de França, 208. Escreve à Rainha D. Catharina para que se não ausente do Reyno, 295. Significa a ElRey, que não consinta a ausencia de sua Avò, 298. Foy-lhe revelada a victoria naval de Lepanto, cuja noticia participa a ElRey D. Sebastião, 326, e 327. Convoca os Principes Christãos para a liga contra o Turco, 341. Breve que sobre esta materia expedio a D. Sebastião, 347. Morre, e em que tempo, 431.

*Procissoens*, que fez Lisboa para aplacar a Divina Justiça no tempo da peste, 145. Foy muito plausivel a que se fez pela suspensão do contagio, 220.

*Provincia de Santo Antonio dos Capuchos*, quando teve o seu principio neste Reyno, 55.

## R

**R** *Ecolhimento de Santa Martha*, quando foy erigido em Convento, 222.

*Ruy Gonçalves da Camera*, soccorre a Fortaleza de Chaul cercada pelo Nizamaluco, 388.

*Ruy de Souja de Carvalho*, morre alentadamente em Tangere, e se faz elogio da sua pessoa, 551, e 556.

*Samo-*

## S

**S** *Amorim*, investe a Fortaleza de Chale com cem mil homens, 394. Depois de hum forte resistencia se lhe rende, 399.

**D. Sebastião**, agradece a D. Aleixo de Menezes os documentos, que lhe dava para reynar, 10. Toma posse do governo, e das pessoas que assistirão a este acto, 12. Reposta que deu ao Cardeal D. Henrique depois da practica, que lhe fez, quando se coroou, 15. Participa à Santidade de Pio V. a sua exaltação ao trono, 24. Recebe o estoque, e *chapeo mandados por S. Pio V.* e das ceremonias com que se fez esta função, 34. Nomea por Vice Rey da India a D. Luiz de Attaide, e da instrucção que lhe deu, 36, e 37. Concede hum privilegio aos Christãos novos, o qual não proroga, 38. Representa por Francisco de Sá a Philippe Prudente o sentimento, que teve, pela prização do Principe D. Carlos, 43. Manda dar os pezaumes da morte deste Principe a El Rey de Castella por D. Luiz de Lencastre, 45. O mesmo obsequio pratica com a Rainha de Castella, e a Princeza D. Joanna de Austria sua mãy, 46. Celebra sumptuosas exequias à memoria do Principe D. Carlos, e de Isabel de Va-

Valois, terceira mulher de Filippe Prudente, 47, e 48. Promulga Leys em que prohibe a introducção da moeda falsa, 49. Institue na Universidade de Coimbra trinta partidos para Medicos, 52. Nomea Prelados para diversas Dioceses, 54. Empenhase Filippe Prudente no seu casamento com a Infanta de França, 94, e 96. Resolve-se a não mandar procuração para a conclusão do seu casamento, 118, e 119. Papel que mandou ao Conselho de Estado, 118. Representa ao Reyno que supplique a Deos para que governe rectamente, 122, e seguintes. Impetra Jubileo plenario para seus Vassallos, 124. Recebe noticia de hum sacrilegio, pelo qual he severamente punido seu author, 125. Parte de Almeirim com grande acceleração, *ibi*. Chega a Lisboa, e o que determinou, 126. Motivo que teve para taõ accelerada partida, 127. Escreve a S. Pio V. quando mandou seu Embaixador a Joaõ Tello de Menezes, 137. Retirase para Cintra por causa da peste que devastava a Cidade de Lisboa, 143. Nomea Governadores em quanto está ausente da Corte, *ibid*. Visita o real Convento de Alcobaça onde he advertido por hum Moñge daquelle Convento, 148, e 149. Manda levantar duas alçadas, huma na Beira, e outra no Alentejo, 150. Escreve tres Cartas ao Senado de Lisboa pa-

ra que se edifique hum Templo a S. Sebastião, 151, e 152. Entra na Cidade de Evora, e da magnificencia com que foy recebido, 156. Aceita os Decretos do Concilio Tridentino, 159. Publica varios decretos em beneficio de seus Vassallos, 160. Manda por seu Embaixador D. João Mascarenhas congratular a Carlos IX. de França de ter triumphado dos Hugonotes, 167. Consulta a Mesa da Consciencia sobre o procedimento do Emperador de Monomotapa, 187. Escreve a D. Luiz de Attaide que promova as Christandades do Oriente, 196. Responde a S. Pio V. sobre a instancia que lhe fez em a conclusão do seu casamento com a Infanta de França, 211. Ordena ao Senado de Lisboa que se gratifique com grande jubilo a Deos a suspensão do flagello da peste, 219. He esperado em Lisboa com grandes festas depois de suspensa a peste, 221. Supplica ao Pontifice a ereção da Cathedral de Elvas, 223. Visita o Real Convento da Batalha, e o que nelle obrou, 227. He recebido com magnifica pompa na Cidade de Coimbra, *ibi*. Venera em Santa Cruz de Coimbra o corpo del Rey D. Affonso Henriques, 238. Manda explorar por Francisco de Sá Senhor de Matosinhos a ultima resolução da Rainha D. Catharina quando partio para Castella 280. Persuade com efficazes razões que se



se não auzente de Portugal sua Avó, e o consegue, 302. Intenta passar à India, cuja resolução muda para Africa, 319. Lança a primeira pedra no Templo dedicado a S. Sebastião, 320. Manda celebrar o triumpho alcançado pelas armas Catholicas da armada Ottomana no golfo de Lepanto, 326. Congratula a S. Pio V. pela felicidade desta victoria, 329. Representa a ElRey de França a insolencia dos Piratas executada contra os Portuguezes, 337. Escreve ao Duque de Bragança para que receba em Villa Viçosa ao Cardinal Alexandrino, 342. Reposta que deu à proposta deste Legado, 352. Carta Latina que mandou ao Summo Pontifice pelo seu Legado, 353. Instrucção que remeteo ao Embaixador de França João Gomes da Sylva sobre os negocios do Legado, 400. Participa à Princeza de Parma a Embaixada do Legado, 407. O mesmo executa com o Conde de Vimioso, 409. Recebe Embaixada da Republica de Veneza para entrar na Liga contra o Turco, 410. Reposta que mandou, 411. Manda preparar huma formidavel armada, 415. Pede dinheiro emprestado ao Cabido de Evora para expedição da armada, 416. Intenta dar hum rebate de noite em Lisboa, e como foy despersuadido pelo Conde de Villanova D. João de Castello branco, 422. Man-

da celebrar a victória que ElRey Christianissimo alcançou dos Hugonotes com huma solemne procissão, 429. Escreve ao Conclave por morte de S. Pio V. sobre a eleição de novo Pontifice, 432. Congratula a Gregorio XIII. de ser eleito Summo Pontifice, 435. Recebe debaixo da sua real protecção o Collegio de Nossa Senhora da Escada, fundado por sua Avó, 455. Manda por Embaixador a França a D. Affonso de Lancastro, e da instrucção que lhe deu, 467. Discorre por diversos lugares do Alentejo, 482. Manda levantar hum Arco com inscripção no campo de Ourique, 484. Recebe a noticia da morte de sua Mãe, e lhe manda celebrar sumptuosas exequias, 486. Promulga novos institutos sobre a distribuição das Commendas das Ordens Militares, 493. Intenta accrescentar huma setta aos habitos das Tres Ordens Militares, 493. Celebra Capitulo da Ordem de Christo, 515. Practica que fez ao congresso, *ibi*. Recebe huma setta com que foy martyrisado S. Sebastião, e da pompa com que foy applaudida, 531. Escreve ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, sobre o governo da India, 532. Sente com excessão a morte de Ruy de Sousa de Carvalho, 555. Intenta passar a Africa, e como o executou, 593, e 594. Escreve àcerca desta jornada a sua tia a Infanta D. Isabel, 595. Expe-

Expede Carta circular a todo o Reyno para que concorra com gente armada para Africa, 596. Chega a Ceuta, e como foy recebido nesta Praça, 600. Passa de Ceuta a Tange-re, 604. Nomea por Governador desta Praça a D. Duarte de Menezes, 605. Assiste a hum combate que se travou em Africa com os Mouros, 619. Resolve voltar para o Reyno, 620. Padece huma grande tempestade, quando voltou a Portugal, 621. Animo imperturbavel que mostrou em segunda tormenta, 623. Manda dar os pezames da morte de Carlos IX. de França a seu Irmão Henrique III. 624.

## T

**T**ristão Vaz da Veiga, derrota ao Achem, invadindo Malaca com huma formidavel armada, 594.

## V

**V**iantana, o seu Rey applaude a victoria que alcançou em Malaca D. Leoniz Pereira da armada do Achem, 73.

*Zebû,*

**Z**

**Z** *Eblu*, huma das Ilhas Filippinas, intenta conquistalla Gonçalo Pereira Marramaque, e o não consegue, 78. Segunda vez se lhe difficulta esta empreza, 80.

**F I M.**







